

**2014**

# **REFLEXÕES**

**Livro X**

## **Índice**

- 7- Introdução**
- 13- A intimidade dos príncipes**
- 18- A Rússia autoritária e racista de Putin**
- 23- Terroristas se dão mal no Iraque**
- 28- No banco dos réus, o terrorismo de Fujimori**
- 32- Jogo sujo de Hillary e McCain não abala Obama**
- 37- Ainda há uma esperança para a Venezuela**
- 42- O poder e o delírio de Chávez**
- 46- O fim moral da política israelense**
- 50- Obama e a turbulência do mundo real**
- 54- O furacão peruano**
- 58- Caso Fujimori é aviso aos ditadores**
- 61- Uma verdadeira autora popular**
- 65- Conflito da impossibilidade proposital**
- 69- Entre a liberdade e Hugo Chávez**
- 72- Armadilhas na Amazônia peruana**
- 77- O golpe das mentiras**
- 81- A riqueza do casal Kirchner**
- 85- Histórias de um castelo assombrado**
- 90- Com Piñera, Chile elege a alternância**
- 95- Uma amizade que nasce da escrita**
- 100- A decepcionante visita de Lula**
- 104- A difícil amizade com Israel**

## **REFLEXÕES X**

---

- 108- O apego do mestre**
- 113- Os reais heróis do nosso tempo**
- 117- O pastor Jones e os fanfarrões**
- 122- A derrota de Chávez**
- 126- Quatorze minutos de reflexão**
- 131- As caras do Tea Party**
- 136- A resposta da Califórnia**
- 141- O silêncio do terror suicida**
- 145- Discurso de Mario Vargas Llosa em Estocolmo**
- 155- Lição sueca de tolerância**
- 159- Carlos, ou o sonho americano**
- 164- Conceitos vazios sobre o público e o privado**
- 170- A literatura não é edificante**
- 175- História feita pelo povo**
- 179- Viagem à origem de um país**
- 182- A hora da verdade**
- 186- A derrota do fascismo no Peru**
- 190- China se apega à riqueza**
- 194- O direito feudal**
- 198- A internet e o déficit de atenção**
- 202- Uma grande oportunidade**
- 207- Uma rosa para Rosa**
- 211- A ordem espontânea**
- 215- Casamento em Mumbai**
- 219- Pela honra do mandatário**

## **REFLEXÕES X**

---

- 222- Uma temporada no inferno**
- 227- Perseguição aos gays**
- 231- As ficções malignas**
- 235- A Grécia e a Europa**
- 239- Chamamento para concórdia**
- 244- Julian Assange na sacada**
- 248- O jovem Popper**
- 253- Essa Joana D'Arc liberal**
- 257- A identidade perdida**
- 262- Os generais e as saias**
- 267- Espaço reúne coleções particulares de autores mexicanos**
- 271- O soldado desconhecido**
- 275- Sartre e seus ex-amigos**
- 280- Apogeu e queda do Ocidente**
- 285- Embora excepcional, renúncia do papa não era imprevisível**
- 290- A morte do caudilho**
- 294- Chacas é o céu**
- 299- A partida da Dama**
- 303- A morte lenta do chavismo**
- 307- Jornalismo e criação: o plano americano**
- 312- Hora das trincheiras?**
- 316- Adolf Eichmann, o homem sem qualidades**
- 321- Aposentem os espiões**
- 325- Elogios a Mandela**

## **REFLEXÕES X**

---

- 330- Um acordo possível**
- 335- A quinta coluna**
- 339- O patrocinador do mal**
- 343- Os insubmissos**
- 348- Direito de decidir**
- 353- Vozes do silêncio**
- 357- Os párias do Caribe**
- 361- Esvaziem as prateleiras!**
- 365- Isaac e Isaiah**
- 369- O exemplo uruguaio**
- 373- Um grande mapa da tristeza**
- 378- Um castelo de cartas?**
- 383- Liberais e liberais**
- 388- Chiquitos e a música**
- 393- A casa de Boccaccio**
- 398- A liberdade nas ruas**
- 402- Um pensador para o século XXI**
- 407- O palhaço trágico**
- 411- História de um deicídio: o esplendor passado**
- 415- Sair da barbárie**
- 419- Estudantes da Venezuela**
- 423- O mago do Norte**
- 428- A decadência do Ocidente**
- 432- Troca de guarda**

## **REFLEXÕES X**

---

**437- Em nova biografia, Ortega y Gasset aparece menos convicto do que se acreditada**

**442- O passado imperfeito**

**446- Entre os escombros**

**450- Elogio do qi gong**

**454- As guerras do fim do mundo**

**458- Três vivas aos escoceses**

**463- A viagem no balão**

LUIZ BIANCHI

LUIZ BIANCI

## Introdução



**Jorge Mario Vargas Llosa**, primeiro Marquês de Vargas Llosa (Arequipa, 28 de março de 1936) é escritor, jornalista, ensaísta, nobre e político peruano, laureado com o Nobel de Literatura de 2010.

Nascido em uma família de classe média, único filho de Ernesto Vargas Maldonado e Dora Llosa Ureta, seus pais separaram-se após cinco meses de casamento. Com isto o menino não conheceu o pai até os dez anos de idade. Sua primeira infância foi em Cochabamba, na Bolívia, mas no período do governo José Luis Bustamante y Rivero, seu avô obtém um importante cargo político no governo, em Piura, no norte do Peru, e sua mãe retorna ao Peru, para viver naquela cidade. Em 1946 muda-se para Lima e então conhece seu pai. Os pais reconciliam-se e, durante sua adolescência, a família continuará vivendo ali.

Ao completar 14 anos, ingressa, por vontade paterna, no Colégio Militar Leôncio Prado, em La Perla, como aluno interno, ali permanecendo por dois anos. Essa experiência será o tema do seu primeiro livro – *La ciudad y los perros* (A Cidade e os Cachorros, em tradução livre), publicado no Brasil como *Batismo de Fogo* e, posteriormente, como *A Cidade e os Cachorros*.

Em 1953 é admitido na tradicional Universidad Nacional Mayor de San Marcos, em Lima, a mais antiga da América. Ali estudou Letras e Direito, contra a vontade de seu pai. Aos 19 anos, casa-se com Julia Urquidi, irmã da mulher de seu tio materno, e passa a ter vários empregos para sobreviver: atua como redator, mas também fichando livros e até mesmo revisando nomes em túmulos nos cemitérios. Em 1958 recebe uma bolsa de estudos "Javier Prado" a vai para a Espanha, onde obtém doutorado em Filosofia e Letras, na Universidade Complutense de Madri. Após isso vai para a França, onde vive durante alguns anos. Em 1964 divorcia-se de Júlia e em

## REFLEXÕES X

---

1965 casa-se com a prima Patrícia Llosa, com quem tem três filhos Álvaro, Gonzalo e Morgana.

Sua obra critica a hierarquia de castas sociais e raciais, vigente ainda hoje, segundo o escritor, no Peru e na América Latina. Seu principal tema é a luta pela liberdade individual na realidade opressiva do Peru. A princípio, assim como vários outros intelectuais de sua geração, Vargas Llosa sofreu a influência do existencialismo de Jean Paul Sartre.

Muitos dos seus escritos são autobiográficos, como *A Cidade e os Cachorros* (1963), *A Casa Verde* (1966) e *Tia Júlia e o Escrevinhador* (1977). Por *A Cidade e os Cachorros* recebeu o Prêmio Biblioteca Breve da Editora Seix Barral e o Prêmio da Crítica de 1963. Sua obra seguinte, *A Casa Verde* mostra a influência de William Faulkner. O romance narra a vida das personagens em um bordel, cujo nome dá título ao livro. Seu terceiro romance, *Conversa na Catedral* publicado em quatro volumes e que o próprio Vargas Llosa caracterizou como obra completa, narra fases da sociedade peruana sob a ditadura de Odría em 1950.

Há um encontro, num botequim chamado "La Catedral", entre dois personagens: o filho de um ministro e um motorista particular. O romance caracteriza-se por uma sofisticada técnica narrativa, alternando a conversa dos dois e cenas do passado. Em 1981 publica *A Guerra do Fim do Mundo*, sobre a Guerra de Canudos, que dedica ao escritor brasileiro Euclides da Cunha, autor de *Os Sertões*.

No ano de 2006, Llosa publicou o livro *Cartas a um Jovem Escritor*; a obra não literária é uma espécie de guia para jovens escritores, mas não se trata de um livro sobre as técnicas desse ofício, mas sim as técnicas do romance. Em uma série de capítulos escritos como se fossem cartas a um jovem ávido por conhecimento da profissão, Llosa discorre sobre o que é imprescindível na criação de um livro. O autor começa afirmando que todas as histórias se alimentam da vida de seu criador, como um "Catoblepas", que devora a si mesmo, criatura que aparece no livro de Jorge Luis Borges. Llosa menciona outras obras durante todo o livro. Aborda também o estilo, que deve ser coerente com a história contada, e fazer o leitor viver a obra sem

## REFLEXÕES X

---

notar que está lendo. O livro aborda a relação entre narrador e espaço, afirmando que o narrador é o personagem mais importante de todos os romances, pois dele dependem os demais, e, no entanto, ele não deve ser confundido com o autor, já que o primeiro é um personagem fictício. O narrador pode ser um personagem, ser externo à trama, ou ambíguo, o qual não sabemos se está dentro ou fora do mundo narrado. Além disso, várias obras possuem mais de um narrador. O ponto de vista espacial é a relação entre o espaço ocupado pelo narrador e o espaço narrado. Na narração de um personagem esses dois coincidem. Quando o narrador é externo à trama, o mesmo não acontece. Já o narrador ambíguo pode assumir qualquer um desses papéis.

Quanto ao tempo, Llosa afirma que aquele do romance não é igual ao da realidade, mas sim outra forma que o autor pode usar para se desvencilhar da mesma. Quanto ao tempo ainda existe uma distinção simples: o cronológico e o psicológico. O primeiro existe independentemente da subjetividade humana, o segundo se transforma em função de nossas emoções.

Outro capítulo trata dos níveis de realidade, a relação entre o plano de realidade em que se situa o narrador e aquele em que se desenrola a história narrada. Nesse caso, também, os planos podem coincidir ou não. Os planos mais claramente autônomos são o “mundo real” e o “mundo fantástico”. Além das guinadas, alterações em qualquer ponto de vista, espacial, temporal, ou de nível de realidade.

E, por fim, Llosa fala sobre a Caixa Chinesa, narrativas que como esses objetos guardam similares (outras histórias) dentro de si. Ele conclui encorajando o leitor, afirmando que esforço, disciplina e leituras sistemáticas podem levá-lo a desenvolver seu próprio estilo.

Em 7 de outubro de 2010 foi agraciado com o Prêmio Nobel de Literatura pela Academia Sueca de Ciências "por sua cartografia de estruturas de poder e suas imagens vigorosas sobre a resistência, revolta e derrota individual". O presidente do Peru, Alan García, considerou o prêmio a Llosa como "um reconhecimento a um peruano universal".

## REFLEXÕES X

---

Em 1980 começa a ter maiores atividades políticas no país. Em 1983, a pedido do próprio presidente Fernando Belaunde Terry, preside comissão que investiga o assassinato de oito jornalistas, mortos em Ayacucho durante uma campanha contra o movimento maoísta Sendeiro Luminoso. Em 1987, inicia o movimento político liberal contra a estatização da economia, o que ia de encontro ao presidente Alan García. Em 1990, concorre à presidência do país com a Frente Demócrata (FREDEMO), partido de centro-direita, vencendo o primeiro turno. No segundo turno, perde a eleição para Alberto Fujimori.

Após isso, retorna a Londres e reinicia suas atividades literárias. Em 2006, em sua mais recente visita ao país, apoia a candidatura de Lourdes Flores, tendo ganhado Alan García.

Suas experiências como escritor e candidato presidencial estão expostas na autobiografia *Peixe na Água*, publicada em 1991.

### **Bibliografia**

- ◇ Os Chefes (1959)
- ◇ A Cidade e os Cachorros (Brasil) / ("La ciudad y los perros") (1963)
- ◇ A Casa Verde (1966) (Prêmio Rómulo Gallegos)
- ◇ Os Filhotes (1967)
- ◇ Conversa na Catedral (Brasil) / (1969)
- ◇ Pantaleão e as Visitadoras (1973)
- ◇ Tia Júlia e o Escrevinhador (Brasil) (1977)
- ◇ A Guerra do Fim do Mundo (1981)
- ◇ História de Mayta (1984)
- ◇ Quem Matou Palomino Molero? (1986)
- ◇ O Falador (1987)
- ◇ Elogio da Madrasta (1988)

## REFLEXÕES X

---

- ◇ Lituma nos Andes (1993). Premio Planeta
- ◇ Os Cadernos de Dom Rigoberto (1997)
- ◇ A Festa do Bode (Brasil) (2000)
- ◇ O Paraíso na Outra Esquina (2003)
- ◇ Travessuras da Menina Má (2006)
- ◇ O Sonho do Celta (2010)
- ◇ O Herói Discreto (2013)

### **Teatro**

- ◇ A Menina de Tacna (1981)
- ◇ Kathie e o Hipopótamo (1983)
- ◇ La Chunga (1986)
- ◇ El Loco de los Balcones (1993)
- ◇ Olhos Bonitos, Quadros Feios (1996)

### **Ensaio**

- ◇ García Márquez: Historia de un Deicidio (1971)
- ◇ Historia Secreta de Una Novela (1971)
- ◇ La Orgía Perpetua: Flaubert y «Madame Bovary» (1975)
- ◇ Contra Viento y Marea. Volume I (1962-1982) (1983)
- ◇ Contra Viento y Marea. Volume II (1972-1983) (1986)
- ◇ La Verdad de las Mentiras: Ensayos sobre la novela moderna (1990)
- ◇ Contra Viento y Marea. Volumen III (1964-1988) (1990)
- ◇ Carta de Batalla por Tirant lo Blanc (1991)
- ◇ Desafíos a la Libertad (1994)
- ◇ La Utopía Arcaica. José María Arguedas y las ficciones del indigenismo (1996)

## REFLEXÕES X

---

- ◇ Cartas a un Novelista (1997)
- ◇ El Lenguaje de la Pasión (2001)
- ◇ La Tentación de lo Imposible (2004)
- ◇ Sabres e Utopias (2009)
- ◇ A Civilização do Espetáculo (2012)

### **Prêmios e condecorações**

Ao longo de sua carreira, Mario Vargas Llosa recebeu inúmeros prêmios e condecorações. Destacamos alguns: o Prêmio Rómulo Gallegos (1967) e principalmente o Prêmio Cervantes (1994).

Outros prêmios, a saber, o Prêmio Nacional de Novela do Peru em 1967, por seu romance *A Casa Verde*, o Prêmio Príncipe das Astúrias de Letras Espanha (1986) e o Prêmio da Paz de Autores da Alemanha, concedido na Feira do Livro de Frankfurt (1997). Em 1993 foi concedido o Prêmio Planeta por seu romance *Lituma nos Andes*.

Uma grande relevância na sua carreira literária Prêmio Biblioteca Breve, que se deu por *Batismo de Fogo*, em 1963, marca o início de sua brilhante carreira literária internacional.

É membro da Academia Peruana de Línguas desde 1977, e da Real Academia Española (RAE) desde 1994. Tem vários doutorados honoris causa por universidades da Europa, América e Ásia; pode-se citar os concedidos pelas universidades de Yale (1994), Universidade de Israel (1998), Harvard (1999), Universidade de Lima (2001), Oxford (2003), Universidade Europeia de Madrid (2005) e Sorbonne (2005).

Foi condecorado pelo governo francês com Medalha de honra em 1985.

Nobel da Literatura Ganhou o prêmio Nobel da literatura em 2010.●

## A intimidade dos príncipes

Mario Vargas Llosa

8 de julho de 2007



O semanário satírico espanhol *El Jueves* publicou em julho em sua capa uma caricatura dos príncipes das Astúrias nus e fazendo amor enquanto ele comentava com vulgaridade a possibilidade de ela engravidar e o menino ou menina resultante lhes permitir fazer jus à subvenção de 2.500 que o primeiro-ministro Rodríguez Zapatero pretende dar aos casais que procriarem para elevar a taxa de crescimento demográfico (decrecente, como em todos os países desenvolvidos) da Espanha.

O procurador-geral achou que a capa incorria em injúria e difamação da família real, que é constitucionalmente intangível<sup>1</sup>, fez uma denúncia e um juiz decretou o recolhimento da revista e abriu um processo contra os autores da caricatura. O escândalo subsequente permitiu manifestações interessantes sobre os alcances e limitações da liberdade de expressão.

Segundo pesquisas, a imensa maioria dos espanhóis considera essa caricatura grosseira e de um mau gosto abominável – com toda a razão –, mas somente uma minoria aprova a apreensão e a presumida penalização dos autores. Para os demais, a medida é desproporcional e lesiva à liberdade de imprensa e ao direito de crítica que, desde a transição para a democracia, todos os governos espanhóis têm respeitado escrupulosamente.

É sumamente interessante cotejar as razões que esgrimem uns e outros. O argumento mais disseminado entre os opositores da apreensão da revista é que, com essa iniciativa, o procurador e o juiz conseguiram exatamente o oposto do que pretendiam. Isto é, o

---

<sup>1</sup> **Intangível:** que não se pode tanger, tocar, pegar, intocável.

## REFLEXÕES X

---

desenho jocoso, que provavelmente só teria chegado aos olhos distraídos de alguns poucos milhares de leitores de *El Jueves* – revista de tiragem reduzida –, com a proibição foi saboreado com vagar por milhões de curiosos pois, como era de esperar, mal correu a notícia da apreensão, os exemplares da publicação ameaçada sumiram das bancas antes que chegassem os agentes da lei para confiscá-los.

Dezenas de revistas e jornais do mundo inteiro reproduziram a caricatura e milhares de internautas a colocaram na rede para satisfazer a mórbida voracidade por escândalos da humanidade contemporânea sobre tudo que diga respeito à realeza e aos poderosos.

Segundo a imprensa, os exemplares daquele número de *El Jueves* no mercado paralelo alcançaram preços exorbitantes (até 2.500). Não é impossível que o desconhecido caricaturista que perpetrou o agravo inicie, graças a ele, uma carreira triunfal no mundo das artes (ao menos das artes gráficas).

A essas razões, os que aprovam a apreensão e o processo replicam que, se semelhante critério pragmático prevalecesse em toda ordem de coisas, o ordenamento legal desmoronaria e o mundo ficaria nas mãos dos espertalhões e dos velhacos. A violação da lei, dizem, deve ser devidamente sancionada sem levar em conta as eventuais derivações que isso poderá acarretar outros âmbitos da vida social. O importante é proteger a vida privada das pessoas e impedir que ela seja violada e convertida em matéria de tráficos escandalosos e obscenos.

Mas, se as coisas forem assim, replicam os críticos da apreensão, por que a privacidade de todos os espanhóis, exceto dos membros da família real, pode ser – e de fato é – objeto de violações às vezes tão repulsivas como a dos príncipes nesse caso, sem que nenhum juiz se alarme e mova um dedo? Por acaso não ocorre cotidianamente que a intimidade dos políticos, empresários, artistas e personalidades seja pasto de inconfidências, mexericos, revelações, vexames, zombarias e exageros sangrentos? É justo que numa sociedade aberta e democrática exista esse direito à

## REFLEXÕES X

---

excepcionalidade em matéria de crítica e humor de uma única família, por mais real que seja? Acaso na Inglaterra, Suécia, Dinamarca, Holanda e Noruega as famílias reais não são objeto de zombarias tão feias e carregadas nas tintas como a que provoca todo esse alvoroço?

Assim, a controvérsia foi se afastando da caricatura em questão e aproximando-se de um tema diferente e espinhoso: o estatuto – os privilégios e deveres – da família real na sociedade espanhola. Uma ocorrência desse gênero, ao menos de uma maneira tão explícita, não é comum desde que a monarquia renasceu na Espanha depois da morte de Franco.

Minha impressão é que, de todas as instituições espanholas, a monarquia é a menos questionada, a que desperta mais simpatia ou, pelo menos, a menos antipática e decepcionante para grandes conjuntos de cidadãos. É verdade que, ao menos em teoria, há partidos políticos importantes que se declaram republicanos – o próprio Partido Socialista, que está no poder, sem ir mais longe –, mas nenhum deles fez desse princípio uma prioridade de sua atividade política, e todos parecem satisfeitos, ou ao menos acostumados, com o regime monárquico atual, no qual não veem nenhum obstáculo ao funcionamento da democracia. Ao contrário, todos, ou quase todos, reconhecem o papel fundamental que o rei teve na transição da ditadura franquista para um Estado de Direito e na sufocação da tentativa golpista de 23 de fevereiro de 1981 que ameaçou destruí-lo, assim como o feito inegável de que, nessa sociedade cada vez mais dilacerada por forças centrípetas<sup>2</sup> – nacionalismos, indigenismos, movimentos por soberania ou autonomia, querelas linguísticas – como é a Espanha, a monarquia aparece cada dia mais como uma das entidades solitárias que ainda se assentam sobre um vasto consenso nacional favorável.

Ela contribuiu para criar essa imagem discreta da família real – diferentemente do que ocorre com a casa real britânica, por exemplo, onde sempre há um escândalo dobrando a esquina –, na

---

<sup>2</sup> **Centrípetas**: o termo centrípeta significa aquilo que aponta para o centro.

## REFLEXÕES X

---

maneira estrita com que ela cumpre suas funções protocolares, e no trato aberto, franco, amável e acessível que os reis, príncipes e infantas têm com os demais, isto é, conosco, os plebeus.

Para mim, é muito mais por essa razão que pelo temor de infringir o preceito constitucional que proíbe insultar e desonrar a família real, que se estabeleceu esse pacto tácito entre os meios de comunicação da Espanha para poupá-la, até agora, das manipulações, exibicionismos e deboches informativos que alimentam a civilização do espetáculo.

Será que o que aconteceu com a caricatura de El Jueves é um sintoma de que esse consenso também começa a rachar e a partir de agora a voracidade da imprensa marrom vai recrudescer também com a família real? Confiemos que não, porque, a meu ver pelo menos, a popularidade e solidez da monarquia espanhola, diferentemente da britânica, não repousa nem sobre uma tradição nem sobre um costume arraigado na psique coletiva, e sim na maneira como o rei Juan Carlos, desde que subiu ao trono, se identificou com a democratização, a modernização e a abertura do país para o mundo, enquanto se empenhava em preservar, dentro de sua obrigatória neutralidade na atividade política, a estabilidade institucional e a unidade da Espanha.

É evidente, a julgar por seu desempenho político, que o príncipe Felipe foi educado para manter essa linha de conduta e está totalmente entregue a ela. A legitimidade de que a monarquia goza foi conquistada mais que pela história, pela maneira como a família real se conduziu desde que Juan Carlos assumiu a coroa. São essas credenciais que cercaram a família real de respeito e consideração e a livraram, até agora, de ser objeto desse entretenimento e jogo perverso da imprensa marrom – que, pretendendo apenas divertir, corrói e amesquinha tudo em que toca, convertendo as pessoas em "casos", exibindo ao público, como num circo, as debilidades e vergonhas de que ninguém está isento, rebaixando-as ao nível do ridículo e desprezível.

Se o procurador e o juiz que ordenaram o recolhimento de El Jueves queriam proteger os príncipes, eles erraram redondamente. O que

## REFLEXÕES X

---

conseguiram foi que eles fossem associados, nas capas de meio mundo, a uma caricatura estúpida e vulgar, e que, sem ter tido a menor intervenção no ocorrido, haja quem os vincule agora a uma apreensão de revista que, diga a lei o que disser, é preocupante porque estabelece um precedente perigoso de tolhimento da liberdade de expressão.

A liberdade de expressão não tem apenas uma face bonita, aquela que significa poder dizer a verdade e informar o que acontece, a de criticar os poderes, denunciar os abusos e mostrar, mediante as controvérsias e debates, os diferentes pontos de vista que habitam uma sociedade sobre a política, a cultura, a moral e mil coisas mais. Ela também tem uma cara suja, cheia de furúnculos e pestilências: a de converter pessoas em espetáculos para divertir assim as pessoas, e nada diverte tanto como ver a queda livre do prestígio daqueles que pareciam intocáveis, valiosos, exemplares.

A extraordinária liberdade de que gozam as sociedades abertas lhes trouxe benefícios incomensuráveis e por isso é preciso defendê-la com unhas e dentes. Mas sabendo que será preciso pagar também um preço elevado, por exemplo, se desaparecerem a respeitabilidade, a privacidade e as boas maneiras no mundo da informação. ●

**Mario Vargas Llosa**

## A Rússia autoritária e racista de Putin

Mario Vargas Llosa

26 de agosto de 2007



É difícil imaginar uma história moderna mais triste do que a da Rússia, país que deu ao mundo, no último século e meio, essa extraordinária leva de pensadores, escritores, compositores, artistas, poetas, utopistas e místicos, magistralmente descrita nos ensaios de Isaías Berlin.

Depois de padecer por mais de 70 anos sob uma das mais infames ditaduras de que se tem conhecimento na história, em que muitos milhões de cidadãos inocentes pereceram no Gulag siberiano por causa da mera paranoia dos donos do Kremlin, o povo russo viu o colapso da União Soviética. No lugar da liberdade surgiu o caos, a anarquia econômica e política, o que ajudou os ex-comissários comunistas a praticar desenfreadas bandalheiras – privatizando, a seu favor, as indústrias estatais e permitindo que as máfias saqueassem o país.

Elas levaram para paraísos fiscais mundo afora bilhões em divisas obtidas com dificuldade e roubadas do povo russo –, que viu seu precário nível de vida cair ainda mais. Não é de estranhar que Vladimir Putin – um ex-agente da KGB, o mais sinistro organismo do antigo regime –, ao assumir a presidência, fizesse da ordem e do respeito à autoridade a coluna vertebral de sua política. Era o que seus compatriotas mais desejavam, num país em que a ilegalidade reinava e delinquentes e pistoleiros agiam em completa impunidade.

De fato, Putin estabeleceu a ordem, freou a criminalidade e restaurou uma tradição de verticalismo autoritário que, com máscaras ideológicas distintas, teve na Rússia uma certa continuidade – com alguns poucos e fugazes intervalos de abertura – desde Ivan, o Terrível, até os dias atuais. O povo russo – que, ao longo da sua história, praticamente não conheceu outra cultura senão o despotismo – sente-se mais tranquilo, ou pelo menos

aliviado e com esperanças na Rússia de Putin.

A popularidade do presidente continua enorme e tudo indica que, mesmo que não se candidate nas próximas eleições, como disse, ele – em pessoa ou por meio de intermediários – continuará conduzindo os destinos do país. As corajosas minorias que, mesmo sob repressão crescente, batalham pela democracia e os direitos humanos, esforçando-se para que o restante do mundo tome conhecimento das arbitrariedades cotidianas contra a liberdade e a lei praticadas pelo regime, estão cada vez mais encurraladas: censura, perseguições, represálias econômicas, processos penais e, em casos extremos, assassinatos.

E tudo indica que esse estado de coisas só vai piorar num futuro imediato. No exterior são conhecidas as grandes linhas da política seguida por Putin e a bajulação de ex-agentes da KGB e dos *apparatchiks*<sup>3</sup> dos quais ele se cercou para restabelecer o poder autoritário. E, sobretudo, a estatização ou neutralização de boa parte dos meios de comunicação independentes, agora a serviço do governo, e a reestatização dos principais órgãos responsáveis pelo setor de energia e dos chamados "setores estratégicos", devolvendo assim para o Estado a ingerência hegemônica na vida econômica do país.

É verdade que um setor industrial ficou fora da tutela estatal, mas na condição de total submissão às ordens do poder. As enormes reservas de gás e petróleo do país e os altíssimos preços alcançados por essas *commodities* nos mercados mundiais deram ao governo russo um instrumento para multiplicar sua influência internacional, coagir seus vizinhos, reiniciar uma corrida armamentista que entusiasma as Forças Armadas – que recuperaram sua antiga condição de instituição privilegiada dentro do sistema – e fazer gravitar sobre a Europa Ocidental uma Espada de Dâmocles: a ameaça de reduzir ou cortar o abastecimento de gás e petróleo, do qual o continente depende, caso apoie políticas consideradas pela Rússia como lesivas para sua segurança.

---

<sup>3</sup> ***Apparatchiks***: membros do partido comunista.

## REFLEXÕES X

---

No entanto, é menos conhecido um aspecto ainda mais sombrio e violento da política de Putin: o nacionalismo que ele promove para criar a ilusão de uma unidade nacional patriótica contra os inimigos internos e externos, e as inevitáveis sequelas de semelhante ideologia: o racismo e a xenofobia.

Para aqueles que quiserem saber um pouco mais a respeito, recomendo ler dois excelentes artigos publicados em 21 de agosto no *International Herald Tribune*. Os autores, Jeff Mankoff e Paul Kennedy, ambos da prestigiada *Yale University*, não só sabem muito bem do que falam, como também estão muito longe de sentir a mínima aversão pela Rússia. Pelo contrário, seus artigos exalam uma visível solidariedade para com o povo russo por causa de seus infortúnios.

Jeff Mankoff ilustra com uma pequena lista de exemplos a sua tese de que o "racismo violento" que hoje impera na sociedade russa só deve crescer diante da maneira como o Estado utiliza a xenofobia – o ódio ao estrangeiro – para atingir os seus objetivos. Bandos de "cabeças-raspadas" assassinaram uma menina originária do Tajiquistão, ferindo gravemente sua família em São Petersburgo, e esfaquearam um vietnamita.

Um grupo de nazistas apunhalou oito pessoas em uma das sinagogas de Moscou. Dias atrás, um vídeo que deu a volta ao mundo mostrava como dois russos, com suásticas, executaram um homem do Tajiquistão e outro do Cáucaso, atirando contra o primeiro e decapitando o segundo. Os dois criminosos foram capturados, mas receberam sentenças leves, que não reconheceram a natureza racista do delito.

Mankoff descreve também a maneira como Putin tem utilizado dois partidos abertamente racistas que atuam na Rússia – o Democrata Liberal, de Vladimir Jirinovski, e o Rodina, de Dimitri Rogozin –, estimulando e financiando essas agremiações, e facilitando sua expansão para criar a ficção de que o partido no governo é um partido moderado, servindo de contrapeso a esses extremistas.

O resultado dessa política é que o racismo contra os chamados "chernie", ou "pretos" – que são os imigrantes de ex-repúblicas

soviéticas, na maioria muçulmanos –, desfruta hoje de uma espécie de legitimidade na vida pública. Assim, não se viu nenhum protesto quando, em abril, o governo baixou um decreto claramente racista, proibindo todos os imigrantes vindos do Cáucaso de trabalhar no comércio de tecidos na Rússia.

O historiador Paul Kennedy, por seu lado, vê com justificado alarme o plano de doutrinação ideológico que o governo russo realiza entre os jovens, seguindo um modelo muito similar ao soviético – só que, no caso presente, as ideias que o Estado procura incutir nas novas gerações, por meio da educação, não são as do marxismo-leninismo, mas de uma "russofilia" crua e pura, ou seja, o nacionalismo mais extremo e despropositado, para o qual todo estrangeiro é detestável, sejam "americanos imperialistas, terroristas chechenos ou estonianos ingratos".

O governo de Putin criou um movimento juvenil chamado Nashi (Nosso), que vem crescendo rapidamente, encorajado pelas instituições estatais cuja base ideológica é a defesa da Mãe Pátria, das tradições russas e do matrimônio, além da rejeição do forasteiro ou estrangeiro. O movimento já conta com dezenas de milhares de ativistas que, na prática, funcionam como tropa de choque em defesa de Putin e de seu governo contra seus críticos. São os militantes desse movimento que vêm cercando, aos gritos de lemas hostis, as embaixadas da Grã-Bretanha e da Estônia em Moscou, por causa das disputas entre a Rússia e os dois países. E, segundo o jornal britânico *Financial Times*, cerca de 60 mil membros do Nashi foram treinados como "monitores" nos processos eleitorais.

Paul Kennedy analisa também alguns dos textos obrigatórios impostos às escolas pelo governo, distorcendo a história recente para acomodá-la às necessidades do regime. Nesses textos, por exemplo, ensina-se aos jovens que "entrar no clube dos países democráticos implica submeter a soberania nacional aos Estados Unidos". Será que Putin conseguirá o que deseja, criando estruturas mais ou menos sólidas que garantam uma considerável longevidade para o novo despotismo que ele preside?

Em longo prazo, provavelmente não. Isso porque, se existe alguma

## REFLEXÕES X

---

coisa que a experiência contemporânea nos ensinou, é que os impérios totalitários, não importa quão fortes pareçam, têm sempre pés de barro e acabam desabando, destruídos por sua própria ineficiência e corrupção. Mas, em curto prazo, parece difícil que algo ou alguém consiga impor limites ao astuto ex-agente da KGB, que soube conquistar o apoio de boa parte dos russos substituindo a desordem, a insegurança e o desespero em que viviam pela segurança e pelo orgulho patriótico, mesmo que, para isso, tivessem de sacrificar a liberdade que poderiam ter e a democracia da qual apenas vislumbraram os riscos e as incertezas quando a tiveram nas mãos e não souberam o que fazer com ela.

A conclusão mais óbvia: para criar raízes e prosperar, a democracia precisa de uma base institucional mínima, como a que existia na Polônia, na Hungria ou na República Checa quando o império soviético desmoronou. Por isso, nesses países, a democracia conseguiu sobreviver à desordem da transição. Na Rússia essa base não existia e, portanto, como aconteceu em tantos países africanos e latino-americanos, a liberdade acabou convertida em libertinagem e, mais cedo do que tarde, desintegrou-se, para que a barbárie ditatorial ressuscitasse. Pobre Rússia. ●

**Mario Vargas Llosa**

## Terroristas se dão mal no Iraque

Mario Vargas Llosa

10 de novembro de 2007



Alguém se atreveria a afirmar, hoje, contra a impressão generalizada, que a intervenção militar no Iraque, em vez de um fracasso catastrófico, vai cumprindo seus objetivos e já alcançou um ponto de não retorno? Bartle Bull, especialista inglês no Oriente Médio, no último número de *Prospect*, a prestigiosa revista londrina dirigida por David Goodhart, publica um ensaio defendendo essa tese, intitulado "Missão cumprida". Seus argumentos são polêmicos, mas nada propagandísticos, nem demagógicos.

Bull deixa de lado a questão de se foi errônea ou acertada a decisão de intervir no Iraque – algo que os historiadores decidirão no futuro – e limita-se a cotejar a situação atual do país e a que reinava quase quatro anos e meio atrás, quando Estados Unidos, Grã-Bretanha e um grupo de países aliados decidiram acabar com a ditadura de Saddam Hussein. Ele sustenta que, hoje em dia, as forças da coalizão se encontram no Iraque com a anuência de um governo democraticamente eleito e com um mandato que a ONU vem renovando a cada ano desde maio de 2003, a última vez em agosto passado.

No seu entendimento, as metas estratégicas da intervenção foram alcançadas. O Iraque não se desintegrou e sua unidade territorial e política parece agora mais firme do que outrora, pois o sistema descentralizado em marcha conta até com o apoio dos curdos, cuja vocação separatista diminuiu de maneira radical. Em vez de uma ditadura, o país é uma democracia na qual, em todas as eleições realizadas, a participação popular foi enorme, superior à que caracteriza as sociedades abertas do Ocidente, de modo que seu governo tem uma legitimidade jurídica e política indiscutível.

## REFLEXÕES X

---

O país já se deu uma Constituição que garante uma independência institucional e liberdades públicas que nem o Iraque nem nenhum de seus vizinhos conheceram em sua história. Não eclodiu uma guerra civil e o Irã não ocupou o Iraque nem tutela sua vida política. O país deixou de ser um perigo para a paz mundial e, embora muito lentamente, vai se convertendo na primeira sociedade árabe com eleições livres, liberdade de imprensa, partidos políticos diversos e direitos civis reconhecidos.

A violência, é claro, continua causando sofrimentos terríveis. Mas, embora seja obscena a comparação, o número de mortos dessa guerra e do terrorismo resultante – os cálculos variam de 80 mil a 200 mil – está longe de alcançar o 1,5 milhão de mortos resultante das guerras, genocídios e repressões do regime baathista de Saddam Hussein. A imensa maioria dessas mortes foi obra das matanças cegas e indiscriminadas contra a população civil cometidas pelos terroristas estrangeiros da Al-Qaeda ou os de organizações sunitas e xiitas que guerreavam entre si e procuravam neutralizar a população civil pelo pânico.

Embora esse gênero de violência provavelmente se prolongue ainda por muito tempo – o número de fanáticos capazes de voar em pedaços com um caminhão ou carro carregado de explosivos parece nunca acabar –, ele perdeu toda significação política e, hoje, converteu-se em um problema puramente local e policial. Foi diminuindo aos poucos, e o fato decisivo contra ele foi o distanciamento e a ruptura crescentes entre a Al-Qaeda e a população sunita. Essa aliança foi esfriando à medida que os dirigentes sunitas se convenciam de que, ao contrário do que acreditavam no início, as tropas americanas e britânicas só abandonarão o país quando o governo iraquiano estiver em condições de assegurar a ordem e a paz. Convenciam-se, em outras palavras, de que o Iraque não será um segundo Vietnã.

Bartle Bull assinala que a aliança entre a Al-Qaeda e outras seitas terroristas fundamentalistas (todas mais ou menos identificadas com um wahabismo radical) empenhadas em ressuscitar a pureza de costumes e a ortodoxia doutrinária "do tempo do Profeta", de um lado, e os sunitas do Baath (um partido inspirado no nacional-

socialismo de Hitler, não se deve esquecer) ansiosos para restaurar os privilégios de que gozavam no tempo de Saddam Hussein estava condenada à divisão. O mal-estar cresceu quando os fanáticos wahabistas estrangeiros, em sua fúria puritana, começaram a impor sua rígida moral nas zonas por eles dominadas, proibindo o cigarro, assassinando os vendedores de álcool e os xeques das tribos, além de casar jovens à força com os "emires" do grupo denominado "Estado Islâmico do Iraque".

A ruptura se consumou quando os sunitas compreenderam que podiam encontrar uma forma de acomodação e convivência no novo Iraque onde a maioria xiita – três vezes mais numerosa que a minoria sunita – terá as rédeas do poder. Bull assinala que a nova política pragmática dos sunitas tornou possível, por exemplo, a notável transformação da Província de Anbar, durante bom tempo uma cidadela da resistência e do terrorismo, e agora a mais pacífica de todo o país. Nas 18 províncias iraquianas, a violência se reduziu a níveis mínimos ou desapareceu na metade delas.

Esse processo deve se acelerar à medida que a população sunita sentir, nos fatos, que sua sobrevivência não está ameaçada no Iraque dominado pelos xiitas e que sua presença, tanto nas instituições como na vida econômica, política e social, está assegurada. Um passo nessa direção, diz Bull, foi o acordo de princípio entre xiitas, sunitas e curdos sobre a delicada questão da distribuição do faturamento com o petróleo, que deverá ser confirmado em breve com a aprovação de uma lei avalizada pelos Estados Unidos, pela União Europeia e pelas Nações Unidas.

Bull destaca alguns marcos nesse desenvolvimento. Um deles foi a batalha entre sunitas e xiitas desencadeada com a destruição, por aqueles, da mesquita de Samarra. Foi o momento em que parecia inevitável uma guerra civil generalizada. Mas os sunitas, cedendo ao realismo, recuaram quando se viram derrotados. A partir daí, eles começaram, no início discretamente e agora de maneira explícita, a pactuar com os Estados Unidos e o governo de Nuri al-Maliki. Um dos efeitos desses acordos foi o número crescente de sunitas incorporados ao Exército e às forças policiais iraquianas nos últimos meses. Nas últimas semanas, foram 5 mil.

## REFLEXÕES X

---

Ao mesmo tempo, num gesto de reciprocidade, o governo iraquiano deu emprego no serviço público a outros 7 mil sunitas e reconheceu o direito a vencimentos plenos de todos os ex-oficiais e soldados baathistas reformados, com exceção dos 1.500 vinculados a crimes e torturas – a maioria dos quais, ademais, já está presa, morta ou fugiu para a Síria, a Jordânia e a Arábia Saudita.

Esse é um resumo muito sucinto do ensaio de Bartle Bull. Minha impressão é que, embora possa parecer demasiadamente otimista e ainda não ressalte suficientemente, entre suas considerações, as sequelas trágicas que certamente terá para a reconstrução do Iraque e a normalização de sua vida social a hemorragia atroz de vidas humanas e bens causada pelo terror, assim como a fuga para o estrangeiro de seus melhores quadros, executivos e profissionais, as perspectivas que o analista britânico assinala para o futuro do Iraque são provavelmente exatas, embora os prazos talvez sejam mais dilatados do que ele acredita.

Somente o ódio tão amplo aos Estados Unidos explica o consenso, entre comentaristas e políticos ocidentais e terceiro-mundistas, de que, assim como no Vietnã, as tropas americanas acabarão partido às pressas, expulsas do Iraque pelos "resistentes" e pela repulsa da opinião pública internacional. Por sangrenta e dolorosa que seja a situação no local, o certo é que agora no Iraque não são os Estados Unidos e a Grã-Bretanha, mas sim os bandos terroristas que estão levando a pior.

A última contraofensiva dirigida pelo general americano David Petraeus obteve maior sucesso que o esperado e, até agora, não houve o menor retrocesso. E está claro que se iludiam os que achavam que, com um triunfo democrata nas próximas eleições presidenciais nos Estados Unidos, viria a debandada.

Hillary Clinton e Rudolph Giuliani, os dois prováveis candidatos, deixaram bem claro que, a esse respeito, sua posição é semelhante: a retirada das tropas será feita na medida em que o governo iraquiano esteja em condições de substituí-las tanto na batalha contra o terror como na manutenção da ordem pública. Sendo assim, eu também penso que os enormes sacrifícios do povo

## REFLEXÕES X

---

iraquiano nesses últimos quatro anos e meio não terão sido em vão.●

**Mario Vargas Llosa**

LUIZ BIANCI

## No banco dos réus, o terrorismo de Fujimori

Mario Vargas Llosa

15 de dezembro de 2007



Parecia impossível, mas aconteceu: Alberto Fujimori, que durante dez anos governou o Peru com a brutalidade das piores satrapias<sup>4</sup> da história, está no banco dos réus para responder por seus delitos ante a Corte Suprema. Terça-feira, num dos processos – por mandar invadir a casa da mulher de seu cúmplice Vladimiro Montesinos, disfarçando um de seus colaboradores militares de procurador, em busca dos vídeos da corrupção que podiam comprometê-lo –, ele foi condenado a 6 anos de prisão e US\$ 250 mil de multa.

No início da semana também começou o julgamento em que a promotoria pede 30 anos de prisão e multa de US\$ 33 milhões para Fujimori por sua responsabilidade em dois dos mais cruéis massacres cometidos durante seu governo, os de Barrios Altos e La Cantuta. É a primeira vez na história do Peru – e creio que na América Latina – que um governo democrático, seguindo os procedimentos legais e respeitando as garantias estabelecidas pelo Estado de Direito, julga um ex-ditador pelos crimes e roubos que cometeu no exercício arbitrário do poder. Fujimori não poderá ser julgado por todas as faltas e ofensas que engordam seu prontuário, mas só por aquelas que a Corte Suprema do Chile admitiu no veredicto que possibilitou a extradição do ex-ditador para o Peru.

Mesmo assim, esse punhado de assassinatos e outras violações dos direitos humanos é uma vitrine diáfana<sup>5</sup> dos horrores vividos pelos

---

<sup>4</sup> **Sátrapa:** pessoa poderosa que governa como quer (déspota).

<sup>5</sup> **Diáfana:** que permite a passagem da luz; transparente, límpido.

## REFLEXÕES X

---

peruanos entre 1990 e 2000. E é mais que suficiente para que o ex-presidente passe vários anos na cadeia, como Montesinos e o general Hermoza Ríos, ex-comandante do Exército. Foi esse trio que concebeu e pôs em prática a "guerra de baixa intensidade" para conter as ações apocalípticas do Sendero Luminoso.

A justiça será realmente feita e o processo e a sentença serão justos? O Judiciário tem péssima fama no Peru e o fujimorismo, embora em declínio, conta com abundantes meios de coerção e reservas econômicas procedentes do saque dos recursos públicos – de centenas de milhões ou talvez bilhões de dólares desviados, foram devolvidos ao Estado só US\$ 250 milhões –, mas gregos e troianos reconhecem que a sala da Corte Suprema que julga Fujimori, presidida por um prestigiado criminalista, César San Martín, parece capaz e confiável.

É indispensável que o julgamento avance com a máxima transparência, para que seu desfecho seja verdadeiramente instrutivo e sirva de antídoto contra potenciais aspirantes a ditadores. O processo dará origem a uma interessante controvérsia sobre os alcances e limites da luta contra o terrorismo e a subversão, pois a linha de defesa do ex-ditador é que, se houve "excessos execráveis" na guerra contra o Sendero Luminoso e o Movimento Revolucionário Túpac Amaru, foi por causa do contexto de violência enlouquecida criado no país pelos sequestros, assassinatos e atentados cegos contra a população civil levados a cabo pelas duas organizações terroristas, cujas vítimas, dezenas de milhares, eram em sua imensa maioria cidadãos sem militância política, sacrificados pelo fanatismo.

É lícito combater o terror com o terror? Um personagem central desse processo será o Grupo Colina, comando secreto formado pelo regime fujimorista em 1991 com membros das Forças Armadas e sob a liderança de um militar especializado em inteligência, o major Santiago Martín Rivas, agora na prisão, para executar operações especiais – torturas, assassinatos, sequestros e intimidação – contra terroristas e seus reais ou supostos cúmplices, para desencorajar a colaboração da população com os movimentos subversivos. Uma das piores ações do Grupo Colina foi o massacre de Barrios

## REFLEXÕES X

---

Altos, em Lima, em 3 de novembro de 1991, quando o comando matou a tiros 15 pessoas que promoviam uma galinhada (festa popular de arrecadação de fundos onde se serve frango), supostamente para levantar verbas para o Sendero Luminoso. Não há certeza nem sequer de que todos os assassinados fossem membros ou simpatizantes do grupo. Aparentemente, apenas dois deles tiveram contato com a esquerda revolucionária.

O major Martín Rivas, numa entrevista que concedeu ao jornalista Umberto Jara antes de ser preso, explicou que o objetivo da operação não era capturar terroristas, e sim enviar "uma mensagem" ao Sendero Luminoso: "Vamos atacá-lo em seu esconderijo. Já sabemos que as galinhadas e os sorveteiros são seus disfarces." A outra matança tratada no julgamento, a da Universidade Enrique Guzmán y Valle, conhecida como La Cantuta, ocorreu na madrugada de 18 de julho de 1992. Neste caso, a intervenção do Exército foi mais explícita, pois soldados cercaram a universidade enquanto os membros do Grupo Colina, mascarados, entravam num alojamento e sequestravam nove alunos e um professor, mais tarde fuzilados.

A aparição dos cadáveres mutilados, carbonizados, colocados dentro de sacos e caixas, descobertos graças à pesquisa de jornalistas audaciosos, causou grande escândalo no Peru e começou a corroer a popularidade com a qual a ditadura ainda contava.

Até que ponto Fujimori esteve pessoalmente envolvido nessas matanças? Ele as ordenou? Foi informado sobre elas por Montesinos e pelo general Hermoza e ajudou a encobri-las e a garantir a impunidade dos executores? É isso que o julgamento deve esclarecer. O ex-ditador afirma, é claro, que não sabia de nada, diz que todos esses crimes foram planejados em segredo e ele nem sabia da existência do Grupo Colina. Mas há inúmeros testemunhos dos próprios envolvidos – mandantes e executores dos crimes – afirmando que aquelas operações faziam parte de uma rigorosa estratégia de guerra clandestina ao terror, concebida e ordenada pelo topo da hierarquia militar, que, segundo a Constituição, é o presidente da república.

## REFLEXÕES X

---

Parece difícil, para dizer o mínimo, que num regime tão vertical e personalizado como o estabelecido pela ditadura fujimorista, comandos de oficiais da ativa pudessem agir por conta própria, sem o aval da hierarquia máxima e utilizando uma infraestrutura militar em todos os passos que davam, para realizar operações nas quais punham em jogo sua carreira e sua liberdade. Em todo caso, o certo é que a famosa "guerra de baixa intensidade" contribuiu, tanto quanto os crimes horrendos do Sendero Luminoso, para encher de cadáveres, de desaparecidos, de mutilados e de medo e ódio o Peru dos anos 1990. Cerca de 70 mil peruanos morreram ou desapareceram nessa batalha, na imensa maioria gente humilde e desvalida, cuja desgraça foi estar ali, no meio de dois terrores, integrando aquela massa anônima à qual os "terroristas" e "contraterroristas" enviavam mensagens na forma de balas e explosivos para mostrar quem era mais cruel e desalmado.

A melhor prova de que essa estratégia era não só imoral e inaceitável numa sociedade democrática, como também contraproducente, é que a operação decisiva que quebrou o Sendero Luminoso e precipitou sua desintegração não foi a matança promovida pelo Grupo Colina, e sim a captura de Abimael Guzmán e quase todo o seu Comitê Central, levada a cabo por um grupo de policiais sob a chefia do general Antonio Ketín Vidal e do coronel Benedicto Jiménez, valendo-se dos métodos mais modernos de rastreamento e vigilância, sem torturar nem matar ninguém e sem disparar um único tiro.

O julgamento de Fujimori deverá demorar de oito a dez meses. O Peru, que politicamente já deu tantos espetáculos penosos – quarteladas, demagogos, políticas insensatas –, merece agora que a opinião pública internacional se interesse pelo que lá ocorre, não só pelos excelentes índices de crescimento econômico e pela estabilidade institucional, mas também pelo julgamento de um ex-ditador, exemplo altamente civilizado para esta América que, como escreveu Germán Arciniegas, ainda se debate entre a liberdade e o medo. ●

**Mario Vargas Llosa**

## Jogo sujo de Hillary e McCain não abala Obama

**Mario Vargas Llosa**

**18 de maio de 2008**



Quando a senadora Hillary Clinton compreendeu ser quase impossível ser indicada candidata do Partido Democrata à presidência dos Estados Unidos –, pois seu rival, o senador Barack Obama, já tem uma vantagem em votos, delegados e estados que ela não conseguirá igualar –, a ex-primeira-dama recorreu, como é hábito entre os políticos, a armas proibidas. No caso, a questão racial. E declarou que as eleições primárias, até então, mostravam que ela era a preferida dos eleitores da "América branca".

Embora tenha sido bastante criticada por ter ressuscitado um tema tão execrável e explosivo num país como os Estados Unidos – até o jornal *The New York Times*, que apoiou sua candidatura, censurou-a em um editorial –, pelo menos aparentemente, o recurso utilizado acabou dando bom resultado: na terça-feira, nas primárias da Virgínia Ocidental, o estado mais "branco" do país, Hillary obteve uma vitória esmagadora, com mais de 100 mil votos de vantagem sobre seu concorrente.

Um triunfo sugestivo, mas insignificante na prática. Isso porque, por causa da sua escassa população, a Virgínia Ocidental tem um número muito pequeno de delegados – e Obama continua conquistando superdelegados entre os independentes. Aliás, alguns dos que prometeram respaldar a senadora acabaram decidindo apoiar Obama. E na semana passada John Edwards, que foi pré-candidato nas primárias e vinha sendo cortejado insistentemente pelos dois competidores, decidiu-se também pelo senador. O apoio de Edwards é importante porque ele tem muita influência no meio operário e sindical, onde Hillary é bastante popular.

Mas, como sublinham os analistas, apesar de Obama,

aparentemente, ter sua candidatura assegurada, sem importar o que acontecer nas poucas primárias que ainda faltam, a suja operação de contornos racistas lançada por Hillary poderá ter consequências sinistras na futura disputa pela presidência entre ele e o candidato republicano, John McCain. Essa disputa poderá se transformar num confronto entre a América "branca" e a América "negra". Não é algo inevitável, mas há indícios alarmantes.

Todas as pesquisas feitas desde que a senadora se proclamou a favorita dos "brancos" indicam que um número crescente de americanos afirma hoje que o tema racial ou étnico passou a ser importante para eles em suas preferências eleitorais. O que é um sério revés para Obama, que fez da solidariedade entre as diferentes raças, tradições, crenças, convicções e costumes um dos temas fundamentais do seu discurso, desde o início da campanha.

Hillary Clinton não é racista, é claro. Ela é um animal político, frio, tenaz, inteligente e sem escrúpulos. Com a mesma serenidade glacial e destreza com que soube sair dos escândalos e humilhações a que foi submetida por seu marido, Bill Clinton, durante o governo dele, Hillary prosseguiu em sua campanha sem perder o sorriso nem o ânimo, enquanto era derrotada uma e outra vez por um rival que, segundo as sondagens de opinião, é o favorito dos jovens, dos profissionais liberais, dos empresários, dos universitários e, em síntese, dos setores mais modernos e cultos da sociedade americana, deixando para ela os mais incultos, primitivos e provincianos.

Antes dessa manobra racial, a campanha de Hillary já tinha lançado uma outra guerra suja – de índole machista –, que não prosperou. Essa estratégia consistiu em apresentar a senadora como o verdadeiro "macho", nessa disputa. Obama, por outro lado, seria o fraco, o frouxo, o indeciso e – horror dos horrores – o intelectual, alguém a quem seria algo arriscado e suicida confiar o mais alto posto do país no caso de um conflito bélico.

Os anúncios pagos de Hillary apresentaram a senadora numa atitude marcial e beligerante, com a seguinte pergunta: "Quem você preferiria como comandante-chefe das Forças Armadas dos Estados

Unidos?" E, ao lado da senadora, um Obama extenuado, esquelético e submisso, com a fisionomia de uma pessoa indecisa e assustada. No entanto, essa tentativa para prejudicar Obama não surtiu efeito. Então a senadora, num desses gestos audazes que a caracterizam, decidiu que, como já não era realista pensar na sua indicação, seria possível, sim, contribuir para a futura derrota de seu rival nas eleições presidenciais de novembro, ante o republicano McCain.

Não se trata de uma vingança pessoal, nascida da frustração, mas de um simples cálculo matemático de um político de grandes aspirações. Se Hillary Clinton pretende ser a candidata dos democratas à presidência em 2012, é preciso que nestas eleições o vencedor seja um republicano e não um democrata. Isso porque, se Obama for o próximo presidente, a senadora terá fechadas as portas para sua candidatura à Casa Branca até 2016, o que seria muito tarde para ela. Nada disso pode ser deixado claro publicamente, mas por meio de mensagens indiretas enviadas para o subconsciente e os preconceitos instintivos do eleitorado.

Segundo uma sondagem, 50% dos partidários democratas de Hillary na Virgínia Ocidental afirmam que não votarão em Obama para presidente: se for ele o candidato do partido, eles simplesmente não vão votar ou então vão apoiar McCain.

Ao mesmo tempo em que a senadora envenenava a campanha com racismo, o candidato republicano iniciava sua própria guerra suja, utilizando outro ingrediente explosivo para desacreditar seu quase garantido adversário nas eleições de novembro. Em uma entrevista coletiva, o candidato republicano disse que, entre ele e Obama, o verdadeiro amigo de Israel era ele próprio, o senador McCain. Afinal, argumentou o republicano, será que isso não ficou provado pelo fato de o líder da organização terrorista Hamas dizer que simpatizava com a candidatura de Barack Obama?

Dessa maneira, uma acusação ventilada sem muita eficácia há alguns meses foi ressuscitada e retornou ao primeiro plano do debate eleitoral: Obama seria um muçulmano disfarçado (pois seu pai o foi), um amigo dos palestinos e, portanto, potencialmente, um presidente que daria as costas a Israel, o maior aliado dos Estados

## REFLEXÕES X

---

Unidos, e estenderia a mão para os terroristas palestinos. A acusação de McCain tem um amplo alcance e, se emplacar, pode ser decisiva na campanha.

Os judeus são uma pequena minoria em número na sociedade americana, mas o *lobby* judaico, as organizações que apoiam Israel e fazem campanha em favor de políticos que consideram pró-israelenses, hostilizando os que não são, exerce uma poderosa influência econômica e publicitária em toda campanha eleitoral. E, embora nem sempre os seus candidatos sejam vitoriosos, aqueles considerados seus inimigos sempre perdem.

Desde que McCain fez aquela declaração, Obama multiplicou os desmentidos perante diversas associações judaicas e pró-israelenses. O senador democrata recordou novamente as posições que assumiu no Legislativo do Estado de Illinois e no Senado americano em prol de Israel, condenando em termos inequívocos o terrorismo do Hamas. E repetiu que, embora seu pai fosse muçulmano, sua mãe o educou como cristão, e o mesmo ocorreu com sua mulher, Michelle.

Muitos judeus americanos respaldaram suas afirmações, desmentindo as insinuações de McCain. Tudo isso é uma indicação de que, desta vez, a campanha presidencial será mais virulenta do que as outras.

Obama será bem-sucedido ao enfrentar essas guerras sujas lançadas contra ele? Acredito que sim, embora isso vá lhe custar muito trabalho – e ele não pode se permitir cometer um único erro. Meu otimismo não se baseia tanto nas pesquisas, mas na atitude que ele tem mantido, em meio à sujeira e insídia lançadas contra ele. Não respondeu com as mesmas armas nem com vitupérios<sup>6</sup>. Continua imperturbável, com seu discurso reformista, de ideias, pedindo união, repudiando toda forma de sectarismo (**sectarismo**: estado de espírito ou atitude sectária; intransigência, intolerância) e intolerância,

---

<sup>6</sup> **Vitupério**: palavra, atitude ou gesto que tem o poder de ofender a dignidade ou a honra de alguém; afronta, insulto.

## REFLEXÕES X

---

com suas propostas concretas e realistas a favor dos fracos, dos marginalizados, dos lutadores, dos entusiastas, e uma fé contagiante nas instituições democráticas.

É verdade que, com frequência, Obama se expressa mais como um intelectual do que como um político profissional, mas isso, por sorte, em vez de desprestigiá-lo, faz com que ele conquiste a simpatia e o entusiasmo de milhões de seus compatriotas. Seu discurso continua atraindo, sobretudo os jovens, de todas as raças, que se apresentam aos milhares para trabalhar como voluntários em sua campanha em todo o país, fortalecendo um mecanismo que provou ter uma eficácia contundente.

Esperemos que as campanhas de guerra suja não prevaleçam e, por uma vez, o idealismo e os princípios derrotem as manobras dos políticos. ●

**Mario Vargas Llosa**

## Ainda há uma esperança para a Venezuela

Mario Vargas Llosa

24 de agosto de 2008



Fiz uma visita relâmpago a Caracas para ver a montagem teatral de Héctor Manrique de uma obra minha, *Al pie del Tâmesis* (Às margens do Tâmis). Apesar de minha breve permanência, pelo que vi, ouvi, li e conversei com amigos nessas poucas horas, saí da Venezuela convencido de que o projeto autoritário que o comandante Chávez chama de "Revolução Bolivariana" e "socialismo do século XXI" tem agora menos possibilidade de se concretizar do que há alguns anos. O tempo e a resistência dos venezuelanos vão enfraquecendo, aos poucos, o risco de que a pátria de Bolívar torne-se uma segunda Cuba.

De onde se origina meu otimismo? Da liberdade com que os venezuelanos criticam o governo nas ruas, praças, cafés e onde quer que seja, sem se deixarem intimidar pelas represálias, que vão desde demissões sumárias de cargos públicos, multas, cancelamento de contratos e licenças para empresários, estatizações e confiscos, até o fechamento de rádios, televisões e teatros públicos a artistas, diretores, roteiristas e produtores que relutam em tornar-se instrumentos submissos do poder.

As pesquisas realizadas sobre as eleições do próximo dia 23 de novembro, quando serão escolhidos 22 governadores e 335 prefeitos em todo o país, mostram que a oposição, unida, poderá obter uma porcentagem muito elevada de vitórias em toda a Venezuela. Chávez sabe disso e tomou precauções.

Mandando o Controlador da República, em flagrante violação da Constituição, "inabilitar" quase 300 candidatos, em sua grande maioria da oposição. Entre eles, estavam quatro opositores que tinham grandes chances de vitória e ficaram fora da disputa.

O Supremo Tribunal de Justiça, agora a serviço do regime, validou o legicídio<sup>7</sup>. Mesmo assim, e conscientes de que, alertado pela derrota sofrida no dia 2 de dezembro de 2007, Chávez usará de todos os recursos a seu alcance para impedir um novo revés, os venezuelanos alimentam certo otimismo.

O regime poderá orquestrar uma fraude generalizada? Não é fácil, porque já existe o voto eletrônico, sempre e quando, é claro, haja uma fiscalização nas mesas de votação, como a que exerceram os estudantes no referendo sobre o projeto de reforma constitucional de dezembro. E é evidente que, desta vez, haverá nova mobilização para impedir, ou pelo menos reduzir, o risco de alteração indevida dos resultados.

Pergunto a meus amigos, enquanto saboreio um café da manhã com arepas e queijo branco, por que o regime chavista não conseguiu instaurar na Venezuela instrumentos de coerção e intimidação – como os comitês de bairro e de distrito da Revolução Cubana, por exemplo –, que em todas as sociedades autoritárias paralisam a sociedade civil e a amordaçam, permitindo que o regime feche todos os espaços de liberdade e crítica ao poder. Quem me dá uma explicação convincente é Teodoro Petkoff, fundador do MAS (Movimento Para o Socialismo), do qual se retirou no mesmo dia em que o grupo decidiu apoiar Chávez.

Petkoff é ex-guerrilheiro, ex-prisioneiro político – com duas fugas fabulosas da prisão –, diretor de jornal e um dos mais lúcidos analistas políticos da Venezuela. Segundo Petkoff, desde a queda da ditadura de Marcos Pérez Jiménez, em janeiro de 1958, até a ascensão ao poder do comandante Hugo Chávez, em 1999, ou seja, durante cerca de 40 anos, os venezuelanos tiveram governos que, independentemente de seus fracassos no campo econômico e social, garantiram as liberdades públicas, realizaram eleições livres e respeitaram o direito de expressão e de crítica de seus cidadãos. Essas práticas democráticas calaram profundamente na sociedade venezuelana. Embora a corrupção e as políticas equivocadas tenham

---

<sup>7</sup> **Legicídio**: em sentido figurado, ato de cassar opositores em eleições.

## REFLEXÕES X

---

causado uma decepção de um vasto setor do povo com os partidos tradicionais e tenham criado um clima favorável à pregação populista, revolucionária e à figura do caudilho, o hábito do exercício da liberdade não desapareceu.

Por isso, Chávez não pôde seguir o exemplo cubano, ou mesmo o soviético, o chinês, o islâmico ou o de outros déspotas militares do continente, que emascaram<sup>8</sup> por meio do medo toda uma sociedade, antes de subjugar-la. Mais ainda, esse espírito independente e livre, aclimatado ao longo de quatro décadas de vida democrática, manifesta-se até mesmo no interior do próprio partido de Hugo Chávez, em que as divisões e as insubordinações contra o caudilho fazem que, nas próximas eleições de novembro, em alguns estados (como o dele), os candidatos governistas representem opções críticas e rebeldes em relação à política do próprio presidente.

Quantos cubanos há na Venezuela? Esse é o segredo mais bem guardado do regime chavista. Ninguém sabe ao certo. Os cálculos variam entre 10 mil e 30 mil. Muitos deles são médicos e dentistas e vivem espalhados pelo território nacional, nas "missões" ou postos de saúde que prestam serviço nos "ranchitos", bairros pobres na periferia das grandes cidades, e no campo. Um número considerável de cubanos estabelecidos na Venezuela trabalha em funções de segurança e inteligência. Aparentemente, eles têm a responsabilidade de zelar pela segurança de Chávez. Muitos utilizaram a Venezuela como trampolim para fugir para os EUA, para a Colômbia e para a América Central, embora não existam estatísticas a respeito. Em todo o caso, o certo é que a presença dessa ampla comunidade cubana na Venezuela não parece, de modo algum, constituir uma força de doutrinação e propaganda em favor do marxismo-leninismo e da utopia comunista, mas uma amostra de ceticismo e de saturação da "revolução". A esse respeito, não resisto à tentação de reproduzir um episódio contado por Petkoff.

Ao tomar um táxi no centro de Caracas, ele foi reconhecido pelo

---

<sup>8</sup> **Emascular**: fazer perder ou perder a força, o vigor; tornar(-se) fraco.

## REFLEXÕES X

---

motorista, que era um médico cubano. Em suas horas de folga, o taxista trabalhava como chofer para melhorar sua renda. Vivia já há algum tempo na Venezuela e, certamente, estava muito satisfeito. O que mais o alegrava era a abundância que via em todas as partes, nas lojas, armazéns e mercados, em grande contraste com os modestos e míseros postos de venda de produtos nacionais onde os cubanos mais pobres costumam se abastecerem na ilha.

No meio da conversa, o médico-taxista confessou a Petkoff esta fraqueza: "Quando cheguei à Venezuela e vi pela primeira vez uma garrafa de Coca-Cola, meus olhos se encheram de lágrimas."

Se, depois de meio século de revolução, o símbolo por excelência do capitalismo desperta semelhantes emoções em um cubano nascido e educado sob a pregação ideológica de Fidel Castro, alguém duvida que o socialismo em sua versão cubana está com os dias contados?

Quando as sociedades vivem períodos traumáticos, geralmente a vida artística e cultural experimenta um apogeu. E a Venezuela não é uma exceção à regra. As carências e limitações, que podem ser percebidas em outros campos, não empobreceram o trabalho literário, intelectual e artístico, que mantém elevados níveis de criatividade no país. O governo não quis ou não soube cooptar a classe intelectual e artística e colocá-la a seu serviço. Escritores, professores, músicos, pintores, atores mantiveram uma grande independência em relação ao regime e, com escassas exceções, não aceitaram servir como propagandistas. Um bom número deles milita hoje na resistência. As universidades também não foram subjugadas pelo regime chavista. Quase todas, tanto públicas quanto privadas, conservaram sua independência e são, em alguns casos, um contrapeso salutar de defesa da cultura e da liberdade contra a demagogia revolucionária governamental.

É notório que o presidente Chávez promove seu "socialismo bolivariano" a golpes de talão de cheques, ou melhor, de barris de petróleo, que presenteia aqui e ali ou vende a preços preferenciais aos países que pretende incorporar à sua órbita de influência. Desse modo, uma grande porcentagem dos recursos do país vai para o exterior para beneficiar outros povos, em vez do povo venezuelano.

## REFLEXÕES X

---

Durante minha rápida visita, ouvi muitas críticas e de toda a ordem contra o regime, mas não ouvi uma única vez um venezuelano se queixando desses gastos chavistas em favor dos bolivianos, dos nicaraguenses, dos argentinos e, agora, dos paraguaios. Por quê? Sem dúvida, porque aquele espírito solidário, sacrificado e generoso que levou tantos milhares de venezuelanos a sair desse pequeno e pobre país que era a Venezuela, para derramar seu sangue pela liberdade da América Latina, no início do século XIX, continua incendiando os corações de seus descendentes. ●

**Mario Vargas Llosa**

## O poder e o delírio de Chávez

Mario Vargas Llosa

13 de dezembro de 2008

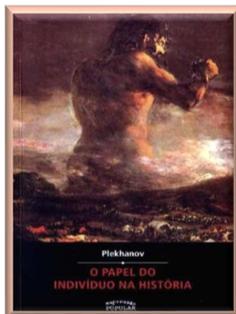
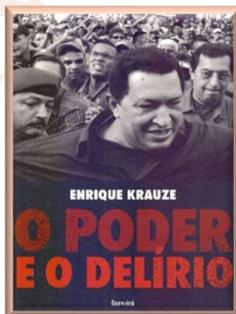


Aqueles que consideram o comandante Hugo Chávez um ser primitivo e superficial, a julgar pelas suas aparições na TV, quando ele esbanja truculência, demagogia, vulgaridade, ataques e termos de gíria, vão se surpreender ao ler o livro que o historiador e ensaísta mexicano Enrique Krause dedicou ao presidente

venezuelano, intitulado O Poder e o Delírio.

Nesse intenso trabalho de averiguação, Chávez aparece, desde adolescente, antes mesmo de ingressar no Exército, como um jovem tomado por uma paixão subversiva e patriótica, que pratica beisebol e devora livros sobre a história do seu país, biografias dos seus heróis, que investiga sem tréguas a vida e as façanhas de Simón Bolívar, personagem que cultua como uma religião e sonha copiar. Mais tarde, já oficial do Exército, Chávez vai se converter à ideologia e os objetivos revolucionários dos guerrilheiros que ele tinha por missão combater na região de Anzoátegui. Nos anos 1970, segundo Krause, ele lê um livro que muda sua vida: O Papel do Indivíduo na História, do pai do marxismo russo, Georgi Plejanov. A partir daí, combinando reflexões pessoais com leituras de Marx, Lenin e panfletos revolucionários latino-americanos e, ao lado da devoção por Bolívar, cultivando também uma fascinação por Fidel Castro, ele constrói sua ideologia peculiar, uma aliança de militarismo, marxismo e fascismo.

Tudo isso decorria em segredo, claro, já que o Exército do qual Chávez faz parte nessa época



identificava-se com os governos democráticos da Venezuela, empenhando-se numa luta difícil contra as guerrilhas, que, apoiadas por Cuba, tinham aberto várias frentes de luta no interior do país. Chávez forma sociedades secretas e conspira, preparando-se para tomar o poder por meio de um golpe, que tentaria, e fracassaria, em 1992, durante o segundo governo de Carlos Andrés Pérez.

De modo que, quando Chávez sobe ao poder, em 1998, ungido pelos votos dos eleitores venezuelanos, está longe de ser um político inexperiente. E põe em prática um projeto político e social que vai refinando e radicalizando durante seu governo, mas que já tinha em mente desde a juventude.

Essa é também a tese do ex-presidente boliviano Jorge Quiroga, para quem Chávez é um astuto estrategista que, por trás dos excessos histriônicos, vai construindo paulatinamente e à base de cheques – *petrocheques* – um império continental estatista, totalitário e caudilhista. Esse projeto, diz Krause, embora seja promovido com uma retórica revolucionária e marxista, pelo seu componente militarista, vertical, sobretudo pelo culto irracional do herói, é essencialmente fascista e se assemelha mais, na América Latina, a Perón e o peronismo.

Um dos aspectos mais interessantes do trabalho de Krause é que ele mostra a influência que um pitoresco personagem, com um prontuário híbrido, exerce sobre Chávez. Trata-se de Norberto Ceresole, peronista, professor da Escola Superior de Guerra na União Soviética, representante do Hezbollah na Espanha, antissemita e neonazista militante, autor de livros de geopolítica que negam o Holocausto.

Depois de estar ligado à ditadura militar de esquerda do general Velasco Alvarado, no Peru, Ceresole tornou-se assessor e apologista [(**apologista**: que ou quem é partidário, defensor apaixonado de (alguém ou alguma coisa)]. do comandante Chávez, acompanhando-o em suas viagens pelo interior da Venezuela. *O Poder e o Delírio* é um livro bastante agradável, uma mescla de ensaio histórico, reportagem jornalística, documento de atualidade e análise política. Traça um retrato vívido do passado imediato venezuelano, em que estão as

raízes secretas da crise que abriu para Chávez as portas do poder, com a deterioração, a dilapidação e a corrupção em que degenerou uma democracia que, após a derrubada da ditadura de Pérez Jiménez e com o governo de Rómulo Betancourt, tinha iniciado um período, exemplar naquele momento histórico da América Latina, de liberdades públicas, fortalecimento das instituições civis e da legalidade, e de uma intensa preocupação social.

Krause qualifica Betancourt, com justiça, como "a figura democrática mais importante do século XX na América Latina", pois ele não só fomentou a liberdade em seu país, como também lutou sem esmorecer contra todas as ditaduras, de Trujillo a Fidel Castro, que mantinham o continente no atraso e na barbárie. Se a chamada "doutrina Betancourt", que visava a obter o compromisso de todos os governos democráticos do continente de romper relações e perseguir diplomaticamente esses regimes tivesse prosperado de fato, o destino político da América Latina na verdade seria outro. Por isso, Betancourt foi atacado ferozmente pelos dois extremos e salvou-se por milagre de vários atentados contra sua vida.

Krause tem razão: Rómulo Betancourt foi um democrata íntegro, um estadista honrado e lúcido; se todos os governantes que o sucederam tivessem seguido o seu exemplo, jamais teria surgido na Venezuela um fenômeno como o de Chávez. Infelizmente, não foi o que ocorreu, e, como se verificou em outras democracias latino-americanas, a ineficiência e a corrupção que se seguiram fizeram que grandes setores sociais, frustrados nos seus anseios, se deixassem seduzir pelo canto da sereia revolucionário.

Nos animados diálogos, mesas-redondas e entrevistas com intelectuais venezuelanos das mais variadas tendências que acompanham o ensaio de Krauze, revela-se toda a complexidade da situação atual na Venezuela e fica claro que existem critérios muito distintos entre as análises feitas por figuras da oposição, de Teodoro Petkoff a Germán Carrera Damas ou Simón Alberto Consalvi, para explicar o fenômeno Chávez.

Mas o resultado desse rico material polêmico é alentador: o que há de mais consistente na intelectualidade venezuelana, seja de

## REFLEXÕES X

---

esquerda, centro ou direita, milita nas fileiras da oposição democrática ao regime caudilhisto de Chávez e trabalha para impedir que o seu projeto autoritário anule os espaços de liberdade que ainda sobrevivem. E todos parecem ter a mesma convicção de que essa luta pela liberdade deva ser pacífica, de ideias e princípios, e eleitoral.

Essa é a primeira vez na história da América Latina que um regime "revolucionário" não conseguiu recrutar um único artista, pensador ou escritor de valor –, mas colocou-os todos na oposição. Vale a pena sublinhar e comemorar esse fato, porque até agora todas as nossas ditaduras, principalmente as de esquerda, tiveram como paladinos muitos intelectuais, alguns de alto nível.

Não é menos extraordinário o fato de que na vanguarda da resistência a Chávez estejam os estudantes universitários, na sua grande maioria, sobretudo aqueles de universidades públicas, ou seja, de origem menos rica.

Krauze entrevistou vários deles e faz um exame perceptivo das razões que levaram esses jovens venezuelanos a repudiar a suposta "revolução socialista do século XXI" e a se mobilizar, em dezembro de 2007, contra a tentativa de Chávez de legitimar sua eternização no poder por meio de um plebiscito. Essa derrota sofrida pelo regime é uma data histórica porque, a partir daí, a relação de forças mudou, e isso ficou provado no dia 23, com o resultado das eleições, com a oposição conquistando os cinco Estados principais do país e um grande número de prefeituras.

Não creio que seja utopia prever que, a partir de agora, embora leve tempo, a Venezuela vai deixar de retroceder para o autoritarismo pleno, para seguir novamente na direção de uma democracia renovada, enriquecida pela experiência e vacinada contra os erros que engendraram a anomalia da qual hoje o país quer se libertar. ●

**Mario Vargas Llosa**

## O fim moral da política israelense

Mario Vargas Llosa

12 de janeiro de 2009



Haverá alguma possibilidade de a invasão militar de Israel na Faixa de Gaza "destróçar a infraestrutura terrorista" do Hamas – objetivo oficial da operação – e pôr fim ao disparo de foguetes artesanais dos integristas palestinos de Gaza contra as cidades israelenses da fronteira? Acho que nenhuma. Ao contrário, essa operação militar, que até este exato momento deixou milhares de feridos e já matou quase 900 palestinos, entre eles um grande número de crianças e de civis, terá o efeito de um massacre de parte da comunidade palestina, da qual o Hamas sairá fortalecido, e o setor moderado, ou seja, a Autoridade Nacional Palestina (ANP), liderada por Mahmud Abbas, será diminuída.

Para que o argumento usado por Ehud Olmert e seus ministros como justificativa do ataque tivesse uma aparência de realidade, Israel deveria voltar a ocupar Gaza com uma enorme força militar permanente ou perpetrar um genocídio que nem mesmo os mais fanáticos de seus falcões se atreveriam a assumir, e nem, esperamos, o resto do mundo toleraria, embora a opinião pública internacional tenha demonstrado – mais uma vez – uma total indiferença pelo destino dos palestinos.

A verdade dos fatos é que, por mais feroz que tenha sido o castigo infligido pelo Exército de Israel a Gaza, e precisamente em razão do sentimento de impotência e ódio pelo ocorrido com o 1,5 milhão de palestinos que vivem esfomeados e quase asfixiados nessa ratoeira, é provável que, uma vez que o Exército se retire da Faixa e a "paz" seja restabelecida, as ações terroristas se renovem com mais brio e um desejo de vingança alimentado pelos sofrimentos destes dias.

Os defensores dos bombardeios e da invasão respondem a seus críticos com a pergunta: "Até quando um país pode suportar que

suas cidades sejam vítimas de foguetes terroristas disparados em suas fronteiras, durante dias, meses, por uma organização como o Hamas, que não reconhece a existência de Israel nem esconde seu propósito de acabar com o país?"

A pergunta é muito pertinente e ninguém que não seja fanático ou terrorista pode justificar o assédio criminoso constante do Hamas contra as populações civis de Israel. Ora, ao se procurar as causas do conflito, em minha opinião é desonesto ficar somente nos foguetes artesanais do Hamas, e não retroceder um pouco mais no tempo para entender (o que não significa justificar, evidentemente) o que acontece nesse explosivo pedaço do mundo.

A vitória eleitoral que levou o Hamas ao poder na Faixa de Gaza não foi um ato de adesão maciça dos palestinos ao fanatismo integrista nem aos atos terroristas. Foi o repúdio perfeitamente legítimo dos cidadãos da ineficiência e, principalmente, da descarada corrupção dos dirigentes da ANP. E, ainda, um típico ato de autodestruição ao qual os seres humanos, indivíduos ou coletividades estão propensos quando chegam a situações-limite, na impossibilidade de se defender e no desespero total.

Desde cedo, a retirada de Israel de Gaza e o abandono dos 21 assentamentos de colonos que havia na região, no verão de 2005, despertou grandes esperanças. O gesto impulsionaria o processo de paz, conduzindo à criação de um Estado Palestino que coexistiria com Israel e garantiria sua segurança no futuro. Não só isso deixou de acontecer, como o Hamas se fortaleceu com o poder. Suas disputas com o Fatah, com tiroteios e assassinatos, e a política de Israel de impedir a comunicação a Gaza e de mantê-la em uma espécie de quarentena implacável – proibindo que exportasse e importasse, fechando-lhe o uso do ar e do mar, permitindo que seus habitantes só saíssem desse gueto de maneira muito limitada e depois de trâmites opressivos e humilhantes – contribuíram para o "grande fracasso econômico" que hoje em dia os falcões de Israel exibem como prova da incompetência dos palestinos para governar a si mesmos.

Eu me pergunto se algum país do mundo poderia progredir e

modernizar-se nas condições atrozes de existência do povo de Gaza.

Ninguém me contou isso, não sou vítima de nenhum preconceito contra Israel, um país que sempre defendi, principalmente quando era alvo de uma campanha internacional orquestrada por Moscou, que apoiava toda a esquerda latino-americana. Eu vi com meus próprios olhos, e senti asco e revolta pela miséria atroz, indescritível, na qual estão morrendo aos poucos, sem trabalho, sem futuro, sem espaço para viver, nas covas estreitas e imundas dos campos de refugiados ou nessas cidades densamente povoadas e cobertas de lixo, por onde passeiam ratazanas diante dos olhos e a paciência dos transeuntes, essas famílias palestinas condenadas simplesmente a vegetar, a esperar que a morte venha pôr fim à existência sem esperança, de absoluta desumanidade, que é a sua.

São esses pobres infelizes, crianças, velhos e jovens, privados de tudo o que torna a vida humana, condenados a uma agonia tão injusta e tão larval quanto a dos judeus nos guetos da Europa nazista, que agora estão sendo massacrados pelos caças e tanques de Israel, sem que isso sirva para aproximar-se um milímetro da paz tão ansiada.

Ao contrário, os cadáveres e os rios de sangue dos últimos dias só servirão para afastá-la e levantar novos obstáculos e semear mais ressentimentos e raiva no caminho da negociação. Tudo isso é sabido, e muito melhor do que eu ou qualquer observador possa saber, pelos dirigentes de Israel, que podem ter perdido os sentimentos e a moral, mas não a inteligência. A classe dirigente israelense tem um nível muito elevado, é bem mais culta e preparada que a média do Ocidente. Sendo assim, para que lançar uma operação militar que não acabará com o terrorismo dos fanáticos do Hamas e, em vez disso, servirá para desprestigiar um Estado, que com ações punitivas como essa perdeu a superioridade moral que tinha sobre seus inimigos no passado, por exemplo quando Yitzhak Rabin firmou os Acordos de Oslo de 1993?

Acredito que a resposta é a seguinte: desde o fracasso das negociações de Camp David e de Taba de 2000-2001, nas quais o governo israelense liderado por Ehud Barak esteve disposto a fazer

importantes concessões que Arafat cometeu a insensatez de recusar, a sociedade israelense, profundamente decepcionada, viveu um processo de "direitização" radical e, em sua grande maioria, chegou à conclusão de que não há acordo razoável possível com os palestinos. Portanto, somente uma política de força, de repressão e castigos sistemáticos os submeterá, fazendo-os aceitar, no fim, uma paz imposta segundo as condições de Israel. Isso explica a popularidade que teve Ariel Sharon e o aumento do apoio ao movimento dos colonos, que continuam implantando assentamentos onde bem lhes agrada na Cisjordânia, e à construção do Muro que isola, divide e encolhe a Cisjordânia palestina.

E explica também que, desde o início das chuvas de bombas sobre Gaza, tenha disparado a popularidade dos trabalhistas de Ehud Barak, o atual ministro da Defesa, e da líder do Kadima, a chanceler Tzipi Livni, os quais, graças à operação militar contra Gaza, reduziram a vantagem de que desfrutava, às vésperas das próximas eleições, o conservador Benjamin Netanyahu.

Não devemos esquecer que, segundo as pesquisas, mais de dois terços dos israelenses aprovam a ação militar contra Gaza. "Nossos corações endureceram e nossos olhos se turvaram", afirma o jornalista israelense Gideon Levy, em um artigo publicado no jornal Haaretz, na edição do dia 4, comentando a incursão do Exército de seu país contra o Hamas em Gaza.

Como tudo que ele escreve, seu texto transpira decência, lucidez e coragem. É um lamento por esse progressivo desaparecimento da moral da vida política de seu país, fenômeno que, segundo Albert Camus, antecede sempre os cataclismos históricos, e uma crítica a intelectuais progressistas como Amos Oz e David Grossman, que antes costumavam protestar energicamente contra acontecimentos como os bombardeios de Gaza e agora, timidamente, refletindo a involução generalizada da vida política israelense, só se animam a reclamar a paz. Obrigado por demonstrar-nos que ainda existem homens justos em Israel, amigo Gideon Levy. ●

**Mario Vargas Llosa**

## Obama e a turbulência do mundo real

Mario Vargas Llosa

24 de janeiro de 2009



Nunca na história um presidente dos EUA entrou na Casa Branca com uma popularidade tão grande como Barack Obama. A posse em 20 de janeiro foi uma bonita cerimônia, pela multidão presente e pelo discurso deste grande orador que é o novo mandatário, mas, sobretudo, porque todos que a acompanharam, em pessoa ou na tela da televisão, compartilharam a impressão de estar presenciando um momento histórico. De tão usada essa expressão se tornou um lugar-comum, mas a chegada de um negro à presidência dos EUA, um país onde há apenas meio século se praticava a segregação racial, de que outra maneira poderia se chamar?

O contundente triunfo eleitoral de Obama foi uma demonstração inequívoca da formidável capacidade de transformação dos EUA e algo como o ponto de partida do nascimento da vocação multirracial da democracia americana. Agora, terminada a festa, começam os problemas.

Como se espera tanto dele, e tantas coisas contraditórias, é inevitável que Obama decepcione muita gente. De imediato, os que acreditavam que ele faria uma virada radical na política para Cuba, já sabem que se enganaram: ele está disposto a dialogar com Raúl Castro, mas não levantará o embargo enquanto ainda houver presos políticos na ilha e não surgir um processo de democratização. Quanto a Chávez, antes mesmo do juramento, Obama censurou explicitamente o caudilho venezuelano por haver freado com suas políticas a modernização da América Latina. A respeito da crise econômica não há muito mais que o novo presidente possa fazer.

As medidas básicas de ajuda e correção financeira estão em marcha e só cabe esperar que a confiança e o entusiasmo que sua pessoa e

## REFLEXÕES X

---

liderança despertaram ajudem psicologicamente a acelerar um pouco uma recuperação econômica que, de todo modo, será lenta e difícil.

O Iraque está muito bem encaminhado, embora seja sabido que os atentados terroristas continuarão por muito tempo, mas os progressos são notáveis. Prova disso é a campanha eleitoral em marcha para as eleições de 31 de janeiro em que se renovarão 440 cadeiras em 14 das 18 províncias iraquianas. As candidaturas cobrem todo o espectro político e religioso e há um grande número de mulheres candidatas.

O problema sério, e que se agrava a cada dia, é o Afeganistão. Os taleban reconstruíram sua infraestrutura bélica e operam já na metade do país, enquanto o desprestígio do governo de Hamid Karzai aumenta por sua ineficácia e corrupção. Obama disse que fortaleceria o empenho militar e espera que os aliados colaborem. Mas, provavelmente, o que faz falta no Afeganistão talvez não sejam novas forças militares, mas uma estratégia eficiente semelhante à desenhada e executada no Iraque pelo general Petraeus, que hoje exerce o comando supremo das Forças Armadas americanas em todo o Oriente Médio.

Os taleban recebem ajuda sistemática do Paquistão, onde contam com aliados e cúmplices em todos os escalões oficiais, sobretudo nos serviços de inteligência, e utilizam as regiões limítrofes como santuários para curar seus feridos, dar descanso a seus comandos ou refugiar-se em casos de necessidade. Embora o Paquistão seja, em teoria, um aliado dos Estados Unidos, seu governo e suas Forças Armadas estão infiltrados por islâmicos fanáticos.

O outro, ainda mais grave, é Israel. Ali, neste pequeno território que israelenses e palestinos compartilham – como fariam gato e rato – joga-se a sorte de todo o Oriente Médio e, talvez, do mundo. Os Estados Unidos são o único país com suficiente influência sobre ambos os adversários para induzi-los a uma negociação que termine no que, em princípio, tanto Israel como os palestinos dizem aceitar: dois Estados independentes e garantias seguras para a sobrevivência de Israel. O presidente americano Bill Clinton esteve a

ponto de consegui-lo em Camp David e Taba em 2000-2001 e, no último momento, fracassou porque Yasser Arafat, então líder da Organização para a Libertação da Palestina (OLP), rechaçou um acordo em que Israel havia feito concessões importantes: a devolução de 95% dos territórios ocupados e a instalação do governo palestino na seção oriental de Jerusalém. Embora seja mais difícil a retomada dessas negociações depois da terrível carnificina perpetrada nesses dias em Gaza pelos bombardeios israelenses, não há outro caminho.

É óbvio – para qualquer um que não seja um obtuso ou um fanático – que aquele conflito não se resolverá jamais por meio do terror e da matança. Seguirá Obama a tradição dos governos americanos de adesão incondicional às políticas de Israel ou terá a coragem de adotar uma posição mais equitativa e neutra, servindo de muro de contenção para os excessos dos falcões israelenses convencidos de que a única solução aceitável é submeter os palestinos com operações de castigo como a de Gaza e impor-lhes uma solução à força? É a grande incógnita.

O novo presidente disse que quer diálogo e aproximação com o mundo árabe. A condição para isso é apenas uma: propiciar uma solução negociada entre ambas as partes. Se Obama o conseguir será muito mais fácil frear as intenções do Irã de se dotar de uma arma nuclear e estimular os setores moderados e democráticos do mundo árabe e muçulmano a agir unidos para reprimir a ameaça terrorista do fundamentalismo islâmico sobre a região.

As relações dos Estados Unidos com os países da União Europeia, onde Obama já é mais popular que na América do Norte, melhorarão com o novo mandatário e seguramente a colaboração se intensificará tanto no âmbito econômico como diplomático e militar. Isso sem dúvida resultará num fortalecimento da **Otan**.

Com a Rússia de Putin haverá desencontros e tensões, com certeza, mas o novo despotismo russo não significa nem sombra da ameaça que constituía para o Ocidente democrático a União Soviética comunista. Sem ideologia nem mística alguma, o regime construído por Putin e seus colegas da antiga KGB é pura e simplesmente uma

## REFLEXÕES X

---

autocracia mais ou menos corrompida, condenada, mais cedo ou mais tarde, à decomposição, à qual, com sorte, seguirá o renascimento de uma nova democracia com bases mais sólidas que aquela da qual os russos tiveram uma fugaz e medíocre antecipação quando o império soviético desmoronou.

As grandes realizações do presidente Obama deverão ter lugar nos próprios Estados Unidos, onde aberrações como as de Abu Ghraib e Guantánamo deveriam desaparecer. Sua eleição foi um feito extraordinário e uma verdadeira emulsão para as minorias raciais do país, não só a de origem africana, também a hispânica e a asiática, mas faltam reformas audaciosas que abram as portas para essas minorias numa verdadeira igualdade de oportunidades que, melhorando a educação pública e os sistemas de saúde, lhes permita competir nos mercados sem desvantagens com os setores favorecidos. E que reconheçam aos imigrantes a função indispensável que jogam na economia nacional e eliminem as disposições que ainda mantêm muitos deles na marginalidade.

A América Latina é, talvez, a região do mundo menos familiar para o presidente Obama, mas ele se comprometeu a corrigir esse vazio de sua formação e deu mostra de sua boa vontade ao se reunir, antes que com qualquer outro mandatário, com o presidente do México. Agora, a política de Obama para a América Latina deverá ser a que, felizmente, vêm seguindo mais ou menos os últimos governos: apoio e colaboração com as democracias e rejeição das ditaduras, de qualquer índole. Enquanto isso, no complicado campo econômico, ele terá de resistir aos apelos do "nacionalismo econômico" dos sindicatos reacionários dos Estados Unidos, desconsiderar sua oposição aos tratados de livre comércio e alinhar-se abertamente com aqueles que propiciam a abertura de mercados ibero-americanos.

Sorte e êxito, presidente Obama. ●

**Mario Vargas Llosa**

## O furacão peruano

Mario Vargas Llosa

26 de março de 2009



*Um dia Gastón Acurio não aguentou mais. Confessou por aí: ia ser chef, não advogado. Desde então, ninguém fez tanto quanto ele para mostrar que o Peru, com todas as carências e limitações, tem uma das cozinhas mais variadas, criativas e refinadas do mundo*

No início dos anos 1970, numa casa situada no limite dos bairros San Isidro e Lince, em Lima, onde se misturavam a elite e o povão, um garoto costumava se enfiar na cozinha para se ver livre das quatro irmãs mais velhas e dos namorados que vinham visitá-las. A cozinheira deixava que o menino tocasse com os olhos, e às vezes com as mãos, os ensopados que preparava. Um dia, a dona da casa descobriu que seu único filho aprendera a cozinhar e gastava a mesada no armazém Súper Epsa, da esquina, comprando lulas e outros alimentos que não figuravam no menu caseiro, para fazer experiências com eles. O garoto chamava-se Gastón Acurio, como o pai, um engenheiro, político e colaborador próximo de (ex-presidente) Fernando Belaúnde Terry.

Estimulado pela mãe, o menino passou boa parte da infância e adolescência na cozinha, enquanto concluiu o ensino médio e ingressava na Universidade Católica, onde se formou advogado. Ambos esconderam do pai essa vocação do jovem Gastón, temendo que o pai talvez pudesse considerá-la inusitada e pouco viril. Em 1987, Gastón Acurio foi para a Espanha, continuar seus estudos de direito. Tirava notas boas, mas, concluídos os exames, esquecia todas as leis que havia estudado. Na verdade, o que ele lia com paixão não eram os tratados jurídicos, mas livros de culinária.

O exemplo e a lenda de Juan María Arzak o deixaram deslumbrado. Um belo dia, vendo que não poderia mais continuar fingendo, decidiu confessar a verdade ao pai. E assim, Gastón Acúrio pai, meu

grande amigo, visitando em Madri o filho que ele achava que estaria definitivamente encaminhado na advocacia, descobriu que o jovem não só não gostava de direito, mas – horror dos horrores – sonhava se tornar um cozinheiro!

Ele admite que sua surpresa foi enorme e estou certíssimo de que, naquele momento, perdeu a fala e caiu-lhe o queixo. No Peru, nessa época, a noção que prevalecia era de que a culinária podia ser uma inclinação, mas nunca a profissão de um jovem da classe alta. Contudo, homem inteligente, Gastón Acurio pai acabou por ceder diante da vocação do filho e deu-lhe um cheque para que completasse em Paris sua formação na escola Cordon Bleu. Nunca se arrependeu e hoje deve ser um dos pais mais orgulhosos do mundo da trajetória do herdeiro.

O jovem Gastón frequentou a Cordon Bleu por dois anos e ali conheceu uma francesa de origem alemã, Astrid, que, como ele, abandonara os estudos universitários – no caso dela, medicina – para dedicar-se à confeitaria. Foram feitos um para o outro e, inevitavelmente, se enamoraram e casaram.

Depois de terminar os estudos e praticar seus conhecimentos em restaurantes europeus o casal instalou-se em Lima e abriu seu primeiro restaurante, Astrid y Gastón, em 14 de julho de 1994, com US\$ 45 mil emprestados de parentes próximos e distantes. O sucesso foi quase imediato e, 15 anos depois, Astrid y Gaston exibe suas deliciosas versões da cozinha peruana não só em Lima, mas também em Buenos Aires, Santiago, Quito, Bogotá, Caracas, Panamá, México e Madri.

Nesses restaurantes, a tradicional cozinha peruana é o ponto de partida, mas não de chegada. Ela foi depurada e enriquecida com toques pessoais que a tornaram mais sutil, adaptada às exigências da vida moderna, às circunstâncias e oportunidades do mundo atual, sem trair suas origens, mas também sem renunciar à invenção e à renovação. Outra variante do gênio gastronômico de Gastón é o restaurante La Mar, menos elaborado e formal e mais próximo dos autênticos sabores da cozinha popular. Da mesma

## REFLEXÕES X

---

maneira de Astrid y Gastón, depois de triunfar no Peru, La Mar também já tem uma feliz existência em sete outros países.

E como se isso não bastasse, nos últimos anos surgiram outras cadeias, cada uma com personalidade própria e promovendo uma especialidade da exuberante cozinha peruana. É o caso de Tanta, Panchita, Pasquale Hermanos, os sucos peruanos La Pepa e – sua última criação – Chicha, em cidades do interior dotadas de uma comida regional própria, que esses restaurantes pretendem enaltecer. Em 2008, as vendas da cadeia alcançaram US\$ 60 milhões.

Mas o sucesso de Gastón Acurio não pode ser medido em cifras, embora convenha dizer que seu talento como empresário seja equivalente ao que ele mostra frente às panelas e fogões. Sua façanha é social e cultural. Ninguém fez tanto como ele para que o mundo começasse a descobrir que o Peru, país com tantas carências e limitações, possui uma das cozinhas mais variadas, criativas e refinadas do mundo, que pode competir, sem nenhum complexo, com as mais famosas, como a chinesa e a francesa. (A que se deve esse fenômeno? creio que à longa tradição autoritária do Peru: a cozinha foi uma das poucas ocupações em que os peruanos podiam dar rédea solta à criatividade e liberdade sem riscos.) E Gastón Acurio é, em grande parte, o responsável pelo fato de que, hoje, os jovens peruanos de ambos os sexos sonhem ser chefs, como antes sonhavam ser psicólogos, ou economistas.

Atualmente ser chef de cozinha é uma profissão que dá prestígio, uma vocação engrandecida inclusive pela frivolidade<sup>9</sup>. Por isso, apesar da crise, em Lima são abertos novos restaurantes e as escolas de alta culinária proliferam. Se há alguns anos alguém me dissesse que um dia eu veria se organizarem no exterior "viagens turístico-gastronômicas" ao Peru, não acreditaria. Mas é o que tem ocorrido e suspeito que os *chupes de camarones* (ensopado de camarão), os *piqueos* (tira-gosto), o ceviche, o *lomito saltado* (refogado de carne), o *ají de gallina* (refogado de galinha com pimentão), a *pachamanca*

---

<sup>9</sup> **Frivolidade:** qualquer coisa de pouco valor; coisa fútil; ninharia.

## REFLEXÕES X

---

(assado na pedra de carnes as mais variadas), os *picarones* (rosquinhas fritas embebidas em mel ou xarope) e outros estejam atraindo tantos turistas quanto os palácios coloniais e pré-hispânicos de Cuzco e as ruínas de Machu Picchu.

A casa-laboratório que Gastón Acurio tem em Barranco, onde explora, investiga, fantasia e discute novos projetos com seus colaboradores adquiriu renome mítico e atrai chefs e críticos. Graças a Gastón Acurio os peruanos aprenderam a apreciar sua riqueza gastronômica. Ele tem um programa de TV no qual visita restaurantes, revelando a incrível diversidade de receitas, suas variantes, inovações e criações da cozinha peruana. Como arranja tempo para fazer tantas coisas (e bem) é um mistério. O sucesso não o embriagou. É um homem simples, pragmático, vacinado contra o pessimismo e, como tem prazer imenso com o que faz, é estimulante ouvi-lo falar de seus projetos e sonhos. Não tem tempo para invejas e seu grande entusiasmo é contagiante. Se houvesse uma centena de empresários e criadores como Gastón Acurio, o Peru há muito teria deixado de ser um país subdesenvolvido. ●

**Mario Vargas Llosa**

## Caso Fujimori é aviso aos ditadores

Mario Vargas Llosa

18 de abril de 2009



A condenação do ex-ditador peruano Alberto Fujimori a 25 anos de prisão por crimes contra os direitos humanos por um Tribunal da Corte Suprema do país transcende amplamente os limites geográficos peruanos e paira a partir de agora sobre toda a América Latina como uma advertência aos que, de uma ponta a outra do continente, aspirem a tomar de assalto o poder e governar amparado na força. Ficam sabendo os governantes que espezinham<sup>10</sup> a Constituição e as leis e mandam torturar e assassinar que seus crimes não ficarão impunes, como quase sempre ocorreu até agora, mas que tarde ou cedo poderão ser julgados e punidos por seus próprios povos. Trata-se de um precedente histórico único para os que sonham com uma América Latina emancipada para sempre da peste autoritária.

O ex-ditador foi condenado por dois sequestros e dois massacres particularmente cruéis entre os muitos que foram perpetrados durante seu regime, mas não pelo delito mais grave que cometeu: ter destruído, por um ato de força militar, em 5 de abril de 1992, a democracia graças a qual havia sido eleito dois anos antes em eleições legítimas para ocupar a presidência do Peru.

Os dois sequestros – do jornalista Gustavo Gorriti e do empresário Samuel Dyer – coincidiram com o golpe de Estado. O primeiro dos massacres foi realizado alguns meses antes, em novembro de 1991, num bairro do centro de Lima – Barrios Altos –, onde um esquadrão da morte conhecido como Grupo Colina, integrado por militares e formado com a anuência de Fujimori, assassinou 15 pessoas, entre elas um menino de 8 anos, que celebravam uma

---

<sup>10</sup> **Espezinhar**: tratar com tirania, com crueldade; oprimir, tiranizar, pisotear.

## REFLEXÕES X

---

festa. O pretexto – falso – para a invasão e os assassinatos era de que a festa seria na verdade uma reunião para arrecadar fundos para o movimento terrorista Sendero Luminoso. Um dos fatores que desencadeou a ação foi, contudo, garantir a impunidade para os delitos que o novo governo já vinha cometendo, não só contra os direitos humanos, mas também econômicos, pois já havia começado a espoliação do patrimônio público, algo que, nos anos seguintes, alcançaria um ritmo vertiginoso sob a batuta do braço direito do presidente e especialista em latrocínios Vladimiro Montesinos.

A outra matança foi realizada em julho de 1992. Durante a noite, os pistoleiros do Grupo Colina invadiram a Universidade La Cantuta, que estava sob intervenção e cercada por uma força militar, e sequestraram nove estudantes e um professor. Todos foram assassinados com tiros na nuca em um descampado vizinho da universidade. Os matadores os enterraram ali mesmo, e, tempos depois, quando o jornalismo independente, a despeito das manobras de encobrimento do regime, descobriu as pegadas do crime, os desenterraram, queimaram e tornaram a enterrar os ossos em outro lugar.

O escândalo internacional que eclodiu quando essa história macabra se tornou pública expôs as entranhas sangrentas do sistema. Foi um dos episódios que mais mancharam a imagem da ditadura perante o povo peruano, parte do qual até então a apoiava na equivocada crença de que um governo autoritário poderia ser mais eficiente do que a democracia no combate aos terroristas do Sendero Luminoso e do Movimento Revolucionário Túpac Amaru.

Aliás, não foram os esquadrões da morte da ditadura que derrotaram Abimael Guzmán e os senderistas, mas um fato que marcou uma mudança qualitativa na luta antissubversiva. A captura de seu líder e de quase todo o Comitê Central do Sendero Luminoso deu-se graças a um rastreamento científico conduzido por um pequeno grupo de policiais adversário de Vladimiro Montesinos e do serviço de inteligência do regime.

O julgamento de Fujimori durou cerca de 17 meses, foi televisionado, assistido por jornalistas e observadores

## REFLEXÕES X

---

internacionais, e o acusado teve todas as garantias do direito de defesa respeitadas. O tribunal de três membros, presidido por um prestigiado criminalista, magistrado e professor universitário, o doutor César San Martín, cuja conduta ao longo do processo foi de uma serenidade e correção reconhecida por gregos e troianos, emitiu uma sentença que devia ser publicada e ensinada nas escolas de toda a América Latina (resumida, porque tem quase 700 páginas). O veredicto deve ser ensinado nas escolas para que as novas gerações conheçam, mediante fatos concretos e pessoas identificadas, a tragédia que significa para um país – em sofrimento humano, insegurança pública, delinquência, distorção de valores, mentiras, desprezo pelos mais elementares direitos de que um cidadão deveria gozar numa sociedade moderna, em corrupção e degradação das instituições – ter uma ditadura como a com que o Peru padeceu entre 1992 e 2000. Uma ditadura que só terminou quando Fujimori, fracassando em seu intento de se reeleger em eleições fraudulentas, fugiu para o Japão e, já do outro lado do mundo, renunciou à presidência por fax. ●

**Mario Vargas Llosa**

## Uma verdadeira autora popular

Mario Vargas Llosa

30 de maio de 2009



*Com cerca de 4.500 títulos publicados, Corín Tellado levou a milhões de leitores a maravilhosa experiência da ficção*

Por culpa dos antropólogos, o termo incultura desapareceu do vocabulário. No passado, a noção de cultura estava associada ao conhecimento elevado, humanístico e científico – ao domínio das artes, ao bom gosto e a uma sensibilidade refinada. A antropologia generalizou essa acepção, para abranger todas as manifestações da vida de uma comunidade, de modo que hoje encontramos na imprensa expressões como "a cultura de comer carne humana", a "cultura do contrabando", a "cultura do futebol", e coisas ainda piores.

Ninguém é mais inculto, todos nos tornamos cultos de alguma maneira, no que se constituiu, sem dúvida, a apoteose desta civilização marcada pela tendência à frivolidade<sup>11</sup>. Neste contexto não é errado dizer que Corín Tellado, que morreu no mês passado aos 82 anos, foi provavelmente o fenômeno sociocultural mais notável da língua espanhola desde o Século de Ouro. O que pode parecer uma heresia, e é de fato do ponto de vista qualitativo, mas não quantitativo. Porque nem Borges, nem Gabriel García Márquez, Ortega y Gasset, ou algum outro dos mais originais criadores ou pensadores da nossa língua, alcançaram um público tão grande e nem influíram tanto na maneira desse público sentir, falar, amar, odiar e entender a vida e as relações humanas como María del Socorro Tellado López, apelidada de Socorrín por sua família e amigos, que, em 1946, com 19 anos, escreveu em Cádiz o seu primeiro romance, uma história angelical em que um jovem

---

<sup>11</sup> **Frivolidade:** qualquer coisa de pouco valor; coisa fútil; ninharia.

marinheiro aposta que conseguirá beijar uma garota.

Corín Tellado deixou cerca de 4.500 romances, sem contar as peças de radioteatro, telenovelas, fotonovelas e filmes inspirados em suas obras que a deixaram célebre. Soube da existência dela em Paris, nos anos 1960, quando uma sobrinha minha, que chegara de Lima, trouxe uma mala repleta de romances da sua autora favorita. Uma precaução inútil porque havia na Rue de la Pompe um quiosque dedicado exclusivamente a vender, alugar ou fazer intercâmbio de obras de Corín Tellado, cujas clientes eram principalmente as empregadas domésticas espanholas e hispano-americanas.

Desde então fiquei tentado a conhecer essa extraordinária escritora que conseguira atingir um público jamais alcançado por livros de autores "cultos" da Espanha ou da América espanhola. Só consegui entrar em contato com ela em 1981, quando a entrevistei para um programa semanal, La Torre de Babel, que fiz por seis meses para a TV peruana.

Não foi nada fácil conseguir a entrevista. Sua desconfiança era justificada, pois ela já tinha sido ridicularizada por alguns articulistas. Foi uma grande surpresa quando a conheci, na sua casa em Roces, próximo de Gijón. Tinha cerca de 50 e poucos anos. Era baixinha, simpática, modesta, tímida, mas desenvolta e não suspeitava nem um pouco da fantástica popularidade que desfrutava nas camadas média e popular de uma vintena de países de língua espanhola e nas comunidades "hispanicas" de Nova York, Miami, Texas e Califórnia. Era uma mulher do interior, cuja vida passou entre Astúrias, Cádiz e Galicia, dedicando-se manhã, tarde e noite a escrever histórias de amor e desamor. Do seu fugaz casamento teve os filhos Begoña e Domingo, mas, fora isso e a separação, durante toda a sua vida se dedicou a fantasiar e a escrever.

Tinha uma rotina disciplinada e laboriosa. Sua governanta resolvia todos os problemas práticos e a acordava às 5 da madrugada. Imediatamente, ela se fechava no escritório, uma sala claustrofóbica, sem janelas, abarrotada de romances seus e ali permanecia dez horas escrevendo, com uma rápida pausa às 8 para

## REFLEXÕES X

---

o café da manhã. Escrevia sem parar e sem corrigir. Mas ao sair do escritório, no meio da tarde, já estava com 50 páginas unguadas e sacramentadas, metade do romance pronta.

Escrevia dois por semana e, nesse ritmo, sua obra chegava a 3 mil volumes. Ela me disse que o seu problema como escritora era que a sua cabeça "funcionava mais rápido do que sua habilidade de datilógrafa". Fora essas dez horas diárias de trabalho, sua vida não podia ser mais monótona e frugal.

Quatro jornais diários, uma boa sesta, alguma vez um livro, uma visita a uma amiga, de vez em quando um cinema. Algumas vezes ia a Gijón, para compras ou um restaurante. Mas para estar de volta a casa e na cama antes das 10 da noite. Nos meses de verão, banhos na piscina, uma ou outra partida de tênis.

Quando lhe perguntei sobre seus autores favoritos, percebi um certo incômodo e mudei de assunto. Sua ocupação não era ler, mas escrever. E tinha uma facilidade tão grande, que as histórias saíam da sua máquina incansável, como as palavras e a sua respiração. Não conhecia esse súbito pânico paralisante diante de uma página em branco que, de vez em quando, toma conta dos escritores com falta de ideias. Escrever era tão fácil e natural como respirar.

Sua absoluta falta de vaidade era assombrosa. Disse que sempre ficava maravilhada ao pensar que tanta gente lia seus romances e era evidente que falava a verdade. Seu editor a fez acreditar que imprimia somente 30 mil exemplares de cada um dos seus romances e, embora ela soubesse que aquele número não condizia com a realidade, não se importava. Se os editores apresentavam contas erradas, dava de ombros.

Contou-me que, às vezes, as exigências que faziam eram mais incômodas do que as dos censores, na época de Franco, que muitas vezes passaram a tesoura em suas histórias. Mas isso também não a incomodava muito, porque os cortes suavizavam as frases incriminadas. E me revelou, como prova da sua paciência franciscana e seu espírito de compreensão diante das incompreensões do mundo que, num de seus romances, ela tinha

## REFLEXÕES X

---

inventado um personagem cego. O editor devolveu o manuscrito com uma ordem: "Opere-o." Ela, claro, o operou.

Mesmo nunca tendo lido um livro de Corín Tellado, sempre a respeitei e a tratei com carinho e gratidão. Graças a ela, centenas de milhares, talvez milhões de pessoas que, de outro modo, nunca teriam aberto um livro, se emocionaram e por um momento viveram a experiência maravilhosa da ficção. Ela foi provavelmente a última escritora popular, no sentido mais exato da palavra, que levou uma variante (fácil, elementar, sentimental e truculenta) da literatura para um vasto público, aquele que jamais entra numa livraria e passa rapidamente pelas seções culturais das revistas, achando que literatura é algo maçante. É provável que, com ela, desapareça da nossa língua a literatura digna de ser chamada popular. O que existe já não o é e será cada dia menos, na medida em que as telas dos computadores vão exterminando os livros, ou empurrando-os para as catacumbas.

Amiga Socorrín, descanse em paz. ●

**Mario Vargas Llosa**

## Conflito da impossibilidade proposital

Mario Vargas Llosa

6 de junho de 2009



A mais notável e atrevida reforma promovida na política americana pelo presidente Barack Obama não diz respeito ao Iraque, nem às torturas de Guantánamo e nem a Cuba, mas a Israel. Pela primeira vez um governo dos Estados Unidos abandonou a linha seguida até agora por todos os seus predecessores, de alinhamento sistemático com Israel no seu conflito com os palestinos, uma atitude que até agora constituiu em um dos maiores obstáculos para um acordo de paz no Oriente Médio. Obama quebrou o gelo e permitiu a aproximação e a colaboração entre os países árabes e o mundo ocidental.

De fato, logo depois de tomar posse, a nova administração lembrou Israel do seu compromisso com o acordo de Annapolis de 2007, que estabelece a criação de dois Estados – um israelense e outro palestino – como fundamento para a paz e exigiu o fim da instalação de assentamentos na Cisjordânia. A recente entrevista de Obama com Netanyahu em Washington mostrou ao mundo, pela primeira vez na história, uma radical disparidade de critérios entre ambos os países, e por isso foi considerada em geral como um estrondoso fracasso.

Eu não sou tão pessimista. Ao contrário, creio que essa seja apenas uma primeira finta num boxe de sombras que poderia resultar por fim numa solução negociada para o conflito mais longo e áspero do qual padece o mundo desde 1948. Meu relativo otimismo parte da seguinte convicção: os Estados Unidos são o único país que tem credibilidade perante a opinião pública de Israel e é capaz de influenciar sua classe dirigente, pois ambas, por motivos que não cabe aqui explicar, sofrem de uma verdadeira paranoia em relação a todos os demais países, e em especial os da Europa Ocidental, sentimento que os faz enxergar inimigos por toda parte e considerar

cúmplices dos seus inimigos aqueles que se atrevem a criticar suas políticas, mesmo que da maneira mais amistosa. Além disso, esta psicose explica em parte o acelerado processo de radicalização extremista em Israel, visível no resultado das últimas eleições, que conduziram ao poder, além do ultranacionalista Netanyahu, do Likud, um fanático racista e xenófobo, Avigdor Lieberman, como seu ministro das Relações Exteriores, e cujo partido, Israel Beiteinu, recordemos, quer privar 1 milhão de árabes-israelenses da cidadania.

A aliança com os EUA é necessária a Israel, certamente em termos econômicos –, pois o país recebe uma ajuda de cerca de US\$ 3 bilhões anuais –, mas, sobretudo, em termos políticos, levando-se em consideração a sua condição de país cercado por adversários, alguns dos quais, como o Irã, exigem sua extinção, e a solidão internacional a que o país chegou por meio das suas medidas de força, como as recentes invasões do Líbano e de Gaza. Se os EUA mantiverem com firmeza a sua exigência para que Israel se atenha aos compromissos já firmados, cesse a criação de assentamentos na Cisjordânia e participe de negociações que permitam a criação de um Estado palestino, esta atitude terá a virtude de mobilizar novamente a adormecida e desmoralizada coletividade progressista de Israel, a qual durante tantos anos lutou pela "Paz Agora", que teve como uma de suas principais conquistas os Acordos de Oslo, estabelecendo a base para uma paz contínua, esperança que foi desgraçadamente frustrada pelo assassinato do primeiro-ministro Yitzhak Rabin, em 1995.

As dificuldades são enormes, e certamente não são responsabilidade apenas dos extremistas do governo de Israel, os quais, numa provocadora demonstração de força, anunciaram a criação de um novo assentamento de colonos na Cisjordânia – Maskiot, nas margens do Rio Jordão – durante as conversas de Obama com Netanyahu, mas também dos palestinos, cuja divisão entre os fanáticos terroristas do Hamas e os moderados do Fatah parece se agravar em vez de ceder, apesar dos esforços de Egito e Jordânia.

Mas, curiosamente, apesar desta radicalização extremista observada

## REFLEXÕES X

---

entre os palestinos, os EUA, desde a eleição de Obama, deixaram de ser vistos por uma ampla parcela da sociedade palestina como o inimigo imperialista e sócio do colonizador – o rótulo tradicional –, mas, em vez disso, como a potência que pode exercer uma função conciliadora na região.

Entre as dificuldades que precisam de solução, a mais grave no momento é o Irã. A ameaça do apocalíptico Ahmadinejad, que prometeu exterminar Israel, não pode ser considerada simples bravata de um demagogo, principalmente depois de sabermos que o governo iraniano acaba de testar com sucesso o Sayil-2, míssil com capacidade de atingir alvos situados a 2 mil quilômetros de distância, ou seja, com alcance suficiente para atingir Israel.

Por outro lado, apesar da pressão de todas as potências, da insistência dos organismos internacionais, das propostas dos EUA para dar início às negociações, o Irã segue irredutível no seu plano para adquirir armas nucleares. E isto, logicamente, só fez aumentar a inquietação israelense. Apesar de não haver confirmação destas notícias, aumentam os rumores sugerindo que, nos últimos meses, já por duas ocasiões os EUA tenham impedido o governo israelense de bombardear as instalações atômicas iranianas, medida que, segundo a opinião israelense, poderia retardar em vários anos a fabricação da arma nuclear pelo regime dos aiatolás, mas que, assim mesmo, poderia provocar novamente um conflito armado de consequências incalculáveis por todo o Oriente Médio.

É claro que se os falcões de Teerã ou de Jerusalém cometerem a insensatez de lançar um "ataque preventivo", a negociação palestino-israelense se verá postergada indefinidamente. Este é, provavelmente, o tema sobre o qual a diferença entre Israel e EUA encontra mais dificuldade para estabelecer um acordo.

Em sua recente visita à Casa Branca, Netanyahu insistiu que o Irã deveria encabeçar a lista de prioridades, e a negociação da Palestina deveria ser suspensa até que seja posto um fim à ameaça iraniana. De sua parte, Obama pensa que o início de negociações sérias entre Israel e Palestina criaria um clima capaz de permitir a superação da violência dos integristas de Teerã e de realçar o caráter de

protagonista dos setores mais abertos e razoáveis do regime.

Provavelmente será Obama o dono da razão. É hora de dar voz aos dirigentes políticos para que as sociedades civis de ambas as comunidades enxerguem uma luz no fim do túnel no qual estão metidas há décadas. Se o Hamas se negar a dialogar, que Israel negocie com a Autoridade Palestina, a qual, afinal de contas, é legítima (ainda que hoje seja minoritária na Palestina). Se os palestinos avisarem que esta negociação começa a dar frutos, é certo que eles voltarão a apoiá-la e que o Hamas perderá o apoio que recebeu nos últimos tempos por causa do desencanto produzido entre os palestinos pela ineficiência e corrupção dos governos do Fatah. Da mesma maneira, se este diálogo der sinais de se encaminhar para um bom resultado, é certo que em Israel será enfraquecida a força atual do extremismo, e os setores moderados e pacifistas voltarão a ser os protagonistas de outrora. Não há outro caminho para resolver o conflito israelense-palestino, convertido pelos fanáticos de ambos os lados numa impossibilidade proposital. ●

**Mario Vargas Llosa**

## Entre a liberdade e Hugo Chávez

Mario Vargas Llosa

13 de junho de 2009



Um Encontro sobre Liberdade e Democracia realizado em Caracas em 28 e 29 de maio, que teria passado despercebido pelo grande público e confinado a um reduzido âmbito intelectual, converteu-se, graças ao governo de Hugo Chávez, num acontecimento internacional. Em boa hora, pois desse modo um amplo setor pôde se inteirar dos atropelos que se cometem diariamente na terra de Bolívar contra as liberdades civis e da coragem com que tantos venezuelanos se mobilizaram contra o governo estatista e totalitário que pretende converter esse país numa segunda Cuba. Uma centena de escritores, intelectuais, políticos e jornalistas foram a Caracas festejar os 25 anos do Cedice, um instituto defensor da cultura democrática e da economia livre, que, apesar das perseguições de que foi e continua sendo vítima, segue promovendo as ideias liberais em meio à frenética campanha centralizadora e coletivista de um dos governos mais anacrônicos do mundo ocidental.

É verdade que a Venezuela ainda não é uma Cuba porque ainda restam espaços para a empresa privada e a imprensa livre, mas estes estão se fechando cada dia mais. Tanto empresários privados quanto órgãos de imprensa independente trabalham submetidos a perseguições e ameaças e com a espada de Dâmocles do confisco, da expropriação e do fechamento sobre suas cabeças. No entanto, a despeito dos julgamentos, multas e embaraços administrativos que os asfixiam, a inteireza com que continuam na briga é admirável.

No dia em que inauguramos o encontro completavam-se dois anos do fechamento da Rádio Caracas Televisión (RCTV), após a épica batalha pela sobrevivência travada por seu proprietário, Marcel Granier, e as centenas de jornalistas e demais trabalhadores da empresa. Agora, o alvo do regime é o último canal independente em

## REFLEXÕES X

---

que a oposição pode se expressar: a *Globovisión*. Da mesma forma que na *RCTV*, os 400 jornalistas e trabalhadores da *Globovisión* cerraram fileiras na defesa de seu centro de trabalho e de sua dignidade.

Qual é a popularidade real de Chávez? Numa das exposições mais notáveis do Encontro, María Corina Machado, fundadora do Movimento Cívico Súmate, mostrou, com documentos irrefutáveis, que o regime chavista, sob a aparência desordenada e caótica, maneja um rolo compressor, inteligente e implacável, de intimidação e extorsão das consciências e do voto, que manipula e subjuga, sobretudo os funcionários públicos, os pensionistas e os operários e trabalhadores eventuais, oferecendo-lhes segurança em seus empregos em troca de adesão política e fazendo-os crer que todos os seus movimentos e palavras são vigiados de modo que, ante o menor desvio, a represália governamental se abaterá sobre eles como uma guilhotina, privando-os do trabalho, do salário ou da pensão.

A ofensiva contra o setor privado da economia é vertiginosa. Um terço dela já está nas mãos do Estado. Dois milhões de hectares foram expropriados para ser convertidos – segundo um termo copiado da ditadura militar peruana do general Velasco Alvarado – em empresas de "propriedade social". Foram igualmente estatizadas as empresas elétricas, a maioria das telecomunicações, indústrias de cimento, todas as empresas de serviços petrolíferos e todas as empresas mistas de exploração de petróleo, bem como siderúrgicas e incontáveis empresas médias e pequenas de distintos setores com pretextos diversos ou sem pretexto algum, mediante a mera prepotência. No âmbito financeiro, o Banco Santander foi a primeira vítima da estatização.

Ainda há eleições, mas se trata de uma operação de relações públicas, pois o governo ignora seus resultados e anula e persegue os opositores eleitos. Manuel Rosales, o ex-governador de Zulia e prefeito de Maracaibo, teve de se exilar no Peru. O prefeito de Caracas, Antonio Ledesma, foi privado de praticamente todas as atribuições importantes que eram responsabilidade da municipalidade.

## REFLEXÕES X

---

É no campo sindical que o autoritarismo de Chávez encontrou maior resistência. Para tentar substituir a Central de Trabalhadores de Venezuela (CTV), Chávez criou a União Bolivariana de Trabalhadores, sindicato oficialista que, apesar do apoio escancarado do regime – e talvez por isso mesmo –, carece de legitimidade e filiados.

Dito tudo isso, e embora a resistência seja difícil contra um regime arrogante e sem escrúpulos, a batalha pela liberdade não está perdida na Venezuela. Uma das sessões mais emocionantes do encontro foi aquela em que os jovens prefeitos de Chacao, Sucre e Baruta – antes o havia feito o de Caracas –, expuseram como se arranjam. Como não haveria esperança num país onde todas as universidades, privadas e públicas, rejeitam o projeto totalitário, e onde os estudantes estão na vanguarda das manifestações contra as pretensões de Chávez de converter a Venezuela numa Cuba ou Coreia do Norte?

A revolução chavista é a primeira na história que nasceu órfã de ideias e de doutrinas e teve de se contentar apenas com *slogans* e lugares comuns porque em suas fileiras havia agitadores, mas não pensadores ou escritores dignos desse nome. Revoluções como a russa, a chinesa e a cubana imantaram em seus primeiros anos de idealismo e imaginação de grandes criadores, cuja ingenuidade as embelezou e prestigiou: depois, eles pagariam caríssimo por seu erro e iriam para o *gulag*.

Na Venezuela, porém, com exceções que se contam nos dedos, a classe intelectual mostrou, desde o primeiro momento, uma lucidez visionária. Nos cinco dias que acabo de passar na Venezuela me senti animado como nos melhores dias de minha adolescência. Sempre fui grato a este belo país. Agora, eu o sou ainda mais, pela extraordinária lição de fidalguia que recebemos de venezuelanos indomáveis na defesa de sua liberdade. ●

**Mario Vargas Llosa**

## Armadilhas na Amazônia peruana

Mario Vargas Llosa

27 de junho de 2009



Na semana passada, o Congresso peruano revogou os decretos legislativos que provocaram uma enorme revolta indígena na Amazônia, com o bloqueio de estradas, a ocupação de empresas, paralisações e ações armadas nas quais morreram 24 policiais – degolados, perfurados com lanças e queimados – e dez civis, deixando 150 pessoas feridas, segundo dados do Ministério Público. Na véspera, o presidente peruano, Alan García Pérez, autor dos decretos, fez uma autocrítica, lamentando não ter consultado as comunidades indígenas a respeito e explicando que a revogação dos dispositivos legais teve por objetivo alcançar a paz e acabar com o derramamento de sangue.

Desse modo, a Associação Interétnica para o Desenvolvimento da Amazônia (Aidesep), à qual estão filiadas cerca de 1.300 comunidades nativas, e seu dirigente Alberto Pizango – agora exilado na Nicarágua –, que lideraram o movimento rebelde, conseguiram uma vitória indiscutível. Embora a revogação dos decretos tenha sido acompanhada de uma proposta vaga de futuras negociações para tentar harmonizar as ideias das autoridades e das populações indígenas, todos sabem que este governo, ou futuros governos, não ousarão de novo tentar pôr a mão na Amazônia para estimular o investimento privado e o desenvolvimento econômico da região, que é a mais pobre e mais despovoada do Peru e representa cerca de dois terços do território nacional. Uma coisa, portanto, está totalmente garantida: os 332 mil indígenas da Amazônia – que baseado no censo de 2007 estão distribuídos em 15 grupos étnicos e falam 70 dialetos – continuarão sendo os cidadãos mais desamparados e explorados do Peru, os que recebem a pior educação, têm menos oportunidades de trabalho e as piores expectativas de saúde e de vida em todo o país.

## REFLEXÕES X

---

Se não é uma vitória de Pirro, então o que é? Apesar de sua linguagem difusa, os decretos revogados estavam muito bem orientados. Procuravam atender a uma necessidade vital de atrair investimentos privados e tecnologia de ponta para uma região com grandes reservas de gás, petróleo e minerais, e poderiam ser uma fonte de prosperidade e modernização para esse país tão pobre que é o Peru, começando, é claro, por quem mais precisa de ajuda: as comunidades nativas da Amazônia.

Qualquer pessoa que examinar os decretos em questão vai perceber como é falso afirmar que se desconheceu o direito de propriedade dos indígenas de suas terras ancestrais. Ao contrário: o objetivo, explícito e implícito, era demarcar essas circunscrições para que fossem legalizadas e não continuassem sendo uma mera abstração, rechaçada diariamente pelas múltiplas invasões de narcotraficantes, pelo desmatamento selvagem que está convertendo suas florestas em deserto, pela mineração ilegal e pela insana contaminação de rios e lagos, que está aniquilando a fauna e a flora.

É verdade que o governo, antes de enviar os decretos ao Parlamento, deveria ter realizado uma intensa campanha de informação e dialogado com as comunidades nativas. O que não garante que ele teria sido mais eficiente do que os demagogos e extremistas que há bastante tempo, com o apoio flagrante dos presidentes Evo Morales e Hugo Chávez, vêm intoxicando toda a região amazônica com um discurso revolucionário, cujos suportes básicos são o anticapitalismo, o nacionalismo e o racismo. Ou seja, o repúdio da empresa privada e do investimento estrangeiro – salvo, é claro, se for venezuelano, cubano ou iraniano – em vez de um reconhecimento das "nações indígenas" que teriam direito exclusivo às terras amazônicas.

Mas, se tivesse ocorrido um diálogo, pelo menos se evitaria os mortos e feridos e os grandes danos materiais sofridos pelo Peru. E o governo teria sido poupado de uma derrota política que os inimigos da democracia – uma minoria de ressentidos e saudosistas de Stalin, Mao Tsé-tung e do Sendero Luminoso – vão interpretar como um incentivo para novas ações violentas que acabem com o crescimento dinâmico do país, que o arruinem e, dessa maneira, o

aproximem mais da órbita chavista, da revolução bolivariana e do modelo cubano.

Conheço muito bem a Amazônia peruana, que serviu de cenário para três de meus romances. Vi de perto as terríveis condições de vida das comunidades indígenas. Desde o século XIX, no apogeu da borracha, os indígenas da selva amazônica vêm sendo maltratados de maneira iníqua<sup>12</sup>, expulsos de suas terras por mercadores escravistas, dizimados nas áreas de extração de borracha. Depois, foram brutalizados por aventureiros sem escrúpulos em busca de ouro e outros metais, por narcotraficantes, por guerrilheiros e pelas forças de segurança, sempre esquecidos pelos governos do Peru, que nunca se preocuparam com a sorte dessa minoria que pouco representa do ponto de vista eleitoral. Por isso, entre todas as regiões do Peru, nenhuma como a Amazônia exige com urgência que a anarquia e a "lei da selva" sejam substituídas por uma ordem legal justa e estável, que garanta os direitos das comunidades nativas e lhes ofereça a oportunidade de melhorar e progredir. Algo que apenas o desenvolvimento econômico, com a multiplicação de empresas privadas, de investimentos nacionais e estrangeiros e a legalidade democrática, podem conseguir.

Nas regiões do Peru onde isso ocorreu, como em Lima e em toda a área litorânea, além de muitas áreas serranas ao norte do país, o progresso tem sido espetacular nos últimos anos, reduzindo os níveis de pobreza, criando altíssimas taxas de emprego e, graças ao "canon minero" – imposto que as empresas mineradoras pagam aos governos regionais locais –, proporcionando às províncias receitas que jamais tiveram no passado. A isso acabam de renunciar, de maneira suicida, as comunidades amazônicas que seguiram as ordens retrógradas de Alberto Pizango. No entanto, ele não é o único que deve estar se regozijando em seu exílio nicaraguense.

Também Fidel Castro e o grande vencedor dessa operação, que é Hugo Chávez. O Peru é uma das duas espinhas que o caudilho venezuelano tem cravadas em sua garganta. A outra é a Colômbia.

---

<sup>12</sup> **Iníquo:** mau, perverso, malévolo.

## REFLEXÕES X

---

Para seus sonhos megalomaniacos de se tornar o novo Bolívar da América do Sul, ele já tem em suas mãos a Bolívia, o Equador pela metade e já conseguiu neutralizar a Argentina que, de qualquer modo, transformado em um país caótico pelo casal Kirchner, deve continuar se decompondo até cair com os braços e mãos amarrados. O Brasil é grande e distante demais para poder ser tragado, mas o astuto Lula, que tem seu próprio projeto – e está a anos luz de Chávez – nunca lhe fará sombra, nem o enfrentará, desde que possa tirar proveito dos petrodólares venezuelanos que Caracas esbanja à vontade.

O Chile já levantou voo, já não é mais um país do Terceiro Mundo, de modo que a única coisa que Chávez pode fazer é tentar desestabilizar esse país. Peru e Colômbia, por outro lado, são dois objetivos que ainda podem cair em suas redes. Por isso, o caudilho venezuelano ajuda as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc) e os grupos ultrarrevolucionários – uma mistura de narcotraficantes e terroristas – que operam na região peruana de Apurímac e do Ene. Chávez também patrocina generosamente as forças políticas de extrema esquerda que, nos dois países, procuram por todos os meios, legais e ilegais, obstruir o modelo – democracia política e economia de mercado – que nos últimos anos trouxe um progresso sem precedentes para a Colômbia e para o Peru.

Esse é o contexto em que se deve situar os fatos que ocorreram recentemente na Amazônia peruana para compreendê-los inteiramente. A enorme responsabilidade daqueles que, de modo tão insensato e demagógico, utilizaram as comunidades indígenas, mobilizando-as em uma guerra aberta contra medidas das quais elas seriam as primeiras beneficiadas, convencendo-as de mentiras estúpidas, como a de que os decretos faziam parte de um tratado de livre comércio entre Peru e EUA que privaria os nativos de suas terras. Pelo menos ficou provado, mais uma vez, que não existe limite moral nem político para os inimigos da liberdade.

E também que as reformas pretendidas pelo governo democrático, por mais benéficas que sejam, precisam ter o consenso popular antes de serem implantadas para que, como ocorreu neste caso, não

## REFLEXÕES X

---

acabem sendo contraproducentes, agravando os problemas que se pretendia resolver. ●

**Mario Vargas Llosa**

LUIZ BIANCI

## O golpe das mentiras

Mario Vargas Llosa

11 de julho de 2009



Despertar um presidente constitucionalmente eleito à força de baionetas e enviá-lo para o exílio sem lhe dar nem tempo para tirar o pijama, como os militares hondurenhos fizeram com Manuel Zelaya há duas semanas, é um ato de barbárie política. Foi certa a enérgica condenação desse abuso pelas

Nações Unidas, pela Organização dos Estados Americanos (OEA) e pela maioria dos países do mundo todo.

Muito bem, estabelecido este princípio, de que a interrupção da democracia por uma ação militar não se justifica nunca, é preciso analisar esse incidente mais a fundo e com prudência, porque, nesse golpe de Estado, a fronteira entre a verdade e a mentira é mais escorregadia do que uma enguia. Talvez mais do que o próprio ato do assalto à residência do chefe de Estado hondurenho, deve-se condenar os militares e os juízes que deram a ordem para isso e, com esse abuso, transformaram numa vítima da democracia e quase em herói da liberdade um demagogo irresponsável como Manuel Zelaya que, em flagrante violação da Constituição que jurou respeitar, pretendia realizar um referendo para se fazer reeleger, uma pretensão condenada pela Corte Suprema e pelo Ministério Público do país. E por causa disso, o Congresso hondurenho iniciara um processo para destituí-lo da presidência.

Esse era o procedimento legítimo em defesa da democracia, e foi freado e descaracterizado pela ação militar, no que pareceu uma confusão digna de um manicômio. A tal ponto que nada menos que o comandante Hugo Chávez, o comandante Daniel Ortega, Evo Morales e até Raúl Castro apareceram rapidamente em cena, liderando um protesto continental em defesa da lei e da democracia, exigindo sanções contra Honduras e convocando uma reunião da Alba (Aliança Bolivariana para as Américas) à qual o desorientado

secretário-geral da OEA, José Miguel Insulza, deu, com sua presença, uma aura de legitimidade.

O fato de Chávez, grande desestabilizador da democracia latino-americana, ex-golpista e um megalômano que transformou a Venezuela numa pequena satrapia<sup>13</sup> particular, aspirando fazer o mesmo com o restante da América Latina, arrogar-se do papel de defensor do estado de direito hondurenho, foge ao senso comum e à racionalidade. Além disso, outro fato ficou evidente: alguma coisa já estava corrompida antes desse golpe. Na verdade, quando ocorreu a intervenção militar, Honduras estava prestes a cair, depois da Bolívia, Nicarágua e Equador, na órbita de influência de Hugo Chávez. Manuel Zelaya era a última conquista do caudilho venezuelano, que o havia subornado, da mesma maneira que fez com outros vassalos da região, vendendo o seu petróleo mais barato e oferecendo créditos generosos. E, sobretudo, apoiando sua ânsia por uma reeleição.

Nem ignorante, tampouco um indolente, Manuel Zelaya, figura destacada da oligarquia rural hondurenha, ligado no passado a matanças de camponeses, e eleito presidente como candidato do Partido Liberal, de centro-direita, que tinha um programa de apoio ao investimento externo e à empresa privada, prometendo acabar com a delinquência, aos poucos foi se convertendo às teses populistas e revolucionárias (ou seja, chavistas).

Honduras ingressou na Alba, e ele começou a preparar sua permanência indefinida no cargo, por meio de uma reforma constitucional, como foi feita por Chávez e seus discípulos, ou seja, a escória política da América Latina. Mas, diferentemente do que ocorreu em países como Equador, Bolívia ou Nicarágua (na outra ponta do espectro político, a Colômbia de Uribe, um mandatário democrata que, por desgraça, aderiu também ao sinistro esporte da reeleição), em que os presidentes candidatos à reeleição contavam com uma base popular que apoiava seus projetos, em Honduras as pretensões de Zelaya desde o princípio não tiveram apoio e foram

---

<sup>13</sup> **Sátrapa**: indivíduo muito poderoso e arbitrário; déspota.

rechaçadas em todo o espectro político.

Todas as instituições resistiram à sua tentativa, a Corte Suprema, o Tribunal de Justiça, o Tribunal Eleitoral, todos os partidos democráticos (a começar pelo seu próprio, o Liberal), o Ministério Público do país e a opinião pública em geral. Não foi somente uma rejeição da transformação ideológica do volúvel mandatário, mas também uma clara tomada de posição da população hondurenha contra a perspectiva de tornar-se um país dependente de Chávez, quer dizer, uma pequena ditadura populista transformada em feudo do caudilho venezuelano.

É nesse contexto que se deve julgar a situação em Honduras. Não se trata de justificar uma ação militar ignóbil<sup>14</sup>, que só serviu para desacreditar algumas instituições e o povo, que resistiram corajosamente a objetivos claramente antidemocráticos de um mandatário sem princípios. Mas não devemos incorrer, acreditando ser uma defesa da democracia, numa operação que pode acabar legitimando os planos inconstitucionais, de reeleição e entrega de Honduras ao poder chavista de Manuel Zelaya.

O que pode ser feito para reconstituir a democracia hondurenha abalada? O ideal seria recolocar Zelaya na presidência, desde que renuncie ao seus planos de reeleição, e garantir que as eleições de novembro sejam realizadas de maneira correta e sob vigilância das Nações Unidas. Mas isso parece difícil neste momento, já que a situação está tão deteriorada, como ficou flagrante em 5 de julho, quando a fracassada tentativa do presidente deposto de retornar a Tegucigalpa, provocou violentos incidentes, com muitas pessoas feridas.

Honduras retirou-se da **Organização dos Estados Americanos**, o que não deve surpreender ninguém, dada a inutilidade dessa instituição que, além do mais, tem a nefasta característica de tornar também inúteis seus secretários-gerais, incluindo aqueles que, como José

---

<sup>14</sup> **Ignóbil**: que não é nobre, que inspira horror do ponto de vista moral, de caráter vil, baixo.

## REFLEXÕES X

---

Miguel Insulza, pareciam mais sagazes do que os outros, de maneira que a OEA, quanto menos intervir tanto melhor. A mediação do presidente da Costa Rica, Óscar Arias, Prêmio Nobel da Paz, é uma boa ideia: é um estadista respeitado e respeitável, bom negociador e um autêntico democrata. Por outro lado, é preciso evitar de qualquer maneira que essa tensão existente se degrade num derramamento de sangue.

Chávez ameaçou com uma intervenção militar, em que provavelmente levaria consigo a Nicarágua de Daniel Ortega, que o governo hondurenho acusou de mobilizar tropas na fronteira com Honduras. Com certeza, não há um modo de comprovar se são verdadeiras as notícias de que a fronteira já vinha sendo atravessada por comandos venezuelanos e cubanos, como foi denunciado pela imprensa hondurenha, ou apenas campanha de propaganda em defesa do governo de Roberto Micheletti. Mas, diante dos antecedentes e do contexto político da América Central, elas também não podem ser descartadas.

A situação instável e precária de Honduras, agora exposta à opinião pública internacional, é propícia a uma insurreição teleguiada de Caracas. Talvez esses riscos possam ser afastados antecipando as eleições presidenciais marcadas para novembro. Esse escrutínio teria de ser realizado o mais breve possível, o que será viável se a comunidade internacional colaborar com a infraestrutura eleitoral, sob a responsabilidade e supervisão das Nações Unidas, com observadores internacionais da União Europeia e organizações políticas e de direitos humanos, como o Centro Carter, Anistia Internacional e Americas Watch.

Não vejo outra maneira mais rápida de reconstruir o estado de direito e acabar com essa situação anômala que vive Honduras por culpa dos militares que tomaram a presidência do país e das manobras astutas de Manuel Zelaya e o seu guru ideológico, Hugo Chávez. ●

**Mario Vargas Llosa**

## A riqueza do casal Kirchner

Mario Vargas Llosa

15 de agosto de 2009



Crise do capitalismo? Sim, nos últimos anos, o poderoso sistema capitalista, ao mesmo tempo tão injuriado e difundido, de aparência indestrutível, deu sinais de desmoronamento em escala planetária. Não por ação de seus velhos inimigos, os comunistas e socialistas radicais, mas por causa do que o profeta Karl Marx chamou de "contradições internas", ou seja, a corrupção e a irresponsabilidade dos seus banqueiros, financiadores, empresários, especuladores, fraudadores, piratas, que cegos pela febre do lucro e da ganância pecuniária empurraram o capitalismo para o abismo, onde ele acabou caindo e se despedaçando –, ou melhor, quase.

As consequências foram catastróficas: bancos faliram, bolsas despencaram, milhões de empregos desapareceram, o nível de vida de três quartos da população do globo desabou, empresários famosos foram para a prisão porque a crise revelou suas safadezas e trapanças, enfim, os ricos deixaram de ser tão ricos, a classe média empobreceu e os pobres ficaram miseráveis.

Claro, felizmente, houve algumas exceções à regra, o que dá uma esperança de sobrevivência ao sistema, isto é, uma recuperação alicerçada em bases mais firmes e bem-sucedidas. Citemos como exemplo o caso de capitalistas que não só conseguiram escapar da crise, mas que, em um período de tragédia e ruína, conseguiram multiplicar seu capital.

A quem me refiro? Ao casal Néstor e Cristina Kirchner, é claro. O ex-presidente da Argentina e sua sucessora, a atual presidente do país, possuíam, em 2003, um patrimônio de US\$ 1,7 milhão, fortuna apresentada em sua declaração de renda e avaliada pelo Departamento Anticorrupção do Ministério da Justiça. Em 2007, quando Cristina chegou à Casa Rosada, esse capital tinha triplicado,

## REFLEXÕES X

---

chegando a US\$ 4,5 milhões. Em dezembro de 2008, no auge da crise, havia dado um salto espetacular e, em apenas 12 meses, atingiu US\$ 12,1 milhões.

Aprendam, capitalistas de meia-tigela, medíocres e grosseiros, tipo Bernard Madoff, que mereciam passar o resto de suas vidas na prisão por incompetência. Capitalistas de verdade são os Kirchners, audazes, engenhosos, criativos. Quando todos à sua volta perdiam o que tinham e o que não tinham, eles conseguiram fazer disparar suas receitas, demonstrando que o sistema tem recursos e atalhos para escapar das piores calamidades – e até prosperar com elas.

Como Néstor e Cristina conseguiram esse milagre? Quem trouxe a questão à tona em Buenos Aires foi a deputada opositorista Patricia Bullrich, do Acordo Cívico e Social. Os dois, ambos advogados, já eram muito ricos quando ele assumiu a presidência da Argentina, em 2003. Possuíam 23 imóveis alugados. Sem que isso os desviasse de suas responsabilidades políticas – Cristina era senadora e colaborava com o presidente em suas tarefas de governo –, esse patrimônio foi aumentando, por meio da compra, recuperação e venda de imóveis, e sagazes investimentos financeiros.

Além de alugar algumas de suas propriedades para ser usadas como hotéis, eles fundaram, em sociedade com um de seus filhos, uma consultoria para assessorar seus clientes em "economia, finanças, direito, ciências sociais, educação, administração e outras especialidades". Como uma empresa de serviços como essa não teria um grande sucesso? Quem não gostaria de ser assessorado em seus negócios por esse casal de presidentes tão informado e próspero?

As operações tiveram como cenário a bela localidade de Calafate, na Patagônia. Uma paisagem divina, ar puríssimo e glaciares – o mais belo deles batizado de Perito Moreno, que nos remete às histórias de Jack London. Pois bem, graças à generosidade do prefeito local, Néstor Méndez, os Kirchners compraram, em 2005, um terreno de 60 mil metros quadrados, pagando US\$ 0,98 por metro quadrado. No ano seguinte, o revenderam por US\$ 71 o metro quadrado. Assim, financiaram o belo hotel El Calafate. Nesse mesmo ano,

adquiriram outros 129 mil metros quadrados (também a US\$ 0,98 o metro quadrado), que alguns meses depois revenderam por até US\$ 81 o metro quadrado.

Em artigo publicado pelo jornal espanhol *El País*, Alejandro Rebossio cita uma declaração de Aníbal Fernández, chefe de gabinete da presidência, respondendo aos maliciosos que achavam que havia alguma coisa errada nessas formidáveis operações empresariais. "Ninguém que exerce o poder está impedido de ter um patrimônio pessoal, afinal essa é a essência do capitalismo."

Concordo plenamente com isso, é claro, e estou certo de que a ineficiente máfia russa – ineficiente porque, diferentemente dos Kirchners, parece ter perdido a metade dos incontáveis bilhões que possuía por causa da crise – deveria adotar essa filosofia e enfrentar o mundo sem complexos de inferioridade, proclamando que, fazendo o que fazem, não roubam, não contrabandeiam, não pirateiam, mas simplesmente mantêm viva a essência metafísica do capitalismo.

O mérito dos Kirchners é ainda maior se levarmos em conta o fato de que, a julgar pelos discursos com que costumam hipnotizar os eleitores, eles não apreciam o capitalismo. Mais ainda, são seus ferozes adversários. Eles abominam o capitalismo porque o consideram explorador, egoísta, abusivo e corruptor. Seus verdadeiros amigos são pessoas como o presidente venezuelano, Hugo Chávez, ou seu colega nicaraguense, Daniel Ortega, com quem se confraternizam e prognosticam a próxima derrota do imperialismo. Seus corações são de esquerda (somente seus bolsos e os vestidos de Cristina são de direita) e, por isso, durante seus dois governos, além de difamar os capitalistas, eles os obrigaram a passar por maus pedaços, nacionalizando empresas, oprimindo-os com novos impostos, a tal ponto que a fuga de capitais da Argentina, só no primeiro semestre deste ano, foi de US\$ 11,2 bilhões. Essas cifras foram fornecidas pelo Banco Central da Argentina, que também informou que, desde o início da crise, cerca de US\$ 43,2 bilhões da poupança do país escaparam para o exterior ou foram escondidos em cofres de segurança ou embaixo do colchão.

## REFLEXÕES X

---

Ou seja, enquanto a empresa Kirchner fazia negócios lucrativos, o capitalismo desmoronava na Argentina e ganhava espaço essa peculiar filosofia do casal, segundo a qual não existe contradição alguma em exercer e se aproveitar de um sistema odioso e, ao mesmo tempo, trabalhar dentro do governo para sua extinção. Talvez, essa seja a explicação da trama: o benemérito casal não enriqueceu por ganância, tampouco para dar uma lição ideológica a seu povo. Sua conduta respondeu a um propósito intrincado, semelhante a essas deslumbrantes e sutis construções intelectuais dos contos do seu compatriota Jorge Luís Borges. Um propósito altruísta e pedagógico para mostrar, ao vivo, tudo o que de sujo e pestilento tem o sistema capitalista, que permite que um casal de políticos fique milionário em um prazo curtíssimo, apesar dos rigores e inseguranças por que passa seu país, quando milhões de argentinos empobrecem, os agricultores veem-se ameaçados, as empresas vão à falência e aqueles que procuraram poupar alguma coisa veem evaporar suas economias. Heróis e mártires do capitalismo. Que belo casal! ●

**Mario Vargas Llosa**

## Histórias de um castelo assombrado

Mario Vargas Llosa

13 de outubro de 2009



*Do 'doutor' que teria feito pacto com o diabo ao fantasma de Galgorm*

O Castelo de Galgorm, em Ballymena (Antrim, Irlanda do Norte), foi construído na primeira metade do século XVII pelo dr. Alexander Colville, doutor não em medicina, mas em "divindades", ou seja, teologia, e que, por ter enriquecido da noite para o dia, atraía a desconfiança de seus contemporâneos, que suspeitavam que ele teria feito um pacto com o diabo ou praticado artes mágicas. Um retrato dele decora até hoje a entrada do castelo e o atual dono, Christopher Brooke, diz que ninguém se atreveu a tirá-lo de lá porque, segundo a crença, quem ousar fazê-lo morrerá no ato.

Visto a partir do prado arborizado que o cerca, o castelo – de aspecto cúbico e formado por robustas pedras negras, torres, amplas janelas, chaminés, escudos e uma fachada de catedral – é imponente. Por dentro é uma ruína caindo aos pedaços.

Christopher e sua família, refugiados em alguns poucos cômodos do primeiro andar, têm a esperança de que em um desses desmoronamentos cotidianos um espesso muro comece a vomitar os sacos de ouro que, segundo o que se diz em Ballymena, o diabólico reverendo Colville teria escondido antes de morrer. Assim reuniriam o capital necessário para converter o castelo numa luxuosa residência de 14 apartamentos restaurados em seu velho esplendor. Já o fizeram, com bom gosto e rigor histórico, com os pátios e as dependências exteriores e o resultado não poderia ser melhor.

Como todo castelo irlandês que se preze, o de Galgorm tem seu fantasma. Não é o espectro de Colville, mas o de uma moça da época dele que a BBC, quando há alguns anos fez um documentário sobre

o castelo, quis filmar. Para isso, contratou uma célebre médium grega que, para azar da televisão britânica, só fez contato com a fantasma quando as câmeras já estavam desligadas e os cinegrafistas dormiam. Mas segundo Christopher, a moça espectral não é nada antissocial e aparece com frequência para médiuns, espiritistas, demonólogos e especialistas em fantasmas que peregrinam até aqui para convocá-la e praticar com ela coisas do além. Sem avançar mais, certa manhã ela surgiu diante da mulher de Christopher e as duas tiveram uma boa conversa.

O castelo está nas mãos da família de Christopher, os Young, desde o século XIX. E um dos antepassados ilustres do atual dono é Rose Maud Young, que, apesar de pertencer a uma família solidamente unionista – protestante e favorável à Grã-Bretanha –, fez parte de um punhado de damas de Antrim que participaram de maneira ativa, no fim do século XIX, do renascimento da língua e da cultura gaélicas, empenho que as foi aproximando do adversário tradicional, o nacionalismo irlandês. Rose, além de escrever um minucioso diário, publicou três volumes de poemas, lendas e canções em gaélico que tinham sido conservados pela tradição oral e ela foi compilando nas aldeias de pescadores e entre camponeses de Antrim. Além de bela, culta e liberal, Rose – cujas tertúlias reuniam presbiterianos, anglicanos e católicos – foi amiga e protetora de Roger Casement (1864-1916), o fascinante personagem cujas pegadas trato de seguir pela Irlanda.

Quando adolescente, no fim do século XIX, Casement estudou por três anos no colégio de Ballymena e passou muitos fins de semana em Galgorm, de acordo com o que ficou registrado nos diários escrupulosos de Rose. Aqui ele talvez tenha lido essas memórias dos grandes exploradores ingleses, como Livingstone e Stanley, que lhe abriram o apetite pelas viagens à África.

Apesar de ter nascido em Sandycove, Dublin (perto da Torre Martello, onde começa o Ulisses de Joyce), sua família era daqui e em Antrim ele passou parte de sua infância e adolescência. Na idade adulta, voltava a esta terra sempre que podia para curar sua nostalgia e sossegar seu espírito dos tumultos que o assaltaram ao longo de uma vida intensa, aventureira e arriscada como a de um

paladino de novela épica.

Grande parte da sua trajetória esteve consagrada a denunciar a exploração e o maltrato das comunidades indígenas da África e da Amazônia, e, também, principalmente em seus últimos anos, a lutar pela independência da Irlanda. Quando, na véspera de sua execução, o carrasco da prisão londrina de Pentonville, sr. Albert Ellis (nos momentos livres era também barbeiro), procedia à macabra cerimônia de pesá-lo e medi-lo para que a corda com a qual ele seria enforcado fosse da consistência e da altura adequadas, Casement pediu que seus restos fossem sepultados não longe daqui, na Baía de Murlough, que em suas cartas era referida como "a baía do paraíso".

As autoridades britânicas não lhe deram a alegria: o enterraram na prisão em que o enforcaram (por traição, pois conspirara com os alemães na 1ª Guerra para contrabandear armas destinadas aos irlandeses que se revoltaram na Semana Santa de 1916), em um túmulo anônimo e ao lado do célebre assassino de mulheres dr. Crippin, executado anos antes. Só em 1965 seus restos foram entregues à Irlanda e agora repousam no cemitério dublinense de Glasnevin, sob uma sóbria lápide em gaélico (que ele nunca aprendeu, apesar de seus esforços) que diz: "Morreu pela Irlanda."

Roger Casement tinha razão de querer ser enterrado na **Baía de Murlough**, pois se trata do lugar mais belo da Irlanda, da Europa e talvez o mundo. Nela culmina um dos mais maravilhosos vales de Antrim, que, entre montanhas coloridas por todos os matizes de verde, árvores frondosas, córregos, cachoeiras, escarpados íngremes, descem ao encontro do mar agitado que arremete contra rochedos esculturais. Há revoadas de pássaros passeando pelo céu e, quando os dias são claros e sem nuvens como aqueles que os deuses celtas me reservaram, pode-se ver, a uma grande proximidade, o volume da Ilha de Rathlin, em cujas aldeias centenárias Rose Maud Young recolheu muitas das poesias e histórias do milenar Eire, e as costas da Escócia. A



paisagem parece desabitada de seres humanos, natureza em estado puro, virginal e edênica<sup>15</sup>.

É claro que se trata de pura aparência. Essa terra de castelos, vales, fantasmas, poetas e famosíssimos contadores de histórias itinerantes (os *seanchaí*) é também uma das mais violentas da Europa, onde guerras étnicas e religiosas exasperaram o povo e semearam sangue, ódio e ressentimento. Não apenas os séculos da ocupação britânica; também os da partilha – que transformou em parte do Reino Unido os seis condados da Irlanda do Norte – estão marcados por matanças e atentados injustos. Algum rastro de tudo isso está presente nas alturas da Baía de Murlough, onde, há alguns anos, o Sinn Fein ergueu um monumento em homenagem a Roger Casement. Pouco depois acabou sendo dinamitado por um destacamento terrorista do Ulster e não foi reconstruído desde então. Os pedaços espalhados que dele sobrevivem no solitário outeiro são um inquietante alerta para a existência da outra face da moeda nesta paisagem de sonho.

O que acontecerá agora na Irlanda do Norte? Depois dos acordos firmados no governo Tony Blair entre unionistas e republicanos, haverá paz nesses seis condados? Poderão os fantasmas e os vivos de Antrim dormir tranquilos? Quem percorre a pujante Belfast e suas noites agitadas, a fértil planície que a cerca e as cidades do interior, que parecem ter encontrado o segredo milagroso do fazer coexistir a tradição e a modernidade em absoluta harmonia, não transmite nem de longe a impressão de que poderia haver um retrocesso, e nem de que os grupos de extremistas intransigentes que ainda realizam atentados a bomba e assassinatos conseguirão realizar seu objetivo de destruir a paz e voltar ao enfrentamento de antes.

Quase todos com quem conversei são otimistas e pensam que o futuro reforçará o processo iniciado com o desarmamento dos dois bandos e a política substituirá a guerra fratricida. Um destes otimistas é Christopher Brooke, o amável castelão de Galgorm. Está

---

<sup>15</sup> **Edênico**: relativo ou pertencente ao Éden.

## REFLEXÕES X

---

convencido de que a coexistência posta em marcha graças aos acordos entre os ancestrais adversários, a imersão na Europa, a mecânica da globalização e as exigências econômicas fortalecem a integração e a paz. Que Cuchullain e os demais deuses do panteão do Éire o ouçam e tornem realidade este justo desígnio.

Despedimo-nos ao pé do retrato do tenebroso dr. Colville. Tem um olhar místico e ligeiramente zombeteiro. Seus pequenos olhos franzidos e claros parecem condoídos de nos verem partir. Porque neste país até os teólogos transgressores e os fantasmas praticam com brio o vício da hospitalidade. ●

**Mario Vargas Llosa**

## Com Piñera, Chile elege a alternância

Mario Vargas Llosa

23 de janeiro de 2010



Com Sebastián Piñera na presidência, o desenvolvimento econômico e a democracia do Chile receberão um forte impulso e consolidarão o progresso integral da sociedade chilena – que, desde a queda da ditadura de Augusto Pinochet, há vinte anos, é o mais profundo que a América Latina conheceu.

Curiosamente, sua vitória não é um repúdio a Michelle Bachelet. A presidente do Chile sai do poder com 81% de popularidade, a mais alta já alcançada por um mandatário chileno ao deixar o governo. Interessante sutileza a do eleitorado do Chile: ele premia com seu afeto a primeira mulher que chegou ao Palácio La Moneda e reconhece sua honestidade, seu empenho nas tarefas de governo, sobretudo seus esforços para promover a mulher e superar os preconceitos que freavam sua participação na vida econômica e política.

Mas, ao mesmo tempo, também decide que chegou a hora da alternância, abrindo à oposição de direita o acesso ao poder, depois de vinte anos de governo dos partidos de esquerda e centro-esquerda da Concertação. Fazia 52 anos que um candidato conservador não ganhava as eleições no Chile: o último foi Jorge Alessandri em 1958.

O balanço desses vinte anos da Concertação no poder é excelente. O Chile desmontou os aparelhos repressivos e as leis de exceção da ditadura, iniciando um processo de reparação e desagravo das vítimas. Simultaneamente, preservou as grandes linhas de uma política econômica que permitiu que a economia do país decolasse de maneira notável, reduzindo a pobreza de 42% a 13% (um avanço social que virou modelo em toda a América Latina), fez crescer a classe média, atraiu investimentos do mundo inteiro e dotou o Chile

de uma estabilidade e solidez institucionais comparáveis às de democracias ocidentais de ponta.

A esquerda que governou o país nos últimos vinte anos não é a mesma que subiu ao poder com a Unidade Popular e Salvador Allende. Aquela acreditava na Revolução e no socialismo, não na democracia liberal, e seu modelo era a Cuba de Fidel Castro. Sua política de estatizações e de descalabro fiscal provocou uma inflação estratosférica, o caos e o empobrecimento generalizado, o que tornou possível o golpe militar e a sanguinária ditadura de Pinochet.

A Concertação aprendeu a lição e governou com espírito democrático, ressuscitando a velha tradição legalista chilena, reconstruindo o Estado de Direito e as liberdades públicas, mantendo a economia de mercado e o impulso aos investimentos bem como a disciplina fiscal. A abertura do Chile ao mundo foi também acelerada. Mas vinte anos no poder são muitos. A Concertação perdeu o brio, começava a ficar embotada e, nos últimos anos, foram descobertos até mesmo alguns casos de corrupção, praticamente ausente da vida política chilena. Com discernimento, uma maioria eleitoral – apertada, sem dúvida: apenas 3,5 pontos porcentuais de vantagem para Piñera – decidiu que havia chegado a hora da alternância, princípio democrático por excelência.

A direita que chega ao La Moneda com Piñera também não é a mesma direita das cavernas, autoritária e conservadora representada pelo governo de Pinochet. Quando este deu o golpe, em 1973, Piñera estava na Universidade Harvard, nos EUA. Quando regressou ao Chile, trabalhou na CEPAL – na época de linha esquerdista e promotora da catastrófica política de "substituição de importações e desenvolvimento para dentro" – e, em todas as suas intervenções cívicas, se opôs à ditadura militar. Foi contrário à Constituição imposta pelo regime militar e durante o plebiscito de 1988 participou ativamente com a oposição democrata-cristã na campanha pelo "Não", que dirigiu e ajudou a financiar com recursos de seu próprio bolso.

Conheço Piñera há uns trinta anos, e, além de ter uma energia que

chega a cansar os que o cercam, sei que é um democrata e um liberal convicto, inimigo de toda forma de autoritarismo e empenhado em aprofundar a liberdade em todos os campos da vida social. Além disso, é uma pessoa tolerante e aberta, capaz de coexistir com ideias que divergem das suas quando contam com o apoio popular. Por isso, não foi fácil para ele obter o respaldo nas primárias para a sua candidatura presidencial dos setores mais conservadores da coalizão de centro-direita. Alguns militantes da União Democrata Independente (UDI) engoliram com dificuldade, por exemplo, o apoio de Piñera (que é católico praticante) a medidas como a pílula do dia seguinte e as uniões legais entre *gays*.

As grandes reformas que Piñera prometeu não comprometem os princípios básicos da democracia política e econômica de mercado, em torno dos quais, felizmente para o Chile, existe um firme consenso entre a esquerda e a direita chilena. Mas introduzirão neste modelo grande renovação e modernização em temas como a educação, a proteção ao meio ambiente e a revolução tecnológica nos campos da comunicação e da globalização. Isso vai equipar o Chile para concorrer nos mercados internacionais nos quais o país já se inseriu, mais e melhor, do que qualquer outro país latino-americano.

Piñera propôs corajosas reformas na Corporação Nacional do Cobre (Codelco), como a abertura de parte da exploração a empresas privadas e, o que é mais importante, o fim da exigência de que 10% das exportações desse produto se destinem às Forças Armadas.

Durante minha breve estada no Chile pude conhecer alguns dos 37 "Grupos de Tantauco" – na grande maioria jovens profissionais e técnicos saídos das melhores universidades chilenas e estrangeiras que, sob a direção do economista Cristián Larroulet, diretor do Centro de Estudos Liberdade e Desenvolvimento, estão preparando, há dois anos, o projeto de governo da Coalizão para a Mudança, de Piñera, e treinando equipes para implementá-lo. Fiquei impressionado com o rigor das ideias, os projetos e o entusiasmo com que os jovens, mulheres e homens que trabalham neste plano se comprometeram, se necessário, a abandonar seus trabalhos bem

## REFLEXÕES X

---

remunerados no setor privado para se dedicarem no governo de Piñera a tornar o Chile um país do século XXI.

No contexto latino-americano, a vitória de Piñera é um sério revés para o comandante Hugo Chávez, da Venezuela, e o grupinho de países que, sob sua liderança – Cuba, Nicarágua, Bolívia e Equador – pretendem impor na América Latina o modelo autoritário e populista ("O socialismo do século XXI") que, nestes dias de colapso do fornecimento de água, energia e alimentos em terras venezuelanas, já mostra seus frutos.

O governo de Piñera – ele próprio o afirmou com clareza em sua primeira entrevista à imprensa estrangeira após a eleição – reforçará e dará novo alento a países que, como México, Costa Rica, Panamá, Colômbia, Peru, Uruguai e Brasil, defendem a cultura democrática e resistem à ofensiva autoritária que, de Caracas, se propõe a fazer com que o continente retroceda para o coletivismo, o estatismo e a demagogia populista.

É quase um milagre que em um país latino-americano tenha chegado à presidência da república, em eleições livres, um empresário como Piñera, cujo patrimônio é calculado em mais de US\$ 1 bilhão. Nada é mais típico do subdesenvolvimento quanto a demonização do empresário, considerando-o um explorador, corruptor e inimigo dos pobres.

Um indício do avanço ocorrido no Chile em relação ao resto do continente é que os eleitores chilenos parecem ter compreendido que um empresário, quando é bem-sucedido em um regime de legalidade e livre concorrência – e não graças a negociatas ou a privilégios monopolistas – é um gerador de empregos e de riqueza, e seus sucessos beneficiam a sociedade como um todo.

No dia em que nos despedimos em Santiago, três dias antes da eleição, perguntei a Piñera qual seria sua melhor contribuição no governo, se ganhasse as eleições: "Dar um impulso decisivo ao nosso programa de oito anos, para crescer a uma média de 6% ao ano, algo perfeitamente possível. Se conseguirmos, a renda *per capita*, que agora é de US\$ 14 mil, poderá chegar a US\$ 24 mil. Teremos alcançado Portugal."

## REFLEXÕES X

---

O Chile terá deixado então o subdesenvolvimento e será o primeiro país da América Latina a incorporar-se ao Primeiro Mundo. ●

**Mario Vargas Llosa**

LUIZ BANCI

## Uma amizade que nasce da escrita

Mario Vargas Llosa

20 de fevereiro de 2010



*A prosa precisa e inteligente do colombiano Héctor Abad Faciolince conquista a cumplicidade de um colega de ofício*

Isso já me ocorreu há alguns anos, no caso de Javier Cercas e agora de novo com Héctor Abad Faciolince. Quando li o extraordinário romance de Javier, *Soldados de Salamina*, não só fui tomado

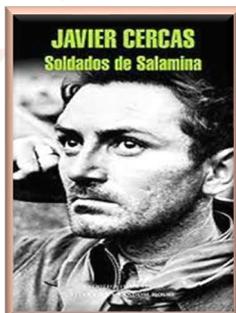
por aquela felicidade e gratidão que sempre sentimos quando lemos um belo livro, mas também por uma necessidade urgente de conhecê-lo, apertar sua mão e lhe agradecer pessoalmente.

Pouco tempo depois, graças a Juan Cruz, uma pessoa cujo mérito é estar sempre onde é necessário, numa estranha noite em que Madri estava deserta, como que esperando a hecatombe nuclear, conheci Javier Cercas, num restaurante repleto de fantasmas.

Imediatamente descobri que era uma pessoa tão magnífica quanto o escritor e que sempre seríamos amigos.

Raras vezes sinto essa necessidade urgente de conhecer pessoalmente autores de livros que me comovem e me maravilham. Tive tremendas decepções a respeito e, de maneira geral, acho preferível ficar com a imagem ideal de um escritor que admiro, em vez de arriscar-me a compará-la com a real. Exceto quando estou realmente convencido de que vale a pena a tentativa.

Quando li *El Olvido que Seremos*, a mais



apaixonante experiência de leitor dos meus últimos anos, quis ardentemente que os deuses ou o azar me concedessem o privilégio de conhecer Héctor Abad Faciolince, para poder dizer-lhe de viva voz o quanto lhe era agradecido. É muito difícil sintetizar esse romance porque, como toda obra-prima, ele é muitas coisas ao mesmo tempo. Dizer que se trata de uma lembrança desgarrada da família e do pai do autor – assassinado por um sequaz<sup>16</sup> – seria correto, mas ínfimo e infinitesimal, por que o livro também é uma imersão aterradora no inferno da violência política colombiana, na vida e na alma da cidade de Medellín, nos ritos, insignificâncias, intimidades e grandezas de uma família, um testemunho delicado e sutil do amor filial. É uma história real, mas, ao mesmo tempo, é uma ficção magnífica, pela maneira como está escrita e construída, além de ser um dos mais eloquentes arrazoados que já se escreveu até hoje contra o terror como instrumento da ação política.

O livro é pungente<sup>17</sup>, mas jamais truculento, escrito numa prosa que em nenhum momento exagera na efusão dos sentimentos; uma prosa precisa, clara, inteligente, culta, que manipula com destreza e sem falhas o ânimo do leitor, ocultando dele alguns dados, distraíndo-o, para incitar sua curiosidade e expectativa, obrigando-o a participar da tarefa criativa, lado a lado com o escritor.

No livro, o autor aborda duas mortes – a da irmã e a do pai, uma por doença e a outra por conta da selvageria política –, e na descrição dessas duas mortes há mais silêncios do que elocuições, um pudor elegante que curiosamente multiplica a tristeza e o espanto com que ambas as tragédias são vividas pelo leitor fascinado. Contrariamente ao que pode parecer, *El Olvido que Seremos* não é um livro que desmoraliza, apesar da presença devastadora do sofrimento, da nostalgia e da morte.

Pelo contrário, como sempre ocorre com obras de arte perfeitas, é um livro cuja beleza formal, a qualidade da expressão, a lucidez das

---

<sup>16</sup> **Sequaz:** parceiro de criminoso; capanga.

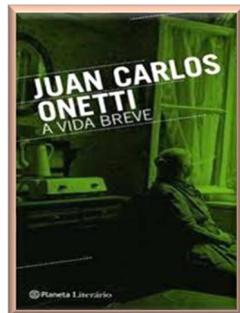
<sup>17</sup> **Pungente:** que afeta e/ou impressiona profundamente o ânimo, os sentimentos, as paixões; muito comovente.

## REFLEXÕES X

reflexões, a graça e a finura com que é retratada essa família tão próxima e cordial, que até gostaríamos que fosse nossa, se combinam para torná-lo um livro que levanta o ânimo, mostrando que, apesar das mais vis e cruéis experiências, a sensibilidade e a imaginação de um criador generoso e inspirado podem se unir para defender a vida e mostrar que além da dor e da frustração, também existem felicidade, amor, ideais, sentimentos elevados, ternura, piedade, fraternidade e gargalhadas.



Os deuses ou o azar foram benevolentes comigo e organizaram as coisas de maneira que no último festival literário do Hay, em Cartagena, e graças à intermediação do onipresente Juan Cruz, conheci pessoalmente Héctor Abad Faciolince. Naturalmente, a pessoa estava à altura do escritor. Culto, simpático, generoso. Conversar com ele foi tão prazeroso e enriquecedor quanto ler o seu livro. Depois de dez minutos de conversa, no Clube de Pesca de Cartagena, sob uma lua cheia de cartão postal, algumas silhuetas de roedores perambulando pelo embarcadouro, e diante de um succulento arroz com coco, soube que ele seria um bom amigo e companheiro para sempre e que até o fim dos nossos dias um dos nossos temas de discussão seria Juan Carlos Onetti, autor que aprecio e que ele acha tedioso. Espero ter tempo e muitos argumentos para convencê-lo ainda a reler textos como *El Infierno tan Temido*, ou *A Vida Breve* e descobrir como o mundo de Onetti está próximo do seu, pela autenticidade moral, a maestria técnica que ambos revelam e a impecável radiografia da América Latina que, sem ser esse o objetivo, ambos traçaram em suas ficções.



Nas três horas e meia de voo de Cartagena a Lima, li o último livro de Hector Abad Faciolince, *Traiciones de la Memoria*. São três

histórias autobiográficas, acompanhadas de fotografias de lugares, objetos e pessoas que ilustram e completam a narrativa. A primeira, *Un Poema en el Bolsillo*, é de longe a melhor e a mais longa e, de certa maneira, um complemento indispensável de *El Olvido que Seremos*. No bolso do pai assassinado em Medellín, o jovem Abad Faciolince encontrou um poema escrito à mão que se inicia com o verso:

*"Ya somos  
el olvido que seremos".*

De início, achou que era de Borges. Confirmar a identidade precisa do autor custou-lhe uma aventura de vários anos, feita de viagens, encontros, pesquisas bibliográficas, entrevistas, busca de pistas falsas, uma peripécia realmente borgiana de erudição e jogo, uma pesquisa que parece não ter sido real, mas fantasiada por um escritor "podrido de literatura" (como disse Borges, um dia) de bom humor, malícia e cheia de imaginação.

De início, essa investigação parece ter sido um esforço pessoal e privado, uma maneira de o filho, destroçado pela morte terrível do pai, conservar viva a sua lembrança e testemunhar o seu amor. Mas, pouco a pouco, à medida que a averiguação vai confrontando opiniões de professores, críticos, escritores, amigos, e o narrador vacila, aturdido diante das versões contraditórias, a busca traz à luz temas mais permanentes: a identidade da obra literária e a relação que existe, no momento de julgar a qualidade artística de um texto, entre essa qualidade e o nome e o prestígio do autor. Especialistas e acadêmicos respeitados declaram, com desdém, que o poema não é mais do que uma imitação tosca. Mas, imediatamente, uma circunstância inesperada, um intruso que surge repentinamente, e todas as certezas obtidas são colocadas em dúvida, até a prova rotunda (**rotunda**: que não deixa dúvidas ou não admite contestação) e inequívoca: o poema, de fato, é de Borges. Mas o seu valor literário mudava, se elevando ou decaindo em originalidade e importância, à



## REFLEXÕES X

---

medida que, naquela busca, a possibilidade de Borges ser de fato o seu autor aumentava ou diminuía.

A leitura do texto é fascinante, sobretudo quando a sensação é de que, embora tudo o que é narrado ali seja correto, graças à magia com que a trama é desenvolvida, ele se transforma numa bela ficção.

Essa história e as outras duas – a do jovem escritor meio morto de fome, tentando sobreviver em Torino, e o ensaio sobre os "ex-futuros" - tiveram a virtude de fazer-me esquecer, durante três horas e meia, que estava a dez mil metros de altura, voando a oitocentos quilômetros por hora, sobre os Andes e a Amazônia, uma sensação que sempre me enche de pavor e claustrofobia.

Com certeza, passarei o resto da vida contraindo dívidas com esse escritor colombiano. ●

**Mario Vargas Llosa**

## A decepcionante visita de Lula

Mario Vargas Llosa

6 de março de 2010



Minha capacidade de indignação política atenua-se um pouco nos meses do ano que passo na Europa. Suponho que a razão disso seja o fato de que, lá, vivo em países democráticos nos quais, independentemente dos problemas de que padecem, há uma ampla margem de liberdade para a crítica, e a imprensa, os partidos, as instituições e os indivíduos costumam protestar de maneira íntegra e com estardalhaço quando ocorrem episódios ultrajantes e desprezíveis, principalmente no campo político.

Entretanto, na América Latina, onde costumo passar de três a quatro meses ao ano, esta capacidade de indignação volta sempre, com a fúria da minha juventude, e me faz viver sempre temeroso, alerta, desassossegado, esperando (e perguntando-me de onde virá desta vez) o fato execrável que, provavelmente, passará despercebido para a maioria, ou merecerá o beneplácito ou a indiferença geral.

Na semana passada, experimentei mais uma vez esta sensação de asco e de ira, ao ver o risonho presidente Lula do Brasil abraçando carinhosamente Fidel e Raúl Castro, no mesmo momento em que os esbirros<sup>18</sup> da ditadura cubana perseguiram os dissidentes e os sepultavam nos calabouços para impedir que assistissem ao enterro de Orlando Zapata Tamayo, o pedreiro pacifista da oposição, de 42 anos, pertencente ao Grupo dos 75, que os algozes castristas deixaram morrer de inanição – depois de submetê-lo em vida a confinamento, torturas e condená-lo com pretextos a mais de 30 anos de cárcere – depois de 85 dias de greve de fome.

Qualquer pessoa que não tenha perdido a decência e tenha um

---

<sup>18</sup> **Esbirro:** agente de polícia, beleguim.

## REFLEXÕES X

---

mínimo de informação sobre o que acontece em Cuba espera do regime castrista que aja como sempre fez. Há uma absoluta coerência entre a condição de ditadura totalitária de Cuba e uma política terrorista de perseguição a toda forma de dissidência e de crítica, a violação sistemática dos mais elementares direitos humanos, de falsos processos para sepultar os opositores em prisões imundas e submetê-los a vexames até enlouquecê-los, matá-los ou impeli-los ao suicídio. Os irmãos Castro exercem há 51 anos esta política, e somente os idiotas poderiam esperar deles um comportamento diferente.

Mas de Luiz Inácio Lula da Silva, governante eleito em eleições legítimas, presidente constitucional de um país democrático como o Brasil, seria de esperar, pelo menos, uma atitude um pouco mais digna e coerente com a cultura democrática que teoricamente ele representa, e não o descaramento indecente de exhibir-se, risonho e cúmplice, com os assassinos virtuais de um dissidente democrático, legitimando com sua presença e seu proceder a caçada de opositores desencadeada pelo regime no mesmo instante em que ele era fotografado abraçando os algozes de Zapata.

O presidente Lula sabia perfeitamente o que estava fazendo. Antes de viajar para Cuba, 50 dissidentes lhe haviam pedido uma audiência durante sua estada em Havana para que intercedesse perante as autoridades da ilha pela libertação dos presos políticos martirizados, como Zapata, nos calabouços cubanos. Ele se negou a ambas as coisas. Não os recebeu nem defendeu sua causa em suas duas visitas anteriores à ilha, cujo regime liberticida sempre elogiou sem o menor eufemismo<sup>19</sup>.

Além disso, este comportamento do presidente brasileiro caracterizou todo o seu mandato. Há anos que, em sua política exterior, ele desmente de maneira sistemática sua política interna, na qual respeita as regras do estado de direito, e, em matéria

---

<sup>19</sup> **Eufemismo:** palavra, locução ou acepção mais agradável, de que se lança mão para suavizar ou minimizar o peso conotador de outra palavra, locução ou acepção menos agradável, mais grosseira.

## REFLEXÕES X

---

econômica, em vez das receitas marxistas que propunha quando era sindicalista e candidato – dirigismo econômico, estatizações, repúdio dos investimentos estrangeiros, etc. –, promove uma economia de mercado e da livre iniciativa como qualquer estadista social-democrata europeu. Mas, quando se trata do exterior, o presidente Lula se despe de suas vestimentas democráticas e abraça o comandante Chávez, Evo Morales, o comandante Ortega, ou seja, com a escória da América Latina, e não tem o menor escrúpulo em abrir as portas diplomáticas e econômicas do Brasil aos sátrapas teocráticos integristas do Irã.

O que significa esta duplicidade? Que Lula nunca mudou de verdade? Que é um simples mascarado, capaz de todas as piruetas ideológicas, um político medíocre sem espinha dorsal cívica e moral? Segundo alguns, os desígnios geopolíticos para o Brasil do presidente Lula estão acima de questiúnculas como Cuba, ou a Coreia do Norte, uma das ditaduras onde se cometem as piores violações dos direitos humanos e onde há mais presos políticos. O importante para ele são coisas mais transcendentais como o Porto de Mariel, que o Brasil está financiando com US\$ 300 milhões, ou a próxima construção pela Petrobrás de uma fábrica de lubrificantes em Havana. Diante de realizações deste porte, o que poderia fazer sentido ao "estadista" brasileiro que um pedreiro cubano qualquer, e ainda por cima negro e pobre, morresse de fome clamando por ninharias como a liberdade? Na verdade, tudo isto significa, infelizmente, que Lula é um típico mandatário "democrático" latino-americano.

Quase todos eles são do mesmo feitio, e quase todos, uns mais, outros menos, embora – quando não têm mais remédio – praticam a democracia no seio dos seus próprios países, mas, no exterior, não têm nenhuma vergonha, como Lula, em cortejar ditadores e demagogos, porque acham, coitados, que desta maneira os tapinhas amistosos lhes proporcionarão uma credencial de "progressistas" que os livrará de greves, revoluções e de campanhas internacionais acusando-os de violar os direitos humanos.

Como lembra o analista peruano, em um artigo admirável: "Enquanto Zapata morria lentamente, os presidentes da América

## REFLEXÕES X

---

Latina – entre eles o algoz cubano – reuniam-se no México para criar uma organização (mais uma!) regional. Nem uma palavra saiu dali para exigir a liberdade ou um melhor tratamento para os mais de 200 presos políticos cubanos." O único que se atreveu a protestar – um justo entre os fariseus – foi o presidente eleito do Chile, Sebastián Piñera.

De modo que a cara de qualquer um destes chefes de Estado poderia substituir a de Luiz Inácio Lula da Silva, abraçando os irmãos Castro, na foto que me revoltou o estômago ao ver os jornais da manhã. Estas caras não representam a liberdade, a limpeza moral, o civismo, a legalidade e a coerência na América Latina. Estes valores estão encarnados em pessoas como Orlando Zapata Tamayo, nas Damas de Branco, Oswaldo Payá, Elizardo Sánchez, a blogueira Yoani Sánchez, e em outros cubanos e cubanas que, sem se deixarem intimidar pelas pressões, as agressões e humilhações cotidianas de que são vítimas, continuam enfrentando a tirania castrista. E se encarnam ainda, em primeiro lugar, nas centenas de prisioneiros políticos e, sobretudo, no jornalista independente Guillermo Fariñas, que, enquanto escrevo este artigo, há oito dias está em greve de fome em Cuba para protestar pela morte de Zapata e exigir a libertação dos presos políticos.

O curioso e terrível paradoxo é que no interior de um dos mais desumanos e cruéis regimes que o continente conheceu se encontrem hoje os mais dignos e respeitáveis políticos da América Latina. ●

**Mario Vargas Llosa**

## A difícil amizade com Israel

Mario Vargas Llosa

13 de junho de 2010



A cada dia que passa, fica mais difícil ser amigo de Israel, exceto para aqueles que acreditam incondicionalmente que tudo o que as autoridades israelenses fazem é bom, que todos os palestinos são terroristas e as críticas à política de Israel são sempre produto do antissemitismo.

Continuo amigo dos israelenses, apesar da repugnância que me inspira o governo atual, a intransigência fanática dos seus colonos, os abusos e, às vezes, os crimes que Israel comete nos territórios ocupados, em Gaza, ou fora das suas fronteiras, como vimos com os nove mortos e as dezenas de feridos da frota da liberdade.

Essa última é somente uma das facetas de Israel. Há uma outra, admirável e exemplar, diluída pela primeira, contudo mais permanente e representativa: a de um país democrático e pioneiro, que, no meio do deserto e ao mesmo tempo em que travava três guerras, conseguiu formar uma sociedade do primeiro mundo, próspera, moderna, pluralista, com instituições sólidas, na qual se integraram pessoas com hábitos, línguas e tradições de todo o mundo. Embora não o seja para os árabes, é uma sociedade absolutamente livre, na qual as pessoas exercem seu direito, de maneira sistemática, de criticar o poder com tamanha beligerância e virulência como jamais se observou em qualquer país do Oriente Médio, e é raro até mesmo nas democracias do Ocidente. Para mim, o trágico é que aqueles que se opõem à política de Binyamin Netanyahu e brigam por uma solução negociada do problema palestino são uma minoria eleitoral. No entanto, eles estão lá, desmoralizados.

Passei nove dias com alguns deles e, por isso, creio que há esperanças de que os falcões de Israel e os terroristas do Hamas

## REFLEXÕES X

---

acabem perdendo terreno e seja ressuscitado o espírito de Oslo, quando a paz esteve tão próxima, mas foi frustrada pelo assassinato de Yitzhak Rabin.

Esta foi a quinta vez que estive em Israel. Cheguei poucos dias depois da imbecilidade cometida pelas autoridades, impedindo Noam Chomsky de entrar no país – ninguém como elas para, com suas medidas equivocadas, contribuir para o desprestígio da imagem internacional do seu país. Partí três dias depois de os comandos israelenses tomarem de assalto, em águas internacionais, o Mavi Marmara, um ato violento inútil que fez tanto dano para a imagem de Israel no mundo quanto a invasão do Líbano. Que também lhe valeu a inimizade da Turquia, seu único aliado entre os países muçulmanos, e uma avalanche de condenações que estão longe de cessar. Mas, ao que me consta, houve em Israel protestos enérgicos por essa minoria de "justos" – no sentido que Albert Camus dava à palavra.

No dia em que proferi uma conferência na Universidade Hebraica de Jerusalém, presenciei uma manifestação de estudantes árabes e israelenses, portando cartazes condenando a ocupação de casas pelos colonos judeus em Sheikh Jarrah. No dia seguinte, estive na praça vizinha a esse bairro onde, todas as sextas-feiras, reúnem-se centenas para protestar contra as tentativas do movimento colonizador extremista Gush Emunim, de ocupação de áreas palestinas.

Encontrei-me com velhos amigos, como Meir Margalit, líder de uma organização de voluntários israelenses que reconstrói casas dos palestinos dinamitadas pelo Exército com a justificativa de que pertencem a parentes de acusados de terrorismo. Também fazia parte do grupo Yehuda Shaul, fundador da organização Quebrando o Silêncio, integrada por ex-soldados do Exército empenhados em "abrir os olhos de israelenses e estrangeiros sobre os excessos e violências cometidos contra os palestinos".

Passei o dia todo com Yehuda percorrendo as grutas do Monte Hebron, um espetáculo deplorável de camponeses e pastores árabes que, desalojados de suas terras pelos colonos de Gush Emunim,

## REFLEXÕES X

---

aferram-se a um território cercado de postos militares, onde os poucos poços de água que existiam foram fechados pelos invasores para forçá-los a partir. A maioria dos israelenses, que alcançou um nível de vida tão alto como o dos países mais avançados, nem mesmo suspeita que, a pouca distância das suas casas, vive uma sociedade miserável condenada ao desaparecimento.

Mas é ainda pior o espetáculo em Gaza, para onde voltei um dia depois do assalto ao navio Mavi Marmara. As casas bombardeadas nos bairros de Beít Lahiya, ao norte da Faixa, e de Ezbt Abed Rabbo, exibem interiores dilacerados, pedaços de ferro e escombros por toda a parte. O pior não é a desolação, mas ver que, sob essas ruínas, vivem famílias inteiras, crianças esfarrapadas e descalças brincando, inconscientes do perigo que correm.

Num artigo publicado em 8 de junho no El País, Bernard-Henri Levy nega que exista fome em Gaza pois Israel, diz ele, permite a entrada de caminhões de alimentos, diariamente. Ele está muito mal informado. Existe fome em Gaza, desnutrição, doenças que não podem ser curadas e gente que morre por falta de remédios e material para as equipes médicas, como qualquer pessoa pode ver ao visitar o hospital Al-Shifa, conversar com os médicos e se horrorizar com as condições em que trabalham.

O bloqueio de Gaza não tem desculpa, pois condena um milhão e meio de habitantes a uma morte lenta. As principais vítimas não são os terroristas, mas os seres mais desvalidos: idosos, mulheres, doentes e crianças. O bloqueio não lhes permite importar ou exportar, nem pescar, já que só podem fazê-lo dentro das três milhas marítimas da praia, "onde não há quase peixes". Quem vive sob essas condições dificilmente não abrigaria o ódio e o ressentimento que tornaram possível a vitória eleitoral dos fanáticos do Hamas.

A organização terrorista voltaria a vencer as eleições? Quase todas as pessoas com quem falei em Gaza me garantiram que a decepção é muito grande com as autoridades atuais e que o Fatah recuperou a popularidade que tinha nos tempos de Arafat. Isso se deve ao apogeu econômico que se observou na Cisjordânia, graças à política

## REFLEXÕES X

---

do primeiro-ministro Salam Fayad.

Um dos grandes paradoxos do que ocorre agora em Israel é que, pela primeira vez nestes 35 anos que venho visitando o país, todos os israelenses com quem conversei – e foram muitos – aceitam como princípio, alguns com alegria, outros com resignação, a fórmula de dois Estados independentes como solução do problema regional.

Qual é a razão, então, para não haver negociações? Os colonos. São apenas 400 mil, mas são ativos, fanáticos. Entretanto, num jantar com o jornalista Gideon Levy, do qual participavam dois escritores que admiro, A.B. Yehoshua e Amos Oz, este último assegurou-me que apenas uma fração de alguns poucos milhares de colonos resistiria pelas armas a um acordo israelense-palestino.

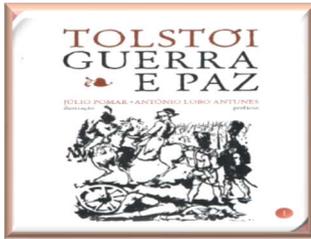
O que falta não são ideias, nem boa vontade, mas um líder lúcido e corajoso que atue. Ah! Se os justos de Israel estivessem no poder! ●

**Mario Vargas Llosa**

## O apego do mestre

Mario Vargas Llosa

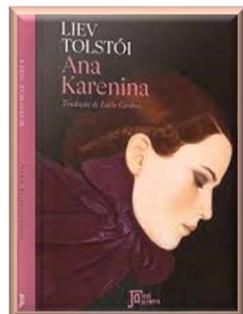
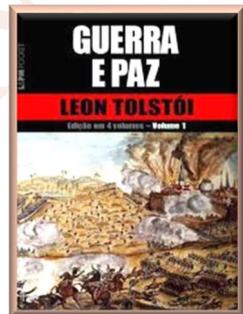
17 de julho de 2010



*Em visita à propriedade na qual viveu Liev Tolstói, o escritor peruano relembra o impacto provocado pela leitura de Guerra e Paz – e os mistérios que rondam a criação de uma obra-prima*

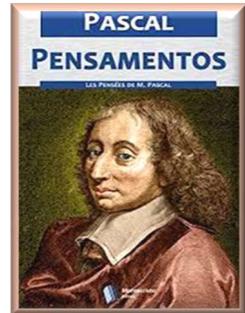
Quando li pela primeira vez Guerra e Paz, de Liev Tolstói, no verão de 1960, em

Perros-Guirec, um vilarejo da Bretanha, sonhava visitar um dia Iásnaia Poliana. Levou meio século para tornar esse sonho realidade, mas valeu a pena porque a propriedade rural e a casa onde Tolstói nasceu, passou a maior parte da sua vida, escreveu suas duas obras-primas – Guerra e Paz e Anna Karenina – e foi enterrado, estão magnificamente conservadas, seguindo uma tradição deste país onde os escritores considerados subversivos, quando vivos e escrevendo, são censurados, acossados, encarcerados e às vezes assassinados, mas quando morrem se tornam objeto de culto religioso. Iásnaia Poliana é um belo lugar, e fica cerca de duzentos quilômetros ao sul de Moscou, nos arredores de Tula, um local repleto de lagunas, com avenidas de bétulas, álamos, carvalhos e macieiras, que cortam as plantações quadriculadas. Nesse dia ensolarado e quente, vimos grupos de estudantes de uma escola de Belas Artes pintando as paisagens. Apontando para os estábulos, a guia nos diz que quando Tolstói viveu ali, a fazenda contava com trinta cavalos – o dono da casa amava cavalgar e o número de animais continua o mesmo.

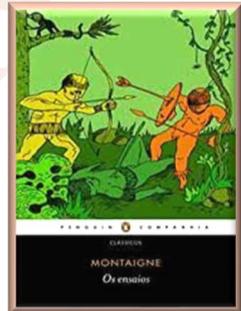


## REFLEXÕES X

Também as árvores frutíferas ali permanecem, como as jardineiras e todo o mobiliário e objetos pertencentes à família. Durante a Segunda Guerra Mundial tudo foi salvo por milagre, pois o exército de Hitler ocupou o imóvel, mas ele estava vazio, pois os camponeses esconderam tudo o que havia dentro e o devolveram depois da derrota do invasor.

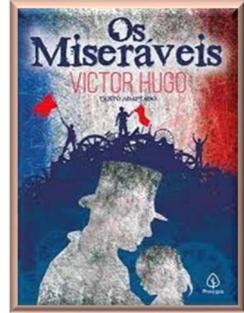


A casa é imponente, com varandas em madeira lavrada pintada de branco, mas no interior tudo é muito simples, mais rústico, e um pouco apertado porque ali viveram, além de Liev e sua mulher, Sofia, os oito filhos que sobreviveram aos treze concebidos pelo casal, além do médico da família, o secretário e uma infinidade de mordomos e serviçais. O quarto em que Liev se confinou quando decidiu renunciar ao sexo é minúsculo e espartano, como a cela de um monge. O escritório é pequeno e emocionante, com suas penas, tinteiros, mata-borrões, fotografias de familiares e os dois livros que Tolstói estava lendo, aos 82 anos, no mesmo dia em que fugiu de casa para ir morrer na minúscula aldeia de Astopovo: Os Ensaios de Montaigne e Os Pensamentos de Pascal. As estantes que estão em todos os cantos da casa têm livros em cinco idiomas – dizem que ele lia em 14 –, mas entre os estrangeiros prevalece o francês. Vi vários livros de Victor Hugo, cuja obra Os Miseráveis foi elogiada com entusiasmo por Tolstói, mas não vi nada de Shakespeare, que ele tentou destruir com um ataque tão disparatado quanto insólito.



Nos últimos meses de vida, o escritor havia começado a estudar chinês, prova da juventude do seu espírito e dos lampejos de loucura que marcaram sempre sua genialidade. Nessa época ele não só era um dos grandes romancistas de todos os tempos, como se converteu num profeta, um místico, um inventor de religiões, um

patriarca da moral, um teórico da educação e um ideólogo que propunha o pacifismo, o trabalho manual e agrícola, o ascetismo e um cristianismo primitivo, libertário e *sui generis* com remédio para os males da humanidade. Foi excomungado pela Igreja Ortodoxa, fato que, em vez de prejudicá-lo, tornou-o ainda mais popular, pelo menos fora da Rússia.



Tudo o que Tolstói dizia repercutia em todo o planeta e pelo menos em quatro dos cinco continentes surgiram aquelas comunidades agrícolas de jovens – muitos artistas e poetas entre eles – que abandonaram as cidades, renunciaram ao espírito de lucro e buscaram se regenerar moralmente, compartilhando tudo e trabalhando a terra com suas próprias mãos. Embora essas colônias não tenham durado muito tempo, isso não impediu que o pacifismo messiânico de Tolstói deixasse uma marca na história: Mahatma Gandhi foi um dos seus mais ilustres discípulos, como também Martin Luther King, e o sionismo se inspirou em muitas ideias de Tolstói, sobretudo na concepção dos kibutz.

Mas o enorme prestígio que Tolstói alcançou no mundo inteiro não teria sido possível se, por trás de suas teorias audazes, pitorescas, e às vezes temerárias, não tivessem existido os romances que escreveu, principalmente *Guerra e Paz*. Como ele os concebeu? A Iásnaia Poliana chegam investigadores do mundo inteiro para averiguar, examinar seus rascunhos, notas, resumos de leituras e testemunhos que constituíram a matéria-prima dessa obra monumental, talvez a mais ambiciosa já realizada por um escritor. Mas, embora esses estudos às vezes produzam ensaios lúcidos e interpretações profundas, certamente nenhum deles conseguirá explicar inteira e cabalmente o mistério que é sempre uma grande obra-prima.

Li *Guerra e Paz* três vezes, em francês, inglês e espanhol, e todas as vezes senti esse mal-estar impregnado de admiração e inveja provocado por uma obra de arte que parece ter ultrapassado os limites, indo além do possível para o comum dos mortais, recriando

## REFLEXÕES X

---

um mundo tão diverso e vertiginoso como o real, mas muito mais nítido, coerente, compreensível e perfeito, com seus quase seiscentos distintos personagens, suas epopeias e misérias, sua capacidade para superar suas limitações e defeitos e alcançar o heroísmo, a sabedoria e a santidade, ou se desintegrar na infâmia, na mediocridade.

Em nenhum dos seus ensaios Tolstói descreveu melhor a condição humana, o que somos e o que não somos, como em *Guerra e Paz*, que ele escreveu sem pretensões filosóficas, sociológicas ou religiosas, propondo-se apenas, como explicou no epílogo do livro, a contar uma história militar. *Guerra e Paz* também é uma crônica da resistência do povo russo à invasão das tropas napoleônicas, que lemos como se fosse um bom romance de aventuras. Mas, ao mesmo tempo, essa obra é tantas outras coisas que qualquer definição dela é pobre, comparada com a miríade de experiências e situações que envolve: militares, religiosas, políticas, o amor, o ódio, a generosidade, a amizade, os demônios da irracionalidade e os instintos mais obscuros, o candor, a pureza, a saudade. Nada falta para nos dar essa impressão fantástica do Aleph borgiano: tudo está ali. Um romance que materializou o anseio impossível de todo romancista: recriar um mundo à sua imagem e semelhança, na sua totalidade.

Provavelmente Tolstói nunca teve consciência da sua façanha. Estava sempre entregue a seus projetos revolucionários, a escola para os filhos dos serviais, onde testou métodos educativos que ele próprio criou e cujo local ainda é conservado, ou a maneira de refrear a luxúria e os apetites materiais a que sucumbiu tantas vezes, ou empenhado em fazer da religião algo que descartasse todas as formas de preconceito, obscurantismo e superstição. Embora pudesse ser arrogante e soberbo no plano intelectual, exigindo de seus amigos e discípulos uma lealdade incondicional, Tolstói não tinha aquela vaidade medíocre como muitos de seus colegas, não se importava com a fama, os reconhecimentos e o poder. Sofria realmente com os privilégios desfrutados por toda a classe aristocrática e se compadecia até as lágrimas com a condição dos humildes e de todas as vítimas da pobreza, da exploração e a

injustiça.

O fato de os remédios que imaginou para pôr fim à desigualdade e aos abusos serem ingênuos e irrealistas não diminuiu o valor moral dos seus esforços para se privar de qualquer luxo, viver uma vida austera e multiplicar as iniciativas para aproximar-se espiritualmente dos deserdados. O mais belo de Iásnaia Poliana é a tumba do escritor. Está no meio do bosque e não tem nenhuma inscrição: uma pequena elevação coberta de grama rodeada de árvores altíssimas cujo verde, nesse brilhante dia de verão, resistia à investida do sol. O vento sussurrava entre as folhas e os ramos e o local tem uma paz e um sossego que Tolstói jamais conheceu em toda a sua existência.

Ao sair da fazenda-museu, o visitante pode almoçar num pequeno restaurante do povoado que serve pratos com receitas de Sofia Tolstói. Corajosamente, escolhi um deles, um pouco hesitante. Era um refogado grosso e gorduroso de batatas, cebolas, cogumelos e pedaços de uma carne fibrosa difícil de mastigar. O que não se faz por um gênio! ●

**Mario Vargas Llosa**

## Os reais heróis do nosso tempo

Mario Vargas Llosa

25 de julho de 2010



É muito bom que 20 presos políticos cubanos tenham sido libertados e ido para a Espanha com suas famílias. É bom que o governo de Raúl Castro tenha prometido libertar mais algumas dezenas nos próximos meses. Devemos nos alegrar por isto.

A primeira coisa que cabe perguntar a respeito desse punhado de exilados é quem são. Nenhum deles pertence ao antigo regime, todos nasceram e foram formados pela revolução e, portanto, sua dissidência não nasce da nostalgia de um passado que não conheceram, mas do repúdio de uma ditadura da qual padeceram de dentro, que despertou neles um anseio de liberdade.

Por suas profissões, eles representam todo o leque social: operários, artesãos, ex-soldados, jornalistas, ex-funcionários. Que crimes foram esses pelos quais foram condenados a penas duras de 12, 15, 20 anos de prisão? Assinar petições, escrever artigos, ter uma máquina de escrever, constituir um grupo de defesa dos direitos humanos ou escritórios de informação independentes, atividades pacíficas e alheias a qualquer tipo de subversão ou violência.

Se somarmos a isso as infinitas humilhações, espancamentos, torturas e castigos de que foram vítimas, não há dúvida de que cada um deles é uma testemunha viva da brutalidade irracional aplicada pelo regime castrista contra os que não se submetem com total servidão e do heroísmo necessário para enfrentar, ainda que da maneira mais benigna, uma ditadura totalitária como a cubana.

Por que puderam sair da ilha? Pelos bons ofícios da Igreja Católica e do governo espanhol, segundo a fórmula empregada pelo chanceler Miguel Angel Moratinos? Tenho a impressão, ao contrário, de que o

governo cubano, vendo-se numa situação difícil depois da morte do dissidente Orlando Zapata, após 86 dias de uma greve de fome que provocou condenações em todo o mundo, e da morte iminente de Guillermo Fariñas, que estava havia cerca de 130 dias em jejum, decidiu fazer um gesto e serviu-se de ambos para seus próprios fins.

Quais são eles? Primeiro, esvaziar a campanha no exterior contra o regime e melhorar um pouco sua desprestigiada imagem institucional. Segundo, o mais importante, conseguir que a União Europeia abandone a posição comum que suspende toda a colaboração econômica com o regime enquanto não houver uma melhoria concreta dos direitos humanos na ilha. Para a ditadura cubana, que vive uma situação econômica crítica da qual não sabe como sair porque teme que a abertura aos investimentos privados e a liberalização do mercado a debilite, a cooperação e a ajuda externa são o balão de oxigênio indispensável para prolongar sua vida.

É ingênuo pensar que a libertação de dezenas de presos políticos constitua uma reforma substantiva da política do regime contra a oposição. Um dos traços mais repugnantes da ditadura caribenha foi seu hábito de presentear com presos políticos os ocidentais que faziam o beija-mão ao ditador, para que ganhassem bônus em seus países como "salvadores" e dessem seu testemunho de quão flexível o regime podia ser quando tratado com compreensão.

Somente uma tirania cuja reserva de prisioneiros políticos é um saco sem fundo pode se permitir, sem nenhum risco, esse abjeto tráfico de carne humana nas relações públicas, podendo substituir à vontade os presos que oferece a seus hóspedes importantes. Por enquanto, nada mudou, exceto que alguns heróis do nosso tempo puderam sair de Cuba com seus familiares para o difícil caminho do exílio e continuar lutando, no exterior, pela democratização do seu país. Os meios de comunicação cubanos não disseram uma palavra do que ocorreu, com exceção da reprodução no *Granma* de um comunicado do arcebispado, que deve ter deixado seus leitores sem entender coisa alguma.

Não há uma única disposição, regulamento ou lei que serviu para mandar para a prisão os dissidentes que tenha sido suspensa,

## REFLEXÕES X

---

abolida ou corrigida, nem a menor promessa do governo cubano que permita supor que a libertação seja o início de uma política de tolerância com os presos de consciência.

O governo socialista espanhol acredita que seja isto o que está ocorrendo. Esse é o argumento com o qual Moratinos procurará convencer a União Europeia para que suspendam a posição comum, substituindo-a por uma política de reconciliação, amizade e "diplomacia silenciosa".

Confesso que nunca entendi por que motivo um governo democrático, no qual há um grande número de opositores do franquismo, que viveram na própria carne o que significa uma ditadura totalitária, adota em relação a Cuba uma política que, em termos práticos serve apenas para prolongar, há mais de meio século, a existência de uma ditadura atroz. E, o que é pior, que constitui uma hostilidade flagrante contra uma oposição que, jogando com a própria vida e expondo-se a abusos e represálias, luta para que Cuba alcance o que a Espanha tem desde a morte de Franco.

Muitas vezes, fiz a mim mesmo essa pergunta e cada vez me parece mais difícil encontrar uma resposta que não implique uma patética falta de visão, pequenez e cegueira. A aproximação do governo espanhol com a ditadura cubana será simplesmente uma maneira de mostrar uma mudança radical da política em relação à do governo de José María Aznar, que convenceu a Europa a adotar a posição comum? Se for assim, a política externa da Espanha não passa de um brinquedo desorientado a serviço de mesquinhas querelas partidárias, sem continuidade, horizonte geopolítico e nem moral.

Talvez, a explicação seja outra. O socialismo espanhol, felizmente para a Espanha, de socialismo tem só o nome. Como todos os partidos socialistas do Ocidente, o espanhol se modernizou e abandonou os velhos paradigmas ideológicos, a luta de classes, o estatismo, o coletivismo, o dirigismo econômico. Assim, acabou se conformando a realidades que antes combatia com rancor: empresa privada, mercado, investimentos estrangeiros. Ele é hoje um baluarte do capitalismo e da democracia liberal. Suas diferenças em

## REFLEXÕES X

---

relação aos partidos conservadores são pequenas e nada transcendentais, salvo na retórica de seus dirigentes, na qual, às vezes, emergem os antigos clichês da ideologia ultrapassada.

Eu me pergunto se a política imoral do governo espanhol, de colaboração com o castrismo, não seria uma maneira de seus dirigentes demonstrarem a si mesmos que não deixaram de ser socialistas, que fazem de tudo para salvar a Revolução Cubana, que é ainda o emblema daquele socialismo que eles abraçaram quando eram jovens.

Talvez isto acalme sua consciência e, fugazmente, os isente da tristeza de comprovar, a cada passo, que em toda parte, menos em Cuba, deixaram de ser "revolucionários" e tornaram-se pragmáticos.

Que pena que toda essa operação de declaração de inocência de um governo, que deveria liderar o apoio dos países livres aos heróis da liberdade em Cuba, se dê à custa de 11 milhões de cubanos submetidos, há mais de meio século, a um regime que disputa com a Coreia do Norte o privilégio de ser a última ditadura comunista do planeta.

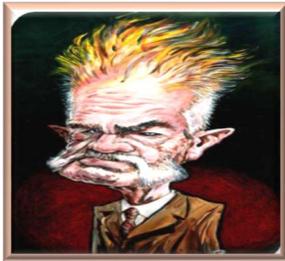
Faço votos para que, atendendo ao pedido dos presos políticos desterrados de Cuba, a União Europeia não cometa a imprudência de renunciar à posição comum e a mantenha até que o regime dos irmãos Castro dê passos concretos rumo à democratização. ●

**Mario Vargas Llosa**

## O pastor Jones e os fanfarrões

Mario Vargas Llosa

19 de setembro de 2010



Terry Jones, um obscuro pastor protestante de Gainesville, Flórida, cuja igreja conta apenas com meia centena de fiéis, anuncia que pretende comemorar o aniversário dos atentados do 11 de Setembro, queimando exemplares do Alcorão e, em poucos dias, torna-se uma celebridade mundial. Não acredito que exista um símbolo mais eloquente da civilização do espetáculo, que

é própria do tempo em que vivemos.

**Comumente** – diante de uma provocação, estupidez ou palhaçada como a do pastor Jones, ditada pelo fanatismo, a loucura ou um frenético apetite de publicidade –, teria se seguido o silêncio, a indiferença, ou, ao máximo, uma menção de duas linhas nas páginas de excentricidade dos veículos de comunicação. No entanto, no contexto de violência política e de fundamentalismo religioso de hoje, a notícia chegou imediatamente às primeiras páginas e a imagem do pregador incendiário deu a volta ao mundo.

Milhares de muçulmanos enfurecidos foram às ruas no Afeganistão, Índia, Indonésia, Paquistão, etc., ameaçando adotar represálias contra os Estados Unidos e seus aliados se o livro sagrado de sua religião fosse lançado às chamas. O alarme soou nas chancelarias e nos altos escalões políticos, militares e espirituais do Ocidente. O Vaticano, o secretário da Defesa Robert Gates, a Casa Branca e até o general David Petraeus, comandante-chefe da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) no Afeganistão, exortaram o pastor a abandonar seu intento inquisitorial.

Por fim, ele cedeu e voltou ao anonimato do qual nunca devia ter saído. O planeta suspirou aliviado, enquanto ficou flutuando no ar a sensação de que o mundo se havia livrado de um apocalipse.

Mas será que este apocalipse poderia ter ocorrido? Evidentemente. Um dos aspectos determinantes do fanatismo é a incapacidade do fanático de ter uma lista de prioridades sensata e racional; na sua, a principal prioridade é sempre uma ideia ou um deus ao qual todo o resto pode e deve ser sacrificado. Portanto, uma fogueira de livros sagrados em um parque de Gainsville diante das câmeras de TV e fotógrafos justifica a 3.<sup>a</sup> Guerra e até o desaparecimento da vida. Quando o general Petraeus pediu ao pastor Jones que não queimasse os exemplares do Alcorão porque, se assim o fizesse, os soldados americanos que combatem no Afeganistão correriam muito mais riscos, sabia muito bem do que estava falando.

Como foi possível chegarmos a uma situação tal em que a iniciativa de um pobre infeliz, sem credenciais de nenhuma ordem, pôde apavorar o mundo porque, se fosse materializada, desencadearia uma orgia de violência terrorista em vários continentes? Segundo alguns, a responsabilidade é dos meios de comunicação, que, se tivessem agido de maneira sensata, não teriam elevado o pastor ao centro da atualidade, dando publicidade à sua ameaça como se esta tivesse sido lançada por uma superpotência atômica.

É verdade que jornais, rádios e canais de TV agiram de modo irresponsável, mas esta não é a razão fundamental do escândalo, porque, neste caso como em muitos outros, a mídia não pode agir de outra maneira. Ela é obrigada a fazer o que faz porque é o que esperam – o que exigem – leitores, ouvintes ou telespectadores: notícias que saiam do comum, que quebrem a rotina, surpreendam, desconcertem, escandalizem, assustem, e – sobretudo – entretenham e divirtam. Não é divertido que um pregador pentecostal da Flórida declare, sozinho, guerra total às centenas de milhões de muçulmanos que há no mundo?

A informação nos nossos dias não pode ser séria, pois, se for, desaparecerá ou, no melhor dos casos, será condenada às catacumbas. A imensa maioria desta minoria que se interessa ainda em saber o que acontece diariamente nos ambientes políticos, econômicos, sociais e culturais, não quer se aborrecer lendo, ouvindo ou vendo sisudas análises nem complexas considerações, mas quer passar uns momentos amenos, que a redimam das

frustrações e das labutas do dia.

Não por acaso um jornal como *Le Monde*, na França, que era um dos mais sérios e respeitáveis da Europa, esteve várias vezes às portas da bancarrota. Salvou-se recentemente, mais uma vez, mas sabe-se lá por quanto tempo. A não ser que se resigne a conceder um espaço maior à notícia diversão, à fofoca, à frivolidade, que foram colonizando de maneira sistemática todos os grandes veículos de comunicação, tanto do primeiro quanto do terceiro mundo, sem exceções.

Para ter direito a existir e a prosperar, agora a mídia não deve dar notícias sem oferecer espetáculos, informações que por sua cor, humor, caráter apocalíptico e insólito<sup>20</sup> se pareçam com *reality shows*, onde verdade e mentira se confundem como na ficção.

**Diversão perigosa.** Divertir-se de qualquer jeito, mesmo quando isso implique transgredir as mais elementares normas de urbanidade, ética, estética e simples bom gosto, é o primeiro mandamento da cultura do nosso tempo. A liberdade, privilégio de que desfrutam os países ocidentais, e hoje, felizmente, um bom número de países do restante do mundo, porque garante a convivência, o direito de crítica, a concorrência, a alternância no poder, permite também excessos que vão solapando os fundamentos da legalidade, ampliando-a a extremos em que ela própria acaba sendo negada. O pior é que para este mal não há remédio, pois suprimir a liberdade teria, em todo caso, consequências ainda mais nefastas para a informação do que sua banalização.

Os efeitos secundários da elevação da cultura do espetáculo – seus danos colaterais – são vários e, principalmente, o protagonismo alcançado na sociedade do nosso tempo pelos bufões. No passado, sua profissão era nobilíssima: divertir, tornando a si mesmo uma farsa ou comédia ambulante, um personagem fictício que distorce a vida, a verdade, a experiência, para fazer o seu público rir ou

---

<sup>20</sup> **Insólito:** que não é habitual; infrequente, raro, incomum, anormal.

sonhar. É uma arte antiga, difícil e admirável, da qual nasceram o teatro, a ópera, as tragédias, e até os romances. As coisas mudam de valência quando uma sociedade coisificada pela representação e pela necessidade de divertir-se, seu propósito fundamental, exerce uma pressão que vai moldando e transformando seus políticos, intelectuais, artistas, jornalistas, pastores ou sacerdotes, e até cientistas e militares em bufões. Por trás deste espetáculo, muitas coisas começam a desorganizar-se, as fronteiras entre a verdade e a mentira, por exemplo, os valores morais, as formas artísticas, a natureza das instituições e, evidentemente, a vida política.

Não surpreende que, em um mundo marcado pela paixão pelo espetáculo, Damien Hirst, um senhor que fecha um tubarão em uma urna de vidro cheia de formol, seja considerado um grande artista e venda tudo o que fabrica a preços fabulosos.

**Quinze minutos.** Que as revistas e os programas mais populares sejam os que desnudam as intimidades dos famosos, que não são, evidentemente, os que se destacam por realizações científicas ou sociais, mas por escândalos, excessos ou extravagâncias, conseguindo aqueles 15 minutos de notoriedade que Andy Warhol – outro dos ícones da civilização do espetáculo – predisse para a nossa sociedade. É improvável que seu oráculo se cumpra plenamente, mas apenas porque há gente demais no mundo e a mídia não bastaria para conceder a todos esta passageira imortalidade. Mas ela está se cumprindo num sentido mais discreto, pois uma ambição crescente impulsiona cada vez mais pessoas a tentar a fuga do anonimato e buscar a notoriedade de que gozam os bufões, aplaudidos e esquecidos. É difícil escapar deste poder que impulsiona a atirar-se nos braços dos criadores da publicidade – do espetáculo.

Não vimos recentemente alguém tão pouco superficial quanto o cientista Stephen Hawking promover seu próximo livro com a chamativa propaganda de que nele demonstra que a criação do universo pode prescindir de Deus?

É este o ambiente em que se explica o que ocorreu no caso de Terry Jones, que poderia ter nos arrastado para outra catástrofe bíblica

## REFLEXÕES X

---

(nunca melhor definida). Ele pode ser um fanático, louco ou mero palhaço. Mas deve ficar claro que ele não agiu sozinho. Todos fomos seus cúmplices. ●

**Mario Vargas Llosa**

LUIZ BIANCI

## A derrota de Chávez

Mario Vargas Llosa

13 de outubro de 2010



A derrota de Chávez nas eleições parlamentares da semana passada é muito mais significativa do que indicam os números, pois, ao mesmo tempo que mostra a crescente impopularidade do caudilho venezuelano, expõe aos olhos do público a grotesca manipulação do voto popular preparada preventivamente para

converter em vitória o que esperava que seria uma completa recusa de sua política e pretensões.

Assim foi. E sem atenuantes. O comandante Chávez apresentou a consulta como um plebiscito no qual o povo da Venezuela deveria legitimar seu "socialismo do século XXI". Seu chefe de campanha, Aristóbulo Istúriz, profetizou com arrogância: "Podemos perder ganhando se não obtivermos os dois terços da Assembleia Nacional." Pois bem, o resultado menos fraudulento das eleições, o voto pelos 12 representantes do Parlamento Latino-Americano, deu às forças reunidas da oposição uma maioria de cerca de 400 mil votos. Essa diferença se reduz no voto para a Assembleia Nacional para 242.553 – segundo resultados oficiais, o placar foi de 5.642.553 votos a 5.399.574 – porque ali a engenharia eleitoreira de Chávez, com a cumplicidade de seus parlamentares e do Poder Eleitoral, havia emendado a lei para dar uma representação *elefantina* às circunscrições rurais, onde tinha forte penetração, e encolher as urbanas, nas quais a oposição era majoritária.

Calculou-se que, com essa desproporção, o regime precisasse de apenas 30 mil votos para conseguir um deputado, enquanto os opositores da Mesa da Unidade Democrática (MUD) precisavam de 140 mil. Isto explica porque a oposição, tendo obtido 52% dos votos, fez só 65 deputados, e o chavismo, com 48% dos votos, obteve 98. São esses milagres matemáticos que produzem o socialismo do

século XXI. Não estranha que, para comunicar esses dados, o Conselho Nacional Eleitoral demorasse oito horas a mais do que o previsto e Chávez, sempre tão falastrão, emudecesse por 24 horas antes de dar a cara à imprensa. Dessa vez, ele não se atreveu a dizer, como a derrota de sua reforma constitucional, em 2007, que se tratava de "uma vitória de m...". Ele apenas agradeceu ao "povo revolucionário" pela "vitória" que lhe outorgara.

Um aspecto interessante da consulta é que os estados mais castigados pelo caudilho (por terem elegido, no passado, governadores e prefeitos hostis ao regime) com cortes dos repasses e cancelamento de programas sociais, em vez de se deixarem intimidar, redobram sua oposição. Foi assim em Miranda, Táchira, Zulia e em Caracas, onde a oposição derrotou o oficialismo pela primeira vez em 12 anos.

Com os 65 deputados na Assembleia Nacional, a oposição terá a força necessária para frear as reformas constitucionais que Chávez preparava – são necessários dois terços para isso – a fim de acelerar a estatização e o dirigismo da economia, acabar com as empresas privadas e a imprensa independente, fechar os limitados espaços críticos que ainda existem nos âmbitos político, sindical, social e cultural. O avanço do regime para um modelo cubano terá muito mais obstáculos agora que o próprio povo venezuelano comprovou que, com a simples ação de depositar um voto numa urna, podia advertir um governo que transformou a Venezuela no país com a mais alta taxa de inflação da América Latina, o mais alto índice de criminalidade, um dos países mais corruptos e ineficientes do planeta e onde a queda dos níveis de vida da classe média é mais rápido. Neste ano, a Venezuela será o único país da América Latina com crescimento negativo.

As forças da oposição a Chávez não devem cantar vitória nem se vangloriar por esse excelente resultado. Nem tornar a cometer erros como o de 2005, quando, por se abster de participar no processo eleitoral, entregaram a Chávez uma Assembleia Nacional servil que, durante todos esses anos, não foi mais do que uma dócil servidora dos desatinos constitucionais e legais do comandante. É imprescindível que a união dos partidos, movimentos e pessoas da

oposição se mantenham e se responsabilizem, porque, desta maneira, continuará ganhando adeptos e somando em suas fileiras os venezuelanos que, vexados ou atemorizados pelas represálias do regime, se abstiveram de participar dessa disputa. Reprova-se na oposição venezuelana a carência de líderes, ela não ter à frente figuras carismáticas que arrebatem as massas.

Mas como ainda se há de acreditar em caudilhos? Não foram eles, esses palhaços horripilantes com as mãos manchadas de sangue, embustes inflados de vaidade pelo servilismo e a adulação dos que os cercam, a razão dos piores desastres da América Latina? A existência de um caudilho carismático supõe sempre a abdicação da vontade, do livre arbítrio, do espírito criador e da racionalidade de todo um povo ante um indivíduo ao qual reconhece como ser superior, melhor dotado, para decidir o que é bom e o que é mau para todo um país. É isso que queremos? Que venha um novo Chávez para nos livrar de Chávez?

Eu discordo. Estou convencido de que a América Latina só será verdadeiramente democrática, sem reversão possível, quando a imensa maioria dos latino-americanos estiver vacinada contra a ideia irracional, primitiva, incompatível com a cultura da liberdade, de que só um super-homem pode governar eficazmente. Os venezuelanos assim acreditaram quando apareceu Chávez, com sua voz tonitruante, seus disparates bolivarianos e seus monólogos pretensiosos, e votaram em massa nele, descrendo da democracia. Assim foi. Eles pagaram caro por isso. Agora, aprenderam a lição e uma das boas coisas que estão fazendo, enquanto enfrentam a semiditadura, é ter renunciado aos caudilhos. Agora, eles têm dirigentes que merecem respeito, não adoração religiosa, pois trabalham em equipe, buscam consensos e diálogo, isto é, já começam a praticar a cultura democrática que voltará a ser a da terra de Bolívar quando Chávez não for mais que uma dessas figuras borradas de uma tradição de vergonha e atraso.

Os meses e anos que a Venezuela tem pela frente não serão fáceis. O regime avançou demais na construção de algumas estruturas ditatoriais e muita gente já prospera nelas para que Chávez acate a vontade popular, retifique sua política e esteja disposto a se retirar

## REFLEXÕES X

---

do poder se as urnas o mandarem. O perigo maior é que, depois dessa surra pacífica que acaba de receber, ele se enfureça e consiga, com decretos e desmandos, o que não conseguiu pelo voto. E instale a censura, liquide a imprensa não alinhada, acabe com toda forma de oposição e estatize a economia.

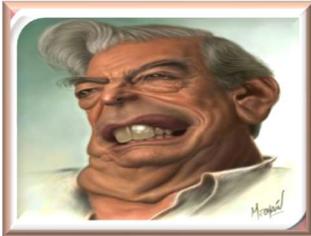
Isso não será fácil. Ele já perdeu aquele estado de graça do caudilho messiânico e agora os venezuelanos sabem que ele é falível e vulnerável. Avizinha-se um período tenso, no qual, uma vez mais, como há dois séculos, se decidirá na terra venezuelana o futuro da liberdade em toda a América Latina. ●

**Mario Vargas Llosa**

## Quatorze minutos de reflexão

Mario Vargas Llosa

14 de outubro de 2010



*O peruano Mario Vargas Llosa lembra os curtos, mas intensos momentos que viveu antes de ser mundialmente anunciado como vencedor do Prêmio Nobel*

Naquele dia, como em todos os dias desde que, três semanas atrás, chegamos a Nova York, me levantei às 5 da manhã e, tomando o cuidado de não despertar

Patrícia, fui até a sala para ler. Ainda era noite cerrada e as luzes dos arranha-céus ao redor tinham a aparência inquietante de um gigantesco enxame de vaga-lumes invadindo a cidade.

Dentro de mais ou menos uma hora teria início o amanhecer e, nas auroras de céu aberto, as primeiras luzes começavam a iluminar o Rio Hudson e a esquina do Central Park com suas árvores que o outono principiava a dourar, um lindo espetáculo com o qual me presenteiam todas as manhãs as janelas do apartamento (moramos no 46º andar).

Eu já havia planejado o dia com minuciosa precisão. Trabalharia por cerca de duas horas preparando a aula da próxima segunda-feira em Princeton, na qual eu ilustraria a questão do ponto de vista com exemplos tirados de *O Reino Deste Mundo*, de Alejo Carpentier; meia hora de exercícios para as costas; uma hora de caminhada no Central Park; jornais; café da manhã; banho; e depois uma visita à Public Library de Nova York, onde escreveria minha coluna para o jornal *El País* sobre o suicídio, jogando-se da ponte George Washington, na Universidade Rutgers, de Tylor Clementi, violinista e jovem estudante a quem os colegas



homofóbicos haviam denunciado como *gay*, espalhando pela *internet* um vídeo no qual a vítima aparecia beijando um homem.

Imediatamente fui absorvido pela magia de *O Reino Deste Mundo* e pela transfiguração mítica que a prosa de Carpentier opera sobre as primeiras tentativas de independência no Haiti. O narrador onisciente da história é uma astuta ausência erudita, livresca, barroca e rebuscada que narra de muito perto a sensibilidade do escravo Ti Noel, que acredita nos Grandes Loas do vodu e também que os feiticeiros do culto, como Mackandal, gozam do dom da licantropia<sup>21</sup>, ou seja, podem transformar-se em animais quando querem. Fazia pelo menos 20 anos que eu não relia esta obra, e seu poder de persuasão continuava irresistível.

Logo percebi a presença de Patrícia na sala. Ela se aproximava com o telefone na mão e uma expressão que me assustou. "Uma tragédia na família", pensei. Apanhei o telefone e escutei, entre assovios, ecos e ruídos elétricos, uma voz que falava em inglês. No instante em que consegui distinguir as palavras "Swedish Academy", a ligação caiu. Ficamos calados, olhando um para o outro sem nada dizer, até que o telefone voltou a tocar. Agora era possível escutar bem.

O cavalheiro me disse que era o secretário da Academia Sueca, que eles me haviam concedido o Prêmio Nobel de Literatura e que a notícia seria levada a público em questão de catorze minutos. Que eu poderia acompanhá-la pela televisão, pelo rádio e pela *internet*.

– Temos que avisar Álvaro, Gonzalo e Morgana – disse Patrícia.

– Melhor esperarmos pela confirmação oficial – respondi.

E me lembrei que, muitos anos atrás, em Roma, nos contaram a respeito de uma brincadeira de péssimo gosto que alguns amigos (ou melhor, inimigos) aplicaram a Alberto Moravia, fingindo ser funcionários da Academia Sueca e parabenizando-o pela premiação.

Ele alertou a imprensa e a notícia resultou num mal-entendido

---

<sup>21</sup> **Licantropia:** monomania na qual o doente se acredita transformado em lobo ou outro animal selvagem.

## REFLEXÕES X

constrangedor.

– Se for verdade, a casa vai se transformar num manicômio – disse Patrícia. – É melhor você ir logo para o banho. Mas, em vez de fazê-lo, fiquei na sala, vendo chegar entre os arranha-céus as primeiras luzes da manhã nova-iorquina.

Pensei na casa da Rua Ladislao Cabrera, em Cochabamba, onde passei minha infância, e no livro de Neruda, *Vinte Poemas de Amor e uma canção desesperada*, que minha mãe me proibira de ler e que escondera no seu criado mudo (o primeiro livro proibido que li). Pensei no quanto ela ficaria feliz com a notícia, se fosse mesmo confirmada. Pensei no grande nariz e na cabeça reluzente do avô Pedro, que escrevia versos festivos e explicava à família, quando eu me negava a comer: "Para o poeta, o alimento é a prosa". Pensei no tio Lucho, que, naquele ano feliz que passei na sua casa de Piura, o último do colégio, escrevendo artigos, pequenos contos e poemas que às vezes publicava no *La Industria*, me estimulava incansavelmente a perseverar e me tornar um escritor, porque, talvez falando de si mesmo, me garantia que não seguir a própria vocação é trair a si mesmo e condenar-se à infelicidade.



Pensei na estreia, naquele mesmo ano, no Teatro Variedades de Piura, de minha pequena obra *La Huida del Inca (A Fuga do Inca)*, que meu amigo Javier Silva anunciava a plenos pulmões pelas ruas com uma grande buzina, a partir do teto de um caminhão, e na bela Ruth Rojas, a vestal da obra, por quem eu estava secretamente apaixonado.

– É besteira pensar que seja uma brincadeira – disse Patrícia. – Vamos avisar Álvaro, Gonzalo e Morgana de uma vez.

Telefonamos para Álvaro em Washington, para Gonzalo em Santo Domingo e para Morgana em Lima, mas ainda faltavam sete ou oito minutos até o horário indicado. Pensei em Lucho Loayza e em Abelardo Oquendo, amigos da adolescência, e na revista *Literatura*, da qual obtivemos apenas três números. Pensei no nosso manifesto

## REFLEXÕES X

---

contra a pena de morte, na homenagem a César Moro e nas ferozes discussões que às vezes tínhamos para determinar se Borges era mais importante do que Sartre ou do que este ou aquele autor. Eu defendia o último, e eles, o primeiro, e é claro que eram eles que ficavam com a razão. Foi então que me apelidaram de "sartrezinho valente", nome que me encantava.

Pensei no concurso da La Revue Française que ganhei no ano de 1957, com meu conto *O Desafio*, o que me proporcionou uma viagem a Paris, onde passei um mês de total felicidade, morando no Hotel Napoleon, nas quatro palavras que troquei com Albert Camus e María Casares às portas de um teatro dos Grandes Bulevares, e nos meus desesperados e estéreis esforços para ser recebido por Sartre, nem que fosse por um minuto apenas, para ver-lhe o rosto e apertar-lhe a mão.

Lembrei-me de meu primeiro ano em Madri e nas dúvidas que tive antes de enviar os contos de *Os Chefes* ao Prêmio Leopoldo Alas, criado por um grupo de médicos de Barcelona, encabeçado pelo doutor Rocas e aconselhado pelo poeta Enrique Badosa, graças aos quais tive a grande alegria de ver impresso meu primeiro livro.

Pensei que, se a notícia fosse verdadeira, teria de agradecer publicamente à Espanha pelo muito que devo ao país, pois, sem o extraordinário apoio de pessoas como Carlos Barral, Carmen Balcells e tantas outras, editores, críticos, leitores, meus livros jamais teriam alcançado tamanha difusão.

E pensei em quanto eu tive sorte na vida por seguir o conselho do tio Lucho e ter decidido, aos 22 anos, naquela pensão madrilenha da rua do Doutor Castelo, em algum momento de agosto de 1958, que não seria advogado, e sim escritor, e que, desde então, ainda que tivesse de viver com pouco dinheiro, organizaria minha vida de modo que a maior parte do tempo e da energia fossem dedicados à literatura, e que eu só buscaria empregos que me deixassem tempo livre para escrever. Foi uma decisão um pouco quimérica<sup>22</sup>, mas que

---

<sup>22</sup> **Quimérico**: que é fruto da imaginação, da fantasia; fantástico, fictício, utópico.

## REFLEXÕES X

---

me ajudou muito, ao menos do ponto de vista psicológico, e creio que, nos seus termos gerais, eu a cumpri durante os anos que passei em Paris, pois os trabalhos na Escola Berlitz, na Agence France Presse e na Radio Television Française me deixaram sempre algumas horas diárias para ler e escrever.

E pensei no estranho paradoxo de ter recebido tanto reconhecimento, como este prêmio (se a notícia não fosse apenas uma brincadeira de mau gosto), por dedicar minha vida a uma ocupação que me permitiu gozar infinitamente, na qual cada livro foi uma aventura cheia de surpresas, de descobrimentos, de ilusões e de exaltação, que sempre compensou muito as dificuldades, dores de cabeça, depressões e bloqueios. E pensei em como é maravilhosa a vida dos homens e das mulheres que inventamos, para romper as fronteiras tão estreitas da vida real, e nos transportamos a outra, mais rica, mais intensa, mais livre, por meio da ficção.

Às 6 horas da manhã, pontualmente, as rádios, emissoras de televisão e a *internet* confirmaram a veracidade da notícia. Como previu Patrícia, a casa se transformou num manicômio e desde então eu parei de pensar e, quase, até de respirar.

Nova York, outubro de 2010. ●

**Mario Vargas Llosa**

## As caras do Tea Party

Mario Vargas Llosa

24 de outubro de 2010



Como no Tea Party se mesclou toda uma legião de grupos e organizações extremistas, de fanáticos antiaborto e anti-homossexuais a integristas religiosos que querem desterrar Darwin e a Teoria da Evolução dos currículos escolares e substituí-los pelo criacionismo bíblico, passando por seitas pitorescas como os inimigos da masturbação e da miscigenação racial e patrioteiros de tricórnio, bombacha e tambor, difundiu-se a ideia, sobretudo fora dos Estados Unidos, de que a democracia americana poderia vir abaixo nas eleições parlamentares e para governadores de novembro e cair nas mãos de ultradireitistas e loucos furiosos.

Pura paranoia ou afloração de desejos reprimidos dos inimigos dos Estados Unidos. O surgimento do Tea Party nestas eleições parciais, por enquanto, complica mais a vida do Partido Republicano que a do Partido Democrata. Aquele, em razão da queda de popularidade do governo de Barack Obama motivada pela crise econômica, que não dá sinais de amainar, e dos 10% de desempregados da força de trabalho, parecia destinado a arrasar nas urnas. Agora, com o transtorno que criou em seu interior o ativismo e os êxitos locais do Tea Party ao impor seus candidatos, o partido seguramente verá reduzido seu triunfo, pela divisão dos votos republicanos e o abstencionismo ou fuga para o adversário de muitos republicanos a quem atemoriza a ideia de um movimento tão conservador e radical – e de líderes tão pouco sólidos intelectualmente como Sarah Palin ou Glenn Beck, a estrela midiática da Fox – fixar a linha do partido. De modo que o Tea Party talvez enfraqueça um pouco, ou mesmo bastante, o voto de castigo do governo democrata.

Por outro lado, o Tea Party não é um partido político e, embora tenha feito mozza (**mossa**: perturbação moral e/ou emocional; agitação, abalo)

entre os afiliados do Partido Republicano e, sobretudo, nos povoados e províncias distantes dos grandes centros urbanos dos EUA, ele carece de uma organização nacional e de tempo suficiente para criá-la, além de que também conspiram contra ele as divisões e rivalidades que proliferam em seu interior entre, por exemplo, os mais sensatos, os menos sensatos, os palhaços e os delirantes (há subdivisões ainda mais sutis).

Seu nascimento foi espontâneo, uma proliferação de grupos que, hasteando como símbolo o dos colonos da revolução independentista que atiraram ao mar os carregamentos de chá em rebeldia pelo monopólio comercial e os impostos que Londres impunha, se reuniu para protestar contra o crescimento desaforado do Estado, que percebia em medidas como a reforma da saúde e as descomunais ajudas fiscais aos bancos em razão da crise financeira. O que parecia pouco mais que uma manifestação não transcendente e pitoresca do folclore político americano tomou corpo e transbordou para formar a corrente principal dos acontecimentos cívicos do país.

Minha impressão é que, nestas eleições, ele obterá menos vitórias do que se teme, e, provavelmente, por sua falta de coesão interna, por todas as rêmoras<sup>23</sup> que parasitou e a sua espinha dorsal e liderança enfermiças, ele vai definhar e por fim desaparecerá. No entanto, uma coisa importante restará dele e será absorvida pelos grandes partidos e pelo fazer político nesta sociedade, uma das mais permeáveis e capazes de se recriar que conheço.

Isso porque, por baixo de seu semblante ultraconservador, reacionário, populista e demagógico, e dos disparates que alguns de seus dirigentes possam proclamar, como os que garantem que o presidente Obama é secretamente muçulmano, que ele quer o socialismo para os EUA, ou os escorregões da senhora Christine

---

<sup>23</sup> **Rêmora:** design. comum aos diversos peixes teleósteos perciformes da fam. dos equeneídeos, esp. do gên. Remora, cosmopolitas, encontrados em mares tropicais e intertropicais, que possuem o corpo fusiforme, anteriormente deprimido, e um disco cefálico com o qual se fixa a outros peixes, tartarugas, golfinhos e baleias.

## REFLEXÕES X

---

O'Donnell, candidata pelo Estado de Delaware, antiga praticante de bruxaria que acusou os homossexuais de terem criado a aids, há nas entranhas desse movimento algo de são, realista, democrático e profundamente libertário.

O temor do crescimento desenfreado do Estado e da burocracia, cujos tentáculos se infiltram cada vez mais na vida privada dos cidadãos, recortando e asfixiando sua liberdade e suas iniciativas, a apropriação por parte do setor público de funções ou serviços que a sociedade civil poderia assumir com mais eficácia e menos desperdício de recursos; a criação de sistemas abrangentes de assistência social que só podem se financiar com elevações sistemáticas dos impostos, o que se traduzirá em quedas dos níveis de vida das classes médias e populares.

Esses temores não são gratuitos, eles respondem a uma realidade de nosso tempo e se originam em problemas vividos tanto no Primeiro como no Terceiro Mundo. Nos EUA, porém, eles têm uma ressonância particular, pois tocam um nervo sempre vivo em um país onde o individualismo nunca teve a má imagem que tem na Europa, onde as doutrinas coletivistas deixaram raízes profundas em sua história moderna.

Aos EUA chegaram os peregrinos europeus em busca de liberdade, para praticar sua religião, que não era a oficial, para defender o direito do indivíduo de gozar de independência, de escolher sua vida sem outra limitação que não o respeito às formas de vida alheias. Na tradição americana não é o Estado, mas o cidadão o responsável por seu fracasso ou seu êxito. Aquele não deve interferir na vida deste e sim garantir a igualdade de oportunidades, o cumprimento das leis igualitárias e justas que dão os representantes públicos eleitos em eleições libérrimas<sup>24</sup>. Durante muito tempo, esse desígnio ideal foi mais ou menos respeitado e funcionou, trazendo como resultado o extraordinário desenvolvimento e prosperidade do país.

Nesse modelo havia um tanto de irrealidade e muitas imperfeições,

---

<sup>24</sup> **Libérrima**: extremamente livre; livríssimo.

sem dúvida, mas ele deu ao grosso da sociedade americana níveis de vida muito superiores aos do restante do mundo durante muito tempo. Depois, em razão das guerras, das desigualdades econômicas que elas multiplicaram, da ação política reformista, ele foi sendo emendado, em muitas coisas para melhor, mas em outras para pior, e entre estas últimas figura, sem dúvida, esta mastodôntica inflação burocrática que, quase como na Europa, foi reduzindo o espaço de liberdade e de autonomia do indivíduo, com o consequente encolhimento da sociedade civil e, portanto, da responsabilidade do cidadão para consigo mesmo, sua família e o conjunto social.

Na sociedade moderna, onde o Estado é Deus, o indivíduo é cada vez menos responsável porque a realidade apenas lhe permite sê-lo, o empurra cada vez mais para a condição de mero dependente do Estado. Para quase tudo, estudar, curar-se, obter trabalho, ter um seguro, participar e desfrutar da vida cultural, aposentar-se, ele conta com o Estado. A ideia de que esse é o destino final da evolução que vem seguindo a realidade de seu país é simplesmente intolerável para um setor importante dos EUA, para o qual a ideia do indivíduo soberano que não deve se deixar envolver nem ser instrumentalizado pelo Estado, sempre um perigo latente para sua liberdade, é um ingrediente especial de sua história.

Esse é um sentimento justo que merece ser incorporado na agenda política, pois aponta para problemas reais que a cultura democrática enfrenta. Se o Estado não se descentraliza e encolhe, se não devolve à sociedade civil, aos particulares, as muitas iniciativas e serviços que lhes foi arrebatando, o resultado final será o aviltamento da democracia, sua conversão em mera aparência na qual o indivíduo deixou de ser livre e se converteu em autômato, manipulado por burocratas invisíveis e poderosos que, da sombra de seus escritórios, tomam todas as decisões importantes que dizem respeito a seu destino. Não é verdade que somente o Estado pode exercer a solidariedade com o fraco, a ajuda a quem não pode valer-se por si mesmo, responsabilizar-se pela cultura, a saúde, o trabalho dos cidadãos. Em muitíssimos casos, estes o fazem melhor e gastando menos que os burocratas. Na cultura, por exemplo, aqui, nos EUA, grande parte dos magníficos museus, as óperas e

## REFLEXÕES X

---

concertos, a dança, as grandes exposições, as bibliotecas públicas, é financiada principalmente pela sociedade civil. É verdade que há incentivos fiscais que alentam essa generosidade, mas a razão principal é uma tradição cultural, não de todo desaparecida, que induz os cidadãos a agir, a tomar iniciativas de investir seu dinheiro naquilo que acreditam justo e necessário.

Diferentemente das outras, esta mensagem do Tea Party merece ser levada em conta. ●

**Mario Vargas Llosa**

## A resposta da Califórnia

Mario Vargas Llosa

7 de novembro de 2010



Os eleitores do Estado da Califórnia rejeitaram na terça-feira a legalização do cultivo e do consumo da maconha por 53% dos votos a 47%, uma decisão que considero muito equivocada. A legalização teria sido um passo importante na busca de uma solução eficaz para o problema da delinquência vinculada ao narcotráfico que, segundo o que acaba de ser anunciado oficialmente, já causou este ano o impressionante total de 10.035 mortes no México.

Esta solução passa pela descriminalização das drogas, ideia que há pouco tempo era inaceitável para a maior parte de uma opinião pública convencida de que a repressão policial aos produtores, vendedores e usuários de entorpecentes seria o único meio legítimo de pôr fim a semelhante praga. A realidade revelou o quanto esta ideia é ilusória, à medida que todos os estudos indicavam que, apesar das astronômicas somas investidas e da gigantesca mobilização de efetivos para combatê-las, o mercado das drogas continuou a crescer. Ele se estendeu por todo o mundo, criando cartéis mafiosos de imenso poder econômico e militar que – como vemos no México desde que o presidente Felipe Calderón decidiu enfrentar os chefes traficantes e suas gangues de mercenários – pode combater em pé de igualdade, graças ao seu poderio, com os Estados nos quais conseguiram se infiltrar por meio da corrupção e do terror.

Os milhões de eleitores californianos que votaram a favor da legalização da maconha são um indício auspicioso de que cada vez é maior o número daqueles que pensam que chegou a hora de uma mudança na política para lidar com as drogas e de uma reorientação dos esforços – de repressão e prevenção, de cura e informação – no

sentido de acabar com a criminalidade desafortada que é criada pela proibição e com os estragos que os cartéis estão infligindo às instituições democráticas, principalmente nos países do terceiro mundo. Os cartéis podem pagar salários melhores que o Estado e assim neutralizar ou pôr a seu serviço parlamentares, policiais, ministros e funcionários, financiando campanhas políticas e adquirindo meios de comunicação para defender seus interesses.

Desta forma, eles proporcionam trabalho e sustento a inúmeros profissionais nas indústrias, no comércio e nas empresas legais dentro das quais imensas quantias são lavadas. O fato de tantas pessoas dependerem da indústria das drogas cria um estado de tolerância ou indiferença diante das implicações deste mercado, ou seja, da degradação e da derrocada da legalidade. É um caminho que, mais cedo ou mais tarde, conduz ao suicídio da democracia.

A legalização das drogas não será fácil, é claro, e num primeiro momento, como assinalam seus detratores, trará sem dúvida um aumento no seu consumo. Por isso, a descriminalização só tem razão de ser se for acompanhada de intensas campanhas de informação sobre os prejuízos que esse consumo implica, semelhantes às que foram promovidas com sucesso para reduzir o consumo do tabaco em quase todo o mundo, e aos esforços paralelos para desintoxicar e curar as vítimas do vício.

Mas seu efeito mais positivo e imediato será a eliminação da criminalidade que prospera exclusivamente graças à proibição. Como ocorreu com as organizações de gângsteres que se tornaram todo-poderosas e encheram de sangue e cadáveres as ruas de Chicago, Nova York e outras cidades americanas nos anos da Lei Seca, um mercado legal acabará com os grandes cartéis, privando-os de seu lucrativo negócio e levando-os à ruína. Como o problema da droga é fundamentalmente econômico, sua solução também precisa passar pela chave econômica.

Sob a forma de tributos, a legalização trará aos Estados grandes recursos que, se forem empregados na educação dos jovens e na informação do público em geral a respeito dos efeitos nocivos que o consumo dos entorpecentes causa na saúde, podem trazer um

resultado infinitamente mais benéfico e de alcance mais amplo do que uma política repressiva que, além de provocar uma violência vertiginosa e encher de insegurança a vida cotidiana, não fez retroceder o vício nas drogas em nenhuma sociedade.

Em artigo publicado no New York Times no dia 28, o colunista Nicholas D. Kristof cita um estudo presidido pelo professor Jeffrey A. Miron, de Harvard, no qual se calcula que a simples legalização da maconha em todo o território americano representaria uma arrecadação anual de US\$ 8 milhões em impostos para o Estado, ao mesmo tempo poupando a este uma quantia proporcional habitualmente investida na repressão. Com esta gigantesca injeção de recursos voltados para a educação, principalmente nos colégios dos bairros pobres e marginalizados de onde sai a imensa maioria dos viciados, em poucos anos o tráfico de drogas seria reduzido neste setor social que é responsável pelo maior número dos casos de assassinato, delinquência juvenil e decomposição da família.

Kristof cita também um estudo realizado por ex-policiais, juízes e fiscais dos Estados Unidos, no qual se afirma que a proibição da maconha é a principal responsável pela multiplicação das gangues violentas e dos cartéis que controlam a distribuição e a venda da droga no mercado negro, obtendo com isso "imenso proveito". Para muitos jovens que moram nos guetos negros e latinos, já muito atingidos pelo desemprego provocado pela crise financeira, essa possibilidade de ganhar dinheiro rápido com o crime se mostra irresistivelmente atraente.

A estes argumentos "pragmáticos" em defesa da descriminalização das drogas, seus adversários respondem com um argumento moral. "Será que devemos nos render ao delito em todos os casos nos quais a polícia se mostre incapaz de deter o delinquente, optando, assim, por legitimá-lo? Será que deveria ser esta a resposta para a pedofilia, por exemplo, para a violência doméstica, os crimes contra as mulheres e outros fenômenos que, em vez de recuar, aumentam por toda parte? Devemos abaixar a guarda e nos render, autorizando tais práticas diante da impossibilidade de eliminá-las?"

Não se deve confundir as coisas. Um Estado de direito não pode

legitimar os crimes e os delitos sem negar a si mesmo e converter-se num Estado bárbaro. E um Estado tem a obrigação de informar seus cidadãos a respeito dos riscos que estes correm ao fumar, beber álcool e usar drogas, é claro. E também de impor sanções e penas severas àqueles que, por fumar, se embriagar ou usar drogas, causem danos aos demais. Mas não me parece muito lógico nem coerente que, sendo esta a política seguida por todos os governos em relação ao tabaco e ao álcool, não seja esta a política seguida também para o caso das drogas, incluindo as drogas leves, como a maconha e o haxixe, apesar de já ter sido provado que seu efeito não é mais nocivo do que o produzido pelo consumo excessivo de tabaco e álcool, podendo até ser menos maléficas do que estas duas substâncias legalizadas.

Não tenho a menor simpatia pelas drogas, sejam elas leves ou pesadas, e a figura do drogado, assim como a do bêbado, me parece bastante desagradável, na verdade, além de incômoda e inspiradora de desgosto, mas também me desagradam profundamente as pessoas que assoam o nariz na minha frente usando os dedos, que palitam os dentes ou comem frutas com sementes, caroços e cascas, e nunca me ocorreu defender uma lei que as proíba de fazê-lo e as castigue com a prisão caso a desrespeitem.

**Liberdade.** Por isso, não vejo por que o Estado teria de proibir uma pessoa adulta e dona do próprio juízo de causar mal a si mesma ao fumar maconha, cheirar cocaína ou encher-se de pastilhas de ecstasy se isto lhe agrada, alivia sua frustração ou sua apatia. A liberdade do indivíduo não pode significar o direito de fazer apenas coisas boas e saudáveis, mas também outras que não o sejam, respeitando a condição, é claro, de que estas não prejudiquem nem causem dano aos demais.

Esta política, que se aplica ao consumo do tabaco e do álcool, deveria também reger o consumo das drogas. É perigosíssimo que o Estado comece a definir aquilo que é bom e saudável e aquilo que é ruim e prejudicial, pois tais decisões representam uma intromissão na liberdade individual, princípio fundamental de uma sociedade democrática. Por este rumo podemos chegar sem perceber ao desaparecimento da soberania individual e a uma forma disfarçada

## REFLEXÕES X

---

de ditadura. E as ditaduras, como sabemos, são para os cidadãos infinitamente mais mortíferas do que os piores entorpecentes. ●

**Mario Vargas Llosa**

LUIZ BANCI

## O silêncio do terror suicida

Mario Vargas Llosa

21 de novembro de 2010



No fim da 2.<sup>a</sup> Guerra, o Ocidente suspirou aliviado: o conflito havia sido feroz, mas a humanidade conseguira se livrar do nazismo e da tirania de Hitler. O mundo aprenderia a lição; países não se deixariam seduzir por caudilhos fanáticos e renunciariam a ideologias aberrantes, como nacionalismo e racismo, as quais haviam provocado a recente catástrofe. Abria-se um período de paz e convivência no qual a democracia e a cultura da liberdade prosperariam.

Mas o otimismo era precipitado. Entre os vencedores estava a URSS, e Stalin não tinha a menor intenção de renunciar à sua versão do totalitarismo e de conquistar o mundo. Imediatamente começou a Guerra Fria que, por quarenta anos, manteria o planeta numa situação de instabilidade, sob a ameaça de um confronto atômico que acabaria com a civilização e, talvez, com toda forma de vida na terra.

A derrocada da URSS por putrefação interna e a transformação da China em um país capitalista (mas vertical e autoritário) despertaram, no fim dos anos 1980, um novo entusiasmo em todos os amantes da liberdade. O inimigo mais ferrenho da liberdade, juntamente com o fascismo, desmoronava por seu fracasso econômico e social.

Uma vez mais, a democracia parecia o único modelo capaz de produzir a coexistência na diversidade e de produzir oportunidades em um sistema de respeito aos direitos humanos. Francis Fukuyama encarnou esse espírito



## REFLEXÕES X

---

falando em "fim da História", uma etapa na qual, superadas as contradições entre países e ideologias, se estabeleceria um consenso em favor da democracia.

Mais uma vez, era pecar por excessivo otimismo. Ao mesmo tempo em que essa profecia irreal provocava uma polêmica internacional, no Oriente Médio e no Extremo Oriente surgia um novo desafio implacável contra a cultura da liberdade, encarnado no integrismo islâmico que levaria sua mensagem de ódio ao próprio coração dos EUA, Londres e Madri e outras cidades europeias, enchendo as ruas de milhares de inocentes vítimas e inaugurando um período de terrorismo internacional que pegou de surpresa todo o Ocidente. Os atentados estenderam-se logo à África, ao Oriente Médio e à Ásia, deixando em cidades como Nairóbi, Dar-es-Salaam, Djerba, Mombasa, Casablanca, Sham el-Sheikh, Dahab, Kampala, Bali, Islamabad e praticamente todas as cidades do Iraque e do Afeganistão, montanhas de cadáveres. (É preciso notar que o número de vítimas do integrismo islâmico tem sido muito maior entre os muçulmanos do que entre os praticantes de outras religiões e os não crentes.)

Logo o mundo livre descobriria que os tentáculos da Al-Qaeda e de grupelhos afins tinham membros infiltrados em suas comunidades e contavam com cúmplices no seio de famílias imigrantes, por vezes da segunda e até terceira geração. Os antigos monstros estavam vivos e ativos, embora agora não dispusessem de grandes exércitos. Nem precisariam deles. Sua estratégia de assédio e eliminação da democracia contava com uma arma nova e muito difícil de combater: o terrorista suicida. Ele existe desde sempre, mas, incluindo o Japão, onde morrer matando em honra do imperador foi uma prática muito difundida durante a 2.<sup>a</sup> Guerra, em geral tratava-se de casos isolados, que não poderiam, sozinhos, influir no curso de uma guerra.

O terrorismo suicida moderno, como vimos em ação no Iraque na invasão que derrubou o regime de Saddam Hussein e vemos agora no Paquistão e no Afeganistão, é algo sem precedentes: um instrumento fundamental da estratégia planejada por Bin Laden e seus aliados. Não consiste em infligir uma derrota militar ao Grande

Satã (os EUA), mas em enfraquecê-lo mediante atentados contra vítimas inocentes e civis locais, que levam os governos a tomar medidas de segurança que às vezes contradizem os mais acalentados princípios democráticos e violam uma das maiores conquistas da cultura da liberdade que são os direitos humanos.

O que aconteceu em Guantánamo ou no cárcere de Abu Ghraib, no Iraque, com prisioneiros suspeitos de colaborar com o terror são apenas dois exemplos abomináveis, entre muitos outros, de como a estratégia de Bin Laden dá resultados.

O terrorista suicida é uma arma muito difícil de combater em uma sociedade aberta, em que leis devem ser respeitadas, assim como as garantias individuais e os direitos humanos, e onde críticas, doutrinas e ideias são expressas livremente. Pode permanecer despercebido, infiltrar-se e desaparecer entre pessoas comuns, preparar atentados com uma infraestrutura mínima e escolher com calma o alvo e o momento.

A capacidade de destruição de quem não tem medo de morrer matando é imensa. Por enquanto, ele pode mover-se com facilidade pelos lugares onde cometerá sua imolação, lugares que jamais poderiam ser protegidos em sua totalidade. Não há como um governo estabelecer uma vigilância rigorosa em todos os lugares públicos de um país ou de toda uma cidade. Por outro lado, o desenvolvimento espetacular da tecnologia bélica, que nos nossos dias permite que artefatos pequenos e de fácil manuseio causem mais estragos do que antigamente toda uma unidade de artilharia, facilita enormemente a tarefa do terrorista. Vimos casos surpreendentes, como materiais inflamáveis que podem incendiar um avião, escondidos no pó dos sapatos de um suicida potencial.

Na tresloucada corrida da espécie humana para a morte não será impossível que, em breve, cheguemos à fabricação de armas atômicas portáteis. Para as instituições públicas e companhias privadas, isso significou uma multiplicação vertiginosa de gastos e pessoal em sistemas de detecção de armas e metais, em lugares de trabalho e reunião, depósitos, bibliotecas, estádios, lugares de entretenimento, dificultando o transporte e perturbando a vida

cotidiana. Chegou-se a extremos de pesadelo para a maioria da população.

A consequência mais grave da ameaça do terrorismo suicida que paira hoje sobre o Ocidente democrático e liberal é que ele, em seus esforços para defender-se contra a repetição de matanças como as das Torres Gêmeas de Manhattan ou a da estação de Atocha em Madri, vai renunciando às grandes conquistas da cultura da liberdade, reduzindo ou abolindo os direitos que garantem a privacidade e conferindo aos organismos militares e policiais um poder que escapa parcial ou totalmente do controle. Pressionam-se autoridades e imprensa para que desistam de sua liberdade de informação e crítica, e às vezes da simples verdade, para não serem vítimas de represálias, como vimos no episódio das caricaturas de Maomé publicadas na Dinamarca.

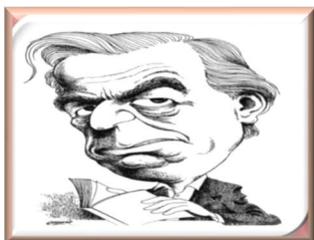
Que extraordinária vitória para os extremistas, que lançam seus fanáticos cobertos de explosivos contra multidões inermes, ver as democracias deixarem de ser democráticas, com o argumento de que a única maneira de defender a liberdade é violando-a e dando passos que as aproximam cada dia mais aos regimes autoritários! ●

**Mario Vargas Llosa**

## Discurso de Mario Vargas Llosa em Estocolmo

Mario Vargas Llosa

8 de dezembro de 2010



Aprendi a ler aos cinco anos, na classe do irmão Justiniano, no Colégio de la Salle, em Cochabamba, na Bolívia. Foi a coisa mais importante da minha vida. Quase 70 anos depois, lembro-me com nitidez como essa magia – transformar as palavras dos livros em imagens – enriqueceu a minha vida, quebrando as

barreiras do tempo e do espaço e permitindo-me viajar com o capitão Nemo 20 mil léguas abaixo do nível do mar, lutar junto com d'Artagnan, Athos, Portos e Aramis contra as intrigas que ameaçavam a rainha nos tempos do sinuoso Richelieu, ou arrastar-me pelas entranhas de Paris com o corpo inerte de Marius às costas.

A leitura convertia o sonho em vida e a vida em sonho e punha ao alcance do pedacinho de homem que eu era o universo da literatura. Minha mãe me disse que as primeiras coisas que escrevi foram continuações das histórias que lia, pois me aborrecia quando elas terminavam ou queria mudar seu final. E talvez seja isso que acabei fazendo na vida sem perceber: prolongar no tempo, enquanto crescia, amadurecia e envelhecia, as histórias que encheram minha infância de exaltação e de aventuras.

Gostaria que a minha mãe estivesse aqui, ela que costumava se emocionar e chorar ao ler os poemas de Amado Nervo e Pablo Neruda, e também meu avô Pedro, de nariz grande e calva reluzente, que elogiava os meus versos, e o tio Lucho que tanto me animou a dedicar-me de corpo e alma a escrever, embora a literatura, naquele tempo e naquele local, alimentasse tão mal os seus cultores. Toda a vida tive ao meu lado gente assim, que gostava de mim e me animava, e me contagiava com a sua fé quando eu duvidava. Graças a eles e, sem dúvida, também à minha insistência

e um pouco de sorte, pude dedicar boa parte do meu tempo a essa paixão, vício e maravilha que é escrever, criar uma vida paralela onde nos refugiamos contra a adversidade, que torna natural o extraordinário e o extraordinário natural, que dissipa o caos, embeleza o feio, eterniza o instante e torna a morte um espetáculo passageiro.

Não era fácil escrever histórias. Ao se transformarem em palavras, os projetos passeavam pelo papel e as ideias e imagens morriam. Como reanimá-los? Por sorte, ali estavam os mestres para que eu aprendesse com eles e seguisse seu exemplo. Flaubert me ensinou que o talento é uma disciplina tenaz e uma longa paciência. Faulkner, que é a forma – o texto e a estrutura – que engrandece ou empobrece os temas. Martorell, Cervantes, Dickens, Balzac, Tolstoi, Conrad, Thomas Mann, que o número e a ambição são tão importantes numa novela quanto a destreza estilística e a estratégia narrativa. Sartre, que as palavras são atos e que uma novela, uma peça de teatro, um ensaio, comprometidos com a atualidade e as melhores opções, podem mudar o curso da História. Camus e Orwell, que uma literatura desprovida de moral é desumana, e Malraux que o heroísmo e o épico cabiam na atualidade tanto quanto no tempo dos argonautas, da Odisseia e da Ilíada.

Se eu mencionasse neste discurso todos os escritores aos quais devo um pouco ou muito as suas sombras nos deixariam na escuridão. São inumeráveis. Além de me revelarem os segredos do ofício de contar, eles me fizeram explorar os abismos do humano, admirar seus feitos e horrorizar-me com os seus desvarios<sup>25</sup>. Foram os amigos mais serviçais, os estimuladores da minha vocação, em cujos livros descobri que, mesmo nas piores circunstâncias, há esperança, e que vale a pena viver, nem que seja só porque sem a vida não poderíamos ler nem fantasiar histórias.

Algumas vezes me perguntei se em países como o meu, com poucos leitores e tantos pobres, analfabetos e injustiças, onde a cultura era privilégio de tão poucos, escrever não era um luxo escapista. Mas

---

<sup>25</sup> **Desvario**: insanidade mental; demência, loucura.

essas dúvidas nunca asfixiaram minha vocação, e continuei sempre escrevendo, mesmo naqueles períodos em que o trabalho de subsistência absorvia quase todo o meu tempo. Acho que fiz a coisa certa, pois, se para a literatura florescer numa sociedade fosse preciso lançar primeiro a alta cultura, a liberdade, a prosperidade e a justiça, isso não teria existido nunca. Ao contrário, graças à literatura, às consciências que ela formou, aos desejos e anseios que inspirou, ao desencanto do real com que retornamos da viagem a uma bela fantasia, a civilização é agora menos cruel do que quando os contadores de contos começaram a humanizar a vida com suas fábulas. Seríamos piores do que somos sem os bons livros que lemos, mais conformistas, menos inquietos e insubmissos, e o espírito crítico, o motor do progresso, nem sequer existiria. A exemplo de escrever, ler é protestar contra as insuficiências da vida. Quem procura na ficção o que não tem, diz, sem necessidade de dizer, e nem de saber, que a vida tal como é não nos basta para apagar a nossa sede de absoluto, fundamento da condição humana, e que deveria ser melhor. Inventamos as ficções para podermos viver de, alguma maneira, as muitas vidas que queríamos ter, quando apenas dispomos de uma só.

Sem as ficções seríamos menos conscientes da importância da liberdade para que a vida seja suportável e do inferno em que ela se converte quando dominada por um tirano, uma ideologia ou uma religião. Quem duvida que a literatura, além de nos levar ao sonho da beleza e da felicidade, nos alerta contra toda forma de opressão, pergunte por que todos os regimes empenhados em controlar a conduta dos cidadãos, do berço ao túmulo, a temem tanto a ponto de estabelecerem regras de censura para reprimi-la, e vigiam com tanta suspeita os escritores independentes. Fazem isso porque sabem o risco que correm ao deixarem que a imaginação flua pelos livros, como quão sediciosas se tornam as ficções quando o leitor compara a liberdade que as torna possíveis e que nelas se exerce, com o obscurantismo e o medo que o pressionam no mundo real.

Queiram ou não, saibam disso ou não, os criadores de fábulas, ao inventar histórias, propagam a insatisfação, mostrando que o mundo é mal feito, que a vida da fantasia é mais rica que a rotina

cotidiana. Essa constatação cria raízes na sensibilidade e na consciência, torna os cidadãos mais difíceis de manipular, de aceitar as mentiras que querem fazer com que aceite, de que entre cassetetes, inquisidores e carcereiros vivem mais seguros e melhor.

A boa literatura cria pontes entre pessoas diferentes, fazendo-nos gozar, sofrer ou nos surpreendermos, nos une sobre as barreiras das línguas, crenças, usos, costumes e preconceitos que nos separam. Quando a grande baleia branca sepulta o capitão Ahab no mar, o coração dos leitores se oprime do mesmo modo em Tóquio, Lima ou Tombuctu. Quando Emma Bovary toma arsênico, Anna Karênina se joga do trem e Julien Sorel sobe ao patíbulo; e quando, em El Sur, o urbano doutor Juan Dahlmann sai daquela vendinha do pampa para enfrentar o punhal de um matador; ou percebemos que todos os moradores de Comala, o povoado de Pedro Páramo, estão mortos, o abalo é semelhante no leitor que adora Buda, Confúcio, Cristo, Alá ou é agnóstico, vista terno e gravata, túnica, quimono ou bombachas. A literatura cria uma fraternidade dentro da diversidade humana e apaga as fronteiras que erguem entre os homens e mulheres a ignorância, as ideologias, as religiões, os idiomas e a estupidez.

Como todas as épocas tiveram os seus espantos, a nossa é a dos fanáticos, dos terroristas suicidas, antiga espécie convencida de que matando se chega ao paraíso, de que o sangue dos inocentes lava as afrontas coletivas, corrige as injustiças e impõe a verdade sobre as falsas crenças. Inumeráveis vítimas são imoladas todos os dias em diversos locais do mundo por aqueles que se sentem donos de verdades absolutas. Acreditávamos que com a queda dos impérios totalitários a convivência, a paz, o pluralismo, os direitos humanos se imporiam e o mundo deixaria para trás os holocaustos, genocídios, invasões e guerras de extermínio.

Nada disso ocorreu. Novas formas de barbárie proliferam estimuladas pelo fanatismo, e com a multiplicação das armas de destruição em massa não se pode excluir que algum grupelho de redentores enlouquecidos provoque um dia um cataclismo nuclear. É preciso ir atrás deles, enfrentá-los e derrotá-los. Não são muitos, embora o estrondo dos seus crimes ecoe por todo o planeta e nos

encham de horror os pesadelos que provocam. Não devemos nos intimidar ante os que querem tirar a liberdade que conquistamos na longa façanha da civilização. Defendamos a democracia liberal que, com todas as suas limitações, ainda significa o pluralismo político, a convivência, a tolerância, os direitos humanos, o respeito à crítica, a legalidade, as eleições livres, a alternância de poder, tudo aquilo que nos tirou da vida selvagem e nos faz aproximar – embora nunca cheguemos a alcançá-la – da formosa e perfeita vida fingida pela literatura, aquela que só inventando, escrevendo e lendo podemos merecer. Ao enfrentarmos os fanáticos homicidas defendemos o nosso direito de sonhar e de tornar nossos sonhos realidade.

Quando jovem, como muitos escritores da minha geração, fui marxista e acreditava que o socialismo seria o remédio para a exploração e as injustiças sociais que dominavam o meu país, a América Latina e o resto do Terceiro Mundo. Minha decepção com o estatismo e o coletivismo e a minha passagem para o democrata e liberal que sou – que tento ser – foi longa, difícil e ocorreu aos poucos por causa de episódios como a conversão da Revolução Cubana, que me entusiasmou de início, ao modelo autoritário e vertical da União Soviética, dos testemunhos dos dissidentes que conseguiam vazar dos muros do gulag, da invasão da Tchecoslováquia pelos países do Pacto de Varsóvia e graças a pensadores como Raymond Aron, Jean-François Revel, Isaiah Berlin e Karl Popper, aos quais devo a minha revalorização da cultura democrática e das sociedades abertas. Esses mestres foram um exemplo de lucidez e galhardia quando a *intelligentsia* ocidental parecia, por frivolidade ou oportunismo, ter sucumbido ao feitiço do socialismo soviético, ou pior ainda, à diabólica e sanguinária revolução cultural chinesa.

Quando criança, sonhava chegar um dia a Paris porque, deslumbrado com a literatura francesa, acreditava que viver ali e respirar o ar que respiraram Balzac, Stendhal, Baudelaire, Proust me ajudaria a tornar-me um verdadeiro escritor, que se eu não saísse do Peru seria um pseudoescritor de fins de semana e feriados. E a verdade é que devo à França, à cultura francesa, lições inesquecíveis, como a de que a literatura é tanto vocação quanto

disciplina, um trabalho e uma perseverança. Vivi ali quando Sartre e Camus estavam vivos e escrevendo, nos anos de Ionesco, Becket, Bataille e Cioran, da descoberta do teatro de Brecht e do cinema de Ingmar Bergman, o TNP de Jean Vilar e o Odéon de Jean Louis Barrault, da Nouvelle Vague e do Nouveau Roman e dos discursos, belíssimas peças literárias, de André Malraux, e talvez o espetáculo mais teatral da Europa daquele tempo, as entrevistas coletivas e os estrondos vocais olímpicos do general De Gaulle.

Mas talvez o que mais agradeço à França seja a descoberta da América Latina. Ali descobri que o Peru fazia parte de uma vasta comunidade irmanada pela história, geografia, problemática social e política, por uma certa maneira de ser e pela saborosa língua que eu falava e na qual escrevia. E que nessa mesma época produzia uma literatura nova e pujante.

Foi lá que li Borges, Octavio Paz, Cortazar, García Márquez, Fuentes, Cabrera Infante, Rulfo, Onetti, Carpentier, Edwards, Donoso e muitos outros, cujos textos estavam revolucionando a narrativa em língua espanhola, e graças aos quais a Europa e boa parte do mundo descobriram que a América Latina não era só o continente dos golpes de Estado, dos caudilhos de opereta, dos guerrilheiros barbudos e das maracas do mambo e do cha-cha-cha, mas também das ideias, formas artísticas e fantasias literárias que transcendiam o pitoresco e falavam uma linguagem universal.

De lá para cá, não sem alguns tropeços, a América Latina foi progredindo, embora, como dizia o verso de César Vallejo, ainda "Há, irmãos, muitíssimo a fazer". Padeecemos sob menos ditaduras do que então, apenas Cuba e a candidata a secundá-la, a Venezuela, e algumas pseudodemocracias populistas e caricatas, como a Bolívia e a Nicarágua. Mas no resto do continente, bem ou mal, a democracia está funcionando, apoiada em amplos consensos populares, e pela primeira vez em nossa História, temos uma esquerda e uma direita que, como no Brasil, Chile, Uruguai, Peru, Colômbia, República Dominicana e quase toda a América Central, respeitam a legalidade, a liberdade de expressão, as eleições e a renovação no poder. Esse é o caminho certo, e se persistir nele, se combater a insidiosa corrupção e continuar integrando-se ao

mundo, a América Latina deixará, por fim, de ser o continente do futuro e passará a ser o continente do presente. (...)

Eu levo o Peru nas minhas entranhas, porque nele nasci, cresci, formei-me e vivi aquelas experiências da infância e da juventude que modelaram minha personalidade e que forjaram minha vocação; e porque lá amei, odiei, gozei, sofri e sonhei. O que nele acontece me afeta mais e me comove e irrita mais do que o que acontece em outros lugares. Não busquei nem me impus isso: foi assim, simplesmente. Alguns compatriotas me acusaram de traidor, e cheguei a ponto de quase perder a cidadania quando, durante a última ditadura, pedi que os governos democráticos do mundo punissem o regime com sanções diplomáticas e econômicas, como sempre fiz com relação a todas as ditaduras, as de qualquer espécie: a de Pinochet, a de Fidel Castro, a dos talebães no Afeganistão, a dos aiatolás no Irã, a do *apartheid* na África do Sul, a dos sátrapas uniformizados na Birmânia (hoje Myanmar). E voltaria a fazer isso amanhã – não queira o destino, nem o permitam os peruanos, se o Peru fosse vítima, mais uma vez, de um golpe de Estado que aniquilasse a nossa frágil democracia.

Não foi aquela uma ação precipitada e passional de um ressentido, como escreveram alguns polímatas<sup>26</sup>, acostumados a julgarem os outros a partir da própria pequenez. Foi um ato coerente com a minha convicção de que uma ditadura representa o mal absoluto para um país, uma fonte de brutalidade e corrupção, e de feridas profundas, que demoram muito para se fecharem, envenenam seu futuro e criam hábitos e práticas prejudiciais que se estendem ao longo de gerações, adiando a reconstrução democrática. Por isso as ditaduras devem ser combatidas sem contemplações, por todos os meios ao nosso alcance, incluindo as sanções econômicas. É lamentável que os governos democráticos, em vez de darem o exemplo, solidarizando-se com aqueles – como as Damas de Branco em Cuba, os resistentes venezuelanos, Aung San Suu Kyi e Liu

---

<sup>26</sup> **Polímata:** indivíduo que estuda ou que conhece muitas ciências; polígrafo, polímata.

## REFLEXÕES X

---

Xiaobo – que enfrentam com temeridade as ditaduras que sofrem, frequentemente tenham se mostrado complacentes não com eles, mas com seus carrascos. Aqueles corajosos, ao lutar pela sua liberdade, lutam também pela nossa. (...)

A conquista da América foi cruel e violenta, como todas as conquistas, sem dúvida, e deve ser criticada, porém sem esquecermos, ao criticarmos, que os que cometeram aqueles despojos e crimes foram, em grande número, nossos bisavós e tataravós, os espanhóis que foram à América e aí se adaptaram, não os que ficaram na sua terra. As críticas, para ser justas, devem ser uma autocrítica. Porque, ao nos emanciparmos da Espanha, há duzentos anos, os que tomaram posse nas antigas colônias, em vez de redimir os índios e fazerem justiça pelos antigos agravos, continuaram a explorá-los, com tanta cobiça e ferocidade quanto os conquistadores, e, em alguns países, dizimando-os e exterminando-os. Digamos com total clareza: há dois séculos, a emancipação dos indígenas é de responsabilidade exclusivamente nossa, e não temos cumprido com ela, que continua a ser uma matéria pendente em toda a América Latina. Não há uma exceção a essa afronta e essa vergonha.

(...)

De todos os anos que eu vivi em solo espanhol, lembro com fulgor dos cinco que passei na querida Barcelona, a começo dos anos 1970. A ditadura de Franco ainda estava em pé e fuzilava, mas era um fóssil em fiapos, e, sobretudo no campo da cultura, era incapaz de manter os controles de outrora. Abriam-se fendas e resquícios que a censura não conseguia sanar e, por eles, a sociedade espanhola absorvia novas ideias, livros, correntes de pensamento, valores e formas artísticas até então proibidos por serem subversivos. Nenhuma cidade aproveitou tanto e tão bem quanto Barcelona esse começo da abertura, nem viveu uma efervescência semelhante em todos os campos das ideias e da criação. Tornou-se a capital cultural da Espanha, o local onde se devia ficar para respirar a antecipação da liberdade por vir. E, de certa forma, foi também a capital cultural da América Latina, dada a quantidade de pintores, escritores, editores e artistas oriundos dos países latino-americanos que lá se

## REFLEXÕES X

---

instalaram, ou iam e vinham de Barcelona, porque era lá que havia que estar, se a gente queria ser um poeta, romancista, pintor ou compositor do nosso tempo.

Embora não tenha ocorrido exatamente assim, a transição espanhola da ditadura para a democracia foi uma das melhores históricas dos tempos modernos, um exemplo de como, quando a sensatez e a racionalidade prevalecem, e os adversários políticos deixam de lado o sectarismo em favor do bem comum, podem ocorrer fatos tão prodigiosos como os dos romances do realismo mágico. A transição espanhola do autoritarismo para a liberdade, do subdesenvolvimento para a prosperidade, de uma sociedade de contrastes econômicos e desigualdades terceiro-mundistas para um país de classes médias, a sua integração à Europa e a sua adoção em poucos anos de uma cultura democrática, surpreendeu o mundo e disparou a modernização da Espanha. Foi para mim uma experiência emocionante e instrutiva vivê-la de muito perto e por dentro em alguns momentos. Tomara que os nacionalismos, a praga incurável do mundo moderno e também na Espanha, não estraguem essa história feliz. (...)

O Peru é para mim a Arequipa onde nasci, mas onde nunca morei, a cidade que minha mãe, meus avós e meus tios me ensinaram a conhecer por intermédio das suas lembranças e nostalgias, porque toda minha tribo familiar, como costumam fazer os arequipenses, sempre levou consigo para a Cidade Branca em sua andarilha existência. É a Piura do deserto, o algarobeira e o sofrido jumentozinho ao que os habitantes de Piura de minha juventude chamavam de "o pé alheio" – lindo e triste epíteto – onde descobri que não eram as cegonhas que traziam os bebês ao mundo, mas eram os casais que os fabricavam fazendo umas barbaridades que eram pecado mortal. É o Colégio San Miguel e o Teatro Variedades, onde pela primeira vez vi encenada uma obrinha escrita por mim. É a esquina de Diego Ferré e Colón, no bairro de Miraflores, em Lima, – o chamávamos de o Bairro Alegre, onde troquei as calças curtas pelas compridas, fumei meu primeiro cigarro, aprendi a dançar, a namorar e a fazer declarações de amor às moças. É a empoeirada e arrepiante redação do jornal a La Crónica onde, nos meus dezesseis

## REFLEXÕES X

---

anos, fiz minhas primeiras armas como jornalista, ofício que, com a literatura, ocupou quase toda a minha vida e me fez, como os livros, viver mais, conhecer melhor o mundo e frequentar pessoas de todas as partes e de todos os tipos, pessoas excelentes, boas, más e execráveis. É o Colégio Militar Leoncio Prado, onde aprendi que o Peru não era o pequeno reduto de classe média que eu havia vivido até então confinado e protegido, mas um país grande, antigo, exasperado, desigual e sacudido por todo tipo de tormentas sociais. São as células clandestinas de Cahuide nas quais com um punhado da Universidade de San Marcos preparávamos a revolução mundial. E o Peru são os meus amigos e as minhas amigas do Movimiento Libertad, com os quais por três anos, entre bombas, apagões e assassinatos do terrorismo, trabalhamos em defesa da democracia e da cultura da liberdade.

O Peru é Patrícia, a prima de narizinho arrebitado e caráter indomável com a qual tive a ventura de me casar há 45 anos, e que ainda suporta as minhas manias, neuroses e meus chiques que me ajudam a escrever. Sem ela, minha vida teria se dissolvido há muito tempo em um turbilhão caótico, e não houvessem nascido Álvaro, Gonzalo e Morgana, nem os seis netos que nos prolongam e alegram a existência. Ela faz tudo e faz tudo bem. Resolve os problemas, administra a economia, põe ordem no caos, mantém os limites para os jornalistas e intrusos, defende meu tempo dos compromissos e das viagens, faz e desfaz as malas, e é tão generosa que até quando acha que está me desafiando, faz o melhor dos elogios. "Mario, para a única coisa que você serve é para escrever." ●

**Mario Vargas Llosa**

## Lição sueca de tolerância

Mario Vargas Llosa

19 de dezembro de 2010



Se um dia você for a Estocolmo, aconselho-o a visitar, além dos museus, palácios, o centro velho e as ilhas, um modesto bairro ao sul da cidade chamado Rinkeby. A grande maioria da sua população é formada por famílias imigrantes e é uma das áreas mais pobres do país, embora a noção de pobreza na Suécia, país que atingiu o mais alto nível de vida do mundo, juntamente com a Suíça, tem pouco a ver com o significado dessa palavra para o restante do planeta.

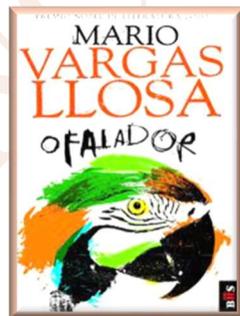
É importante conhecer em Rinkeby a sua escola pública, instituição que é o espelho do que deveria ser a sociedade humana, o mundo todo, se prevalecesse, entre nós, mortais, a sensatez, o discernimento e o espírito prático. Nessa escola, meninos e meninas falam 19 idiomas diferentes e veem de uma centena de países diversos. Todas essas crianças conhecem o sueco e o inglês, mas não perderam a língua materna. Isso porque a escola organizou-se de maneira que elas tenham aulas, pelo menos uma hora por semana, na língua que falam em casa e dos seus ancestrais. O diretor da escola, Börje Ehrstrand, está convencido de que a integração dessas crianças à cultura e aos costumes da Suécia é mais fácil se, em vez de rechaçarem, elas reivindicarem e sentirem orgulho da sua origem. A filosofia dessa escola se resume numa palavra: tolerância.

De tudo o que fiz e vi em oito dias em Estocolmo, pouca coisa me deixou tão comovido como a tarde que passei em Rinkeby, para assistir a um espetáculo preparado pelos alunos. Fui acolhido por 19 meninos e meninas, cada um falando um idioma distinto, formando um verdadeiro leque de raças, tradições, religiões e culturas do mundo. Havia adolescentes escandinavas de minissaia ao lado de garotas do Iêmen usando véu, árabes norte-africanos misturados

## REFLEXÕES X

com turcos, chilenos e chineses, roupas extravagantes e formais. As crianças começaram a sessão cantando canções natalinas nórdicas. Em seguida começou a apresentação, que consistiu de duas partes. A primeira foi um resumo da vida e obra de Alfred Nobel (1833-1896), o químico que inventou a dinamite, foi um poderoso industrial e deixou sua fortuna para a criação dos prêmios que levam seu nome.

Depois, a representação das crianças ficou mais didática, explicando quais eram as invenções e realizações, cujos autores tinham merecido, este ano, os prêmios Nobel de medicina, Física e Química. Foi de tirar o chapéu! Na véspera, num programa da BBC, os próprios laureados tentaram explicar para nós, leigos, sobre seus inventos, mas, que não falo apenas em meu nome – nos deixaram sem entender nada. Na segunda parte, as crianças narraram e representaram, resumidamente, um romance meu, *O Falador*. A encenação das crianças foi maravilhosa, ilustrando com desenhos, música e imagens, os textos que os diversos narradores liam em idiomas diferentes. Era como se eu estivesse revivendo minhas sensações quando criei essa história.



Há 20 anos, tanto o bairro quanto a escola de Rinkeby não eram nem a sombra do que são agora. A violência reinava nessa área e fotos da época mostram que as salas de aula, os pátios e corredores da escola eram um monumento à desordem e o rendimento escolar era o mais baixo do país. Foi nestas condições que um dos professores, Börje Ehrstrand, assumiu a direção. As reformas que introduziu foram discutidas com os pais dos alunos que passaram a ter uma participação constante em todas as atividades escolares, incluindo as didáticas. Esses pais, juntamente com os alunos, assumiram a limpeza do local, a título de trabalho voluntário.

Os dois primeiros anos são os mais difíceis, sendo que a tarefa fundamental da escola é eliminar a desconfiança dos recém-chegados para com seus companheiros de classe que se vestem diferente, falam outra língua, adoram outro Deus. Alguns se

adaptam com facilidade; os com mais dificuldades têm cursos especiais, que são assistidos também pelos pais, assessorados por dois psicólogos. No geral, a partir do terceiro ano, a comunicação e o intercâmbio são espontâneos e pode-se falar de uma integração, porque os denominadores comuns – o idioma e a aceitação do "outro" – já fazem parte da personalidade do aluno.

A escola de Rinkeby não é notável só porque ali coexistem meninos e meninas de todo o espectro cultural, mas também porque há três anos os seus alunos figuram nos primeiros lugares do concurso nacional de matemática e pelos excelentes sucessos acadêmicos dos alunos medianos. Como nos últimos anos a demanda aumentou, a escola cresceu e hoje uma quarta parte dos alunos vem de outros bairros e a fama da instituição transcendeu as fronteiras suecas. A Comunidade Europeia premiou a escola como a que mais sucesso teve na prevenção da delinquência.

Não é de estranhar que, ao contrário do que costuma acreditar, a escola não é mais do que um reflexo daquilo que ocorre em torno dela, e neste caso a transformação teve um efeito saudável na comunidade que a cerca, atenuando a violência, as disputas étnicas e religiosas, a criminalidade. A Suécia não ficou imune aos preconceitos contra a imigração que, fomentados pela crise financeira e a conseqüente redução do emprego fez com que partidos e movimentos extremistas, anti-imigrantes e xenófobos passassem a ter uma presença que não tinham. Pela primeira vez, um deles entrou no Parlamento sueco nas últimas eleições. Não é um fato raro.

Quando uma sociedade é vítima de alguma catástrofe, econômica ou política, surge a necessidade de um bode expiatório e é claro que os imigrantes são os principais alvos. Não importa que todas as estatísticas mostrem que, sem a imigração, os países europeus não conseguiriam manter os altos níveis de vida que possuem e o que os trabalhadores estrangeiros dão para a economia de um país é muito superior ao que dela recebem. Mas a verdade se fragmenta contra o que Popper chamava de espírito da tribo, o rechaçar instintivo do "outro", um repúdio primitivo que é o maior obstáculo para um país alcançar a civilização. Por isso, o que a escola de Rinkeby conseguiu

## REFLEXÕES X

---

é muito importante e deveria servir de modelo para todos os países que recebem grandes contingentes de imigrantes e querem evitar os problemas decorrentes da marginalização e da discriminação contra eles. É preciso começar com as crianças. Que elas aprendam a conviver com quem tem fala, pele, deuses e costumes diferentes e que, com esse convívio, se desprendam de tudo aquilo que dificulta ou impede a coexistência com os outros. Esta é a maneira mais segura de conseguir, mais tarde, quando já são pessoas adultas, que elas possam viver em paz nessa diversidade étnica e linguística que, gostemos ou não, será o traço primordial do mundo no qual já entramos. ●

**Mario Vargas Llosa**

## Carlos, ou o sonho americano

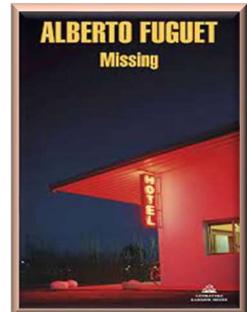
Mario Vargas Llosa

9 de janeiro de 2011



Quando eu era menino, meus parentes falavam de um tio distante que, numa bela manhã ensolarada, disse à mulher que iria rapidamente à Praça de Armas de Arequipa para comprar o jornal. Não voltou nunca mais, e foi somente muitos anos mais tarde que soubemos que ele morreria em Paris. Quando eu perguntava o que esse tio fugido fora fazer em Paris, a avó Carmen e minha mãe respondiam em uníssono: "Foi corromper-se! O que mais poderia ser?" Entre os milhares de projetos que já me passaram pela cabeça afigurou-se certa vez a ideia de averiguar a singular aventura desse parente fugitivo e relatá-la num livro.

Agora que estive no Chile, descobri que Alberto Fuguet teve a mesma ideia com relação a um tio seu, também desaparecido, mas não em Paris, e sim nos Estados Unidos, e que este autor de fato havia transformado a experiência num livro divertido, triste, pós-moderno e audaz, que acabo de ler numa sentada só: *Missing* (Desaparecido).



A obra pode ser classificada como novela, pois tal gênero é tão vago que quase tudo pode ser incluído nele, e também porque Fuguet conta a história de seu desaparecido tio Carlos Fuguet, irmão de seu pai, recorrendo à técnica e ao linguajar das novelas, mas seu livro é também muitas outras coisas, e é aí que reside seu maior atrativo: o testemunho de uma busca quase policial por um obscuro personagem extraviado na oceânica sociedade americana; a história de uma família de imigrantes chilenos na Califórnia; uma autobiografia parcial e a confissão de um escritor sobre os demônios

pessoais que o incitam a fantasiar e a sua maneira de escrever livros, entre o racional, o espontâneo e o casual.

Mas *Missing* é, acima de tudo, algo que, tenho certeza, seu autor não se propôs a escrever, o que talvez seja seu maior feito: um retrato das ilusões, êxitos e derrotas dos latino-americanos que fogem para os Estados Unidos de posse do sonho americano. Duvido que algum historiador ou sociólogo tenha mostrado de maneira tão vívida e persuasiva esse dramático transe do desenraizamento das famílias de origem hispânica desde sua terra natal e sua difícil adaptação à terra que adotaram, com êxitos agrídoces, esforços corajosos, saudades tenazes e, às vezes, frustrações e tragédias domésticas. O sonho americano é uma realidade, sem dúvida, mas para uma minoria, a ponto de ser para muitíssimos outros apenas um limbo<sup>27</sup> medíocre e, para outra minoria, um inferno.

Tio Carlos era um jovem travesso, rebelde, que se dava muito mal com o pai, nunca se encaixou de fato na família e, um belo dia, caiu na delinquência, com um pequeno roubo que o mandou ao cárcere. Quando saiu, teve por algum tempo a intenção de reformar sua vida, mas as disputas familiares e sua perpétua insatisfação com tudo e todos o levou a afastar-se dos parentes. Um belo dia, estes deixaram de saber do seu paradeiro.

Alberto Fuguet tinha por ele carinho e algo mais: o fascínio que sempre acompanha as ovelhas negras. Muitos anos depois do desaparecimento daquele tio carnal, o autor decidiu procurá-lo. Foi o que fez e, surpreendentemente, encontrou-o, imerso na mais absoluta solidão e ocupando-se de um obscuro trabalho num hotelzinho de segunda ou terceira classe nos arredores de Denver. Tio e sobrinho renovam a antiga amizade e, em numerosos encontros separados por longos intervalos em diferentes cidades e vilarejos dos Estados Unidos, aquele revela a este sua agitada e versátil existência, o período em que serviu no exército, suas mulheres transeuntes, seus trabalhos itinerantes em albergues sórdidos e hotezinhos de beira de estrada, a transgressão que o

---

<sup>27</sup> **Limbo:** estado de indecisão, incerteza, indefinição.

reconduziu à prisão, o desassossego perpétuo do qual nunca consegue se livrar, sua espasmódica carreira de percussionista em bandas musicais ínfimas, seus esforços desesperados e sempre inúteis na tentativa de dar algum sentido à própria vida e encontrar a paz interior.

A história do tio Carlos aparece no livro em um comprido e encantador capítulo, como um monólogo em verso, uma confissão que transpira verdade e tranquila resignação, a de um homem vencido, que nunca se integrou ao meio em que foi transcorrendo sua existência, sempre na periferia de tudo, das famílias bem estabelecidas, dos empregos seguros, dos gringos e dos latinos, da fortuna e da miséria, condenado à mediocridade, a um tipo de extraterritorialidade partilhada com milhares e milhares de outros como ele, seres sem raízes nem referências, vivendo em uma espécie de limbo ao qual só chegam resíduos fugazes da prosperidade e das oportunidades de que gozam os outros, descobrindo a cada dia, a cada passo que dá sobre a areia movediça que é para ele a vida, como o sonho americano pode ser, para tantos, fugidío e fugaz.

Em que falhou o tio Carlos? Nunca foi um preguiçoso. É verdade que não gostava de estudar e preferiu procurar emprego sem receber nenhum tipo de instrução superior, o que o condenava a viver sempre dependendo de empregos muito menores. Ainda assim, em certas épocas contrariou as próprias tendências e chegou a aprender um ofício, o da hotelaria, no qual começava a progredir. Mas a falta de constância fez com que abandonasse sempre aquilo que tinha, e renunciasse àquilo que poderia chegar a ter, em busca de um fantasma inatingível que se desvanecia sempre que parecia estar ao alcance do seu toque. Não sabia o que procurava, mas, graças ao livro de Fuguet, nós sabemos: o tio era um rebelde e nem sequer tinha consciência disso, um ser incapaz de resignar-se à própria sorte e, ao mesmo tempo, vítima de uma confusão que o impedia de descobrir como canalizar toda essa enorme energia e ansiedade, fazendo todo o possível para desperdiçá-las em insignificâncias.

Tio Carlos não é um ser excepcional, e sim o mais comum dos mortais, um rapaz a quem as circunstâncias fizeram perder suas

raízes quando ainda era menino, e ninguém o ensinou nem ajudou a substituí-las por outras, de modo que sua vida transcorreu como a de tantos milhões de seres no mundo de hoje, a quem as violências políticas ou religiosas ou as necessidades econômicas arrancam de seus países, levando-os a peregrinar a sociedades às quais jamais se integram, ainda que trabalhem nelas e vivam – ou sobrevivam – ali pelo resto de suas vidas como seres exóticos, excluídos ou autoexcluídos do destino comum.

A tristeza que limita sua história resulta de que, à medida que vamos conhecendo as peripécias cômicas, penosas ou extravagantes protagonizadas por ele, distinguimos certas reservas de criatividade, de bondade, de inocência, de generosidade, que existiam nele e das quais nunca teve ocasião de aproveitar-se para construir uma vida melhor, porque o mundo em que viveu nunca apresentou a ele tal oportunidade. É quase simbólico que o tio Carlos termine, já sessentão e maltratado pela velhice, recebendo uma modesta pensão da previdência social, em um buraco de Las Vegas, cidade da sorte e do dinheiro, das fortunas e das quebras exorbitantes, solitário como um fungo, e acompanhando por correspondência um curso de Negócios e Administração de Empresas.

O livro é construído com técnicas e métodos que variam de capítulo para capítulo, nos quais o jogo, o experimento, o humor, a insolência e o desprazer trazem um caráter risonho que contrasta com a matéria da história, dolorosa e em momentos contundente. Trata-se de uma combinação que funciona muito bem, porque exige do leitor uma atenção alerta para que se possa estabelecer a cronologia real a partir dos saltos temporais constantes da narração, e as pausas que as dúvidas e entusiasmos do próprio autor, com seu ofício e vocação, constantes ao longo do livro, oferecem de tempos em tempos, para aliviar o leitor dessa viagem pelo fracasso, pela sordidez<sup>28</sup>, rotina e mediocridade que compõem o tronco central da história.

Muitas partes do livro estão escritas num espanhol cheio de

---

<sup>28</sup> **Sordidez:** Torpeza; vileza; baixeza; sordícia.

## REFLEXÕES X

---

anglicismos que, em momentos, parece a ponto de se converter num "spanglish", sem que isso chegue a ocorrer. Ao contrário, passado um primeiro momento de desconcerto, essa linguagem, que não corresponde, é claro, à dos hispânicos na Califórnia, e sim a uma recriação literária daquilo que muitos deles falam, é de um encanto poético notável, uma demonstração da formidável capacidade que tem o idioma espanhol, nas mãos de um escritor de talento, de se transformar em tantas coisas sem perder a própria personalidade.

Esse estilo não é uma caricatura nem um preciosismo formalista e sim um estilo persuasivo e funcional, porque delata, por meio de sua maneira de falar, o que são aqueles que assim se expressam, a insegurança que os habita, a incompleta mestiçagem cultural e linguística que representam, os dois mundos que os habitam coexistindo com aspereza sem chegar a fundir-se.

Em todos os livros que li de Alberto Fuguet há sempre, junto com a história contada, uma vontade de inovar, tanto na língua quanto na estrutura narrativa. Em *Missing*, ele consegue esse efeito como em nenhuma outra de suas obras. ●

**Mario Vargas Llosa**

## Conceitos vazios sobre o público e o privado

Mario Vargas Llosa

16 de janeiro de 2011



Desde que comecei a ler seus livros e artigos, coisa já de uns 30 anos atrás, sinto em relação a Fernando Savater algo que não me acontece com nenhum outro dos meus escritores preferidos: quase nunca discordo de seus julgamentos e críticas. Em geral, as razões que ele apresenta me convencem de imediato, ainda que para isso deva retificar radicalmente aquilo em que, até agora, eu acreditava.

Quer ele fale a respeito de política, de literatura, de ética e até de cavalos (sobre os quais não sei nada, salvo que nunca acertei uma única aposta nas raras vezes em que pisei um hipódromo), Savater pareceu-me sempre um modelo de intelectual comprometido, ao mesmo tempo um homem de princípios e um pragmático, um desses raros pensadores contemporâneos capazes de enxergar sempre claramente nos intrincados meandros deste século XXI e de orientar os que se extraviaram a encontrar o caminho perdido.

Tudo isso vem a propósito de um artigo de sua autoria sobre o WikiLeaks e Julian Assange, fundador do *site*, que acabo de ler na revista *Tiempo* (edição de 23 de dezembro de 2010 a 6 de janeiro de 2011). Peço encarecidamente aos que comemoraram a divulgação de milhares de documentos confidenciais do Departamento de Estado dos EUA como uma proeza da liberdade, que leiam este artigo que esbanja inteligência, valentia e sensatez. Se não os fizer mudar de opinião, certamente os levará, pelo menos, a refletir e a se perguntar se seu entusiasmo não terá sido algo precipitado.

*Wikileaks por Savater: abusos transparentes*

*"De toda a história do Wikileaks, que espero que seja pelo menos lucrativa para os seus promotores, a única coisa realmente importante é a que destaca a óbvia impossibilidade de esconder qualquer coisa no mundo de hoje: faça o que fizer, sempre haverá uma câmera filmando você, não importa o que você escreva. Os escribas (para quem você escreve e onde você escreve) sempre acabarão vindo à tona. Como os documentos roubados pertencem à diplomacia americana, eles confirmam que os americanos cuidam de seus interesses, estudam melhor ou pior a realidade de acordo com o pensamento deles e tentam obter vantagens de outros países: suponho que algo semelhante teria surgido se os documentos fossem de diplomatas franceses, russos... ou espanhóis. Caso contrário, seria melhor demiti-los.*

*Quanto à relevância de tais dicas, as mesmas garantias que temos da sua autenticidade: nulas. Por exemplo, esta grande manchete: "Os EUA desconfiam da capacidade de Zapatero para gerir a crise". Isto é, como você, como eu, como quase todos os espanhóis. A notícia teria sido que o Departamento do Tesouro americano considerava Zapatero um génio financeiro, capaz de tirar o seu país e, no processo, metade da Europa do abismo. Seria um documento chocante, uma ameaça ao mundo livre. Felizmente, eles pensam o mesmo que nós. E no resto das questões pensam o que qualquer ser com razão poderia supor que pensavam, embora às vezes o escondam. Como todo mundo faz em sua vida.*

*Bah!*

*Portanto, o Wikileaks é tão revelador no campo político quanto o buraco da fechadura no que diz respeito à higiene íntima das pessoas. Por outro lado, permitiu-nos saber que pessoas aparentemente razoáveis são a favor do que chamam de "transparência", ou seja, do direito de todos saberem tudo: que não existem segredos e reservas que possam perturbar a curiosidade de alguém. .. quem cai e a gente perde, o caminho o que a gente perde. Incrível!*

*Pela minha experiência: estive em muitas comissões universitárias de cátedras ou teses que, quando iam deliberar, convidavam o público a sair da sala, sem saber que estávamos atacando a transparência; participei de muitas reuniões editoriais de um grande jornal, assumindo a confidencialidade do que foi discutido e sem saber que me faltava*

## REFLEXÕES X

---

*transparência; por razões de segurança tenho escolta policial e confio em não revelar os meus itinerários on-line, embora tema que haja pessoas interessadas em conhecê-los... por transparência, claro.*

*Bem, as coisas estão claras. Existem dois tipos de transparência, gestão e opinião ou deliberação. A primeira é essencial na democracia: queremos saber para onde os governantes destinam os nossos impostos, como defendem as nossas garantias e direitos, qual a justificação das suas decisões políticas, etc...; A segunda é uma agressão totalitária contra o bom funcionamento das instituições e a privacidade das pessoas, quer exerçam cargos públicos ou sejam simplesmente particulares. Confundi-los faz parte da atual imbecilização social, à qual a esplêndida, mas por vezes devastadora, maquinaria da internet não é estranha.*

*Última observação: deixando de lado Berlusconi, Putin, os Castro Brothers e alguns outros, não há político que me pareça tão suspeito e pouco confiável como o Sr. Julian Assange... e os seus apoiantes."*

*(Fernando Savater, publicado no Tiempo)*

Savater comprova que nesta vasta coleção de materiais vazados não há praticamente revelações importantes, que as informações e opiniões confidenciais vindas à luz já eram sabidas ou presumíveis por qualquer observador da atualidade política mais ou menos informado, e o que predomina nelas é principalmente o mexerico destinado a saciar esta frivolidade que, sob o respeitável rótulo da transparência, é na verdade o entronizado "direito de todos a ser informados de tudo, para que não haja segredos e reservas que possam contrariar a curiosidade de alguém – seja quem for que tiver de cair, e o que for que percamos pelo caminho".

Este suposto "direito", acrescenta, é "parte da atual imbecilização social". Concordo integralmente com esta afirmação. A revolução audiovisual de nosso tempo violentou as barreiras que a censura opunha à livre informação e à dissidência crítica. Graças a isso, os regimes autoritários têm muito menos possibilidade do que no passado de manter seus povos na ignorância e de manipular a opinião pública.

Evidentemente, trata-se de um grande progresso para a cultura da

liberdade e é preciso se beneficiar disso. Mas daí a concluir que a prodigiosa transformação das comunicações representada pela *internet* nos autoriza a saber tudo e a divulgar tudo o que acontece debaixo do sol (ou debaixo da lua), fazendo desaparecer de uma vez por todas a linha de demarcação entre o público e o privado, há um abismo que, se abolido, poderá significar, não uma façanha libertária, mas pura e simplesmente um liberticídio que, além de solapar as bases da democracia, infligirá um rude golpe à civilização. Nenhuma democracia poderá funcionar se desaparecer a confidencialidade das comunicações entre funcionários e autoridades, nenhuma forma de política nos campos da diplomacia, da defesa, da segurança, da ordem pública e até da economia terá consistência se os processos que estas políticas determinam forem expostos totalmente à luz em todas as suas instâncias.

O resultado de semelhante exibicionismo informativo seria a paralisia das instituições e tornaria mais fácil para as organizações antidemocráticas a criação de obstáculos e a anulação de todas as iniciativas dotadas de seus propósitos autoritários. A libertinagem informativa não tem nada a ver com a liberdade de expressão e, ao contrário, é seu oposto. Esta libertinagem é possível somente nas sociedades abertas, não nas que são submetidas a um controle policesco vertical que sanciona com ferocidade toda tentativa de violentar a censura. Não por acaso os 250 mil documentos confidenciais obtidos pelo WikiLeaks são o fruto da ação de pessoas que traíram os Estados Unidos e não da Rússia ou da China.

Embora as intenções de Julian Assange respondam, como foi dito, ao sonho utópico e anarquista da transparência total, suas operações com o propósito de pôr fim ao "segredo" poderão conduzir, nas sociedades abertas, ao surgimento de correntes de opinião que, com o argumento de defender a indispensável confidencialidade no seio dos Estados, proponham freios e limites a um dos direitos mais importantes da vida democrática: o da livre expressão e da crítica.

Em uma sociedade livre, a ação dos governos é fiscalizada pelo Congresso, pelo Poder Judiciário, a imprensa independente e de oposição, pelos partidos políticos, instituições que evidentemente

têm todo o direito do mundo de denunciar as fraudes e as mentiras aos quais às vezes recorrem certas autoridades para encobrir ações e trâmites ilegais. Mas o que o WikiLeaks fez não é nada disso. Ele destruiu brutalmente a privacidade das comunicações nas quais os diplomatas e agregados informam seus superiores sobre as intimidades políticas, econômicas, culturais e sociais dos países onde servem.

Grande parte deste material é constituída por dados e comentários cuja divulgação, embora não tenha maior transcendência, cria situações enormemente delicadas para estas atividades e provoca suscetibilidades, rancores e ressentimentos que servem apenas para prejudicar as relações entre países aliados e desprestigiar seus governos. Não se trata, pois, de combater uma "mentira", mas, de fato, de satisfazer a curiosidade mórbida e malsã da civilização do espetáculo, que é a do nosso tempo, na qual o jornalismo (e a cultura em geral) parece se desenvolver seguindo o desígnio único de entreter.

Julian Assange, mais do que um grande lutador libertário, é um animador de sucesso, uma espécie de Oprah Winfrey da informação. Se não existisse, teria sido criado mais cedo ou mais tarde pelo nosso tempo, porque esse personagem é o símbolo emblemático de uma cultura em que o valor supremo da informação hoje é o de divertir um público frívolo e superficial, ávido de escândalos que vasculham a intimidade dos famosos, mostram suas fraquezas e envolvimento e os convertem em bufões da grande farsa que é a vida pública.

Embora, talvez, falar de "vida pública" seja inexato, pois para que ela existisse deveria existir também sua contrapartida, a "vida privada" é algo que praticamente foi desaparecendo até se transformar em um conceito vazio e obsoleto. O que é o privado nos nossos dias? Uma das consequências involuntárias da revolução informática é a volatilização das fronteiras que o separavam do público, e ter confundido ambos em uma representação na qual todos somos ao mesmo tempo espectadores e atores. Nela, reciprocamente queremos brilhar exibindo nossa vida privada e nos divertimos observando a alheia em um *strip-tease* generalizado no

## REFLEXÕES X

---

qual nada está a salvo da curiosidade mórbida de um público depravado pela frivolidade.

O desaparecimento do privado, o fato de ninguém respeitar a intimidade alheia, de esta se ter tornado um espetáculo que excita o interesse geral e de que exista uma indústria informativa que alimenta sem trégua e sem limites este *voyeurismo* universal, é uma manifestação de barbárie. Pois com o desaparecimento do domínio do privado muitas das melhores criações e funções do humano se deterioram e se aviltam, a começar por tudo aquilo que está subordinado ao cuidado com certas formas, como o erotismo, o amor, a amizade, o pudor, as maneiras, a criação artística, o sagrado e o moral.

Que remédio, se os governos escolhidos em eleições legítimas forem derrubados por revoluções que querem trazer o paraíso para a terra (embora frequentemente tragam antes o inferno)? Que desgraça, se forem deflagrados conflitos e até guerras sanguinárias entre países que defendem religiões, ideologias ou ambições incompatíveis, que desgraça!

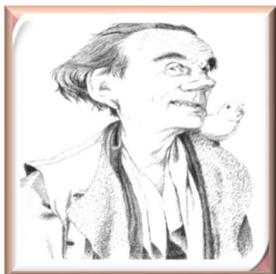
Mas que tais tragédias possam chegar a ocorrer porque nossos privilegiados contemporâneos se aborrecem e precisam de emoções fortes, e um internauta vidente como Julian Assange lhes oferece o que pedem, não, não é possível nem aceitável. ●

**Mario Vargas Llosa**

## A literatura não é edificante

Mario Vargas Llosa

19 de fevereiro de 2011



*O Nobel de 2010 discute a decisão do governo francês de suspender as homenagens oficiais a Louis-Ferdinand Céline, que morreu há 50 anos, por conta de sua militância antissemita*

O ministro da Cultura da França, Frédéric Mitterrand, comunicou que o governo francês resolveu tirar da lista das comemorações nacionais deste ano o escritor Louis-Ferdinand Céline, morto há 50 anos. Com isso, ele cede a um pedido da associação de filhos de deportados judeus e de várias organizações humanitárias que protestaram contra o projeto inicial de render homenagem oficial a Céline, tendo em conta seus violentos panfletos antissemitas e sua colaboração com os nazistas durante a ocupação hitleriana da França.

Politicamente falando, Céline foi, de fato, uma escória. Eu li nos anos 1960 sua diatribe<sup>29</sup> *Bagatelles pour Un Massacre* e senti náuseas ante esse vômito enlouquecido de ódio, injúrias e propósitos homicidas contra os judeus, um verdadeiro monumento ao preconceito, ao racismo, à crueldade e à estupidez. O doutor Auguste Destouches – Céline era um pseudônimo – não se contentou em despejar seu antissemitismo em panfletos virulentos. Parece provado que, durante os anos da ocupação alemã, ele denunciou à Gestapo famílias judias que estavam escondidas ou dissimuladas sob nomes falsos para que fossem deportadas. É seguro que se, por ocasião da libertação, ele houvesse sido capturado, teria sido condenado a muitos anos de prisão ou à morte

---

<sup>29</sup> **Diatribes:** escrito ou discurso violento e injurioso (que acusa ou critica); crítica severa ou ríspida; discussão arrebatada.

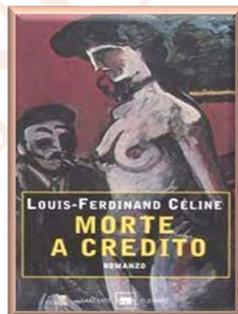
## REFLEXÕES X

e executado, como Robert Brasillach. Salvou-o ter se refugiado na Holanda, onde passou alguns meses na prisão. A Holanda se negou a extraditá-lo alegando que, na França exaltada da liberação, era difícil que Céline recebesse um julgamento imparcial.

Dito isso, é preciso dizer também que Céline foi um extraordinário escritor, seguramente o mais importante romancista francês do século XX depois de Proust, e que, com a exceção de *Em Busca do Tempo Perdido* e *A Condição Humana* de Malraux, não existe na narrativa moderna em língua francesa nada que se assemelhe em originalidade, força expressiva e riqueza criadora às obras-primas de Céline, *Viagem ao Fim da Noite* (1932) e *Morte a Crédito* (1936).

Considerando que a genialidade artística não é um atenuante contra o racismo – eu a consideraria antes um agravante –, a meu juízo, a decisão do governo francês envia à opinião pública uma mensagem perigosamente equivocada sobre a literatura e cria um péssimo precedente. Sua decisão parece supor que, para ser reconhecido como um bom escritor, é preciso escrever também obras boas e, em última instância, ser um bom cidadão e uma boa pessoa. A verdade é que se o critério fosse esse, apenas um punhado de polígrafos se qualificaria.

Entre eles há alguns que correspondem a esse padrão benigno, mas a imensa maioria padece das mesmas misérias, taras e barbaridades que o comum dos seres humanos. Somente na rubrica do antissemitismo – o preconceito racial ou religioso contra os judeus – a lista é tão extensa que seria preciso excluir do reconhecimento público uma multidão de grandes poetas, dramaturgos e narradores, entre os quais figuram Shakespeare, Quevedo, Balzac, Pio Baroja, T.S. Eliot, Claudel, Ezra Pound, E.M. Cioran, e muitíssimos mais.



O fato de que essas e outras eminências fossem racistas não legitima o racismo, em primeiro lugar, e é antes uma prova contundente de que o talento literário pode coexistir com a cegueira, a imbecilidade e os extravios políticos, cívicos e morais, como o afirmou, de maneira impecável, Albert Camus.

Como se explicaria de outro modo que um dos filósofos mais eminentes da era moderna, Heidegger, fosse nazista e nunca se arrependesse seriamente pois morreu com sua carteirinha de militante nacional-socialista em dia? Embora nem sempre seja fácil, é preciso aceitar que a água e o azeite são coisas distintas e podem conviver numa mesma pessoa. As mesmas paixões sombrias e destrutivas que animaram Céline desde a atroz experiência que foi para ele a 1.<sup>a</sup> Guerra Mundial, lhe permitiam representar, em dois romances fora de série, o mundinho feroz da mediocridade, do ressentimento, da inveja, dos complexos, a sordidez de um vasto setor social que abarcava desde o lúmpen<sup>30</sup> até as camadas mais degradadas em seus níveis de vida das classes médias de seu tempo. Nessas farsas grandiosas, a vulgaridade e os exageros rabelaisianos se alternam com um humor corrosivo, um deslumbrante fogo de artifício linguístico e uma surpreendente tristeza.

O mundo de Céline é feito de pobreza, fracasso, desilusão, mentiras, traições, baixeiras, mas também de disparate, extravagância, aventura, rebeldia, insolência e todo ele difunde uma avassaladora humanidade. Ainda que o leitor esteja absolutamente convencido de que a vida não é só isso – é o meu caso – os romances de Céline são tão prodigiosamente concebidos que é impossível, lendo-os, não admitir que a vida também seja isso. O grande mérito desse escritor maldito foi ter conseguido demonstrar que o mundo em que vivemos também é essa porcaria e que era possível converter o horror sórdido em beleza literária.

A literatura não é edificante, ela não mostra a vida como ela deveria

---

<sup>30</sup> **Lúmpen**: indivíduo sem compromissos; que não trabalha; aventureiro, desempregado, improdutivo.

ser. Ela antes, mais amiúde, ilumina em suas expressões mais audaciosas, com suas imagens, fantasias e símbolos, aspectos que, por uma questão de tato, bom, gosto, higiene moral ou saúde histórica, tratamos de escamotear da vida que levamos. Uma importante filiação de escritores dedicou sua tarefa criativa a desenterrar esses demônios, a defrontar-nos com eles, e a nos fazer descobrir que eles se parecem conosco. (O marquês de Sade foi um desses terríveis desenterradores).

É preciso celebrar os romances de Céline como o que eles são: grandes criações que enriqueceram a literatura de nosso tempo e, muito especialmente, a língua francesa, dando legitimidade estética a uma fala popular, saborosa, vulgar, pirotécnica, que estava totalmente ausente da cidadania literária. E, claro, como escreveu Bernard-Henri Lévy, aproveitar a ocasião do meio século da morte desse escritor "para começar a entender a obscura e monstruosa relação que pôde existir... entre o gênio e a infâmia".

Ao mesmo tempo que folheava na imprensa o ocorrido na França com o cinquentenário de Céline, li em El País (Madri, 23 de janeiro de 2011) um artigo de Borja Hermoso intitulado La Reabilitación de Roman Polanski. Com efeito, o grande cineasta polonês-francês é, agora, uma espécie de herói da liberdade, depois que uma espetacular campanha midiática, na qual grandes artistas, atores, escritores e diretores, advogaram por ele, conseguiu que a justiça suíça se negasse a extraditá-lo para os Estados Unidos. Isso foi celebrado como uma vitória contra a terrível injustiça da qual, pelo visto, ele havia sido vítima por parte dos juízes americanos, que se empenhavam em julgá-lo por esta bagatela: ter atraído com enganos, em Hollywood, para uma casa vazia, uma garota de treze anos à qual primeiro drogou e depois sodomizou.

Pobre cineasta! Em que pese seu enorme talento, os abusivos tribunais americanos queriam castigá-lo por essa travessura. Ele, porém, fugiu para Paris. Menos mal que um país como a França, onde se respeitam a cultura e o talento, ofereceu-lhe exílio e proteção, e lhe permitiu continuar produzindo as excelentes obras cinematográficas que hoje ganham prêmios por toda parte. Confesso que essa história me causa as mesmas náuseas que senti

## REFLEXÕES X

---

quando mergulhei, há meio século, nas páginas putrefatas de Bagatelles pour Um Massacre. ●

**Mario Vargas Llosa**

LUIZ BIANCI

## História feita pelo povo

Mario Vargas Llosa

19 de fevereiro de 2011



O movimento popular que sacudiu países como Tunísia, Egito e Iêmen e cujas réplicas chegaram a Argélia, Marrocos e Jordânia é o mais completo desmentido de quem, como Thomas Carlyle, acredita que "A história do mundo é a biografia dos grandes homens". Nenhum caudilho, grupo ou partido político pode se atribuir esse levante social sísmico que já

decapitou as satrapias tunisiana de Ben Ali e egípcia de Hosni Mubarak, colocou à beira do colapso a iemenita de Ali Abdullah Saleh, e provoca calafrios nos governos dos países onde a onda convulsiva chegou mais fraca como na Síria, Jordânia, Argélia, Marrocos e Arábia Saudita.

É óbvio que ninguém podia prever o que ocorreu nas sociedades autoritárias árabes e que o mundo inteiro e, em especial, os analistas, a imprensa, as chancelarias e centros de estudos políticos ocidentais ficaram tão surpresos com a explosão sociopolítica árabe como ficaram com a queda do Muro de Berlim e a desintegração da União Soviética e seus satélites.

Não é arbitrário aproximar os dois acontecimentos: os dois têm uma transcendência semelhante para as respectivas regiões e provocam precipitações e sequelas políticas para o restante do mundo. Que melhor prova de que a história não está escrita e ela pode tomar, de repente, direções imprevistas que escapam a todas as teorias que pretendem sujeitá-la a procedimentos lógicos? Dito isso, não é impossível discernir alguma racionalidade nesse movimento contagioso de protesto que se inicia, como numa história fantástica, com a autoimolação pelo fogo de um pobre e desesperado tunisiano do interior chamado Mohamed Bonazizi e com a rapidez do fogo que se espalha por todo o Oriente Médio.

## REFLEXÕES X

---

Os países onde ele ocorreu sofriam com ditaduras de dezenas de anos, corruptas até a medula, cujos governantes, parentes próximos e clientelas oligárquicas haviam acumulado fortunas imensas, bem seguras no estrangeiro, enquanto a pobreza e o desemprego, assim como a falta de educação e saúde, mantinham enormes setores da população em níveis de mera subsistência e, às vezes, de fome. A corrupção generalizada e um sistema de favoritismo e privilégio fechavam à maioria da população todos os canais de ascensão econômica e social.

Mas esse estado de coisas que foi o de incontáveis países ao longo da história, jamais teria provocado o levante sem um fato determinante dos tempos modernos: a globalização. A revolução da informação foi esburacando por toda parte os rígidos sistemas de censura que os governos árabes haviam instalado para manter os povos que exploravam e saqueavam, na ignorância e no obscurantismo tradicionais. Hoje, porém, é muito difícil, quase impossível, um governo submeter a sociedade inteira às trevas midiáticas para manipulá-la e enganá-la como outrora.

A telefonia celular, a *internet*, os *blogs*, o Facebook, o Twitter, as redes internacionais de televisão e demais recursos da tecnologia audiovisual levam a todos os rincões do globo a realidade de nosso tempo e forçam comparações que por certo mostraram às massas árabes o anacronismo e barbárie dos regimes que sofriam e a distância que os separa dos países modernos.

E esses mesmos instrumentos da nova tecnologia permitiram que os manifestantes coordenassem ações e pudessem introduzir alguma ordem no que, num primeiro momento, pôde parecer uma caótica explosão de descontentamento anárquico. Não foi assim. Um dos traços mais surpreendentes da sublevação árabe foram os esforços dos manifestantes para tolher o vandalismo e sair da frente, como no Egito, dos valentões enviados pelo regime para desprestigiar o levante e intimidar a imprensa.

A lentidão (para não dizer a covardia) com que os países ocidentais – sobretudo os da Europa – reagiram, vacilando primeiro ante o que ocorria e depois com vagas declarações de boas intenções a

favor de uma solução negociada do conflito, em vez de apoiar os rebeldes, deve ter causado uma terrível decepção aos milhões de manifestantes que se lançaram às ruas nos países árabes pedindo "liberdade" e "democracia" e descobriram que os países livres os olhavam com receio e, por vezes, pânico. E constatar, entre outras coisas, que os partidos políticos de Mubarak e Ben Ali eram membros ativos das Internacional Socialista! Bela maneira de promover a democracia social e os direitos humanos no Oriente Médio.

O equívoco garrafal<sup>31</sup> do Ocidente foi ver no movimento emancipador dos árabes um cavalo de Troia pelo qual o integrismo islâmico poderia se apossar de toda a região e o modelo iraniano – uma satrapia de fanáticos religiosos – se estenderia por todo o Oriente Médio. A verdade é que a explosão popular não foi dirigida pelos integristas e, até agora ao menos, estes não lideram o movimento emancipador nem pretendem fazê-lo. Eles parecem muito mais conscientes que as chancelarias ocidentais de que o que mobiliza os jovens de ambos os sexos tunisianos, egípcios, iemenitas e os demais não são a sharia e o desejo de que alguns clérigos fanáticos venham substituir os ditadoretinhos cleptomaníacos que querem derrubar. Precisaríamos ser cegos ou preconceituosos para não perceber que o motor secreto desse movimento é um instinto de liberdade e de modernização.

Naturalmente, não sabemos ainda o rumo que tomará essa rebelião e, claro, não se pode descartar a possibilidade de que, na confusão que ainda prevalece, o integrismo ou o Exército tratem de tirar partido. O que sabemos, porém, é que, em sua origem e primeiro desenvolvimento, esse movimento foi civil, não religioso, e claramente inspirado em ideais democráticos de liberdade política, liberdade de imprensa, eleições livres, luta contra a corrupção, justiça social, oportunidades para trabalhar e melhorar.

O Ocidente liberal e democrático deveria celebrar esse fato como uma extraordinária confirmação da vigência universal dos valores

---

<sup>31</sup> **Garrafal**: que é grande, graúdo e facilmente legível.

que representa a cultura da liberdade e dar todo seu apoio aos povos árabes neste momento de luta contra os tiranos. Não somente seria um ato de justiça como também uma maneira de assegurar a amizade e a colaboração com um futuro Oriente Médio livre e democrático. Porque esta é agora uma possibilidade real. Até antes dessa rebelião popular, muitos de nós considerariam isso difícil.

O que ocorreu no Irã e, de certa forma, no Iraque, justificava certo pessimismo com respeito à opção democrática no mundo árabe. Mas o que ocorreu nestas últimas semanas deveria ter varrido essas reticências e temores inspirados em preconceitos culturais e racistas. A liberdade não é um valor que só os países cultos e evoluídos apreciam. Massas desinformadas, discriminadas e exploradas também podem, às vezes por caminhos tortuosos, descobrir que a liberdade não é um ente retórico desprovido de substância, mas uma chave mestra para sair do horror, um instrumento para construir uma sociedade onde homens e mulheres possam viver sem medo, dentro da legalidade e com oportunidades de progresso.

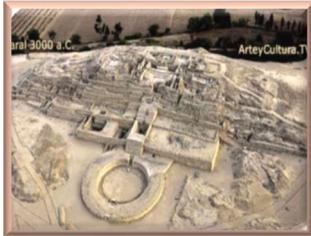
Ocorreu na Ásia, na América Latina, nos países que viveram submetidos ao jugo da União Soviética. E agora, por fim, está começando a ocorrer também nos países árabes com uma força e heroísmo extraordinários. Nossa obrigação é mostrar-lhes nossa solidariedade ativa, porque a transformação do Oriente Médio em uma terra de liberdade não beneficiará apenas a milhões de árabes, mas ao mundo inteiro em geral (incluindo, é claro, Israel, embora o governo extremista de Binyamin Netanyahu seja incapaz de compreendê-lo). ●

**Mario Vargas Llosa**

## Viagem à origem de um país

Mario Vargas Llosa

6 de março de 2011



A civilização mais antiga das Américas floresceu há cerca de 4 mil ou 5 mil anos e deixou provas impressionantes de sua complexidade e poderio a 200 km ao norte de Lima. Nunca saberemos como a chamavam, pois o nome com o qual a região é agora conhecida – Caral – apareceu sem dúvida muitos anos depois da extinção desta notável sociedade, que desapareceu de modo tão súbito e misterioso quanto o destino que acometeu a civilização maia, na América Central.

Quando a arqueóloga Ruth Shady Solís chegou até lá em 1993, instalando-se numa barraca para dar início a suas investigações, esta gigantesca esplanada salpicada por colinas (que na verdade eram templos e santuários) e cercada pelos contrafortes cor de terra dos estribos da Cordilheira dos Andes deveria se assemelhar a uma paisagem lunar. Imponente e belíssima, com seu profundo silêncio, suas pedras milenares e a miríade de estrelas faiscantes iluminando as noites claras. Durante muito tempo seus únicos companheiros foram as raposas, as lagartixas e uma cobra do deserto ou outro réptil.

Nem ela nem ninguém poderia suspeitar da magnitude das construções – templos, túmulos, anfiteatros, altares – enterradas e, muito menos, sua antiguidade milenária. Algum dia será escrita uma biografia de Ruth e, ainda que tudo que seja contado nela seja absolutamente verdadeiro, a obra cativará os leitores com um feitiço digno dos bons romances. O pai dela era um judeu da Europa Central que chegou ao Peru fugindo das perseguições antisemitas, um homem culto e apaixonado pelo passado, que a levava quando menina a visitar os monumentos pré-hispânicos dos arredores de Lima. Sua vocação para a arqueologia manifestou-se de maneira

precoce.

Nos anos 1980 estava envolvida num trabalho de campo em Bagua, uma região amazônica que na época via-se no fogo cruzado entre terroristas e antiterroristas. Ruth teve de deixar Bagua, a contragosto. No dia em que chegou a Caral, ela se encontrou com o próprio destino. Dezesete anos mais tarde podemos dizer que ela protagonizou a mais extraordinária aventura que pode ser vivida por um arqueólogo: ter trazido à luz, uma civilização inteira, cuja destreza arquitetônica e organização social e econômica apresentam tamanho refinamento em sua elaboração a ponto de acrescentar alguns milhares de anos à história do Continente Americano. Pois os templos e as muralhas de Caral, suas pirâmides, suas praças circulares e seus túmulos e depósitos se estendem por um espaço considerável: cerca de 300 km de frente por 400 km de largura. Seu apogeu é contemporâneo ao do Egito dos faraós e ao das cidades sumérias da Mesopotâmia, e cerca de 1.800 anos anterior ao apogeu dos maias.

Não foram apenas a sorte e a oportunidade que permitiram esta formidável façanha criativa. Também – e talvez principalmente – a perseverança, a fé, a paixão e o espírito pragmático que, enriquecido por uma vocação vivida como uma mística, permitiram que Ruth vencesse numerosos obstáculos nestes 17 anos. Ela é uma pessoa discreta e não se gaba de seus feitos. Mas basta escutá-la explicando tudo o que foi possível saber sobre a civilização de Caral para sentir uma amostra da energia que a anima. Trata-se de algo que Ruth soube transmitir a seus colaboradores, um grupo de 20 arqueólogos, em sua maioria jovens que transpiram entusiasmo e cujos esforços converteram estas ruínas em um dos lugares mais interessantes e belos do Peru.

Pois agora há em Caral centros de informação, laboratórios, lojas, livrarias, lojas de objetos folclóricos e guias para turistas, tudo construído com bom gosto e perfeita adequação à paisagem. Graças a acordos assinados com diversas universidades do mundo, cientistas de muitos lugares vêm participar dos trabalhos e investigações que prosseguem em toda a região.

## REFLEXÕES X

---

Entre os percalços que Ruth teve de vencer nestes 17 anos dedicados a Caral consta uma emboscada, em 2003, à caminhonete na qual viajava vinda da costa, acompanhada de um motorista, com o dinheiro para pagar os salários da equipe de trabalhadores. A quadrilha de assaltantes tinha bloqueado o caminho com pedregulhos. O veículo foi recebido por uma saraivada de balas. Aos gritos, Ruth ordenou ao motorista que não parasse. A caminhonete conseguiu desviar das pedras, sacudindo muito, e escapou. Mas tanto Ruth quanto o motorista foram baleados e chegaram ao hospital com graves hemorragias. Isto é apenas um indício de todas as provações que a arqueóloga de Caral teve de enfrentar para posteriormente elaborar sua obra-prima.

Há pessoas dotadas de uma fértil imaginação arqueológica, que facilmente lhes permite reconstruir, com base nos restos e vestígios desenterrados pelos arqueólogos, os palácios, as pontes, os templos e as praças que eles um dia foram e os costumes dos homens e mulheres que os habitaram. Pessoalmente, careço desta aptidão. Mas, na visita a Caral, senti-me não apenas interessado como também comovido. Talvez porque a paisagem em que se alçam os templos, feita de desertos e montanhas nuas, é imponente e deslumbrante, um grande estímulo para a imaginação. Talvez porque as construções desenterradas estejam em bom estado e facilitem para o visitante a tarefa de imaginar os ritos e funções para os quais elas serviram. Ou talvez por causa da vivacidade e do amor com que Ruth nos vai informando sobre aqueles ancestrais antiquíssimos. Despeço-me deste lugar sem a antecipada melancolia, pois tenho a absoluta certeza de que ainda voltarei muitas vezes. ●

**Mario Vargas Llosa**

## A hora da verdade

Mario Vargas Llosa

15 de maio de 2011



Embora eu não seja crente, tenho muitos amigos católicos, sacerdotes e leigos, e um grande respeito pelos que procuram viver segundo suas convicções religiosas. O cardeal Juan Luis Cipriani, arcebispo de Lima, em compensação, me parece representar a pior tradição da Igreja, a autoritária e obscurantista. Sua recente autodefesa, *Os direitos humanos irrenunciáveis*, publicada no dia 1.º em Lima, justifica as críticas que, em nome da democracia e dos direitos humanos, ele com frequência recebe, sobretudo de setores católicos mais liberais.

Em seu texto, ele desmente que tenha dito que "os direitos humanos são uma cojuidez (palavra peruana equivalente a besteira)" e afirma que, na verdade, aplicou tal grosseria apenas à Coordenadoria de Direitos Humanos, uma instituição dirigida por uma ex-religiosa espanhola, Pilar Coll, que nos anos das grandes matanças cometidas pela ditadura fujimorista realizou uma admirável campanha de denúncia dos crimes que se cometiam sob o pretexto da luta contra o Sendero Luminoso.

O cardeal Cipriano desmente também que durante a ditadura tivesse guardado silêncio diante de um dos crimes coletivos mais abjetos cometidos por Fujimori e seus cúmplices: a esterilização, mediante enganos, de cerca de 300 mil camponesas, que, por ordem do ditador, tiveram as trompas ligadas por equipes do Ministério da Saúde, que assegurou-lhes que se tratavam de simples vacina ou de uma medida que só as impediria temporariamente de procriar.

Como é que ninguém se inteirou no Peru de que o arcebispo havia considerado reprováveis esses atropelos? Porque em vez de protestar publicamente ele se limitou a fazê-lo em privado, isto é, sussurrando discretamente seu protesto na orelha do ditador. O

## REFLEXÕES X

---

cardeal não costuma ser tão discreto quando se trata de protestar contra os preservativos, para não falar do aborto ou contra aqueles que no segundo turno das eleições peruanas apoiam Ollanta Humala.

Por exemplo, por eu o haver feito, ele me admoestou de maneira tonitruante do púlpito da catedral de Lima. Ele me pediu "mais seriedade" e protestou. Como eu me atrevo a dar conselhos aos peruanos sobre em quem devem votar? O cardeal está nervoso e se esquece que ainda há liberdade no Peru e qualquer cidadão pode opinar sobre política sem pedir permissão nem a ele nem a ninguém. Claro que as coisas mudarão se for eleita a senhora Fujimori, a candidata que ele bendizia naquele mesmo ofício no qual me proibia de opinar.

Não é somente o arcebispo de Lima que se excede nesses dias de campanha e guerra suja no Peru. Uma famosa fujimorista, também do Opus Dei, como o monsenhor Cipriani, Martha Chávez, ameaçou publicamente o presidente do Poder Judiciário, o doutor César San Martín, eminente jurista que presidiu o tribunal que condenou Fujimori a 25 anos de prisão por crimes contra os direitos humanos.

No entanto, o mais inquietante são as tentativas de expurgar os meios de comunicação, principalmente os canais de TV e jornalistas independentes, que resistem a se converter em propagandistas da candidatura da filha do ex-ditador. O caso mais famigerado foi o de Patricia Montero, produtora geral, e José Jara, produtor de noticiário, ambos do Canal N, demitidos depois que os diretores consideraram que eles tinham "humanizado" o candidato Humala em reportagens – gostariam que o animalizassem, talvez?

Essas demissões provocaram uma verdadeira tempestade de críticas, entre elas as dos mais prestigiosos jornalistas do próprio Canal N, em defesa de seus colegas, e ameaças de demissões em massa caso continue a caça às bruxas. Isso parece ter paralisado, por enquanto, a dispensa da prestigiosa e experiente jornalista do Canal 4, Laura Puertas, também censurada.

Finalmente, uma denúncia publicada no dia 4 no diário La Primera indica que o governo, apoiado por empresários da mineração, havia

## REFLEXÕES X

---

encomendado dos serviços de inteligência do Estado um "plano lençol" destinado a destruir a campanha de Humala com métodos delituosos – grampo telefônico, operações caluniosas filtradas para a imprensa para minar seu prestígio e o de seu círculo familiar usando mercenários e provocadores – com os quais, em 1990, o governo conspirou contra mim quando fui candidato à presidência. A denúncia provém, ao que parece, de militares e civis do serviço de inteligência contrários ao uso do órgão para fins políticos alheios a sua missão específica.

Tudo isso merece uma reflexão. Se essas coisas começam a ocorrer agora, em plena campanha eleitoral, não é fácil imaginar o que ocorreria caso a senhora Fujimori ganhe as eleições e a ditadura fuji-montesinista recupere o poder ungida e sacramentada pelos votos dos peruanos. Os jornalistas decentes e responsáveis expulsos de seus postos não seriam cinco (também foram demitidos três da Radio Lider), mas dezenas. E as rádios, os canais de TV e os jornais seriam convertidos, como estiveram durante os oito anos de infâmia que o Peru viveu, em órgãos de propaganda encarregados de justificar os desmandos e o tráfico de poder, encobrendo injúrias e caluniando seus críticos.

Não só o juiz San Martín seria vítima de sua probidade. Todo o Judiciário se veria, uma vez mais, submetido a um crivo implacável para afastar de seus cargos ou reduzir à total inoperância os juizes que resistirem a ser meros instrumentos dóceis do governo. Repartições públicas, Forças Armadas e empresas privadas seriam outra vez incorporadas ao sistema autoritário para que, de novo, o país inteiro ficasse à mercê do punhadinho de foragidos que, entre 1990 e 2000, cometeu o mais espetacular saque do erário e os crimes mais horrendos contra os direitos humanos de nossa história.

Os que querem semelhante futuro para o Peru não são muitos, mas são poderosos. Como estão assustados com a perspectiva de que Humala vença as eleições e cometa os desaforos de Hugo Chávez na Venezuela, estão dispostos a qualquer coisa para assegurar o triunfo de Keiko Fujimori. Extraordinário paradoxo: para evitar o socialismo, que venha o fascismo. E tudo isso em nome da

liberdade, da democracia e do livre mercado.

Na verdade, a alternativa que o Peru tem nas eleições do dia 5 é salvaguardar a imperfeita democracia política que temos há dez anos e uma política de mercado e de abertura para o mundo que fez crescer nossa economia de maneira notável ou voltar a um regime ditatorial que restabeleceria no governo os que, em cumplicidade com Fujimori e Montesinos, destruíram o Estado de direito, enriqueceram cometendo falcaturas e, durante oito anos, cometeram crimes horrendos sob pretexto de combater a subversão.

A meu ver, diante dessas alternativas, Keiko é a pior opção. Humala assumiu um "compromisso com o povo peruano" que convém ter muito presente, não só na hora de votar nele, mas, sobretudo, quando ele chegar ao governo, para recordá-lo sempre que ele pareça se afastar de alguma de suas promessas. Não haverá reeleição. Serão cumpridos os tratados firmados e não haverá estatizações. O respeito ao pluralismo informativo será total.

Tudo isso é perfeitamente compatível com a democracia. Esse compromisso não depende apenas da vontade de Humala. Depende dos que o apoiam deixarem claro que são a essas políticas que damos nosso apoio. Seguiremos firmes exigindo seu cumprimento. ●

**Mario Vargas Llosa**

# A derrota do fascismo no Peru

Mario Vargas Llosa

19 de junho de 2011



A vitória de Ollanta Humala no segundo turno das eleições presidenciais no Peru, no dia 5, salvou o país de uma ditadura que, amparada por uma maioria nas urnas, isentaria o regime de Alberto Fujimori e Vladimiro Montesinos (1990-2000) dos crimes e roubos praticados, como também das violações da Constituição e leis que marcaram esta década. E teria reintegrado os 77 civis e militares que, pelos delitos praticados nesses anos, estão presos ou sendo processados. Pela mais pacífica e civilizada das formas – um processo eleitoral – o fascismo teria ressuscitado no Peru.

"Fascismo" é uma palavra que tem sido usada levianamente pela esquerda, mais como um conjuro<sup>32</sup> ou um insulto contra o adversário do que como um conceito político preciso, o que para muitos pode parecer um rótulo quase sem significado para indicar uma típica ditadura terceiro-mundista. Não foi isso, mas sim algo mais profundo, complexo e totalitário do que os golpes de Estado tradicionais, quando um caudilho mobiliza os quartéis, assume o poder, enche os bolsos e os dos seus colaboradores, até que, repellido pelo país explorado até à ruína, acaba fugindo.

O regime de Fujimori e Montesinos – dá vergonha dizer – foi popular. Contou com a solidariedade da classe empresarial por causa da sua política de livre mercado e pela prosperidade observada com o aumento dos preços das matérias-primas, e também de amplos setores da classe média por causa dos golpes infligidos ao Sendero Luminoso e ao Movimento Revolucionário

---

<sup>32</sup> **Conjuro**: rogo, súplica, pedido ou protesto insistente.

## REFLEXÕES X

---

Tupac Amaru, cujas ações terroristas viviam em meio à insegurança e o pânico. Os setores rurais e marginalizados foram conquistados mediante políticas assistencialistas de distribuição e dádivas. Aqueles que denunciavam os abusos eram perseguidos e intimidados, e sofreram todo o tipo de represálias.

Montesinos patrocinou o florescimento de uma "imprensa marrom" imunda, cuja razão de ser era lançar no opróbrio<sup>33</sup> seus oponentes por meio de escândalos fabricados. Os meios de comunicação foram subornados, extorquidos e neutralizados, de modo que o regime só contava com uma oposição na imprensa reduzida e em surdina, o necessário para alardear que respeitava a liberdade de crítica.

Jornalistas e proprietários de meios de comunicação eram convocados por Montesinos para o seu escuro gabinete no Serviço de Inteligência, onde ele não só pagava pela sua cumplicidade com grandes somas de dólares, mas também os filmava às escondidas para guardar provas da sua infâmia. Por ali passavam empresários, juízes, políticos, militares, jornalistas, representantes de todo espectro profissional e social. Todos saíam com seu presente embaixo do braço, corrompidos e contentes.

A Constituição e as leis foram adaptadas às necessidades do ditador, para que ele e seus cúmplices parlamentares pudessem reeleger-se com comodidade. A malandragem não tinha limite, tendo chegado a um nível sem precedentes na história da corrupção peruana. Ou seja, resumindo, é isso que retornaria ao Peru com o voto dos peruanos, se Keiko Fujimori tivesse vencido esta eleição. Ou seja, o fascismo do século XXI.

Um fascismo que não é mais representado nas suásticas, na saudação imperial, no passo de ganso e um caudilho histérico vomitando insultos racistas do alto de uma tribuna. Mas foi o que representou exatamente, no Peru de 1990 a 2000, o governo de Fujimori. Uma quadrilha de bárbaros vorazes que, aliados a

---

<sup>33</sup> **Opróbrio:** grande desonra pública; degradação social; ignomínia, vergonha, vexame.

## REFLEXÕES X

---

empresários sem moral, jornalistas canalhas, pistoleiros e assassinos, e a ignorância de setores da sociedade, instalou um regime de intimidação e corrupção, que, fingindo assegurar a paz, eternizou-se no poder.

O triunfo de Humala mostrou que ainda restava no Peru uma maioria não corrompida por tantos anos de iniquidade<sup>34</sup> e perversão dos valores cívicos. O fato de essa maioria ter sido de apenas três pontos porcentuais é assustador, pois indica que as bases de sustentação da democracia são muito débeis e há no país quase uma metade de eleitores que prefere viver sob uma tirania do que em liberdade. Uma das grandes tarefas que o governo Humala tem pela frente é a regeneração moral e política de uma nação que o terrorismo e a ditadura levaram a uma tal desorientação ideológica a ponto de boa parte dos eleitores ter saudade de um regime autoritário.

Um traço particularmente triste desta campanha eleitoral foi a preferência pela opção da ditadura por parte da chamada classe A, ou seja, a camada mais próspera e mais educada do Peru, aquela que passou por excelentes escolas, onde se ensina o inglês, que envia seus filhos para estudar nos EUA, essa "elite" convencida de que a cultura cabe em duas palavras: uísque e Miami. Aterrorizada com as mentiras fabricadas pelos jornais, rádios e canais de TV que lançaram uma campanha de intoxicação, calúnias e infâmias indescritíveis para impedir o avanço do candidato do bloco progressista "Gana Perú", que incluiu, é claro, despedidas e ameaças a jornalistas mais independentes e capazes. E o fato de esses jornalistas, não terem se deixado amedrontar, resistirem às ameaças e lutado, abrindo brechas nos meios de comunicação em que o adversário pudesse se expressar, foi um dos fatos mais dignos da campanha eleitoral.

Assim como foi um dos mais indignos o papel desempenhado pelo arcebispo de Lima, o cardeal Cipriani, da Opus Dei, um dos pilares da ditadura de Fujimori, que me honrou fazendo ler, na missa do

---

<sup>34</sup> **Iniquidade:** ação ou coisa contrária à moral e à religião.

## REFLEXÕES X

---

domingo, um panfleto em que me atacou por tê-lo denunciado de calar quando Fujimori fez esterilizar cerca de 300 mil camponesas, sendo que muitas delas morreram nessa infame operação.

E agora, o que deve suceder? Leio no El Comercio, jornal do grupo que superou todas as formas de infâmia em sua campanha contra Humala, um editorial escrito com moderação e, até diria, com entusiasmo, sobre a política econômica que o novo presidente deseja implementar.

O que sucedeu para que todos se tornassem "humalistas" tão rápido? O novo presidente somente repetiu o que disse ao longo da sua campanha: que respeitaria as empresas e as políticas de mercado, que o seu modelo não era a Venezuela, mas o Brasil, pois sabia muito bem que o desenvolvimento deve continuar para a luta contra a pobreza e a exclusão ser eficaz. Naturalmente, é preferível que os nostálgicos da ditadura escondam agora os dentes e ronronem carinhosos na porta do novo governo. Mas não devemos levá-los a sério. Sua visão é minúscula, mesquinha e interesseira, como demonstraram nos últimos meses. E, sobretudo, não devemos acreditar neles quando falam de liberdade e democracia, palavras às quais recorrem quando se sentem ameaçados. O sistema da livre empresa e livre mercado vale mais do que eles, e por isso o novo governo deve manter esse sistema e aperfeiçoá-lo, abrindo-o a novos empresários, que entendam enfim, e para sempre, que a liberdade econômica não pode ser separada da liberdade política e da liberdade social, que a igualdade de oportunidades é um princípio irrenunciável em todo sistema genuinamente democrático. Se o governo de Humala compreender isso e atuar coerentemente teremos, finalmente, como no Chile, Uruguai, e Brasil, uma esquerda autenticamente democrática e liberal. E o Peru não estará mais sujeito ao risco que correu nos últimos meses, de novamente ficar atolado no atraso e na barbárie de uma ditadura. ●

**Mario Vargas Llosa**

# China se apega à riqueza

Mario Vargas Llosa

3 de julho de 2011



Volto à China depois de cerca de 15 anos e constato que parece outro país. Embora tenha ouvido e lido todos os ditirambos<sup>35</sup> a respeito do seu formidável desenvolvimento econômico, a realidade vai muito além. Em Xangai, o distrito de Pudong, há 20 anos uma planície coberta por arrozais, é uma Wall Street quatro vezes maior e com o dobro ou o triplo de arranha-céus. Tanto lá como em Pequim, a transformação urbana é portentosa: pontes, avenidas, túneis, edifícios, lojas, galerias, parques exibem modernidade e prosperidade, um efervescente dinamismo 24 horas ao dia.

Uma riqueza ostensiva, sem complexos, pavoneia-se nos *shopping centers* e nos hotéis luxuosíssimos, nas gigantescas vitrines que exibem roupas femininas, masculinas, bolsas, joias, relógios, calçados, automóveis, fantasias e loucuras das marcas mais afamadas do mundo. Há restaurantes por toda parte e todos estão lotados de gente em geral bem vestida e amável, que conversa e come sem largar o celular, espiando de vez em quando ao seu redor, por cima de óculos marca Ray Ban, Ferragamo, Gucci ou Lanvin.

Parece que, desde que Deng Xiaoping lançou o lema "Enriquecer é glorioso!", 1,4 bilhão de chineses começaram a produzir e a ganhar dinheiro de maneira frenética. Será que esse é mesmo um país marxista-leninista? Seguramente é, mais do que nunca, segundo o Partido Comunista, que comemora seu 90.º aniversário de maneira colossal, com homenagens incessantes a Mao Tsé-tung. E, embora

---

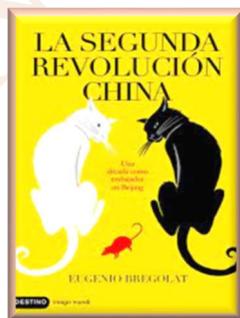
<sup>35</sup> **Ditirambo:** exaltação exagerada (de um fato, das qualidades de alguém); bajulação, lisonja.

## REFLEXÕES X

com suas delirantes políticas, o líder tenha mergulhado a China em miséria atroz e sacrificado milhões de pobres, o país vive agora uma etapa de abundância graças às reformas e à política "socialista" de mercado que a transformaram na segunda potência depois dos EUA.

Num futuro próximo, a China desembocará na sociedade perfeita, onde reinará a justiça distributiva e todos receberão o que pedem, segundo as próprias necessidades, e então a utopia coletivista igualitária se tornará realidade. Por enquanto, a sociedade chinesa é a mais desigual do mundo, porque as diferenças entre os que têm mais e os que têm menos superam as de qualquer outro país, embora, provavelmente, a China seja o único em que, por decisão do próprio Comitê Central, o Partido Comunista aceita agora entre sua militância até bilionários.

Se vocês detectarem contradições e mistérios ideológicos, leiam o interessante livro de Eugenio Bregolat, **La Segunda Revolución China**, no qual o experiente diplomata espanhol e profundo conhecedor do país, onde viveu muitos anos, explica com fartura de detalhes e divertidos episódios, a extraordinária conversão econômica da China realizada em meio a tropeços, intrigas, retrocessos e tanto derrotas quanto vitórias, por Deng Xiaoping.



Esse antigo companheiro e adversário de Mao, sintetizando seu objetivo com outra de suas famosas frases – "Tanto faz o gato ser branco ou preto, o que importa é que pegue os ratos" – foi quem transformou a paupérrima ditadura totalitária, coletivista e estatista erigida por Mao na sociedade capitalista autoritária que tirou da miséria 800 milhões de camponeses e desencadeou crescimento e desenvolvimento vertiginosos, sem precedentes na história.

Bregolat explica que essa insólita (**Insólita**: que não se apresenta de maneira habitual; raro, incomum; anormal) variante do socialismo concebida por Deng e seus seguidores, agora no poder, seria

## REFLEXÕES X

---

incompreensível se não estivesse relacionada à tradição cultural e filosófica chinesa do confucionismo e aos 4 mil anos de história de um país invadido, ocupado e humilhado pelo Ocidente e, finalmente, resgatado pela prosperidade e pela modernização atuais, recuperando o orgulho de si mesmo.

A ideologia socialista é agora uma retórica usada para justificar o monopólio do poder político pelo Partido Comunista. A ideologia real que lançou profundas raízes no país é o nacionalismo. Bregolat está otimista e acredita que o notável progresso econômico levará, mais cedo ou mais tarde, à abertura política, porque as novas classes médias e profissionais, que crescem a cada dia, educam seus filhos no exterior e mantêm um intenso intercâmbio com o mundo mediante as novas tecnologias, exigem cada vez mais a democratização, que se completará de maneira pacífica.

Espero que ele tenha razão e quem não compartilhe totalmente de seu otimismo, como eu, esteja equivocado. Meu pessimismo deve-se ao fato de que, além do nacionalismo, o que aparentemente se tornou uma segunda natureza para boa parte da sociedade chinesa é um materialismo consumista, em que a concentração obsessiva da ação humana na criação de riquezas embota a vida espiritual e intelectual e empobrece o idealismo, a solidariedade e a generosidade.

Embora, por razões óbvias, nas minhas conversas com intelectuais, acadêmicos e escritores chineses, eu tenha sido prudente, me abstendo de perguntas impertinentes, ouvi de muitos deles queixas sobre pouco ou nenhum interesse que os jovens demonstram – principalmente os de melhor formação – pela vida cívica, a cultura e, em geral, por tudo o que seja desinteressado e espiritual, como filosofia, arte ou religião. Todos parecem obcecados por uma boa formação técnica e profissional que lhes abra as portas das grandes transnacionais e seus salários fabulosos ou para postos administrativos no país, agora magnificamente remunerados.

Outra das célebres frases de Deng foi: "Se abrirmos a janela quando há ar fresco, entrarão as moscas." Imagino que ele a tenha pronunciado na primavera de 1989, pouco antes de dar a ordem

## REFLEXÕES X

---

para o Exército pôr fim às manifestações dos estudantes na Praça da Paz Celestial, provocando a morte de algumas centenas de jovens. A frase resume a filosofia adotada pelo regime. Sim à abertura econômica e social, mas desde que não se questione o controle absoluto exercido sobre a vida política pelo Partido Comunista.

Os que o aceitam podem ter uma margem bastante ampla de liberdade pessoal, viajar para o exterior, usar a *internet*. E, se forem escritores ou professores, podem conseguir publicações "capitalistas", desde que elas não critiquem a política chinesa. No entanto, não há tolerância pela dissidência. Liu Xiaobo, Ai Weiwei e outros são assediados, vigiados e, quando suas ações têm repercussão no exterior, presos, julgados e sentenciados a penas variáveis.

Ao contrário do que já ocorreu, há poucos fuzilamentos e, geralmente, eles ocorrem por crimes econômicos. Agora, a dissidência leva à prisão, não ao paredão, e, às vezes, somente ao cárcere domiciliar. A censura moral existe sempre, porém, é mais branda, e, em bancas de jornal, ruas e livrarias, às vezes, é possível descobrir publicações eróticas. Perguntei ao meu editor e a meus tradutores se meus livros foram censurados. Enfaticamente, me asseguraram que não.

O desenvolvimento chinês seria possível com liberdade? Bregolat duvida. Eu quero crer que sim. Por que motivo na China não poderia ocorrer o que já ocorreu nos EUA, na Grã-Bretanha, na França, e agora na Índia, no Brasil e em tantas outras democracias?●

**Mario Vargas Llosa**

## O direito feudal

Mario Vargas Llosa

17 de julho de 2011



Quando jovenzinho, nos anos 1950, muitas vezes ouvi meus companheiros de bairro e de escola se gabarem de ter se desvirginado com as empregadas de sua casa. Diziam-no utilizando uma expressão que sintetizava todo o racismo, o machismo e a brutalidade de uma classe social que, naquela época, ainda eram exibidos sem o menor acanhamento no Peru: "Tirar-se a la chola" (traçar a empregada). Os meninos de boa família não faziam amor com suas namoradas, que deviam chegar virgens ao casamento. Para seus ardores sexuais, escolhiam entre a prostituta e a criada.

O direito da primeira noite é antiquíssimo e os senhores feudais da Idade Média europeia o legaram aos senhores e patrões sul-americanos. Mas estão enganados os que acreditam que essas violências sexuais de fortes e poderosos cavalheiros contra mulheres pobres e desvalidas limitavam-se ao mundo do subdesenvolvimento. A truculenta odisseia vivida por Dominique Strauss-Kahn parece demonstrar que na civilizada França há senhores que, desafiando os tempos atuais, costumam perpetrar a sinistra tradição.

Se a acusação à qual Strauss-Kahn deve responder perante a mais alta corte do Estado de Nova York for aceita pelos juízes, ficará claro que ele praticava o direito da primeira noite segundo o antigo hábito, com o acréscimo de pancadas e maus tratos à sua vítima. Os médicos que examinaram a camareira da Guiné, que denunciou o político francês por tê-la obrigado a praticar sexo oral com ele, detectaram que ela estava com um ligamento do ombro rompido, hematomas na vagina e as meias rasgadas. A polícia, por sua vez, comprovou a existência, tanto na parede quanto no tapete do

quarto, de sêmen que a camareira afirma ter cuspidado, enojada, logo depois que o suposto autor do crime ejaculou. Esses são fatos objetivos e a Justiça deverá determinar se o sexo oral foi forçado, como ela declara, ou consensual, como diz Strauss-Kahn.

Como foi comprovado que a camareira mentiu para a polícia sobre seu ingresso nos Estados Unidos – é uma imigrante ilegal – e teve uma conversa com um homem preso por tráfico de drogas, para quem se gabara de querer tirar dinheiro de seu suposto estuprador aproveitando-se do ocorrido, comenta-se que a acusação já não convence, e o próprio promotor de Nova York estaria pensando em arquivar o caso.

Isso provocou, na França, onde me encontro agora, a publicação de muitos artigos e declarações de amigos e colegas favoráveis ao ex-diretor do **Fundo Monetário Internacional (FMI)**. Encabeçados por Bernard-Henri Lévy, atacam ferozmente a Justiça americana por ter mostrado à imprensa Strauss-Kahn algemado e humilhado, em vez de respeitar sua privacidade e sua condição de mero acusado, não de culpado. Tem-se a impressão de que ele é um tipo de mártir e mereceria desagravo.

Em minha opinião, entretanto, o personagem é repulsivo. Tendo a acreditar que o que a camareira guineana afirma a respeito dele é verdade. Continuaria achando-o repulsivo mesmo se o sexo oral com o qual ele se gratificou naquela manhã nova-iorquina foi consensual. Mesmo se o tivesse solicitado com as boas maneiras, pagando por isso, teria cometido um ato covarde, prepotente e asqueroso com uma pobre mulher infinitamente mais frágil e vulnerável do que ele. Alguém que teria passado por essa pantomima por necessidade ou por medo, mas de modo algum seduzida pela posição ou a inteligência do personagem que encontrou no quarto que deveria arrumar. "Traçar a empregada", com boas ou más maneiras, é um ato ignóbil e vil, principalmente quando quem o perpetra é um aristocrata, como o quase intocável Strauss-Kahn.

Não sei por que as mentiras da camareira atenuariam a falta do seu suposto estuprador. O que vai ser julgado é se ela foi ou não violada,

## REFLEXÕES X

---

e não se é boa, sincera e desprendida. Se o elemento determinante para que a acusação prevalecesse não fossem os dados objetivos, e sim a personalidade e o caráter, Strauss-Kahn estaria em maus lençóis. Seus antecedentes indicam claramente que ele sempre gostou muito das mulheres, e não teve o menor problema em demonstrá-lo, usando o que os brasileiros chamam de "mão boba" nas recepções, em elevadores e corredores. Pouco tempo após assumir a direção do FMI, ele se envolveu em um caso semelhante por ter contratado uma amante entre suas subordinadas.

Agora mesmo há um processo contra ele em Paris, no qual é acusado pela jornalista e escritora Tristane Banon de ter tentado estuprá-la, em 2003, quando ela foi entrevistá-lo para um livro. A jornalista declara que ele a recebeu num apartamento decorado apenas com uma cama e umas poltronas e teve de se defender com pontapés e arranhões do seu entrevistado, que rasgou o sutiã e a calcinha dela enquanto lutavam no chão. Na época, Tristane quis denunciar a tentativa de estupro, mas sua mãe a impediu de fazê-lo argumentando que isso seria muito prejudicial para o Partido Socialista, no qual ela também militava.

Portanto, se há indícios negativos no que concerne ao caráter e à personalidade da camareira guineana, as credenciais morais do hóspede estão longe de serem ímpolutas<sup>36</sup>. Esse senhor superinteligente, ultra poderoso e milionário estava acostumado a se conceder certos excessos com a convicção de que estas fraquezas são permitidas a alguém como ele, assim como o direito da primeira noite era permitido aos senhores feudais.

O mais terrível é que, aparentemente, um bom número de seus compatriotas concorda com ele. A indignação contra a polícia e a Justiça dos Estados Unidos por terem tratado esse homem tão importante e de tão grande prestígio como um ladrãozinho preso em flagrante é quase unânime. Não entendo tanta indignação. Não houve exagero no tratamento de Strauss-Kahn. Mas ele tampouco

---

<sup>36</sup> **Ímpoluto**: que tem ou revela dignidade ou elevação de caráter; honesto, virtuoso.

## REFLEXÕES X

---

teve um tratamento preferencial por desempenhar um alto cargo no mundo financeiro. Pelo que leio em Paris, em seu país ele seria perdoado. Já a camareira seria expulsa por ser imigrante ilegal e praticar a prostituição. ●

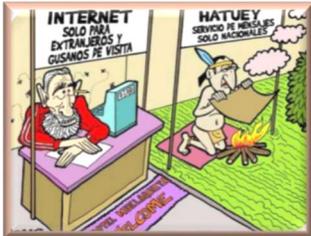
**Mario Vargas Llosa**

LUIZ BIANCI

## A internet e o déficit de atenção

Mario Vargas Llosa

14 de agosto de 2011



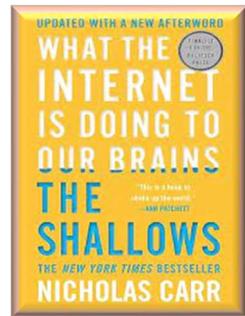
*Nicholas Carr diz que computador causa perdas intelectuais*

Nicholas Carr estudou Literatura no Dartmouth College e na Universidade Harvard, e tudo indica que, na juventude, foi um voraz leitor de bons livros. Logo, como aconteceu com toda a sua geração, descobriu o computador, a *internet*, os prodígios da grande revolução informática do nosso tempo, e não só dedicou boa parte de sua vida à utilização de todos os serviços on-line como se tornou um profissional e especialista nas novas tecnologias da comunicação sobre as quais escreve amplamente em prestigiosas publicações dos EUA e da Inglaterra.

Certo dia, descobriu que deixara de ser um bom leitor, e, praticamente, um leitor, inclusive. Sua concentração desaparecia depois de uma ou duas páginas de um livro, e, principalmente, se o que ele lia era complexo e exigia muita atenção, surgia em sua mente algo parecido a um repúdio a continuar com aquele empenho intelectual. Ele conta: "Perco o sossego e o fio, começo a pensar em outra coisa. Sinto como se tivesse de arrastar o meu cérebro desconcentrado de volta ao texto. A leitura profunda que costumava vir naturalmente se tornou um esforço".

Preocupado, tomou uma decisão radical. No fim de 2007, ele e a mulher abandonaram suas instalações ultramodernas em Boston e foram morar nas montanhas do Colorado, onde não havia telefone móvel e a *internet* chegava tarde, mal ou mesmo nunca. Ali, ao longo de dois anos, escreveu o livro polêmico que o tornou famoso, *The Shallows: What the Internet is Doing to Our Brains* (*Superficiais: O Que a Internet está fazendo com Nossas Mentres?*). Acabo de lê-lo, de um fôlego só, e fiquei fascinado, assustado e entristecido.

Carr não é um renegado da informática nem quer acabar com os computadores. No livro, reconhece a extraordinária contribuição que Google, Twitter, Facebook ou Skype prestam à informação e à comunicação, o tempo que esses recursos permitem economizar, a facilidade com que uma imensa quantidade de seres humanos pode compartilhar de experiências, os benefícios que tudo isso representa para empresas, pesquisa científica e desenvolvimento econômico das nações.



Mas tudo isso tem um preço e, em última instância, significará uma transformação tão grande em nossa vida cultural e na maneira de operar do cérebro humano quanto a descoberta da imprensa por Gutenberg no século XV, que generalizou a leitura de livros, até então exclusiva de uma minoria insignificante de clérigos, intelectuais e aristocratas. O livro de Carr é uma reivindicação das teorias do agora esquecido Marshall McLuhan, ao qual muitos nem deram atenção, quando, há mais de meio século, afirmou que os meios de comunicação não são nunca meros veículos de um conteúdo, que exercem uma influência dissimulada sobre este, e, em longo prazo, modificam nosso modo de pensar e agir. MacLuhan referia-se principalmente à TV, mas a argumentação do livro de Carr, e as experiências e testemunhos abundantes que ele cita como respaldo, indicam que essa tese tem uma extraordinária atualidade relacionada ao mundo da *internet*.

Os defensores recalcitrantes do *software* alegam que se trata de uma ferramenta e que está a serviço de quem a usa e, evidentemente, há abundantes experiências que parecem corroborá-lo, sempre e quando essas provas sejam realizadas no campo de ação no qual os benefícios daquela tecnologia são indiscutíveis: quem poderia negar que é um avanço quase milagroso o fato de que, agora, em poucos segundos, clicando com o mouse, um internauta obtenha uma informação que, há poucos anos, exigia semanas e meses de consultas em bibliotecas e com especialistas? Mas também há provas conclusivas de que, quando a memória de uma pessoa

deixa de ser exercitada, por contar com o arquivo infinito que um computador põe ao seu alcance, ela embota e se debilita como os músculos que deixam de ser usados.

Não é verdade que a *internet* seja apenas uma ferramenta. Ela é um utensílio que se torna um prolongamento do nosso próprio corpo, do nosso próprio cérebro, o qual, também, de maneira discreta, vai se adaptando pouco a pouco a esse novo modo de informar-se e de pensar, renunciando paulatinamente às funções que esse sistema faz por ele e, às vezes, melhor que ele. Não é uma metáfora poética afirmar que a "inteligência artificial" que está ao seu serviço, corrompe e sensualiza os nossos órgãos pensantes, os quais, aos poucos, vão se tornando dependentes daquelas ferramentas, e, por fim, seus escravos. Para que manter fresca e ativa a memória se toda ela está armazenada em algo que um programador de sistemas definiu como "a melhor e maior biblioteca do mundo"? E para que eu deveria aguçar a atenção se, apertando as teclas adequadas, as lembranças das quais preciso vêm até mim, ressuscitadas por essas diligentes máquinas?

Não surpreende, por isso, se alguns fanáticos da *internet*, como o professor Joe O'Shea, filósofo da Universidade da Flórida, afirma: "Sentar-se e ler um livro de cabo a rabo não faz sentido. Não seria um bom uso do meu tempo, e com a *internet* posso ter todas as informações com mais rapidez. Quando uma pessoa se torna um caçador experimentado na *internet*, os livros são supérfluos". O mais atroz desta declaração não é a afirmação final, mas o fato de esse famoso filósofo acreditar que uma pessoa lê livros somente para "informar-se". Esse é um dos estragos que o vício fanático da telinha pode causar. Daí, a patética confissão da doutora Katherine Hayles, professora de Literatura da Universidade Duke: "Não consigo mais que meus alunos leiam livros inteiros".

Esses alunos não têm culpa de agora serem incapazes de ler *Guerra e Paz* e *Dom Quixote*. Acostumados a picotar a informação em seus computadores, sem ter a necessidade de fazer prolongados esforços de concentração, eles perderam o hábito e até a capacidade de fazê-lo. Foram condicionados a contentar-se com o borboletear cognitivo aos quais a Rede os acostuma, tornando-se de certa forma

vacinados contra o tipo de atenção, reflexão, paciência e prolongado abandono ao que se lê, que é a única maneira de ler a grande literatura. Mas não acredito que a *internet* torne supérflua apenas a literatura: toda obra de criação gratuita, não subordinada à utilização pragmática, é excluída do conhecimento e da cultura propiciados pela Rede. Sem dúvida, essa pode armazenar com facilidade Proust, Homero, Popper e Platão, mas dificilmente suas obras terão muitos leitores. Para que dar-se ao trabalho de lê-las se no Google podemos encontrar resumos simples e amenos do que inventaram nesses aborrecidos calhamaços que os leitores pré-históricos costumavam ler?

A revolução da informação está longe de ter terminado. Ao contrário, nesse campo surgem a cada dia novas possibilidades, conquistas e o impossível retrocede velozmente. Devemos alegrar-nos? Se o gênero de cultura que está substituindo a antiga nos parecer um progresso, sem dúvida sim. Mas deveremos nos preocupar se esse progresso significa o que um erudito estudioso dos efeitos da *internet* em nosso cérebro e em nossos costumes, Van Nimwegen, deduziu depois de um dos seus experimentos: Confiar aos computadores a solução de todos os problemas cognitivos reduz "a capacidade das nossas mentes de construir estruturas estáveis de conhecimento". Em outras palavras, quanto mais inteligente for o nosso computador, mais estúpidos seremos.

Talvez haja certo exagero no livro de Nicholas Carr, como ocorre sempre com os argumentos que defendem teses controvertidas. Não possuo os conhecimentos neurológicos e de informática para julgar até que ponto são confiáveis as provas e experiências científicas que ele descreve em seu livro. Mas essa me dá a impressão de ser uma obra rigorosa e sensata, uma advertência que – não nos enganemos – não será ouvida. O que significa, se ele estiver com a razão, que a robotização de uma humanidade organizada em função da "inteligência artificial" é incontrolável. A menos, é claro, que um cataclismo nuclear, por algum acidente ou uma ação terrorista, nos faça regressar às cavernas. Teremos então de começar tudo de novo, e, quem sabe, dessa vez façamos melhor. ●

**Mario Vargas Llosa**

## Uma grande oportunidade

Mario Vargas Llosa

de outubro de 2011



Qual deveria ser a posição de um amigo de Israel diante do pedido do presidente Mahmoud Abbas para a ONU reconhecer a Palestina como um Estado de pleno direito? Convém antes definir o que entendo por "amigo de Israel, já que nesta definição inserem-se atitudes distintas e contraditórias. Na minha opinião, amigo de Israel é aquele que, reconhecendo o direito à existência desse país – admirável por inúmeras razões – trabalha, na medida do possível, para que este

direito seja reconhecido por seus vizinhos árabes e Israel, que fique assegurado seu presente e seu futuro, e Israel possa viver em paz e harmonia dentro de fronteiras seguras e internacionalmente reconhecidas.

Hoje, o país está longe de alcançar a estabilidade e a segurança. É verdade que ele vive um notável progresso econômico, graças ao seu desenvolvimento tecnológico e científico tão bem aproveitado pela indústria, e seu poder militar supera amplamente o dos seus vizinhos. Mas tanto interna quanto externamente, a sociedade israelense passa por uma crise profunda, como pudemos observar há pouco em suas principais cidades as grandes manifestações de seus "indignados". Eles manifestaram seu cansaço dos sacrifícios e limitações de todo o tipo impostos à sociedade civil por essa situação crônica de guerra disfarçada, em que está eternamente envolvida, e a deterioração da sua imagem internacional que, provavelmente, nunca esteve tão prejudicada como nos dias atuais.

O antissemitismo não explica esse desprestígio como gostariam alguns extremistas, para quem toda a crítica à política do governo de Binyamin Netanyahu tem conotação racista. Claro que o preconceito não desapareceu, porque faz parte da estupidez humana

## REFLEXÕES X

---

– o ódio "do outro" que se volta contra o negro, o árabe, o amarelo, o cigano, o cholo, o índio, o homossexual, etc. Mas a realidade é que, hoje, Israel perdeu aquela superioridade moral reconhecida pela opinião pública do mundo inteiro, quando a impossibilidade de um acordo de paz entre palestinos e israelenses parecia clara, principalmente por culpa dos primeiros, por sua intransigência em reconhecer o direito de Israel existir.

Agora, a impressão reinante e justificada é a de que aquela intransigência mudou de lado e o obstáculo maior à retomada das negociações é o próprio governo do primeiro-ministro israelense, Binyamin Netanyahu, e seu descarado apoio político, militar e econômico ao movimento dos colonos, que continua se estendendo pela Cisjordânia e Jerusalém Oriental e reduzindo cada vez mais o que seria o território do futuro Estado palestino. O avanço e a multiplicação dos assentamentos em território palestino, tanto na Cisjordânia quanto em Jerusalém Oriental, que não cessou em nenhum momento, mesmo nos dez meses de congelamento imposto pelo governo, tornam pouco convincentes as declarações dos atuais dirigentes israelenses de que estão dispostos a aceitar uma solução negociada do conflito.

Como pode haver uma negociação séria e equitativa quando os colonos armados até os dentes e protegidos pelo Exército, prosseguem imperturbáveis a sua conquista da Grande Israel? Na última viagem do premiê israelense a Washington, ele se permitiu afrontar o presidente Barack Obama, presidente dos Estados Unidos que são os maiores aliados e defensores de Israel e subsidiam esse país anualmente com mais de US\$ 3 bilhões. A afronta ocorreu porque Obama propôs a retomada das negociações de paz com base no princípio de dois Estados, em que o Estado palestino teria as fronteiras anteriores à Guerra dos Seis Dias, de 1967, uma proposta sensata, avalizada pelas Nações Unidas e pela opinião pública internacional, à qual, em princípio, ambas as partes declararam-se dispostas a aceitar como ponto de partida de uma negociação.

O desdém de Netanyahu contou com o apoio de um setor do Congresso americano e das correntes mais extremistas do *lobby*

judaico dos Estados Unidos. Mas as pesquisas mostraram de modo inequívoco que aquela atitude prepotente enfraqueceu ainda mais a solidariedade para com Israel por uma parte importante da opinião pública americana, que recebeu com simpatia a primavera árabe, como um processo de democratização da região que deve, em curto ou em longo prazos, trazer mais benefícios do que prejuízos para Israel.

Creio que em médio ou em longo prazos, converter Israel numa fortaleza militar inexpugnável, capaz de pulverizar tudo ao seu redor se ameaçado, e a sistemática destruição da sociedade palestina – desarticulando-a, enquadrando-a com muros, inspeções, expropriações, reduzindo cada vez mais seu espaço vital com o avanço das colônias de extremistas fanáticos empenhados em ressuscitar a Israel bíblica – são políticas suicidas que colocam em risco a própria sobrevivência de Israel.

No momento, essas políticas só serviram para aumentar a tensão e criar um clima em que uma nova intifada (levante palestino) pode explodir a qualquer momento. E, com certeza, um novo conflito bélico numa região em que a causa palestina tem apoio unânime. Por outro lado, uma das consequências mais lamentáveis destas políticas é que aquilo que Israel tinha de melhor para mostrar ao mundo – seu sistema democrático – já não serve mais como exemplo, já que o país foi quase expropriado por coalizões de ultranacionalistas.

Como as que apoiaram Ariel Sharon e hoje apoiam o premiê Netanyahu, elas têm introduzido reformas e estabelecido exclusões que limitam e discriminam cada vez mais a liberdade e os direitos dos árabes-israelenses (quase um milhão de pessoas), convertidos hoje em cidadãos de segunda classe.

Creio que, desde o fracasso das negociações de Camp David e de Taba, em 2000-2001, patrocinadas pelo então presidente americano, Bill Clinton – quando Yasser Arafat cometeu a insensatez de recusar um plano com base no qual Israel reconhecia 95% dos territórios da faixa ocidental do Jordão e a Faixa de Gaza, e os palestinos participariam da administração e do governo de

## REFLEXÕES X

---

Jerusalém Oriental –, a sociedade israelense sofreu um processo de radicalização de direita.

O campo dos partidários da moderação, da negociação e da paz foi reduzido à ineficácia política. E este grupo foi muito influente e forte. Graças a ele, foram possíveis os Acordos de Oslo, que nos deram tantas esperanças. Hoje, tudo ficou para trás e, apesar de terem se passado poucos anos, parece fazer parte da pré-história. Mas, apesar de tudo, creio que é preciso retomar aquele caminho, pois se persistirmos no atual não haverá uma solução, senão mais guerra, violência, sofrimento, na Palestina, em Israel e em todo o Oriente Médio.

Para isso, é indispensável uma pressão internacional para convencer os dirigentes de Israel a saírem da sua prepotência e convencê-los de que a única solução real virá não da força militar, mas de uma negociação séria, com concessões recíprocas.

O reconhecimento do Estado palestino pela ONU é um ato de justiça com um povo cativo em seu país, que vive uma servidão colonial intolerável no século XXI. Reconhecer este fato não implica respaldar as organizações terroristas nem os fanáticos do Hamas, que se recusam a reconhecer o direito de existência de Israel, mas enviar uma mensagem de alento para a grande maioria dos palestinos que rejeitam a violência e desejam apenas trabalhar e viver em paz, como os "indignados" israelenses.

Embora hoje sejam uma minoria, muitos cidadãos de Israel não se solidarizam com as políticas radicais do seu governo e lutam pela causa da paz. Como verdadeiros amigos de Israel devemos nos aliar a essas pessoas, na sua difícil resistência, pois são elas que advertem, com lucidez e realismo, que as políticas belicistas, intolerantes, repressivas e de apoio à expansão dos assentamentos, adotadas por Netanyahu, terão consequências catastróficas para o futuro de Israel.

A primavera árabe criou um contexto histórico e social que deveria servir para facilitar uma solução negociada com base no princípio de dois Estados, o que ambas as partes, em princípio, dizem aceitar. Mas é preciso avançar com a negociação o quanto antes, de modo a

## REFLEXÕES X

---

impedir que extremistas de ambos os lados provoquem atos de violência que só vão retardá-la mais uma vez. Talvez não haja uma outra oportunidade. ●

**Mario Vargas Llosa**

LUIZ BIANCI

## Uma rosa para Rosa

Mario Vargas Llosa

13 de novembro de 2011



Ter quase 5 milhões de desempregados, como tem a Espanha, é uma tragédia para qualquer país, principalmente para uma sociedade que, oito anos atrás, era a história de sucesso da Europa: uma nação de economia pujante e muito invejada, exemplo flagrante – para a América Latina, em particular, e para o

Terceiro Mundo, em geral – de que, com estabilidade, democracia e políticas acertadas, um país pode pular etapas e, em um período breve, alcançar altos níveis de trabalho e bem-estar.

Ninguém duvida que os assustadores números do desemprego espanhol sejam consequência da crise financeira que há mais de três anos afeta o mundo ocidental. Mas ninguém pode ser ingênuo a ponto de crer que essa é a única causa, nem a principal, de semelhantes níveis de desemprego. Afinal, se assim fosse, por que não observamos no restante da Europa um fenômeno parecido? Nem a Grécia, na sua interminável descida ao fundo do poço, apresenta um desemprego comparável.

Por outro lado, uma investigação recente comprova que a Espanha é o país da União Europeia onde as diferenças econômicas entre ricos e pobres são as maiores no bloco – e atesta que o altíssimo desemprego entre os jovens, cerca de 48%, dificilmente recuará nos próximos três anos. A principal razão desse desastre é uma política econômica errática e imprudente e a obstinação do governo socialista em negar a existência da crise por mais de um ano, coisa que o impediu de adotar as medidas corretivas que teriam moderado o declínio e encurtado o período de recuperação. Os prognósticos quanto ao tempo que será necessário para tal recuperação variam, mas todos concordam que o próximo ano será mais difícil.

Nas eleições do dia 20, o governo espanhol será sancionado por esse fracasso. E é natural que assim seja. Vale a pena recordar que só nas democracias essas sanções são possíveis e, por sorte, apesar dos problemas econômicos, a democracia espanhola goza de ótima saúde. Pesquisas de opinião dizem que o principal partido de oposição, o Partido Popular (PP), liderado por Mariano Rajoy, voltará ao poder. Alegro-me que seja assim, pois creio que o PP conta com a melhor equipe de economistas e as ideias mais claras para enfrentar os sacrifícios e dificuldades para levar adiante as reformas radicais necessárias. Esperemos que o partido conte também com a coragem para tirar a Espanha do marasmo econômico, devolvendo-lhe o dinamismo visto durante os oito anos de governo de José María Aznar. Apesar de tudo isso, nessas eleições não votarei no PP, mas na União Progresso e Democracia (UPD), partido liderado por Rosa Díez, por motivos que gostaria de explicar neste artigo.

Tenho uma desconfiança instintiva em relação às maiorias absolutas, que podem alentar iniciativas arbitrárias e até autoritárias nos governos que formam. No caso espanhol, preocupo-me que, caso o PP obtenha a maioria, sua ala mais conservadora, impelida por motivações religiosas, faça o governo de Rajoy voltar atrás nas reformas sociais mais avançadas aprovadas sob o governo de Zapatero, as quais, na minha opinião, fizeram progredir a cultura da liberdade na Espanha.

A UPD é um partido comprometido com reformas genuinamente liberais e tenho certeza de que ele as defenderá com convicção no Parlamento. Por isso, se o PP não obtiver a maioria necessária para governar sozinho e tiver de recorrer a alianças, a UPD seria seu aliado ideal. Desde que nasceu como organização política, a UPD combateu os nacionalismos de maneira resoluta. E sustentou que, mantido o funcionamento do regime das 17 regiões autônomas, o risco de desintegração se acentua progressivamente. Defendeu que, por esse motivo, tal sistema deveria ser reformado, sem colocar em risco a descentralização, mas permitindo que o Estado recupere competências relativas à educação, à saúde e à Justiça, sem as quais é difícil que haja uma política coerente e homogênea em termos

nacionais.

Por outro lado, a UPD é o único partido que nessas eleições incorporou a seu plano de governo uma cláusula comprometendo-se a apoiar a oposição democrática que luta para libertar Cuba de 52 anos de ditadura. Também nesse campo é imprescindível retificar a política do governo socialista que, no que concerne à tirania cubana, foi de uma tolerância que beirou a atuação como procurador da ilha caribenha.

Não estou dizendo que a UPD é um partido liberal, mas é aquilo que mais se parece com isso no âmbito espanhol. Tanto no que tange à economia como em suas convicções democráticas, em suas posições tolerantes e na diversidade que admite e fomenta entre seus afiliados. Um espectro ideológico que vai da social-democracia ao liberalismo, passando pelo centro cristão ou laico e até com pequenos lampejos anarquistas, algo que confere ao partido um ar fresco, renovador e idealista, desprovido dos apetites que o tempo costuma incutir nos partidos políticos.

A melhor credencial da UPD é Rosa Díez, sua porta-voz e fundadora, a quem os cidadãos espanhóis costumam descrever com os melhores adjetivos. Essa mulher baixinha e de olhos efervescentes é dona de convicções firmes e demonstrou ao longo da vida pública uma coragem à prova de terroristas e fanáticos. Ela viu o risco que o nacionalismo identitário representa para a sobrevivência da Espanha e da democracia e sempre criticou as concessões feitas pelo governo nesse sentido, afastando-se da política que entregasse a liberdade de comunidades inteiras ao sequestro coletivista.

Rosa Díez é aquilo que Max Weber chamava de "político de convicções". Ela e seu partido merecem uma presença mais expressiva. Seu objetivo é devolver à política a solvência moral e a confiança que depositam nela os cidadãos de uma democracia que enxergam na ação política o instrumento mais eficaz e menos violento para obter melhorias na qualidade de vida da população, corrigir aquilo que vai mal, promover a igualdade e a justiça.

Essa confiança foi esfriando na Espanha com a feroz crise

## REFLEXÕES X

---

econômica. Nas novas gerações, começa a surgir um pessimismo que se traduz, às vezes, numa recusa às regras do jogo democrático. Isso explica o estado de deriva que tem se disseminado no movimento dos "indignados". Num primeiro momento, a simpatia da opinião pública foi grande em relação à mobilização de jovens que, após terem recebido educação e se preparado para entrar no mercado de trabalho, agora o encontram fechado.

Muitos viram no período inicial do movimento dos "indignados" uma injeção de energia na democracia espanhola. No entanto, logo o movimento ultrapassou suas causas originais e adotou palavras de ordem tão anacrônicas quanto a estatização e o dirigismo econômico – e a substituição da legalidade parlamentar pela legalidade das ruas.

As eleições de novembro são uma oportunidade para comprovar que a democracia funciona e consiste no único sistema que permite a renovação. Para tanto, é preciso não se enganar na hora de votar. ●

**Mario Vargas Llosa**

## A ordem espontânea

Mario Vargas Llosa

8 de janeiro de 2012



O Negro Cucaracha foi um dos líderes indiscutíveis de uma das prisões de Lima durante muitos anos e, contam, seu corpo parece uma verdadeira grade de cicatrizes das facadas recebidas naqueles tempos turbulentos. É um moreno alto, robusto, de idade indefinível e, à sua passagem, a gente de Gamarra se separa como diante de um rio impossível de

conter.

Ele me foi mandado como guarda-costas e não sei por que, nesta parte de La Victoria, eu me sinto mais seguro do que no bairro onde moro em Lima, Barranco, onde não raro ocorrem assaltos à mão armada. O Negro Cucaracha agora é um homem religioso. Virou evangélico, anda com a Bíblia na mão. Durante o longo passeio recita para mim versículos sagrados e me fala em redenção, arrependimento e salvação com a segurança do crente radical que sempre me deixa nervoso.

Gamarra começa onde termina Mendocita, hoje um setor de La Victoria de classe média modesta, onde, no primeiro ano de faculdade, em 1953, participei de uma pesquisa para fazer um levantamento da composição social do que era então o bairro mais pobre e violento de Lima, formado por migrantes que baixavam da serra em busca de trabalho.

Mendocita progrediu muito desde então, mas o que constitui um prodígio de desenvolvimento é Gamarra, paraíso da informalidade e do capitalismo popular, fantástico exemplo do que Friedrich A. Hayek chamou de ordem espontânea. Neste punhado de quadras em que a densidade demográfica a esta hora da manhã é a de um formigueiro, produz-se mais riqueza e realizam-se indubitavelmente mais transações comerciais do que em qualquer outro lugar do

## REFLEXÕES X

---

Peru. Por aqui não passou o Estado nem nenhum governo, nem as instituições financeiras formais, os créditos bancários ou as regulamentações oficiais. Tudo isso que fermenta ao meu redor com um dinamismo enlouquecido é uma criação de pobres provincianos miseráveis que, fugindo da fome e da violência, deixaram suas aldeias andinas e, como não encontraram na capital o trabalho que buscavam, tiveram de inventá-lo.

Decidi vir até aqui porque um amigo empresário que conhece bem Gamarra contou-me histórias que me deixaram estupefato. Ele me falou de um sujeito de Puno, que chamaremos Tibúrcio, que viu chegar a Lima muito jovem, de poncho e chinelas, que sobreviveu vendendo chupetas pelas ruas e agora aluga lojas e oficinas de produção aqui por um total de US\$ 2 milhões ao mês. Não exagerava. Tibúrcio é um dos ícones do bairro. Tem 11 prédios, incontáveis lojas e oficinas e há pouco tempo comprou uma fábrica de etiquetas no México.

Ele me recebe no seu edifício mais moderno e me mostra todo orgulhoso uma foto do minúsculo povoado, às margens do Lago Titicaca, onde nasceu. Fala um espanhol correto, com a musicalidade da língua aimara e transpira energia e otimismo por todos os poros. Como conseguiu isso? Trabalhando dia e noite, economizando o que podia e, no começo, dormindo pelas ruas. Recebeu a ajuda de cidadãos de Puno que migraram antes dele e foram bem-sucedidos; por isso, ajuda os outros que vêm para Lima desprovidos de todo capital, a não ser a vontade de vencer. Garante que em 99% dos casos recebe de volta o que emprestou. Tibúrcio cresceu a tal ponto que agora procura formalizar pelo menos uma parte de seus negócios.

São poucas as transações realizadas em Gamarra registradas em contratos regulares. O que vale é a palavra dada, que é sagrada, e quem não a cumpre tem de pagar: todas as portas se fecham para esta pessoa. Em todo lugar afirmam que aqui a delinquência é menor do que em outros bairros. O preço dos imóveis chega a cifras vertiginosas. Meu amigo jura que, embora pareça impossível, há pouco tempo foi vendido um imóvel no centro de Gamarra por US\$ 28 mil o metro quadrado. Ou seja, mais caro do que os bairros mais

caros de Nova York, Frankfurt ou Tóquio.

As lojas vendem de tudo, principalmente tecidos e roupas confeccionadas nas oficinas do próprio bairro. Há centenas delas. Algumas ficam no alto, com uma vista panorâmica do centro da cidade e das colinas vizinhas, e outras em sótãos abarrotados que ocupam quatro ou cinco andares no subsolo limenho. De manhã e de tarde, uma verdadeira maré de caminhões, caminhonetes, carros e até carrinhos de mão e motos transporta a mercadoria para todos os cantos do Peru e também para o exterior.

Uma das lojas mais sortidas é a de Don Moisés, um dos mais antigos e respeitados comerciantes do bairro. Todos falam dele com reverência e gratidão. Ele não veio do interior, nasceu ali mesmo, é um dos poucos habitantes que representam Lima neste Peru em miniatura que é Gamarra. Segundo ele, este empório abriu as portas nos anos 1960, quando alguns migrantes deram-se conta de que os caminhões que traziam animais e produtos variados para o mercado atacadista regressavam vazios para o interior do país. Ocorreu-lhes, então, utilizar este meio de transporte para despachar mercadorias para seus povoados. Começou assim a bola de neve que transformaria este pedaço da antiga Lima no redemoinho de trabalho e riqueza que é agora.

Os empresários e comerciantes de Gamarra são pessoas liberais que desconfiam do Estado e do governo. Agora eles se queixam da lei que proibiu temporariamente, e ainda mantém, certas restrições à importação de fios da Índia, medida que, afirmam, foi uma vitória do *lobby* dos produtores de fios nacionais, mais caros e menos variados do que os que vinham de Mumbai. Isso encarece seus custos e favorece os fabricantes colombianos, seus grandes concorrentes no mercado manufatureiro nacional e americano. O que eles querem é a abertura das fronteiras, que a globalização, da qual tanto se fala, se torne uma realidade também no Peru.

Minha visita a Gamarra acaba me mostrando, melhor do que muitos estudos, o que acontece no Peru de hoje. Nas eleições de 2011, ao alertar que os pobres do Peru votariam em Ollanta Humala, as classes dirigentes entraram em pânico e, acreditando que ele se

## REFLEXÕES X

---

revelaria outro Hugo Chávez, concentraram todo seu poder em Keiko Fujimori. No entanto, ela perdeu as eleições. Humala vem respeitando escrupulosamente o programa que prometeu seguir, ou seja, manter a democracia e a política de mercado, que nos últimos 11 anos proporcionaram ao Peru um desenvolvimento sem precedentes ao longo de sua história.

Por que Humala distanciou-se de Chávez e adotou a política do Brasil, Uruguai ou Colômbia? Mais por uma percepção clara da realidade do que por uma conversão ideológica: pois, para que seja possível a inclusão social, que é seu objetivo fundamental, é indispensável que haja riqueza e emprego, e para tanto não existe outro caminho senão o seguido pelos homens e pelas mulheres de Gamarra. Eles descobriram algo que muitos líderes de esquerda, que não conseguem enxergar por causa da ideologia, negam-se a aceitar: que o verdadeiro progresso social não passa pelo estatismo nem pelo coletivismo – inseparáveis, de uma maneira ou de outra, da ditadura –, mas pela democracia política, a propriedade privada, a iniciativa individual, o livre comércio e os mercados abertos.

O Peru está no caminho certo. Nem a direita fujimorista nem a esquerda obtusa e anacrônica conseguirão, por enquanto, impedir que dele se afaste. ●

**Mario Vargas Llosa**

## Casamento em Mumbai

Mario Vargas Llosa

22 de janeiro de 2012



Roberto é um peruano de Lima e Nus, uma indiana de Mumbai. Ambos estudaram nos EUA e trabalham para uma multinacional de publicidade. Eles se conheceram em Nova Délhi e se apaixonaram em Xangai, onde foram fazer uma campanha publicitária. Hoje moram em Nova York e foi lá que decidiram se casar.

A cerimônia seria celebrada em Mumbai, residência da família da noiva. Como Roberto é filho de amigos meus, Patricia e eu os acompanhamos e, conosco, uma centena de forasteiros de meio mundo, sobretudo peruanos. O casamento e esses amores são um produto da globalização, não teriam sido possíveis anos atrás. Nus é a primeira pessoa de sua extensa linhagem que se casa por amor. Em sua família, até agora, os casamentos eram arranjados, como ainda ocorre em inúmeros lares indianos, especialmente entre famílias muçulmanas que, como os pais de Nus, pertencem à seita bohri, com 1 milhão de adeptos fiéis à tradição.

Quando Nus disse aos pais que pretendia se casar com Roberto, eles ficaram alarmados. Sua mãe propôs uma série de pretendentes, mas como a filha não deu o braço a torcer a família aceitou conhecer o exótico jovem cristão do Peru. Roberto foi a Mumbai, passou no exame e seduziu seus futuros sogros que, finalmente, consentiram com o casamento.

O enlace dura quatro dias e é um ato sutil de equilíbrio religioso, musical, sociológico, diplomático e idiossincrático<sup>37</sup>. No primeiro

---

<sup>37</sup> **Idiossincrasia**: característica comportamental peculiar a um grupo ou a uma pessoa.

## REFLEXÕES X

---

dia, ocorre uma cerimônia privada à qual só as famílias assistem. É assinado o contrato matrimonial e o avô de Nus a entrega simbolicamente ao noivo. Os outros três dias são de festas e jantares copiosos, com bailes, música, espetáculos e pratos que alternam a tradição e o moderno, o oriente hindu, a América gringa e hispânica e lampejos do resto do mundo.

Festa impecável. O hotel Taj Mahal Palace, que foi restaurado depois dos atentados de 2008, é o cenário da cerimônia chamada "Mehndi". Nós, convidados do sexo masculino, precisamos usar um turbante. As damas têm suas mãos e pés desenhados por artistas, delicados rendilhados que são portadores de boa sorte, feitos com henna. As camisas tipo "guayabera" e as jaquetas se misturavam às batas e túnicas, às sandálias e às pantufas, assim como os saris delicados se mesclavam com as atrevidas minissaias ocidentais. Segundo as instruções, deve-se evitar usar roupas brancas ou negras.

Há um colorido espetáculo com bailarinas, cantores e músicos do Rajastão. São servidos pratos vegetarianos, de misteriosa elaboração, muito apimentados. O fato de não haver uma gota de álcool não é um obstáculo para os jovens aderirem às danças locais e começarem uma algaravia frenética, fazendo evoluções, rodas e um cordão em torno dos noivos, que conduzem a festa em estado de transe. Eu resisto até a meia-noite, mas a festa continua até o amanhecer.

No dia seguinte, a festividade, chamada "Sangeet", é mais informal e mais latina do que indiana. O terraço do Hotel Intercontinental, com vista para o Mar da Arábia, é transformado em esplanada caribenha e a música que invade a noite é o merengue, a cúmbia, o mambo, a guaracha, o bolero e, no fim, as indecifráveis danças modernas americanas.

Brindamos com vinho, champanhe, uísque e os indianos, em franca minoria frente aos latinos, têm a sua desforra quando os amigos e amigas dos noivos apresentam um número de dança inspirado em melodramas musicais de Bollywood, a mais fecunda produtora de filmes do mundo.

## REFLEXÕES X

---

Um número divertido, cômico, simpático, que rompe com as barreiras de idioma, crenças e hábitos e envolve todos numa grande festa de sincretismo exaltado e glorioso. Quando me arrasto até o hotel, os festejos só estão começando.

A cerimônia do último dia, a "Walima", é a mais bonita e a que desperta mais atenção. Nela, não se bebe álcool nem há danças modernas. É um desfile pelas ruas e, depois, num belo jardim na orla marítima, os convidados felicitam e se despedem dos noivos, enquanto saboreiam as especialidades culinárias da comunidade bohri, preparadas pela família de Nus. As roupas indianas prevalecem e muitos estrangeiros também portam trajes típicos. O desfile, que começa no Trident Hotel, abrange vários quarteirões. Os noivos seguem numa carruagem decorada com flores, puxada por cavalos, enquanto ao redor dela parentes e amigos cantam louvores e fazem votos de boa sorte para os recém-casados. Uma pequena orquestra com cornetas, tambores e pratos que parece ter saído de um filme de Fellini conduz o cortejo.

As pessoas nas calçadas e nos carros sorriem, saúdam, desejam felicidades e, de imediato, descubro que, aqui também, entre as belas jovens envolvidas em sedas, cavalheiros elegantes e damas com joias resplandecentes, mendigos se misturam: idosos, homens e mulheres, crianças que mal aprenderam a andar, com as mãos esticadas, ostentam seus farrapos, sua cegueira, seus membros amputados, sua magreza esquelética, seu desamparo. São a presença brutal da realidade nesse conto de fadas.

Segundo as estatísticas, a Índia, a maior democracia do mundo, está empenhada numa grande batalha contra a pobreza, crescendo há 15 anos a uma média semelhante à da China. A cada ano, milhões de pessoas saem da linha de pobreza e se inserem na pujante classe média. Tudo isso é certo. No entanto, as estatísticas nunca dizem toda a verdade. O que ocultam (e isso vale para China, Brasil e todos os novos gigantes) é que, apesar do avanço, dezenas, talvez centenas, de milhões de indianos ficaram para trás, fustigados e sem chance de sair do inferno da miséria e da desesperança. É isso que vêm nos lembrar os mendigos dessa fascinante e tremenda cidade, cujas ruas parecem ter saído das parábolas de Borges sobre o

## REFLEXÕES X

---

infinito e a vertiginosa eternidade. Eles estão por toda a parte, calados, pacíficos, terríveis.

Em Mumbai, diferentemente do que ocorre em Lima, Madri, México ou Rio de Janeiro, a pobreza e a riqueza não têm seus bairros demarcados de modo que a turba não assuste aqueles que desfrutam de uma vida digna. Não, nessa cidade, ricos e pobres se misturam de maneira inextricável<sup>38</sup>. Por exemplo, o arranha-céu do multimilionário Mukesh Ambani, um dos homens mais ricos do mundo, com seus 300 apartamentos, está situado num bairro onde se amontoam as famílias mais indigentes da cidade.

Roberto e Nus, claro, nesse momento não podem pensar nessas coisas tristes. Ali estão, jovens, esbeltos. Ela, belíssima em suas sedas delicadas, maquiada de modo impecável. Ele, desenvolvido como se tivesse usado sempre aquela vestimenta oriental. Recebem as felicitações com alegria e esperam o momento final, dos "sapatos novos", que serão entregues pela mãe do noivo para Nus, simbolizando o fim da festa de casamento.

Serão felizes? Para se casar, eles precisaram vencer obstáculos enormes, um excelente começo. Um matrimônio feliz é uma empresa comum e exige muita dedicação, fervor, paciência e insistência, como um grande romance. Pessoas de cinco continentes e uma vintena de países vieram até Mumbai para pedir que sejam felizes.

Eles não deverão nos decepcionar. ●

**Mario Vargas Llosa**

---

<sup>38</sup> **Inextricável:** constituído de elementos entrelaçados, entrecruzados a ponto de não se poder reconhecê-los, dissociá-los, elucidá-los.

## Pela honra do mandatário

Mario Vargas Llosa

4 de março de 2012



O presidente do Equador, Rafael Correa, ganhou uma importante batalha legal contra a liberdade de imprensa em seu país, e deu mais um passo para transformar o seu governo em um regime autoritário. A Corte Nacional de Justiça, a máxima instância da magistratura, condenou o jornal El Universo, decano da imprensa equatoriana com mais de 90 anos de existência, por injúrias ao presidente, com uma sentença extremamente severa: US\$ 40 milhões e 3 anos de cadeia para os principais responsáveis do diário, os irmãos Carlos, César e Nicolás Pérez. (Correa depois "perdoou" a multa e pediu a anulação da sentença.)

O processo se iniciou há pouco menos de um ano, em razão de um artigo do jornalista Emilio Palacio, que, comentando a atuação de Correa numa confusa rebelião da polícia, em setembro de 2010, na qual acabou envolvido, afirmava: "O ditador deveria lembrar, por fim, e isto é muito importante, que com o indulto, no futuro, um novo presidente, talvez inimigo seu, poderia levá-lo perante um tribunal penal por ter ordenado que se disparasse e sem aviso prévio contra um hospital cheio de civis e gente inocente". Correa considerou a frase lesiva à sua honra.

Comemorando a decisão do Tribunal, enquanto seus partidários queimavam na rua exemplares do diário incriminado, o chefe de Estado do Equador disse que, com a sentença, haviam sido alcançados três objetivos: "provar que El Universo mentiu e é possível julgar, não os palhaços, mas os donos do circo, além de mostrar que cidadãos podem reagir aos abusos da imprensa".

Ele não disse se estava satisfeito por sua honra ter sido reparada, e por uma razão muito simples: porque agora, precisamente, essa

honra – aliás do seu nome e do seu governo – está sendo desprestigiada internacionalmente por uma operação judicial que toda a imprensa livre do mundo, as organizações de jornalistas, dos direitos humanos e partidos e governos democráticos consideram um atropelo cínico e exorbitante da liberdade de expressão. Levando em conta que esse atropelo não é o primeiro nem será o último, essa operação traz consequências trágicas para o seu país.

Nem é preciso dizer que a sentença da Corte Nacional de Justiça do Equador coloca uma espada de Dâmoques sobre todos os meios de comunicação e os adversários do governo, advertindo-os de que qualquer crítica ao poder poderá acarretar represálias. A intimidação e a ameaça de instalar a autocensura no mundo da informação, obrigando jornalistas e formadores de opinião a se tornarem censores de si mesmos e a escrever olhando furtivamente ao seu redor, é um método que todos os ditadores modernos praticam.

O exemplo mais conspícuo na América Latina, depois do caso óbvio de Cuba, é o do comandante Hugo Chávez, da Venezuela, seguido por sua aluna exemplar, a argentina Cristina Kirchner – mais hipócrita, mas mais efetiva do que o da anacrônica censura prévia ou o mero fechamento policial de meios de comunicação indomesticáveis.

O desaparecimento de um jornalismo livre e sua substituição por uma mídia neutralizada e incapaz de exercer a crítica é o sonho, também, das pseudodemocracias demagógicas e devastadas pelo populismo. Na verdade, quando começou a se destacar, em abril de 2005, em plena crise constitucional, Correa, economista católico, com títulos pelas Universidade de Lovaina e de Illinois e uma brilhante carreira acadêmica, inspirou muitas esperanças. Aparentemente movido por sentimentos generosos e idealistas, acreditava-se que fortaleceria as instituições democráticas, a justiça social e a modernização do Equador. Foi exatamente o contrário. Intoxicado pelo poder e pela obsessão continuísta, peão dos delírios socialistas e bolivarianos do comandante Chávez, Correa, com suas políticas em curto prazo, irresponsabilidade fiscal e corrupção multiplicada, empobreceu e confundiu a sociedade equatoriana,

irritando-a e exasperando-a. Por isso, sua impopularidade foi crescendo de maneira sistemática nos últimos tempos.

Esse é o contexto que explica os golpes desesperados contra a liberdade de expressão nos últimos meses. Dito isso, ninguém pode negar que o jornalismo, tanto no Equador quanto no restante da América Latina, está longe de ser sempre um exemplo de probidade, moderação e objetividade. Evidentemente, às vezes sucumbe ao sensacionalismo, ao exagero, à injúria e ao libelo, e por outro lado, um sistema judicial probo e independente deveria amparar os cidadãos contra esses excessos. Mas a decapitação não é o remédio mais adequado contra a dor de cabeça.

A sanção a El Universo pela Corte Nacional escandaliza, entre outras coisas, por sua desproporção com a suposta ofensa e o caráter exorbitante com que se destaca. É a melhor demonstração de que sua finalidade não é corrigir os erros de que tenha sido vítima uma pessoa. É um ato político, que pretende acabar de vez com todos os pilares da democracia. De todo modo, foi uma vitória de Pirro de Rafael Correa. O caso serviu para mostrar, por um lado, como são pouco confiáveis os tribunais equatorianos em matéria de justiça, mancomunados como estão com os que controlam o poder político, e, por outro, a coragem e a coerência dos donos e dos jornalistas do Universo e dos inúmeros colegas equatorianos que se solidarizaram com eles. Os desenfreados esforços do governo para dividi-los e quebrá-los foram inúteis. Todos se uniram à sua luta: empresários, jornalistas, funcionários e gráficos, defendendo com magnífica coerência sua posição independente. Por seu lado, Correa converte-se num vulto indefinido, meio esmaecido, entre o tumulto dos pequenos caudilhos e dos "politicastros" que fazem parte da pior tradição da América Latina. ●

**Mario Vargas Llosa**

## Uma temporada no inferno

Mario Vargas Llosa

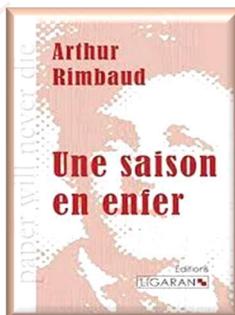
25 de março de 2012



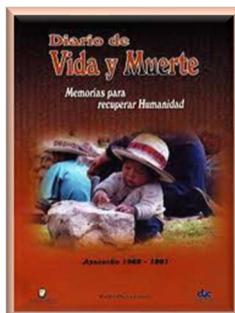
Quando termino de dar uma conferência, ocorre-me às vezes ser assaltado por pessoas que me entregam papeizinhos, cartas, presentes, livros que vão se esparramando e vou perdendo pelo caminho até o automóvel salvador. Desta vez, porém, não sei por que, retive um dos livros que me passaram e, já no hotel,

comecei a folheá-lo enquanto não me vinha o sono.

Cinco horas depois, quando já assomava pela janela o amanhecer, terminei de lê-lo. Estava desconcertado, triste, desalentado e com a cabeça revolvida por recordações de um texto de Rimbaud que havia sido um dos livrinhos de cabeceira em minha juventude; um dos primeiros que consegui ler em francês: *Une Saison en Enfer*.



O livro que me manteve em suspenso e acordado toda uma noite intitula-se *Diario de Vida y Muerte* e é, de fato, um diário que manteve, durante três anos e meio – 1988-1991 –, Carlos Flores Lizana, então um jovem jesuíta. Ele havia feito seu noviciado no México e fora destinado a Ayacucho quando esse departamento dos Andes peruanos vivia o inferno, devastado pela guerra que travavam o terrorismo do Sendero Luminoso e as forças militares e policiais antissubversão.



## REFLEXÕES X

---

O horror dessa experiência está documentado com riqueza de detalhes nos 12 volumes de testemunhos recolhidos pela Comissão da Verdade presidida pelo filósofo Salomón Lerner. Mas todo informe, por mais rigoroso que seja, mantém sempre um distanciamento verbal e conceitual daquilo a que se refere, e um pouco ou muito do vivido se eclipsa em seu esforço de reconstrução histórica dos fatos.

O diário de Flores Lizana nos submerge por inteiro, e sem escapatória, em uma violência enlouquecida, vertiginosa, indescritível, que ele foi descobrindo e vivendo cada dia e cada noite nessa temporada de quase quatro anos que passou no inferno de Ayacucho. O jovem jesuíta chegou ali sem suspeitar do que o esperava. Vinha cheio de ilusões e de empenho para realizar uma tarefa que acreditava que seria pastoral e espiritual, e logo se viu cercado de todos os lados por uma selvageria homicida que enchia as ruas de Ayacucho, de Huanta, e até das mais diminutas aldeias, de cadáveres, de torturados, de fantasmas de desaparecidos, e de famílias inteiras paralisadas pelo espanto, a miséria e a impotência.

O diário ele escrevia à noite, ao correr a pena, sem nenhuma pretensão literária, derramando os incidentes menores ou grandes da jornada, e suas próprias hesitações e angústias, e, por vezes, transcrevendo coisas que ouvia lhe dizerem, como aquela frase da camponesa que lhe assegurou que o medo em sua aldeia era tão grande que "até os cachorros se escondem e os passarinhos fogem. Será o fim do mundo?" Se algum dia chegar, esse fim do mundo não poderá ser pior que o indizível calvário vivido pelo povo de Ayacucho nesses anos finais dos 1980 e começo dos 1990 que o diário de Flores Lizana revive para o leitor, contagiando-o com recordações impregnadas de estupor, compaixão e loucura.

Terroristas e forças da ordem parecem empenhados em demonstrar que não há limites para o sadismo, que sempre se pode superar o adversário em ferocidade na hora de exercer a crueldade. Comandos de aniquilamento senderistas ocupam um povoado e castigam os "ricos" (o farmacêutico e o merceeiro, por exemplo) obrigando a

população a apedrejá-los até a morte. A mulher e os dois filhos pequenos de um "dedo-duro" eles também exterminam a pedradas. A chefe do comando assassino é uma estudante de 17 anos.

Policiais e soldados violam sistematicamente as mulheres das casas que revistam – meninas impúberes, mulheres adultas, anciãs – e saqueiam lojas, chácaras e despensas. Cadáveres decapitados e membros mutilados aparecem diariamente nas lixeiras. Os gritos dos torturados estremeçam não somente as noites, também as manhãs e as tardes de Ayacucho. A cidade vive percorrida por rumores, ameaças e profecias apocalípticas e no pânico absoluto que é o ar que todos respiram a credulidade das pessoas engole os embustes e disparates mais extravagantes. A razão desaparece sepultada por uma irracionalidade primitiva. Porque, aqui, a anormalidade é normal, a vida cotidiana.

O diário transmite monotonamente a angústia dos pais ao ver seus filhos partindo para a escola ou a universidade, pois não sabem se tornarão a vê-los, já que poderiam ser sequestrados, talvez pelos "terrucos" (terroristas), talvez pelos próprios soldados, e nunca mais tornarem a saber deles. Os meninos e jovens desaparecem não às dezenas, mas às centenas, e até milhares.

As páginas mais dilacerantes desse livro são as gestões – heroicas, mas inúteis – do punhadinho de sacerdotes e monjas que, com Flores Lizana, se atrevem a ir às delegacias de polícia ou ao quartel "Los Cabritos" e ao de Huanta acompanhando as famílias para averiguar o paradeiro de seus desaparecidos, só para enfrentar a prepotência, a intimidação e as ameaças da autoridade.

Uma tarde, vieram lhe dizer que seu nome figurava em uma lista de pessoas que as forças paramilitares iam eliminar naquela mesma noite por suspeita de ajudar a subversão. Nessa noite interminável, à luz de uma vela, Flores Lizana passa em revista sua vida, reconhece que o que vê e padece chegou a lhe produzir "uma crise da fé na Igreja Católica" e se pergunta, dilacerado, "por que os bispos se portaram como fizeram e por que não defenderam a vida como esperavam as vítimas e muitos dos agentes pastorais de seu

tempo?"

A resposta é muito simples: porque a prioridade desses hierarcas eclesiásticos era acabar com a Teologia da Libertação, embora isso significasse olhar para o outro lado "quando se cometiam esses crimes inomináveis contra os camponeses e os detidos desaparecidos".

Nos diários de Flores Lizana não há o menor indício de simpatia pela demência teológica e os espantosos crimes que o Sendero Luminoso cometia. Muito ao contrário: seu testemunho está cheio de acusações constantes às atrocidades dos senderistas. Mas sua indignação e seu protesto são idênticos contra os que, em sua luta contra o terrorismo, perpetraram também matanças e torturas arrepiantes.

Seu livro me comoveu muito por sua sofrida humanidade, porque demonstra que, ao contrário do que lhe diz tudo que ele vê ao redor, é possível ser generoso, compreensivo, solidário e decente em meio a essa derrocada sanguinária de todos os valores e sentimentos, quando o instinto de morte e destruição se haviam apoderado da serra peruana. Seu testemunho ressuscitou em minha memória aquele breve, mas terrível texto, *Une Saison en Enfer*, que Rimbaud escreveu em 1873, depois de receber um tiro de Verlaine, imaginando, em prosas e versos alucinatórios, um mundo bestializado e de pesadelos, conquistado pelo mal, um mundo de delírio e crueldades vertiginosas, de desejos apavorantes em liberdade e de imagens incandescentes.

Foi o último texto que escreveu esse jovem de beleza luciferina de apenas 19 anos. O inferno que ele imaginou em seu belo testamento era apenas literário e anunciava o surrealismo e seus tumultos. O inferno de verdade ele o viveria depois, em suas andanças miseráveis de vários anos por Áden e Abissínia traficando metais, armas e, por vezes, escravos, enojado da literatura.

Diferentemente de Flores Lizana, Rimbaud não deixou testemunho dessa aventura infernal. Mas ela certamente não pode ter sido pior

## REFLEXÕES X

---

que a que viveu em Ayacucho esse humilde religioso que passou pelo inferno e sobreviveu para contá-lo. ●

**Mario Vargas Llosa**

LUIZ BIANCI

## Perseguição aos gays

Mario Vargas Llosa

15 de abril de 2012



Na noite de 3 de março, quatro neonazistas chilenos, liderados por um valentão chamado Pato Core, encontraram caído nas cercanias do Parque Borja, em Santiago, o jovem Daniel Zamudio, ativista homossexual de 24 anos que trabalhava como vendedor numa loja de roupas. Durante seis horas, enquanto bebiam e pilheriavam, os quatro se dedicaram a dar pontapés e socos no jovem homossexual, golpeá-lo com pedras e marcar suásticas no seu peito e costas com o gargalo de uma garrafa. Ao

amanhecer, ele foi levado a um hospital, onde agonizou por 25 dias antes de morrer em decorrência dos traumatismos.

O crime causou um vivo impacto na opinião pública chilena e sul-americana. Multiplicaram-se as condenações à discriminação e ao ódio contra as minorias sexuais, profundamente enraizados em toda América Latina. O presidente do Chile, Sebastián Piñera, exigiu pena exemplar e pediu que se acelere a aprovação de um projeto de lei contra a discriminação, que vegeta no Parlamento chileno há sete anos, parado nas comissões por temor dos parlamentares conservadores de que a lei, se aprovada, abra caminho para o casamento entre *gays*.

Esperemos que a imolação de Daniel Zamudio sirva para trazer à luz a trágica condição dos homossexuais, lésbicas e transexuais nos países latino-americanos onde, sem uma única exceção, são objeto de escárnio, repressão, marginalizados, perseguidos e alvo de campanhas de descrédito que, no geral, contam com o apoio declarado e entusiasmado da maioria da opinião pública.

Nesse caso, o mais fácil e mais hipócrita é atribuir a morte do jovem apenas a quatro canalhas pobres diabos que se denominam neonazistas e, provavelmente, nem sabem o que é isso. Eles não são

mais do que a guarda avançada mais crua de uma cultura antiga que apresenta o *gay* ou a lésbica como pessoas doentes ou depravadas que devem ser mantidas à distância dos seres normais, pois corrompem o corpo social saudável, induzindo-o a pecar e a se desintegrar moral e fisicamente em práticas perversas e nefandas<sup>39</sup>.

Esta noção do homossexualismo é ensinada nas escolas, difundida no seio das famílias, pregada nos púlpitos, divulgada pelos meios de comunicação, aparece nos discursos de políticos, nos programas de rádio e televisão e nas comédias teatrais onde os homossexuais são sempre personagens grotescos, anômalos, ridículos e perigosos, merecedores do desprezo e da rejeição dos seres decentes, normais e comuns. O *gay* é sempre "o outro", o que nos constrange, assusta e fascina ao mesmo tempo, como o olhar da cobra assassina para o passarinho inocente.

Num tal contexto, o surpreendente não é que se cometam atos abomináveis como o sacrifício de Zamudio, mas o fato de que sejam tão pouco frequentes, ou talvez seja mais correto dizer tão pouco conhecidos, pois os crimes provocados pela homofobia que vêm a público são só uma pequena parte dos que realmente são praticados. Em muitos casos, as próprias famílias das vítimas preferem colocar um véu de silêncio sobre eles para evitar a desonra e a vergonha.

Tenho comigo, por exemplo, um relatório preparado pelo Movimento Homossexual de Lima, que me foi enviado pelo seu presidente, Giovanni Romero Infante. De acordo com uma pesquisa realizada entre 2006 e 2010, foram assassinadas no Peru 249 pessoas por "sua orientação sexual e identidade de gênero", ou seja, uma a cada semana. Entre os casos mais horripilantes está o de Yefri Peña, que teve o rosto e o corpo desfigurados com um pedaço de vidro por cinco "machões", os policiais se negaram a socorrê-la por ser travesti e os médicos de um hospital não quiseram atendê-la por considerá-la um "foco infeccioso" que se poderia transmitir aos que estavam em torno.

---

<sup>39</sup> **Nefanda**: que causa horror, execração ou aversão.

Os casos extremos são atrozés, mas o mais terrível para uma lésbica, *gay* ou transexual em países como Peru ou Chile não são casos mais excepcionais como esse, mas é a sua vida quotidiana condenada à insegurança, ao medo, à percepção constante de ser considerado perverso, anormal, um monstro. Ter de viver na dissimulação, com o temor constante de ser descoberto e estigmatizado pelos pais, parentes, amigos e todo um círculo social preconceituoso que ataca furiosamente o *gay* como se ele tivesse uma doença contagiosa. Quantos jovens atormentados por esta censura social foram levados ao suicídio ou sofreram traumas que arruinaram suas vidas? Somente no círculo de amigos meus tenho conhecimento de muitos exemplos que não foram denunciados na imprensa nem apareceram nos programas sociais dos reformadores e progressistas. Porque, no que se refere à homofobia, a esquerda e a direita confundem-se como uma única entidade devastada pelo preconceito e a estupidez.

Não só a Igreja Católica e as seitas evangélicas repudiam o homossexual e opõem-se obstinadamente ao matrimônio de *gays*. Os dois movimentos subversivos que nos anos 1980 iniciaram a rebelião armada para instalar o comunismo no Peru, o Sendero Luminoso e o MRTA – Movimento Revolucionário Tupac Amaru – executavam os homossexuais de maneira sistemática nos povoados que controlavam para libertar a sociedade de semelhante praga.

Libertar a América Latina dessa tara ancestral que são o machismo e a homofobia – as duas faces da mesma moeda – será demorado e difícil, e provavelmente o caminho até essa libertação estará repleto de muitas outras vítimas semelhantes ao desventurado Daniel Zamudio. O tema não é político, mas religioso e cultural. Fomos acostumados desde tempos imemoriais à ideia de que existe uma ortodoxia sexual da qual apenas os perversos, os loucos e enfermos se afastam e vimos transmitindo esse absurdo monstruoso para nossos filhos, netos e bisnetos, auxiliados pelos dogmas da religião, os códigos morais e os hábitos instaurados. Temos medo do sexo e nos custa aceitar que, neste incerto domínio, há opções e variantes que devam ser aceitas como manifestações da diversidade humana. Nesse aspecto da condição de homens e mulheres deve reinar a liberdade, permitindo que na vida sexual cada um escolha

## REFLEXÕES X

---

sua conduta e vocação sem outra limitação senão o respeito e a aquiescência do próximo.

Minorias começam a aceitar que uma lésbica ou um *gay* são pessoas tão normais como um heterossexual e, portanto, devem ter os mesmos direitos – como contrair matrimônio e adotar filhos –, mas ainda hesitam em lutar em favor das minorias sexuais porque sabem que, para vencer, é necessário mover montanhas, lutar contra um peso morto que nasce na rejeição primitiva do "outro", daquele que é diferente, pela cor de sua pele, seus hábitos, sua língua e suas crenças, que é a fonte que nutre as guerras, os genocídios e os holocaustos que enchem a história da humanidade de sangue e de cadáveres.

Sem dúvida, avançamos muito na luta contra o racismo, mas não o extirpamos totalmente. Hoje, pelo menos, sabemos que não se deve discriminar ninguém e é de mau gosto alguém se proclamar racista. Mas nada disso existe no que se refere a *gays*, lésbicas e transexuais. Quanto a eles, podemos desprezar e maltratar impunemente. Eles são a demonstração mais reveladora de quão distante boa parte do mundo ainda está da verdadeira civilização. ●

**Mario Vargas Llosa**

## As ficções malignas

Mario Vargas Llosa

27 de maio de 2012



Os seres humanos não podem viver sem ficções – mentiras que parecem verdades e verdades que parecem mentiras. E, graças a essa necessidade, existem criações maravilhosas como as belas artes e a literatura, que tornam mais suportável a vida das pessoas. Mas há as ficções benignas, como as que saíram dos pincéis de um Goya ou da pena de um

Cervantes, e aquelas malignas, que negam sua natureza subjetiva, ideal e irreal e se apresentam como descrições objetivas, científicas, da realidade.

Mais recentemente, tivemos muitas oportunidades de ver os efeitos perniciosos das ficções malignas, disseminadas por alguns gurus, que dizem respeito principalmente à economia como um todo. A mais recente é a de Paul Krugman que, em sua coluna no *New York Times*, anunciou um próximo "corralito" na economia espanhola, o que por acaso contribuiu para acelerar a fuga de capitais da Espanha e deve ter deixado estupefatos muitos dos seus admiradores que ainda não tinham percebido que também os ganhadores do Nobel de Economia, quando se transformam em ícones da mídia, às vezes dizem bobagens.

Vale a pena dizer que os assustados com as profecias apocalípticas do professor de Princeton deveriam acreditar mais no presidente da Telefônica, César Alierta, que acabou de afirmar, categoricamente, que "a Espanha é um país solvente, tanto no setor público como no privado". Tenho certeza absoluta de que Alierta está melhor informado do que o doutor Krugman sobre a saúde econômica do país.

Uma das ficções malignas que, desde a Idade Média, é um tópico da cultura europeia é a da decadência do Ocidente. Em suas origens,

## REFLEXÕES X

---

ela tinha uma hipotética base religiosa e apocalíptica. No Ocidente ocorreria o fim dos tempos, da história, e o final seria precedido de um longo período de anarquia e catástrofes, matanças, pestes, confusão e ruína.

Mais tarde, essas sombrias previsões foram perdendo sua conotação bíblica e adotando um semblante mais realista. Não seriam os inescrutáveis<sup>40</sup> desígnios de Deus, mas a insensatez e a loucura dos próprios europeus que precipitariam a ruína e o colapso do Ocidente.

A verdade é que, apesar de guerras, epidemias, genocídios e de todas as formas de destruição e extermínio ao longo de sua história, a Europa, berço da cultura da liberdade, ainda está viva e ativa, enterrou as duas ameaças mais poderosas à democracia – o fascismo e o comunismo – e é a única região do planeta onde está em curso a construção de um grande projeto de integração de nações, sociedades, culturas, economias e instituições sob o signo da legalidade e da liberdade.

A ficção maligna em moda hoje é proclamar o fracasso da União Europeia, esse trabalho graças ao qual o Ocidente vive o mais longo período de paz e convivência da sua história e conseguiu reduzir ao mínimo os regimes antidemocráticos em seu centro e na sua periferia. E conseguiu ainda diminuir a pobreza e elevar de maneira significativa o nível de vida da população. Diariamente, surgem relatórios técnicos, análises administrativas, pesquisas sociológicas e, principalmente, estudos econômicos demonstrando a insolvência do euro e o seu declínio inexorável, o fracasso da tentativa de unir economias avançadas e sólidas e aquelas de países pobres e subdesenvolvidos. Estatísticas fantásticas indicam que a abertura das fronteiras dentro da Europa fizeram disparar a imigração ilegal, a delinquência e abriram as portas para os terroristas radicais islâmicos.

---

<sup>40</sup> **Inescrutável:** impossível de ser escrutado, investigado, compreendido; impenetrável, incompreensível, insondável.

Provavelmente, essas ficções malignas, resultado do desvio sadomasoquista do louvável espírito crítico que caracterizou a melhor tradição da cultura ocidental, está infligindo mais danos à Europa do que a grave crise econômica que o continente enfrenta. Em todo caso, favoreceram o crescimento de partidos extremistas, de esquerda e de direita, que querem acabar com a Europa e voltar ao tempo das nações voltadas para si mesmas. Não é possível que consigam. A crise econômica é, seguramente, muito séria e constitui um teste duro para todos os países que integram a UE. E muito mais duro, claro, para os que dilapidaram seus recursos de maneira irresponsável e viveram acima das suas possibilidades, recorrendo a créditos que agora os sufocam.

Mas a crise é perfeitamente superável desde que sejam feitos os sacrifícios necessários, como demonstrou a Alemanha – país que, segundo uma outra ficção maligna do nosso tempo, devemos odiar por não permitir que a orgia de gastos continue. A ficção maligna representa Angela Merkel como um ser insensível, para quem apenas os números importam e tem a ideia perversa de que o crescimento europeu só surgirá a partir de um ajuste fiscal e uma redução dos gastos públicos, ou seja, dificilmente serão implantadas políticas expansionistas antes de a casa ser colocada em ordem.

E a ficção maligna acrescenta que, felizmente, no escuro túnel da decadência da Europa surgiu uma luz salvadora que se chama François Hollande, que acaba de vencer as eleições na França com uma bandeira clara, simples e generosa: em primeiro lugar não está a austeridade, mas o crescimento.

Bravo! Isso é ser sensível à injustiça do desemprego e à queda dos salários. A estupidez é contagiosa, principalmente no campo político e o extraordinário é que muita gente consciente da situação real da economia europeia acredita que essa receita simplista e fantasiosa de Hollande, que lhe serviu para vencer a eleição, será também a coluna vertebral da sua política, agora que chegou ao poder. O crescimento econômico como um ato de vontade.

Se assim é, por que Grécia, Itália, Portugal e Espanha não decidem crescer e crescem? Ah, é em razão do espírito tacanho e mesquinho

## REFLEXÕES X

---

dos seus governantes e a da maldade inerente do capitalismo. Se tivessem um Hollande no comando...

Isso não ocorrerá pela simples razão de que um enfermo não pode correr uma maratona sem antes se curar, sob pena de morrer no caminho. E essa cura exige um período de enormes sacrifícios que são mais fáceis de suportar quando se tem a certeza de que assim a saúde e as energias serão recuperadas.

A França é um país muito antigo, experiente e sábio para se suicidar cedendo a essa tentação do impossível que encheu sua cultura de tantas obras-primas. Mais cedo do que se espera, Hollande e seus colaboradores terão de reconhecer publicamente que as coisas não são tão simples como diziam e pedirão coragem e patriotismo ao povo francês para continuar apertando o cinto. Então, virá a decepção dos eleitores enganados e, bem, conhecemos o resto da história.

Tentar o impossível somente dá resultado no mundo da arte e da literatura. No da economia e da política só provoca desastres. E a prova é a crise que hoje vive a Europa e, dentro dela, os países que gastaram mais do que tinham, que construíram Estados exemplarmente generosos, mas incapazes de investir, que se endividaram além das suas possibilidades sem imaginar que também a prosperidade tem limites. Tudo isso se paga, cedo ou tarde, é impossível evitar. Todos os governantes europeus sabem disso, mas, entre eles, somente a chanceler alemã se atreve a dizer e agir em consequência. Com sua aparência de abadessa ou de mãe de família numerosa, Angela Merkel tem uma personalidade de ferro e se move em meio às tempestades ao seu redor com uma serenidade e uma coragem admiráveis. É possível que as ficções malignas acabem com seu governo, mas, se isso ocorrer, ela passará para a oposição com a consciência tranquila. Na verdade, ela deixou seu país muito melhor do que o encontrou. ●

**Mario Vargas Llosa**

## A Grécia e a Europa

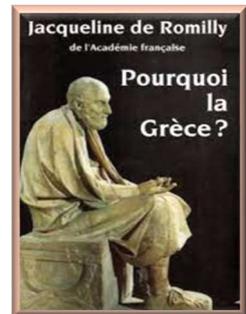
Mario Vargas Llosa

10 de junho de 2012



Naquela cena, ocorrida anos atrás, indicaram-me a cadeira ao lado de uma senhora de idade que cobria os olhos com grandes óculos escuros. Era amável, elegante, falava um francês primoroso e, apesar dos grandes esforços para dissimulá-lo, em tudo aquilo que dizia e opinava transparecia sua vasta cultura.

Foi somente na metade do encontro que reparei, pela grande precaução dela no manejo dos óculos, que era cega ou, na melhor das hipóteses, tinha uma visão limitada. Depois de nos despedirmos, averigui que Jacqueline de Romilly era uma grande helenista, catedrática de grego clássico na École Normale e em Sorbonne, primeira mulher a ser eleita membro do Colégio da França e uma das poucas representantes do gênero feminino na Academia Francesa.



O primeiro livro de autoria dela que li, *Pourquoi la Grèce?*, me deslumbrou tanto quanto sua pessoa. Por mais que aquilo que ela diga e conte no livro tenha ocorrido há 25 séculos, sua atualidade é tão extraordinária que a leitura da obra deveria ser obrigatória hoje.

O livro passa em revista o milagroso século V antes da nossa era, no qual a história, a filosofia, a tragédia, a política, a retórica, a medicina e a escultura alcançam na Grécia seu apogeu, assentando as bases daquilo que, com o tempo, passaríamos a chamar de cultura ocidental.

Homero e Hesíodo são muito anteriores ao século V a.C. e há muitos artistas, pensadores e autores de comédias posteriores a esse marco temporal. O ensaio não hesita em retroceder ou avançar para incluí-

los no legado grego, ainda que a maior parte daquilo que é chamado de "visita guiada por meio dos textos" se concentre nesse pequeno período de cem anos no qual o reduzido espaço do mundo helênico vive uma espécie de eclosão frenética, enlouquecida, de criatividade em todos os domínios do espírito, com ideias, modelos estéticos, padrões intelectuais, invenções e descobrimentos, graças aos quais a civilização do logos se distanciaria decisivamente de todas as demais culturas do passado e de sua época e, sem ter tal intenção nem tal consciência, transformaria para sempre a história do mundo.

Jacqueline de Romilly mostra que na Grécia nasceram, ou ganharam uma realidade e um dinamismo nunca antes observado na vida social de povo nenhum, os fatores determinantes do progresso humano, como a democracia, a liberdade, o direito, a razão e a arte emancipados da religião, as ideias de igualdade, de soberania individual, de cidadania, e uma maneira absolutamente nova de relacionamento entre o homem e o além, e os deuses, bem como uma ideia de beleza e fealdade, de bondade e maldade, de felicidade e infortúnio que, apesar dos inevitáveis matizes e adaptações que lhes foram impostos pela história, seguem vigentes.

Ficamos maravilhados ao ver que um povo tão pequeno e tão pouco coeso politicamente, cheio de numerosas cidades e colônias distribuídas pela Europa e a Ásia Menor, que conservavam entre si uma imensa margem de autonomia, um povo tão instintivamente reticente em formar um império, em praticar o imperialismo e em submeter-se à prepotência de um tirano tenha sido capaz de deixar na história da humanidade uma marca tão profunda. Isso não foi um acidente nem obra do acaso. Houve razões para esse desenvolvimento e o livro de Jacqueline as faz desfilar diante de nossos olhos. Além de uma maneira de filosofar, explica ela, os diálogos socráticos e platônicos ensinaram aos seres humanos que conversar, falar em grupo, é uma maneira mais civilizada e ética de conviver do que dar ordens e obedecê-las, uma forma de comunicação que reconhece ou estabelece desde o início uma igualdade elementar. Assim foi surgindo a liberdade, domando o lado animal do ser humano e permitindo o nascimento de sua verdadeira humanidade.

## REFLEXÕES X

---

Em *Pourquoi la Grèce?*, essa demonstração não aparece como um discurso abstrato, e sim por meio de comentários e citações literárias, porque, como sua autora não se cansa de repetir, tudo aquilo que constitui uma cultura clássica está essencialmente representado nas suas obras literárias, e a verdadeira crítica é aquela que examina a poesia, a narrativa, o teatro, os ensaios que uma sociedade produz na busca das verdades recônditas que alimentam sua imaginação e impregnam as aventuras e os personagens aos quais seus artistas deram vida para aplacar a sede do absoluto, de viver outras vidas, de seus povos.

É verdade que a Grécia de nossos dias é muito diferente. Nos 25 séculos transcorridos desde então seu povo vivenciou mais infortúnios e catástrofes do que a maioria dos demais: guerras externas e internas, ocupações, tiranias e segregações que várias vezes ameaçaram desintegrá-la. Li no *International Herald Tribune* uma chocante descrição do estado da economia do país, dos grotescos privilégios desfrutados durante todos esses anos pelos seus armadores, banqueiros e empresários mais prósperos, enquanto o povo grego segue empobrecendo. Diante desse panorama, o surpreendente não deveria ser o fato de muitos gregos terem votado em nazistas e extremistas de esquerda nas últimas eleições, e sim que ainda haja um número tão grande de gregos que creem na democracia, e também que as pesquisas de opinião para a próxima votação indiquem que os partidos de centro-esquerda, centro e centro-direita, que defendem a opção europeia, possam obter uma maioria e formar o novo governo.

Torço para que assim seja, porque, simplesmente, a Grécia não pode deixar de formar uma parte integral da Europa sem que esta se converta numa caricatura grotesca de si mesma, condenada ao mais retumbante fracasso. A Europa nasceu ali, no pé da Acrópole, 25 séculos atrás, e tudo que ela tem de melhor, aquilo que ela mais aprecia e admira em si mesma, assim como as instituições democráticas, a liberdade e os direitos humanos têm sua distante raiz nesse pequeno rincão do velho continente, às margens do Egeu, onde a luz do sol é mais potente e o mar é mais azul.

A Grécia é o símbolo da Europa e os símbolos não podem

## REFLEXÕES X

---

desaparecer sem que aquilo que eles encarnam desmorone e se desfaça nessa confusão bárbara de irracionalidade e violência da qual a civilização grega nos tirou. ●

**Mario Vargas Llosa**

LUÍZ BIANCI

## Chamamento para concórdia

Mario Vargas Llosa

12 de agosto de 2012



Logo começarão as audiências sobre a disputa a respeito da fronteira marítima entre Chile e Peru, que está na Corte Internacional de Justiça, de Haia. Muitos teriam preferido que a divergência fosse resolvida mediante negociações bilaterais, no ambiente discreto das chancelarias, mas, como o acordo não foi possível, o litígio está onde a razão e o senso comum assinalam que deve estar: perante uma instância jurídica internacional reconhecida por ambos e cuja sentença os governos se comprometeram a acatar.

No dia 25 de julho foi anunciado simultaneamente em Lima, Santiago e Madri um "Chamamento para a concórdia", assinado por 15 chilenos e 15 peruanos (entre os quais eu), de diferentes profissões, vocações e posições políticas, mas todos firmemente comprometidos com a cultura democrática. Trata-se de uma iniciativa de dois escritores, Jorge Edwards e eu.

Há 33 anos, em junho de 1979, por ocasião do centenário da Guerra do Pacífico, ambos lideramos também uma declaração assinada por dez chilenos e dez peruanos proclamando nossa vontade de agir para que os nossos países vivessem "sempre em paz e amizade". Naquela ocasião, lembramos que os inimigos do Peru e do Chile não eram nossos vizinhos, mas o subdesenvolvimento, e a batalha contra a fome, a ignorância, o desemprego, a falta de democracia e liberdade. "Só poderemos vencê-la unidos, lutando solidariamente contra os que pretendem nos tornar inimigos e criar obstáculos ao progresso".

Quando aquele primeiro manifesto apareceu, Chile e Peru sofriam debaixo de ditaduras militares (presididas pelo general Pinochet e pelo general Morales Bermúdez, respectivamente) que censuravam

## REFLEXÕES X

---

a imprensa, perseguiam os dissidentes e cometiam bárbaras violações contra os direitos humanos. Hoje, felizmente, ambos desfrutam de liberdade e de legalidade, têm governos nascidos de eleições livres que respeitam o direito de crítica e exercem uma política de mercado, de respeito pela propriedade privada, pela livre concorrência e de fomento aos investimentos, que deram um grande impulso ao seu desenvolvimento econômico.

Embora, indubitavelmente, haja muito a fazer ainda e as desigualdades da renda e de oportunidades continuam sendo muito grandes, a redução da pobreza, o crescimento das classes médias, o fluxo de investimentos estrangeiros, o controle da inflação e dos gastos públicos, bem como o fortalecimento das instituições em ambas as sociedades são notáveis, os mais rápidos registrados por sua história.

No âmbito do progresso sustentado, os intercâmbios econômicos entre Chile e Peru denotam um dinamismo sem precedentes. Empresas chilenas operam em todo o Peru, criaram muitos milhares de empregos, enquanto, há alguns anos, várias companhias peruanas começaram também a investir e trabalhar no Chile.

O número de peruanos que, desde o início da recuperação econômica chilena, emigraram para o país vizinho e lançaram ali suas raízes chega a dezenas de milhares. Tudo isso é bom e benéfico para ambos, e deve ser estimulado porque, além de contribuir para o progresso material do Chile e do Peru, contribuirá para que desapareçam cada dia mais as suscetibilidades, resistências, os ódios e preconceitos que setores nacionalistas exaltados e irresponsáveis se empenham em manter vivos e ataçam em razão da disputa sobre as fronteiras que está sendo dirimida em Haia. Essas manifestações de falsos patriotismos com que certos órgãos da imprensa e grupos políticos extremistas procuram semear a discórdia entre os dois países não são desinteressadas.

Sua intenção secreta é justificar a corrida armamentista, ou seja, os vertiginosos investimentos que significam comprar nos nossos dias

## REFLEXÕES X

---

os brinquedos mortíferos com que os exércitos brincam, desviando recursos que deveriam ser destinados às áreas da saúde, educação e infraestrutura, indispensáveis para que o desenvolvimento econômico não fique confinado às faixas de renda altas e médias, e chegue também onde mais faz falta, como os setores desfavorecidos e marginais.

Embora seja verdade que nos últimos anos estes setores se reduziram, continuam sendo ainda intoleravelmente extensos. E não há desenvolvimento digno desse nome se uma democracia não é capaz de criar, no campo econômico, igualdade de oportunidades para todos os seus cidadãos. Essa é a razão de ser do nosso chamamento para a concórdia.

Seja qual for a decisão do Tribunal Internacional, deve servir para fixar definitivamente as fronteiras e apagar para sempre esse foco de discórdias periódicas entre os países. E, ao mesmo tempo, mostrar ao resto da América Latina a maneira civilizada e pacífica na qual devem ser resolvidos os conflitos limítrofes. A esse respeito, é preciso lembrar que as disputas sobre limites foram, há dois séculos, uma das fontes mais fecundas do subdesenvolvimento latino-americano. Elas provocaram guerras insensatas nas quais a maioria dos cadáveres era dos mais pobres, e serviram de pretexto para um armamentismo que, sem nenhuma exceção, permitiu que militares e políticos corruptos enchessem os bolsos com comissões ilegais.

Outra das suas consequências foi o crescimento desmedido das forças militares e seu protagonismo na vida política, uma das razões pelas quais a cultura democrática foi, até pouco tempo, uma planta exótica de aclimação muito difícil na maior parte dos países latino-americanos. Sem dúvida, a herança mais nefasta dessas desavenças em muitos casos artificialmente provocadas foi a implantação do nacionalismo; obtusa ideologia que separa os países e os torna inimigos.

Ela é a explicação de que, embora falem a mesma língua, compartilhem de uma tradição, de uma história e de uma problemática social, os países latino-americanos não foram capazes

## REFLEXÕES X

---

até agora de se unir, como conseguiu a Europa, em uma grande confederação política, e sequer de fazer funcionar de maneira eficaz os tratados de livre comércio regionais que assinam de tanto em tanto, e todos, mais cedo ou mais tarde, acabam atolados ou anulados pelo espírito paroquial com o qual são utilizados na prática. Muitos destes conflitos estão apenas dormentes e ainda se mantêm, como sinistras ameaças que por qualquer pretexto podem se concretizar e desencadear guerras ou golpes de Estado que desbaratam em dias ou semanas as conquistas econômicas de muitos anos.

É verdade que a América Latina, com as exceções da ditadura cubana dos irmãos Castro – a mais prolongada de sua história – e a semiditadura do comandante Chávez (que, se houver eleições livres, talvez termine em outubro), foi deixando para trás o nefasto período das ditaduras militares e optando pela democracia. Hoje, a imensa maioria dos países do continente tem governos civis, eleições, uma imprensa mais ou menos livre, e as instituições começam a funcionar, apesar dos elevados índices de criminalidade, em geral associada ao narcotráfico, à corrupção e às gigantescas diferenças de renda entre o topo e a base social.

Mas, mesmo levando em conta estes fatores negativos, há um inequívoco progresso, principalmente no campo econômico, graças a políticas pragmáticas e de abertura que substituíram as políticas catastróficas de ontem, quando o nacionalismo econômico propugnava fechar as fronteiras, estatizar "indústrias estratégicas" e praticar o desenvolvimento para dentro. Somente um punhado de nações, como Bolívia e Equador, se aferram ainda a estes anacronismos. Mas os outros estão crescendo, e alguns países entre os quais se encontram precisamente Chile e Peru, com um ritmo muito bom. Uma prova indiscutível disto é o fato de que a América Latina pouco sofreu com a crise financeira que abala Europa e Estados Unidos.

Para que este progresso se aprimore e acelere é indispensável que velhas questões de vizinhos desapareçam e estes imitem o bom exemplo da Europa, aproximando-se cada vez mais de maneira que suas fronteiras, graças a intercâmbios de todos os tipos que

## REFLEXÕES X

---

favorecem a cooperação e a amizade, eles ficam eclipsados e permitem uma união duradoura sob o signo da liberdade. ●

**Mario Vargas Llosa**

LUIZ BANCI

## Julian Assange na sacada

Mario Vargas Llosa

26 de agosto de 2012



No cubículo da Embaixada do Equador em Londres, onde está refugiado, o fundador do WikiLeaks, Julian Assange, terá agora tempo de sobra para refletir sobre a extraordinária história de sua vida, que começou como obscuro ladrãozinho da intimidade alheia (é o que faz um *hacker*, embora o anglicismo procure inocular dignidade a esse ignóbil ofício) no país dos cangurus e terminou se convertendo num ícone contemporâneo, tão famoso quanto os jogadores de futebol ou roqueiros mais da moda – para muitos, um herói da liberdade de expressão –, no centro de um conflito diplomático.

Existe tamanho cipoal de confusões e mentiras a respeito do personagem criado por ele mesmo e por seus partidários e impulsionado pelo jornalismo ávido de escândalos, que há milhões de pessoas no mundo convencidas de que o desgraçado australiano de cabelos brancos amarelados, que apareceu alguns dias atrás em uma sacada da embaixada equatoriana do bairro preferido pelos xeques árabes em Londres, Knightsbridge, para dar lições sobre liberdade de expressão ao presidente Barack Obama, é um perseguido político dos EUA. Ele teria sido salvo *in extremis* nada menos que pelo presidente Rafael Correa, do Equador – isto é, o governo que, depois de Cuba e Venezuela, perpetrou os piores atropelos contra a imprensa na América Latina, fechando emissoras, jornais, arrastando a tribunais servis jornalistas e diários que se atreveram a denunciar os tráficos e a corrupção de seu regime, e apresentando uma lei da mordaza que praticamente selaria o desaparecimento do jornalismo independente no país. Nesse caso, sim, vale o velho refrão: "Diz-me com quem andas, dirte-ei quem és". Porque o presidente Correa e Assange são farinha do mesmo saco.

Na verdade, o fundador do WikiLeaks hoje não é objeto nem sequer de uma investigação judicial nos EUA, nem Washington fez algum pedido reclamando-o a ninguém para enfrentá-lo num tribunal. O suposto risco de que, se for entregue à Justiça sueca, o governo da Suécia possa enviá-lo aos EUA é, por enquanto, uma presunção desprovida de todo fundamento e não tem outro objetivo, senão cercar o personagem de uma aura de mártir da liberdade que ele certamente não merece.

A Justiça sueca não o reclama por suas façanhas – melhor dizendo, inconfidências – informáticas, mas por acusações de violação e assédio sexual. Assim entendeu a Corte Suprema da Grã-Bretanha e, por isso, decidiu extraditá-lo à Suécia, cujo sistema judiciário, ademais, é, como o britânico, um dos mais independentes e confiáveis do mundo. De maneira que o senhor Assange não é, na verdade, uma vítima da liberdade de expressão, mas um fugitivo que utiliza esse pretexto para não ter de responder às acusações que pesam sobre ele como suposto delinquente sexual.

A popularidade de que goza se deve às centenas de milhares de documentos privados e confidenciais de diversas repartições do governo dos EUA – começando pela diplomacia e terminando pelas Forças Armadas – obtidos por roubo e pirataria, que o WikiLeaks difundiu, apresentando-os como uma proeza da liberdade de expressão que trazia à luz intrigas, conspirações e condutas incompatíveis com a legalidade.

Foi realmente assim? As delações do WikiLeaks contribuíram para arejar certas profundezas delinquentes e criminosas da vida pública americana? Assim afirmam os que odeiam os EUA, "o inimigo da humanidade", e não se conformam de que a democracia liberal, da qual esse país é o principal guardião, tenha vencido a Guerra Fria e não tenham triunfado o comunismo soviético ou maoísta. Mas creio que uma avaliação serena e objetiva da informação oceânica que o WikiLeaks difundiu, mostrou, afora uma bisbilhotice miúda, burocrática e pouco substancial, abundante material que justificadamente deve ser mantido dentro de uma reserva confidencial.

Jamais saberemos a maneira como as revelações do WikiLeaks serviram para que se desfizessem as redes de informação laboriosa e arriscadamente montadas pelos países democráticos nas satrapias que amparam o terrorismo internacional da Al-Qaeda e congêneres. Nem quantos agentes e informantes dos serviços de inteligência do Ocidente foram detectados e possivelmente eliminados por efeito dessas publicações. Mas não resta dúvida de que essa foi uma das sinistras consequências do vazamento informativo.

Não é curioso que o WikiLeaks tivesse privilegiado de tal modo revelar os documentos confidenciais dos países livres, onde existem a liberdade de imprensa e uma legalidade digna desse nome, em vez de fazê-lo das ditaduras e governos despóticos que ainda proliferam pelo mundo? É mais fácil ganhar credenciais de combatente pela liberdade exercitando a inconfidência, o contrabando e a pirataria em sociedades abertas, ao amparo de uma legalidade sempre reticente em sancionar os delitos de imprensa para não dar a sensação de restringir ou pôr obstáculo a essa liberdade de crítica que é, de fato, o sustentáculo essencial da democracia, do que infiltrando-se nos segredos dos governos totalitários.

Os partidários do WikiLeaks deveriam se lembrar de que a outra face da liberdade é a legalidade. Sem esta, aquela desaparece pura e simplesmente. A liberdade não é nem pode ser a anarquia, e o direito à informação não pode significar que num país desapareçam o privado e a confidencialidade. Isso significaria a paralisia ou a anarquia e nenhum governo poderia, em semelhante contexto, cumprir com seus deveres nem sobreviver.

A liberdade de expressão se complementa, numa sociedade livre, com os tribunais, os Parlamentos, os partidos de oposição e esses são os canais adequados aos quais se podem recorrer se houver indícios de que um governo oculta ou dissimula criminosamente suas iniciativas. Mas atribuir a si esse direito e proceder *manu militari* para dinamitar a legalidade em nome da liberdade é desnaturar esse conceito e degradá-lo de maneira irresponsável, convertendo-o em libertinagem.

Foi o que fez o WikiLeaks e, pior, eu creio, não em razão de certos

## REFLEXÕES X

---

princípios ou convicções ideológicas, mas empurrado pela frivolidade e o esnobismo, vetores dominantes da civilização do espetáculo em que vivemos.

O senhor Assange não praticou na instituição que fundou a transparência e lisura totais que exige das sociedades abertas contra as quais se encarniçou. As defecções que o WikiLeaks sofreu se devem, fundamentalmente, a sua resistência em prestar contas a seus colaboradores dos vários milhões de dólares que recebeu, segundo artigo assinado por John F. Burns, no *International Herald Tribune* de 18/19 de agosto. É um bom indício de como as coisas podem ser complicadas e sutis quando são observadas de perto e não a partir de lugares-comuns, estereótipos e clichês.

Nas atuais circunstâncias, não há razão alguma para considerar Julian Assange um cruzado da liberdade de expressão, mas antes um oportunista vivaldino que, graças a seu faro, sentido de oportunidade e habilidades informáticas, montou uma operação escandalosa que lhe deu fama internacional e a falsa sensação de que era todo-poderoso, invulnerável e podia permitir-se todos os excessos. Ele se equivocou e agora é vítima desses últimos. A verdade é que sua peripécia parece ter entrado num beco sem saída e não é impossível que, tão logo amaine a ventania que fez dele uma pessoa famosa, ele seja lembrado, sobretudo, pela involuntária ajuda que prestou, acreditando agir em favor da liberdade, a seus mais encarniçados inimigos. ●

**Mario Vargas Llosa**

## O jovem Popper

Mario Vargas Llosa

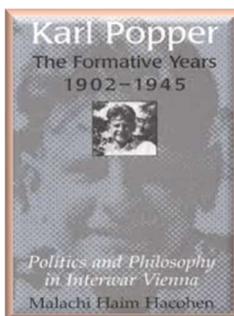
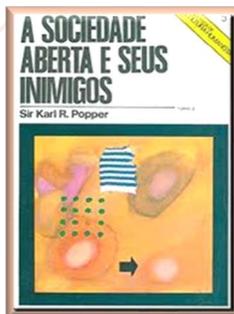
16 de setembro de 2012



Sem Hitler e os nazistas, Karl Popper jamais teria escrito esse livro chave do pensamento democrático e liberal moderno, *A sociedade aberta e seus inimigos* (1945), e, provavelmente, sua vida teria sido a de um obscuro professor de filosofia da ciência confinado em sua Viena natal.

Conhecia-se muito pouco da infância e juventude de Popper – sua Autobiografia (1976) as escamoteia quase por completo – até o surgimento do livro de Malachi Haim Hacohen, *Karl Popper: The Formative Years 1902-1945* (Karl Popper: os anos de formação), exaustiva investigação sobre aquela etapa da vida do filósofo no marco deslumbrante da Viena de fins do século XIX e primeiros anos do século XX, uma sociedade multicultural e multirracial, cosmopolita, de efervescente criatividade literária e artística, espírito crítico e intensos debates intelectuais e políticos. Ali deve ter se gestado a ideia popperiana da "sociedade aberta" da cultura democrática, contraposta às "sociedades fechadas".

Como desde a ocupação nazista da Áustria, em março de 1938, a vida cultural desse país entrou numa etapa de obscurantismo e decadência da qual ainda não se recuperou – seus melhores talentos emigraram, foram exterminados ou anulados pelo terror e a censura – custa imaginar que a Viena na qual Popper fez seus primeiros estudos,



## REFLEXÕES X

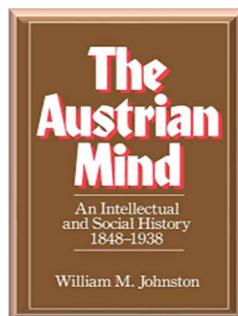
descobriu sua vocação para a pesquisa, a ciência e a dissidência, aprendeu o ofício de carpinteiro e militou no socialismo mais radical, era a cidade mais culta e livre da Europa, um mundo em que católicos, protestantes, judeus integrados ou sionistas, livres pensadores, maçons, ateus, coexistiam, polemizavam e contribuíam para revolucionar as formas artísticas, a música sobretudo, mas também a pintura e a literatura, as ciências sociais e as exatas, e a filosofia.

Um livro recém traduzido para o espanhol, de William Johnston, *The Austrian Mind: Na Intellectual and Social History 1848-1938* (A mentalidade austríaca. História social e intelectual 1848-1938) reconstrói essa fascinante Torre de Babel na qual Popper aprendeu precocemente a detestar o nacionalismo, coisa que ele sempre identificou como o inimigo mortal da cultura da liberdade.

A família de Popper, de origem judaica, havia se convertido ao protestantismo duas gerações antes de ele nascer em 1902. Seu avô paterno tinha uma biblioteca formidável na qual ele, menino, contrairia a paixão pela leitura. Ele nunca se consolou por tê-la vendido quando ruíram as finanças de sua família, que, durante sua infância, era muito próspera. Em sua velhice, quando, pela primeira vez na vida, recebeu algum dinheiro por direitos autorais, ele tentou ingenuamente reconstruí-la, mas não conseguiu. Sua educação foi protestante e estoica, puritana e, embora tenha se casado com Hennie, uma católica, essa moral rígida, calvinista, de renúncia a toda sensualidade, de autoexigência e austeridade extremas, o acompanhou por toda a vida.

Segundo os testemunhos recolhidos por Malachi Hacoheh, o que Popper mais reprovou em Marx e Kennedy não foram seus erros políticos, mas sim o fato de terem tido amantes.

Na Viena de sua juventude – a Viena Vermelha – prevalecia um socialismo liberal e democrático propício ao multiculturalismo, e muitas famílias judias integradas, como a sua,

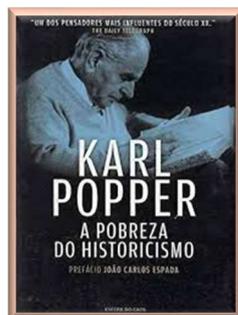


## REFLEXÕES X

ocupavam posições de privilégio na vida econômica, universitária e até política. Seu rechaço precoce a toda forma de nacionalismo – a regressão à tribo – o fez opor-se ao sionismo e ele sempre considerou a criação de Israel "um erro trágico". No rascunho de sua Autobiografia, ele escreveu uma frase duríssima: "Inicialmente me opus ao sionismo porque já era contra toda forma de nacionalismo, mas nunca acreditei que os sionistas se tornariam racistas. Isso me faz sentir vergonha de minha origem, pois eu me sinto responsável pelas ações dos nacionalistas israelenses". Ele pensava então que os judeus deviam integrar-se nas sociedades nas quais viviam, como sua família havia feito, porque a ideia de "povo eleito" lhe parecia perigosa. Pressagiava, segundo ele, as visões modernas de "classe eleita" do marxismo ou de "raça eleita" do nazismo.

Deve ter sido terrível para quem pensava desse modo ver como, na sociedade que acreditava aberta, o antissemitismo começava a crescer como espuma pela influência ideológica que vinha da Alemanha, e sentir-se desde logo ameaçado, asfixiado e obrigado a fugir. Pouco depois, já no exílio na Nova Zelândia, onde, graças a seus amigos F.A. Hayek e Ernst Gombrich, havia conseguido um modesto posto na Universidade Canterbury, ele iria se inteirando de que 16 parentes – tios e primos –, além de numerosos colegas e amigos de origem judaica, como ele, e perfeitamente integrados, seriam aniquilados ou morreriam nos campos de concentração vítimas do racismo alucinado dos nazistas.

Foi esse contexto que induziu Popper a afastar-se alguns anos de suas investigações científicas – antes de abandonar a Áustria ele já havia publicado *Logik der Forschung* (1935) (A lógica da pesquisa científica) – e prestar o que chamaria de sua contribuição intelectual à



resistência à ameaça totalitária.

Primeiro foi *A pobreza do historicismo* (1944-1945) e depois *A sociedade aberta e seus inimigos* (1945). Malachi Hacoheh traça uma história minuciosa e absorvente das condições difíceis, pouco menos que heroicas, em que Popper trabalhou nesses livros que lhe dariam uma celebridade nunca imaginada, roubando horas das classes e obrigações administrativas na universidade, pedindo ajuda bibliográfica a seus amigos europeus, e vivendo numa pobreza que, por momentos, acercava-se da miséria, ajudado pela lealdade e a entrega missionárias de Hennie, que decifrava o manuscrito, o datilografava e, ademais, por vezes, o submetia a críticas severas.

Malachi Hacoheh trabalhou tanto nesse livro como o jovem Popper em sua investigação sobre as origens do totalitarismo na Grécia clássica que, segundo ele, começa com Platão e chega até Marx, Lenin e o fascismo, passando por Hegel e Comte. E, por momentos, dá a impressão de que, em anos de dedicação, ele foi passando da admiração devota e quase religiosa por Popper a um certo desencanto ao descobrir os defeitos e manias inevitáveis, suas intolerâncias, sua pouca reciprocidade com os que o haviam ajudado, suas depressões e manias, sua pouca flexibilidade para aceitar a chegada das novas formas, ideias e modas da modernidade. Algumas dessas críticas me parecem muito injustas, mas elas não estão deslocadas em um livro dedicado a quem sempre sustentou que o espírito crítico é a condição indispensável do progresso no domínio da ciência e da vida social, que é pondo à prova do exame e do erro – isto é, tratando de "falseá-las" – que se conhece a verdade ou a mentira de doutrinas, teorias e interpretações que pretendem explicar o indivíduo isolado ou imerso no amálgama social.

Por outro lado, Malachi Hacoheh deixa claramente estabelecido que, ao contrário do que se chegou a acreditar durante os anos da Guerra Fria, que Popper era o filósofo nato do conservadorismo, suas teses a respeito da sociedade aberta e da sociedade fechada, o essencialismo, o historicismo, o Terceiro Mundo, a engenharia social fragmentária, o espírito tribal e seus argumentos contra o nacionalismo, o dogmatismo e as ortodoxias políticas e religiosas,

## REFLEXÕES X

---

cobrem um amplo espectro filosófico liberal no qual se podem reconhecer igualmente todas as formações políticas democráticas, do socialismo ao conservadorismo, que aceitem a divisão de poderes, as eleições, a liberdade de expressão e o mercado.

O liberalismo de Popper é profundamente progressista pois está imbuído de uma vontade de justiça que às vezes se faz ausente nos que cifram o destino da liberdade só na existência de mercados livres, esquecendo que esses, por si sós, terminam permitindo, segundo a metáfora de Isaiah Berlin, que os lobos comam todos os cordeiros. A liberdade econômica que Popper defendeu devia ser complementada por uma educação pública de alto nível e diversas iniciativas de ordem social, como uma vida cultural intensa e acessível ao maior número, para criar igualdade de oportunidades que impedisse, em cada geração, a criação de privilégios herdados, algo que sempre lhe pareceu tão nefasto como dogmas religiosos e o espírito tribal. •

**Mario Vargas Llosa**

## Essa Joana D'Arc liberal

Mario Vargas Llosa

30 de setembro de 2012



Devia ser em torno de 1983 ou 1984. A vereadora da Câmara Municipal de Madri que acabava de falar o tinha feito com uma clareza e profundidade raras num político e defendia ideias que não estavam absolutamente em moda. "Quem é essa Joana D' Arc espanhola e liberal?", questionei. A pergunta chegou aos ouvidos dela e, desde então, durante todos esses anos – da sua extraordinária carreira e também da nossa amizade – cada vez que a vejo, Esperanza Aguirre me lembra aquela história. Por que Joana D' Arc? Porque defender o liberalismo como ela o fazia me parecia a maneira mais rápida de alguém se lançar na fogueira do desprestígio e da ruína.

O meu gritante equívoco foi demonstrado pelos grandes méritos de Esperanza, que, para surpresa geral, anunciou no dia 17 sua renúncia à presidência da Comunidade de Madri (cargo equivalente ao de governadora) e seu afastamento da vida política. Ela não foi somente um dos raros políticos por convicção nestes anos na Espanha, mas também foi um dos mais populares, que mais eleições venceu e, em todos os cargos que exerceu – como vereadora, senadora, ministra, presidente do Senado e presidente da Comunidade – conseguiu fomentar mais medidas e reformas de cunho liberal, graças às quais a provinciana capital da Espanha de três décadas atrás tornou-se a metrópole de hoje e a região mais próspera, menos endividada. Enfim, uma verdadeira potência industrial e com a vida cultural mais rica e diversificada de todo o país.

Vamos sentir muito a sua falta. Todos. Aqueles que, como eu, a admiram e gostariam de vê-la chegar ao posto de premiê, convencidos de que, com ela à frente, jamais a Espanha teria

## REFLEXÕES X

---

mergulhado numa crise como a que enfrenta hoje, mas também seus adversários, que ela deixa órfãos, sem ter alguém a quem odiar e atacar com a ferocidade que eles usaram (auxiliados às vezes pelos microfones indiscretos), que ela enfrentava sem complexos de inferioridade, respondendo aos insultos com ideias, sem jamais perder a compostura e derrotando-os sempre nas urnas.

Esperanza em todos esses anos travou um duplo combate. Contra uma esquerda dura, dogmática e vaidosa que se acreditava dona não só da verdade ideológica, mas também da compaixão, solidariedade e justiça social, e contra uma direita conservadora e reacionária, complexada e acovardada diante da esquerda, desconfiada do mercado e da abertura econômica, defendendo o lucro proveniente de aplicações financeiras e com mais interesses do que convicções e princípios.

Nenhuma dessas duas forças conseguiu derrotá-la, mas tornou sua vida difícil, muito difícil, obrigando-a às vezes a verdadeiros prodígios de tática política – simulacros e supostas concessões, aparentemente dando passos para trás para seguir adiante – para não se ver encurralada e sobretudo continuar fazendo avançar os princípios liberais básicos, como reduzir a intervenção do Estado na vida econômica e social, privatizar o máximo possível tanto a criação de riqueza como as instituições e a vida cidadã.

Em sua famosa distinção entre o "político de convicção" e o "político de responsabilidade", em 1919, Max Weber destacou que essa diferença não deve ser entendida como uma antinomia sem remédio, e há casos, raros sem dúvida, em que um político é capaz de conciliar as duas alternativas. Uma dessas exceções foi Esperanza. Jamais perdeu de vista os princípios liberais aos quais aderiu ainda muito jovem. Mas, ao longo da sua carreira política, a experiência lhe mostrou que a democracia não tolera a rigidez doutrinária, pois a realidade é sempre mais sutil e complexa do que as teorias e as ideias que não são capazes de se adaptar à realidade acabam sempre tendo resultados opostos aos desejados. Em muitos momentos da sua vida política, Esperanza concordou com iniciativas contrárias às suas convicções, porque não havia mais remédio ou para salvar pelo menos em parte a sua própria agenda.

Mas o importante é que, no momento de julgar sua gestão, ninguém poderá negar que os prós são muito mais numerosos que os contras.

Gostaria de destacar um aspecto admirável da política de Esperanza na Comunidade de Madri: seu apoio aos exilados e perseguidos políticos de Cuba. Eles sempre foram os primos pobres entre todos os latino-americanos que precisaram deixar seu país por ameaças e perseguições do poder das quais eram vítimas. Como, por uma dessas aberrações ideológicas que existem e são muitas na época em que vivemos, a Revolução Cubana, apesar de mais de meio século de ruína econômica e ditadura política no país, continua desfrutando de uma certa intangibilidade moral diante da esquerda, do centro e mesmo alguns setores da direita. E com isso os exilados cubanos sofreram com a indiferença e às vezes a hostilidade flagrante dos governos democráticos espanhóis. A exceção, graças a Esperanza, foi a comunidade madrilenha, que ajudou muitos deles a encontrar trabalho, obter as autorizações correspondentes e suportar os inevitáveis padecimentos do desterro.

Quando foi ministra da Educação e Cultura do primeiro governo do Partido Popular, a hostilidade por parte de artistas, escritores, cineastas, jornalistas e professores com relação a Esperanza era enorme, sobretudo da parte de caricaturistas, que a calma com que a ministra exercia suas funções deixava ainda mais ferozes. A julgar pelas barbaridades que lhe diziam e atribuíam, a educação e a cultura na Espanha teriam caído nas mãos de uma antropófaga, ou pouco menos. Uma injustiça! Conheci poucos políticos com mais respeito pelo trabalho criativo, artístico ou intelectual do que Esperanza, ou que tenham fomentado mais iniciativas do que ela, na sua vida privada, nos escassos momentos de descanso propiciados por sua enlouquecedora agenda de trabalho, para ler, assistir a concertos ou exposições e estar a par da vida cultural. Além do que, ela levou esse respeito ao extremo de não querer jamais usar atividades artísticas em benefício pessoal.

Contudo, discretamente, o que fez para promover a vida cultural dentro da sua esfera de influência foi enorme. Em grande parte graças a ela, nas últimas décadas a oferta cultural na comunidade madrilenha se multiplicou por dez, deixando para trás todas as

## REFLEXÕES X

---

outras cidades e regiões da Espanha, entre elas a Catalunha, que nos anos 1960 e 1970 foi a capital cultural da Espanha. E é uma vida cultural livre, diversa, múltipla, onde a iniciativa privada coexiste com a pública.

Por que Esperanza renunciou à política exatamente neste momento? Nos últimos dias tenho sentido vertigens ao ler todas as especulações a respeito. Alguns dizem que renunciou porque o câncer que teve há alguns anos retornou. Outros falam em divergências irreduzíveis com a política econômica de Mariano Rajoy, disputas e animosidades em seu próprio partido e há outras histórias ainda mais fantasiosas.

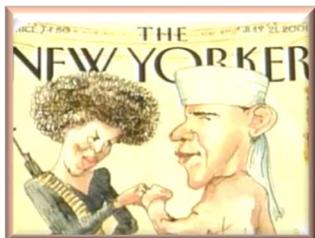
Embora não tenha nenhuma outra informação além das que li na imprensa, creio que nada disso é correto. E penso que provavelmente ela disse a verdade ao ser entrevistada num programa de TV, quando afirmou que chegara o momento de se retirar e dar espaço para pessoas mais jovens e, depois de 30 anos na intensa luta política, gostaria de se dedicar um pouco mais à sua família, que com muita paciência e generosidade a apoiou nesses anos e ela viu tão pouco. Saber se retirar a tempo, não encastelar-se no poder, ceder o posto para a nova geração, faz parte também da filosofia (e da coerência) liberal. ●

**Mario Vargas Llosa**

## A identidade perdida

Mario Vargas Llosa

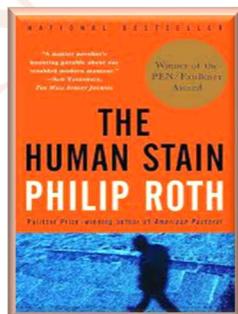
28 de outubro de 2012



Na versão on-line da revista New Yorker, de 7 de setembro, há uma "Carta aberta à Wikipédia" do romancista americano Philip Roth que é sumamente instrutiva. Ela conta que Roth, ao descobrir a descrição equivocada feita pela Wikipédia de seu romance *The Human Stain* ("A Mancha Humana"),

enviou uma carta ao administrador da enciclopédia virtual pedindo uma retificação.

A resposta que ele obteve foi surpreendente, embora a entidade reconhecesse que um autor é "uma indiscutível autoridade sobre sua própria obra", apenas sua palavra não era suficiente para que a Wikipédia admitisse o equívoco cometido. Além disso, ela precisava de "outras fontes secundárias" que avaliassem a correção.



Na carta aberta, Philip Roth demonstra com precisão e dados fidedignos que seu romance não se inspira, como afirma a Wikipédia, na vida do crítico e ensaísta Anatole Broyard, que conheceu muito rapidamente e cuja vida privada ele ignorava por completo, mas na de seu amigo Melvin Tumin, sociólogo e catedrático da Universidade Princeton, que, por ter usado numa aula uma palavra considerada depreciativa para os negros, se viu envolvido num verdadeiro pesadelo de ataques e sanções que, por pouco, não destruíram sua vida, apesar dos muitos anos por ele dedicados a combater como intelectual e acadêmico a discriminação e o preconceito racial nos Estados Unidos.

Philip Roth publicou a carta aberta na revista New Yorker para tentar neutralizar de algum modo uma falsidade a respeito de sua

obra, que a Wikipédia, dona de um público enorme, espalhou pelo mundo inteiro.

Não é a primeira vez que o grande romancista americano trava uma batalha quixotesca em defesa da verdade. Há alguns anos, ele descobriu no jornal *New York Times* que lhe fora atribuída uma afirmação que não lembrava ter feito. Depois de inúmeras diligências e esforços conseguiu chegar à fonte que havia utilizado o jornal para citá-lo: uma entrevista num jornal italiano, assinada por Tommaso Debenedetti, que ele jamais havia concedido.

Graças a essa investigação, foi possível descobrir as proezas fraudulentas de Debenedetti, que, há vários anos, publicava na imprensa italiana e de outros países reportagens com pessoas de diversas profissões e funções inventadas da cabeça aos pés (eu mesmo mereci a honra de ser uma de suas vítimas, e, outra delas, ninguém menos que Bento XVI). Inútil dizer que as 79 colaborações falsas do personagem não mereceram sanção alguma e a história de sua fraude tornou o simpático Tommaso Debenedetti um verdadeiro herói da civilização do espetáculo.

Agora, gostaria de me imiscuir neste artigo e contar dois episódios da minha vida recente que mostram uma inquietante proximidade com o que aconteceu com Philip Roth. Estava eu em Buenos Aires quando uma senhora, na rua, me parou para se congratular comigo por meu "Elogio à mulher", que acabava de ler na *internet*. Pensei que ela estivesse me confundindo com outra pessoa, mas, poucos dias mais tarde, quando já regressara ao Peru, outras duas pessoas me asseguraram que haviam lido o texto acima mencionado e por mim assinado.

Finalmente, uma alma caridosa ou perversa o enviou para mim. Era breve, estúpido e de um mau gosto gritante ("A verdadeira beleza está nas rugas da felicidade", "todas as mulheres belas que vi são as que andam na rua com casacos amplos e minissaias, as que cheiram a limpo e sorriem quando são olhadas", e coisas ainda piores). Perguntei a amigos fanáticos da rede se havia alguma maneira de identificar o falsário que havia elaborado essa excrecência retórica usando o meu nome e me disseram que, teoricamente, era possível,

mas, na prática, não. Porque não há nada mais fácil do que embaralhar as pistas das fraudes retóricas, injetando mentiras e enganos desse tipo. Podia tentar, evidentemente, mas me custaria muito tempo e, sem dúvida, bastante dinheiro. Seria melhor que esquecesse do assunto. É claro que foi o que eu fiz.

Até que, um ano ou dois mais tarde, recebi um telefonema de um jornalista do *La Nación*, de Buenos Aires, o jornal que publica meus artigos na Argentina. Ele me perguntou, surpreso, se era eu o autor de um texto, assinado com o meu nome, intitulado "Sim, choro por ti, Argentina", que era uma crítica feroz aos argentinos e estava circulando na *internet*. Nesse caso, o texto que me atribuíam era infame, mas não estúpido.

O falsificador havia urdido com uma astúcia cuidadosa, tomando frases que efetivamente eu havia usado alguma vez, por exemplo, para criticar a política da presidente Cristina Fernández de Kirchner ou a do presidente Hugo Chávez, da Venezuela, e acrescentando-lhes vilezas e vulgaridades horrendas de sua própria lavra ("Tresloucado, pária, besta troglodita da extinta e queridíssima República da Venezuela", "o peronismo é o partido dos ressentidos mais aberrantes, cheios de ódio, de rancores viscerais, fanáticos, fascistas, repletos de uma raiva doentia implacável" e por aí afora).

Consultei um advogado. Ele me explicou que o tema dos direitos autorais, do *copyright*, no mundo digital é ainda uma coisa confusa, objeto de múltiplas negociações nas quais ninguém ainda chegou a um acordo. Embora em princípio, mediante uma longa e custosa investigação, eu pudesse chegar à fonte da qual saiu originalmente o texto fraudulento, o esforço seria inútil, pois os falsificadores teriam tomado as precauções necessárias para confundir as pistas, lançando o artigo calunioso não do seu computador, mas usando o de um *cibercafé* qualquer. Então, não havia nada a fazer? Na realidade, não. Ou melhor: levar a coisa na brincadeira e esquecer.

E aqui chegamos à parte mais séria e transcendente da questão, mais permanente do que o anedótico. A revolução tecnológica audiovisual, que impulsionou as comunicações como nunca antes na história e dotou a sociedade moderna de instrumentos que lhe

permitted burlar todos os sistemas de censura, teve também, como efeito perverso e não premeditado, o de pôr nas mãos da canalha intelectual e política, do ressentido, do invejoso, do complexado, do imbecil ou simplesmente do entediado, uma arma que lhe permite violar e manipular o que até agora parecia o último santuário sacrossanto do indivíduo: sua identidade.

Tecnicamente, hoje em dia, pode-se falsear a vida real de uma pessoa – o que ela é, o que faz, o que diz, o que pensa, o que escreve – e alterá-la sutilmente até desfigurá-la totalmente, provocando, com isto, às vezes, danos irreparáveis. Provavelmente, o pior do caso é que esses atos criminosos sequer são fruto de uma conspiração política, empresarial ou cultural, mas, mais simplesmente, de pobres diabos que, desse modo, procuram combater o tédio ou a pavorosa aridez de sua vida. Eles precisam se divertir de algum modo e, acaso há um esporte mais divertido do que aviltar ou ridicularizar ou colocar em situações escandalosas outras pessoas, uma vez que, além do mais, isto pode ser perpetrado com a impunidade mais absoluta?

Por isso, os corajosos esforços de Philip Roth em defesa da sua identidade de escritor e de cidadão, para que lhe permitam continuar sendo o que é e não uma caricatura de si mesmo, embora admiráveis, são provavelmente absolutamente inúteis. Vivemos numa época em que o que julgávamos ser o último reduto da liberdade, a identidade pessoal, ou seja, o que nos tornamos mediante nossas ações, decisões, convicções, aquilo que cristaliza nossa trajetória vital, já não nos pertence senão de maneira muito provisória e precária.

Assim como a liberdade política e cultural, também nossa identidade agora pode nos ser arrebatada, mas, neste caso, por tiranetes<sup>41</sup> e ditadores invisíveis, que, em vez de chicotes, espadas ou canhões, usam teclas e telas e se servem do éter, de um fluido imaterial, sub-reptício e tão sutil e poderoso que pode invadir nossa intimidade mais secreta e reconstruí-la a seu bel-prazer.

---

<sup>41</sup> **Tiranete**: pequeno tirano.

## REFLEXÕES X

---

Ao longo de sua história, o ser humano teve de enfrentar todo tipo de inimigos da liberdade e, com grandes sacrifícios, deixando o campo de batalha coberto de inúmeras vítimas, sempre conseguiu derrotá-los. E acredito que também, no final, derrotaremos este último. Mas temo que essa vitória demorará e nem Philip Roth nem eu chegaremos a comemorá-la. ●

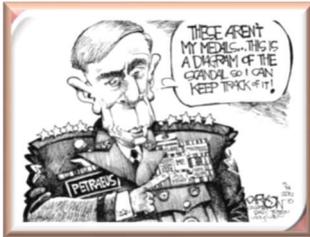
**Mario Vargas Llosa**

LUIZ BIANCHI

## Os generais e as saias

Mario Vargas Llosa

18 de novembro de 2012



A CIA, o FBI e a hierarquia militar dos Estados Unidos estão descobrindo somente agora o que qualquer aficionado de literatura sabe desde sempre: que uma amante ciumenta é para temer e pode provocar grandes catástrofes.

Esses são, até agora, os fatos conhecidos da extraordinária novela que sacode o país mais poderoso da terra. Jill Kelley, uma vistosa morena, esposa de um respeitado cardiologista de Tampa, na Flórida, começou a receber há alguns meses *e-mails* anônimos ameaçadores, acusando-a de flertar com o general David Petraeus, chefe da Agência Central de Inteligência (CIA) e o militar mais condecorado, ilustre e admirado do país. Um dos *e-mails* acusava Jill Kelley de ter "tocado" o general por baixo da mesa. Alarmada com esse assédio, ela alertou um agente do FBI, que era seu amigo e, vale a pena informar, costumava enviar a ela fotos pela *internet* com o peito nu e exibindo seus bíceps.

O agente informou seu chefes e o FBI iniciou uma investigação, quando então descobriu que a fonte anônima dos *e-mails* era a senhora Paula Broadwell, também mulher de um médico, mãe de dois filhos, ex-miss, campeã esportiva da academia militar de West Point, com mestrado em Harvard e autora de uma hiperbólica biografia do general Petraeus.

Interrogada pelos agentes do FBI, Paula admitiu os fatos e entregou seu computador para os investigadores. E os investigadores encontraram ali arquivados documentos secretos relativos à segurança nacional e um grande número de *e-mails* do general Petraeus para Paula, de "exaltada sexualidade", de acordo com o relatório. A senhora em questão negou que tivesse recebido esses documentos secretos do chefe da CIA, mas reconheceu que ambos

foram amantes.

Os investigadores entrevistaram o general que, negando categoricamente ter fornecido informações confidenciais para sua biografia, admitiu o adultério (Paula viajou seis vezes ao Afeganistão, para reunir documentos para a biografia, quando o general era o chefe militar de todas as forças da Otan).

Embora nenhuma falha fosse provada no exercício das suas funções em consequência do seu relacionamento com Paula, o general Petraeus renunciou ao cargo, o presidente Obama aceitou sua demissão e da noite para o dia uma das figuras mais prestigiosas dos Estados Unidos, quase um ídolo para os oficiais e recrutas das suas Forças Armadas, ficou desacreditada, jogada na lama da imprensa escandalosa e, provavelmente, com sério contencioso conjugal para resolver.

Esse é somente um dos aspectos da história. Porque ela se bifurca, desde seu ponto de partida, ou seja, de Jill Kelley, aquela que recebeu *e-mails* anônimos da amante ciumenta. Quando os investigadores do FBI a entrevistaram, ela consentiu em entregar seu computador e nele foi encontrado um tesouro de informações de conteúdo sexual de enormes proporções: dezenas de milhares de *e-mails* picantes enviados a Jill pelo general John Allen, que há um ano e meio sucedeu o general Petraeus no comando das forças militares no Afeganistão e a quem o governo dos Estados Unidos propôs ser o próximo comandante supremo da Otan (a proposta está em suspenso em razão do escândalo). O ministério da Defesa, que investiga os *e-mails* os qualificou provisoriamente de "indevidos e impróprios".

O general do John Allen, um marine repleto de condecorações e guerras, negou ter tido algum dia relações adúlteras com Jill Kelley, e seus amigos e defensores alegam que o general, nos seus intercâmbios cibernéticos com Jill, o máximo que se permitia eram picardias verbais.

Se isso for verdade, em vez de exonerar o general, aumenta mais a sua culpa e ele demonstra que, embora não seja um adúltero, é sem dúvida um homem desprezível. porque, segundo o The New York

Times de 14 de novembro, o número de páginas dos textos confiscados do computador de Jill Kelley, assinados por John Allen, oscila entre "20 mil e 30 mil páginas".

Passei minha vida escrevendo e sei o tempo que leva redigir uma página. Mas para escrever 20 mil a 30 mil o general, mesmo com a velocidade do vento, atribuída a Alexandre Dumas, deve ter dedicado várias horas por dia dos 16 meses que passou no Afeganistão. E o fazia para matar o tempo e provocar sorrisos e algum rubor numa dama que nem sequer amava. Não estranha que a guerra no Afeganistão esteja na situação em que se encontra, onde diariamente os fanáticos talebans cometem atentados sempre mais bem-sucedidos. O desanimador é que diariamente são vítimas desses horrores tantos jovens soldados enviados pelos Estados Unidos e seus aliados para aquela região para defender ideias e valores que alguns figurões militares parecem levar muito pouco a sério.

**Diferenças.** Sempre fiquei impressionado nos países de tradição protestante e puritana, como Grã-Bretanha e Estados Unidos, com a exigência de que as personalidades públicas não só cumpram com seus deveres oficiais, mas sejam em sua vida privada exemplos de virtude. Escândalos como o provocado pelo presidente Bill Clinton com a famosa estagiária da Casa Branca, que quase levou ao seu *impeachment*, seriam pouco menos que impossíveis na maior parte dos países europeus, sem falar nos latino-americanos, onde se costuma diferenciar claramente a vida privada dos políticos da sua atuação política. A menos que os excessos e o descontrole do personagem repercutam diretamente na sua função oficial, ela é respeitada, e presidentes, ministros, parlamentares, generais e prefeitos às vezes expõem as suas amantes com total descaramento pois, diante de um certo público machista, esse exibicionismo, em vez de difamá-los, lhes dá prestígio.

Mas agora, graças à grande revolução audiovisual e cibernética, o privado já não existe, ninguém o respeita e transgredi-lo é um esporte praticado diariamente pelos meios de comunicação para um público que exige isso com avidez.

Desde que eclodiu o escândalo, TVs, rádios, jornais e redes sociais exploram o fato de uma maneira incessante, frenética, até a náusea. Esta é a civilização do espetáculo nu e cru, revelando insídias<sup>42</sup> em profusão, mas também, é preciso admitir, submetendo o sistema a uma autocrítica impiedosa, implacável. Também mostrando a fragilidade oculta por trás do poder esmagador e como as misérias e debilidades humanas encontram sempre uma maneira de se incrustar nos redutos que parecem melhor defendidos contra elas.

Que conclusões tirar dessa história? Que ela vai durar muito e muita gente vai se aproveitar do interesse enorme que ela desperta no grande público. Haverá livros, números especiais de revistas, programas de TV e filmes a respeito. Certamente a biografia do general David Petraeus escrita por Paula Broadwell entrará na lista dos livros mais vendidos e talvez ela fique rica. Aposto que Jill Kelley será tentada por algum editor oportunista a escrever sua própria versão da história (que nem sequer precisará escrever, pois isso será feito por um profissional que saberá usar todos os condimentos necessários para parecer – apenas parecer, mais pecaminosa e grave do que foi). Se o livro for um sucesso, servirá para que o senhor e a senhora Kelley paguem suas dívidas, pois uma das coisas que o escândalo revelou é que a situação financeira do casal beira a ruína.

Provavelmente o general John Allen ficará sem a formidável nomeação que o converteria no comandante supremo da Otan. Seu caso não me desperta nenhuma pena e não creio que as forças militares do mundo livre vão perder um grande estrategista. Por outro lado, o caso do general Petraeus é trágico. Ele foi um grande militar, com um currículo impecável e conseguiu algo que parecia impossível: dar uma reviravolta na guerra no Iraque e permitir que os Estados Unidos saíssem dessa armadilha diabólica, senão vitoriosos, pelo menos honradamente. Um "erro de julgamento" que durou quatro meses o lançou na ignominia e, ao ser lembrado no futuro, não será por todas as guerras das quais participou na vida,

---

<sup>42</sup> **Insídia:** falta de lealdade; traição, cilada.

## REFLEXÕES X

---

nem pelos ferimentos que sofreu, nem pelas vidas que ajudou a salvar, mas por uma furtiva aventura sexual. ●

**Mario Vargas Llosa**

LUIZ BIANCI

## Espaço reúne coleções particulares de autores mexicanos

Mario Vargas Llosa

4 de dezembro de 2012



*La Ciudad de los Libros (A Cidade dos Livros) é a mais original e criativa biblioteca do século XXI*

Há cerca de 20 anos ouvi a agente literária e matriarca dos escritores, Carmen Balcells, falar de um projeto fabuloso relacionado com Barcelona e os livros. Nos anos seguintes ela continuou promovendo sua ideia e, enquanto a refinava e aperfeiçoava e ao mesmo tempo, utilizando todas as artes e técnicas de que era capaz (e que são quase infinitas), procurava convencer as autoridades da Generalitat a implantá-lo.

Seu projeto era transformar todos os antigos quartéis da Ciudad Condal em Arquivos e Bibliotecas de Escritores. Como nos anos 1970 Barcelona foi a capital do *boom* e terra privilegiada de encontros de escritores latino-americanos e espanhóis, Carmen desejava que os primeiros arquivos e bibliotecas criados nas antigas casernas fossem os de Gabriel García Márquez, Julio Cortázar, Carlos Fuentes, e outros, e pouco a pouco seriam acrescentados muitos outros, da Espanha, Europa e do mundo todo. Em alguns anos (10, 20, ou 50), Barcelona iria se transformar numa esplêndida Cidade dos Livros, em que investigadores, bibliófilos e leitores dos cinco continentes se congregariam para consultar, ler e participar de seminários e cursos sobre toda a literatura contemporânea.

As autoridades catalãs não devem ter sido muito receptivas ao projeto porque, no decorrer dos anos, Carmen Balcells referiu-se cada vez menos ao assunto até que um dia desistiu do seu sonho, por considerá-lo impossível de realizar. O que ninguém podia prever é que, anos depois, um projeto equivalente, embora de

proporções menos gigantescas, começaria a germinar do outro lado do oceano, na capital do México, graças ao empenho de uma matriarca mexicana chamada Consuelo Sáizar Guerrero, tão iluminada e pragmática como Carmen Balcells (talvez menos imponente), mas desta vez o projeto se tornaria realidade, transformando a capital mexicana na sede da mais bela, original e criativa biblioteca do século XXI: La Ciudad de los Libros (A Cidade dos Livros).

A Cidade, um espaço imenso e maravilhoso, é constituída de pátios, jardins e espaços onde foram reunidas as bibliotecas particulares de diversos escritores mexicanos: José Luis Martínez, Antonio Castro Leal, Jaime García Terrés, Alí Chumacero e Carlos Monsiváis, que somam, juntas, cerca de 350 mil volumes. Cada biblioteca foi confiada a um grupo de arquitetos, artistas e decoradores que reconstruíram e organizaram as diferentes coleções respeitando a personalidade, os gostos, as manias, as fantasias e as ideias de seus antigos proprietários. Ao mesmo tempo, procurando facilitar ao máximo o acesso aos livros e o conforto dos leitores. Não exagero quando afirmo que todos esses edifícios – muito diferentes um do outro – são criações em que o bom gosto, a funcionalidade e a atmosfera agradável estimulam de modo extraordinário qualquer intelectual. Sei por experiência própria. Passei a vida lendo e escrevendo nas bibliotecas de todas as cidades em que vivi e – com exceção talvez da antiga **British Library**, quando estava no Museu Britânico e antes de se transferir para o mastodonte de St. Pancras – não me lembro de sentir tanta vontade de escrever (e até viver ali) como nas várias bibliotecas da Cidade mexicana.

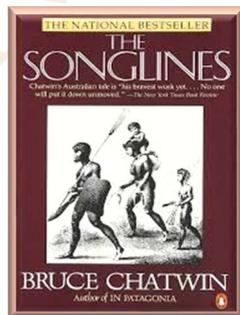
Nada mais correto que as bibliotecas sejam o retrato dos seus donos. Basta comparar a ordem e o equilíbrio dos 70 mil volumes reunidos pelo historiador, ensaísta e crítico José Luis Martínez, com a atmosfera poética e eclética de García Terrés, ou a alegre desordem e a curiosidade desenfreada do sagaz cronista da cultura popular que foi Carlos Monsiváis. Na entrada do pavilhão que abriga a biblioteca de Monsiváis, o visitante recebe uma fotografia com os olhos sedutores de Maria Félix contendo uma carinhosa dedicatória que a diva fez ao cronista. O pintor Francisco Toledo

## REFLEXÕES X

estendeu no chão um tapete decorado com muitos gatos que Monsiváis criava e idealizou um painel delicado e exótico com as lombadas dos livros e uma cabeça do seu antigo dono, que os contempla nostalgicamente.

Além desses espaços há outros, como um dedicado às crianças, aos bebês. Sim, bebês e o seu local chama-se Bebeteca! E também aos cegos (eufemisticamente batizado de Biblioteca Para Deficientes Visuais). Tive vontade de dar uma rápida espiada na misteriosa Bebeteca, mas, em vez disso, passei um bom tempo passeando pelo pavilhão infantil e me senti criança outra vez, entre aqueles jogos com personagens e lugares de contos de fadas e histórias de aventuras que astutamente despertam a curiosidade dos precoces leitores para os livros em que aqueles joguinhos se inspiram. Há também o auditório de Mil e Uma Noites para os contadores de histórias.

Talvez o mais literário e original desses pavilhões seja a biblioteca para cegos. A música ali é tão importante como no belo romance de Bruce Chatwin, *The Songlines*, onde ele descreveu o mundo antigo dos aborígenes australianos como um fantástico lugar onde as fronteiras entre as diferentes etnias e comunidades não eram geográficas, mas musicais. No interior dessa biblioteca, os espaços são delimitados por composições sonoras, cujos autores trabalharam na sua criação com assessoria dos próprios cegos. Guiados pela música, eles conseguem se dirigir às estantes ou locais de leitura que normalmente ocupam. A biblioteca não só dispõe de uma vasta coleção de obras em braile, mas também de *tablets*, fitas e discos de livros gravados que podem ser ouvidos em pequenas cabines individuais. Isolando esse local dos ruídos da rua há um jardim e um caminho em que os aromas de flores e das árvores guiam o usuário da porta de entrada da Cidade até à biblioteca, sem necessidade de guias.



Consuelo Sáizar Guerrero, presidente do Consejo Nacional para la Cultura y las Artes (Conaculta) não teria conseguido realizar esse

## REFLEXÕES X

---

formidável projeto cultural se não tivesse recebido o apoio (e os recursos) do governo do presidente de saída, Felipe Calderón. Como Calderón ousou enfrentar o dragão do narcotráfico, uma guerra que fez correr muito sangue e causou grande sofrimento em seu país, muitos julgam negativamente a sua gestão. Acho que ele foi corajoso, honrado e contribuiu decisivamente para a democratização do que é, hoje, o país de língua espanhola mais populoso do mundo. E não erro quando afirmo que, no decorrer do tempo, e uma vez desaparecida da memória histórica a violência destes últimos anos associada ao narcotráfico, a Cidade dos Livros continuará ali, intacta, atraindo cada vez mais leitores, como um enclave de civilização invulnerável à barbárie. ●

**Mario Vargas Llosa**

## O soldado desconhecido

Mario Vargas Llosa

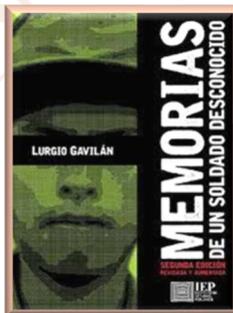
16 de dezembro de 2012



Lurgio Gavilán Sánchez teve uma vida que parece saída de um romance de aventuras e a narra em uma autobiografia que acaba de publicar, *Memórias de um Soldado Desconhecido*. Nascido em uma aldeia indígena da serra peruana, aos doze anos, imitando seu irmão mais velho,

engajou-se em um destacamento revolucionário do Sendero Luminoso e, por cerca de três anos, foi um ativo participante da sangrenta utopia maoista de Abimael Guzmán, a "quarta espada do marxismo", que, por meio do terror, queria materializar nos Andes o paraíso comunista.

Antes de completar 15 anos, seu destacamento caiu numa emboscada preparada pelo Exército. Normalmente, teria sido executado, como exigiam os ronderos (camponeses que lutavam contra o Sendero) que participaram de sua captura. No entanto, o tenente da patrulha militar – Lurgio nunca soube seu nome, apenas seu apelido, Shogun – compadeceu-se do menino, poupou sua vida e o fez vestir um uniforme de soldado. Também o mandou para a escola, onde Lurgio aprendeu a ler.



Ele serviu o Exército por sete anos, sempre na região de Ayacucho, combatendo seus antigos camaradas e participando, às vezes, de operações tão cruéis quanto as perpetradas pela Companhia 90 do Sendero Luminoso à qual pertencera. Chegou à patente de sargento e, quando estava para ascender à de suboficial, pediu baixa.

Graças a uma monja, descobrira em si a vocação religiosa. Conseguiu ser aceito como aspirante na ordem franciscana e, por alguns anos, foi noviço, inicialmente em Lima, depois no convento

colonial de Ocopa, no departamento (Estado) andino de Junín. Ao que tudo indica, viveu intensamente os anos passados no noviciado franciscano, entregue ao estudo e à meditação, ao exercício da catequese em aldeias camponesas e visitando centros missionários nos montes orientais e da Amazônia. Após alguns anos, abandonou o hábito para estudar antropologia, disciplina à qual se dedica desde então.

O livro no qual Lurgio Gavilán Sánchez conta a sua história é comovente, um documento humano que lemos quase num estado de transe pela terrível experiência que transmite, por sua evidente sinceridade e lisura moral, ausência de pretensão e de pose, pela simplicidade e pelo frescor com que foi escrito. Não há nele qualquer traço das arresadas teorias e da má prosa que enfeiam frequentemente os livros dos "cientistas sociais" sobre terrorismo e violência social, apenas uma história na qual o que foi vivenciado e o que é contado integram-se conquistando totalmente a credibilidade e a simpatia do leitor.

Limitando-se a contar o que viveu, e intercalando às vezes no relato breves evocações da paisagem andina, o desaparecimento dos companheiros, a morte do irmão, o terror que às vezes tomava conta de todo o grupo e a ferocidade de alguns fatos – por exemplo, a execução do sentinela que ficava dormindo e o assassinato dos delatores reais ou supostos –, Lurgio Gavilán coloca o leitor bem no centro da loucura ideológica e da crueldade vertiginosa que o Peru viveu nos anos 1980, principalmente na região dos Andes centrais, com a guerra deflagrada pelo Sendero Luminoso.

O que começa como um sonho igualitário de justiça social logo se transforma numa caça às bruxas repleta de asneiras sectárias e de uma brutalidade ilimitada. Diariamente, há sessões de doutrinação nas quais os guerrilheiros leem – em voz alta para os que não sabem ler – folhetos de Stalin, Lenin, Marx e Abimael Guzmán, e cantam hinos revolucionários. No começo, os camponeses ajudam e alimentam os guerrilheiros, mas logo estes os obrigam a dar-lhes ajuda pela força, enquanto executam matanças coletivas contra as comunidades rebeldes à revolução, que apoiam os ronderos. Ao mesmo tempo, enforcam ou fuzilam seus próprios companheiros

suspeitos de serem delatores. Todos vivem na insegurança e no temor de cair em desgraça por fraqueza humana – roubar comida, por exemplo –, pois o castigo é quase sempre a morte.

A selvageria não é menor entre os soldados que combatem os terroristas. Os direitos humanos não existem para as forças da ordem nem tampouco são respeitadas as mais elementares leis da guerra. Os prisioneiros são executados quase de imediato, salvo quando são mulheres. Estas, antes de serem mortas, são levadas ao quartel para que cozinhem, lavem a roupa e para serem estupradas todas as noites pela tropa.

Se a autobiografia de Gavilán Sánchez não fosse narrada com a austeridade e o pudor com que foi escrita, as atrocidades das quais foi testemunha e talvez cúmplice, não convenceriam. São convincentes porque ele foi capaz de contar sua história com uma naturalidade e simplicidade que subornam o leitor e desarmam seus preconceitos. É extraordinário que quem viveu, desde criança, semelhantes horrores, não tenha se tornado insensível e não tenha perdido toda noção de retidão, compaixão ou solidariedade com o próximo. Ao contrário. O livro revela em suas páginas um espírito sensível, que nem mesmo nos momentos de máxima exaltação política perde a racionalidade, deixa de questionar o que está fazendo e se abandona à paixão destrutiva. Sempre há nele um sentimento íntimo de repúdio do sofrimento alheio, dos assassinatos, das represálias, das execuções e torturas e, por alguns momentos, está repleto de um sentimento de tristeza que parece anulá-lo. Esse afã de redenção que o invade transmite-se à paisagem, repercute-se nos grandes maciços andinos cobertos de neve, estremece os pequenos bosques nos vales onde cantam as cotovias.

Esses parênteses que, vez por outra, se abrem no relato para descrever o ambiente, as plantas, as árvores, as montanhas, os rios, são como brisa refrescante entre tanta dor e miséria, como uma delicada poesia no meio do apocalipse. É um milagre que Lurgio Gavilán tenha sobrevivido a essa terrível aventura. No entanto, o mais notável é talvez o fato de que, depois de ter experimentado o horror por tantos anos, tenha saído dele sem sombra de amargura,

## REFLEXÕES X

---

de coração limpo, podendo dar um testemunho tão convincente e tão lúcido de um período que continua despertando grandes paixões no Peru. O seu livro deveria ser lido por todos os jovens que ainda acreditam que a verdadeira justiça está na ponta do fuzil.

Memórias de um Soldado Desconhecido mostra, melhor do que qualquer tratado histórico ou ensaio antropológico, como é fácil cair em uma espiral de violência vertiginosa a partir de uma visão dogmática e simplista da sociedade e das supostas leis históricas que regulariam seu funcionamento. A esquemática convicção de Abimael Guzmán de que os camponeses andinos poderiam reproduzir a "grande marcha" de Mao Tsé-tung, incendiar a planície, arrasar a burguesia, o capitalismo e transformar o Peru num país igualitário e coletivista, produziu centenas de milhares de mortos, milhões de torturados e desaparecidos, famílias e aldeias destruídas, o aumento do desespero e da pobreza dos mais pobres e desamparados e permitiu que se entronizasse no país, durante dez anos, uma das mais corruptas ditaduras da nossa história.

Aparentemente, essa tragédia fez com que os peruanos abrissem os olhos, imunizando-os contra semelhante loucura. Precisamente agora, porém, quando graças à democracia e à liberdade o Peru vive um período de desenvolvimento econômico sem precedentes em sua história, o Sendero volta a aparecer, emboscado por trás de supostas associações que pedem a abertura das prisões para os autores dos atentados terroristas dos anos 1980. Este momento não poderia ser mais propício para o lançamento de um livro como o de Lurgio Gavilán. •

**Mario Vargas Llosa**

## Sartre e seus ex-amigos

Mario Vargas Llosa

13 de janeiro de 2013



Eu arrumava meu escritório quando um livro caiu de uma estante aos meus pés. Era o quarto volume da série *Situations* (1964) que reúne artigos e ensaios curtos de Sartre. O livro estava repleto de anotações que fiz quando o li, no mesmo ano em que foi publicado. Comecei a folheá-lo e passei o fim de semana relendo-o. Foi uma viagem no tempo e na história, uma peregrinação à minha juventude e às fontes da minha vocação.

Os livros e as ideias de Sarte marcaram minha adolescência e meus anos de universidade desde que descobri seu livro de contos *O Muro*, em 1952, meu último ano de colégio. Devo ter lido tudo o que ele escreveu até 1972, quando concluí, em Barcelona, os três densos tomos dedicados a Gustave Flaubert (*O Idiota da Família*), outra obra que deixou incompleta, como os romances de *Os Caminhos da Liberdade*, e o seu trabalho para fundir o existencialismo e o marxismo, *Crítica da Razão Dialética*, cuja síntese final, prometida muitas vezes, nunca escreveu.



Depois de 20 anos lendo e estudando Sartre com verdadeira devoção, acabei decepcionado com seus vaivéns ideológicos, suas grosserias políticas, sua logomaquia<sup>43</sup>, e convencido de que teria sido mais proveitoso consagrar o esforço intelectual dedicado às suas obras de ficção, seus calhamaços filosóficos, suas polêmicas e

---

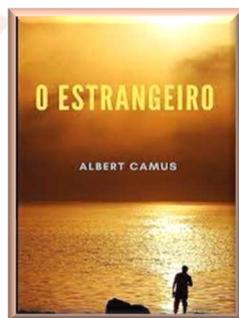
<sup>43</sup> **Logomaquia**: querela em torno de coisas insignificantes.

## REFLEXÕES X

seus ditames arbitrários, a outros autores, como Popper, Hayek, Isaiah Berlin ou Raymond Aron.

Contudo, confesso que foi uma experiência estimulante – e um pouco melancólica – a releitura das suas discussões com Albert Camus em 1952, sobre os campos de concentração soviéticos, da sua lembrança e empenho para reabilitar Paul Nizan, em março de 1960, e do longo epitáfio (quase uma centena de páginas) que dedicou à memória do seu companheiro de estudos, aventuras políticas e editoriais, amigo e adversário, o filósofo Maurice Merleau-Ponty (1961).

Sartre adorava a polêmica e a sua prosa, sempre inteligente, mas seca e áspera, nos debates se inflamava, brilhava e o seu afã de aniquilação conceitual do seu antagonista era insaciável. Simone de Beauvoir não se equivocou ao afirmar que ele era "uma máquina de pensar", mas acrescentou que esse intelecto desmedido, essa razão "raciocinante" podia ser também, em algum momento, fria e desumana. Lida hoje, não há a menor dúvida que sua resposta a Camus foi equivocada e injusta e que foi o autor de *O Estrangeiro* que defendeu a verdade, ao condenar a morte lenta, pelo stalinismo, de milhões de soviéticos no Gulag, quase sempre por causa de suspeitas infundadas de dissidência.

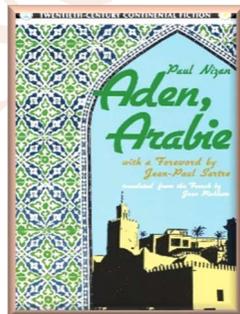


Camus defendeu a verdade também ao afirmar que toda a ideologia política desprovida de sentido moral se converte em barbárie, mas, ainda assim, os argumentos oferecidos por Sartre, apesar do caráter capcioso e sofismático, são expostos de maneira tão esplêndida, com uma retórica tão astuta e persuasiva, tão bem coordenados e ilustrados, que suscitam a dúvida e semeiam a confusão no leitor. Arthur Koestler pensou em Sartre quando disse que um intelectual, sobretudo na França, era alguém que acreditava em tudo aquilo que podia demonstrar e que demonstrava tudo aquilo em que acreditava. Ou seja, um grande sofista.

## REFLEXÕES X

A evocação de Paul Nizan (1905- 1940), seu discípulo no liceu Louis Le Grand e na Escola Normal Superior, unidos por uma amizade tempestuosa, é magnífica e comovedora. Filho de um operário bretão que graças ao seu talento recebeu uma educação esmerada, Nizan foi muitas coisas – dândi<sup>44</sup>, anarquista, autor de panfletos às vezes disfarçados de romances que seduziam pela violência intelectual e força expressiva – até se converter num disciplinado militante do Partido Comunista. Quando a URSS firmou um pacto com a Alemanha nazista, Nizan desligou-se do partido e criticou duramente a aliança. Pouco depois, no início da Segunda Guerra Mundial, morreu em consequência de uma bala perdida. Mas sua verdadeira morte foi a hedionda campanha de descrédito levada a cabo pelos comunistas para aviltar sua memória.

Camus rompeu com Sartre por causa da aproximação deste com o Partido; Nizan, por causa das divergências e reticências em relação a ele. Em seu ensaio, que serviu de prólogo para o livro de Nizan, *Aden Arabie*, Sartre faz um relato muito vivo da fulgurante trajetória desse companheiro que parecia destinado a ocupar um lugar proeminente na vida cultural e que morreu daquela maneira trágica aos 35 anos. Ao passo que, quando refuta Camus, aparece como um perfeito companheiro de viagem, em que se dedica a defender a vida e obra de Nizan, Sartre é um debelador implacável do sectarismo dogmático que cobria seus críticos de calúnias infames e preferia desqualificá-los moralmente em vez de responder aos seus argumentos com argumentos. O ensaio é também uma premonição do que poderíamos chamar de espírito de maio de 1968, pois nele Sartre propõe que Nizan se torne um exemplo para as novas gerações, pois foi capaz de romper com os padrões ideológicos e as convenções e esquemas da esquerda francesa e buscar por conta própria e por meio da experiência vivida um plano de ação – uma práxis – que aproximasse o meio



<sup>44</sup> **Dândi**: indivíduo que se veste e comporta com afetação e delicadeza.

intelectual dos setores explorados da sociedade.

O ensaio sobre Merleau-Ponty também é uma autobiografia política e intelectual, um relato dos anos que compartilharam, como estudantes de filosofia na Escola Normal Superior, o descobrimento da política, do marxismo, da necessidade do compromisso e, principalmente, a tomada de consciência do ódio que o ambiente burguês, do qual ambos provinham, lhes inspirava. Este ódio está impregnado em todas as frases deste ensaio e poderíamos dizer que, com frequência, antes das ideias e raciocínios e antes também da solidariedade para com os marginalizados, é este ódio que leva os dois amigos a determinadas posições e pronunciamentos.

Sartre é muito sincero e não precisa muito para reconhecer que, para ele, o objetivo primordial da revolução é acabar com essa classe social privilegiada, dona do capital e do espírito, na qual ele nasceu e contra a qual nutre uma fobia patológica. Neste ensaio aparece a famosa afirmação sartreana – "Todo anticomunista é um cão" – que levou Raymond Aron a perguntar a Sartre se era caso de considerar a humanidade um canil.

Merleau-Ponty foi o último dos intelectuais de alto nível com os quais Sartre fundou *Les Temps Modernes* a se desligar da revista que durante anos foi para muitos jovens da minha geração uma espécie de Bíblia política. A partir do afastamento de Merleau-Ponty, nos anos 1950, ficaram com Sartre apenas os incondicionais que, durante toda a Guerra Fria, aprovariam suas idas e vindas e suas contradições às vezes delirantes nesse imbróglio sadomasoquista em que ele viveu até o final com todas as variantes comunistas (incluindo a China da revolução cultural).

Este ensaio impressiona porque mostra a fantástica evolução da Europa neste meio século depois que foi escrito. Quando Sartre o publicou, a União Soviética parecia uma realidade consolidada e irreversível. A impressão geral era de que a Guerra Fria se transformaria a qualquer momento numa guerra abrasadora e, embora Sartre e Merleau-Ponty tivessem posições divergentes sobre muitas coisas, ambos estavam convencidos de que a terceira guerra mundial seria inevitável e que, ao irromper, o Exército soviético em

breve ocuparia toda a Europa ocidental.

A política arrebatada até a medula a vida cultural em todas as suas manifestações e os extremos deixam um pequeno espaço para um centro democrático e liberal que tem poucos defensores no mundo intelectual. Sartre e Merleau-Ponty não só consideram de Gaulle e a Quinta República representantes de um fascismo ressurgente como os Estados Unidos um novo nazismo. Semelhante disparate naqueles anos de esquematismos e intolerância era comum.

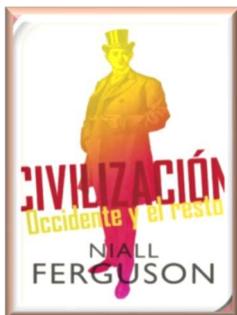
É assustador o fato de pensadores que considerávamos os mais lúcidos do seu tempo se deixarem cegar a tal ponto por preconceitos políticos. Mas apesar das viseiras ideológicas, aqueles debates têm algo que hoje foi varrido, de um lado, pela banalidade e frivolidade, e de outro pelo obscurantismo acadêmico: a preocupação com os grandes temas da justiça e injustiça, como conciliar o conteúdo real da liberdade com a justiça e impedir que seja apenas uma abstração metafísica, etc. Hoje os debates intelectuais têm um horizonte muito limitado e transpiram uma secreta resignação conformista, uma noção de que aquelas utopias à época de Sartre e Camus foram erradicadas para sempre da história. Nos tempos atuais, em se tratando de política, é proibido sonhar e somente são permitidos os sonhos literários e artísticos. ●

**Mario Vargas Llosa**

## Apogeu e queda do Ocidente

Mario Vargas Llosa

20 de janeiro de 2013



Em seu ambicioso livro *Civilização: O Ocidente e os Outros*, Niall Ferguson expõe as razões pelas quais, a seu ver, a cultura ocidental superou todas as outras e, durante 500 anos, exerceu um papel hegemônico no mundo, contagiando as demais com parte de seus usos, métodos de produzir riqueza, instituições e costumes. E, também, porque ela depois foi perdendo brio e liderança de maneira paulatina a ponto de não se poder descartar que, num futuro previsível, seja substituída

pela pujante Ásia de nossos dias encabeçada pela China.

Segundo o professor de Harvard, há seis razões para a instauração daquele predomínio: a concorrência que instigou a fragmentação da Europa em tantos países independentes; a revolução científica, pois todas as grandes conquistas de matemática, astronomia, física, química e biologia, a partir do século XVII, foram europeias; o império da lei e o governo representativo com base no direito de propriedade surgido no mundo anglo-saxão; a medicina moderna e seu prodigioso avanço na Europa e nos Estados Unidos; a sociedade de consumo e a irresistível demanda de bens que acelerou de maneira vertiginosa o desenvolvimento industrial, e, sobretudo, a ética do trabalho que, tal como a descreveu Max Weber, deu ao capitalismo no âmbito protestante normas severas, estáveis e eficientes que combinavam firmeza, disciplina e austeridade com frugalidade, prática religiosa e o exercício da liberdade.

O livro é erudito e, ao mesmo tempo, ameno, embora não excessivamente imparcial, pois privilegia os aportes anglo-saxões e, por exemplo, menospreza os franceses, e supervaloriza os efeitos positivos da reforma protestante sobre os católicos e os laicos no progresso econômico e cívico do Ocidente. Mas tem muitos aspectos

originais, como sua tese segundo a qual a difusão da forma de vestir ocidental por todo o mundo foi inseparável da expansão de um modo de vida e de valores e modas que foram homogeneizando o planeta e impulsionando a globalização. Por isso, com argumentos muito convincentes, Ferguson sustenta que a promoção do lenço ou do véu islâmicos não é uma moda, mas sim parte de uma agenda cujo objetivo último é limitar os direitos da mulher e conquistar uma cabeça de ponte para a instauração da sharia (a lei islâmica). Foi o que ocorreu no Irã após a Revolução de 1979 quando os aiatolás empreenderam a campanha indumentária contra o que chamavam de "ocidentoxicação" e começa a ocorrer agora na Turquia, embora de maneira mais lenta e dissimulada.

Ferguson defende a civilização ocidental sem complexos nem reticências, mas é muito consciente do legado sinistro que também constitui parte dela, – a inquisição, o nazismo, o fascismo, o comunismo e o antissemitismo, por exemplo –, mas algumas de suas convicções são difíceis de compartilhar. Entre elas, a de que o imperialismo e o colonialismo, somando prós e contras, e sem atenuar em nada as matanças, saques, atropelos e destruição de povos primitivos que causaram, foram mais positivos que negativos, pois fizeram retroceder a superstição, as práticas e crenças bárbaras, e impulsionaram processos de modernização. Talvez isso valha para algumas regiões específicas e certos tipos de colonização, como os que experimentou a Índia, mas dificilmente seria válido no caso de outros países, por exemplo, o Congo, cuja anarquia e desagregação crônicas derivam, em grande parte, da ferocidade da exploração e do genocídio de suas comunidades impostos pelo colonialismo belga.

O livro dedica muitas páginas a descrever a fascinante transformação da China coletivista e maoísta do Grande Salto à Frente e da Revolução Cultural de Mao Tsé-tung na impulsionada por Deng Xiaoping, a de um capitalismo em marcha forçada, abrindo mercados, estimulando os investimentos estrangeiros e a concorrência industrial, permitindo o crescimento de um setor econômico não público e da propriedade privada, mas conservando o autoritarismo político. Tal como a Inglaterra da Revolução

Industrial que Max Weber estudou, o professor Ferguson destaca o pouco conhecido papel que também desempenhou na China o desenvolvimento do cristianismo, em especial o das igrejas protestantes, enquanto sua economia disparava e batia todos os recordes históricos de progresso estatístico. Os números que ele mostra no caso concreto da cidade de Wenzhou, Província de Zhejiang, a mais empreendedora da China, são impressionantes. Há 30 anos, havia uma trintena de igrejas protestantes e agora há 1.339 aprovadas pelo governo (e muitas outras não reconhecidas).

Chamada "a Jerusalém chinesa", em Wenzhou um bom número de empresários emergentes assumem abertamente sua condição de cristãos reformados e a associam diretamente ao seu trabalho. A entrevista que Ferguson realiza com um desses prósperos "chefes cristãos" de Wenzhou, chamado Hanping Zhang, um dos maiores fabricantes de canetas esferográficas e tinteiro do mundo, é extremamente instrutiva.

Embora não o diga explicitamente, todo o conteúdo de **Civilização: O Ocidente os Outros** deixa entrever a ideia de que o formidável progresso econômico da China irá abrindo o caminho para a democracia política, pois, sem a diversidade, a livre investigação científica e técnica e a permanente renovação de quadros e equipamentos que ela estimula, seu crescimento estancaria e, como ocorreu com todos os grandes impérios não ocidentais do passado – Ferguson nos oferece uma síntese apaixonante dessa constante histórica – desmoronaria. Se isso ocorrer, a liderança que a civilização ocidental manteve por cinco séculos terá terminado e na sequência serão a China e um punhado de países asiáticos que assumirão o papel de naus capitâneas da marcha do mundo para o futuro.

As críticas de Ferguson ao mundo ocidental de nossos dias são muito válidas. O capitalismo se corrompeu pela ganância desenfreada dos banqueiros e das elites econômicas, cuja voracidade, como demonstra a crise financeira atual, os levou a operações suicidas que atentavam contra os próprios fundamentos do sistema. E o hedonismo, hoje em dia um valor incontestado, passou a ser a única religião respeitada e praticada, pois as outras,

sobretudo o cristianismo, tanto em sua variante católica como protestante, se encolhem por toda a Europa como uma pele de peixe e cada vez exercem menos influência na vida pública de suas nações. Por isso a corrupção se espalha como o mercúrio e se infiltra em todas suas instituições. O apoliticismo, a frivolidade, o cinismo reinam por toda parte num mundo em que a vida espiritual e os valores éticos só concernem a minorias insignificantes.

Tudo isso talvez esteja certo, mas no livro de Ferguson há uma ausência que, me parece, contradiria boa parte de seu elegante pessimismo. Refiro-me ao espírito crítico, que, em minha opinião, é o traço distintivo principal da cultura ocidental, a única que, ao longo de sua história, teve em seu interior tanto detratores e impugnadores como defensores, e entre aqueles, um bom número de seus pensadores e artistas mais lúcidos e criativos. Graças a essa capacidade de criticar a si mesma de maneira contínua e implacável, a cultura ocidental foi capaz de renovar-se sem cessar, de corrigir-se cada vez que os erros e taras crescidos em seu interior ameaçavam destruí-la.

Diferentemente dos persas, dos otomanos, dos chineses, que, como mostra Ferguson, em que pese terem alcançado altíssimas cotas de progresso e poder, entraram em decadência irremediável por seu ensimesmamento e impermeabilidade à crítica, o Ocidente – melhor dizendo, os espaços de liberdade que sua cultura permitia – sempre teve em seus filósofos, em seus poetas, em seus cientistas, e, naturalmente, em seus políticos, ferozes impugnadores de suas leis e de suas instituições, de suas crenças e de suas modas. E essa contradição permanente, em vez de debilitá-lo, foi a arma secreta que lhe permitiu ganhar batalhas que pareciam perdidas.

Terá desaparecido o espírito crítico na frívola e desbaratada cultura ocidental de nossos dias? Terminei de ler o livro de Ferguson no mesmo dia em que fui ao cinema, em Nova York, para ver o filme *Zero Dark Trinity*, de Kathryn Bigelow, extraordinária obra-prima que narra, com minuciosa precisão e grande talento artístico, a busca, localização e execução de Osama bin Laden pela CIA. Está tudo ali: as torturas terríveis nos terroristas para arrancar-lhes uma confissão; as intrigas, as besteiras e a pequenez mental de muitos

## REFLEXÕES X

---

funcionários do governo; e também, claro, ousadia e o idealismo com que outros, apesar dos obstáculos burocráticos, levaram a cabo a tarefa. Ao terminar esse filme genial e atrozmente autocrítico, as centenas de nova-iorquinos que lotavam a sala se puseram de pé e aplaudiram calorosamente; ao meu lado havia alguns espectadores chorando. Ali mesmo eu pensei que Ferguson está equivocado, que a cultura ocidental ainda tem fôlego de sobra. ●

**Mario Vargas Llosa**

## Embora excepcional, renúncia do papa não era imprevisível

Mario Vargas Llosa

24 de fevereiro de 2013



Não sei por que razão a abdicação de Bento XVI causou tanta surpresa; embora excepcional, não era algo imprevisível. Bastava vê-lo, fragilizado e como perdido no meio das multidões nas quais sua função obrigava que ele submergisse, fazendo esforços sobre-humanos para parecer o protagonista destes espetáculos obviamente estranhos ao seu temperamento e vocação. Diferentemente do seu predecessor, João Paulo II, que se movia como um peixe n'água entre essas massas de

fiéis e curiosos que o papa congrega em todas as suas aparições, Bento XVI parecia totalmente alheio a esses faustos gregários que constituem tarefas imprescindíveis do pontífice na atualidade.

Desse modo compreende-se melhor sua resistência a aceitar a cadeira de São Pedro que lhe foi imposta pelo conclave, há oito anos, e à qual, como ficamos sabendo agora, nunca aspirou. Só abandonam o poder absoluto com a facilidade com que ele acaba de fazê-lo aqueles raros indivíduos que, em vez de cobiçá-lo, depreciam-no.

Não era um homem carismático nem um comunicador, como Karol Wojtyła, o papa polonês. Era um homem de biblioteca e de cátedra, de reflexão e de estudo, seguramente um dos pontífices mais inteligentes e cultos que a Igreja Católica teve em toda a sua história. Numa época em que as ideias e as razões importam muito menos que as imagens e os gestos, Joseph Ratzinger já era um anacronismo, pois pertencia ao grupo mais seletivo de uma espécie em extinção: o dos intelectuais. Refletia com profundidade e originalidade, respaldado por uma enorme informação teológica, filosófica, histórica e literária, adquirida na dezena de línguas

clássicas e modernas que dominava, entre elas latim, grego e hebraico.

Embora concebidos sempre dentro da ortodoxia cristã, mas com um critério muito amplo, seus livros e encíclicas ultrapassavam com frequência o estritamente dogmático e continham reflexões inovadoras e ousadas sobre os problemas morais, culturais e existenciais do nosso tempo que leitores ateus podiam ler com proveito e, muitas vezes – como aconteceu comigo – com profunda perturbação. Seus três volumes dedicados a Jesus de Nazaré, sua pequena autobiografia e suas três encíclicas – sobretudo a segunda, *Spe Salvi*, de 2007, dedicada à análise da natureza bifronte da ciência que pode enriquecer de maneira extraordinária a vida humana, mas também destruí-la e degradá-la – têm um vigor dialético e uma elegância expositiva que as destacam nitidamente entre os textos convencionais e redundantes, escritos para os convictos, que, há muito tempo, o Vaticano costuma produzir.

Bento XVI viveu num dos períodos mais difíceis enfrentados pelo cristianismo em seus mais de 2 mil anos de história. A secularização da sociedade avança a largos passos, principalmente no Ocidente, cidadela da Igreja até poucas décadas atrás. Esse processo se agravou com os grandes escândalos de pedofilia nos quais estão envolvidas centenas de sacerdotes católicos, que parte da hierarquia protegeu ou tratou de ocultar e continuam se revelando em toda parte, ao lado das acusações de lavagem de dinheiro e de corrupção que atingem o Banco do Vaticano. O furto de documentos perpetrado por Paolo Gabriele, o próprio mordomo e homem de confiança do papa, trouxe à luz as lutas ferozes, as intrigas e os obscuros enredos de facções e dignitários da Cúria Romana que o poder tornou inimigos.

Ninguém pode negar que Bento XVI respondeu a esses desafios descomunais com valentia e determinação, embora sem sucesso. Ele fracassou em todas as suas tentativas, porque a cultura e a inteligência não bastam para se orientar no labirinto da política terrena e para enfrentar o maquiavelismo dos interesses criados e os poderes fácticos no seio da Igreja, outro ensinamento trazidos à luz nesses oito anos de pontificado de Bento XVI, que foi descrito, com

toda justiça, pelo jornal L'Osservatore Romano como "um pastor rodeado por lobos".

Mas é preciso reconhecer que, graças a ele, o reverendo Marcial Maciel Degollado, o mexicano de antecedentes satânicos, recebeu por fim um castigo oficial na Igreja e a congregação fundada por ele, a Legião de Cristo, que até então havia recebido apoios vergonhosos na mais alta hierarquia vaticana, está sendo reformulada. Bento XVI foi o primeiro papa a pedir perdão pelos abusos sexuais em colégios e seminários católicos, a se reunir com associações de vítimas e a convocar a primeira conferência eclesial com a finalidade de colher o testemunho das próprias vítimas e de estabelecer normas e regulamentos com o propósito de evitar a repetição no futuro de semelhantes iniquidades. Mas também é certo que nada disso bastou para apagar o desprestígio trazido para a instituição, pois constantemente continuam aparecendo inquietantes sinais de que, apesar das diretivas dadas por ele, em muitos lugares, os esforços das autoridades da Igreja ainda são orientados a proteger ou dissimular os crimes de pedofilia que são cometidos, mais que a denunciá-los e puni-los.

Tampouco tiveram aparentemente muito sucesso os esforços de Bento XVI para pôr fim às acusações de lavagem de dinheiro e de transações criminosas do Banco do Vaticano. A expulsão do presidente da instituição, Ettore Gotti Tedeschi, próximo da Opus Dei e protegido do cardeal Tarcisio Bertone, por "irregularidades de sua gestão", decidida pelo papa, bem como sua substituição pelo barão Ernst von Freyberg, ocorrem tarde demais para impedir os processos judiciais e as investigações policiais já em andamento. Relacionadas, aparentemente, a operações comerciais ilícitas e transações que alcançariam cifras astronômicas, só contribuirão para corroer a imagem pública da Igreja e confirmar que, no seu interior, o terreno predomina às vezes sobre o espiritual, e no sentido mais ignóbil do termo.

Joseph Ratzinger pertencia ao setor mais progressista da Igreja durante o Concílio Vaticano 2.º, no qual foi assessor do cardeal Frings e onde defendeu a necessidade de um "debate aberto" sobre todos os temas, mas logo foi se alinhando com a ala conservadora.

Posteriormente, como prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé (a antiga Inquisição), foi um adversário decidido da Teologia da Libertação e de toda forma de concessão em temas como a ordenação de mulheres, o aborto, o casamento homossexual e até mesmo o uso de preservativos que, em algum momento do seu passado, havia chegado a considerar admissível.

Evidentemente, isso fazia dele um anacronismo dentro do anacronismo que a Igreja se tornou. Mas suas razões não eram tolas nem superficiais e os que a rechaçam devem procurar entendê-las, por mais extemporâneas que nos pareçam. Estava convencido de que, se a Igreja Católica começasse a se abrir para as reformas da modernidade, sua desintegração seria irreversível e, em vez de abraçar a sua época, entraria em um processo de anarquia e deslocamentos internos. Tudo isso acabaria transformando-a em um arquipélago de seitas em luta entre si, algo semelhante às igrejas evangélicas, algumas circenses, com as quais o catolicismo compete cada vez mais – e sem muito sucesso – nos setores mais deprimidos e marginais do Terceiro Mundo. A única maneira de impedir, em sua opinião, que o rico patrimônio intelectual, teológico e artístico fecundado pelo cristianismo se dilapidasse em uma barafunda revisionista e em uma feira de disputas ideológicas seria preservando o denominador comum da tradição e do dogma, embora significasse que a família católica foi se reduzindo e marginalizando cada vez mais em um mundo devastado pelo materialismo, pela cobiça e pelo relativismo moral.

Julgar até que ponto Bento XVI agiu de maneira acertada ou não a esse respeito é algo que, evidentemente, cabe apenas aos católicos. Mas nós, não crentes, não deveríamos festejar como uma vitória do progresso e da liberdade o fracasso de Joseph Ratzinger no trono de São Pedro. Ele não só representou a tradição conservadora da Igreja como também sua melhor herança: a da ilustre e revolucionária cultura clássica e renascentista que, não podemos esquecer, a Igreja preservou e difundiu, por meio de seus conventos, bibliotecas e seminários, a cultura que impregnou o mundo com ideias, formas e costumes que acabaram com a escravidão e, distanciando-se de Roma, tornaram possíveis as noções de igualdade, solidariedade,

## REFLEXÕES X

---

direitos humanos, liberdade e democracia, impulsionando decisivamente o desenvolvimento do pensamento, da arte, das letras e contribuindo para acabar com a barbárie e para promover a civilização.

A decadência e a vulgarização intelectual da Igreja evidenciadas pela solidão de Bento XVI e a sensação de impotência que aparentemente o rodearam nesses últimos anos são sem dúvida fatores primordiais de sua renúncia e um vislumbre inquietante de quão incompatível nossa época seja com tudo o que representa vida espiritual, preocupação pelos valores éticos e vocação pela cultura e pelas ideias. ●

**Mario Vargas Llosa**

## A morte do caudilho

Mario Vargas Llosa

10 de março de 2013



O comandante Hugo Chávez Frías pertencia à robusta tradição dos caudilhos que, embora mais presentes na América Latina que em outras partes, não deixaram de se assomar a toda parte, até em democracias avançadas, como a França. Ela revela aquele medo da liberdade que é uma herança do mundo primitivo, anterior à democracia e ao indivíduo, quando o homem ainda era massa e preferia que um semideus, ao qual cedia sua capacidade de iniciativa e seu livre-arbítrio,

tomasse todas as decisões importantes de sua vida.

Cruzamento de super-homem e bufão, o caudilho faz e desfaz a seu bel prazer, inspirado por Deus ou por uma ideologia na qual, quase sempre, se confundem o socialismo e o fascismo – duas formas de estatismo e coletivismo – e se comunica diretamente com seu povo mediante a demagogia, a retórica<sup>45</sup>, a espetáculos multitudinários e passionais de cunho mágico-religioso. Sua popularidade costuma ser enorme, irracional, mas também efêmera, e o balanço de sua gestão, infalivelmente catastrófico.

Não devemos nos impressionar em demasia pelas multidões chorosas que velam os restos de Hugo Chávez. São as mesmas que estremeciam de dor e desamparo pela morte de Perón, de Franco, de Stalin, de Trujillo e as que, amanhã, acompanharão Fidel Castro ao sepulcro. Os caudilhos não deixam herdeiros e o que ocorrerá a partir de agora na Venezuela é totalmente incerto. Ninguém, entre as pessoas de seu entorno, e certamente em nenhum caso Nicolás Maduro, o discreto *apparatchik* a quem designou seu sucessor, está

---

<sup>45</sup> **Retórica**: a arte da eloquência, a arte de bem argumentar; arte da palavra.

em condições de aglutinar e manter unida essa coalizão de facções, de indivíduos e de interesses constituídos que representa o chavismo, nem de manter o entusiasmo e a fé que o defunto comandante despertava com sua torrencial energia nas massas da Venezuela.

Uma coisa é certa: esse híbrido ideológico que Hugo Chávez urdiu chamado revolução bolivariana ou socialismo do século XXI, já começou a se decompor e desaparecerá, mais cedo ou mais tarde, derrotado pela realidade concreta: a de uma Venezuela, o país potencialmente mais rico do mundo, ao qual as políticas do caudilho deixaram empobrecido, dividido e conflagrado, com a inflação, a criminalidade e a corrupção mais altas do continente, um *déficit* fiscal que beira a 18% do PIB e as instituições – as empresas públicas, a Justiça, a imprensa, o poder eleitoral, as Forças Armadas – semidestruídas pelo autoritarismo, a intimidação e a submissão.

Além disso, a morte de Chávez coloca um ponto de interrogação na política de intervencionismo no restante do continente latino-americano que, num sonho megalomaniaco característico dos caudilhos, o comandante defunto se propunha a tornar socialista e bolivariano a golpes de talão de cheques. Persistirá esse fantástico dispêndio dos petrodólares venezuelanos que fizeram Cuba sobreviver com os 100 mil barris diários que Chávez praticamente presenteava a seu mentor e ídolo Fidel Castro? E os subsídios e as compras de dívida de 19 países, aí incluídos seus vassalos ideológicos como o boliviano Evo Morales, o nicaraguense Daniel Ortega, as Farc colombianas e os inúmeros partidos, grupos e grupelhos que por toda a América Latina lutam para impor a revolução marxista?

O povo venezuelano parecia aceitar esse fantástico desperdício contagiado pelo otimismo de seu caudilho, mas duvido que o mais fanático dos chavistas acredite agora que Maduro possa vir a ser o próximo Simon Bolívar. Esse sonho e seus subprodutos, como a Aliança Bolivariana para as América (Alba), integrada por Bolívia, Cuba, Equador, Dominica, Nicarágua, San Vicente e Granadinas, Antígua e Barbuda, sob a direção da Venezuela, já são cadáveres insepultos.

Nos 14 anos que Chávez governou a Venezuela, o preço do barril de petróleo ficou sete vezes mais caro, o que fez desse país, potencialmente, um dos mais prósperos do planeta. No entanto, a redução da pobreza nesse período foi menor que a verificada, por exemplo, no Chile e no Peru no mesmo período. Enquanto isso, a expropriação e a nacionalização de mais de um milhar de empresas privadas, entre elas 3,5 milhões de hectares de fazendas agrícolas e pecuárias, não fez desaparecer os odiados ricos, mas criou, mediante o privilégio e o tráfico, uma verdadeira legião de novos ricos improdutivos que, em vez de fazer progredir o país, contribuiu para afundá-lo no mercantilismo, no rentismo e em todas as demais formas degradadas do capitalismo de Estado.

Chávez não estatizou toda a economia, como Cuba, e nunca fechou inteiramente todos os espaços para a dissidência e a crítica, embora sua política repressiva contra a imprensa independente e os opositores os reduziu a sua expressão mínima. Seu prontuário no que respeita aos atropelos contra os direitos humanos é enorme, como recordou, por ocasião de seu falecimento, uma organização tão objetiva e respeitável como a Human Rights Watch.

É verdade que ele realizou várias consultas eleitorais e, ao menos em algumas delas, como a última, venceu limpamente, se a lisura de uma eleição se mede apenas pelo respeito aos votos depositados e não se leva em conta o contexto político e social no qual ela se realiza, e na qual a desproporção de meios à disposição do governo e da oposição era tal que esta já entrava na disputa com uma desvantagem descomunal. No entanto, em última instância, o fato de haver na Venezuela uma oposição ao chavismo que na eleição do ano passado obteve quase 6,5 milhões de votos é algo que se deve, mais do que à tolerância de Chávez, à galhardia e à convicção de tantos venezuelanos que nunca se deixaram intimidar pela coerção e as pressões do regime e, nesses 14 anos, mantiveram viva a lucidez e a vocação democrática, sem se deixar arrebatado pela paixão gregária e pela abdicação do espírito crítico que o caudilhismo fomenta.

Não sem tropeços, essa oposição, na qual estão representadas todas as variantes ideológicas da Venezuela está unida. E tem agora uma oportunidade extraordinária para convencer o povo venezuelano de

que a verdadeira saída para os enormes problemas que ele enfrenta não é perseverar no erro populista e revolucionário que Chávez encarnava, mas a opção democrática, isto é, o único sistema capaz de conciliar a liberdade, a legalidade e o progresso, criando oportunidades para todos em um regime de coexistência e de paz.

Nem Chávez nem caudilho algum são possíveis sem um clima de ceticismo e de desgosto com a democracia como o que chegou a viver a Venezuela quando, em 4 de fevereiro de 1992, o comandante Chávez tentou o golpe de Estado contra o governo de Carlos Andrés Pérez. O golpe foi derrotado por um Exército constitucionalista que enviou Chávez ao cárcere do qual, dois anos depois, num gesto irresponsável que custaria caríssimo a seu povo, o presidente Rafael Caldera o tirou, anistiando-o.

Essa democracia imperfeita, perdulária e bastante corrompida, havia frustrado profundamente os venezuelanos que, por isso, abriram seu coração aos cantos de sereia do militar golpista, algo que ocorreu, por desgraça, muitas vezes na América Latina.

Quando o impacto emocional de sua morte se atenuar, a grande tarefa da aliança opositora presidida por Henrique Capriles será persuadir esse povo de que a democracia futura da Venezuela terá se livrado dessas taras que a arruinaram e terá aproveitado a lição para depurar-se dos tráficos mercantilistas, do rentismo, dos privilégios e desperdícios que a debilitaram e tornaram tão impopular.

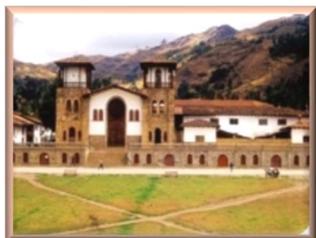
A democracia do futuro acabará com os abusos de poder, restabelecendo a legalidade, restaurando a independência do Judiciário que o chavismo aniquilou, acabando com essa burocracia política mastodôntica que levou à ruína as empresas públicas. Com isso, se produzirá um clima estimulante para a criação de riqueza no qual empresários possam trabalhar e investidores, investir, de modo que regressem à Venezuela os capitais que fugiram e a liberdade volte a ser a senha e contrassenha da vida política, social e cultural do país do qual há dois séculos saíram tantos milhares de homens para derramar seu sangue pela independência da América Latina. ●

**Mario Vargas Llosa**

# Chacas é o céu

Mario Vargas Llosa

15 de abril de 2013



Chacas está mais perto do céu do que qualquer outro lugar do planeta. Para chegar lá é preciso escalar as montanhas nevadas da Cordilheira dos Andes, cruzar abismos vertiginosos, alturas que beiram os cinco mil metros e depois descer, por ladeiras escarpadas que os condores sobrevoam, ao desfiladeiro de Conchucos

no departamento de Ancash. Ali, entre quebradas, riachos, lagunas, terrenos semeados, pastos e um contorno onde se vislumbram todas as tonalidades de verde está o povoado de 1.500 habitantes e capital de uma província que abriga mais de 20 mil.

A extraordinária beleza desse lugar não é apenas física, é também social e espiritual graças ao padre Ugo de Censi, um sacerdote italiano que chegou a Chacas como pároco em 1976. Alto, eloquente, simpático, fornido<sup>46</sup> e ágil apesar de seus quase 90 anos, ele possui uma energia contagiante e uma vontade capaz de mover montanhas. Nos 37 anos que está aqui, ele converteu esta região, uma das mais pobres do Peru, em um mundo de paz e trabalho, de solidariedade humana e criatividade artística.

As ideias do padre Ugo são muito pessoais e, por diversas vezes, devem ter deixado os superiores de sua ordem – os salesianos – e os hierarcas da Igreja muito nervosos. E os economistas e sociólogos, nem se fala. Ele acredita que o dinheiro e a inteligência são o diabo, que os discursos arrevesados e teorias abstratas da teologia e da filosofia não aproximam de Deus, mas afastam dele, e que a razão não serve de grande coisa tampouco para chegar ao Ser Supremo. Este, não se deve tentar explicá-lo, deve-se desejar-lo, ter sede dele,

---

<sup>46</sup> **Fornido:** forte, robusto, carnudo.

e, se alguém o conseguir, abandonar-se ao assombro, essa exaltação do coração que produz o amor. Ele detesta a cobiça e o lucro, o pélago<sup>47</sup> burocrático, o viver de renda, os seguros, as aposentadorias, e acredita que se há uma crítica a fazer à Igreja Católica, esta é ter-se afastado dos pobres e marginalizados entre os quais nasceu. Ele vê a propriedade privada com desconfiança. A palavra que aparece com mais frequência em sua boca, impregnada de ternura e acentos poéticos, é caridade.

Ele acredita, e dedicou sua vida a prová-lo, que a pobreza deve ser combatida a partir dela, identificando-se com ela e vivendo-a junto com os pobres, e que a maneira de atrair os jovens para a religião e para Deus, dos quais o mundo atual tende a separá-los, é propondo-lhes viver a espiritualidade como uma aventura, entregando seu tempo, seus braços, seus conhecimentos, sua vida para lutar contra o sofrimento humano e as grandes injustiças de que são vítimas tantos milhões de seres humanos.

Os utópicos e grandes sonhadores sociais costumam ser vaidosos e autorreferentes, mas o padre Ugo é a pessoa mais simples da Terra e quando, com aquele senso de humor fulgurante que jamais o abandona, ele diz "Gostaria de ser um menino, mas acredito que sou sobretudo um revoltoso e um estúpido" (palavra italiana que, em espanhol, melhor se traduz não como estúpido, mas como um tonto, ou um bobinho), diz exatamente o que pensa. O curioso é que esse religioso, um tanto anarquista e sonhador, é, ao mesmo tempo, um homem de ação, um realizador magnífico que, sem pedir um centavo ao Estado e pondo em prática suas ideias peregrinas, realizou em Chacas e arredores uma verdadeira revolução econômica e social.

Construiu duas centrais elétricas e canais e depósitos que dão luz e água ao povoado e a muitos distritos e anexos, vários colégios, uma clínica de 60 leitos equipada com os mais modernos equipamentos clínicos e cirúrgicos, uma escola de enfermagem, oficinas de escultura, carpintaria e desenho de móveis, granjas agrícolas onde

---

<sup>47</sup> **Pélago:** situação problemática, difícil; abismo.

se aplicam os métodos mais modernos de cultivo e se respeitam todas as prescrições ecológicas, escola de guias de altitude, de pedreiros, de restauração de obras de arte colonial, uma fábrica de vidro e oficinas para a elaboração de vitrais, fiações, queijarias, refúgios de montanha, albergues para meninos deficientes, albergues para idosos, cooperativas de agricultores e de artesãos, igrejas, canais de irrigação e, este ano, em agosto, será inaugurada em Chacas uma universidade.

Essa enumeração incompleta e fria não diz grande coisa: é preciso ver de perto e tocar todas essas obras, e as outras que estão em marcha, para maravilhar-se e comover-se. Como foi possível? Graças à essa caridade de que o padre Ugo tanto fala é que há quase quatro décadas traz para estas alturas dezenas e dezenas de voluntários italianos – médicos, engenheiros, técnicos, professores, artesãos, operários, artistas, estudantes – para trabalhar de graça, vivendo com os pobres e trabalhando ombro a ombro com eles para acabar com a miséria e ir fazendo retroceder a pobreza. Mas, sobretudo, devolvendo aos camponeses a dignidade e a humanidade que a exploração, o abandono e as condições iníquas de vida lhes haviam arrebatado. Os voluntários e suas famílias pagam as próprias passagens, recebem alojamento e comida, mas nenhum salário, tampouco seguro médico nem aposentadoria, de modo que fazer parte desse projeto significa, para eles, entregar seu futuro e o dos seus à mais absoluta incerteza.

E, no entanto, ali estão eles, vacinando crianças e puxando enxada para represar um rio, levantando casas para comuneiros misérrimos em San Luis, desenhando móveis, vitrais, estátuas e mosaicos que irão para San Diego e para a Calábria, dando de comer ou fazendo terapia com doentes terminais do asilo de Santa Teresita de Pomallucay, levantando uma nova central elétrica, cozinhando as 700 refeições diárias que são distribuídas gratuitamente e formando técnicos, artesãos, professores, agricultores que assegurem o futuro dos jovens da região. Um desses voluntários se chamava Giulio Rocca e trabalhava em Jangos, onde foi assassinado por um comando do Sendero Luminoso que antes lhe explicou que o que ele fazia ali era um obstáculo intolerável à revolução maoista. Anos

## REFLEXÕES X

---

depois, outro membro do projeto, o padre Daniele Badiali, foi assassinado também porque se negou a entregar o resgate que lhe pedia um punhado de ladrões.

Há hoje cerca de 50 voluntários em Chacas e cerca de 350 em toda a região. Eles vivem modestamente, em comunidade os solteiros e em habitações os casais com filhos, misturados com os pobres e, repito, sem ganhar salário algum. As obras que constroem, mal a terminam eles a cedem ao Estado ou aos próprios usufrutuários; segundo a filosofia do padre Ugo, o projeto Mato Grosso não tem bens próprios; os que cria, só os administra temporariamente e em benefício dos necessitados, aos quais cede quando eles se tornam operacionais. O financiamento das obras provém, além da exportação de móveis, de doações de instituições, empresas ou pessoas de muitos lugares do mundo, mas principalmente da Itália.

Os voluntários vêm por seis meses, um, dois, três, dez anos, e muitos ficam ou regressam; eles trazem seus filhos ou os têm aqui, nesta moderníssima clínica onde os usuários só pagam o que podem e são atendidos gratuitamente quando não podem. É divertido ver aquela nuvem de meninos e meninas de olhos claros e cabelos ruivos na missa de domingo, misturados com os meninos e meninas do lugar, cantando em quéchua, italiano, espanhol e até latim.

Perguntei a muitos desses voluntários se às vezes não lhes angustiava pensar no futuro, o deles e o de seus filhos, um futuro para o qual não haviam tomado a menor precaução, nem economizado um centavo. Porque só em Chacas os pobres têm assegurado um prato de comida, uma cama onde dormir e um médico que os atenda em caso de doença. No restante do mundo, onde reinam aqueles valores que o padre Ugo chama de diabólicos, os pobres morrem de fome e as pessoas olham para o outro lado. Eles encolhiam os ombros, faziam brincadeiras, sempre haveria um amigo em alguma parte para lhes dar uma mão, Nossa Senhora proverá. A confiança e a alegria são como o ar puro que se respira em Chacas.

Estou convencido de que, apesar da notável grandeza moral do padre Ugo e de seus discípulos e do trabalho fantástico que eles vêm

## REFLEXÕES X

---

realizando nos quatro países onde tem missões – Peru, Bolívia, Equador e Brasil – não é com esse método que se poderá acabar com a pobreza no mundo. E não acredito porque meu ceticismo me diz que não há, no vasto planeta, uma dose suficiente de idealismo, desprendimento e caridade para produzir transformações como as daqui. Mas como é estimulante viver, ainda que por um punhado de dias apenas, a experiência de Chacas e descobrir que ainda há neste mundo egoísta homens e mulheres entregues a ajudar os demais, a fazer isso a que chamamos o bem, e que encontram nessa entrega e nesse sacrifício a justificação de sua existência.

Oxalá houvessem tantos stupidi no mundo como em Chacas, querido e admirado padre Ugo! ●

**Mario Vargas Llosa**

## A partida da Dama

Mario Vargas Llosa

21 de abril de 2013



Eu estava na Bolsa de Córdoba (Argentina) com meu filho, Álvaro, dialogando com um grupo de empresários e professores sobre os problemas da América Latina, quando nos avisaram que Margaret Thatcher havia morrido. Com aquela vocação suicida que de vez em quando manifesta, Álvaro disse que, sem querer com isso ofender o auditório, sentia-se obrigado a render uma homenagem à Dama de Ferro, que havia marcado fortemente sua juventude.

Houve um rumor reprovativo, mas, em geral, o público reagiu com uma soberba compostura britânica, se assim posso dizer. Só ao fim do ato, uma senhora nos recordou o cruel e inútil afundamento do Belgrano pela Marinha britânica durante a Guerra das Malvinas, em 1982.

Eu também passei quase todos os anos de Thatcher na Grã-Bretanha e o que ela fez também me marcou profundamente. Ela ainda está presente em coisas que eu creio e defendo e me fazem dizer que sou um liberal. Quando a Dama subiu ao poder, a Grã-Bretanha afundava na mediocridade e na decadência, deriva natural do estatismo, do intervencionismo e da socialização da vida econômica e política, embora, isto sim, guardando sempre as formas e respeitando as instituições e a liberdade, uma segunda natureza para a sociedade britânica.

Ela pôs em marcha um programa de reformas radicais que sacudiu dos pés à cabeça esse país adormecido por um socialismo antiquado e letárgico que havia desmobilizado e quase castrado o berço da democracia e da Revolução Industrial, a fonte mais fecunda da modernidade. Privatizando empresas, libertando os inquilinos cativos das casas municipais e convertendo-os em novos

proprietários, abrindo mercados por toda a parte e as fronteiras do país ao comércio e aos investimentos, obrigando as empresas a competir, privando-as dos estupefacientes subsídios, atacando o *rentismo* e impulsionando a participação acionária generalizada e o capitalismo popular, seu governo devolveu ao gigante adormecido o dinamismo de seus melhores tempos e a seu país uma influência na esfera internacional que ele havia perdido por completo. Nos anos 1980, a renda *per capita* britânica superou a da França.

Os sacrifícios foram certamente enormes, mas, sem as mudanças que eles significaram, a Grã-Bretanha estaria hoje muito pior do que está. Viver na mentira é sempre pior, nas ordens política e econômica, do que enfrentar a crua verdade. Ao mesmo tempo em que desmontava o emaranhado burocrático e o estatismo parasitário, e os substituía por uma economia de mercado moderna, a primeira-ministra lançou uma ofensiva no campo das ideias e dos valores recordando a seus compatriotas – e aos europeus – que a cultura democrática e liberal não tinha de se intimidar ante o comunismo, como vinha ocorrendo, sobretudo, pela covardia e oportunismo das elites intelectuais, pois as credenciais dos Estados totalitários eram o fracasso econômico mais flagrante, o desaparecimento de todas as liberdades e os atropelos mais iníquos contra os direitos humanos.

Poucos políticos me produziram o respeito que senti pela Grande Dama, porque conheci poucos que, como ela, disseram sempre o que acreditavam e fizeram sempre o que diziam. Ela acreditava na liberdade, no indivíduo soberano, na ética calvinista do trabalho, na poupança, em valores morais como esteio das instituições e no escrupuloso respeito à lei. Era filha de um modesto dono de mercearia de Grantham e só pôde ter uma educação de alto nível graças a sua inteligência, disciplina espartana e esforço.

Um dos reveses mais dolorosos de sua vida deve ter sido a negativa de sua universidade, Oxford, de lhe conceder o *honoris causa*, como costumava fazer com todos os governantes egressos desse centro de estudos. Mas isso não a deve ter surpreendido, porque a classe intelectual sempre a odiou. Ela agora o demonstrou, indo cuspir sobre o seu cadáver, celebrando sua morte e vomitando injúrias e

mentiras sobre sua gestão.

A primeira vez que a vi de perto foi rodeada por uma dezena de intelectuais na casa do historiador Hugh Thomas. Os filósofos, escritores, dramaturgos a submeteram durante o jantar a um exame severo e sutil, embora educado. O mais belicoso foi Tom Stoppard; o mais penetrante, Isaiah Berlin; o mais sibilino, A. Ayer. A Dama superou a prova com honras.

Falou-se de Orwell, de Koestler e do Muro de Berlim, que Thatcher veria pela primeira vez ao vivo no dia seguinte, quando viajaria à Alemanha em visita oficial. A segunda vez que estive com ela foi em Downing Street 10, escritório da primeira-ministra. Eu era candidato à presidência do Peru e lhe perguntei o que seria mais importante, se fosse eleito. Tenho muito viva a sua resposta: "Cerque-se de um grupo leal e resoluto, porque quando essas reformas estiverem em marcha e vier a reação inflamada, as piores traições serão antes as de seus partidários do que as de seus adversários". Suas palavras se revelaram proféticas: ela não foi destituída pela oposição, mas pelo próprio Partido Conservador, ao qual havia feito ganhar, pela primeira vez na história, três eleições seguidas.

Ainda a vi mais duas vezes, já fora do governo. A primeira, em Washington, em seu regresso do Chile, onde no meio de uma conferência sofrera um desmaio. Estava abatida; seu marido, em compensação, havia contraído na viagem um horror sagrado pelo Novo Continente e vociferava sem o menor pudor contra "os mexicanos", nos quais, assim me pareceu, englobava todos os latino-americanos sem exceção.

A última vez que a vi, ela estava animada, comunicativa e risonha. Eu havia acompanhado até sua casa um grupo de cubanos no exílio que queria convidá-la para dar uma conferência em Miami. Ela tomou três uísques e fez observações muito divertidas sobre o que ocorria na América Latina. Também fez brincadeiras. Levou-nos até a porta e, ao se despedir, levantou subitamente o punho com uma mocinha revolucionária e lançou uma palavra de ordem: "We must undermine Castro!" (Temos de enfraquecer Castro).

## REFLEXÕES X

---

Como em seus últimos anos, sua desconfiança da União Europeia cresceu de maneira indevida e seu nacionalismo pareceu endurecer, e como, por outro lado, ela defendeu Pinochet pela ajuda que a ditadura chilena prestou à Grã-Bretanha durante a Guerra das Malvinas, sua imagem se deslustrou. Não foram os únicos erros que cometeu, aliás. Seu liberalismo era, por vezes, contrabalançado por um conservadorismo que a levava a se contradizer e a tomar medidas que iam na contramão da abertura e da internacionalização do comércio, da política e da vida que seu governo impulsionou mais do que ninguém. Mas, fazendo-se um balanço do seu governo, o positivo é infinitamente mais importante que o negativo.

Graças a ela, o Partido Conservador deixou de ser aristocrático e se tornou multiclassista e meritocrático. Seu melhor discípulo não foi um conservador, mas Tony Blair, cujo Partido Trabalhista, em grande parte graças a ela, também se modernizou, optou pela terceira via e impregnou-se de saudáveis ideias liberais. Se não fosse por ela, a ditadura militar argentina continuaria talvez no poder, aumentando seu prontuário de crimes. A lista de suas realizações e sucesso cobriria muitas páginas.

Quando ela deixou o poder, vítima daquela perversa conspiração interna, eu lhe enviei um ramo de rosas vermelhas e um cartão. Agora, aqui, meio extraviado entre os picos nevados da Cordilheira e os vinhedos de Mendoza, não posso lhe enviar flores, apenas estas linhas apressadas de respeito e gratidão. ●

**Mario Vargas Llosa**

## A morte lenta do chavismo

Mario Vargas Llosa

5 de maio de 2013



Um animal ferido é mais perigoso do que um que não está, isso porque a raiva e a impotência fazem com que ele provoque grandes destroços antes de morrer. Este é o caso do chavismo depois do tremendo revés sofrido nas eleições de 14 de abril em que, apesar da desproporção de recursos e o

descarado nepotismo do Conselho Nacional Eleitoral – quatro de seus dirigentes são militantes governistas convictos e confessos – o herdeiro de Hugo Chávez, Nicolás Maduro, perdeu cerca de 800 mil votos e provavelmente só conseguiu vencer o opositor Henrique Capriles por meio de uma gigantesca fraude eleitoral. (A oposição documentou mais de 3.500 irregularidades em seu prejuízo durante a votação e a contagem de votos.)

O "socialismo do século XXI", como Chávez denominou seu programa para promover o regime, começou a perder apoio popular: a corrupção, o caos econômico, a escassez, a altíssima inflação e o aumento da criminalidade estão esvaziando a cada dia suas fileiras e engrossando as da oposição. Além disso, a incapacidade evidente de Nicolás Maduro para liderar um sistema abalado por discórdias e rivalidades internas, explica as manifestações exacerbadas e o nervosismo que nos últimos dias levaram os herdeiros de Chávez a mostrar a verdadeira cara do regime: sua intolerância, sua vocação antidemocrática e suas inclinações à bravata e à delinquência.

Assim deve ser explicada a emboscada da qual foram vítimas na terça-feira deputados da oposição, membros da Mesa de Unidade Democrática, durante uma sessão presidida por Diosdado Cabello, ex-militar que acompanhou Chávez no seu frustrado golpe contra o governo de Carlos Andrés Pérez. O presidente do Congresso iniciou

a sessão retirando o direito dos parlamentares de oposição de se manifestarem sobre a fraude eleitoral e ordenou que seus microfones fossem desligados. Quando os deputados protestaram, levantando uma faixa que denunciava um "golpe contra o Parlamento", membros oficialistas e seus guarda-costas lançaram-se contra eles com socos e pontapés que deixaram alguns deputados, como Julio Borges e María Corina Machado, com lesões e edemas. Para evitar provas da arbitrariedade, as câmaras da TV oficial foram direcionadas oportunamente para o teto da assembleia. Mas os celulares de muitos participantes filmaram o ocorrido e o mundo inteiro tomou conhecimento da selvageria cometida, assim como das gargalhadas de Diosdado Cabello com o fato de María Corina Machado ser arrastada pelos cabelos e espancada pelos valentes revolucionários chavistas.

Duas semanas antes ouvi María Corina falar sobre seu país na Fundación Libertad, em Rosario, Argentina. Foi um dos discursos políticos mais inteligentes e comovedores que escutei. Sem vestígios de demagogia, com argumentos sólidos e uma desenvoltura admirável, ela descreveu as condições heroicas em que a oposição venezuelana enfrentava o oficialismo. Para cada cinco minutos na TV de Henrique Capriles, Nicolás Maduro dispunha de 17 horas. Referiu-se à intimidação sistemática, as chantagens e violências sofridas pelos opositores do regime, reais ou imaginários, em todo o país, e o estado de calamidade em que o desgoverno e a anarquia deixaram a Venezuela depois de 14 anos de nacionalizações de empresas, expropriações, populismo desenfreado, coletivismo e incompetência burocrática. Mas ela também manifestou esperança, um amor contagiante pela liberdade, a convicção de que, por maiores que fossem os sacrifícios, a terra de Bolívar acabaria por recuperar a democracia e a paz num futuro muito próximo.

Todos os que a ouviram naquela manhã saíram convencidos de que María Corina Machado desempenhará um papel importante no futuro da Venezuela, salvo se a histeria que parece ter se apoderado do regime chavista, agora que se sente em pleno processo de decomposição interna e enfrentando uma impopularidade crescente, não lhe preparar um acidente, ou colocá-la na prisão e

## REFLEXÕES X

---

mesmo encomende sua morte. É o que pode ocorrer com qualquer oponente, a começar por Henrique Capriles, que a ministra de Assuntos Penitenciários já alertou publicamente que tem pronta a cela onde logo ele vai parar.

Não é mera retórica: o regime começou a dar golpes à direita e esquerda. Ao mesmo tempo em que o governo de Maduro transformou o Parlamento num sabá<sup>48</sup> de brutalidade, a repressão nas ruas aumentou, com a detenção do general aposentado Antonio River e um grupo de oficiais não identificados acusados de conspiração. E também perseguições contra líderes universitários e a expulsão de centenas de funcionários públicos dos seus cargos pelo fato de terem votado na oposição nestas eleições.

Os desorientados herdeiros de Chávez não compreendem que estas medidas abusivas os delatam e, em vez de conter a perda de apoio na sociedade, elas só farão aumentar o repúdio popular contra o governo.

Talvez diante do que vem sucedendo atualmente na Venezuela os governos dos países sul-americanos (Unasul) se conscientizem da leviandade cometida ao se apressarem em legitimar a vergonhosa eleição venezuelana e de seus presidentes (com exceção do Chile) participarem, dando um ar de legalidade, da investidura de Nicolás Maduro na presidência da república. Já terão comprovado que a recontagem de votos a que o herdeiro de Chávez se comprometeu para conseguir seu apoio, foi uma mentira flagrante, pois o Conselho Nacional Eleitoral proclamou seu triunfo sem realizar nenhuma revisão.

E agirá da mesma maneira com relação ao pedido do candidato da oposição para que seja revisto todo o processo eleitoral impugnado diante das inúmeras violações do regulamento cometidas durante a votação e na contagem das atas de apuração. Na verdade, nada disso importa muito, pois somente contribui para acelerar o desprestígio

---

<sup>48</sup> **Sabá:** assembleia noturna de feiticeiros e feiticeiras, que, segundo uma superstição popular, se reunia no sábado à meia-noite, sob a direção de Satanás.

## REFLEXÕES X

---

de um regime que já sofre um processo de enfraquecimento sistemático que só agravará no futuro, em razão da situação catastrófica das finanças, a deterioração da economia e o triste espetáculo oferecido por seus principais dirigentes, a começar por Nicolás Maduro.

É triste ver o nível intelectual desse governo, cujo chefe de Estado assobia, ruge ou insulta porque não sabe falar. Quando pensamos que este é o mesmo país que nos deu Rómulo Gallegos, Arturo Uslar Pietri, Vicente Gerbasi e Juan Liscano e, no campo político, Carlos Rangel e Rómulo Betancourt, presidente que propôs a seus colegas latino-americanos se comprometerem a romper relações diplomáticas e comerciais no ato com qualquer país vítima de um golpe de Estado (naturalmente nenhum deles aceitou a proposta).

O que importa é que depois de 14 de abril vemos uma luz no fim do túnel da noite autoritária que teve início com o **chavismo**. Setores populares importantes que foram seduzidos pela retórica do comandante e suas promessas messiânicas, estão aprendendo diante da dura realidade quotidiana como estavam enganados, vendo a distância crescente entre aquele sonho ideológico e a queda do nível de vida, a inflação que reduz a capacidade de consumo dos mais pobres, o nepotismo que é uma nova forma de injustiça, a corrupção e os privilégios da nomenclatura.

E também a delinquência que tornou Caracas a cidade mais insegura do mundo. E nada disso pode mudar, salvo para pior diante da cegueira ideológica do presidente Maduro, formado nas escolas de dirigentes da Revolução Cubana. Que, aliás, acaba de realizar sua visita habitual a Havana para renovar sua fidelidade à ditadura mais antiga do continente americano.

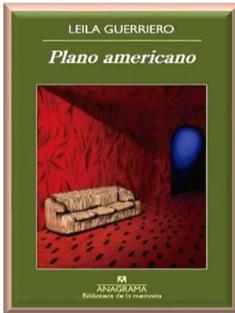
Assim, assistimos ao declínio deste período autoritário de quase 15 anos na história desse maltratado país. Esperemos que sua agonia não traga mais sofrimentos e desgraças além do que já foi infligido pelos delírios chavistas ao povo venezuelano. ●

**Mario Vargas Llosa**

## Jornalismo e criação: o plano americano

Mario Vargas Llosa

19 de maio de 2013



Cada vez que retorno a Madri ou a Lima depois de vários meses, encontro na minha casa um espetáculo deprimente: uma pirâmide de livros, pacotes, cartas, *e-mails*, telegramas e recados que jamais conseguirei ler totalmente e aos quais jamais conseguirei responder. Motivo pelo qual, durante muitos dias, experimentarei a má consciência de ter ficado mal com muita gente que esperava uma resposta, uma opinião, às vezes uma simples assinatura.

Nos anos 1970, quando comecei a receber cartas e livros, eu os lia com cuidado e respondia a todos esses correspondentes espontâneos com missivas que, às vezes, eu levava horas para redigir. Um dia, descobri que, se quisesse estar em dia com a correspondência, teria de deixar de escrever e até de ler. Desde essa época, já quase não respondo as cartas e só consigo ler uma ínfima parte dos livros que recebo. Sei que vou ficando mal com muita gente e ganhando inimigos por toda parte, mas não tenho nenhuma alternativa. Mas, vez por outra, mexendo na pirâmide e folheando livros pelos quais não agradecerei, tenho uma surpresa estimulante, como aconteceu há duas semanas, ao chegar de Madri. Nos meus seis meses de ausência, haviam-se acumulado mais de cem livros. Lia os títulos, a contracapa, ia ordenando-os em pilhas e esquecendo-os, quando, de repente, num índice, me dei conta de que um dos capítulos daquele volume era dedicado a um humanista que admiro: Pedro Henríquez Ureña.

Comecei a ler esta fascinante retrospectiva da vida do ilustre erudito dominicano, desde sua morte súbita no trem que o levava de Buenos Aires a La Plata para dar aula no modesto colégio no qual ganhava a

vida, e não consegui parar de ler até a última página do livro. Sua autora, Leila Guerriero, é uma jornalista argentina e o livro, que reúne uns 20 trabalhos seus – todos publicados em jornais e revistas com a exceção do que reconstitui com soberba eficácia a vida de Roberto Arlt, que é inédito – intitula-se *Plano Americano*, e foi editado no Chile, pela Universidade Diego Portales.

Temo que esta edição tenha uma circulação limitada e não chegue aos muitos leitores que o deveriam ler, pois se trata de uma coleção de textos que, além do mérito de cada um deles, mostra de maneira fidedigna que o jornalismo pode ser também uma das belas artes e produzir obras de grande valor, sem renunciar por nada à sua obrigação primordial, que é informar.

Cada um destes perfis ou retratos de músicos, escritores, fotógrafos, cineastas, pintores, cantores, é um objeto precioso, armado e escrito com a persuasão, originalidade e elegância de um conto ou um poema perfeitamente acabados. No nosso mundo, o jornalismo costuma ser o reino da espontaneidade e da imprecisão, mas o jornalismo que Leila Guerriero pratica é o dos melhores redatores da revista *New Yorker*, para estabelecer um nível de excelência comparável: algo que implica trabalho rigoroso, pesquisa exaustiva e um estilo de precisão matemática.

Antes de defrontar-se com seus entrevistados (vivos ou mortos), ela leu, viu ou ouviu o que eles fizeram, documentou-se com rigor sobre suas vidas e suas obras, consultando parentes, amigos, editores ou críticos, lendo toda a documentação possível sobre seu ambiente familiar, social e profissional. Entretanto, seus ensaios não revelam esse trabalho de preparação tão rico; ao contrário, são leves e amenos, fluem com transparência e naturalidade, embora, sob esta superfície leve e ágil que prende a atenção desde as primeiras linhas, seja possível perceber uma segurança e seriedade que lhes confere uma poderosa consistência.

Os perfis de Henríquez Ureña, de Arlt, de Idea Vilariño, de Nicanor Parra, do crítico de cinema Alsina Thevenet, da fotógrafa argentina Sara Facio, de Ricardo Piglia, Juan José Millás e todos os demais, são uma verdadeira proeza narrativa, pela proximidade que

## REFLEXÕES X

---

conseguem, introduzindo o leitor na intimidade de todos eles, na beleza ou no caos em que vivem ou viveram, nos objetos dos quais se rodearam, seus pais, mulheres ou maridos, ou filhos, e em sua maneira de trabalhar, em seus sucessos e fracassos, em suas grandezas e mesquinhez.

Leila Guerriero não interfere jamais, nunca usa seus personagens para promover-se, trabalha com aquela invisibilidade que Flaubert exigia dos verdadeiros criadores (que, como Deus, "devem estar em todas as partes, mas visíveis em nenhuma"). Estas figuras jamais alcançariam a densidade que têm, o fascínio que emana delas, se a autora não escrevesse com tanta desenvoltura e exatidão, se não dissesse a respeito delas coisas tão inteligentes e não as dissesse de maneira tão discreta e elegante.

A estrutura de cada um destes perfis não respeita a cronologia; o tempo transcorre neles quase sempre como um espaço no qual o relato avança, retrocede, salta continuamente do futuro para o passado e o presente, para ir criando uma perspectiva poliédrica<sup>49</sup> destas pessoas, até oferecer delas uma impressão de totalidade, de síntese que aprisiona tudo o que há ou houve nelas de substancial. O resultado é sempre positivo; todos os entrevistados terminam por despertar a simpatia, às vezes a admiração, às vezes a ternura e quase sempre a solidariedade do leitor.

Porque outro dos atributos de Leila Guerriero, raro entre seus colegas contemporâneos, não é tão literário nem jornalístico, mas moral: o respeito com o qual ela se aproxima de cada um de seus personagens, seus esforços para chegar a entender o que são e o que fazem sem que seu julgamento seja distorcido pelos preconceitos e os clichês, o mesmo tratamento respeitoso e neutro que dá às figuras consagradas e aos artistas ou escritores de significado menor ou ainda principiantes.

Neste sentido, encontra-se nos antípodas<sup>50</sup> dos celebrados

---

<sup>49</sup> **Poliédrica:** que tem ritmo irregular.

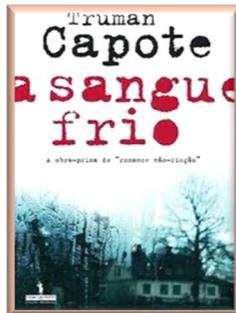
<sup>50</sup> **Antípoda:** que ou o que tem características opostas.

jornalistas americanos do "novo jornalismo" e seus deslantes, do exibicionismo que alardeiam entrevistando estrelas para esmiuçá-las e erigir sobre seus escombros estátuas à glória de si mesmos, à sua picardia ou inteligência (na verdade, à sua egolatria e desonestidade).

Nenhuma das entrevistas e perfis do Plano Americano se permite estas licenças abusivas e vaidosas do jornalista-espetáculo; todas elas revelam, além do talento de sua autora em rastrear as fontes mais íntimas da vocação e criatividade dos autores, uma vontade de jogar limpo, de objetividade e autenticidade, o que dota seus textos de uma grande força persuasiva: nós, os leitores, acreditamos em tudo o que ela diz.

Outro dos melhores achados de sua técnica narrativa é a eficácia das citações. Sejam elas frases tiradas de livros ou artigos, ou ditas pelos entrevistados, aparecem sempre como relâmpagos para iluminar um rasgo psicológico ou revelar uma mania, uma obsessão, um segredo recôndito que explica certo desvio existencial ou motivo recorrente, algum detalhe que de imediato esclarece algo que, até aquele momento, se anunciava de maneira informe e sub-reptícia.

Nos anos 1950, Truman Capote, um mestre da publicidade, lançou a ideia do romance de não ficção, do romance-reportagem, em que baseou *A Sangue Frio*, seu minucioso testemunho sobre um crime cometido em uma aldeia americana.



Lendo este livro de Leila Guerriero lembrei muito da tese de Truman Capote, pois me parece que esta jornalista argentina torna realidade, com mais maestria ainda do que o escritor americano, a ideia de que os recursos e as técnicas do romance podem ser utilizados para enriquecer uma reportagem ou um trabalho de investigação.

Minha impressão é que nos casos de Truman Capote, Norman Mailer, Gay Talese ou Tom Wolfe, o literário chegava a dominar de tal maneira suas obras supostamente jornalísticas, que elas

## REFLEXÕES X

---

passavam a ser mais ficção do que descrição de fatos reais, que o predomínio da forma no que escreviam chegou a desvirtuar seu caráter informativo em relação ao que era criação.

Não é o caso de Leila Guerriero. Seus perfis e crônicas empregam técnicas que são as dos melhores romancistas, mas o seu método de estruturação dos textos, utilizando diferentes pontos de vista e jogando com o tempo, e também dando à linguagem uma importância primordial – tanto na escolha das palavras quanto em seus silêncios –, jamais chegam a prevalecer sobre a vontade informativa, estão sempre a serviço desta, sem permitir que a forma deixe de ser funcional e acabe transcendendo aquela subordinação à realidade objetiva, que é o domínio exclusivo e excludente do jornalismo. ●

**Mario Vargas Llosa**

## Hora das trincheiras?

Mario Vargas Llosa

3 de junho de 2013



A súbita destituição de Arturo Fontaine do cargo de diretor do Centro de Estudios Públicos (CEP) causou um pequeno terremoto no Chile, a se julgar pelo grande número de artigos sobre o tema que chegaram às minhas mãos. A notícia entristeceu a muitos, mais pelo significa para o CEP e o Chile, do que para Fontaine.

Arturo Fontaine é homem de vários talentos. Além de poeta, romancista, filósofo e professor, é versado em economia e direito, e, como eu, faz parte de um pequeno grupo de pensadores liberais que há muitos anos se reúne periodicamente na Espanha e na América Latina com o intuito de promover a cultura da liberdade – com resultados, digamos assim, não muito fecundos. Fontaine parecia ser o mais bem-sucedido de nós, justamente pelo CEP, que comandava havia 31 anos. Esse *think tank* é, sem exagero, uma das instituições que mais tem contribuído para a extraordinária transformação política, social e econômica do Chile nos últimos anos, graças à qual o país deixou o subdesenvolvimento para trás e tornou-se uma democracia moderna e próspera.

O CEP foi fundado por empresários que desejavam modernizar o pensamento político no Chile e estimular análises e pesquisas rigorosas, conduzidas a partir de uma perspectiva independente, abarcando todas as dimensões da problemática chilena. Mas Fontaine fez do CEP algo ainda mais ambicioso: uma instituição de alta cultura, em que a doutrina liberal inspirava as análises, propostas e pesquisas dos especialistas mais qualificados, promovendo, ao mesmo tempo, debates e encontros entre intelectuais e analistas de todas as tendências, sem complexos de superioridade ou inferioridade. Entre seus inúmeros acertos, está a

criação daquele que é, na opinião de atores de todo o espectro político, o mais objetivo e confiável sistema de sondagens de opinião pública do Chile.

O CEP tem combatido a aberração dos que reduzem o liberalismo a mera receita econômica centrada no mercado, demonstrando que a filosofia da liberdade é uma só, tanto no âmbito econômico, como no político, no social, no cultural e no individual, e que, sem tolerância e convivência, a liberdade é letra morta. Todos os que, ao longo desses anos, tiveram o privilégio de ler a notável revista do CEP, *Estudios Públicos*, puderam ver de que esses princípios norteavam suas páginas e que nessa publicação havia sempre um diálogo vivo, controvérsias de alto nível intelectual sobre todos os temas e um respeito sistemático com os adversários, um anseio de deslindar a verdade, mesmo quando isso exigia do colaborador uma correção de suas convicções.

O CEP sempre se recusou a considerar, como fazem muitos irresponsáveis, que o progresso social seja essencialmente um empreendimento econômico, conferindo atenção ao mercado, à livre concorrência, à redução das barreiras tarifárias, à disciplina fiscal e às privatizações, ao direito à crítica, aos direitos humanos, à cultura, às atividades artísticas. As edições que *Estudios Públicos* dedicou a pensadores da liberdade como Karl Popper, Friedrich Hayek, Isaiah Berlin, entre outros, são exemplares. Por tudo isso, o CEP conquistou ao longo dos anos um prestígio enorme, que vai muito além das fronteiras chilenas.

Como se explica, então, que alguém que pode exibir credenciais tão invejáveis à frente de uma instituição que em grande medida é obra sua, tenha sido demitido de forma tão repentina e injusta? Ao que tudo indica, os mantenedores do CEP perceberam que Fontaine é independente demais para o seu gosto. Advertiram-no quando aceitou tomar parte no *Directorio del Museo de la Memoria*, criado pelo governo de Michelle Bachelet, e, principalmente, condenaram suas opiniões sobre o tema da política universitária, assunto que, como se sabe, tem dado origem a intensos distúrbios e manifestações contra o governo de Sebastián Piñera.

Antes de escrever este artigo, li as duas conferências e as entrevistas que Fontaine concedeu sobre o assunto, e creio estar em condições de resumir com objetividade seu pensamento. Fontaine acredita que as universidades são instituições que não apenas preparam profissionais, como também formam cidadãos e pessoas, e que, em vista disso, exigem uma legislação especial. Além disso, defende que elas não visem ao lucro, pois, quando isso acontece – e aqui ele cita estatísticas abundantes sobre o que ocorre nos EUA e no Brasil, dois países onde o funcionamento de universidades privadas com fins lucrativos é permitido –, as instituições deixam de cumprir sua função e tendem a formar profissionais deficientes. Fontaine não se posiciona contra as universidades privadas, de forma alguma – desde que não distribuam entre seus acionistas o lucro obtido, optando antes por reinvesti-los integralmente na própria instituição, como fazem Harvard e Princeton.

Mas a crítica que Fontaine faz à situação universitária chilena é a seguinte: num país em que a legislação proíbe explicitamente o funcionamento de universidades privadas com fins lucrativos, muitas instituições encontraram maneiras de burlar a lei. Como? Alugando ou vendendo terrenos à universidade ou construindo os campi com empresas que funcionam como testas de ferro dos donos da instituição de ensino. As somas que Fontaine diz terem sido amealhadas nos últimos anos com essa fraude (que ele chama de "universidade fabril") são astronômicas.

Pode-se concordar ou discordar de Fontaine, mas ninguém que acredite ser o respeito à legalidade um dos princípios básicos da civilização pode divergir de sua exigência de que donos das universidades privadas respeitem a proibição de não fazer negócios com suas instituições. O que parece estar em jogo na demissão de Arturo Fontaine é mais complexo que simples divergência de opinião. Trata-se do receio, predominante entre os mantenedores do CEP, de que Michelle Bachelet vença as próximas eleições e que a Concertación que suba ao poder com ela seja muito mais radical do que foi no governo anterior, como parece indicar certo extremismo retórico de seus últimos pronunciamentos.

É claro que se o Chile assistisse a um retrocesso, com a instauração de alguma forma de **chavismo**, isso seria uma catástrofe não só para os chilenos, como para a América Latina. Mas nada pode ser mais prejudicial à direita, nesta circunstância, do que contrapor essa radicalização da esquerda com extremismo paralelo, entrincheirando-se na intolerância das verdades únicas e dogmáticas e expurgando de suas fileiras todos os que se atrevam a ter opiniões divergentes. Nada daria mais razão aos que, do outro lado, sustentam que a direita é egoísta, intolerante e autoritária, que sua adesão aos valores democráticos é superficial e circunstancial, que por trás da propriedade privada, do livre mercado e da democracia burguesa, há sempre um Pinochet.

O Chile parecia ter deixado para trás essa visão tão pequena e mesquinha que, infelizmente, anima a direita antiliberal da América Latina. Héctor Solo, um dos mais lúcidos analistas chilenos, escreveu em sua coluna no jornal *La Tercera* que o grande mérito de Arturo Fontaine foi "ter contribuído para a modernização e civilização da direita". Infelizmente, ela não se modernizou nem se civilizou o bastante. ●

**Mario Vargas Llosa**

## Adolf Eichmann, o homem sem qualidades

Mario Vargas Llosa

25 de junho de 2013



*Hannah Arendt, que estreia em julho, descreve o tenente da SS como um imbecil que, pelo nazismo, chegou a altas posições*

Estive uma semana em Paris e o fantasma de Hannah Arendt acompanhou-me por toda parte. Três cinemas do Quartier Latin exibiam um filme que Margarethe von Trotta dedicou a ela que me agradou muito. Não é um grande filme, mas um bom depoimento sobre a forte personalidade da autora

de *As Origens do Totalitarismo*, sua lucidez e sua íntegra independência intelectual e política.

O filme centraliza-se quase totalmente na reportagem que Hannah Arendt escreveu, a seu pedido, para a *The New Yorker*, sobre o julgamento do criminoso de guerra nazista Adolf Eichmann, realizado em 1961 em Jerusalém, e o escândalo e a controvérsia provocada, sobretudo quando o texto apareceu ampliado em um livro em 1963, em que ela desenvolve sua teoria sobre a "banalidade do mal".



A atriz Barbara Sukowa faz uma sutil interpretação de Hannah. A maior fraqueza do filme é a fugaz e caricatural descrição da relação de Hannah com Martin Heidegger, de quem foi discípula, depois amante, e por quem, apesar do vínculo de Heidegger com o nazismo, sempre teve uma admiração incondicional (quando Heidegger fez 80 anos ela dedicou a ele um longo e generoso ensaio).

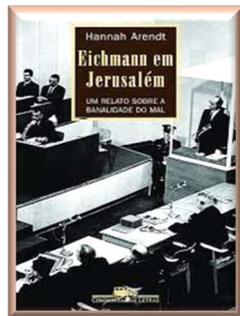
## REFLEXÕES X

E, ao sair do cinema, descobri que no pequeno teatro de La Huchette, onde continuam a encenar as primeiras obras de Ionesco (A Cantora Careca e A Lição), que vi em 1958, estava também em cartaz uma peça de um autor argentino, Mario Diamant, *Un Informe Sobre la Banalidad del Amor*, (Um informe sobre a banalidade do amor), com o subtítulo *Historia de Una Pasión* (História de uma paixão), dedicada à relação de Hannah Arendt e Heidegger.

Existiu realmente uma paixão entre a brilhante jovem judia que sofreu perseguições, esteve num campo de concentração e precisou se exilar nos Estados Unidos para escapar da morte, e o grande filósofo do ser, que aceitou ser reitor da Universidade de Friburgo sob leis nazistas e morreu sem nunca ter renunciado ao seu cartão de militante do Partido Nacional Socialista? Na obra de Diamant sim, foi uma paixão compartilhada, duradoura e traumática, que nem mesmo as atrocidades do Holocausto conseguiram abolir completamente. A obra é benfeita e os dois atores que representam os protagonistas são magníficos – Maïa Guéritte e André Nerman. Mas, na realidade, parece que essa paixão foi bastante assimétrica, mais profunda e constante da parte da discípula do que da parte do filósofo, que, aparentemente, teve uma queda mais supérflua e transitória por ela. (A verdade é que sobre este assunto há mais conjecturas e fofocas do que verdades comprovadas.)

Em todo caso, esses episódios me levaram a ler *Eichmann em Jerusalém*, que tinha abandonado antes de terminar a primeira vez que tive o livro em mãos. Ao ler esta obra agora, meio século depois de sua publicação, surpreende o fato de que este denso, intenso e admirável ensaio tenha provocado, ao ser publicado pela primeira vez, ataques tão grotescos (a autora chegou a ser acusada de pró-nazi e antijudia por alguns fanáticos exaltados que assinaram manifestos para que ela fosse expulsa da universidade americana onde lecionava).

Mas isso não deveria chamar muito a atenção,



## REFLEXÕES X

---

pois o século XX não foi só o século das grandes carnificinas humanas, mas também o século do fanatismo e da estupidez ideológica que as incitaram.

A rigorosa necropsia que Hannah Arendt faz do tenente-coronel da SS Adolf Eichmann, homem de confiança de Himmler e um dos mais destacados especialistas do regime hitleriano no "problema judaico" – ou melhor, na exterminação de 6 milhões de judeus europeus –, baseada em documentos e depoimentos apresentados em juízo, oferece conclusões espantosas e válidas não apenas no caso do nazismo, mas de todas as sociedades corrompidas pelo servilismo e a covardia que qualquer regime totalitário provoca na população.

O espírito romântico, inato no Ocidente, jamais se libertou do preconceito de ver a fonte da crueldade humana em personagens diabólicos e de uma grandeza terrível movidos pelo ideal degenerado de fazer os outros sofrerem e semear em torno de si lágrimas e devastação. Nada disso aflora na personalidade de Eichmann, esse pobre diabo medíocre, que fracassou em tudo o que empreendeu. Um homem inculto e imbecil, que encontrou rapidamente, dentro da burocracia do nazismo, a oportunidade de ascensão e de desfrutar o poder. É disciplinado mais por negligência do que por convicção; um instinto de sobrevivência anula sua capacidade de pensar se existiria algum risco nisso e ele obedece e serve a seu chefe com uma docilidade canina, colocando uma venda moral que lhe permite ignorar as consequências dos atos que pratica diariamente (como despachar trens carregados de homens, mulheres, crianças e idosos de todas as cidades europeias para os campos de trabalhos forçados e as câmaras de gás).

Diante dos jurados, Adolf Eichmann afirmou enfaticamente que nunca matou um judeu com suas mãos, e certamente ele não mentiu. Qualquer pessoa que suportou uma ditadura, mesmo a mais branda, sabe que o sustentáculo desses regimes que anulam a liberdade, a crítica, a informação sem viseiras e escarnecem dos direitos humanos e da soberania individual, são esses indivíduos sem qualidades, burocratas de ofício e de alma, que movimentam as alavancas da corrupção e da violência, das torturas e das violações,

## REFLEXÕES X

---

dos roubos e desaparecimentos, olhando sem olhar, ouvindo sem ouvir, agindo sem pensar, transformados em autômatos vivos que, como Adolf Eichmann, chegam a altas posições. Invisíveis, eficazes, a partir desses refúgios que são seus gabinetes, essas pessoas mediocres, sem rosto e sem nome, que pululam em todos as engrenagens de uma ditadura, são sempre as responsáveis pelos piores sofrimentos e horrores que ela produz, os agentes desse mal que, com frequência, em vez de se revestir da satânica generosidade de um Satanás, se esconde sob a pequenez de um obscuro funcionário.

Kafka já identificou essa figura nos invisíveis personagens que julgam e executam inocentes como K por crimes fantásticos e inexistentes, mas o grande mérito de Hanna Arendt foi ter tirado da literatura esse hipócrita e dar a ele o papel que merece como sequaz<sup>51</sup> indispensável dos verdugos e classificá-lo como o agente predileto do mal no universo totalitário.

Eichmann "não era nem um Iago nem um Macbeth", diz Hannah Arendt, e tampouco um estúpido. "Foi a pura falta de pensar – o que não é pouca coisa – que o levou a se tornar um dos maiores criminosos da sua época. Isso é 'banal' e até cômico, pois nem com a maior vontade do mundo se conseguiu descobrir em Eichmann a menor índole diabólica ou demoníaca."

O terrível no caso de Eichmann é que ele não era um homem excepcional, mas uma pessoa comum e vulgar. O que significa que todo homem comum e vulgar, em determinadas circunstâncias (uma ditadura hitlerista, por exemplo), pode transformar-se num Eichmann.

Quem afirmou isso anos antes foi Georges Bataille, ao comentar o prontuário criminal do valoroso companheiro de batalha de Juan de Arco que, descobriu-se depois, assassinava crianças em série porque era um pervertido sexual: "Gostando ou não, no fundo de todos nós,

---

<sup>51</sup> **Sequaz**: que ou aquele que faz parte de uma agremiação, de um partido, de uma seita.

## REFLEXÕES X

---

não só os 'maus', mas também os 'bons'", esconde-se um pequeno Gilles de Rais. ●

**Mario Vargas Llosa**

LUÍZ BIANCI

## Aposentem os espões

Mario Vargas Llosa

14 de julho de 2013



Pode-se ter uma opinião não muito boa do presidente Evo Morales, como é o meu caso, mas não se pode desconhecer que ele é o mandatário da Bolívia, um país soberano que o escolheu em eleições legítimas e, portanto, deve ser tratado pelos outros governos com o respeito devido ao seu cargo. Os países europeus que o maltrataram, impedindo que o seu avião cruzasse seu espaço aéreo ou reabastecesse,

agiram de maneira prepotente e torpe. Além disso, fizeram-lhe um favor, presenteando-o com o papel de vítima, que será muito útil para ele perante os eleitores bolivianos neste momento em que, contrariamente à sua própria Constituição, quer se eleger pela terceira vez e, precisamente, estava caindo nas pesquisas.

O incidente é uma das consequências do "caso Snowden", o funcionário da inteligência dos EUA que, segundo Áustria, Itália, Espanha, França e Portugal, estaria a bordo do avião de Evo Morales como passageiro não declarado. Não foi o que aconteceu, mas o que ficou evidente no episódio é que os serviços de inteligência da União Europeia e dos Estados Unidos, apesar dos seus excessos, deixam muito a desejar.

Edward Snowden converteu-se no mais recente herói midiático da frivolidade progressista e de defensores tão notáveis da liberdade de expressão e do direito de crítica, assim como do presidentes Maduro, da Venezuela, do comandante Ortega da Nicarágua e do próprio Evo Morales, que se apressaram a oferecer-lhe asilo, e do presidente Correa, do Equador, cujo Parlamento acaba de aprovar a lei de imprensa mais ameaçadora da história da América do Sul.

Em que consiste o heroísmo de Snowden? Em ter rompido seu compromisso de confidencialidade que teria contraído com o Estado

## REFLEXÕES X

---

para o qual trabalhava, revelando ao mundo que a espionagem dos Estados Unidos grava conversações privadas dos cidadãos, violando desse modo a intimidade de milhões de famílias, não apenas americanas, mas também de países amigos, entre eles seus aliados da Europa Ocidental. É uma violação que, segundo seus defensores, o honra, pois esse menosprezo permitiu que fosse divulgada uma intolerável infração de privacidade, um direito reconhecido pela Constituição dos EUA e de todas as sociedades democráticas.

Considero essa argumentação (e a conseqüente indignação) ingênua, no melhor dos casos, no pior, hipócrita e desprovida de realidade. Acaso fizeram algo diferente os espões, desde que existem, a não ser violar a intimidade de cidadãos de seus próprios países e dos países dos outros? É o que fazem nas ditaduras e nos países democráticos. A diferença é que nas ditaduras isso jamais é castigado e, às vezes, nas democracias, o é, nos casos pouco frequentes em que essas transgressões provocam um grande escândalo ou chegam aos tribunais e merecem uma sanção legal. Em virtude da repercussão do "caso Snowden", o Congresso dos EUA nomeou uma comissão para investigar o fato.

A verdade é que o sr. Snowden revelou fatos que qualquer pessoa sensata já sabia, embora, certamente, poucos imaginassem a magnitude dessas gravações. Tais violações só eram menos significativas no passado porque não existia, então, uma tecnologia tão avançada no campo das comunicações como a que existe hoje. Esse progresso extraordinário colocou nas mãos das agências de informações um brinquedo muito perigoso, que não ameaça apenas os inimigos da democracia, como também a própria cultura da liberdade e suas instituições representativas.

Se o nosso desejo é que desapareçam todos os espões, eu o confirmo. Essa função só tem graça nas novelas e nos filmes; na realidade, é algo desonroso, que desonra por sua clandestinidade e porque atua irremediavelmente numa perigosa corda bamba que oscila entre a legalidade e a ilegalidade. Desgraçadamente, enquanto existirem as guerras, os perigos de guerras e um terrorismo religioso e ideológico que provoca diariamente os estragos que sabemos, será praticamente impossível que os Estados

democráticos renunciem a uma atividade da qual poderiam depender em grande parte a segurança e políticas eficazes contra a repetição de tragédias como as das Torres Gêmeas ou da Estação de Atocha. Contrariamente ao que ocorre nas ditaduras, nas sociedades livres, como os EUA, existe uma Justiça independente, uma imprensa livre, um Congresso representativo e inúmeras associações de direitos humanos, que podem denunciar tais excessos e procurar corrigi-los. Por que Edward Snowden não optou por esse caminho legítimo, em vez de violentar por sua vez a legalidade e tornar-se um instrumento de regimes autoritários e totalitários que se valem dele para atacar o "imperialismo" e dramatizar em nome de uma liberdade e de uns direitos que eles pisoteiam sem o menor escrúpulo? Seu caso é muito semelhante ao de Julian Assange, que despreza a Justiça dos países democráticos e nega-se a responder às acusações que lhe são feitas por assédio e violação sexual, na Suécia, uma das democracias mais genuínas. O que ele planeja é prosseguir sua cruzada libertária desde o Equador, país onde exercer a mínima liberdade de expressão significa correr o risco de ser multado, preso ou expropriado, conforme denunciam hoje em dia todas as associações de jornalistas independentes do mundo.

O direito à privacidade já desapareceu faz tempo no mundo em que vivemos. Esse direito foi desmantelado, antes mesmo dos espões, pela imprensa marrom e pelas revistas cor de rosa, pela ferocidade dos debates políticos que em sua ânsia de aniquilar o adversário não hesita em expor à luz suas intimidades mais secretas e a avidez de um público por invadir o âmbito do privado a fim de saciar sua curiosidade com segredos de alcova, escândalos de família, relações perigosas, intrigas, vícios, tudo aquilo que antigamente parecia vedado à exposição pública. Hoje, a fronteira entre o privado e o público se eclipsou e, embora existam leis que na aparência protegem a privacidade, poucas pessoas apelam para os tribunais para reclamá-la, porque sabem que as possibilidades de que os juízes lhes deem razão são escassas. Desse modo, embora por inércia continuemos utilizando a palavra escândalo, a realidade a esvaziou do seu conteúdo tradicional e da censura moral que implicava e passou a ser sinônimo de entretenimento legítimo.

Não tem muito sentido converter Edward Snowden em um herói da liberdade por ele ter revelado que não só as donas de casa, os profissionais e os burocratas violam diariamente a privacidade dos cidadãos lendo as revistas, ouvindo ou vendo no rádio e na televisão os programas criados especificamente para violá-la – a grande diversão midiática do nosso tempo –, mas também os espões. Acaso a desgraça de muitos deveria ser um consolo para os outros? De certo modo, sim. Nas pesquisas de opinião realizadas nos Estados Unidos sobre Edward Snowden, a maioria aprova que a inteligência americana grave as conversações privadas. Acho que não seria diferente a reação da opinião pública da grande maioria das sociedades democráticas que vivem, como os EUA, com a aflição de ser novamente vítimas dos atentados terroristas de organizações como a Al-Qaeda, empenhadas em acabar com o Grande Satã, categoria na qual incluem todas as democracias seculares de molde ocidental.

Indubitavelmente, existe o perigo de que essa realidade deteriore as instituições que alicerçam uma democracia. Mas ao mesmo tempo ela é deteriorada por operações midiáticas que deturpam a natureza do exercício da liberdade de expressão e a transformam numa libertinagem irresponsável. A liberdade e a legalidade são igualmente importantes para o funcionamento da democracia e exercer a liberdade contra a legalidade só se justifica em países onde a legalidade se opõe àquela, pois a limita ou a viola.

Não é certo que em sociedades como os Estados Unidos ou a Suécia a legalidade se tenha degradado ao extremo de que, somente ao violá-la, seja possível exercer a liberdade. Edward Snowden e Julian Assange não são os paladinos e sim os depredadores da liberdade que afirmam defender. ●

**Mario Vargas Llosa**

## Elogios a Mandela

Mario Vargas Llosa

21 de julho de 2013



Nelson Mandela, o político mais admirável destes tempos tumultuados, segue em um hospital de Pretória, após completar 95 anos na quinta-feira. Poderemos ter a certeza de que todos os elogios feitos a ele são justos, pois o estadista sul-africano transformou a história do seu país de uma maneira que ninguém imaginava concebível, e demonstrou com sua inteligência, habilidade, honestidade e coragem que, no campo da política, às vezes, os milagres são possíveis.

Tudo isso foi sendo gestado, antes mesmo que na história, na solidão de uma consciência, na desolada prisão de Robben Island, onde Mandela ingressou, em 1964, para cumprir pena de prisão perpétua e trabalhos forçados. As condições em que o regime do *apartheid* mantinha seus presos políticos na ilha rodeada de um mar traiçoeiro e tubarões, em frente à Cidade do Cabo, eram atroz<sup>52</sup>. Uma cela tão minúscula que parecia um nicho ou o covil de uma fera, uma esteira de palha, uma sopa de milho três vezes ao dia, mudez obrigatória, visitas de meia hora de duração a cada seis meses, e o direito de receber e escrever somente duas cartas ao ano, nas quais jamais deveriam ser mencionados temas políticos nem da atualidade.

Em tal isolamento, ascetismo e solidão transcorreram os primeiros nove anos dos 27 que Mandela passou na ilha. Em vez de suicidar-se ou enlouquecer, como muitos companheiros de prisão, nos nove anos Mandela meditou, reviu suas próprias ideias e ideais, fez uma autocrítica radical de suas convicções e atingiu aquela serenidade e

---

<sup>52</sup> **Atroz**: intensamente cruel, desumano.

sabedoria que a partir de então guiariam todas as suas iniciativas políticas. Embora nunca tenha compartilhado das teses dos resistentes que propunham uma 'África para os africanos' e queriam atirar ao mar todos os brancos da União Sul Africana, em seu partido, o Congresso Nacional Africano, Mandela, assim como Sisulu e Tambo, os dirigentes mais moderados, estavam convencidos de que o regime racista e totalitário só seria derrotado mediante ações armadas, sabotagens e outras formas de violência, e para tanto formou um grupo de comandos ativistas chamado Umkhonto we Sizwe, que enviava para Cuba, à China Popular, à Coreia do Norte e à Alemanha Oriental jovens militantes para que se adestrassem.

Deve ter levado muito tempo – meses, anos – para convencer-se de que toda essa concepção da luta contra a opressão e o racismo na África do Sul era equivocada e ineficaz, e era preciso renunciar à violência e optar por métodos pacíficos, ou seja, buscar uma negociação com os dirigentes da minoria branca – equivalente a cerca de 12% do país, que explorava e discriminava de maneira iníqua os 88% restantes – e convencê-la de que permanecera no país porque a convivência entre as duas comunidades era possível e necessária, quando a África do Sul fosse uma democracia governada pela maioria negra.

Naquela época, final dos anos 1960 e início dos 1970, pensar semelhante coisa era um exercício mental distante da realidade. A brutalidade irracional com que a maioria negra era reprimida e os esporádicos atos terroristas com que os resistentes respondiam à violência do Estado haviam criado um clima de rancor e ódio que fazia prever, mais cedo ou mais tarde, um desenlace de dimensões cataclísmicas no país.

A liberdade só poderia significar o desaparecimento ou o exílio para a minoria branca, particularmente para os africâners, os verdadeiros donos do poder. É espantoso pensar que Mandela, perfeitamente consciente das vertiginosas dificuldades que encontraria no caminho que traçara para si, decidiria empreendê-lo, e, mais ainda, que perseveraria nele sem sucumbir ao desalento um só instante, e, 27 anos mais tarde, concretizaria aquele sonho

impossível: uma transição pacífica do *apartheid* para a liberdade, enquanto a maior parte da comunidade branca permanecia no país ao lado dos milhões de negros e mulatos sul-africanos que, convencidos por seu exemplo e suas razões, haviam esquecido os insultos e os crimes do passado, e perdoado.

Seria preciso recorrer à Bíblia, àquelas histórias exemplares do catecismo que nos contavam quando éramos crianças, para tentar entender o poder de convicção, a paciência, a vontade inquebrantável e o heroísmo que Nelson Mandela deve ter demonstrado durante todos aqueles anos para persuadir, primeiramente seus próprios companheiros de Robben Island, depois seus correligionários do Congresso Nacional Africano e, por último, os próprios governantes e a minoria branca, de que não era impossível que a razão substituísse o medo e o preconceito, que uma transição sem violência era igualmente factível e ela assentaria as bases de uma convivência humana em lugar do sistema cruel e discriminatório imposto à África do Sul por séculos. Creio que Nelson Mandela é ainda mais digno de reconhecimento por esse trabalho extremamente lento, hercúleo, interminável, graças ao qual suas ideias e convicções foram contagiando os seus compatriotas como um todo, do que pelos extraordinários serviços que prestaria depois, já no governo, aos seus concidadãos e à cultura democrática.

É preciso lembrar que o homem que assumiu essa admirável tarefa era um prisioneiro político, o qual, até o ano de 1973, quando foram abrandadas as condições carcerárias em Robben Island, vivia praticamente confinado numa minúscula cela e com apenas uns poucos minutos diários para trocar algumas palavras com os outros presos, quase privado de toda comunicação com o mundo exterior. Contudo, sua tenacidade e sua paciência tornaram possível o impossível. Enquanto na prisão já menos inflexível dos anos 1970, pôde estudar e formar-se em Direito, suas ideias foram rompendo pouco a pouco os preconceitos totalmente legítimos que existiam entre os negros e mulatos sul-africanos e começou a ser aceita sua tese de que a luta pacífica na busca de uma negociação seria mais eficaz e permitiria alcançar a liberdade mais rapidamente.

Mas foi ainda mais difícil convencer de tudo isso a minoria que

detinha o poder e julgava ter o direito divino de exercê-lo com exclusividade e para sempre. Esses eram os pressupostos da filosofia do *apartheid* proclamada por seu mentor intelectual, o sociólogo Hendrik Verwoerd, na Universidade de Stellenbosch, em 1948, e adotada de modo quase unânime pelos brancos nas eleições daquele mesmo ano. Como convencê-los de que estavam equivocados, de que deviam renunciar não apenas a semelhantes ideias, mas também ao poder, e resignar-se a viver numa sociedade governada pela maioria negra?

O esforço durou muitos anos, mas, ao final, como a gota persistente que fura a pedra, Mandela foi abrindo portas na cidadela de desconfiança e temor, e, um dia, o mundo inteiro descobriu estupefato que o líder do Congresso Nacional Africano saía às vezes de sua prisão para ir tomar civilizadamente o chá das cinco com os que seriam os dois últimos mandatários do *apartheid*, Botha e de Klerk. Quando Mandela subiu ao poder, sua popularidade na África do Sul havia se tornado indescritível, tanto na comunidade negra quanto na branca (lembro ter visto, em janeiro de 1998, na Universidade de Stellenbosch, o berço do *apartheid*, uma parede coberta de fotos de alunos e professores recebendo a visita de Mandela com entusiasmo delirante).

Esse tipo de devoção popular mitológica costuma atordoar quem a recebe e fazer dele – como no caso de Hitler, Stalin, Mao, Fidel Castro – um demagogo e um tirano. Mas Mandela não se deixou envaidecer; continuou sendo o homem simples, austero e honesto que sempre foi e, para surpresa do mundo todo, negou-se a permanecer no poder, como seus compatriotas pediam. Aposentou-se e foi passar os seus últimos anos na aldeia indígena de onde se originara sua família.

Mandela é o melhor exemplo que temos – aliás muito raro nos nossos dias – de que a política não é apenas a tarefa suja e medíocre que tantos imaginam, da qual os malandros se valem para enriquecer e os vagabundos para sobreviver sem fazer nada, mas uma atividade que pode também melhorar a vida, substituir o fanatismo pela tolerância, o ódio pela solidariedade, a injustiça pela justiça, o egoísmo pelo bem comum, e que alguns políticos, como o

## REFLEXÕES X

---

estadista sul-africano, tornam o seu país, e o mundo, muito melhor do que como o encontraram. ●

**Mario Vargas Llosa**

LUIZ BIANCI

## Um acordo possível

Mario Vargas Llosa

28 de julho de 2013



Aplausos para o secretário de Estado dos EUA, John Kerry, que, depois de seis visitas ao Oriente Médio, conseguiu que o governo de Israel e a Autoridade Palestina anunciassem a retomada das conversações de paz, interrompidas há cerca de três anos. Somente a pressão dos Estados Unidos torna possível o restabelecimento do diálogo para o qual as duas partes mostravam-se apáticas e apreensivas. Não sem razão: a última vez que tentaram, em 2010, a negociação durou apenas 16 horas e terminou em total fracasso.

Terão mais sorte desta vez com essa pequena chama que começa a tremeluzir de novo em meio ao vendaval? É o que desejamos ardentemente, por Israel, pela Palestina, pelo Oriente Médio e pelo mundo inteiro, porque, se palestinos e israelenses chegarem a um acordo racional e justo para coexistirem em paz e em colaboração, será resolvido um dos conflitos mais graves e potencialmente capazes de mergulhar grande parte do planeta em uma guerra de proporções cataclísmicas.

No entanto, não vamos nos enganar, os obstáculos para esse acordo são enormes e, até agora, frustraram todas as tentativas para que ele fosse alcançado, embora ambas as partes aceitem, em princípio, a ideia de dois Estados independentes e a criação de um sistema que garanta, de modo inequívoco, a segurança de Israel.

Os problemas começam no momento de estabelecer a natureza e os limites desses Estados soberanos. A Autoridade Palestina reclama para o Estado palestino os territórios que lhes foram outorgados quando da divisão da região pelas Nações Unidas, antes da Guerra dos Seis Dias, em 1967. Foi quando Israel ocupou Jerusalém Oriental e boa parte da Cisjordânia, zona hoje literalmente povoada

de assentamentos onde vivem – armados até os dentes – mais de 500 mil colonos israelenses, convencidos de que aquelas terras são suas por direito divino e preveem qual será o destino final dela: Eretz Yisrael, a Terra de Israel bíblica, que vai desde o Mediterrâneo até o Jordão. Os colonos não só rejeitam um Estado palestino, mas farão todo o necessário para impedir que ele nasça.

Equivalente ao movimento radical e intransigente dos colonos, do lado palestino está o Hamas, organização que pratica o terrorismo, não reconhece o direito à existência de Israel, quer lançar os judeus ao mar e, na realidade, tem o controle absoluto da Faixa de Gaza. Além disso, conta com um incerto, mas grande, número de palestinos que vivem sob o governo de Mahmoud Abbas, controlado pelo Fatah, adversário tenaz do Hamas.

Assim como os colonos, que quando querem frear ou impedir as negociações constroem um novo assentamento ilegal e o governo israelense vê-se obrigado a protegê-lo com seu Exército, o Hamas também interfere. O grupo, que sempre viu com hostilidade a possibilidade de uma solução pacífica e negociada com Israel, dispara foguetes da Faixa de Gaza contra o território israelense, causando destruição e vítimas em áreas agrícolas, vilarejos e cidades de Israel, o que provoca represálias e envenena o ambiente até ele se tornar irrespirável para qualquer negociação.

Contudo, nada disso deve impedir que, com ou sem fanatismos, chantagens e sabotagens recíprocas, a sensatez e a razão prevaleçam. O que já ocorreu, quando os acordos de Oslo acionaram uma dinâmica de paz que trouxe grandes esperanças entre homens e mulheres, tanto em Israel como nas cidades palestinas. Estive ali em 1993 e a atmosfera era de entusiasmo. É provável que, não fosse o assassinato do premiê israelense Yitzhak Rabin, o processo teria prosseguido até se chegar a uma paz definitiva. Um processo que foi ressuscitado sete anos depois, em 2000 e 2001, por insistência do presidente americano Bill Clinton.

Provavelmente, com aquelas conversações, primeiro em Camp David, Washington, depois em Taba, no Egito, foi a ocasião em que mais perto se chegou de formar um acordo sério e sustentável entre

os dois adversários. Israel, sob o governo de Ehud Barak, fez uma oferta que Yasser Arafat (ou sua Organização de Libertação da Palestina, a OLP) cometeu a loucura de rechaçar, pois Israel propôs devolver 95% dos territórios ocupados na margem ocidental do Rio Jordão e, pela primeira, vez aceitou que Jerusalém Oriental fosse a capital do futuro Estado palestino.

A rejeição da oferta, que implicava em concessões muito importantes da parte do governo israelenses, como jamais se verificou no caso de governos anteriores, teve efeitos trágicos. Pior: a opinião pública de Israel, profundamente frustrada, concluiu que tal acordo era simplesmente impossível e Israel não tinha outro caminho senão impor a paz a sua maneira. Isso explica a ascensão ao poder de Ariel Sharon, com sua tese de que Israel buscaria uma solução à força e, depois, Binyamin Netanyahu e o colapso monumental do movimento pacifista Paz Agora e da esquerda conciliadora de Israel.

Aquele fracasso, além das acusações de corrupção e desgoverno, contribuiu para enfraquecer o Fatah, permitindo o crescimento do Hamas e a popularização do seu discurso extremista contrário a qualquer acordo. Esse é o impasse que o governo do presidente dos EUA, Barack Obama, se esforça para eliminar. Israel anunciou, em sinal de boa vontade, que libertará uma centena de presos palestinos, alguns detidos desde antes dos acordos de Oslo, de 1993.

O ministro Yuval Steinitz garantiu que entre os detentos libertados "haverá alguns pesos-pesados". Também comunicou que as conversações serão realizadas em Washington, a partir da próxima semana, que a ministra da Justiça de Israel, Tzipi Livni, chefiará a delegação israelense. No caso da Autoridade Palestina, o negociador será Saeb Erekat.

Um outro grande obstáculo para o acordo é a exigência palestina do "direito de regresso" dos vários milhões de refugiados que, desde a guerra de 1948, precisaram se exilar e viver dispersos pelo mundo, às vezes em campos e em condições miseráveis, como no Líbano. Seu número é incerto, mas oscila entre 3 e 4 milhões de pessoas. Israel alega que, se reconhecer tal direito, o país deixará de ser um

## REFLEXÕES X

---

Estado judeu e se converterá num Estado palestino, porque a população palestina superará amplamente a judaica. Afirma também, com razão, que da mesma maneira que os palestinos, centenas de milhares de judeus foram expulsos desde 1948 de Egipto, Irã, Iraque, Iêmen, Líbia e de outros países muçulmanos.

Poderíamos continuar enumerando todos os riscos que transformam essa negociação entre palestinos e israelenses num campo minado. Contudo, seria absurdo adotar uma atitude pessimista. Vivemos numa época em que observamos coisas impossíveis se tornarem possíveis, como a transformação pacífica da África do Sul num país multirracial e democrático ou a conversão da China – o mais radical de todos os Estados coletivistas e estatistas do socialismo marxista – no defensor mais exaltado do capitalismo. Em Mianmar, uma típica sátrapa militar subdesenvolvida optou por uma reforma e direcionou-se para o caminho da legalidade e da liberdade. Já não é impossível pensar que Cuba ou que a Coreia do Norte, amanhã ou depois, possam abandonar o anacronismo ideológico que as está destruindo e se resignarem à medíocre democracia.

Se essa nova tentativa fracassar, talvez não haja uma nova oportunidade e continuarão imperando a incerteza e a insegurança que, para os fanáticos de ambos os lados, favorecem suas respectivas teses. Não é assim. Se a ideia de dois Estados não se concretizar, é provável que, num certo momento, no futuro, a região voltará a se incendiar em um conflito armado com milhares de vítimas e enormes danos materiais.

Estão equivocados aqueles que acham que Israel, graças ao seu poderio econômico e militar, é invulnerável e a força garante o seu futuro. Um país não pode viver cercado de inimigos que anseiam por sua destruição e esperam apenas a ocasião para prejudicá-lo. Os fanáticos que acreditam que lançarão os judeus ao mar estão cegos. O máximo que podem aspirar é provocar um novo holocausto do qual serão eles as primeiras vítimas.

Em um excelente artigo em que faz uma revisão de todos os desafios a serem enfrentados por palestinos e israelenses nas negociações

## REFLEXÕES X

---

que serão retomadas – e confessa seu próprio pessimismo –, Roger Cohen, no New York Times do dia 23 de julho, escreveu: "Meu coração sangra. E, contudo, não posso deixar de ouvir o que deve estar murmurando Nelson Mandela em seu leito de hospital: 'Provem-me que estou equivocado, covardes, decidam de uma vez por todas se ganhar uma discussão é mais importante do que salvar a vida de uma criança.'" •

**Mario Vargas Llosa**

## A quinta coluna

Mario Vargas Llosa

11 de agosto de 2013



Caminhar à beira-mar entre Marbella e Puerto Banús numa manhã clara é uma experiência fascinante: ouvimos todos os idiomas do mundo e do outro lado do mar divisamos a costa africana: manchas verdes acinzentadas que gradualmente desaparecem e pouco depois reaparecem em formas que devem ser colinas ou montanhas. Um pouco mais ao sul, está

Ceuta, a bela e dinâmica cidade onde há um mês passei três dias intensos, impressionado com seus parques, o museu que nos narra sua história milenar na qual todas as civilizações mediterrâneas deixaram sua marca, preservada pelos ceutenses com orgulho, além da magnífica vista do encontro, a seus pés, do Mediterrâneo com o Atlântico.

Mas o que mais me comoveu em Ceuta foi a convivência civilizada entre religiões: cristãos, muçulmanos, judeus, hindus vivem em harmonia e amizade, algo exemplar nesses tempos inflamados de guerras religiosas. Foi uma impressão superficial e apressada, como as notícias vêm demonstrando. Na sombra daquele lugar pacífico, uma pequena quinta coluna de fanáticos islamistas preparava-se para romper aquela paz com atentados terroristas. Descobertos em tempo, cerca de 20 foram presos. Mas a ameaça persiste.

Todas as manhãs que faço essa caminhada não consigo deixar de pensar nessa África que percebo à distância, no entusiasmo com que, como tantos milhões de pessoas no mundo, acompanhei esse movimento de rebeldia e liberdade, a Primavera Árabe, que sacudiu em sua base Tunísia, Líbia, Egito e agora continua na Síria.

Foi exaltante ver como, enfim, essas populações davam um basta ao anacronismo em que viviam, ao despotismo, à corrupção, à miséria, ao abuso dos direitos humanos e exigiam justiça, democracia,

modernidade. Enfim, seriam entronizados na África e no Oriente Médio sistemas democráticos e liberais no estilo ocidental? Estou convencido de que muitos dos milhões de jovens que foram às ruas reivindicar a liberdade desejavam isso realmente, embora nem todos tivessem uma ideia clara de como materializá-la no âmbito social e político. Mas não tinham líderes, organizações, nem a experiência indispensável e, ao chegar ao poder, os problemas começaram. E a quinta coluna, minoritária, mas animada pela fé cega de deter a verdade e convencida de que todos os meios são válidos para impor sua verdade, mesmo que sejam os crimes mais horrendos. Então, começou a agir, conquistar terreno, a reinar na confusão e se impor usando da prepotência e da violência. Não podemos dizer ainda que os islamistas radicais venceram a partida, felizmente. Mas, com certeza, a ideia de que a grande mobilização popular contra as ditaduras de Kadafi, Mubarak, Ben Ali e Assad resultaria na instalação de democracias mais ou menos funcionais foi uma ilusão. A quinta coluna islamista não triunfou em nenhum lugar, contudo, ficou claro que, enquanto ela existir, nenhum regime com base em legalidade e liberdade será estável e duradouro nos países árabes.

O caso do Egito é particularmente trágico. As massas que saíram às ruas para condenar a ditadura militar de Mubarak triunfaram, depois de centenas de jovens oferecerem suas vidas nos protestos e milhares serem presos. Pela primeira vez em sua história milenar, o país realizou eleições livres. E a vontade popular levou ao poder um movimento religioso que sofreu duras perseguições ao logo de várias décadas: a Irmandade Muçulmana, sob a presidência de Mohamed Morsi. Em vez de construir uma democracia, o novo mandatário e seus colaboradores dedicaram-se a impedi-la, seguindo, de fato, a prescrição da quinta coluna, ou seja, o islamismo mais radical.

Os cristãos coptas, que constituem 10% da população, foram açoitados, perseguidos e alguns, assassinados. Foram sancionadas leis que não respeitavam os direitos humanos e os violentavam abertamente, encaminhando o país para o reino da sharia, a imposição do véu, a discriminação da mulher, o desaparecimento do

## REFLEXÕES X

---

ensino laico e misto, a deformação da Justiça e da informação, sujeitando-se à vontade dos clérigos. Em um ano de governo, Morsi não só acabou de arruinar a economia e semear o caos na administração e na ordem pública. Ele, sobretudo, apesar das suas afirmações em contrário, serviu de cavalo de Troia para os islamistas fanáticos.

Milhões de egípcios voltaram às ruas para protestar e enfrentar os capangas, a polícia e novamente sangue foi derramado na Praça Tahrir, nas cidades e nos campos. A quem os rebeldes enfurecidos recorreram buscando ajuda? Ao Exército! Ou seja, à mesma instituição que, sem ter vencido nenhuma das guerras egípcias, ganhou todas contra seu próprio povo, pois foi o sustentáculo mais firme das ditaduras que o país suportou desde sua independência. Agora, o Egito converte-se novamente numa satrapia militar. O regime prometeu convocar eleições, mas todos os golpistas de Estado prometem sempre a mesma coisa e nunca cumprem.

Há esperança de que não será assim no Egito? Espero que sim, mas confesso, tristemente, que não a vejo em parte alguma. E se, na duvidosa possibilidade de novas eleições livres, a Irmandade Muçulmana vencer de novo? Valeu a pena esse gigantesco sacrifício para o país se converter numa ditadura religiosa?

A situação na Síria não é menos trágica e paradoxal. A revolta contra o tirano Assad, que demonstrou ser ainda mais sanguinário do que seu pai, foi comemorada em todo o mundo democrático. No Ocidente, houve uma pressão crescente da opinião pública para os governos ajudarem os rebeldes desarmados, pelo menos do mesmo modo que ajudaram os líbios que se levantaram contra Kadafi. Mas a imagem de um comandante rebelde abrindo o peito do soldado que acabara de matar e comendo seu coração em frente às câmeras e também a participação ativa, ao lado da oposição democrática síria, de organizações terroristas como comandos da Al-Qaeda e do Hezbollah, arrefeceram muito as simpatias pela causa.

E se a queda de Assad significar para os sírios uma alternativa pior? E se a satrapia corrupta e tirânica de hoje for substituída por um regime islamista fanático em que o mínimo de tolerância

desaparecerá e as mulheres sírias retrocederão a uma condição tão bárbara como a vivida pelas afegãs durante a ditadura taleban? Tenho alguns amigos muçulmanos, pessoas cultas, modernas, tolerantes, genuinamente democráticas, e todos garantem que não há nada em sua religião que não seja compatível com um sistema político de índole democrática e liberal, de coexistência na diversidade, que respeita a igualdade dos sexos e os direitos humanos. E, claro, acredito neles.

Mas, por que não temos ainda um único exemplo que demonstre tudo isso? É o que me pergunto, já de regresso a Marbella e à clínica onde me encontro. A Turquia parecia ser esse exemplo, mas, depois dos últimos acontecimentos, é arriscado acreditar nisso. Com muita discricção e sabedoria e, o que é pior, com o apoio de um amplo setor da população, o governo de Erdogan socavou a institucionalidade e substituiu-a com medidas inspiradas na religião. Isso mobilizou um amplo setor da sociedade que não quer que o país retorne aos tempos anteriores a Kemal Ataturk, que acreditou ter colocado um fim definitivo. Não tem sido assim. A radicalização islamista do governo de Erdogan, cujo partido se vangloria de adotar um islamismo moderado e moderno, tem algo a ver, sem dúvida, com a desconfiança ou o repúdio aberto na Europa ao empenho da Turquia para aderir à União Europeia.

Sempre pensei que essa desconfiança era injusta e seria bom para a Europa e para todo o Oriente Médio que uma democracia muçulmana fizesse parte do bloco. Hoje, porém, duvido que possamos chamar de democracia aquilo em que Erdogan e seu partido transformaram a Turquia.

Ninguém deseja tanto como eu que os países muçulmanos rompam esse círculo vicioso entre ditadura militar e ditadura clerical. Mas, cada vez mais, me convenço de que esse salto não passará pela política, mas pela religião, pela retração do islamismo a um mundo privado, familiar e individual, de modo que a vida política possa ser laica. Enquanto isso não ocorrer, será a eficiente quinta coluna a continuar dando as cartas nos países muçulmanos. ●

**Mario Vargas Llosa**

## O patrocinador do mal

Mario Vargas Llosa

25 de agosto de 2013



A série da TV colombiana Escobar, o Patrocinador do Mal teve muito sucesso no seu país de origem e não há dúvida de que terá em todos os lugares onde for exibida. Foi muito bem produzida, escrita e dirigida. Ángel Parra, ator que encarna o narcotraficante, o faz com enorme talento. Contudo,

diferentemente do que ocorre com outras grandes séries de TV, como *The Wire* ou *24*, dos EUA, ela é acompanhada com desconforto, um mal-estar difuso provocado pela sensação de que, ao contrário do que relatam, é a descrição mais ou menos fidedigna de um pesadelo que acometeu a Colômbia durante os anos em que viveu sob o império do narcotráfico.

Os 74 episódios aos quais acabei de assistir, embora algumas liberdades tenham sido tomadas com relação à história real e alguns nomes próprios tenham sido mudados, são um testemunho autêntico, fascinante e instrutivo da violenta modernização econômica e social – um verdadeiro terremoto, que sofreu a letárgica sociedade colombiana, que se converteu, por obra do gênio empresarial de Escobar, de uma indústria artesanal, nos anos 1970, na capital mundial da produção e do comércio de cocaína.

Infelizmente, a trajetória de Escobar está apenas resumida na série, que se concentra mais na experiência familiar do narcotraficante, sua vida pública e clandestina, seus delírios e seus crimes horrendos. Sua ambição era tão grande quanto sua falta de escrúpulos e os delírios e ataques de ira que o induziam a exercer a crueldade com o refinamento e a frieza de um personagem do Marquês de Sade, contrastavam curiosamente com seu complexo de Édipo mal resolvido que o transformava num cordeiro diante da rígida matriarca que foi sua mãe e sua condição de marido modelo e

pai muito afetuoso.

Quando lhe apetecia uma "virgenzinha", seus sequazes procuravam uma e depois era assassinada para apagar as pistas. Sempre se considerou um "homem de esquerda" e quando oferecia casas de presente para os pobres construía também zoológicos e proporcionava grandes espetáculos esportivos, como quando mandava explodir carros-bomba que deixavam centenas de inocentes em pedaços.

Ele estava convencido de estar lutando por justiça e direitos humanos. Como criou milhares de empregos – lícitos e ilícitos –, era pródigo e perdulário e personificou a ideia de que uma pessoa pode enriquecer da noite para o dia usando uma arma. Foi ídolo nos bairros marginais de Medellín e, por isso, quando morreu, milhares de pobres choraram por ele, chamando-o de santo, um segundo Jesus Cristo. Ele, como sua família e seu exército de rufiões, era católico praticante e devoto de Santo Niño de Atocha. Sua fortuna foi gigantesca, embora ninguém tenha conseguido calcular o valor com precisão e não tenha sido exagero quando, em determinado momento, se afirmou que ele era o homem mais rico do mundo. O personagem mais poderoso da Colômbia podia transgredir todas as leis, comprar políticos, militares, funcionários, juízes, torturar, sequestrar e assassinar todos aqueles (e suas famílias) que ousavam se opor a ele.

O notável é que, diante da alternativa em que Pablo Escobar transformou a vida dos colombianos – "prata ou chumbo" –, havia pessoas, como o jornalista Guillermo Cano, dono e diretor do jornal *El Espectador*, sua heroica família e alguns juízes, militares e políticos que não se deixaram comprar nem intimidar, e preferiram morrer. Foi o caso de Luis Carlos Galán e do ministro Rodrigo Lara Bonilla.

O que dá calafrios ao ver essa série é a impressão que fica de que, se o poder e a fortuna não o tivessem empurrado, nos anos finais da sua vida, para excessos patológicos e a se desentender com os próprios sócios, que ele extorquia e mandava assassinar, e tivesse se resignado a um papel menos histriônico e exibicionista, Escobar

poderia ter sido presidente da Colômbia ou talvez dono do país. O que o arruinou foi a soberba, o fato de se acreditar o todo-poderoso, criar tantos inimigos no seu próprio meio e provocar tanto medo e terror com os assassinatos coletivos de carros-bomba, que mandava explodir nas cidades nas horas de pico para que o Estado se submetesse a suas ordens, que seus próprios cúmplices se juntaram contra ele e foram o principal fator de seu fim.

Se um romancista inserisse em sua obra alguns dos episódios protagonizados por Pablo Escobar, a história fracassaria estrondosamente, considerada inverossímil. Talvez o mais delirante e jocoso seja o episódio da sua "entrega" ao governo colombiano, depois de ter dado a satisfação para ele de assinar decretos garantindo que nenhum colombiano jamais seria extraditado para os EUA – a Justiça americana era o pesadelo dos narcotraficantes – e construir para ele um cárcere privado, "La Catedral", de acordo com suas exigências e necessidades.

Ou seja: mesas de bilhar, piscina, discoteca, um chefe de cozinha de prestígio, equipamentos sofisticados de rádio e televisão, o direito de escolher e vetar a guarda encarregada de vigiar o exterior da prisão. Escobar instalou-se na Catedral com suas armas, seus sicários e continuou dirigindo, dali, seu negócio transnacional. Quando queria, ia para Medellín para se divertir e, outras vezes, organizava orgias no suposto cárcere, com músicos e prostitutas que eram trazidos por seus capangas.

Na mesma prisão, permitiram o assassinato de dois dos seus destacados sócios no Cartel de Medellín por não terem deixado que os extorquissem. Como o escândalo foi enorme e a opinião pública reagiu com indignação, o governo tentou transferi-lo para uma prisão de verdade. Então, Escobar e seus pistoleiros, alertados pelos próprios guardas, que estavam em sua folha de pagamento, fugiram. Ainda conseguiu desencadear uma série de assassinatos, mas ele já estava mentalmente perturbado. Os Pepes (Perseguidos por Pablo Escobar) haviam começado a agir.

Quem eram os Pepes? Uma associação de rufiões, vários deles ex-sócios de Escobar no tráfico de cocaína, o Cartel de Cali, que sempre

foi adversário do de Medellín, os guerrilheiros da ultradireita (comitês de autodefesa) de Antioquia e outros inimigos do universo do banditismo que Escobar fora criando com seus caprichos e prepotências ao longo de sua carreira. Eles compreenderam que a visibilidade alcançada por esse personagem punha em risco todo o narcotráfico. Assassinaram seus colaboradores, prepararam emboscadas, converteram-se em informantes das autoridades. Em menos de um ano, o império de Pablo Escobar desintegrou-se. Seu final não podia ser mais patético: acompanhado por um único guarda-costas – todos os outros estavam mortos, presos ou haviam passado para o lado do inimigo – escondido em uma casinha muito modesta e delirando com seu projeto de refugiar-se em algum grupo guerrilheiro nas montanhas, por fim, foi caçado por um comando policial e militar que o abateu a tiros.

A morte de Escobar, esse pioneiro dos tempos heroicos, não acabou com a indústria do narcotráfico. Nos nossos dias, ela se tornou muito mais moderna, sofisticada e invisível do que naqueles tempos. A Colômbia já não detém a hegemonia de então. O tráfico se descentralizou e campeia também no México, na América Central, Venezuela, Brasil e nos países antes exclusivamente produtores da pasta básica, como Peru, Bolívia e Equador.

Hoje, eles competem na área do refino e na comercialização e, como na Colômbia, têm guerrilheiros e exércitos privados a seu serviço. A fonte principal da corrupção, a grande ameaça para o processo de democratização política e modernização econômica vivido pela América Latina, continua sendo e será cada vez mais o narcotráfico.

Até que, por fim, se abra totalmente o caminho para a ideia de que a repressão à droga serve apenas para criar obras destrutivas como a construída por Escobar e a delinquência associada a ela desaparecerá somente quando o seu consumo for legalizado e as enormes somas atualmente investidas em combatê-la forem gastas em campanhas de reabilitação e prevenção. ●

**Mario Vargas Llosa**

## Os insubmissos

Mario Vargas Llosa

8 de setembro de 2013



Vim à Normandia com a intenção de reler Flaubert, visitar o pavilhão de Croisset e os lugares que ele descreveu em Madame Bovary. Contudo, numa livraria do pitoresco e confuso porto de Honfleur, deparei com um pequeno livro de Jorge Semprún, recém-publicado na França, que me manteve toda a semana pensando na explosão do nazismo no continente

européu, na 2ª Guerra, nas suas sequelas e na conduta de alguns intelectuais naqueles anos cruciais.

O livro chama-se *Le Métier d'Homme* (O ofício do homem) e contém três conferências que o escritor proferiu na Biblioteca Nacional de Paris, nos dias 11, 13 e 15 de março de 2002. Provavelmente, o encontro foi gravado e o que foi publicado é uma transcrição das gravações, pois o texto está repleto de repetições e vacilações típicas de uma exposição falada, não lida.

No entanto, ainda assim essas páginas são abundantes em sugestões e ideias fascinantes que, longe de se contentarem com reminiscências históricas ou curiosidades, gravitam com força em torno da crise europeia dos anos 1940 e de nossos dias. O livro é também uma homenagem a um filósofo, Edmund Husserl, a um historiador, Marc Bloch, e ao escritor e jornalista George Orwell. Intelectuais que, em momentos de grande confusão e turbulência ideológicas e políticas, tiveram a coragem de assumir posições refratárias às dos governos e da opinião pública de seus países e conseguiram, usando de uma razão crítica e uma moral heroica, estabelecer alguns objetivos cívicos e defender valores que, ao longo do tempo, acabaram vencendo o obscurantismo, o fanatismo e o totalitarismo desencadeados pela segunda conflagração mundial.

Edmund Husserl, pai da fenomenologia e mestre de Heidegger, que

dedicou a ele sua obra capital, *Sein und Zeit* (Ser e Tempo), tendo se retratado depois quando começou a colaborar com o regime nazista, proferiu uma conferência em Viena, em 7 de maio de 1935, na qual exortou seus colegas intelectuais a enfrentarem a "barbárie" e a manter viva a grande tradição europeia do espírito crítico e da racionalidade, se sobrepondo às paixões e à conduta instintiva.



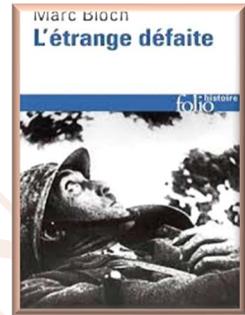
Na sua conferência, Semprún destaca, sobretudo, o que chama de "patriotismo democrático" do filósofo, que afirmou categoricamente que o inimigo da Europa civilizada não era o povo alemão, mas Hitler, e, mais cedo do que se esperava, a Alemanha, graças ao federalismo, optaria pela via democrática e se reintegraria numa Europa que teria superado também o nacionalismo e se unificado num regime político e econômico de caráter federal. Afirmações e previsões de uma lucidez visionária que, meio século mais tarde, a história europeia confirmaria.

No entanto, quando proferiu sua conferência, Husserl tinha 76 anos. Como era judeu, de acordo com as ordens antissemitas do nazismo, já havia sido despojado de todos os seus direitos acadêmicos. Logo, foi obrigado a se refugiar no priorado beneditino de Sainte Lioba, onde morreria três anos depois daquela conferência. De lá, um sacerdote franciscano, o padre Herman Leo van Breda, resgataria as 40 mil páginas inéditas do filósofo e encarregou-se de fazê-las chegar, sãs e salvas, à Universidade de Louvain, na Bélgica.

Semprún, em páginas de grande sutileza, destaca como naqueles anos houve intelectuais católicos, entre eles Jacques Maritain, que contrariamente à extrema prudência com que o Vaticano encarava a problemática nazista, atacaram o totalitarismo fascista e stalinista, denunciando suas semelhanças ocultas por baixo de suas diferenças aparentes, uma verdade escandalosa que se confirmaria logo depois com o pacto firmado entre Molotov e Von Ribbentrop e o trauma que o acordo causaria na intelectualidade progressista e comunista.

## REFLEXÕES X

O segundo homenageado por Semprún é o historiador Marc Bloch, fundador, com Lucien Febvre, da Escola dos Annales, movimento que renovaria e daria um impulso criativo notável à investigação histórica na França. Marc Bloch, que lutou na 1ª Guerra, começou como soldado raso e terminou como capitão. Alistou-se também na 2ª Guerra e foi um resistente ativo, até ser capturado pela Gestapo e fuzilado em 1944.



Depois da derrota do Exército francês, Bloch escreveu em apenas dois meses *L'Étrange Défaite* (A Estranha Derrota), entre julho e setembro de 1940, um livro impublicável na época, que permaneceria oculto até depois da libertação. No livro, ele analisa com uma extraordinária serenidade e profundidade as razões pelas quais a França desmoronou tão facilmente diante da investida do Exército nazista. Ele foi implacável na sua denúncia da corrupção que corroía a classe dirigente, os partidos políticos, os sindicatos e cegava os intelectuais.

Contudo, apesar da crítica virulenta, o ensaio não sucumbiu ao pessimismo. Pelo contrário, ele destacou os sólidos recursos institucionais e culturais que sustentam a tradição democrática francesa, exortou a nação a não se render à barbárie totalitária e a lutar não só para derrotar o nazismo, mas também para reconstruir a sociedade francesa sobre bases mais decentes e mais justas do que as que provocaram a catástrofe. Jorge Semprún ressalta, como fez com Husserl, a posição de Bloch, seu rechaço ao nacionalismo, sua vocação europeísta e a defesa da racionalidade e do espírito crítico.

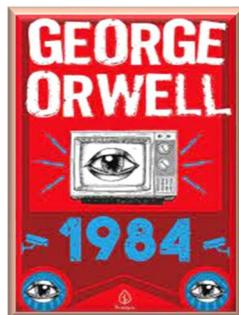
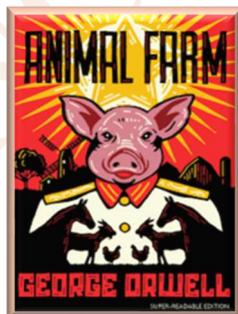
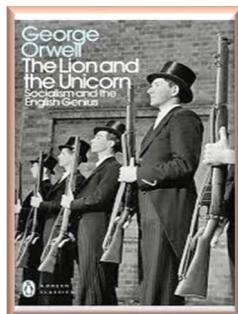
George Orwell é o terceiro exemplo de intelectual comprometido com a justiça e a verdade, que não temeu enfrentar o descrédito e a impopularidade, homenageado por Semprún. Ele refere-se, claro, ao jornalista que lutou como voluntário em defesa da república na guerra civil espanhola, ingressando nas fileiras do POUM, que, em homenagem à Catalunha, foi um dos primeiros a denunciar o extermínio de trotskistas e de anarquistas ordenado por Stalin no seio das forças republicanas.

## REFLEXÕES X

Semprún destaca, sobretudo, sua defesa do "patriotismo democrático" com que exortou seus compatriotas a enfrentarem Hitler e o nazismo, ao mesmo tempo em que criticou com dureza o colonialismo britânico, exigindo que Londres assegurasse a independência da Índia e das demais colônias do império uma vez terminada a guerra.

Semprún estuda em detalhes um ensaio pouco conhecido de Orwell, *The Lion and the Unicorn* (O Leão e o Unicórnio), onde se encontra sua célebre frase: "A Inglaterra é um país de gente boa com figuras equivocadas no controle". Ele lembra que, apesar da utilização que a direita sempre fez das suas críticas à União Soviética e ao comunismo, principalmente em obras como *Animal Farm* (A Revolução dos Bichos) e *1984*, Orwell sempre se considerou um homem de esquerda, um socialista convencido de que o verdadeiro socialismo tem uma essência democrática, defensor do espírito crítico e da liberdade intelectual, que considerava valores inseparáveis da luta pela justiça social.

É impossível não ler esse pequeno e estupendo livro sem pensar que Jorge Semprún pertenceu a essa mesma tradição de pensadores e de escritores que se opuseram ao conformismo e à complacência e aos quais dedicou essas três conferências. Ele também sempre achou que o trabalho intelectual – e neste ponto confessa que sua verdadeira vocação era ser um "filósofo profissional", embora a guerra e sua militância o tenham levado para outro caminho – era inseparável da ação cívica e teve a coragem de criticar e se afastar do Partido Comunista, no qual havia militado durante toda sua vida, quando se convenceu de que aquela militância era incompatível com o espírito crítico e



## REFLEXÕES X

---

com o patriotismo democrático personificados por intelectuais como Husserl, Bloch e Orwell.

A ruptura, porém, não o afastou dos ideais da sua juventude. Por ser leal a esses ideais, participou da Resistência, esteve preso no campo de concentração de Buchenwald, lutou como clandestino na Espanha franquista e foi o intelectual insubmisso com a mesma coerência e integridade moral que enaltece nos três mestres aos quais dedicou esse livro estimulante. ●

**Mario Vargas Llosa**

## Direito de decidir

Mario Vargas Llosa

29 de setembro de 2013



O melhor artigo que li sobre o independentismo catalão, que embora pareça mentira é um assunto hoje mais atual do que nunca na Espanha, foi escrito por Javier Cercas, escritor e comentarista político. O artigo, publicado no *El País Semanal* do dia 15, consegue demolir, com uma clareza

impecável, os sofismas dos partidários da independência da Catalunha para atrair aqueles que, embora não sejam independentistas, parecem sê-lo, pois defendem um princípio aparentemente democrático: o direito de decidir.

No artigo, Cercas explica que, numa democracia, liberdade não implica que o cidadão pode exercê-la desrespeitando as leis que a delimitam, decidindo, por exemplo, que tem o direito de atravessar todos os semáforos no vermelho. Liberdade não significa libertinagem nem caos.

Na Espanha, a norma legal que garante e delimita o exercício da liberdade é a Constituição, aprovada pela imensa maioria de espanhóis (e, entre eles, uma enorme porcentagem de catalães). Essa Constituição estabelece, de modo inequívoco, que uma parte do país não pode decidir se separar dela sem levar em conta, ou contrariando, a opinião do restante dos espanhóis. Ou seja, o direito de decidir se a Catalunha deve se separar da Espanha só pode ser exercido pelo depositário da soberania nacional, ou seja, a totalidade dos cidadãos espanhóis.

Javier Cercas afirma, com muita razão, que se houvesse uma maioria clara de cidadãos catalães desejando a independência, o mais sensato (e menos perigoso) seria concedê-la ou negá-la, porque, ao longo do tempo, "é impossível obrigar uma pessoa a estar onde não deseja estar".

## REFLEXÕES X

---

Como saber se existe essa maioria sem violar o texto constitucional? Muito simples: mediante eleições. Que os partidos políticos da Catalunha afirmem sua posição sobre a independência na próxima consulta eleitoral. Segundo Cercas, se o partido Convergencia y Unión assim o fizer, perderá as eleições e, por isso, tem mostrado, neste aspecto, em todas as eleições, uma ardilosa ambiguidade.

Como ele, eu também acredito que, no momento de decidir, o famoso sentido catalão prevalecerá e somente uma minoria votaria a favor da secessão. Por quanto tempo mais? Numa perspectiva futura, talvez Javier Cercas seja mais otimista do que eu. Vivi quase cinco anos em Barcelona no início dos anos 1970 – por acaso os anos mais felizes da minha vida. Durante esse período, não conheci um único nacionalista catalão. Havia, naturalmente, mas era uma minoria burguesa e conservadora sobre os quais meus amigos catalães – todos eles progressistas e antifranquistas –, faziam piadas ferozes. Desde aí, e até hoje, essa minoria cresceu e, da maneira como as coisas caminham, temo que continuará crescendo até transformar-se numa maioria.

"Da maneira como as coisas caminham" quer dizer sem que a maioria dos espanhóis e catalães conscientes da catástrofe que a secessão seria para a Espanha, e sobretudo para a própria Catalunha, se mobilize intelectual e politicamente para contestar as mentiras, as fantasias, os mitos e as demagogias que sustentam as teses independentistas.

O nacionalismo não é uma doutrina política, mas uma ideologia e está mais próximo do ato de fé em que as religiões têm base do que da racionalidade, que é a essência dos debates democráticos. Isso explica porque o presidente Artur Mas compara sua campanha pela soberania com a luta pelos direitos civis de Martin Luther King, nos EUA, sem que seus partidários deem risada na sua cara. Ou porque a TV catalã proclama para crianças doutrinadas em estado de transe que, ao longo do tempo, "a Espanha será derrotada", sem que a opinião pública manifeste sua indignação diante da manipulação.

O nacionalismo é uma construção artificial que, sobretudo em períodos difíceis, como os vividos pela Espanha no momento, pode

## REFLEXÕES X

---

se arraigar rapidamente, mesmo nas sociedades mais cultas – e talvez a Catalunha seja a comunidade mais culta da Espanha –, em razão de demagogos ou fanáticos em cujas mãos "o país opressor" torna-se o bode expiatório, responsável por tudo que anda mal, pela falta de trabalho, altos impostos, corrupção, discriminação, etc. E a panaceia para sair desse inferno é, claro, a independência.

Por que tal emaranhado de tolices, chavões e mentiras palpáveis pode acabar se tornando uma verdade política e convencer milhões de pessoas? Porque quase ninguém se deu o trabalho de refutar aquelas afirmações, demonstrar sua inconsistência e falsidade. Porque os governos espanhóis, de direita ou de esquerda, têm mantido um estranho complexo de inferioridade frente ao nacionalismo.

Os governos de direita, para não serem acusados de franquistas e fascistas, e os de esquerda porque, numa das retratações ideológicas mais lamentáveis da vida moderna, legitimaram o nacionalismo como força progressista e democrática, com o qual não tiveram o menor pudor em se aliar e dividir o poder mesmo à custa de concessões irreparáveis.

Assim, chegamos à surpreendente situação atual, em que o nacionalismo catalão cresce e se apropria da agenda política, ao passo que seus adversários brilham pela ausência, embora representem a maioria inequívoca do eleitorado nacional e, com certeza, catalão. O pior é que aqueles que se atrevem a enfrentar cara a cara os nacionalistas são pequenos grupos fascistas, como o que assaltou a livraria *Blaquerna* de Madri, há alguns dias, ou então velhos paquidermes do antigo regime que falam da "Espanha e sua essência", à maneira falangista.

Com inimigos assim, quem não é nacionalista? Não devemos combater o nacionalismo com o fascismo porque este nasceu, cresceu e subjugou nações, provocou guerras mundiais e carnificinas terríveis em nome do nacionalismo, um dogma grosseiro e retrógrado que deseja levar o indivíduo soberano da cultura democrática de volta para a era antediluviana da tribo, quando esse indivíduo não existia, era somente parte do conjunto,

## REFLEXÕES X

---

um mero epifenômeno<sup>53</sup> da coletividade, sem vida própria. Pertencer a uma nação não é, nem pode ser, um valor e tampouco um privilégio, porque essa crença tem sempre como resultado a xenofobia e o racismo, como ocorre com todos os movimentos nacionalistas.

Por isso, o nacionalismo contesta a liberdade individual, a mais importante conquista da história, que deu ao cidadão a prerrogativa de escolher seu próprio destino – sua cultura, sua religião, sua vocação, sua língua, seu domicílio, sua identidade sexual – e coexistir com os outros mantendo sua individualidade, sem ser discriminado ou penalizado por isso.

Há muitas coisas que vão mal na Espanha e devem ser corrigidas, mas há muitas que vão bem e uma delas – a mais importante – é que agora a Espanha é um país livre, onde a liberdade beneficia por igual todos os seus cidadãos e todas as suas regiões. E não existe mentira mais desafortunada do que afirmar que as culturas regionais são discriminadas econômica, fiscal, cultural ou politicamente. Certamente, o sistema de autonomias espanhol pode ser aperfeiçoado.

A Constituição abre todas as portas para que emendas sejam feitas e levadas a debate público. Mas nunca em sua história as culturas regionais da Espanha – sua grande riqueza e diversidade – mereceram tanta consideração e respeito, desfrutaram de uma liberdade tão grande para continuar prosperando como nos dias atuais. E uma das melhores credenciais da Espanha para avançar e prosperar no mundo globalização é exatamente a variedade de culturas que a torna um pequeno mundo multifacetado e versátil dentro do grande teatro do mundo atual.

O nacionalismo, os nacionalismos, se continuarem prosperando como tem ocorrido nos últimos anos, destruirão mais uma vez o futuro da Espanha e a levarão de volta para o subdesenvolvimento e

---

<sup>53</sup> **Epifenômeno:** produto acidental, acessório, de um processo, de um fenômeno essencial, sobre o qual não tem efeitos próprios.

## REFLEXÕES X

---

o obscurantismo. Por isso, é preciso combatê-los sem complexos e em nome da liberdade. ●

**Mario Vargas Llosa**

LUIZ BIANCI

## Vozes do silêncio

Mario Vargas Llosa

20 de outubro de 2013



Embora não seja um usuário entusiasta da *internet*, reconheço que, com o seu surgimento, a liberdade de expressão no mundo cresceu de maneira espetacular e essa rede mundial infligiu um golpe quase mortal nos sistemas de censura implantados por governos autoritários para controlar a informação e impedir as críticas. Quem me convenceu disso foi Emily Parker, antiga jornalista do *The Wall Street Journal* e do *The New York Times* que, em livro a ser lançado em breve nos Estados Unidos, faz uma retrospectiva da revolução que foi a *internet* e as redes sociais na China, em Cuba e na Rússia no campo da informação.

Seu livro *Now I Know Who My Comrades Are* (*Agora Sei Quem São Meus Camaradas*, em tradução livre do inglês), tem o subtítulo *Voices From The Internet Underground* (*Vozes da Internet Clandestina*). E embora seja uma reportagem bem documentada e rigorosa, é um livro que lemos com a mesma excitação de um romance de aventuras.

Emily Parker fala mandarim e espanhol, conheceu e entrevistou grande parte dos *blogueiros* mais influentes e populares naqueles três países e se locomove com total desenvoltura no mundo das catacumbas em que esses *blogueiros* operam e a partir do qual estabeleceram as relações digitais que os conectam com o mundo. E ao mesmo tempo devolveram a esperança de progresso e mudanças democráticas para dezenas de milhares de compatriotas que sempre viveram paralisados pela apatia, pelo medo e o pelo pessimismo. Há muito tempo não lia um livro tão agradável e ao mesmo tempo tão estimulante para a cultura da liberdade.

Não pense que Emily Parker idealiza exageradamente os personagens que povoam seu livro, apresentando todos eles como

corajosos paladinos do progresso e idealistas desinteressados, dispostos a ir para a prisão e até mesmo perder a vida na luta contra a opressão. Nada disso. Ao lado de admiráveis combatentes orientados por convicções e valores fundamentais, há também os oportunistas e doidivanas<sup>54</sup>, assim como os aventureiros e indivíduos escorregadios de procedência duvidosa e até infiltrados e espíões do governo.

Mas todos eles, querendo ou não, conseguiram fazer retroceder e às vezes até desaparecer os freios e controles que permitiram às ditaduras manipular a informação. Que, na monotonia dessas sociedades refreadas, as verdades oficiais começassem a ser questionadas, desmentidas, substituídas por verdades autênticas e o silêncio povoado por vozes dissidentes e um ar renovador, juvenil, repleto de esperança. E setores sociais que até então pareciam petrificados pelo conformismo começaram a se mobilizar.

Se o depoimento de Emily Parker é exato – e acredito que sim – daqueles três países onde a revolução digital produziu mudanças importantes, um lugar em que elas chegaram a uma dinâmica difícil de frear é a China. Em Cuba as mudanças são menores e mais suscetíveis de uma regressão. A Rússia parece estar num mar de incerteza e onde qualquer coisa pode suceder: um caminho mais violento na direção da liberdade ou um retrocesso não menos traumático e veloz para o autoritarismo tradicional. Uma das conclusões mais alentadoras desse ensaio é que a revolução tecnológica que tornou possível a *internet* não é uma arma poderosa só para combater as ditaduras, mas também para dar ao cidadão comum nas sociedades abertas o direito de se manifestar, de modo que o direito de crítica deixou de ser uma prerrogativa de algumas instituições e órgãos de expressão. E pode se estender e se subdividir sem limites, expondo os próprios meios de comunicação à vigilância e à crítica do conjunto da sociedade.

Sem dúvida, algo que pode resultar numa certa anarquia informativa, mas assim mesmo é um sistema em que a liberdade de

---

<sup>54</sup> **Doidivanas**: pessoa estouvada, extravagante ou imprudente.

expressão está permanentemente submetida à prova, aperfeiçoamento e discussão.

Os *blogueiros*, talentos e gênios das redes sociais em geral são tão extravagantes e pitorescos como os artistas – com suas manias, seus estilos e suas ambições. E um dos grandes méritos de Emily Parker é que ela os retrata no livro não só como indivíduos presos aos computadores enviando suas mensagens por meio do éter para a miríade de seguidores e amigos invisíveis com quem mantém contato digital, mas também na sua intimidade familiar, nos cafés ou nos bares em que se refugiam, no seio de suas famílias, nas reuniões políticas que promovem ou nos esconderijos em que desaparecem quando são perseguidos.

Trata-se, por isso, de um livro repleto de cor e de vida plural, em que a política, a cultura, os problemas sociais e econômicos não são tratados como realidades abstratas, mas humanizados em indivíduos de carne e osso, com suas grandezas e suas misérias – e em contextos que permitem avaliar melhor os sucessos obtidos e também seus fracassos.

Alguns dos personagens permanecem na memória do leitor com a vivacidade e o dinamismo dos personagens de um romance de Joseph Conrad ou André Malraux. Por exemplo, os chineses Michael Anti (Zhao Jing) e He Caitou, os cubanos Laritza Diversent, Reinaldo Escobar e Yoani Sánchez, e o russo Alexei Navalni aparecem nessas páginas com perfis tão dramáticos e notáveis que parecem ser parte mais da ficção do que da pobre realidade.

Navalni, principalmente, cuja história deu volta ao mundo graças à última peripécia que o levou à prisão, de onde saiu para concorrer à prefeitura de Moscou, em eleições nas quais obteve um número três vezes maior de votos do que previam as pesquisas (e provavelmente muito mais do que o informado nos resultados oficiais). É um milagre que Alexei Navalni ainda esteja vivo num país onde jornalistas muito críticos do regime liderado pelo novo czar, Vladimir Putin, costumam morrer envenenados ou assassinados por marginais, como a corajosa Anna Politkovskaya. Sobretudo porque ele começou sua carreira como *blogueiro*, denunciando com provas

inequívocas a corrupção e o tráfico criminoso das grandes empresas (privadas e públicas) e incitando usuários ou acionistas dessas empresas a mover ações legais contra elas para defender seus direitos. Ele não só continua vivo, mesmo depois de ter chamado o partido do governo, Rússia Unida, de "partido de escroques e ladrões", mas converteu-se numa verdadeira força política na Rússia. Convocou manifestações da oposição com a participação de dezenas de milhares de pessoas e é uma figura internacional que fala vários idiomas, domina uma grande variedade de assuntos e impressiona por sua simpatia e carisma.

Nas páginas do livro de Emily Parker, ele sobressai dos outros dissidentes por sua postura, sua elegância e também porque é impossível precisar, no seu caso, onde começam e onde terminam suas ambições, suas convicções e seus princípios. Não há dúvida que é uma pessoa excepcionalmente inteligente e corajosa. Mas será um autêntico democrata, guiado por um afã de liberdade, ou um populista ambicioso que por trás de todos os riscos que corre esconde uma fome de poder e riqueza?

Lendo esse livro é difícil não sentir uma grande tristeza ao ver os estragos que o totalitarismo causou na China, em Cuba e na Rússia. Todos os avanços sociais que o comunismo talvez tenha trazido para suas populações não compensam absolutamente o atraso em termos cívico, cultural e político em que elas ficaram imersas, e os obstáculos impedindo que conseguissem aproveitar seus recursos e alcançar o progresso e a modernidade no âmbito da coexistência democrática, da legalidade e da liberdade. Está muito claro que esse velho modelo está morto e enterrado, mas ainda assim levará tempo e sacrifícios para nos livrarmos definitivamente dele. O livro de Emily Parker mostra o serviço inestimável prestado, nessa tarefa, pela *internet*, a grande transformação das comunicações do nosso tempo. ●

**Mario Vargas Llosa**

## Os párias do Caribe

Mario Vargas Llosa

3 de novembro de 2013



Juliana Deguis Pierre nasceu há 29 anos, de pais haitianos, na República Dominicana, e nunca saiu de sua terra natal. Jamais aprendeu francês nem créole. Sua única língua é o belo e musical espanhol de sabor dominicano. Munida de certidão de nascimento, Juliana pediu seu documento de identidade à Junta Central Electoral (responsável pelo registro civil), mas o organismo se negou a concedê-lo e confiscou sua certidão, alegando que seus "sobrenomes eram suspeitos".

Juliana apelou da decisão e, no dia 23 de setembro de 2013, o Tribunal Constitucional dominicano emitiu uma sentença negando a nacionalidade dominicana a todos os que, como ela, sejam filhos ou descendentes de "imigrantes" irregulares. A decisão da Justiça fez com que a República Dominicana fosse condenada pela opinião pública internacional e tornou Juliana Deguis Pierre um símbolo da tragédia de cerca de 200 mil dominicanos de origem haitiana – segundo Laura Bingham, da Open Society Justice Initiative. Desse modo, eles perdem a nacionalidade, em sua maioria de maneira retroativa, convertendo-se em apátridas.

A sentença do Tribunal Constitucional dominicano é uma aberração jurídica e parece diretamente inspirada nas famosas leis hitleristas dos anos 1930, ditadas pelos juízes alemães nazistas para privar da cidadania alemã os judeus que há muitos anos (muitos séculos) haviam se estabelecido neste país e constituíam parte de sua sociedade. Por enquanto, trata-se de uma insubordinação contra uma disposição legal da Corte Interamericana de Direitos Humanos (da qual a República Dominicana faz parte) que, em setembro de 2005, condenou o país por negar seu direito à nacionalidade às meninas Dilsia Yean e Violeta Bosico, dominicanas como Juliana e,

como ela, filhas de haitianos.

Com o precedente, é óbvio que, se consultada, a Corte Interamericana voltará a reafirmar aquele direito e a República Dominicana terá de acatar a decisão, a não ser que decida – algo muito improvável – se retirar do sistema legal interamericano e tornar-se, por sua vez, um país pária.

É preciso assinalar, como fez a edição do New York Times do dia 24 de outubro, que dois membros do Tribunal Constitucional dominicano deram um voto dissidente e salvaram a honra da instituição e do país, opondo-se a uma medida claramente racista e discriminatória. O argumento utilizado pelos membros da corte para negar a nacionalidade a pessoas como Juliana Deguis Pierre é que seus pais têm uma "situação irregular". Ou seja, será preciso que filhos (ou netos e bisnetos) paguem por um suposto crime que seus antepassados teriam cometido. Como na Idade Média e nos tribunais da Inquisição, segundo essa sentença, os crimes são hereditários e se transmitem de pais para filhos com o sangue.

À crueldade e à desumanidade de tais juízes soma-se a hipocrisia. Eles sabem muito bem que a imigração irregular ou ilegal dos haitianos para a República Dominicana, que começou no início do século XX, é um fenômeno social e econômico complexo, estimulado, em vários períodos – os de maior bonança, precisamente – por proprietários de terras e empresários dominicanos a fim de dispor de uma mão de obra barata para as safras da cana de açúcar, a construção ou trabalhos domésticos, com o pleno conhecimento e tolerância das autoridades, conscientes do proveito econômico que o país obtinha – pelo menos suas classes médias e altas – com a existência de uma massa de imigrantes em situação irregular, que, por isso mesmo, viviam em condições extremamente precárias, na grande maioria sem contratos de trabalho, nem seguridade social nem proteção legal alguma.

Um dos maiores crimes cometidos durante a tirania do generalíssimo Trujillo foi a matança indiscriminada de haitianos, em 1937, na qual teriam sido assassinadas várias dezenas de milhares desses miseráveis imigrantes por uma massa ensandecida

instigada pelas invenções apocalípticas de grupos nacionalistas fanáticos. Não menos grave é, do ponto de vista moral e cívico, a escandalosa sentença do Tribunal Constitucional. Minha esperança é que a oposição a ela, tanto interna quanto internacional, livre o Caribe de uma injustiça tão bárbara e flagrante.

Porque a decisão do Tribunal não se limita a pronunciar-se sobre o caso de Juliana Deguis Pierre, mas, para que não haja dúvida de que pretende estabelecer jurisprudência com a sentença, ordena às autoridades que submetam a um exame rigoroso todos os registros de nascimento no país desde 1929, a fim de determinar retroativamente quais são os que não têm direito a obter a nacionalidade dominicana e, portanto, de agora em diante, podem ser despojados dela. Se tal sofisma jurídico prevalecer, dezenas de milhares de famílias dominicanas de origem haitiana (próxima ou remota) se tornarão verdadeiros zumbis, não pessoas, seres incapacitados de obter um trabalho legal, matricular-se em uma escola ou universidade pública, ter direito a um seguro saúde, a uma aposentadoria, sair do país, e, portanto, vítimas potenciais de todos os abusos e arbitrariedades. Em razão de que crime? Pelo mesmo dos judeus que Hitler privou de existência legal antes de mandá-los para os campos de extermínio: por pertencerem a uma raça inferior.

Sei muito bem que o racismo é uma doença muito difundida e não há nenhuma sociedade nem país, ainda que civilizado e democrático, que esteja totalmente vacinado contra a doença. Ela sempre volta a aparecer, principalmente quando inexitem bodes expiatórios para distrair as pessoas dos verdadeiros problemas e dos verdadeiros culpados pela falta de solução desses mesmos problemas. Contudo, já testemunhamos demasiados horrores em consequência do nacionalismo ignorante (desde sempre, a máscara do racismo) para que nos neguemos a enfrentá-lo quando ele aparece, a fim de evitar as tragédias que causa, mais cedo ou mais tarde.

Felizmente, na sociedade civil dominicana existem muitas vozes corajosas e democráticas – de intelectuais, associações de direitos humanos, jornalistas – que, assim como os juízes dissidentes do Tribunal Constitucional, denunciaram a medida e se mobilizam

## REFLEXÕES X

---

contra ela. O mais doloroso é o silêncio cúmplice de tantos partidos políticos ou de formadores de opinião que se calam diante da iniquidade ou, como o pré-histórico cardeal arcebispo de Santo Domingo, Nicolás de Jesús López Rodríguez, que a apoia, cumulando de insultos os que a condenam.

Eu achava que nós, peruanos, tínhamos, com o cardeal Juan Luis Cipriani, o triste privilégio de contar com o arcebispo mais reacionário e antidemocrático da América Latina. No entanto, vejo que seu colega dominicano disputa com ele o cetro. Amo a República Dominicana, desde que visitei o país pela primeira vez, em 1974, para fazer um documentário para a TV. Desde então, voltei muitas vezes e com alegria vi que o país se democratizou, se modernizou em todos esses anos, a um ritmo mais veloz do que o de vários outros países latino-americanos, sem que sua transformação seja sempre reconhecida como mereceria.

O segundo dos meus filhos vive e trabalha lá e procura apoiar de todas as maneiras os direitos humanos nessa nação, secundado por muitos dominicanos admiráveis. Por isso, sinto profundamente ver a tempestade de críticas que desabou sobre o Tribunal Constitucional e sua insensata sentença. Este é um dos momentos críticos que todos os países vivem, vez por outra, em sua história. Outro ocorreu por ocasião do terrível terremoto que devastou o vizinho Haiti, em janeiro de 2010, que matou mais de 300 mil pessoas. Como agiu a República Dominicana naquele momento? O presidente Leonel Fernández foi imediatamente para Porto Príncipe para oferecer ajuda, que se transformou numa abundância e generosidade formidáveis.

Lembro ainda dos hospitais dominicanos repletos de vítimas haitianas e os médicos e enfermeiras dominicanos que foram para o Haiti prestar seus serviços. Esse é o verdadeiro rosto da República Dominicana, que não pode ser deturpado pelos erros do seu Tribunal Constitucional. ●

**Mario Vargas Llosa**

## Esvaziem as prateleiras!

Mario Vargas Llosa

24 de novembro de 2013



Como o desabastecimento e a escassez de alimentos estavam devastando a Venezuela e aumentando o descontentamento popular, o presidente Nicolás Maduro, que não tem muito conhecimento de economia, mas é homem de verdade e valentão, decidiu resolver o problema num piscar de olhos. Explicou à população que a inflação alta no país (a mais alta da América Latina) era produto de um complô maquinado pelos EUA, por empresários e comerciantes açambarcadores<sup>55</sup>

e os partidos de oposição para destruir a revolução bolivariana ou o "socialismo do século XXI". E, em uma canetada, ordenou uma redução dos preços dos alimentos e dos eletrodomésticos entre 50% e 70%, ao mesmo tempo que mandou soldados e tropas de choque ocuparem estabelecimentos comerciais e mandou para a prisão um bom número de "conspiradores", ou seja, proprietários de lojas e de armazéns.

A campanha foi lançada pelo presidente Maduro com o lema "Esvaziem as prateleiras". A ordem foi entendida por um bom número de pessoas equivocadas como uma carta-branca para saquear. Principalmente em Valência, mas também em Caracas e em outras cidades, ocorreram assaltos e pilhagens em meio a uma enorme confusão.

Era patético escutar as sofridas donas de casa venezuelanas explicando aos repórteres da TV pública o quão felizes estavam com aquelas espetaculares reduções de preços que lhes permitiriam

---

<sup>55</sup> **Açambarcar**: tomar com exclusividade; chamar a si (algo), privando os outros de desfrutarem da mesma vantagem; monopolizar.

trocar de geladeira, de fogão e assegurar duas refeições por dia para a família.

Ao mesmo tempo que derrotava a inflação com um soco na mesa, ou seja, leiloando e confiscando cadeias de produtos alimentícios e eletrodomésticos, o presidente, com a aprovação da Lei Habilitante, garantiu para si os poderes absolutos que durante um ano lhe permitirão governar sem leis, à maneira cômoda e expeditiva dos ditadores. Para conseguir isso, a Assembleia Nacional retirou a imunidade de uma deputada da oposição, María Mercedes Aranguren, e substituiu-a pelo seu suplente, o deputado Carlos Flores, que, da noite para o dia (e mediante generosos benefícios) tornou-se chavista e votou a favor da lei.

Em resumo, passada a ilusão que essas operações criaram numa opinião pública desesperada em virtude da corrupção, do empobrecimento e da anarquia crescente que vive a Venezuela, o preço que o país terá de pagar pela demagogia irresponsável desses últimos dias será muito alto. Sem dúvida, contrariamente aos cálculos do governo, ela se traduzirá numa nova e mais massacrante derrota do governo nas próximas eleições de 8 de dezembro, o que o obrigará, como ocorreu nas presidenciais, a uma nova fraude monumental para manter-se no poder, apesar do seu descrédito e da ruína a que leva a cada dia o seu desventurado país.

A Venezuela nunca teve uma agricultura próspera, à altura das enormes possibilidades agrícolas que possui, mas, com o chavismo, suas expropriações e invasões, o confisco arbitrário de fazendas e a asfixiante burocracia que impera, a produção agrária em determinadas regiões ficou reduzida ao mínimo e em outras simplesmente desapareceu. O resultado de tudo isso é que o país precisa importar quase 95% do que consome, algo que na época do apogeu do petróleo apenas se insinuava. No entanto, o controle revolucionário da indústria implantado por Chávez e Maduro reduziu a produção petrolífera venezuelana radicalmente, ao passo que as medidas de controle do câmbio, uma das fontes mais férteis da corrupção, transformaram num verdadeiro pesadelo a obtenção de dólares para os comerciantes e empresários que precisam da moeda para importar matéria-prima e produtos do exterior.

Somente os apadrinhados do governo conseguem divisas ou aqueles que podem pagar comissões milionárias para consegui-las. Os outros precisam comprar dólar no mercado negro, em que custa dez vezes mais do que no câmbio oficial. Essa é a explicação para a alta desmedida dos preços e para o desabastecimento generalizado. As intrépidas<sup>56</sup> reduções impostas por Maduro só serviram para acelerar a escassez de produtos. As prateleiras ficarão vazias de fato e o mercado negro, que crescerá de maneira descomunal, só estará ao alcance dos privilegiados, ou seja, dos favorecidos pelo regime ou pela vertiginosa corrupção causada pela política intervencionista na economia. Em outras palavras, a política do socialismo chavista contribuiu para agravar as desigualdades econômicas e sociais que propunha abolir.

Ao mesmo tempo que ocorriam esses fatos na Venezuela, em Pequim, o Comitê Central do Partido Comunista anunciava uma nova estratégia econômica, ampliando os mercados livres já existentes para assegurar uma melhor distribuição dos recursos e permitir uma participação das empresas privadas, chinesas e estrangeiras, nas indústrias estatais. No entanto, advertiu também que essa abertura não terá correspondência política, pois o Partido Comunista continuará sendo a autoridade suprema da vida social. É improvável que o PC chinês adote essas medidas de inequívoco viés capitalista em virtude de uma conversão ideológica e que vá implementá-las com alegria. Não, ele resignou-se a adotá-las porque, fiel ao pragmatismo tradicional da sua cultura, compreendeu que o coletivismo e o estatismo econômico arruinam os países. Além de empobrecê-los e de deixá-los atrasados, multiplicam as injustiças sociais, criam uma distância cada vez maior entre os funcionários privilegiados da nomenclatura e os cidadãos comuns que, além de viver na insegurança e no temor, continuam a fazer filas, receber salários miseráveis e sem a menor igualdade de oportunidades. Essas verdades elementares, que já chegaram à União Soviética antes do seu colapso e começam a

---

<sup>56</sup> **Intrépida:** que ou aquele que não receia o perigo, que não tem medo; arrojado, corajoso.

surgir, embora timidamente, em Cuba, parecem fora do alcance intelectual e do olfato político do presidente Maduro e dos seus assessores econômicos. Por isso, não é difícil prever qual será o futuro imediato da Venezuela, país que, com a sua abundância de recursos, deveria registrar um dos mais altos níveis de vida da América Latina.

Como o desabastecimento e a escassez de produtos, que obedecem a leis econômicas e não a ordens de caráter político, devem se agravar, o passo seguinte do governo será proceder à nacionalização progressiva das lojas e estabelecimentos que "conspiram" contra a revolução, especulando e deixando a população faminta. Os pequenos espaços da economia em mãos privadas começarão a ser fechados até desaparecer e cair nas mãos de uma burocracia incompetente e corrupta. Assim, o racionamento de produtos da cesta básica de alimentos, que em boa parte já ocorre, vai se estender como uma hidra para toda as áreas da economia até transformar a Venezuela num país tão estatizado quanto Cuba ou Coreia do Norte.

Resultado inevitável dessa hegemonia do Estado: o desaparecimento dos escassos meios de comunicação independentes que, com enormes sacrifício e coragem, resistem ainda ao assédio governamental. Terá válido a pena tudo o que significou a revolução chavista em termos de ilusões, esforços e violência?

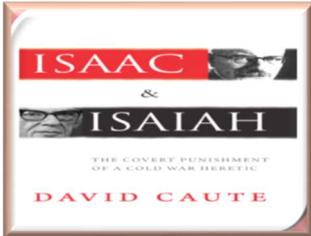
É verdade que a democracia por ela derrubada era ineficiente, esbanjadora, demagógica e insensível aos grandes problemas sociais, criando um grande descontentamento de uma população que ingenuamente – mais uma vez na desgraçada história da América Latina – viu num caudilho carismático e desbocado o seu salvador. O resultado está à vista: uma Venezuela empobrecida, exasperada, devastada por demagogia e corrupção, repleta de novos ricos que enriqueceram de maneira ilícita, que, quando recuperar a liberdade e a sensatez, precisará de muitos anos para recuperar o tempo que perdeu com o colapso da sua democracia. ●

**Mario Vargas Llosa**

## Isaac e Isaiah

Mario Vargas Llosa

1 de dezembro de 2013



Num livro que acaba de publicar, Isaac & Isaiah: The Cover Punishment of a Cold War Heretic, (Isaac e Isaiah: a punição oculta de um herege da Guerra Fria, em tradução livre), David Caute compara as vidas, ideias e destinos de Isaac Deutscher e Isaiah Berlin, dois ensaístas que, nos anos 1950 e 1960 do século passado, tiveram muito prestígio e influenciaram muitos intelectuais da Europa e da América do Norte. Eles eram muito semelhantes em vários aspectos, mas suas ideias representavam dois polos irreconciliáveis: Deutscher, o marxismo revolucionário; Berlin, a democracia liberal.

Ambos eram judeus não praticantes, da mesma geração, e precisaram fugir dos seus respectivos países em razão do totalitarismo (soviético no caso de Berlin, nascido na Letônia; e Deutscher, que era polonês, do nazismo). Ambos acabaram se exilando em Londres e se naturalizaram britânicos. A única coincidência, em termos de ideologia, entre eles, e só por alguns anos, foi seu apoio ao sionismo<sup>57</sup>, que mais tarde Deutscher atacou duramente, chamando Israel de lacaio do imperialismo americano durante a Guerra Fria.

Berlin foi muito reconhecido no âmbito acadêmico. Passou quase toda a sua vida em Oxford, chegou a presidir a Royal Academy e ser condecorado pela rainha. Ao passo que Deutscher, apesar de ter participado de seminários e trabalhado como professor convidado em importantes universidades, foi sobretudo jornalista e um

---

<sup>57</sup> **Sionismo:** movimento internacional judeu que resultou na formação do Estado de Israel (S.O. asiático) em maio de 1948 e em sua posterior evolução.

escritor independente. Seu único desejo, ser contratado por uma universidade britânica, de Sussex, foi frustrado por culpa de Berlin, afirma o autor, e daí o subtítulo um tanto enganador do livro: "A punição oculta a um herege da Guerra Fria". Enganador porque, embora haja indícios de que a opinião hostil de Berlin sobre a obra e a posição política de Deutscher influenciou na decisão da Universidade de Sussex de não contratá-lo, o caso não está nada claro. E, de qualquer modo, Berlin sempre rejeitou a acusação, inclusive em duas cartas explicando sua intervenção no caso à viúva do autor das célebres biografias de Stalin e de Trotsky.

O livro é interessante, muito documentado, mas não é agradável, diante da antipatia que Cauter nutre por Berlin, sentimento que transparece com frequência, sobretudo quando se empenha em ressaltar suas frivolidades, sua tendência a cultivar a amizade dos poderosos e dos milionários, e a mostrar-se, às vezes, presunçoso e arrogante com as pessoas. E ainda, o que é muito mais grave, dando a entender, de maneira sub-reptícia, que algumas das maiores contribuições de Berlin à cultura da liberdade, como sua teoria sobre a liberdade "negativa" e a "positiva", a divisão dos intelectuais em "ouriços" e "raposas" e a clara demarcação entre um liberal e um conservador, não foram nem originais nem importantes.

A verdade é outra: Berlin é um dos mais importantes pensadores políticos do nosso tempo e um dos poucos cuja obra define com uma coerência sistemática e perfeita o liberalismo limitado e sectário dos que o entendem como sendo uma doutrina exclusivamente econômica de defesa do mercado, e os que, como ele próprio, veem no liberalismo uma doutrina em que a tolerância, a coexistência política, os direitos humanos, o espírito crítico, a cultura e a fiscalização do poder são tão importantes quanto a propriedade privada e a economia de mercado para estimular o progresso social.

Isaiah Berlin e Isaac Deutscher viram-se apenas duas vezes na vida e nunca se enfrentaram diretamente. Mas, como diz o autor, as coisas que defendiam e criticavam eram quase sempre incompatíveis e, ao mesmo tempo, de grande solidez intelectual e elegância expositiva. No decorrer dos anos e diante de tudo o que ocorreu na vida deles, sabemos que o debate foi vencido por Berlin,

como prova o desaparecimento da União Soviética e a conversão da China ao capitalismo autoritário.

Agora, o fato de todas as profecias e anseios políticos de Deutscher terem malogrado não desvaloriza sua obra nem diminui o mérito, a coragem e a honestidade com que sempre defendeu suas ideias. Ele foi um marxista contrário ao totalitarismo, uma exceção. Foi a razão pela qual o Partido Comunista polonês o expulsou das suas fileiras e porque sempre foi o pesadelo dos stalinistas da União Soviética e do Ocidente.

Nunca negou os terríveis crimes cometidos à época de Stalin e, nos livros e ensaios que dedicou ao ditador soviético e a Trotsky, ele os documentou rigorosamente. No entanto, estava convencido de que, apesar de tudo, o comunismo se reformaria em curto ou em longo prazo e um retorno às fontes primitivas do marxismo criaria sociedades mais justas, mais humanas, mais decentes do que o capitalismo, cujo êxito exigia a exploração da maioria pela minoria e era inerentemente injusto, por isso, condenado, cedo ou tarde, a perecer. A famosa reforma interna da União Soviética, pela qual Deutscher tanto esperou, jamais tornou-se realidade. Afinal, foi o comunismo que deixou de existir, pelo menos como uma alternativa concreta às democracias liberais.

Mas, em sua condenação ao colonialismo, à corrupção e aos abusos que o poder econômico podia chegar a cometer nos países capitalistas, na ênfase na necessidade de não condicionar o progresso exclusivamente ao crescimento econômico, conferir à democracia um conteúdo criativo e constantemente renovado por um ideal de justiça e solidariedade com os pobres, os discriminados, os marginalizados, as ideias de Deutscher têm valor perene. E é verdade também, afirma Cauter, que sua vida foi um modelo de coerência, o que lhe exigiu sacrifícios enormes. Mas também se equivocou muitas vezes. Por exemplo, acreditou que o movimento contra a guerra do Vietnã, nos EUA, seria a gestação de um socialismo que uniria os estudantes e os trabalhadores americanos numa revolução contra o capitalismo.

Por que Berlin sempre manifestou uma antipatia tão profunda com

## REFLEXÕES X

---

relação a Deutscher a ponto de, em sua correspondência, usar contra ele termos tão insólitos como "repelente" e "desprezível"? Certamente, não era a divergência de ideias que os separava. Berlin dedicou mais tempo tentando entender os inimigos da liberdade do que seus defensores e consagrou ensaios escrupulosamente honestos a Marx, Comte, Herder, Hobbes e Sorel, e muitos outros dessa corrente. Assim, a razão da antipatia não era ideológica. E também não era pessoal, pois eles apenas se viram em duas ocasiões. O autor do livro dá a entender que a razão poderia estar numa crítica negativa escrita por Deutscher contra o ensaio de Berlin sobre a "inevitabilidade histórica". No entanto, esse parece um episódio muito pequeno para despertar tanto ódio pessoal.

Não menos surpreendente é o desprezo que Berlin manifestou sempre por Hannah Arendt, uma amante da liberdade não menos comprometida do que ele na luta contra o comunismo e o fascismo (que conheceu na carne, pois foi torturada durante nove dias e nove noites pela Gestapo antes de conseguir fugir da Alemanha) e quase toda a sua obra é dedicada a estudar as raízes do totalitarismo, suas origens culturais e históricas e as iniquidades que causou. Em suas cartas, Berlin refere-se a ela de uma maneira profundamente depreciativa, negando-lhe competência filosófica e acusando-a, injustamente, de escrever calhamaços incompreensíveis.

Talvez não haja respostas para essas perguntas. Ou talvez sim, mas não são satisfatórias em razão de sua imprecisão. Os grandes nomes – e Isaiah é um deles – são também seres humanos e não super-homens e, por isso, sujeitos às pequenezes e misérias que, por exemplo, nos deixam consternados quando revolvemos a vida íntima de um Picasso, um Victor Hugo ou qualquer outro gênio. Eram grandes quando escreviam, compunham, filosofavam ou pintavam. Entretanto, quanto ao resto, eram feitos do mesmo barro que nós, pobres mortais. ●

**Mario Vargas Llosa**

# O exemplo uruguaio

Mario Vargas Llosa

29 de dezembro de 2013



Foi muito feliz a revista *The Economist* ao declarar o Uruguai "o país do ano" e qualificar como admiráveis as duas reformas liberais mais radicais tomadas em 2013 pelo governo do presidente José Mujica: o casamento *gay* e a legalização e regulamentação da produção, venda e consumo de maconha.

É extraordinário que ambas as medidas, inspiradas na cultura da liberdade, tenham sido adotadas pelo governo de um movimento que, originalmente, não acreditava na democracia, mas na revolução marxista-leninista e no modelo cubano de autoritarismo vertical e de partido único. Desde que subiu ao poder, o presidente Mujica, que em sua juventude foi um guerrilheiro tupamaro, assaltou bancos e passou muitos anos na cadeia, onde foi torturado durante a ditadura militar, tem respeitado escrupulosamente as instituições democráticas – a liberdade da imprensa, a independência dos poderes, a coexistência de partidos políticos e eleições livres – assim como a economia de mercado, a propriedade privada, estimulando os investimentos estrangeiros.

A política desse simpático velhinho estadista, que fala com uma sinceridade insólita<sup>58</sup> num governante, embora isso signifique equivocar-se de vez em quando, vive de maneira muito modesta em sua chácara nos arredores de Montevideú, e viaja em classe econômica, conferiu ao Uruguai uma imagem de país estável, moderno, livre e seguro, o que lhe permitiu crescer economicamente e avançar na justiça social, estendendo os benefícios da liberdade em todos os campos, e vencendo as pressões de uma minoria

---

<sup>58</sup> **Insólito:** que não se apresenta de maneira habitual; raro, incomum; anormal.

recalcitrante da coalizão.

É preciso lembrar que o Uruguai, diferentemente da maior parte dos países latino-americanos, cultivava uma antiga e sólida tradição democrática, a ponto de, quando eu era criança, o país oriental ser chamado de "a Suíça da América" em razão da força de sua sociedade civil, da firmeza da legalidade e de suas Forças Armadas respeitadoras de governos constitucionais. Além disso, principalmente depois das reformas do "battlismo", que reforçaram o secularismo e criaram uma poderosa classe média, a sociedade uruguaia tinha uma educação de primeiro nível, uma vida cultural muito rica e um civismo equilibrado e harmonioso, invejado por todo o continente.

Lembro-me de como fiquei impressionado ao conhecer o Uruguai em meados dos anos 1960. Um país onde as diferenças econômicas e sociais eram muito menos cruas e extremas do que no restante da América Latina, e no qual a qualidade da imprensa escrita e radiofônica, seus teatros, livrarias, o alto nível do debate político, sua vida universitária, artistas e escritores – e principalmente, o punhado de críticos e a influência que eles exerciam – e a liberdade irrestrita que se respirava em toda parte o aproximavam muito mais dos países europeus mais avançados do que aos seus vizinhos, não parecia um dos nossos. Ali descobri o semanário **Marcha**, uma das melhores revistas que conheci, e que se tornou para mim desde então uma leitura obrigatória para me pôr a par do que acontecia em toda a América Latina.

Entretanto, essa sociedade que dava ao forasteiro a impressão de estar se afastando cada vez mais do Terceiro Mundo e a se aproximar do Primeiro, já naquele tempo começava a deteriorar-se. Porque, apesar de tudo o que de bom acontecia ali, muitos jovens, e alguns não tão jovens, sucumbiam ao fascínio da utopia revolucionária e iniciavam, segundo o modelo cubano, as ações violentas que destruiriam a "democracia burguesa" para substituí-la, não pelo paraíso socialista, mas por uma ditadura militar de direita que lotou os presídios de presos políticos, praticou a tortura e obrigou muitos milhares a se exilar.

A fuga de talentos e dos melhores profissionais, artistas e intelectuais do Uruguai naqueles anos foi proporcionalmente uma das mais cruciais que um país latino-americano jamais experimentou ao longo da história. Entretanto, a tradição democrática e a cultura da legalidade e da liberdade não se eclipsou totalmente naqueles anos de terror. Com a queda da ditadura e o restabelecimento da vida democrática, floresceria novamente, com maior vigor e, diria até, com uma experiência acumulada que educou tanto a direita quanto a esquerda, vacinando-as contra as ilusões de violência do passado.

De outro modo, não teria sido possível que a esquerda radical, que com a Frente Ampla e os tupamaros chegasse ao poder, desse mostras, desde o primeiro momento, de um pragmatismo e espírito realista que permitiu a convivência na diversidade e aprofundou a democracia uruguaia em lugar de pervertê-la. Esse perfil democrático e liberal explica a valentia com que o governo do presidente Mujica autorizou o casamento entre pessoas do mesmo sexo e converteu o Uruguai no primeiro país do mundo a mudar radicalmente sua política frente ao problema da droga, crucial em toda parte, mas particularmente agudo na América Latina. Trata-se de duas reformas muito profundas e de amplo alcance que, segundo as palavras da *Economist*, "podem beneficiar o mundo inteiro".

O casamento entre pessoas do mesmo sexo tende a combater um preconceito estúpido e a reparar uma injustiça em razão da qual milhões de pessoas padeceram (e continuam padecendo na atualidade) injustiças e discriminação sistemática, desde a fogueira da inquisição até o cárcere, a perseguição, a marginalização social e violações de toda ordem.

Em relação às drogas, predomina ainda no mundo a ideia de que a repressão é a melhor maneira de enfrentar o problema, embora a experiência tenha demonstrado até o cansaço, que, apesar da enormidade de recursos e esforços investidos em reprimi-la, sua fabricação e consumo continuam aumentando em toda parte, engordando as máfias e a criminalidade associada ao narcotráfico. Nos nossos dias, esse é o principal fator da corrupção que ameaça as novas e antigas democracias e vai enchendo as cidades da América

Latina de pistoleiros e cadáveres.

Será bem-sucedida a corajosa experiência uruguaia da legalização da produção e consumo da maconha? Seria muito mais, sem dúvida nenhuma, se a medida não fosse restrita a um único país (e não fosse tão estatista), mas compreendesse um acordo internacional do qual participassem tanto os países produtores como os consumidores. Mas, mesmo assim, a medida afetará os traficantes e portanto a criminalidade derivada do consumo ilegal, e demonstrará com o tempo que a legalização não aumenta notoriamente o consumo, apenas num primeiro momento, embora, desaparecido o tabu que costuma prestigiar a droga entre os jovens, tenda a reduzi-lo.

O importante é que a legalização seja acompanhada de campanhas educativas – como as que combatem o tabagismo ou explicam os efeitos prejudiciais do álcool – e de reabilitação, de modo que quem fuma maconha o faça com perfeita consciência dos que fazem, como ocorre hoje em dia, os que fumam tabaco ou bebem álcool. A liberdade tem seus riscos, e os que creem nela devem estar dispostos a corrê-los em todos os campos, não apenas no cultural, no religioso e no político. Foi o que entendeu o governo uruguaio, e devemos aplaudi-lo por isto. Esperemos que outros aprendam a lição e sigam seu exemplo. ●

**Mario Vargas Llosa**

## Um grande mapa da tristeza

Mario Vargas Llosa

4 de janeiro de 2014



*Livro póstumo de Guillermo Cabrera Infante é testemunho atroz e kafkiano sobre a Revolução Cubana*

O livro póstumo de Guillermo Cabrera Infante, publicado recentemente, intitula-se *Mapa Dibujado por Un Espia*, mas deveria chamar-se *O Mapa da Tristeza*, pelo sentimento de solidão, amargura, impotência e incerteza que o impregna do princípio ao fim. Ele conta os quatro meses e meio que passou em Havana, em 1965, ao regressar por causa da morte da mãe, procedente de Bruxelas, onde exercia a função de adido cultural de Cuba. Planejava retornar à Bélgica dentro de poucos dias, mas, quando estava a ponto de embarcar de volta ao seu posto diplomático, juntamente com suas duas filhas pequenas, Anita e Carola, recebeu no aeroporto de Rancho Boyeros um chamado oficial, dizendo que deveria suspender a viagem porque o ministro das Relações Exteriores, Raúl Roa, tinha urgência de falar com ele. Regressou a Havana imediatamente, surpreso e inquieto. O que teria ocorrido? Nunca chegaria a saber.

O livro narra, aos borbotões e às vezes com frenesi e de maneira atabalhoada, os quatro meses seguintes, nos quais Cabrera Infante voltou muitas vezes ao ministério, sem que o ministro ou algum dos chefes o recebesse, descobrindo desse modo ter caído em desgraça, mas sem inteirar-se jamais como nem por quê. Entretanto, no dia seguinte à sua chegada, Raúl Roa o cumprimentara por sua gestão de diplomata, e anunciara que provavelmente voltaria a Bruxelas promovido ao cargo de ministro conselheiro da embaixada. A que ou a quem ele deveria a intervenção para que seu destino mudasse da noite para o dia? Quanto ao resto, recebeu o seu salário e inclusive renovaram seu cartão que lhe permitia fazer compras nas

lojas para diplomatas, mais bem supridas do que aquelas, cada vez mais míseras, frequentadas pelas pessoas comuns.

Acaso o governo o considerava um inimigo da Revolução? A verdade é que ele ainda não era. Tivera um conflito com o regime em 1961, quando este fechou *Lunes de Revolución*, revista cultural que Cabrera Infante dirigira durante os dois anos e meio de sua prestigiosa existência, mas nos três anos de afastamento em razão de suas funções diplomáticas na Bélgica havia sido, segundo ele próprio confessara, um funcionário leal e eficiente da Revolução. Embora um tanto desencantado pelo rumo que as coisas acabaram tomando, dá a impressão de que, até seu regresso a Havana em 1965, Cabrera Infante achava ainda que Cuba corrigiria o rumo e retomaria o caráter aberto e tolerante do princípio. Nesses quatro meses, essa esperança se dissipou e foi ali, enquanto, confuso e temeroso por sua *kafkiana* situação de incerteza total quanto ao seu futuro, perambulava pelas ruas habaneras que tanto amava, vendo a ruína apoderar-se de casas e edifícios, as enormes dificuldades que o empobrecimento generalizado impunha aos vizinhos, o isolamento quase absoluto no qual se confinara o poder, sua verticalidade e a severidade da repressão contra dissidentes reais ou falsos, e a insegurança e o medo em que vivia o punhado de amigos que ainda o frequentavam – escritores, pintores e músicos quase todos eles – que perdeu as últimas ilusões e decidiu que, se saísse da ilha, se exilaria para sempre.

Evidentemente, não contou nada a ninguém. Nem aos amigos mais íntimos, como Carlos Franqui ou Walterio Carbonell, revolucionários que também haviam sido afastados do poder e transformados em cidadãos fantasmas por razões que ignoravam, e que, como ele, viviam numa inutilidade angustiante e frustrante, sem saber o que acontecia ao seu redor. As páginas que descrevem o vazio cotidiano deste grupo, que procurava atenuar com fofocas e fantasias delirantes, entre tragos de rum, fazem estremecer. O livro não contém análises políticas nem críticas arrazoadas contra o governo revolucionário; ao contrário, cada vez que o tema político aflora nas reuniões de amigos, o protagonista emudece e procura alhear-se da conversação, convencido de que, no grupo, há algum

espião ou de que, de uma maneira ou de outra, o que ali se disser chegará aos ouvidos do Ministério do Interior. Indubitavelmente, há uma certa paranoia neste estado de perpétua desconfiança, mas talvez ela seja a prova à qual o poder quer submetê-los para medir sua lealdade ou sua deslealdade à causa. Não é de estranhar que, nesses quatro meses, começasse para Cabrera Infante a via-crúcis psicológica que, ao longo do tempo, destroçaria sua vida e sua saúde apesar dos admiráveis esforços de Miriam Gómez, sua esposa, para infundir-lhe ânimo, coragem e para ajudá-lo a escrever até o fim.

A publicação deste livro é outra manifestação do heroísmo e da grandeza moral de Miriam Gómez. Porque nele Guillermo conta, com uma sinceridade crua e às vezes brutal, como combateu o desalento e a neurose daqueles meses seduzindo mulheres, dormindo uma noite aqui outra ali, e até apaixonando-se por uma dessas conquistas, Silvia, que passou a ser por um tempo publicamente sua companheira. Este e outros foram amores tristes, desesperados, como é a amizade, a literatura e tudo o que Cabrera Infante faz e diz neste período, porque em seu foro mais íntimo ele se entrega de fato à vontade de fugir, de cortar para sempre os laços com um país para o qual não vê esperança alguma num futuro próximo.

Não foi uma decisão fácil. Porque ele amava profundamente Cuba, e, em especial Havana e tudo o que havia nela, principalmente a noite, os bares e os cabarés e as bailarinas e seus cantores, e a música, o clima quente, as avenidas e os parques – e seus cinemas – pelos quais passeava incansavelmente, recordando os episódios e as pessoas associadas a esses lugares, como para gravá-los devidamente em sua memória em todos os seus detalhes, sabendo que não voltaria a vê-los, e para poder lembrar deles mais tarde com precisão em seus ensaios e ficções. E foi o que fez. Quando finalmente, após esses quatro meses, graças a Carlos Rafael Rodríguez, líder comunista com o qual o pai de Cabrera Infante trabalhara no partido durante muitos anos, Guillermo conseguiu sair de Cuba com as duas filhas, rumo à Espanha e ao exílio, levou consigo o seu país e foi fiel a ele em tudo o que escreveu. Mas nunca se resignou a viver longe de Cuba, nem sequer nos momentos em

que obteve os maiores reconhecimentos literários, e a divulgação e o prestígio de sua obra o compensavam da feroz campanha de difamação e calúnias de que foi vítima durante tantos anos.

Embora sempre negasse, acredito que nunca perdeu a esperança de que a situação mudasse na ilha, e de que, algum dia, poderia voltar fisicamente a esta terra da qual nunca conseguiu desprender-se. Provavelmente seus males se agravaram quando, em dado momento, teve de reconhecer que não, que era definitivo, que nunca voltaria e morreria no exílio.

Este livro me impressionou muito, não apenas pelo grande afeto que sempre senti por Cabrera Infante, mas pelo que me revelou sobre ele, sobre Havana e sobre essa época da Revolução Cubana. Conheci Guillermo quando era ainda diplomata na Bélgica e evitava totalmente as críticas à Revolução, se é que naquela época ele as tinha. No período que ele descreve, estive em Cuba e não vi nem imaginei o que ele e os demais personagens deste livro viviam, embora me encontrasse com vários deles muitas vezes, conversando sobre a Revolução, convencido de que todos estavam contentes e entusiasmados com o rumo que ela tomara, sem suspeitar sequer que alguns, ou talvez todos, dissimulavam, representavam, e, por baixo do seu entusiasmo, havia simplesmente medo. Antoni Munné, que, assim como os dois livros póstumos anteriores, preparou esta edição com desvelo, incluiu no final um Guia de Nomes, que dá conta do que aconteceu mais tarde com os personagens com os quais Cabrera Infante compartilhou esses quatro meses. Trata-se de uma informação muito instrutiva para saber quais caíram efetivamente em desgraça e sofreram o isolamento e o cárcere, ou se reintegraram ao regime, ou se exilaram ou se suicidaram.

Bem fez Antoni Munné em deixar o texto tal como foi escrito, sem corrigir as falhas, algo que indubitavelmente Cabrera Infante se propusera fazer alguma vez e não teve tempo, ou, simplesmente, não teve ânimo suficiente para voltar a concentrar-se em semelhante pesadelo. Assim como está, um rascunho escrito com total espontaneidade, sem o menor enfeite, numa linguagem direta, jornalística, comove muito mais do que se tivesse sido revisado, embelezado, transformado em literatura. Não é nada disso. É um

## REFLEXÕES X

---

testemunho descarnado e atroz, do que significa também uma Revolução, quando a euforia e a alegria do triunfo cessam, e ela se transforma em poder supremo, esse Saturno que mais cedo ou mais tarde devora seus filhos, começando pelos que estão mais próximos, que costumam ser os melhores. ●

**Mario Vargas Llosa**

LUIZ BIANCI

## Um castelo de cartas?

Mario Vargas Llosa

12 de janeiro de 2014



Em julho de 1974, quando o ditador peruano Juan Velasco Alvarado estatizou todos os jornais e canais de televisão do Peru, explicou que até então só existira no país a liberdade de empresa e, daí em diante, com a transferência dos meios de comunicação de seus donos capitalistas para o "povo organizado", começaria a existir a verdadeira liberdade de imprensa. Mas a realidade foi um pouco diferente. Os jornais, rádios e canais expropriados dedicaram-se a exaltar todas as iniciativas do regime, a difamar e a silenciar seus críticos e, como se não bastasse o desaparecimento de toda liberdade de informação, o jornalismo peruano desceu, naqueles anos, a extraordinários níveis de mediocridade e aviltamento<sup>59</sup>. Por isso, quando, seis anos depois, ao ser eleito presidente, Fernando Belaúnde Terry devolveu os jornais e os demais veículos de comunicação estatizados aos seus donos, a grande maioria de peruanos comemorou a medida.

Acredito que, a partir de então, boa parte da opinião pública do país aceitou – alguns com entusiasmo, outros protestando – que a liberdade de imprensa era inseparável da liberdade de empresa e da propriedade privada, pois, quando estas desaparecem, com elas desaparece a informação independente e toda possibilidade de criticar o poder. Por isso, a ditadura de Fujimori e Montesinos empregou uma maneira menos crua do que a estatização para garantir uma imprensa favorável a eles: a intimidação ou a distribuição de bolsas de dólares entre jornalistas ou donos de meios de comunicação.

---

<sup>59</sup> **Aviltamento:** rebaixamento moral; humilhação, vexame.

## REFLEXÕES X

---

Ora, a existência de uma economia de mercado e o respeito pela propriedade privada não bastam, por si sós, para garantir a liberdade de imprensa de um país. Esta será ameaçada, também, se um grupo econômico passar a controlar de maneira significativamente majoritária os meios de comunicação escritos ou audiovisuais. É o que acaba de ocorrer no Peru com a aquisição dos jornais do grupo Epensa pelo grupo El Comercio, que desse modo se assegurou o controle de perto de 80% da imprensa escrita do país. (El Comercio é também dono de um canal a cabo e do mais importante canal de televisão de sinal aberto do Peru). Isso abriu um intenso debate sobre a liberdade de informação e de crítica, algo sumamente útil, na minha opinião, porque o tema extrapola o âmbito nacional e afeta boa parte dos países latino-americanos.

Oito jornalistas impetraram uma ação pedindo ao Poder Judiciário a anulação da compra, alegando que ela infringe o princípio constitucional que proíbe que os meios sejam "objeto de exclusividade, monopólio ou açambarcamento". Por sua vez, El Comercio afirma que a compra dos jornais do grupo Epensa diz respeito apenas à sua impressão e distribuição, e preserva sua linha editorial. Entretanto, segundo precisou Enrique Zileri Gibson, um dos oito jornalistas, nenhum dos diários de El Comercio e do grupo Epensa informou que o Poder Judiciário havia se manifestado contra a fusão. Esta unanimidade em silenciar o caso teria sido meramente casual? Nenhum país democrático admite que um órgão de imprensa monopolize porcentagens elevadas do mercado da informação, pois, se o admitisse, a liberdade de imprensa e o direito de crítica seriam radicalmente ameaçados como ocorre quando o poder político se apropria dos meios de comunicação para "libertá-los da exploração capitalista".

A pergunta fundamental é: qual é a melhor maneira de impedir o monopólio, privado ou estatal, da informação? Uma lei sobre estes meios, discutida e aprovada no Parlamento? O deputado da base aliada, Manuel Dammert, anunciou que apresentará um projeto que contaria com o apoio de dois dos partidos que apoiam o governo do presidente Ollanta Humala.

Em minha opinião, a emenda seria pior do que o soneto. Em vez de

garantir a diversificação da informação, a medida colocaria nas mãos do poder político uma arma que lhe permitiria reduzir a liberdade de imprensa e até mesmo aboli-la. É verdade que em várias democracias avançadas há leis específicas contra o monopólio e organismos de Estado que verificam seu cumprimento, como a espanhola Comissão Nacional da Concorrência. Trata-se de organismos de Estado, e não de governo. Esta distinção só é real nas sociedades desenvolvidas. No mundo em desenvolvimento a diferença entre Estado e governo é retórica, pois, na prática, este último domina o Estado e o coloca ao seu serviço. Por isso, todas as leis referentes à comunicação aprovadas nos últimos anos na América Latina na Venezuela, Argentina, Bolívia, Equador, serviram a governos populistas ou autoritários para reduzir drasticamente a liberdade de informação e de opinião e fazer pender, como uma espada de Dâmocles, a ameaça de fechamento, de censura ou de expropriação, sobre órgãos de imprensa indóceis e críticos de sua gestão.

Qual será então a saída? Aceitar, como um mal menor, que um órgão da imprensa controle mais de 75% da informação e acreditar nos sofismas dos patronos de El Comercio, afirmando que a fusão não tem nenhuma conotação política e decorre unicamente da eficácia e do talento com o qual souberam vender seu "produto" no mercado informativo?

Para esse raciocínio, não há diferença entre um órgão de imprensa e "produtos" como panelas ou sucos de frutas. A realidade é que, quando o fabricante de uma panela derrota os concorrentes e se torna dono do mercado, o pior que pode acontecer é que o preço das panelas suba ou que a qualidade do "produto" comece a piorar, porque o monopólio costuma produzir ineficiência e corrupção. Por outro lado, quando um órgão de imprensa anula os concorrentes e passa a ser o senhor incontestado da informação, esta se torna um monólogo cacofônico tanto quanto o da imprensa estatizada e, com ela, não só a liberdade de informação e de crítica se deteriora, mas a própria liberdade corre o risco de desaparecer.

A maneira mais sensata de afastar esse perigo é, parece-me, a escolhida pelos oito jornalistas que enfrentaram o gigante: recorrer

ao Poder Judiciário para que ele determine se a fusão transgride o princípio constitucional contra o monopólio e o açambarcamento, como muitos democratas peruanos, e me incluo entre eles, acreditam, ou se é lícita. Esse processo, com os inevitáveis recursos, pode chegar às mais altas instâncias judiciárias, e, até mesmo, ao Supremo Tribunal ou à Corte Interamericana de Direitos Humanos, de San José. Eu gostaria que chegasse até lá, por tratar-se de uma instituição realmente independente e capaz, e sua sentença tem maiores possibilidades de obter o consenso da opinião pública peruana.

Nada disso ocorreria se prosperasse a iniciativa – ainda que inoportuna e profundamente prejudicial para um governo que, até agora, respeitou as instituições democráticas – do deputado Manuel Dammert. Infelizmente, o Congresso tem escassa autoridade moral e intelectual no país – todas as pesquisas mostram que é uma das instituições que recebem as piores notas – e não há possibilidade de que este debate fundamental sobre a liberdade de imprensa se dê ali de maneira serena e no nível exigido por um tema essencialmente vinculado à sobrevivência da democracia.

Uma lei de imprensa só é aceitável quando nasce do consenso de todas as forças democráticas de um país, como ocorre nos Estados Unidos, Grã-Bretanha, Espanha ou França. Nas atuais circunstâncias, no Peru, onde a vida política é fragmentada e exasperada até extremos absurdos – precisamente no momento em que sua economia caminha melhor, a democracia funciona, a classe média cresce, a luta contra a pobreza avança e a imagem do país no exterior é muito positiva –, isso jamais se produziria, e a fratura e a exasperação aumentariam em um debate em que os argumentos legais e baseados em princípios fundamentais seriam arrasados no calor do debate político. Mas, mesmo que houvesse tal consenso, acredito que uma lei de imprensa seria desnecessária se existisse um dispositivo constitucional claro sobre a necessidade de manter o caráter plural e diversificado da imprensa, a fim de que os diferentes pontos de vista encontrassem uma maneira de se expressar. Quando ocorrerem casos como aquele de que estamos tratando, será melhor recorrer ao Poder Judiciário de maneira específica, em busca de

## REFLEXÕES X

---

uma solução concreta do assunto que constitui matéria de controvérsia. Indubitavelmente, trata-se de um procedimento mais lento, mas com menos riscos no que diz respeito ao objetivo primordial: a preservação da liberdade de opinião e de crítica sem a qual a democracia desmorona como um castelo de cartas. ●

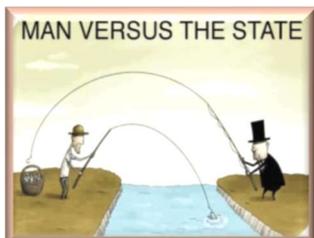
**Mario Vargas Llosa**

LUIZ BIANCI

## Liberais e liberais

Mario Vargas Llosa

26 de janeiro de 2014



Assim como os seres humanos, as palavras mudam de conteúdo dependendo do tempo e do lugar. Acompanhar suas transformações é instrutivo, embora, às vezes, como ocorre com o vocábulo "liberal", semelhante averiguação possa fazer com que nos extraviemos num labirinto de

dúvidas.

No Quixote e na literatura de sua época, a palavra aparece várias vezes. O que significa em tal contexto? Homem de espírito aberto, bem educado, tolerante, comunicativo; em suma, uma pessoa com a qual se pode simpatizar. Nela não há conotações políticas nem religiosas, apenas éticas e cívicas no sentido mais amplo de ambos os termos.

No fim do século XVIII, esse vocábulo muda de natureza e adquire matizes que têm a ver com as ideias sobre a liberdade e o mercado, dos pensadores britânicos e franceses do Iluminismo (Stuart Mill, Locke, Hume, Adam Smith, Voltaire). Os liberais combatem a escravidão e o intervencionismo do Estado, defendem a propriedade privada, o livre comércio, a concorrência, o individualismo, e declaram-se inimigos dos dogmas e do absolutismo.

No século XIX, um liberal é acima de tudo um livre pensador: ele defende o Estado laico, quer separar a Igreja do Estado, emancipar a sociedade do obscurantismo religioso. Suas divergências com os conservadores e os regimes autoritários geram, às vezes, guerras civis e revoluções. O liberal de então é o que hoje chamaríamos um progressista, defensor dos direitos humanos (conhecidos desde a Revolução Francesa como Direitos do Homem) e da democracia.

Com o aparecimento do marxismo e a difusão das ideias socialistas,

o liberalismo passa da vanguarda para a retaguarda, por defender um sistema econômico e político – o capitalismo – que o socialismo e o comunismo querem abolir em nome de uma justiça social que identificam com o coletivismo e o estatismo (essa transformação do termo liberal não ocorre em todas as partes). Nos Estados Unidos, um liberal é ainda um liberal, um social-democrata ou pura e simplesmente um socialista. A conversão da vertente comunista do socialismo para o autoritarismo impele o socialismo democrático para o centro político e o aproxima – sem juntá-lo – ao liberalismo.

Nos nossos dias, liberal e liberalismo significam, dependendo das culturas e dos países, coisas distintas e às vezes contraditórias. O partido do tiranete nicaraguense Anastacio Somoza dizia-se liberal, e assim se denomina, na Austrália, um partido neofascista. A confusão é tão extrema que regimes ditatoriais como os de Pinochet no Chile e o de Fujimori no Peru são chamados às vezes "liberais" ou "neoliberais" porque privatizaram algumas empresas e abriram mercados. Desta degeneração da doutrina liberal não são totalmente inocentes alguns liberais convencidos de que o liberalismo é uma doutrina essencialmente econômica, que gira em torno do mercado como uma panaceia mágica para a solução de todos os problemas sociais. Estes logaritmos viventes chegam a formas extremas de dogmatismo, e se dispõem a fazer tais concessões no campo político à extrema direita e ao neofascismo que contribuem para desprestigiar as ideias liberais e para que sejam vistas como uma máscara da reação e da exploração.

Dito isso, é verdade que alguns governos conservadores, como os de Ronald Reagan nos Estados Unidos, e de Margaret Thatcher na Grã-Bretanha, realizaram reformas econômicas e sociais de inequívoca raiz liberal, impulsionando a cultura da liberdade de maneira extraordinária, embora em outros campos a fizessem retroceder. Poderíamos dizer o mesmo de alguns governos socialistas, como o de Felipe González na Espanha ou o de José Mujica no Uruguai, que, na esfera dos direitos humanos, promoveram o progresso em seus países reduzindo injustiças inveteradas (**inveterada**: muito antiga; de longa data) e criando oportunidades para os cidadãos de renda inferior.

## REFLEXÕES X

---

Nos nossos dias, uma das características do liberalismo é que pode ser encontrado nos lugares mais impensados e, às vezes, brilha pela ausência onde certos ingênuos acreditam vê-lo.

Pessoas e partidos devem ser julgados não pelo que dizem e pregam, mas pelo que fazem. No debate que se desenrola nos dias de hoje no Peru sobre a concentração dos veículos de comunicação, alguns defensores da aquisição pelo grupo El Comercio da maioria das ações de Epensa, o que lhe confere quase 80% do mercado da imprensa, são jornalistas que silenciaram ou aplaudiram quando a ditadura de Fujimori e Montesinos cometia seus crimes mais hediondos e manipulava toda a informação, comprando ou intimidando donos e redatores de jornais. Como poderíamos levar a sério esses novíssimos catecúmenos<sup>60</sup> da liberdade?

Um filósofo e economista liberal da chamada escola austríaca, Ludwig von Mises, opunha-se à existência de partidos liberais, porque, na sua opinião, o liberalismo devia ser uma cultura que irrigasse um leque muito amplo de formações e movimentos que, embora tivessem importantes discrepâncias, compartilhavam de um denominador comum sobre certos princípios liberais básicos.

Algo disso ocorre há bastante tempo nas democracias mais avançadas, onde, com diferenças mais de matiz do que de essência, entre democratas-cristãos e social-democratas e socialistas, liberais e conservadores, republicanos e democratas, há alguns consensos que dão estabilidade às instituições e continuidade às políticas sociais e econômicas, um sistema que só se considera ameaçado por seus extremos, o neofascismo da Frente Nacional na França, por exemplo, ou a Liga Lombarda na Itália, e grupos e grupelhos ultracomunistas e anarquistas.

Na América Latina, esse processo se dá de maneira mais pausada e com maior risco de retrocesso do que em outras partes do mundo, em razão da debilidade em que se encontra ainda a cultura

---

<sup>60</sup> **Catecúmeno:** indivíduo que acabou de ser admitido em algum círculo ou instituição; neófito.

democrática, que tem uma tradição somente em países como Chile, Uruguai e Costa Rica, enquanto nos demais é muito mais precária. Mas começou a acontecer, e a maior prova disso é que as ditaduras militares praticamente se extinguíram e que, dos movimentos armados revolucionários, sobrevive a duras penas o das Farc colombianas, com um apoio popular decrescente. É verdade que há governos populistas e demagógicos, deixando de lado o anacronismo que é Cuba, mas a Venezuela, por exemplo, que aspirava a ser o grande fermento do socialismo revolucionário latino-americano, vive uma crise econômica, política e social tão profunda, com a grande desvalorização de sua moeda, a carestia demencial – falta tudo, comida, água, até papel higiênico – e as iniquidades da delinquência, que dificilmente poderia agora ser o modelo continental no qual queria transformá-la o comandante Chávez.

Há certas ideias básicas que definem um liberal. Por exemplo, a liberdade, valor supremo, é una e indivisível, e deve atuar em todos os campos para garantir o verdadeiro progresso. A liberdade política, econômica, social cultural, é uma só e todas elas permitem o avanço da justiça, da riqueza, dos direitos humanos, das oportunidades e da coexistência pacífica em uma sociedade. Se a liberdade se eclipsa em apenas um desses campos, ela se encontra armazenada em todos os outros. Os liberais acreditam que o Estado pequeno é mais eficiente do que o que cresce demasiado e, quando isso ocorre, não só a economia se ressent, como também o conjunto das liberdades públicas. Eles acreditam que a função do Estado não é produzir riqueza, e essa função é melhor desempenhada pela sociedade civil, num regime de livre mercado, no qual são proibidos os privilégios e a propriedade privada é respeitada.

Indubitavelmente, a segurança, a ordem pública, a legalidade, a educação e a saúde competem ao Estado, mas não de maneira monopólica, e sim em estreita colaboração com a sociedade civil.

Estas e outras convicções gerais de um liberal têm, na hora de ser aplicadas, fórmulas e matizes muito diferentes relacionados ao grau de desenvolvimento de uma sociedade, de sua cultura e de suas

## REFLEXÕES X

---

tradições. Não há fórmulas rígidas e receitas únicas para que as ponhamos em prática. Forçar reformas liberais de maneira abrupta, sem consenso, pode provocar frustração, desordens e crises políticas que põem em risco o sistema democrático. Este é tão essencial ao pensamento liberal como o da liberdade econômica e o do respeito pelos direitos humanos. Por isso, a difícil tolerância – para quem, como nós, espanhóis e latino-americanos, tem uma tradição dogmática e intransigente tão forte – deveria ser a virtude mais apreciada entre os liberais. Tolerância significa simplesmente aceitar a possibilidade do erro nas próprias convicções e de verdade nas alheias.

Por isso, é natural que haja entre os liberais discrepâncias, e às vezes muito sérias, sobre temas como o aborto, os casamentos *gays*, a legalização das drogas e outros. Sobre nenhum desses temas existem verdades reveladas. A verdade, como estabeleceu Karl Popper, é sempre provisória, válida apenas enquanto não surgir outra que a qualifique ou a refute. Os congressos e encontros liberais costumam ser frequentemente parecidos com os dos trotskistas (quando existia o trotskismo): batalhas intelectuais em defesa de ideias contrapostas. Alguns veem nisso um traço de inoperância e irrealismo. Acredito que essas controvérsias entre o que Isaias Berlin chamava de "as verdades contraditórias" fizeram com que o liberalismo continue sendo a doutrina que mais contribuiu para melhorar a coexistência social, promovendo o avanço da liberdade humana. ●

**Mario Vargas Llosa**

## Chiquitos e a música

Mario Vargas Llosa

9 de fevereiro de 2014



Os primeiros jesuítas que chegaram a esta distante região oriental da Bolívia viram que as moradias dos indígenas tinham portas tão pequenas que batizaram toda aquela área de Chiquitos.

O padre José de Arce e o irmão Antonio de Rivas pisaram pela primeira vez esse local selvagem em fins de 1691. Em vez de armas, traziam consigo instrumentos musicais; suas experiências no Peru e Paraguai haviam ensinado que a linguagem das flautas, dos violinos ou das cítaras facilitavam a comunicação com os nativos do novo mundo. Mas aqueles primeiros missionários nunca imaginaram a maneira como os chiquitanos se apropriaram daqueles instrumentos e da música que lhes foi trazida da Europa, incorporando-os e adaptando-os à sua própria cultura. A tal ponto que quatro séculos depois podemos dizer que a Chiquitania é uma das regiões mais melomaniacas do mundo, onde a música barroca persiste tão viva e atual como no século XVIII, com matizes e cores com sabor local, um trabalho de comunidades cuja idiossincrasia concilia, de maneira admirável, o tradicional e o moderno, o artístico e o prático, o espanhol e a língua aborígine.

O que mais me surpreendeu nesta viagem de poucos dias pela vasta região que separa a cidade de Santa Cruz da fronteira brasileira foi descobrir que, ali, diferente de outros lugares da América Latina onde floresceram importantes culturas aborígenes, os 76 anos de evangelização – até 1767, com a expulsão dos jesuítas –, deixaram uma marca muito profunda, que continuou fecundando de maneira visível aquelas comunidades que os antigos missionários ajudaram a se integrar, a se defender das incursões dos bandeirantes paulistas que vinham caçar escravos e a modernizar e enriquecer, com aportes ocidentais, seus costumes, suas crenças, sua arte e,

sobretudo, sua música.

A partir de 1972, teve início a reabilitação dos templos de Concepción, San Javier, San Ignacio, Santa Ana, Santiago e San José (que visitei, mas sei que há outros), com seus preciosos retábulos<sup>61</sup> barrocos, seus belos campanários, seus entalhes, afrescos e enormes colunas de madeira, seus órgãos e seus púlpitos exuberantes. O trabalho realizado pelo arquiteto suíço Hans Roth, que dedicou 30 anos de vida a essa tarefa, e seus colaboradores, foi extraordinário.

As igrejas, belas, simples e elegantes, não são museus, testemunhos de um passado separado para sempre do presente, mas provas palpáveis de que, na Chiquitania, a história antiga continua estimulando o presente. Não só a música que veio do outro lado dos rios e mares impregnou e passou a ser parte indivisível da cultura da região; também o cristianismo passou a constituir a essência de uma espiritualidade que em todos estes séculos se conservou e foi o principal aglutinador de algumas comunidades que manifestam sua fé dedicando-se a todos os ofícios, com seus caciques, comunidades e "mães" à frente, dançando, cantando (às vezes em Latim) e cuidando dos lugares e objetos de culto com um zelo incansável. Contrariamente ao que ocorre no resto da América Latina e do mundo, onde a religião parece ocupar cada vez menos a vida das pessoas e o laicismo avança desenfreadamente, em Chiquitos é a vida que comanda e, como na Europa Medieval, o meio ambiente em que os seres humanos nascem, vivem e morrem. Mas seria injusto pensar que isto manteve os chiquitanos parados no tempo; a modernidade também está presente nessas aldeias, por todos os lados: nos colégios, nas oficinas, nos artesanatos, nas técnicas para trabalhar a terra, no rádio, na televisão, nos celulares, na *internet*. E principalmente na destreza com que crianças e jovens aprendem

---

<sup>61</sup> **Retábulo:** estrutura ornamental em pedra ou talha de madeira que se eleva na parte posterior de um altar [Dependendo da fase a que pertence a igreja e, portanto, do estilo, o retábulo pode apresentar colunas ou pilastras, coroamento em arco, revestimento em talha dourada e policromia, ornatos fitomórficos (cachos de uva, folhas de parreira, acanto, p.ex.), figuras de anjos etc.]

## REFLEXÕES X

---

nas escolas de música locais a tocar o contrabaixo, a guitarra ou o violino, como também o tambor e a flauta tradicionais.

Nos anos em que o arquiteto Hans Roth trabalhou na restauração das igrejas foram encontradas mais de cinco mil partituras de música barroca que, após a expulsão dos jesuítas, os chiquitanos conservaram em arcas ou caixas que deterioraram em meio às ruínas em que as igrejas se transformaram. Todo esse riquíssimo acervo está hoje classificado, digitalizado e protegido com ar condicionado no Arquivo de Concepción, onde, há muitos anos, um religioso polonês, o padre Piotr Nawrot, os estudou e publicou em volumes cuidadosamente anotados e que constituem um minucioso histórico da maneira como a música barroca criou raízes na cultura dos chiquitos.

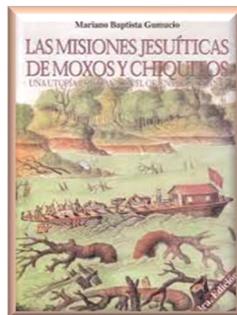
As melodias e composições contidas naquelas partituras vindas da profundidade dos séculos são ouvidas hoje em todas as aldeias da região, interpretadas por orquestras e coros de crianças, jovens e adultos que as tocam e entoam com a mesma desenvoltura com que dançam suas danças ancestrais, com uma convicção e uma alegria emocionantes.

Crentes e agnósticos sentem um estranho e intenso arrepio no corpo quando, nas cálidas e estreladas noites da selva, onde ainda há jaguares, pumas, jacarés e serpentes, percebem que Vivaldi, Corelli, Bach, Tchaikovsky, além de italianos, alemães ou russos, também são chiquitanos, pois as grandes criações artísticas não têm nacionalidade, pertencem a quem as ama, as adota e expressa por meio delas os seus sofrimentos, anseios e alegrias. Vários destes jovens ganharam bolsas e estudam agora em Buenos Aires, Madri, Paris, Viena, Berlim.

Há uma extensa bibliografia sobre as missões jesuítas na Bolívia onde, parece evidente, o esforço missionário foi muito mais profundo e duradouro do que no Paraguai ou Brasil. Para comprovar isto, nada melhor do que o livro de Mariano Baptista Gumucio, *Las Misiones Jesuíticas de Moxos y Chiquitos: Una Utopia Cristiana en el Oriente Boliviano*. É um resumo bem documentado e muito bem escrito desta extraordinária aventura:

## REFLEXÕES X

como, num canto da América do Sul, o encontro entre europeus e habitantes pré-hispânicos, em vez de se caracterizar pela violência e crueldade, serviu para atenuar a dura servidão que era a vida, para humanizá-la e trazer para aquela cultura frágl ideias, formas, técnicas e crenças que a fortaleceram e ao mesmo tempo modernizaram.



Baptista Gumucio não é ingênuo e assinala com clareza os aspectos discutíveis e intoleráveis do regime imposto pelos jesuítas nas reduções onde a vida cotidiana transcorria dentro de um sistema rígido, em que o indígena era tratado como menor de idade. Mas ele sublinha, com muita razão, que esse sistema, comparado com o que reinava nos Andes, onde índios morriam como moscas nas minas, ou no Brasil, onde eram raptados pelos bandeirantes e vendidos como escravos, era infinitamente mais justo e pelo menos permitia a sobrevivência dos indivíduos e suas culturas. Uma das regras mais fecundas, nas missões, foi a obrigação imposta aos missionários, de aprenderem as línguas nativas para evangelizar os aborígenes. Desta maneira nasceu a língua chiquitana, pois antes as tribos da região falavam dialetos diferentes e mal conseguiam se comunicar entre si.

Nenhum país que abriga em seu seio culturas distintas, uma moderna, poderosa e ocidentalizada e outra ou outras mais primitivas, conseguiu estabelecer um modelo que permita a estas últimas se desenvolverem e se modernizarem sem perder suas características intrínsecas: seus costumes, suas crenças, suas línguas, seus mitos. Em todos os casos – os mais flagrantes são os dos Estados Unidos, Japão e Índia –, o desenvolvimento significou a absorção, às vezes a extinção, da cultura mais débil pela mais poderosa, a ocidental.

Naturalmente há uma injustiça terrível nestes processos, mas nenhuma sociedade foi capaz até hoje de estabelecer um sistema em que uma cultura pequena e antiga consiga chegar à modernidade sem renunciar a essa soma de fatores materiais e espirituais que a definem e diferenciam das outras. Na América Latina, onde o

## REFLEXÕES X

---

problema existe em pelo menos meia dezena de países, temos obrigação de encontrar um modelo em que esse ato de justiça seja possível em termos práticos.

Onde buscar exemplos que nos orientem? Nas aldeias chiquitanas, há lições úteis para quem quiser ver e ouvir. As mulheres e os homens dessa terra não perderam o que chamamos de "identidade", mantêm vivo o seu idioma, suas danças, sua indumentária; e seus costumes e crenças foram evoluindo de modo que podem participar das oportunidades da vida moderna sem deixar de ser o que foram e que continuam sendo nesse ambiente multicultural que são a Bolívia e todos os povos andinos. Uma viagem à região da Chiquitania mostra aos visitantes que Beethoven, danças folclóricas, como o Taquirari, ou a silhueta do jaguar e os arpejos<sup>62</sup> de uma cítara podem se entender, coexistir e se metamorfosear. Foi o que fizeram os chiquitanos e por isso devem ser aplaudidos e imitados. ●

**Mario Vargas Llosa**

---

<sup>62</sup> **Arpejo:** acorde em que as notas são tocadas em modulação continuada ou sequente.

## A casa de Boccaccio

Mario Vargas Llosa

22 de fevereiro de 2014



*Os contos do 'Decamerão' deram origem à prosa narrativa italiana e inauguraram a riquíssima tradição do conto no Ocidente*

O vilarejo toscano de Certaldo conserva suas muralhas medievais, mas a casa onde há sete séculos nasceu Giovanni Boccaccio foi bombardeada durante a Segunda Guerra Mundial. Foi reconstruída com esmero e, do seu elevado terraço, se divisa uma paisagem de suaves colinas com olivais, ciprestes e pinheiros, arrematada, num cume distante, com as torres dançarinas de San Gimignano.

A única coisa que resta do ilustre polígrafo<sup>63</sup> é uma sapatilha de madeira e couro carcomida pelo tempo; apareceu enterrada em um muro e, por acaso, não foi calçada por ele, e sim por seu pai ou algum dos serventes da casa. Há uma biblioteca onde se amontoam centenas de traduções do Decamerão para todas as línguas do mundo e vitrines repletas de estudos dedicados a ele. O vilarejo é uma joia de moradias de casas de tijolos, telhas e vigas centenárias, mas minúsculo, e a gente se pergunta como o sr. Boccaccio-pai se virava para, num lugar tão pequeno, se tornar um mercador tão próspero. Giovanni era filho natural, reconhecido mais tarde por seu progenitor, e se ignora quem foi sua mãe, uma mulher sem dúvida muito humilde.

De Certaldo o jovem Giovanni saiu para Nápoles, para estudar finanças e direito, a fim de incrementar o negócio familiar, mas lá descobriu que sua vocação eram as letras e se dedicou a elas com paixão e fúria erudita. Isso teria sido sem a peste negra que

---

<sup>63</sup> **Polígrafo:** aquele que escreve acerca de assuntos diversos.

devastou Florença em 1348: um intelectual da elite, amante dos clássicos, latinista, helenista, enciclopédico e teólogo.

Tinha uns 35 anos quando os ratos que traziam o vírus dos navios que conduziam especiarias do Oriente chegaram a Florença e infectaram a cidade com a pestilência que exterminou 40.000 florentinos, uma terça parte dos seus habitantes. A experiência da peste afastou Boccaccio dos infólios<sup>64</sup> conventuais, da teologia e dos clássicos gregos e latinos (voltaria anos mais tarde a tudo isso) e o aproximou do povo comum, das tabernas e dos albergues de mendigos, dos ditados da chusma, do seu verbo desbocado e da luxúria e das velhacarias exacerbadas pela sensação de cataclismo, de fim do mundo, que a epidemia desencadeou em todos os setores, da nobreza ao povo. Graças a essa imersão no ruído mundano e na canalha com a qual compartilhou aqueles meses de horror pôde escrever o *Decamerão*, inventar a prosa narrativa italiana e inaugurar a riquíssima tradição do conto no Ocidente, que seria prolongada por Chaucer, Rabelais, Poe, Chekhov, Conrad, Maupassant, Chesterton, Kipling, Borges e tantos outros até nossos dias.

Não se sabe onde Boccaccio escreveu a centena de histórias do *Decamerão*, entre 1348 e 1351 – pode bem ter sido aqui, em sua casa de Certaldo, onde viria para se refugiar quando as coisas iam mal, mas sabemos que, graças a esses contos licenciosos, irreverentes e geniais, ele deixou de ser um intelectual de biblioteca e se tornou um escritor imensamente popular. A primeira edição do livro saiu em Veneza, em 1492. Até então era lido em cópias manuscritas, reproduzidas aos milhares. Essa multiplicação deve ter sido uma das razões pelas quais ele desistiu de tentar queimá-las quando, no seu cinquentenário, por um recrudescimento da sua religiosidade e pela influência de um frade cartuxo, arrependeu-se de tê-lo escrito, devido à desenvoltura sexual e aos ataques ferozes contra o clero contidos no *Decamerão*.

---

<sup>64</sup> **Infólio**: diz-se da folha de impressão dobrada ao meio, de que resultam cadernos com quatro páginas.

## REFLEXÕES X

---

Seu amigo Petrarca, grande poeta que via com desdém a prosa plebeia daqueles relatos, também o aconselhou a não fazê-lo. Em todo caso, era tarde para dar marcha a ré; esses contos já eram lidos, contados e imitados em meia Europa. Sete séculos mais tarde, continuam sendo lidos com o impagável prazer proporcionado pelas obras-primas absolutas.

Na vintena de casinhas que forma a Certaldo histórica – entre elas um palácio – há uma pequena trattoria que oferece, todas as primaveras, “o suntuoso banquete medieval de Boccaccio”, mas, como é inverno, devo me contentar com a modesta ribollita toscana, uma sopa de pão e verdura, e um vinhozinho da região que raspa o paladar. Nos cartazes pendurados nas paredes da sua casa natal, um deles recorda que, na década de 1350 a 1360, entre as atividades diplomáticas e administrativas que Boccaccio desempenhou para a Senhoria florentina, figurou aquela que mais deve tê-lo comovido: levar de presente dez florins de ouro à filha de Dante Alighieri, sóror Beatrice, monja de clausura no monastério de Santo Stefano degli Ulivi, em Ravena.

Descobriu Dante em Nápoles, quando jovem, e desde então lhe professou uma admiração sem reservas pelo resto da vida. Na magnífica exposição exibida nestes dias na Biblioteca Medicea Laurenziana, em Florença – “Boccaccio: autore e copista” –, há manuscritos seus, de caligrafia pequenina e regular, copiando textos clássicos ou reescrevendo em 1370, do começo ao fim, vinte anos depois de tê-las escrito, as mil e tantas páginas do Decamerão, que pouco antes ele havia querido destruir (era um homem contraditório, como bom escritor). Aí se vê a que extremos chegou sua paixão dantesca: copiou três vezes a Comédia na sua vida, e uma vez a Vita Nuova, para difundir sua leitura, além de escrever a primeira biografia do grande poeta e, por encomenda da Senhoria, proferir 59 palestras na igreja de Santo Stefano di Badia explicando ao grande público a riqueza literária, filosófica e teológica do poema que, graças a ele, começou desde então a ser chamado de “divino”.

Em Certaldo foi construído há anos um jardim que pretendia imitar aquele onde as sete moças e os três rapazinhos do Decamerão se refugiam para contar histórias uns aos outros. Mas o verdadeiro

jardim está em San Domenico, uma aldeia nas colinas que sobem até Fiesole, numa casa, a Villa Palmieri, que ainda existe. Desse enorme terreno foi separada a Villa Schifanoia, onde agora funciona o Instituto Universitário Europeu. Aqui no século XIX viveu o grande Alexandre Dumas, que deixou uma preciosa descrição do lugar. Nada resta, de fato, dos míticos jardins, com lagos e riachos murmurantes, cervos, lebres, coelhos e garças, e do soberbo palácio onde os dez jovens contavam entre si os picantes relatos que tanto os deleitavam, descritos (ou melhor, inventados) por Boccaccio, mas o lugar tem sempre muito encanto, com seus parques com estátuas devoradas pela hera e seus labirintos do século XVIII, assim como a soberba visão que se tem de toda Florença a partir daqui. De volta à cidade, vale a pena fazer um desvio até a diminuta aldeia medieval de Corbignano, onde ainda sobrevive uma das casas que Boccaccio habitou e onde, ao que parece, escreveu o *Ninfale Fiesolano*; seja como for, bem perto desse vilarejo ficam os dois riachos nos quais se transformam Africo e Mensola, seus personagens centrais.

Todo esse percurso atrás das suas pegadas é muito belo, mas nada me emocionou tanto como seguir os passos do Boccaccio em Certaldo e recordar que, neste local reconstruído, ele passou a última etapa da sua vida, pobre, isolado, assistido só por sua velha criada Bruna e muito doente com a hidropisia<sup>65</sup> que o havia inchado monstruosamente, a ponto de não poder se mexer.

Enche-me de tristeza e de admiração imaginar esses últimos meses de sua vida, imobilizado pela obesidade, dedicando seus dias e noites a revisar a tradução da *Odisseia* – Homero foi outro de seus venerados modelos – para o latim feita por seu amigo o monge Leoncio Pilato.

Morreu aqui, em 1375, e o enterraram na igrejinha vizinha, dos Santos Jacobo e Felipe, que se conserva quase intacta. Como na Certaldo histórica não há floriculturas, roubei uma folha de louro do pequeno altar e a deposei em sua tumba, onde devem restar nada

---

<sup>65</sup> **Hidropisia:** derramamento de líquido seroso em tecidos ou em cavidade do corpo.

## REFLEXÕES X

---

mais do que alguns polvilhos de que ele foi, e lhe fiz a mais rápida homenagem que me veio à boca: “Obrigado, mestre”. ●

**Mario Vargas Llosa**

LUÍZ BIANCI

## A liberdade nas ruas

Mario Vargas Llosa

9 de março de 2014



Há quatro semanas, os estudantes venezuelanos começaram a protestar nas ruas das principais cidades do país contra o governo de Nicolás Maduro. Apesar da dura repressão – 20 mortos, mais de 300 feridos reconhecidos até agora pelo regime e cerca de mil presos, entre eles Leopoldo López, um dos principais líderes da oposição –, a mobilização

popular continua firme.

Ela semeou pela Venezuela "Trincheiras da Liberdade" nas quais, além de universitários e escolares, há também operários, donas de casa, funcionários de escritório e profissionais liberais, em uma onda popular que parece ter superado a Mesa da Unidade Democrática (MUD), a organização que abrange todos os partidos e grupos políticos de oposição, graças aos quais a Venezuela não se transformou ainda numa segunda Cuba. No entanto, é evidente que essas são as intenções do sucessor do comandante Hugo Chávez. Todos os passos que ele deu desde que assumiu o poder que lhe foi ungido, no ano passado, são inequívocos. O mais notório deles, a asfixia sistemática da liberdade de expressão. O único canal de TV independente que sobrevivia – a Globovisión – foi submetido a uma perseguição tal pelo governo, que seus donos tiveram de vendê-lo a empresários favoráveis à situação, que agora o alinharam ao chavismo.

O controle das estações de rádio é praticamente absoluto e as que ainda se atrevem a dizer a verdade sobre a catastrófica situação econômica e social do país têm os dias contados. A mesma coisa ocorre com a imprensa independente que o governo está eliminando aos poucos pela privação de papel-jornal. Entretanto, embora o povo venezuelano quase não possa ver, ouvir nem ler uma informação livre, experimenta na carne a brutal e trágica situação

## REFLEXÕES X

---

para a qual os desvarios ideológicos do regime – as estatizações, o intervencionismo sistemático na vida econômica, a perseguição às empresas privadas, a burocratização cancerosa – levaram a Venezuela e essa realidade não pode ser ocultada com demagogia. A inflação é a mais elevada da América Latina e a criminalidade, uma das mais altas do mundo.

A carestia e o desabastecimento esvaziaram as prateleiras das lojas e a imposição do tabelamento dos preços para todos os produtos básicos criou um mercado negro que multiplica a corrupção a extremos vertiginosos. Somente a nomenclatura conserva os elevados níveis de vida, enquanto a classe média encolhe cada vez mais e os setores populares são golpeados de uma maneira cruel que o regime trata de amenizar com medidas populistas – estatismo, coletivismo, distribuição de doações e muita propaganda acusando a "direita", o "fascismo" e o "imperialismo americano" pela desordem e pela queda livre do nível de vida do povo venezuelano.

O historiador mexicano Enrique Krauze lembrava há alguns dias o fantástico desperdício do regime chavista, nos seus 15 anos no poder, dos US\$ 800 bilhões que ingressaram no país neste período, graças ao petróleo. Boa parte desse esbanjamento serviu para garantir a sobrevivência econômica de Cuba e para subvencionar ou subornar governos que, como o nicaraguense do comandante Daniel Ortega, o argentino de Cristina Kirchner ou o boliviano de Evo Morales, apressaram-se nos últimos dias em solidarizar-se com Maduro e em condenar os protestos dos estudantes "fascistas" venezuelanos.

A prostituição das palavras, como assinalou George Orwell, é a primeira façanha de todo governo de vocação totalitária. Nicolás Maduro não é um homem de ideias, como percebe de imediato quem o ouve falar. Os lugares comuns tornam seus discursos confusos e ele os pronuncia sempre rugindo, como se o barulho pudesse suprir a falta de argumentos. Sua palavra favorita é "fascista", com a qual ele se dirige sem o menor motivo a todos os que o criticam e se opõem ao regime que levou um dos países potencialmente mais ricos do mundo à pavorosa situação em que se

encontra.

Sabe, senhor Maduro, o que significa fascismo? Não o ensinaram nas escolas cubanas? Fascismo significa um regime vertical e caudilhista, que elimina toda forma de oposição e, mediante a violência, anula ou extermina as vozes dissidentes. Um regime que invade todos os aspectos da vida dos cidadãos, do econômico ao cultural e, principalmente, é claro, o político. Um regime em que pistoleiros e capangas asseguram, mediante o terror, a unanimidade do medo, do silêncio e uma frenética demagogia por meio de todos os veículos de comunicação na tentativa de convencer o povo, dia e noite, de que vive no melhor dos mundos.

Ou seja, o que está vivendo cada dia mais o infeliz povo venezuelano é o fascismo, que representa o **chavismo** em sua essência, esse fundo ideológico no qual, como explicou tão bem Jean-François Revel, todos os totalitarismos – fascismo, leninismo, stalinismo, castrismo, maoísmo e chavismo – se fundem e se confundem.

É contra essa trágica decadência e a ameaça de um endurecimento ainda maior do regime – uma segunda Cuba – que se levantaram os estudantes venezuelanos, arrastando com eles setores muito diferentes da sociedade. Sua luta é para impedir que a noite totalitária caia totalmente sobre a terra de Simón Bolívar e não haja volta.

Acabei de ler um artigo de Joaquín Villalobos (Como enfrentar o chavismo) no jornal *El País*, desaconselhando a oposição venezuelana a adotar a ação direta que empreendeu e recomendando que, ao contrário, espere se fortalecer para poder ganhar as próximas eleições. Surpreende a ingenuidade do ex-guerrilheiro convertido à cultura democrática. Quem garante que haverá futuras eleições dignas desse nome na Venezuela? Por acaso foram as últimas, nas condições de desvantagem da oposição em que transcorreram, com um poder eleitoral submisso ao regime, uma imprensa sufocada e um controle obsceno da recontagem dos votos pelos testas de ferro do governo?

Evidentemente, a oposição pacífica é o ideal na democracia. A Venezuela, porém, não é mais um país democrático e está muito

## REFLEXÕES X

---

mais próximo de uma ditadura como a cubana do que são, hoje, países como México, Chile ou Peru. A grande mobilização popular que a Venezuela vive ocorre precisamente para que, no futuro, haja ainda eleições de verdade e essas operações não se tornem rituais circenses como eram as da ex-União Soviética ou são as de Cuba, onde os eleitores votam em candidatos únicos, que ganham com 99% dos votos.

O que é triste, embora não surpreendente, é a solidão em que os valentes venezuelanos que ocupam as Trincheiras da Liberdade estão lutando para salvar seu país e toda a América Latina de uma nova satrapia comunista, sem receber o apoio que merecem dos países democráticos ou desta inútil e carcomida Organização dos Estados Americanos (OEA), que, segundo sua declaração de princípios, que vergonha!, deveria zelar pela legalidade e pela liberdade dos países que a integram.

Naturalmente, que outra coisa pode se esperar de governos cujos presidentes compareceram, praticamente todos, em Havana, para a cúpula da Comunidade de Estados Latino-Americanos e Caribenhos (Celac) e para prestar homenagem a Fidel Castro, múmia viva e símbolo animado da ditadura mais longeva da história da América Latina. Entretanto, o lamentável espetáculo não deve tirar as esperanças dos que acreditam que, apesar de tantos indícios contrários, a cultura da liberdade lançou raízes no continente latino-americano e não voltará a ser erradicada no futuro imediato, como tantas vezes no passado.

Os povos dos nossos países costumam ser melhor do que seus governos. Ali, estão para demonstrar isso os venezuelanos, assim como os ucranianos, arriscando suas próprias vidas em nome de todos nós para impedir que na terra da qual saíram os libertadores da América do Sul desapareçam os últimos resquícios de liberdade que ainda restam. Mais cedo ou mais tarde, eles triunfarão. ●

**Mario Vargas Llosa**

## Um pensador para o século XXI

Mario Vargas Llosa

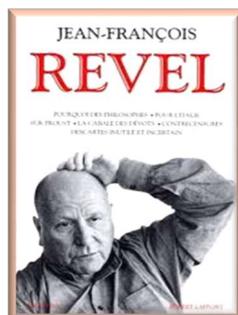
22 de março de 2014



*O jornalismo que praticou Jean-François Revel significava clareza e verdade, pôr as ideias ao alcance do leitor profano, mas sem as trivializar, mantendo o rigor ao mesmo tempo que a elegância e a originalidade*

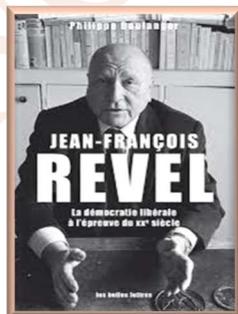
A obra de Jean-François Revel (1924-2006) não consiste apenas nos 26 livros que escreveu e que, além da política, abrangem muitos gêneros da sua enciclopédica cultura: filosofia, arte, história, literatura, informação, gastronomia. Também consiste nas centenas de artigos que publicou em revistas como L'Express, Le Point e Commentaire, e que, assim como nos casos de um George Orwell ou de um José Ortega y Gasset, são textos nevrálgicos da sua reflexão intelectual. Porque Revel, embora tivesse tido uma formação acadêmica de alto nível – Escola Normal Superior, onde foi discípulo de Louis Althusser, e professor associado – renunciou à carreira universitária, depois de ter lecionado no México e na Itália, para se dedicar ao jornalismo, que alcançou na França, graças a ele, o brilhantismo que teve antes na Grã-Bretanha e na Espanha graças aos autores de O Abate de um Elefante e A Desumanização da Arte.

Por que fez isso? Acredito que para chegar a um público mais amplo que o do âmbito universitário e, talvez, acima de tudo, para não se ver arrastado para o obscurantismo retórico, aquela forma de logomaquia vaidosa e mentirosa que atacou com tanta valentia como exatidão em alguns filósofos de seu tempo no segundo de seus livros, *Pourquoi des Philosophes?* (1957). O jornalismo que ele praticou significava clareza e verdade, pôr as ideias ao alcance do leitor profano, mas sem as



trivializar, mantendo o rigor ao mesmo tempo que a elegância e a originalidade dos bons textos literários. Entretanto, o jornalismo significa também dispersão e fugacidade; talvez por isso, até agora, salvo esporádicos empenhos como o de Pierre Boncenne (Pour Jean-François Revel, 2006), ninguém tinha tentado apresentar de uma maneira sistemática e completa o pensamento político de Revel e o que ele significa no contexto da nossa época.

O professor Philippe Boulanger acaba de fazer isso, de maneira soberba, com um ensaio que, graças a uma pesquisa exaustiva de seus livros, seus artigos, sua correspondência e arquivos depositados na Biblioteca Nacional de Paris, apresenta uma visão de conjunto, coerente e minuciosa, do pensamento político do Revel com o pano de fundo dos grandes debates, crise nacionais e internacionais, conflitos ideológicos, a Guerra Fria e o desabamento do comunismo ocorridos durante a vida do pensador francês: Jean-François Revel. *La Démocratie Libérale à l'Épreuve du XXe Siècle*.



Em seu intenso rastreamento, Philippe Boulanger mostra, acima de tudo, que as ideias de Revel sobre o fazer político se forjaram sempre a partir de um cotejo constante entre pensamento e realidade, confrontando sem descanso os fatos comprováveis da história vivida e as interpretações ideológicas, adaptando estas àquela, e não acomodando os fatos a ideias ou esquemas abstratos preconcebidos, como fazia o marxismo. Isso foi distanciando cada vez mais Revel de um tipo de socialismo que, a seu ver, distorcia a história para justificar uma ideologia que uma leitura objetiva da realidade desmentia. Mas, e sobre isto Boulanger apresenta provas incontrovertíveis, Revel sustentou durante boa parte da sua vida que o verdadeiro socialismo era inseparável do liberalismo, e que o pecado capital do socialismo francês era ter se esquecido disso, submetendo-se ao marxismo e servindo de reboque para o comunismo. Daí uma das suas teses mais atrevidas: que o comunismo era o maior obstáculo que o socialismo francês tinha

para reformar profundamente a França e fazer dela uma sociedade mais livre e ao mesmo tempo mais justa. E daí, também, sua simpatia pelo socialismo sueco e pela social-democracia alemã, que, diferentemente do socialismo francês, nunca tiveram complexos de inferioridade frente ao comunismo na hora de defender a democracia “burguesa”.

Reivindicar o liberalismo na França, na época em que Jean-François Revel e Raymond Aron o fizeram, era não só ir contra a corrente, mas também se indispor ao mesmo tempo com a esquerda e com uma direita conservadora, populista e autoritária representada pela Quinta República e pelo Governo do general De Gaulle. Mas essa orfandade nunca intimidou Revel, polemista e panfletário ao estilo de Voltaire, que ao longo de toda a sua vida opôs aos estereótipos em que queriam enquadrá-lo lapidares respostas que, por um lado, expunham a natureza caudilhista e antidemocrática do regime imposto por De Gaulle, e, por outro, denunciavam a dependência do comunismo francês em relação à União Soviética e a cegueira ou covardia de seus “companheiros de viagem” socialistas e progressistas que se negavam a reconhecer a existência do Gulag, apesar dos deprimentes testemunhos que chegavam ao Ocidente pelos dissidentes, o fracasso calamitoso da economia dirigida e estatizada da União Soviética e da China Popular em elevar os níveis de vida da população e o desaparecimento de todas as liberdades que a chamada ditadura do proletariado e a abolição da propriedade privada acarretavam.

O livro de Boulanger mostra também que o liberalismo de Revel não incorria na perversão economicista de certos economistas supostamente liberais, maus aprendizes de Hayek, logaritmos viventes para quem o livre mercado é a panaceia que resolve todos os problemas sociais. Revel foi, nisto, contundente: para um liberal, a liberdade política e a liberdade econômica são indivisíveis, uma garante a coexistência pacífica e os direitos humanos, e a outra traz desenvolvimento econômico, gera emprego e respeita a soberania individual. Ao mesmo tempo, uma sociedade não alcança nunca a plena liberdade sem uma rica vida cultural, em que possam se manifestar sem pressões nem dirigismos oficiais a criatividade

artística e intelectual e o espírito crítico. Para isso é indispensável uma educação de alto nível, privada e pública, pois ela cria a igualdade de oportunidades, essencial para que uma sociedade livre seja também uma sociedade equitativa, digna e genuinamente democrática.

Revel sempre foi um inimigo declarado de toda forma de nacionalismo, um promotor de um governo supranacional, um defensor de uma Europa unida e aberta ao resto do mundo, um defensor da lenta dissolução das fronteiras por meio dos intercâmbios comerciais e culturais, e alguém a quem seu espírito curioso levou a se interessar por outras culturas, outras línguas – dominava cinco –, e um dos melhores conhecedores da realidade da América Latina, sobre a qual escreveu iluminadores ensaios, refutando seus ingênuos compatriotas que se empenhavam em ver como um modelo de revolução democrática o castrismo e as fantasias guevaristas de colocar o mundo em erupção criando “dois, três Vietnãs”.

Embora a política o apaixonasse, estava convencido de que ela não devia absorver toda uma vida. Em todo caso, ela não esgotava sua inquietação múltipla, sua paixão por conhecer, o que fazia dele um herdeiro direto da grande tradição humanista ocidental. Escreveu uma história da filosofia, centrada sobretudo nos pensadores gregos e latinos e nos renascentistas, para leitores profanos, a qual se lê com o interesse de um livro de aventuras, ensaios sutis e polêmicos sobre Proust, sobre Descartes e, sobre gastronomia, *Un Festin en Paroles*, no qual mostrou, sem embaraço algum, além de sua ironia e bom humor, sua paixão pela boa mesa e as boas bebidas.

Precisamos agradecer a Philippe Boulanger pelo enorme trabalho que deve ter significado para ele escrever esta formidável biografia intelectual e política de Jean-François Revel. Foi um ato de justiça com um dos pensadores mais agudos e atuais, um dos melhores continuadores de Tocqueville e, ao mesmo tempo, um dos mais injustamente marginalizados em um país onde, apesar de todas as frustrações e fracassos acarretados por se aferrar à tradição anacrônica do Estado forte, grande e intervencionista, compartilhada tanto pela esquerda quanto pela direita, a lição de

## REFLEXÕES X

---

Revel foi ignorada e negada. Já não será possível continuar a ignorá-lo depois deste admirável reconhecimento de Philippe Boulanger, que demonstrou a riqueza, profundidade e atualidade de suas ideias. ●

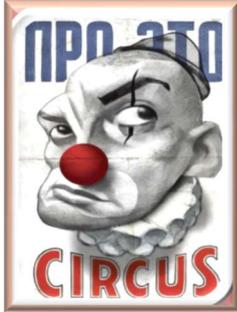
**Mario Vargas Llosa**

LUIZ BIANCI

## O palhaço trágico

**Mario Vargas Llosa**

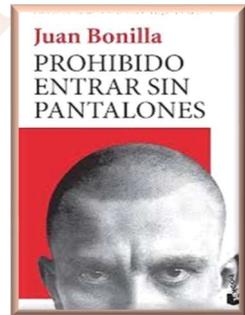
**5 de abril de 2014**



*Em 'Proibido entrar sem calças', Juan Bonilla traça um soberbo fresco da Rússia do começo do século XX, reconstruindo a apaixonante história de Vladimir Maiakovski*

A personagem principal de *Proibido entrar sin Pantalones* (*Proibido entrar sem Calças*), de Juan Bonilla, que venceu a primeira Bienal do Romance, em Lima, e que acabo de ler, não é Vladimir Maiakovski, mas o narrador astuto, invisível e de

muitas facetas: conta a história simulando ser um cronista desapaixonado e, subitamente, se transforma no que narra, quer dizer, no protagonista da história, para algumas frases ou páginas depois voltar a contar com uma proximidade impessoal. Não há cortes bruscos entre o objetivo e o subjetivo, o privado e o público, na prosa serpentina deste excelente romance que narra o que cria e transgride (sem que o leitor note) todas as fronteiras, transformando-se também, por alguns momentos, nos poemas estentóreos<sup>66</sup> e nos manifestos e proclamações que o poeta futurista compunha e recitava quase ao mesmo tempo em cafés, teatros, praças, fábricas, convencido de que a poesia de vanguarda e o marxismo, aliados, mudariam o mundo.



Graças a essa fluida e veloz maneira de narrar, *Proibido entrar sin Pantalones* traça um soberbo afresco da Rússia dos primeiros decênios do século vinte, sacudida por dois terremotos simultâneos, o de alguns poetas rupturistas e enlouquecidos que, como Rimbaud,

<sup>66</sup> **Estentório**: possante, retumbante.

acreditavam que a golpes de poesia se poderia revolucionar a vida, o amor, a beleza, os sentidos, a moral, a linguagem e os costumes, e o de alguns revolucionários profissionais que, tendo como pano de fundo o caos e os estragos da guerra mundial, instalariam sob a liderança de Lênin a primeira revolução proletária e comunista da história.

Vladimir Maiakóvski, futurista russo, gigante narciso e ególatra, agitador e poeta genial, autodidata, exibicionista e palhaço, esteve no centro desses dois furacões, acreditando, muito ingênuo, que ambos os sismos poderiam fundir-se e complementar-se. Sua obra e sua curta e absorvente vida foram uma heroica e desesperada aventura, tentando conseguir aquela aliança impossível, para descobrir, pouco antes de suicidar-se, que as revoluções políticas, uma vez que se convertem em poder absoluto e burocracia cancerígena, trazem sempre os poetas e a poesia, domesticando-os e pondo-os a seu serviço. As páginas do romance que descrevem a guerra de guerrilhas entre os distintos grupos e movimentos literários e artísticos – os simbolistas, os acmeístas, os futuristas – nos cafés, jornais e revistas, nos teatros e praças de Moscou e Petrogrado são de uma grande vivacidade e cor, e mostram que naqueles anos que precedem a Revolução de Outubro a vida cultural alcançou na Rússia uma extraordinária versatilidade.

Juan Bonilla modela com sua versão de Maiakóvski um personagem fascinante, uma força da natureza do qual a poesia brotava como uma transpiração natural, não só naquilo que escrevia, também no que fazia, dizia e vivia. Suas ideias eram contraditórias e confusas, mas a maneira como as expunha, com paixão contagiante, insolência e audácia verbal, deslumbravam seus ouvintes e leitores, e, nos primeiros tempos da revolução, também a seus hierarcas: Trotski, Lênin, Lunacharski o leram com admiração e lhe permitiram atrevimentos e tolices.

Com Stálin sua sorte mudou. O “paizinho dos povos” tinha uma ideia muito precisa da função utilitária e propagandística dos poetas e da poesia, e silenciava os literatos refratários, às vezes matando-os e às vezes somente humilhando-os, como a Bulgákov, a quem, apesar de ter sido seu amigo, rebaixou de escritor a varredor do

teatro onde antes eram apresentadas as suas obras. Apesar de Maiakóvski ter se disposto a fazer algumas concessões, que decepcionaram seus antigos companheiros do futurismo, durante o governo de Lênin, aceitou ser testemunha de acusação da Cheka contra o primeiro marido de Anna Aimátova, Nikolai Gumiliov, que foi fuzilado, e durante o de Stálin escreveu um poema em homenagem ao Primeiro Plano Quinquenal – sua sorte estava selada. Os ataques contra ele e sua obra não só provinham da Associação de Poetas Proletários; também a imprensa, os jovens universitários, o público em geral o vaiavam em suas apresentações, as editoras se recusavam a editá-lo e até o circo de Moscou se negou a encenar uma de suas peças. A imprensa e os críticos oficiais haviam convencido a opinião pública que o antigo ídolo era um elitista, um decadente e, talvez – infâmia suprema – até um trotskista.

Era Vladimir Maiakóvski uma pessoa com quem, além de lê-lo, alguém teria querido conviver? Apesar do carinho e da admiração que a vasta informação que denunciam a sua vida, a sua obra e sua época que este romance desvenda, e a delicadeza do tratamento que acompanha a palavra do narrador, Juan Bonilla expõe todo esse material com absoluta objetividade, de modo que eu responderia àquela pergunta dizendo que não. Maiakóvski era um desses escritores que é preferível ler do que conhecer, pois pessoalmente deveria ser insuportável: um gênio intimidador, petulante, autorreferente e vaidoso. Todos os personagens que se davam bem com ele são satélites que gravitavam ao seu redor, colonizados por sua irresistível força de atração, como Osip Brik, que o manteve desde muito jovem e permitiu que fosse o amante de Lili, sua mulher.

Esta é outro personagem que enfeitiça o leitor quase tanto como o poeta, sem dúvida o único amor verdadeiro de Maiakóvski, a quem ele nunca conseguiu dominar e usar (como usou sempre as muitas mulheres que caíram em seus braços) e que, em troca, foi capaz de dominá-lo e aprisioná-lo com sua beleza, inteligência e bruxaria. Lili Brik foi o único ser humano, entre seus amigos e chegados, capaz de entrar nesse vendaval arrasador que era a personalidade de

Maiakóvski e sair dali absolutamente sem danos. A descrição das aventuras e desventuras de Lili Brik, atriz feminista *avant la lettre*, musa de artistas, atores e literatos, imperatriz do sexo e inspiradora dos melhores poemas e os piores sofrimentos de Maiakóvski é um dos grandes êxitos desse romance.

Com tudo o que se passou depois, tendemos a esquecer algo que este livro ressuscita com brilho. Que em seus primeiros anos, em vez de regular a vida cultural e transformá-la em um instrumento de propaganda do regime, a revolução russa – pelo menos enquanto Lunacharski esteve à frente da educação e cultura – propiciou a experimentação em todas as manifestações da arte, fez um grande esforço para que as obras dos melhores escritores e artistas rompessem seu confinamento e chegassem às massas sem censura alguma. Esse propósito seduziu pintores, músicos, atores, diretores de teatro e cinema, poetas e escritores, que, desse modo, contribuíram para prestigiar a imagem da revolução e mitificá-la.

Na verdade, o enlace do governo soviético com a vanguarda literária e artística foi fugaz e terminou com a subida de Stálin ao poder. Nesse breve parêntesis, Maiakóvski foi a estrela máxima do espetáculo. Seu talento feito de improvisação, destreza, instinto, excesso, encontrou um auditório na sua medida em uma sociedade que parecia estar mudando nas suas raízes a história da humanidade e criando um mundo novo, tão original, perfeito e coerente como a melhor poesia. Isso lhe inspirou poemas, manifestos e espetáculos notáveis, assim como uma vida de libertinagem e excessos temerários que, com frequência, atropelavam a vida dos outros, como seus punhos arruinavam a cara dos críticos que se atreviam a negar sua genialidade. Tudo aquilo era o resultado de um mal-entendido. Quando Maiakóvski descobriu isso, fiel a seu amor pelo barulho e a truculência, deu um disparo de pistola no coração com que se encerra esse intenso livro.●

**Mario Vargas Llosa**

## História de um deicídio: o esplendor passado

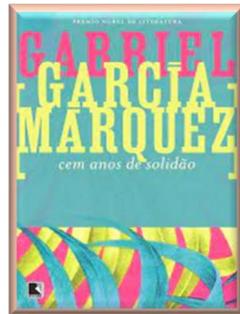
Mario Vargas Llosa

18 de abril de 2014



Esse conto [Um Dia Depois do Sábado] está situado em Macondo, no período da decadência. A perspectiva é itinerante, se desloca de um personagem para outro, mas a maior parte da história está referida pelo ponto de vista que corresponde a seres inequivocamente instalados no vértice da sociedade: a viúva Rebeca e o padre Antonio Isabel del Santísimo Sacramento del Altar Castañeda y Montero. Pela perspectiva aristocrática, já sabemos, a história gravita com força sobre o presente, e com efeito aqui, como em *O Enterro do Diabo: A Revoada*, há muitos dados relativos ao passado da sociedade fictícia. Alguns confirmam dados anteriores, outros os ampliam, outros os modificam. O antigo esplendor está associado, na memória do padre Antonio Isabel, à banana. Há anos só passam por Macondo quatro vagões desvencilhados e descoloridos, dos quais ninguém desce: “Antes era diferente, quando você podia ficar uma tarde inteira vendo passar um trem carregado de bananas: cento e quarenta vagões carregados de frutas, passando sem parar, até quando passava, já entrada a noite, o último vagão com um homem segurando uma lanterna verde”. Cento e quarenta vagões, a desmesura: o que era uma imagem retórica nos relatos anteriores se transforma em característica da realidade fictícia. As duas épocas de Macondo, o apogeu e a decadência, estão claramente diferenciadas aqui também, como em *O Enterro do Diabo: A Revoada*, em função das plantações de banana. Aparece um novo dado histórico: “Talvez daí tenha vindo seu costume de comparecer todos os dias à estação, inclusive depois que balearam os trabalhadores e se acabaram as plantações de banana...”. É a primeira menção à matança de trabalhadores que terá amplo desenvolvimento em *Cem Anos de Solidão*.

Com relação às guerras civis, Um Dia Depois do Sábado não é esclarecedor, e sim obscurecedor. Em *O Enterro do Diabo: A Revoada* se insinuava que a fundação de Macondo havia sido realizada por pessoas que, como a família do coronel, fugiam das guerras, o que permitia situar a fundação em fins do século XIX. Entretanto, aqui se indica que o padre Antonio Isabel “se enterrou no povoado desde muito antes da guerra de 85”, o que retrocede a fundação de forma considerável e desbarata a cronologia que parecia reger a história fictícia.



O rapaz de Manaure nasceu “numa chuvosa madrugada da última guerra civil”, e durante a ação do conto tem 22 anos. Se essa última guerra civil for a de 1885, o conto ocorreria em 1907, mais ou menos, mas esta época não corresponde à decadência de Macondo, a qual, segundo *O Enterro do Diabo: A Revoada*, começou por volta de 1918. Estas contradições da realidade fictícia (que para ela não o são) mostram a liberdade e a mobilidade de que goza, sua natureza diferente da realidade real, que só pode mudar para frente, ao passo que aquela vai se modificando também para trás.

O coronel Aureliano Buendía aparece novamente, como uma reminiscência, e sua silhueta parece sempre enigmática. Algo mais se sabe dele, entretanto: é primo-irmão da viúva Rebeca e primo daquele que foi seu marido, José Arcadio Buendía; a viúva o considera, não sabemos por que, um ingrato. Parece estar ausente, como em *O Enterro do Diabo: A Revoada*. A viúva Rebeca, imprecisa em suas aparições anteriores, se enriquece biograficamente: vive em uma casa com dois corredores e nove alcovas, acompanhada de sua criada e confidente Argenida; seu bisavô paterno lutou durante a guerra da Independência no bando dos realistas; uma lenda turva a vincula à morte do seu marido, que vinte anos atrás, logo depois de um tiro que ninguém sabe quem disparou, “caiu de bruços entre um ruído de fivelas e esporas sobre as perneiras ainda quentes que acabava de tirar”. Este episódio reaparece, com contornos reais-imaginários, em *Cem Anos de*

### Solidão.

A viúva vive enclausurada, se veste ridiculamente, permanece em Macondo por um obscuro temor à novidade. O padre Antonio Isabel retorna em *Os Funerais da Mamãe Grande*, em *A Má Hora* e em *Cem Anos de Solidão*. O prefeito aparece só um momento, e não se diz que esteja associado a feitos de violência e corrupção, embora seu físico inspire à viúva Rebeca uma impressão de solidez bestial. Desapareceram a violência e a corrupção políticas em Macondo? Desapareceu o interesse por esse plano do real objetivo. Mudou a perspectiva, e já vimos que para a visão aristocrática a política é algo remoto e repulsivo, uma experiência prescindível. A viúva Rebeca e o padre Antonio Isabel são tão cegos para a política como a classe popular: só quando a perspectiva se situa na classe média a política ocupa lugar dominante no real objetivo. Aqui ela foi abolida, e são o passado, a religião e o imaginário que prevalecem na realidade fictícia.

Manaure, onde havia ido à escola o protagonista de *Ninguém Escreve ao Coronel*, adquire uma dimensão maior. O forasteiro da história nasceu ali, precisamente na escola, que sua mãe havia frequentado durante 18 anos. Comparada a Macondo, é menor, isolada e pobre. O moço se lembra dele como “um povoado verde e plácido, com galinhas de longas patas cinzentas que atravessavam a sala de aula para se dedicarem a botar debaixo do filtro de água”. Está distante e na altura, pois ali não se planta banana, e sim café, e carece de sistema de iluminação elétrico. Como o herói de *Ninguém Escreve ao Coronel*, a mãe do forasteiro espera uma aposentadoria.

O semblante urbano de Macondo se perfila mais. Conhecíamos sua estação, suas amendoeiras, seus alcaravões, seu calor: agora conhecemos seu hotel. Chama-se também Macondo, carece de clientes, seu menu é um prato de sopa com um osso pelado e picadinho de banana verde, tem um gramofone de corda, seus proprietários são uma mãe e sua filha de caras idênticas. Tínhamos visto Macondo na hora da sesta; agora a vemos num domingo de amanhã: “Ruas sem mato, casas com mosquiteiros e um céu profundo e maravilhoso sobre um calor asfixiante”; a rua principal desemboca “em uma pequena praça empedrada com um edifício de

## REFLEXÕES X

---

cal com uma torre e um galo de madeira na cúspide e um relógio parado nas quatro e dez”.

Na realidade fictícia até agora só se liam jornais, panfletos políticos clandestinos, o Almanaque Bristol, presumivelmente as revistas de cinema com cujas caras Ana havia empapelado seu quarto. Em *Um Dia Depois do Sábado*, um personagem teve uma formação clássica. O padre Antonio Isabel leu os gregos no seminário, sobretudo Sófocles, “em seu idioma original”. Ele confundia os clássicos, chamava-os “os velinhos de antes”. Aparentemente, também estudou francês. Seu coroinha se chama (ou ele o chama de) Pitágoras.

Mario Vargas Llosa, Nobel de Literatura peruano, publicou em 1971 ‘*História de Um Deicídio*’, minucioso estudo literário que seria sua tese de doutorado sobre a vida de Gabriel García Márquez desde os primeiros contos até ‘*Cem Anos de Solidão*’. Este extrato, incluído nas ‘*Obras Completas de Vargas Llosa*’, editadas pela Galáxia Gutenberg, pertence a uma certa análise sobre o conto ‘*Um Dia Depois do Sábado*’. ●

**Mario Vargas Llosa**

## Sair da barbárie

Mario Vargas Llosa

20 de abril de 2014



O Peru terá esses dias uma oportunidade de dar mais um passo no rumo da cultura e da liberdade, deixando para trás uma das formas mais extensas e praticadas da barbárie, à qual chamamos de homofobia, ou seja, o ódio contra os homossexuais. O congressista Carlos Bruce apresentou um projeto de Lei de União Civil entre pessoas do mesmo sexo

que conta com o apoio do Ministério da Justiça, da Defensoria do Povo, das Nações Unidas e da Anistia Internacional. Os principais partidos políticos do Congresso, tanto de direita quanto de esquerda, parecem favoráveis à iniciativa, de modo que a lei tem grandes possibilidades de ser aprovada.

Assim, o Peru pode se tornar o sexto país latino-americano e o 61.º no mundo a reconhecer legalmente o direito dos homossexuais de viver como casais, constituindo uma instituição civil equivalente (embora não idêntica) ao matrimônio. Se der esse passo, tão importante quanto haver por fim se livrado da ditadura e do terrorismo, o Peru começará a desagrar muitos milhões de peruanos que, ao longo de sua história, foram escarnecidos e vilipendiados até extremos indescritíveis por serem homossexuais, encarcerados, despojados de seus direitos mais elementares, expulsos de seus trabalhos, submetidos à discriminação e à perseguição em sua vida profissional e privada e apresentados como anormais e degenerados.

Agora mesmo, no previsível debate provocado por este projeto de lei, a Conferência Episcopal Peruana, num comunicado pré-histórico e de uma ignorância crassa, afirma que a homossexualidade "contraria a ordem natural", "atenta contra a dignidade humana" e "ameaça a boa educação das crianças".

## REFLEXÕES X

---

O inefável<sup>67</sup> arcebispo de Lima, cardeal Cipriani, de sua parte, pediu que haja um referendo nacional a respeito da união civil. Muitos de nós perguntam por que ele não solicitou uma consulta popular quando o regime ditatorial de Fujimori, com o qual foi tão compreensivo, praticou a esterilização *manu militari* de milhares de camponesas, com pérfidas mentiras (fazendo-as acreditar tratar-se de uma vacina), sendo que muitas delas morreram em decorrência da criminosa operação.

Temo que, alguns anos atrás, uma iniciativa como a do congressista Carlos Bruce (que, diga-se de passagem, acaba de ser ameaçado de morte por um fanático) teria sido impossível, em razão da férrea influência exercida pelo setor mais troglodita da Igreja Católica sobre a opinião pública em relação aos temas sexuais e, embora na prática a homossexualidade fosse a opção escolhida por uma parcela considerável da sociedade, tal exercício era arriscado, clandestino e constrangedor, pois aqueles que se atreviam a dar a cara a tapa e reivindicá-lo se tornavam objeto de linchamento público instantâneo.

As coisas mudaram desde então, para melhor, embora ainda haja muita maldade a ser desbaratada. No debate atual, vejo que intelectuais, jornalistas, artistas, profissionais, líderes políticos e de agremiações, ONGs, instituições e organizações católicas de base se pronunciaram com clareza contra os arroubos homofóbicos como os da Conferência Episcopal e os de alguma das seitas evangélicas que seguem a mesma linha ultraconservadora, lembrando a todos que o Peru é um país laico de acordo com a Constituição, no qual todos têm os mesmos direitos. E, entre os direitos dos quais gozam os cidadãos de um país democrático figura o de optar livremente em se tratando da identidade sexual.

Não se pode classificar como normais ou anormais as categorias *gay*, lésbica ou heterossexual. E, por isso, *gays*, lésbicas e heterossexuais gozam dos mesmos direitos e obrigações, sem serem perseguidos e discriminados por isso. É perigosa a ideia segundo a

---

<sup>67</sup> **Inefável:** que não se pode nomear ou descrever em razão de sua natureza.

qual a "normalidade" é a identidade heterossexual, sendo a homossexualidade uma "anormalidade", algo que já foi desmentido pela ciência e pelo senso comum, e só orienta a legislação discriminatória de países atrasados e incultos, onde o fanatismo religioso e o machismo são fonte de atropelos, desgraça e sofrimento para inúmeros cidadãos cujo único delito é pertencer a uma minoria. A perseguição ao homossexual, pregada por aqueles que difundem sandices irracionais como a "anomalia homossexual", é tão cruel e desumana quanto a do racismo nazista ou branco que considera judeus, negros e orientais como seres inferiores por serem diferentes.

É claro que a união civil é apenas um passo adiante para ressarcir as minorias sexuais da discriminação e perseguição às quais foram e continuam sendo submetidas. Mas será mais fácil combater o preconceito e a ignorância que sustentam a homofobia quando o cidadão comum vir que os pares homossexuais que constituírem união civil conformada pelo amor recíproco não alteram em nada a vida comum e cotidiana dos demais, como vem ocorrendo em todos (absolutamente todos, sem exceção) os países que autorizaram a união civil ou o matrimônio entre casais do mesmo sexo.

Onde se realizaram as profecias apocalípticas segundo as quais a degeneração sexual decorreria da permissão dos casais homossexuais? Ao contrário, a liberdade sexual, assim como a liberdade política e a liberdade cultural, garante essa paz que só resulta da convivência pacífica entre ideias, valores e costumes diferentes. Não há nada que exacerbe tanto a vida sexual, chegando a ponto de levá-la a extremos às vezes vertiginosos, quanto a repressão e negação do sexo.

Abalada com os casos de pedofilia que a afetaram em quase todo o mundo, a Igreja Católica deveria compreender isso melhor que ninguém e, conseqüentemente, agir em relação ao tema de maneira mais moderna e tolerante. Esta é uma realidade dos nossos dias e há no mundo um número cada vez maior de católicos dispostos a aceitar que o homossexual é um ser tão normal quanto o heterossexual e que, como este, deve ter direito à cidadania, a constituir família e gozar das mesmas prerrogativas sociais e

## REFLEXÕES X

---

jurídicas atribuídas a heterossexuais.

A chegada do papa Francisco ao Vaticano começou com sinais muito positivos, pois os primeiros gestos, declarações e iniciativas do novo pontífice pareciam indicar reformas profundas no seio da Igreja, integrando-a ao mesmo tempo à vida e à cultura de nossa época. Essas ainda não se concretizaram, mas não devemos descartá-las. Todos lembram da resposta dele ao ser indagado a respeito dos *gays*: "quem sou eu para julgá-los?". A resposta insinuava muitas coisas positivas que tardam em chegar. Não convém a ninguém – nem aqueles que não são fiéis – que, por sua insistente adesão a uma tradição intolerante e dogmática, uma das grandes igrejas do mundo se afaste da maioria da humanidade, confinando a si mesma às margens retrógradas.

É isso que está ocorrendo no Peru, infelizmente, desde que sua hierarquia caiu nas mãos do obscurantismo agressivo como aquele encarnado pelo cardeal Cipriani e expressado no comunicado da Conferência Episcopal contra a união civil. Digo infelizmente porque, embora seja agnóstico, sei muito bem que, para a maior parte da coletividade, a religião é sempre necessária, já que ela fornece as convicções, crenças e valores básicos a respeito do mundo e do além-mundo sem os quais as pessoas entrariam naquele desconcerto e ansiedade que os antigos incas chamavam de desordem, uma desolação e confusão coletivas que, de acordo com o Inca Garcilaso, acometeram o Tahuantinsuyo nesse período no qual os deuses pareciam ter se eclipsado.

Tenho a esperança de que, ao contrário do que dizem certas pesquisas, a Lei da União Civil, em favor da qual acabam de se manifestar nas ruas de Lima tantos milhares de jovens e adultos, será aprovada, fazendo o Peru avançar um pouco mais no rumo de uma sociedade livre, diversa, culta – distante da barbárie – que é certamente o sonho alimentado pela maioria dos peruanos. ●

**Mario Vargas Llosa**

## Estudantes da Venezuela

Mario Vargas Llosa

4 de maio de 2014



As palavras também acabam se desgastando com o uso. Frequentemente, falamos em liberdade, democracia, direitos humanos, solidariedade, mas essas palavras não significam quase nada porque as utilizamos para expressar tantas coisas, ou tão poucas, que se desvalorizam e esmaecem a ponto de se converterem em

meros ruídos. No entanto, de repente, circunstâncias sociais e políticas agora voltam a carregá-las de conteúdo e de verdade, a impregná-las de sentimento e razão, como se ressuscitassem e expressassem novamente os sentimentos de todo um povo.

É o que vivo nestes dias, na Venezuela, ouvindo dirigentes estudantis e líderes da oposição, homens e mulheres comuns, e correntes que nunca fizeram política e agora a fazem, pondo em risco o trabalho, a tranquilidade, a liberdade e até a vida, impelidos pela consciência de que, se não houver um sobressalto democrático nacional que o desperte e mobilize, seu país acabará na ruína, numa ditadura totalitária e irá ao encontro da pior catástrofe econômica de toda a sua história.

Embora o processo tenha começado no passado – as últimas eleições viram crescer de maneira gradual a oposição ao regime chavista –, a mudança qualitativa se deu no início de fevereiro, em San Cristóbal, no Estado de Táchira, quando a tentativa de estupro de uma jovem na Universidade dos Andes levou os estudantes a convocar uma grande manifestação contra a falta de segurança, os sequestros, os desmandos dos sicários<sup>68</sup> e a sistemática restrição das

---

<sup>68</sup> **Sicário:** assassino pago; malfeitor, facínora.

## REFLEXÕES X

---

liberdades cívicas.

O regime decidiu aplicar o punho de ferro. A Guarda Nacional e as forças paramilitares – indivíduos mascarados armados de pistolas, facas e paus, montados em motocicletas – atacaram os estudantes, os espancaram e balearam, matando vários deles. Dezenas foram detidos, levados a quartéis distantes, onde foram torturados com choques elétricos, sodomizados com paus e fuzis, e as moças violadas.

A ferocidade da repressão revelou-se contraproducente. A mobilização estudantil estendeu-se por todo o país e gigantescas manifestações populares em todas as cidades e povoados da Venezuela expressaram seu repúdio ao regime e solidariedade às vítimas. Em toda parte foram erguidas barricadas e o país inteiro pareceu viver um despertar libertário. Os 500 advogados voluntários que constituíram o Fórum Penal Venezuelano, para defender os detidos e denunciar os assassinatos, os desaparecimentos e torturas, elaboraram um informe que documenta com abundância de detalhes a selvageria com que os herdeiros do comandante Hugo Chávez enfrentam essa formidável mobilização que modificou a correlação de forças na Venezuela, atraindo para as fileiras da oposição uma inequívoca maioria de venezuelanos.

Minha impressão é que esse movimento é irrefreável, que mesmo se Maduro e seus cúmplices procurassem esmagá-lo com um banho de sangue, fracassariam. A matança só contribuirá para acelerar sua queda. A liberdade ganhou as ruas da terra do verdadeiro Simón Bolívar (não sua caricatura chavista) e o apregoado "socialismo do século XXI" está ferido de morte.

Quanto mais rápido ele desaparecer, melhor será para a Venezuela e para a América Latina. O regime que, em seu empenho frenético em prol da coletivização e da estatização do país, empobreceu e destruiu uma das nações potencialmente mais ricas do mundo, ficará como um caso emblemático dos desvarios aos quais pode conduzir a cegueira ideológica no nosso tempo.

Além de registrar uma das inflações mais altas do mundo, a

## REFLEXÕES X

---

Venezuela é o país de menor crescimento em todo o continente, o mais violento, aquele em que a asfixia burocrática se reproduz mais rapidamente, a ponto de manter numa paralisia quase total a administração pública.

O regime de tabelamentos, preços "justos", intervencionismo estatal esvaziou todas as lojas de gêneros de primeira necessidade e mercados de produtos. Além disso, o mercado paralelo e o contrabando alcançaram extremos impressionantes. A corrupção é o único item em que o país avança a passos de gigante.

Desconcertado pela mobilização popular encabeçada pelos estudantes que não consegue esmagar com a repressão, o governo de Maduro, com a cumplicidade dos países da Alba (Aliança Bolivariana para as Américas), procura ganhar tempo, abrindo conversações de paz. A oposição agiu com propriedade fazendo-se presente, mas sem desmobilizar-se e exigindo, como prova de boa-fé governamental, pelo menos a libertação dos presos políticos, a começar por Leopoldo López, que, ao colocá-lo numa prisão, transformou, segundo todas as últimas pesquisas, juntamente com María Corina Machado, no líder político mais popular da Venezuela.

Conheci sua mãe e sua esposa, duas mulheres admiráveis, que enfrentam com coragem incomum a perseguição de que são vítimas por estarem na vanguarda da batalha pacífica da oposição a fim de impedir o desaparecimento dos últimos resquícios de liberdade que ainda restam na Venezuela. No entanto, gostaria de ressaltar, mais uma vez, o papel fundamental desempenhado pelos estudantes na grande façanha libertária que a Venezuela vive.

A revolução chavista deve ser a única de sua história que conseguiu, desde o início, despertar a hostilidade quase geral de intelectuais, escritores e artistas, bem como dos estudantes, que, neste caso, deram muito mais prova de lucidez e faro político do que seus colegas latino-americanos no passado.

É estimulante e rejuvenescedor ver que o idealismo, a generosidade, o despreendimento, o amor pela verdade, a coragem estão tão vivos entre a juventude venezuelana. Os que, frustrados pela falta de ação das lutas políticas em seus países em que predomina uma

## REFLEXÕES X

---

democracia medíocre e rotineira, tornam-se cínicos, desprezam a política e optam pela filosofia do "quanto pior, melhor", deveriam observar o método de luta dos jovens venezuelanos, por exemplo, na Avenida Francisco de Miranda, no centro de Caracas, onde rapazes e moças convivem há várias semanas, organizando conferências, debates, seminários, explicando aos transeuntes seus projetos e anseios para a futura Venezuela, quando a liberdade e a legalidade retornarem e o país despertar do pesadelo em que vive há quinze anos.

Os que chegaram à deprimente conclusão de que a política é uma tarefa imunda, de indivíduos medíocres e ladrões, que, portanto, é preciso virar-lhe as costas, venham para a Venezuela. Falando, ouvindo e aprendendo com estes jovens, comprovarão que a ação política pode ser também nobre e altruísta, uma maneira de fazer frente à barbárie e derrotá-la, de trabalhar pela paz, a convivência e a liberdade, sem dar tiros nem jogar bombas, com argumentos e palavras, como fazem os filósofos e os poetas, criando a cada dia gestos, espetáculos, ideias, como fazem os artistas, que comovam e eduquem os outros e os embarquem nesta tarefa libertária.

Nestes dias, centenas de milhares, milhões de jovens venezuelanos estão dando à América Latina e ao mundo inteiro o exemplo de que ninguém deve renunciar à esperança, de que um país, não importa quão profundo seja o abismo no qual a demagogia e a ideologia o precipitaram, sempre pode libertar-se desta armadilha e redimir-se. Alguns destes jovens já passaram pela prisão e sofreram torturas, e alguns talvez venham a morrer, como os cerca de 50 companheiros que já perderam a vida pela mão dos assassinos encapuzados com os quais Maduro pretende silenciá-los. Não os calarão, mas não é justo que estejam sós, que os governos e as organizações democráticas não os apoiem e, ao contrário, façam causa comum com seus gozoes. Porque a batalha mais importante pela liberdade dos nossos dias se trava nas ruas da Venezuela e tem o rosto juvenil.●

**Mario Vargas Llosa**

## O mago do Norte

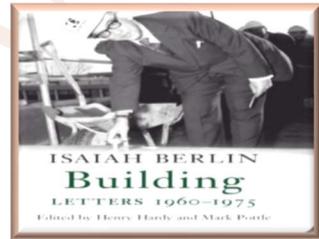
**Mario Vargas Llosa**

**17 de maio de 2014**



*Isaiah Berlin recopilou textos do teólogo e filósofo alemão Johann Georg Hamann, inimigo mortal da Ilustração e porta-voz do irracionalismo. O resultado é uma festa das ideias*

Isaiah Berlin foi um democrata e um liberal, um desses raros intelectuais tolerantes, capazes de reconhecer que suas próprias convicções podiam estar erradas, e acertadas as de seus adversários ideológicos. E a melhor prova desse espírito aberto e sensível, que contrastava sempre suas ideias com a realidade para ver se as confirmava ou contradizia, ele deu ao dedicar seus maiores empenhos intelectuais a estudar nem tanto os filósofos e pensadores afins à cultura da liberdade, mas sim os seus mais inflamados inimigos, como um Karl Marx ou um Joseph de Maistre, aos quais dedicou ensaios admiráveis por seu rigor e ponderação. Tinha a paixão do saber e, quanto aos que promoviam as coisas que ele detestava, como o autoritarismo, o racismo, o dogmatismo e a violência, antes de refutá-los queria entendê-los, averiguar como e por que haviam chegado a defender causas e doutrinas que agravavam a injustiça, a barbárie e os sofrimentos humanos.



Um bom exemplo de tudo isso é o volume intitulado *The Magus of the North. J.G. Hamann and the Origins of Modern Irrationalism* (1993), coleção de notas e ensaios que Berlin não chegou a integrar num livro orgânico e que foram recolhidas e prefaciadas por Henry Hardy, seu discípulo, a quem nunca poderemos agradecer suficientemente por seu extraordinário trabalho de rastreamento e edição das dezenas de trabalhos que

Isaiah Berlin, por seu escasso interesse em publicar e por seu maníaco perfeccionismo, deixou dispersos em revistas acadêmicas ou inéditos. Eu acreditava ter lido todos os trabalhos do grande pensador liberal, mas este me havia escapado e acabo de fazê-lo, com o mesmo absorvente prazer que tudo o que ele escreveu.

O extraordinário dessas notas, artigos e esboços de ensaios que Berlin ao longo de sua vida dedicou ao teólogo e filósofo alemão Johann Georg Hamann (1730-1788), inimigo mortal do Iluminismo e ardoroso porta-voz do irracionalismo, é que, intermédio deles, esse reacionário convicto e confesso aparece como uma figura simpática e em muitos sentidos até moderna. Sua defesa da sem-razão – as paixões, o instinto, o sexo, os abismos da personalidade – como parte integral do humano e sua ideia de que todo sistema filosófico exclusivamente racionalista e abstrato constitui uma mutilação da realidade e da vida são perfeitamente válidas, e suas audazes teorias, por exemplo sobre o sexo e a linguística, de certa forma prefiguram algumas das posições libertárias e anárquicas mais radicais, como as de um Michel Foucault. Do mesmo modo, é profética sua denúncia de que, se seguisse pelo caminho que havia tomado, a filosofia do futuro naufragaria em um obscurantismo indecifrável, máscara do vazio e da inanidade, que a poria fora do alcance do leitor comum.

Onde essas coincidências cessam é nessa encruzilhada onde aparece Deus, a quem Hamann subordina tudo o que existe e que é, para o místico germânico, a justificação e explicação única e final da história social e dos destinos individuais. Seu rechaço às generalizações e ao abstrato e sua defesa do particular e do concreto fizeram dele um porta-estandarte do individualismo e um inimigo mortal do coletivo como categoria social e signo de identidade. Nesse sentido foi por um lado, diz Berlin, um precursor do romantismo e do que dois séculos mais tarde seria o existencialismo (sobretudo na versão católica de um Gabriel Marcel), mas, do outro, um dos fundadores do nacionalismo e, inclusive, assim como Joseph de Maistre, do fascismo.

Hamann nasceu em Königsberg [atual Kaliningrado], filho de um barbeiro cirurgião, no seio de uma família pietista luterana, e sua

infância transcorreu em um meio de gente religiosa e estoica, cujos antepassados desconfiavam dos livros e da vida intelectual; ele, entretanto, foi um leitor voraz e deu um jeito de entrar na universidade, onde adquiriu uma formação múltipla e algo extravagante em história, geografia, matemática, hebraico e teologia, ao mesmo tempo em que por conta própria aprendia francês e escrevia poemas. Começou a ganhar a vida como tutor dos filhos da próspera burguesia local e, durante algum tempo, pareceu conquistado pelas ideias que vinham da França de Voltaire e Montesquieu. Mas, não muito depois, durante uma estada em Londres vinculada a uma misteriosa conspiração política, e após alguns meses de dissipação e excessos que o levaram à ruína, experimentou a crise que mudaria sua vida.

Ocorreu em 1757. Mergulhado na miséria, isolado do mundo, sepultou-se no estudo da Bíblia, convencido, como Lutero, conforme escreveria mais tarde, de que o livro sagrado do cristianismo era “uma alegoria da história secreta da alma de cada indivíduo”. Emergiu dessa experiência transformado no conservador e reacionário briguento e solitário que, em panfletos polêmicos que se sucediam como socos, criticaria com ferocidade todas as manifestações da modernidade, onde quer que aparecessem: na ciência, nos costumes, na vida política, na filosofia e, sobretudo, na religião. Tinha retornado, e com zelo ardente, ao protestantismo luterano de seus ancestrais. Arrumou adversários e inimigos a torto e a direito, devido ao seu caráter intratável. Estava acostumado, inclusive, a se inimizar com gente que o respeitava e queria ajudá-lo, como Kant, leitor dele e que tentou lhe conseguir um cargo na Universidade.

Sobre ele disse que “era um homúnculo agradável para fofocar por um momento, mas totalmente cego perante a verdade”. Por Herder, que foi seu admirador confesso e se considerava seu discípulo, nunca teve o menor apreço intelectual. Não é estranho, por isso, que sua vida tenha transcorrido quase no anonimato, com poucos leitores, e que fosse extremamente austera, devido aos obscuros empregos burocráticos com os quais ganhava seu sustento.

Depois de morto, o Mago do Norte, como Hamann gostava de

chamar a si mesmo, foi logo esquecido pelo escasso círculo que conhecia sua obra. Isaiah Berlin se pergunta: “O que há nele que mereça ser ressuscitado em nossos dias?”. A resposta dá lugar ao melhor capítulo do seu livro: “The Central Core” (“O núcleo central”).

O verdadeiramente original em Hamann, explica, é sua concepção da natureza do homem, nos antípodas da visão otimista e racional que a respeito dela promoveram os enciclopedistas e filósofos franceses do Iluminismo. A criatura humana é uma criação divina e, portanto, soberana e única, que não pode ser dissolvida em uma coletividade, como fazem os que inventam teorias (“ficções”, segundo Hamann) sobre a evolução da história rumo a um futuro de progresso, em que a ciência iria desterrando a ignorância e abolindo as injustiças. Os seres humanos são diferentes, e também os seus destinos; e sua maior fonte de sabedoria não é a razão nem o conhecimento científico, e sim a experiência, a soma de vivências que acumulam ao longo da sua existência. Nesse sentido, os pensadores e acadêmicos do século XVIII pareciam-lhe autênticos “pagãos”, mais afastados de Deus que “os ladrões, mendigos, criminosos e vagabundos” – os seres de vida “irregular” –, que, pela instabilidade e os tumultos da sua arriscada existência, podiam muitas vezes se aproximar de maneira mais funda e direta da transcendência divina.

Era um puritano e, entretanto, em matéria sexual propugnava ideias que escandalizaram todos os seus contemporâneos. “Por que um sentimento de vergonha ronda nossos gloriosos órgãos da reprodução?”, perguntava-se. A seu ver, tentar domesticar as paixões sexuais debilitava a espontaneidade e o gênio humano e, por isso, quem queria se conhecer a fundo devia explorar tudo, e, inclusive, “descer ao abismo das orgias de Baco e Ceres”. Entretanto, quem nesse domínio se mostrava tão aberto em outro sustentava que a única maneira de garantir a ordem era mediante uma autoridade vertical e absoluta que defendesse o indivíduo, a família e a religião como instituições tutelares e intangíveis da sociedade.

Embora esse livro de Isaiah Berlin seja um amálgama de textos,

## REFLEXÕES X

---

padeça de repetições e dê às vezes a impressão de haver muitos vazios que ficaram por preencher, é lido com o interesse que ele sabia imprimir a todos os seus ensaios, os quais sempre convertia, não importa do que tratassem, em uma festa das ideias. ●

**Mario Vargas Llosa**

LUIZ BIANCI

## A decadência do Ocidente

**Mario Vargas Llosa**

**31 de maio de 2014**



*Depois das eleições europeias, irrompem torrencialmente os inimigos populistas do euro e da UE; enquanto isso, os Estados Unidos se retiram discretamente da liderança democrática e liberal*

Mesmo que aparentemente os partidos tradicionais – populares e socialistas – tenham vencido as eleições ao Parlamento Europeu, ambos perderam muitos milhões de votos e o fato central dessa eleição é a irrupção torrencial em quase toda a Europa de partidos de ultradireita ou de ultraesquerda, inimigos do Euro e da União Europeia, que querem destruir para ressuscitar as velhas nações, fechar as fronteiras à imigração e proclamar sem rubor sua xenofobia, seu nacionalismo, sua filiação antidemocrática e seu racismo. Que haja matizes e diferenças entre eles não dissimula a tendência geral de uma corrente política que até agora parecia minoritária e marginal e que, nessa disputa eleitoral, demonstrou um crescimento espetacular.

Os casos mais emblemáticos são os da França e da Grã-Bretanha. A Frente Nacional de Marine Le Pen, que até poucos anos era um grupelho excêntrico, agora é o primeiro partido político francês – não tinha nenhum deputado europeu e agora tem 24 –, e o UKIP, Partido da Independência do Reino Unido, depois de derrotar conservadores e trabalhistas tornou-se a formação política mais votada e popular do berço da democracia. Ambas as organizações são inimigas declaradas da construção europeia, querem enterrá-la e ao mesmo tempo acabar com a moeda comum e levantar barreiras inexpugnáveis contra a imigração, que consideram responsável pelo empobrecimento, o desemprego e o crescimento da delinquência em toda a Europa ocidental. A extrema direita venceu também na Dinamarca, na Áustria os eurofóbicos do FPÖ alcançaram 20%, na Grécia o ultraesquerdista antieuropeu Syriza ganhou as eleições e o

Partido neonazista Amanhecer Dourado (que teve 10% dos votos) mandou três deputados ao Parlamento Europeu. Catástrofes parecidas, mesmo que em porcentagens algo menores, ocorreram na Hungria, Finlândia, Polônia e demais países europeus onde o populismo e o nacionalismo também aumentaram sua força eleitoral.

Alguns comentaristas se consolam afirmando que esses resultados indicam um voto de raiva, um protesto momentâneo mais do que uma transformação ideológica do velho continente. Mas como está claro que a crise da qual resultaram os altos níveis de desemprego e a queda do nível de vida levará ainda alguns anos para ficar para trás, tudo indica que a virada política que essas eleições mostraram, em vez de ser passageira, provavelmente durará e talvez se agrave.

Com quais consequências? A mais óbvia é que a integração europeia, se não for completamente freada, será muito mais lenta do que o previsto, com quase certeza de que haverá debandada entre os países membros, começando pelo britânico, que já parece quase irreversível. E, acossada por movimentos antissistema cada vez mais robustos e operando em seu seio como uma quinta coluna, a União Europeia estará cada vez mais desunida e abalada por crises, políticas falidas e uma contestação permanente que, em curto ou longo prazo, poderiam enterrá-la. Desse modo, o mais ambicioso projeto democrático internacional iria a pique e a Europa das nações crispadas regressaria curiosamente aos extremismos e paroxismos que levaram às matanças vertiginosas da Segunda Guerra Mundial. Porém, inclusive se não se chega ao cataclismo de uma guerra, sua decadência econômica e política seguiria sendo inevitável, à sombra vigilante do novo (e velho) império russo.

Enquanto me inteirava dos resultados das eleições europeias, lia, no último número de *The American Interest*, revista dirigida por Francis Fukuyama (Maio/Junho 2014), uma fascinante pesquisa intitulada *America Self-Contained?* (que poderia ser traduzida como “América ensimesmada?”), na qual uma quinzena de destacados analistas estadunidenses de distintas tendências examina a política externa do Governo do Presidente Obama. As coincidências saltavam à vista. Não porque nos Estados Unidos tenha havido uma

irrupção do populismo nacionalista e *fascistão* que poderia acabar com a Europa, mas porque, com métodos muito diferentes, o país que até agora havia assumido a liderança do Ocidente democrático e liberal ia se eximindo discretamente de semelhante responsabilidade para confinar-se, sem traumas nem nostalgia, em políticas internas cada vez mais desconectadas do mundo exterior e aceitando, neste globalizado planeta de nossos dias, sua condição de país destronado e menor.

Os críticos divergem sobre as razões dessa “decadência”, mas todos estão de acordo que ela se reflete em uma política externa na qual Obama, com o apoio inequívoco da maioria da opinião pública, se livra de maneira sistemática de assumir responsabilidades internacionais: sua retirada do Iraque, primeiro, e, agora, do Afeganistão, depois dos fracassos evidentes, pois em ambos os países o islamismo mais destruidor e fanático continua fazendo das suas e enchendo as ruas de cadáveres. Por outro lado, o governo dos Estados Unidos se deixou derrotar pacificamente pela Rússia e pela China quando ameaçou intervir na Síria para pôr fim ao bombardeio com gases venenosos feitos pelo governo de Assad sobre a população civil, e não só não o fez como tolerou sem protestar que aquelas duas potências continuassem fornecendo armamento letal à corrupta ditadura. Inclusive Israel se deu ao luxo de humilhar o governo norte-americano quando este, por meio do empenho do Secretário de Estado Kerry, tentou uma vez mais ressuscitar as negociações com os palestinos, sabotando-as abertamente.

Segundo a pesquisa da *The American Interest*, nada disso é casual e nem pode ser atribuído exclusivamente ao governo de Obama. Trata-se, pelo contrário, de uma tendência muito mais antiga e que, mesmo tendo ficado soterrada e velada por um bom tempo, encontrou, como consequência da crise financeira que golpeou com tanta força o povo estadunidense, a oportunidade de crescer e se manifestar por meio de um governo que se atreveu a materializá-la. Ainda que a ideia de que os Estados Unidos se atrapalhem para solucionar seus próprios problemas e, para acelerar seu desenvolvimento econômico e devolver à sociedade os altos níveis

de vida que alcançou no passado renuncie à liderança do Ocidente e a intervir em assuntos que não lhe digam respeito diretamente nem representem uma ameaça imediata a sua segurança seja objeto de críticas entre a elite e a oposição republicana, ela tem um apoio popular muito grande dos homens e mulheres comuns, convencidos de que os Estados Unidos devem deixar de se sacrificar pelos “outros”, entregando-se a guerras caríssimas em que dilapida seus recursos e sacrifica seus jovens, enquanto o trabalho escasseia e a vida se torna cada vez mais dura para o cidadão comum. Um dos ensaios da pesquisa mostra como cada um dos importantes cortes em gastos militares que Obama fez teve o respaldo esmagador da população.

Quais conclusões tiramos disso tudo? A primeira é que o mundo já mudou muito mais do que acreditávamos e que a decadência do Ocidente, tantas vezes prognosticada na história por intelectuais sibilinos e amantes das catástrofes, passou por fim a ser uma realidade de nossos dias. Decadência em que sentido? Antes de mais nada, do papel diretor, de liderança, que tiveram a Europa e os Estados Unidos no passado mediato e imediato, para muitas coisas boas e algumas más. A dinâmica da história já não nasce só ali, mas também em outras regiões e países que, pouco a pouco, vão impondo seus modelos, usos e métodos ao resto do mundo. Essa descentralização da hegemonia política não seria ruim se, como acreditava Francis Fukuyama quando da queda do Muro de Berlim, a democracia liberal se expandisse por todo o planeta erradicando a tradição autoritária para sempre. Infelizmente isso não aconteceu, muito pelo contrário. Novas formas de autoritarismo, como os representados pela Rússia e pela China de nossos dias, substituíram as antigas, e é a democracia que começa a retroceder e a encolher-se em toda parte, debilitada pelos cavalos de Troia que começaram a se infiltrar naquelas que acreditávamos ser cidadelas da liberdade. ●

**Mario Vargas Llosa**

## Troca de guarda

Mario Vargas Llosa

14 de junho de 2014



*O povo espanhol não era monárquico quando Franco morreu. Voltou a sê-lo graças ao protagonismo do Rei na democratização e a tarefa de Felipe VI é manter viva essa adesão*

Vi o discurso de abdicação do rei Juan Carlos em um pequeno televisor de um hotelzinho em Florença, e me emocionou escutá-lo. Pelo esforço visível que fazia para manter a serenidade e apresentar a sala do trono como algo natural, sabendo muito bem que dava um passo transcendental, o que costuma ser chamado de “fato histórico”. E porque essa renúncia em favor de seu filho, o príncipe Felipe, encerrava um período difícilíssimo para ele, com problemas de saúde, escândalos familiares e pessoais, algumas desculpas públicas e alguns esforços corajosos mais recentemente no sentido de recuperar, para ele e para a instituição monárquica, a popularidade e a solidez que sentia estarem abaladas. O discurso foi impecável: breve, preciso, persuasivo e bem escrito.

Desde então, o rei tem recebido muitas manifestações de carinho em todas as suas apresentações públicas e muito poucos ataques e críticas. Tenho certeza de que, conforme o tempo transcorrer, o balanço dos historiadores fará crescer sua figura de estadista e que os 39 anos de seu reinado terminarão sendo reconhecidos, em grande parte graças a ele, como os mais livres, democráticos e prósperos da longa história da Espanha. E nada me parece tão justo quanto dizer – como afirmou Javier Cercas em um artigo – que sem o rei Juan Carlos não teria havido democracia neste país. Certamente não, pelo menos da maneira pacífica, consensual e inteligente que foi a



transição.

Espero que, no futuro, algum romancista espanhol de fôlego tolstoiano se atreva a contar essa história fantástica. O regime de Franco urdiu, com as melhores cabeças de que dispunha, sua sobrevivência, mediante a restauração de uma monarquia de viés autoritário, para a qual o Caudilho e seu entorno haviam educado o jovem príncipe, desde criança, afastando-o de sua família e submetendo-o a uma formação especial cheia de zelo, a quem as Cortes franquistas, logo após a morte de Franco, entronizaram como Rei da Espanha. Mas, em seu foro íntimo, ninguém sabe exatamente de que maneira e desde quando o jovem Juan Carlos tinha chegado à conclusão de que, assumido o trono, sua obrigação deveria ser exatamente oposta à que lhe tinha sido destinada. Ou seja, não prolongar – guardados certos aspectos – a ditadura, mas acabar com ela e conduzir a Espanha a uma democracia moderna e constitucional, que abrisse sua pátria ao mundo do qual tinha sido praticamente sequestrada nos quarenta anos anteriores e reconciliasse todos os espanhóis em um sistema aberto, tolerante, de legalidade e liberdade, no qual coexistissem pacificamente todas as ideias e doutrinas e fossem respeitados os direitos humanos.

Parecia uma tarefa impossível de alcançar sem que os herdeiros de Franco, que controlavam o poder e ainda contavam – para que mentir? – com um forte apoio da opinião pública, se rebelassem contra essa democratização da Espanha que os condenaria à extinção e se opusessem a ela com todos os meios ao seu alcance, incluída, sem dúvida, a violência militar. Por que não fizeram isso? Porque, com uma habilidade extraordinária, guardando sempre as formalidades mais apreciáveis, mas sem jamais dar um passo em falso, o jovem monarca foi embarcando-os de tal forma no processo de transformação que, quando se deram conta de que tinham cedido demais, confusos e desconcertados, em vez de reagir já estavam fazendo uma nova concessão. A opinião pública, transformada no curso dessa marcha rumo à liberdade, se alistava nela e apoiava de maneira cada vez mais dinâmica as mudanças que, semana a semana, dia a dia, foram mudando radicalmente a realidade política da Espanha.

Devido ao seu falecimento, recordou-se há pouco tempo e com muita justiça o trabalho notável executado por Adolfo Suárez na transição. Claro que sim. Mas é preciso lembrar que foi o rei Juan Carlos que, com um olfato infalível, escolheu como seu colaborador nessa operação extraordinária uma pessoa que na época era nada menos do que ministro secretário-geral do Movimento, ou seja, do conjunto de organizações e instituições políticas do regime franquista. Ninguém deve menosprezar, obviamente, a importância alcançada na transição pacífica da Espanha da ditadura para a democracia, de um regime vertical para um sistema plural e aberto, por praticamente todas as forças políticas do país, da direita à esquerda, e que todas estavam dispostas, em nome da paz, a fazerem concessões que tornaram possíveis os consensos dos quais resultou o grande acordo constitucional. Mas ninguém também deveria se esquecer de que quem, desde o princípio, concebeu, impulsionou e levou a bom porto esse processo foi o monarca que, prestando um novo grande serviço ao país, acaba de abdicar a fim de que o príncipe Felipe herde o trono e com ele seja aberta para a Espanha “uma nova etapa de esperança na qual se combinem a experiência adquirida e o impulso de uma nova geração”.

Se assim o rei Juan Carlos contribuiu de forma decisiva para que a democratização da Espanha fosse levada a cabo de forma pacífica, com sua conduta clara e firme que fez debelar a tentativa de golpe de 23 de fevereiro de 1981 conseguiu para a monarquia uma legitimidade que tinha perdido vigor e calor popular. Porque a verdade é que o povo espanhol não era monarquista quando Franco morreu. Começou a sê-lo, ou a voltar a sê-lo, graças ao protagonismo do Rei ao apoiar e liderar a democratização da Espanha. Mas foi após o esmagamento da tentativa golpista do 23 de Fevereiro que o rei Juan Carlos devolveu à Monarquia o respaldo resolutivo e entusiasmado da grande maioria da população, o que foi um fator decisivo para a estabilidade política e institucional da Espanha nestas últimas décadas.

Essa história, que resumi em poucas linhas, ainda está para ser contada. É uma história fora do comum, de uma complexidade e sutileza só comparáveis às dos maiores romances, na qual, na

solidão mais absoluta, um jovem prisioneiro de uma máquina quase invencível se liberta dela e decide, exercendo os poderes que o Rei realmente tinha na época, rebelar-se contra o sistema que tinha sido encarregado de salvar, desfazendo-o e refazendo-o dos pés à cabeça, mudando sutilmente todo o libreto que deveria aprender e executar e substituindo-o por seu contrário. Muita gente o ajudou, é claro, mas foi ele, só ele, do início ao fim, o diretor do espetáculo.

Por isso a Espanha sobre a qual dom Felipe VI vai reinar é, hoje, essencialmente diferente daquela de quando Franco morreu: uma democracia moderna e respeitada, um país livre, capaz e culto, que figura entre os mais avançados do mundo. Convém não esquecer quanto de tudo isso se deve ao monarca que agora se afasta para que seu herdeiro o substitua.

É verdade que o príncipe Felipe foi muito bem preparado para a difícil responsabilidade que vai assumir. Também é verdade que a Espanha hoje enfrenta problemas enormes – o primeiro, e mais grave deles, as ameaças de secessão que poderiam mergulhá-la em uma crise de consequências imprevisíveis – e que, por mais que o monarca de uma monarquia constitucional reine, mas não governe, os desafios que vai enfrentar vão colocar à prova todos os conhecimentos e experiências que adquiriu no curso de sua exigente formação.

O mais importante é que o novo rei, com seus gestos, iniciativas, tato e comportamento, mantenha viva a adesão que ainda hoje é muito profunda na sociedade espanhola no sentido da monarquia constitucional. Não é verdade que, enquanto houver democracia, pouco importa se um regime é republicano ou monarquista. Não quando o problema da unidade de um país é tão grave quanto atualmente na Espanha. A monarquia é uma das poucas instituições que garantem essa unidade na diversidade, sem a qual poderia sobrevir a desintegração de uma das mais antigas e influentes civilizações do mundo. Em todas as outras a divisão, o ressentimento, o fanatismo e a miopia política já semearam as sementes da fragmentação.

## REFLEXÕES X

---

Ajudemos sua majestade, dom Felipe VI, a ter sucesso colocando nosso grãozinho de areia na tarefa de manter a Espanha unida, diversa e livre como tem sido nestes últimos 39 anos. ●

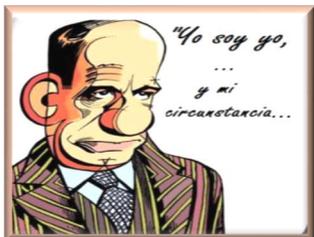
**Mario Vargas Llosa**

LUIZ BIANCI

## Em nova biografia, Ortega y Gasset aparece menos convicto do que se acreditava

**Mario Vargas Llosa**

**30 de junho de 2014**



*Mario Vargas Llosa escreve sobre o livro de autoria de Jordi Gracia publicado recentemente na Espanha*

Eu teria gostado de ouvir uma conferência de Ortega y Gasset, ou melhor ainda, seguir alguns de seus cursos. Todos que o ouviram dizem que ele falava com a mesma elegância e inteligência com que escrevia, num espanhol rico e fluido, muito seguro de si, com algumas grosserias vaidosas que não ofendiam ninguém pela enorme cultura que exibia e a clareza com que era capaz de desenvolver os temas mais complexos. A doutora Margot Arce, que foi sua aluna, me contava em Porto Rico, meio século depois de o ter ouvido, o silêncio reverencial e extático que sua palavra impunha ao auditório. Posso imaginá-lo muito bem; mesmo quando o lemos – e eu o li bastante, sempre com prazer – temos a sensação de o estar ouvindo, porque em sua prosa clara e frondosa há sempre um quê de oral.

A biografia que Jordi Gracia (Editoria Taurus) acabou de publicar mostra um Ortega y Gasset muito menos rígido e firme em suas ideias e convicções do que se acreditava, um intelectual que, de vez em quando, experimenta crises profundas de desânimo que paralisam esta energia que, em outras épocas, parece inesgotável e o leva a escrever, estudar e meditar sem trégua, durante semanas e meses, produzindo artigos, ensaios, uma correspondência enorme, dando aulas e conferências, e desenvolvendo ao mesmo tempo um trabalho editorial que deixava uma pegada importante na cultura de seu tempo. Mostra também que este trabalhador infatigável era, como um Isaiah Berlin, praticamente incapaz de planejar e terminar

## REFLEXÕES X

um livro orgânico, apesar de ter a intuição premonitória de tantos que jamais chegaria a escrever, porque a dispersão o dominava. Por isso, ele foi, sobretudo, um escritor de artigos e pequenos ensaios, e, seus livros, todos eles com exceção do primeiro – *As Meditações do Quixote* – recompilações ou inconclusos.



Nada disso empobrece nem retira a originalidade de seu pensamento; pelo contrário, como ocorre com os textos quase sempre breves de Isaiah Berlin, os artigos de Ortega são geralmente algo muito mais rico e profundo do que costuma ser um artigo jornalístico, questionamentos, exposições ou críticas que com frequência abordam temas de altíssimo nível intelectual e carregados de sugestões por vezes deslumbrantes e, no entanto, sempre acessíveis ao leitor não especializado.

Nova biografia recompõe sua vida por meio de artigos, ensaios e classes. Por isso Jordi Gracia fez muito bem rastreando como um sabujo<sup>69</sup> toda a trajetória dos artigos de Ortega y Gasset; é a maneira mais segura de aproximar-se de sua intimidade de pensador e de escritor, e de averiguar como discorria nele sua vocação de filósofo e de literato.

Tudo começava com uma ideia ou uma intuição que ele vertia num artigo (às vezes em vários). Dali, esse embrião passava pela prova de uma sala de aula ou de uma conversa pública e, enriquecido, coalhava em um ensaio. Embora ele tivesse muitas vezes a ideia de prolongá-lo num livro, no geral não passava dali porque outra intuição, achado ou invenção genial o desviava para outro artigo que, logo, seguindo o mesmo itinerário, terminava desembocando em um desses ensaios – com frequência excelentes e amiúde soberbos – que são a coluna vertebral de sua obra e que ocuparam grande parte de sua vida.

---

<sup>69</sup> **Sabujo:** grande cão de caça.

Jordi Gracia mostra também que a vocação política foi tão importante em Ortega como a intelectual. Em sua juventude, em sua precoce e média maturidade, as duas vocações se fundiram em uma; ele queria ser um grande pensador e um grande escritor para mudar a Espanha pela raiz, torná-la europeia, modernizá-la, democratizá-la, o que para ele – como para os intelectuais que atraiu para a Agrupación al Servicio de la Republica – significava levar ao governo do país seus filhos mais cultos, inteligentes e decentes, em vez da classe política que ele desprezava por ser medíocre, carente de ideias e de criatividade, acomodaticia e cínica.

Ele dedicou boa parte de seu tempo a tratar da formação de um movimento que materializasse esse projeto, pois estava convencido de que se tratava de uma ação cultural de disseminação de ideias novas e férteis, e isso explica que se dedicasse desse modo a uma tarefa jornalística, em jornais e revistas, convencido de que essa era a melhor maneira de mudar a política vigente, contagiando entusiasmo por ideias e valores que deviam chegar ao grande público da mesma maneira que chegavam a seus alunos, por meio da persuasão.

Nisso consistia o que ele chama de seu “liberalismo”, embora muitas vezes ele lhe acrescentasse a palavra socialismo para indicar que aquela revolução cultural da vida pública não estaria isenta de um forte conteúdo social. A república lhe pareceu o regime mais propício para a transformação política da Espanha. No entanto, aqueles não eram tempos para a sã controvérsia de ideias, como queria Ortega, mas dos fanatismos encontrados em que os insultos e as pistolas substituíam rapidamente os debates e os diálogos entre os adversários.

Este será o grande fracasso de Ortega, a absoluta inoperância daquela pacífica revolução cultural que ele propunha e que, primeiro a violenta experiência republicana e depois a sublevação fascista e a guerra enterrariam por mais de meio século.

O livro de Jordi Gracia dá conta pormenorizada e com admirável objetividade da traumática experiência que significou para Ortega o desmoronamento de todos seus anelos políticos. Primeiro, a

desilusão que ele teve com a república que não se parecia em nada com aquela ilustrada coexistência na diversidade que ele havia previsto, e depois, a sublevação militar e a Guerra Civil. A impotência o conduziu ao silêncio. Mas ele nunca traiu seu próprio ideal, embora admitisse que, naquela circunstância, era simplesmente impraticável, desprovido de toda realidade. O silêncio que ele conservou em tantos anos de exílio, na França, em Portugal, na Argentina, desprestigiou Ortega aos olhos de muitos. Eu acredito que foi um ato de grande coragem, uma procura para se manter à margem, sem tomar partido, por duas opções que lhe pareceram igualmente inaceitáveis: o fascismo e uma república muito pouco democrática, dominada pelos extremismos sectários.

Vocação política foi fundamental na obra de Ortega y Gasset. Creio que foi um grande erro de sua parte voltar à Espanha em plena ditadura, acreditando ingenuamente que com o pós-guerra o regime se abriria; e a verdade é que ele pagou caro por isso, pois, como mostra com riqueza de detalhes Jordi Gracia, enquanto continuava sendo atacado (e silenciado) com ferocidade pelo nacional-catolicismo, alguns setores falangistas tratavam de se apropriar dele, semeando a confusão de tal modo que seguidores tão fiéis como Maria Zambrano chegaram a acreditar que ele havia traído seus velhos ideais.

Nunca os traiu; até o fim de seus dias, ele foi laico e ateu e defensor de uma democracia liberal marcada pela tolerância. Ao mesmo tempo, em que pese o incômodo político permanente em que passou seus últimos anos, sua vitalidade intelectual nunca cessou de se manifestar, em ensaios e artigos que recobravam, às vezes, o vigor expressivo e a riqueza criativa de outrora. O reconhecimento que teve nos últimos anos foi no estrangeiro, na Alemanha sobretudo, mas também na Inglaterra e nos Estados Unidos. Na Espanha, por sua vez, e até hoje, ele nunca foi totalmente reivindicado porque, para uns, é uma figura ambígua e reticente que manteve durante a Guerra Civil e o pós-guerra imediato um silêncio covarde que constituía uma discreta cumplicidade com os fascistas, ou um conservador da velha cepa, inadaptado e irremissivelmente inimigo da modernidade.

## REFLEXÕES X

---

Um dos grandes méritos do livro de Jordi Gracia é que, sem desculpar-lhe nenhum de seus equívocos e erros políticos, nem deixar de assinalar como a vaidade às vezes o cegava e o levava a exagerar suas grosserias, feito o balanço, Ortega y Gasset é um dos grandes pensadores de nossa época, e que, precisamente no tempo em que vivemos – não no que ele viveu – suas ideias políticas foram em boa medida confirmadas pela realidade. Ler suas obras agora não é um passatempo arqueológico, mas a imersão num pensamento candente, muito útil para encarar a problemática atual, e, ao mesmo tempo, desfrutar do prazer raro que produz um escritor que pensava com grande liberdade e originalidade e expressava suas ideias com a beleza e a precisão dos melhores prosadores de nossa língua. ●

**Mario Vargas Llosa**

## O passado imperfecto

Mario Vargas Llosa

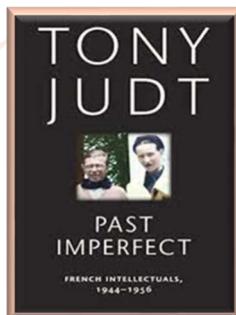
26 de julho de 2014



Acaba de sair nos Estados Unidos um livro de Tony Judt, publicado pela primeira vez em 1992 e que eu não conhecia: *Past Imperfect: French Intellectuals, 1944-1956*. O livro me impressionou muito porque vivi na França cerca de sete anos, num período, 1950-1966, ainda impregnado pela

atmosfera e pelos preconceitos, acrobacias e desvarios<sup>70</sup> ideológicos que o grande historiador britânico descreve em seu ensaio com tanta severidade e erudição.

O livro quer responder à pergunta: por que, nos anos do pós-guerra europeu e mais ou menos até meados da década de 1960, os intelectuais franceses, de Louis Aragon a Sartre, de Emmanuel Mounier a Paul Éluard, de Julien Benda a Simone de Beauvoir, de Claude Bourdet a Jean-Marie Doménach, de Maurice Merleau-Ponty a Pierre Emmanuel, etc., foram pró-soviéticos, marxistas e companheiros de viagem do comunismo? Por que foram os últimos escritores e pensadores europeus a reconhecer a existência do Gulag, a injustiça brutal dos processos stalinistas em Praga, Budapeste, Varsóvia e Moscou, que mandaram para o paredão comprovados revolucionários? Evidentemente, houve exceções ilustres, Albert Camus, Raymond Aron, François Mauriac, André Breton, entre elas, mas escassas e pouco influentes num meio cultural no qual as opiniões e tomadas de posição dos primeiros prevaleciam de maneira avassaladora.



<sup>70</sup> **Desvario**: comportamento insensato e extravagante; excesso.

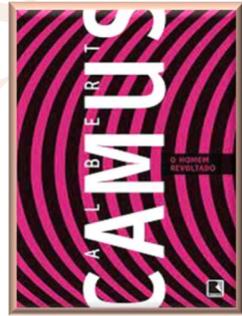
Judt desenha um afresco de grande rigor e amenidade do renascer da vida cultural na França após a libertação, uma época em que o debate político impregna todo trabalho filosófico, literário e artístico, e abraça os meios acadêmicos, os cafés literários e revistas como *Les Temps Modernes*, *Esprit*, *Les Lettres Françaises* ou *Témoignage Chrétien*, que passam de mão em mão e alcançam notáveis tiragens. Comunistas ou socialistas, existenciais ou cristãos de esquerda, seus colaboradores divergem a respeito de muitas coisas, mas o denominador comum é um antinorte-americanismo sistemático, a convicção de que, entre Washington e Moscou, aquele representa a incultura, a injustiça, o imperialismo e a exploração, e este o progresso, a igualdade, o fim da luta de classes e a verdadeira fraternidade.

Nem todos chegam aos extremos de Sartre, que, em 1954, após sua primeira viagem à URSS, afirma, sem a menor vergonha: "O cidadão soviético é completamente livre para criticar o sistema". Nem sempre se trata de uma cegueira voluntária, derivada da ignorância ou da mera ingenuidade. Tony Judt mostra que ser um aliado dos comunistas era a melhor maneira de limpar um passado contaminado pela colaboração com o regime de Vichy. É o caso, por exemplo, do filósofo cristão Emmanuel Mounier e de alguns dos seus colaboradores da revista *Esprit*, que, no início da ocupação, foram seduzidos pelo chamado experimento de nacionalismo cultural Uriage, patrocinado pelo governo, até que, advertidos de que era manipulado pelas forças nazistas, se afastaram dele. E eu lembro que, no início dos anos 1960, diante de manifestantes universitários que queriam impedir que Sartre falasse, André Malraux respondeu: "Sartre? Conheço. Ele conseguia que suas obras de teatro fossem representadas em Paris com a aprovação da censura alemã, enquanto eu era torturado pela Gestapo".

Tony Judt diz que, além da necessidade de fazer com que um passado politicamente impuro fosse esquecido, por trás do esquerdismo dogmático desses intelectuais havia um complexo de inferioridade do ambiente intelectual, pela facilidade que a França se rendeu diante dos nazistas e aceitou o regime fantoche do marechal Pétain, e foi libertada de maneira decisiva pelas forças

aliadas lideradas pelos Estados Unidos e pela Grã-Bretanha. Embora existisse, desde o início, uma resistência local e uma participação militar (gaullista e comunista) na luta contra o nazismo, a França sozinha não teria conseguido jamais sua libertação. Isso, somado à vultosa ajuda que recebia dos EUA por meio do Plano Marshall em sua obra de reconstrução, teria disseminado um ressentimento que explicaria, segundo Judt, a doença infantil do esquerdismo pró-stalinista que marcou sua vida intelectual entre 1945 e os anos 1960.

No polo oposto, ele destaca a figura de Albert Camus. Nos anos 1950, não faltava apenas lucidez para condenar os campos de extermínio soviéticos e os processos fictícios; faltava também uma grande coragem para enfrentar a opinião pública míope, a satanização de uma esquerda que tinha o controle da vida cultural, e a ruptura com seus antigos companheiros da resistência. Mas o autor de *O Homem Rebelde* não vacilou, afirmando, contra tudo e contra todos, que dissociar a moral da ideologia, como fazia Sartre, equivalia a abrir as portas da vida política ao crime e às piores injustiças. O tempo lhe deu razão, por isso continua sendo lido pelas novas gerações, enquanto a maior parte dos que na época eram os mestres da vida intelectual francesa foi tragada pelo esquecimento.



Um caso muito interessante, que Tony Judt analisa em detalhe, é o de François Mauriac. Resistente desde o primeiro momento contra os nazistas e Vichy, suas credenciais democráticas eram impecáveis na hora da libertação. Isso lhe permitiu enfrentar com argumentos sólidos a maré pró-stalinista e, principalmente, como católico, os progressistas de *Esprit* e *Témoignage Chrétien*, que, em muitas ocasiões, como durante a polêmica sobre o Gulag provocada pelos testemunhos de Viktor Kravchenko e de David Rousset, se revelaram meros rapsodos (**Rapsodo**: escritor de poesias; poeta, vate) das mentiras fabricadas pelo Partido Comunista francês. Por outro lado,

tanto em suas memórias quanto em seus ensaios e colunas em jornais, antecipou-se a todos os seus colegas ao iniciar uma profunda autocritica dos delírios de grandeza da cultura francesa, numa época em que – embora muito poucos, além dele, o tivessem percebido – entrava precisamente em um declínio do qual, até agora, não conseguiu sair. Jamais gostei dos romances de Mauriac e, por isso, descartei seus ensaios; mas *Past Imperfect*, de Judt, me convenceu de que foi um erro.

Entretanto, nem tudo convence no livro. É imperdoável que, além de Camus, Aron e outros, ele não mencione Jean-François Revel que, desde o final dos anos 1950, travava também uma batalha muito intensa contra os fetiches do stalinismo, e que não ressalte a denúncia do colonialismo e o apoio às lutas do Terceiro Mundo para libertar-se das ditaduras e da exploração imperialista, que foi um dos cavalos de batalha e talvez o aporte mais positivo de Sartre e de muitos dos seus seguidores de então.

Por outro lado, embora a dura crítica de Tony Judt ao que chama de "anestesia moral coletiva" dos intelectuais franceses seja, no fim das contas, justa, ela omite algo que nós, que de alguma maneira vivemos aqueles anos, dificilmente poderíamos esquecer: a vigência das ideias, a convicção – talvez exagerada – de que a cultura em geral, e a literatura em particular, desempenhariam um papel de primeiro plano na construção dessa futura sociedade na qual liberdade e justiça se fundiriam, por fim, de maneira indissolúvel. As polêmicas, as conferências, as mesas-redondas no cenário da Maison de la Mutualité, o público ávido, principalmente de jovens, que acompanhava tudo isso com fervor, e prolongava os debates nos bistrôs do Bairro Latino e de Saint-Germain: impossível não lembrar sem nostalgia. Mas é verdade que foi bastante efêmero, menos transcendente do que acreditávamos, e que o que então nos pareciam os grandes fastos da inteligência eram, antes, os estertores da figura de intelectual e os últimos lampejos de uma cultura de ideias e palavras, não reclusa nos seminários da academia, mas derramada sobre os homens e mulheres da rua. ●

**Mario Vargas Llosa**

## Entre os escombros

Mario Vargas Llosa

10 de agosto de 2014



Escrevo este artigo no segundo dia do cessar-fogo em Gaza. Os tanques israelenses retiraram-se, os bombardeios e os lançamentos de foguetes cessaram, enquanto ambas as partes negociam no Cairo uma prorrogação da trégua e um acordo de grande alcance que assegure a paz entre os adversários. O primeiro é possível, sem dúvida, principalmente

agora que Binyamin Netanyahu declarou-se satisfeito – "missão cumprida" – com os resultados do mês de guerra contra os habitantes do território. O segundo, porém, uma paz definitiva entre Israel e Palestina, por enquanto é pura quimera.

O balanço da guerra de quatro semanas é (até o momento em que escrevo) o seguinte: 1.867 palestinos mortos (entre eles 427 crianças) e 9.563 feridos, meio milhão de refugiados e cerca de 5 mil casas arrasadas. Israel perdeu 64 militares e 3 civis e os terroristas do Hamas lançaram sobre o seu país 3.356 foguetes, dos quais 578 foram interceptados por seu sistema de defesa e os demais causaram apenas danos materiais.

Ninguém pode negar a Israel o direito de defesa contra uma organização terrorista que ameça sua existência, entretanto, cabe perguntar se tamanha carnificina contra uma população civil, a destruição de escolas, hospitais, mesquitas, locais onde a ONU acolhia refugiados, é tolerável dentro de limites civilizados. Além disso, semelhante extermínio e destruição indiscriminada se abatem contra a população de um retângulo de 360 quilômetros quadrados, submetida por Israel, desde que, em 2007, lhe impôs um bloqueio por mar, ar e terra, a uma lenta asfixia, impedindo-a de importar e exportar, pescar, receber ajuda, em suma, privando-a das mais elementares condições de sobrevivência. Não falo por ter ouvido

## REFLEXÕES X

---

falar. Estive duas vezes em Gaza e vi com meus próprios olhos a aglomeração, a miséria indescritível e o desespero em que vivem as pessoas nessa ratoeira.

A razão de ser da invasão de Gaza era proteger a sociedade israelense destruindo o Hamas. Foi possível a eliminação dos 32 túneis que o Tsahal tomou e destruiu? Netanyahu afirma que sim, mas sabe muito bem que mente e, ao contrário, em vez de separar definitivamente a sociedade civil de Gaza da organização terrorista, a guerra devolverá ao Hamas o apoio dos habitantes que estava perdendo a passos gigantescos por seu fracasso no governo de Gaza e por seu fanatismo insano. Isso o levou a unir-se ao Fatah, seu inimigo mortal, aceitando não ter representantes nos governos da Palestina e de Gaza e, até mesmo, admitindo o princípio do reconhecimento de Israel exigido por Mahmoud Abbas, o presidente da Autoridade Palestina.

Infelizmente, o Hamas, que estava à beira do colapso, sai revigorado dessa tragédia, com o rancor, o ódio e a sede de vingança que a população dizimada de Gaza sentirá dessa chuva de morte e destruição em que vem padecendo nas últimas quatro semanas. O espetáculo das crianças com o ventre rasgado e das mães enlouquecidas de dor cavando entre as ruínas, assim como o das escolas e das clínicas arrasadas – "um ultraje moral e um ato criminoso", segundo o secretário-geral da ONU, Ban Ki-moon – não reduzirá, mas multiplicará o número de fanáticos que querem Israel fora do mapa.

O aspecto mais terrível dessa guerra é que ela não resolverá o conflito palestino-israelense, mas o agravará, e constitui apenas mais uma sequência numa cadeia interminável de atos terroristas e enfrentamentos armados com a possibilidade de estender-se a todo o Oriente Médio e provocar um verdadeiro cataclismo. O governo israelense está convencido, desde os tempos de Ariel Sharon, de que não há negociação possível com os palestinos e, portanto, a única paz alcançável é a que Israel imporá por meio da força. Por isso, apesar das rituais declarações em favor do princípio de dois Estados, Netanyahu sabotou sistematicamente todas as tentativas de negociação, como ocorreu com as conversações que o presidente

Barack Obama e o secretário de Estado John Kerry se empenharam em promover assim que este assumiu a chancelaria, em abril do ano passado.

Por isso, o primeiro-ministro apoia, às vezes em sigilo, e às vezes de maneira agressiva, a multiplicação dos assentamentos ilegais que transformaram a Cisjordânia, território que teoricamente deveria ser ocupado pelo Estado Palestino, num queijo suíço. Essa política tem um apoio muito grande entre o eleitorado israelense, no qual o setor moderado, pragmático e profundamente democrático, que defendia a solução pacífica do conflito por meio de negociações autênticas, foi encolhendo até tornar-se uma minoria quase desprovida de influência na política oficial.

É verdade que ali ainda fazem ouvir suas vozes pessoas como David Grossman, Amos Oz, A.B. Yehoshua, Gideon Levy, Etgar Keret e muitos outros, salvando a honra de Israel com suas firmes posições e seus protestos, mas o certo é que cada vez seu número se reduz e elas têm menos eco numa opinião pública que foi se tornando mais radical e autoritária. É notório que em seu próprio governo Netanyahu tem ministros, como Avigdor Lieberman, que o consideram um fraco e ameaçam retirar o apoio dos seus partidos se ele não castigar com mais dureza o inimigo. Cegados pela indiscutível superioridade militar de Israel sobre todos os seus vizinhos, em especial a Palestina, eles chegaram a acreditar que selvagerias como a de Gaza garantem a segurança de Israel.

A verdade é exatamente o contrário. Embora ganhe todas as guerras, Israel se enfraquece cada vez mais, porque perdeu todas as credenciais de país heroico e democrático, que transformou desertos em jardins e foi capaz de assimilar num sistema livre e multicultural gente vinda de todas as regiões, línguas e costumes, e foi assumindo cada vez mais a imagem de um Estado dominador e prepotente, colonialista, insensível a apelos de organizações internacionais, confiando somente no apoio automático dos EUA e em sua própria potência militar.

A sociedade israelense não pode imaginar, em sua própria representação política, o terrível efeito que tiveram no mundo

## REFLEXÕES X

---

inteiro as imagens dos bombardeios contra a população civil de Gaza, a das crianças despedaçadas e as das cidades convertidas em montes de escombros, e como tudo isso o vem transformando de vítima em algoz.

A solução do conflito entre Israel e os palestinos não virá de ações militares, mas de uma negociação política. Foi o que disse, com argumentos muito lúcidos, Shlomo Ben Ami, que foi chanceler de Israel precisamente quando as negociações com os palestinos – em Washington e Taba, nos anos 2000 e 2001 – estavam perto de dar frutos. O que o impediu foi a insensata negativa de Yasser Arafat de aceitar as grandes concessões que Israel fizera. Em seu artigo *A Armadilha de Gaza* (El País, 30 de julho), ele afirma que "a continuidade do conflito palestino debilita as bases morais de Israel e sua posição internacional" e "o desafio para Israel é vincular sua tática militar e sua diplomacia a uma meta política claramente definida".

Esperemos que vozes sensatas e lúcidas, como as de Shlomo Ben Ami, acabem sendo ouvidas em Israel. E esperemos que a comunidade internacional atue com mais energia no futuro para impedir atrocidades como a que Gaza acaba de sofrer. Para o Ocidente, o que ocorreu com o Holocausto judeu, no século XX, foi uma mancha de horror e de vergonha. Que a agonia do povo palestino não se transforme nisso também no século XXI. ●

**Mario Vargas Llosa**

## Elogio do qi gong

Mario Vargas Llosa

23 de agosto de 2014



*Uma técnica milenar chinesa facilita a quem a pratica a placidez física e mental e permite experimentar confiança e tranquilidade para enfrentar o que vier*

Já faz 27 anos que Patricia e eu jejuamos, a cada verão, em uma clínica de Marbella. Fizemos isso a primeira vez por causa de uma amiga que falava com tanto entusiasmo da experiência que nos encheu de curiosidade. Gostamos e não poderíamos nos privar destas três semanas de água, exercícios, natação, caminhadas e sopas. Algo bom deve ter o jejum pois sua prática faz parte da história de todas as religiões ocidentais e orientais. Mas, talvez, associá-lo estreitamente ao espiritual seja um corte muito profundo e o desnaturalize. Se o que se trata de entender ou procurar são os transe dos místicos, melhor ler Santa Teresa de Ávila e São João da Cruz do que vir até a Clínica Buchinger.

No meu caso, o jejum tem por finalidade desagrarar meu pobre corpo das duras servidões às quais o submeto no resto do ano, com as viagens, jornadas de trabalho exageradas, compromissos sociais – os horríveis coquetéis – e culturais, assim como as demais tensões, preocupações, sobressaltos e vigílias da vida cotidiana. Aqui eu deito cedo e me levanto ao amanhecer, dedico todas as manhãs ao esporte e as tardes, a escrever e ler. Quando jejuamos, a concentração e a memória se debilitam, mas, mesmo assim, na paz destes suaves crepúsculos, debaixo da sombra da misteriosa La Concha, a montanha que permite o clima privilegiado de Marbella e a beleza de seus jardins, escrevi sempre com mais facilidade do que em qualquer outro lugar.

Perder os quilos que nos incomodam é uma das boas consequências do jejum, mas de jeito nenhum a mais importante. A principal,

## REFLEXÕES X

---

acho, é a sensação de limpeza e a equanimidade que costuma alcançar quem priva seu corpo de alimento e deste modo o induz a se alimentar daquilo que sobra. Para que isso ocorra, não basta apenas o jejum; é preciso uma intensa atividade física que estimule aquele processo. Aqui há exercícios para todos os gostos, pilates, aeróbicos, montanhismo, algumas variedades de yoga. Se eu tiver que escolher apenas uma entre essas várias atividades, fico com o Qi Gong.

Não o estudei e, para dizer a verdade, não tenho muito interesse em averiguar sua tradição e sua filosofia, pois tenho medo de que, se me aventurar a rastrear esse aspecto teórico do Qi Gong, vou me encontrar com uma dessas retóricas pegajosas, meio tontas e pseudorreligiosas com que se costuma dignificar as artes marciais. Para mim, basta saber que é uma prática chinesa milenar, que em algum momento remoto se separou do tronco comum do Tai Chi e que, além de ser exatamente o oposto de uma “arte marcial”, de algum modo difícil de explicar, mas evidente para quem treina todos os dias, tem a ver intimamente com o sossego individual e, como projeção máxima, com a civilização e a paz.

É preciso ter muita paciência e confiança a princípio para deixar-se seduzir por esses movimentos tão lentos e espaçados que, para o novato, não parecem, no começo, mais que uma forma diferente da respiração à qual estamos acostumados. Minha mulher, por exemplo, a impaciência e o dinamismo encarnados, ficava tão entediada nas sessões que o trocou por outros esportes mais belicosos. Mas essa infinita lentidão com que movemos os braços e as pernas, o tronco e a cabeça, enquanto vamos passando de uma postura para outra do Qi Gong é precisamente uma das técnicas que essa arte usa para conseguir que o praticante vá eliminando essas tensões instintivas e efervescentes que são a raiz da violência humana. Trata-se, como em qualquer outro empenho criativo, de buscar a perfeição. Por isso, convém treinar na frente de um espelho. Ali, a imagem nos revela que, por mais esforço que coloquemos a fim de alcançar a harmonia, a elegância, o equilíbrio e a beleza de um movimento sem erros, sempre estamos abaixo do ideal. E também, para se aproximar desse ideal e tentar alcançá-lo, a

## REFLEXÕES X

---

concentração mental é tão importante quanto a destreza física. Essa é uma maneira muito concreta e ao alcance de qualquer um de descobrir um princípio fundamental: que a forma cria o conteúdo, não apenas no domínio das artes e das letras, mas também no dia a dia das pessoas e que tudo aquilo que é realizado com serenidade e com a perfeição coreográfica das posturas do Qi Gong constitui uma forma sutil de beleza.

Digam o que quiserem, as artes marciais não são inocentes: querem aproveitar o que existe de primitivo e bestial no ser humano para convertê-lo em uma máquina de matar, aperfeiçoar sua inata violência bruta e transformá-la em uma força destrutiva organizada e capaz de aniquilar o adversário, assim como, de um único golpe, o braço musculoso do mestre pode partir em duas uma pilha de tijolos. O Qi Gong, por outro lado, quer liberá-lo dessa agressividade congênita e ajudá-lo a descobrir que a vida poderia ser melhor se, ao mesmo tempo em que descarregamos a ferocidade que nos habita, cada uma de nossas ações for realizada com a delicadeza e a calma com que executamos os movimentos que formam sua prática.

Esses movimentos têm, todos, belas metáforas para descrevê-los. Afastar as mãos é “separar as águas”, empinar-se com os braços levantados e os pés bem assentados no chão seria “segurar a terra e o céu para que não se choquem”, passar as mãos de cima para baixo na frente do corpo, “banhar-se com a chuva”, girar sobre si mesmo seria transformar-se em “uma árvore tocada pelo vento”, ou, bem quietos, o organismo invadido por uma terna sensação morna, “sentir” a coluna vertebral, as batidas do coração, o fluxo do sangue. Graças a essa dança quieta, o ar que respiramos não apenas chega aos pulmões, mas também circula por todo nosso corpo, da cabeça aos pés.

Uma sessão completa de Qi Gong não dura mais do que meia hora e pode ser feita por pessoas de qualquer idade e condição física, mesmo as mais desgastadas. Ao terminar, sentimos uma extraordinária serenidade física e mental, como se o maltratado corpo nos agradecesse ter-lhe dedicado, nesse breve espaço de tempo, tanta atenção, tanto carinho respeitoso. Não conheço melhor remédio para o mau humor ou a desmoralização, os nervos exaustos

## REFLEXÕES X

---

ou os acessos de fúria, esses estados de ânimo nos quais a vida parece não ter sentido nem justificativa. Curiosamente, de uma sessão de Qi Gong tampouco saímos exaltados e dançando de alegria, mas tranquilos, com a melhor disposição, mais equilibrados para enfrentar o que vier e, também, mais conscientes de que a vida, apesar do que há de incompreensível e doloroso nela, é a mais linda aventura.

Esse é, no final, o caminho da paz e da civilização: colocar um freio na besta sem piedade, ávida de desejos – alguns elevados e outros sanguinários, como explicaram Freud e Bataille –, que também arrastamos dentro de nós e que, quando escapa das grades em que é mantida pela civilização e a cultura, provoca os cataclismos que marcam o acontecer humano.

Meu primeiro professor de Qi Gong foi um médico cubano que o tinha aprendido na China e que passava todas suas férias ali, aperfeiçoando sua técnica. A segunda é Jeannete, uma jovem alemã, tão graciosa e flexível que, durante as sessões, parece, em meio a giros e evoluções, sempre a ponto de levitar e desaparecer. Acompanha as práticas com uma música chinesa discreta, lânguida e repetitiva, e sua voz vai, mais que ordenando, persuadindo os alunos a se abandonarem no absorvente ritual em prol da saúde, beleza e serenidade.

Consegui me convencer. A ponto de que me atrevo a sonhar que se os bilhões de bípedes deste planeta dedicassem meia hora a cada manhã ao Qi Gong talvez houvesse menos guerras, miséria e sofrimento, e comunidades mais sensíveis à razão que à paixão que – não é mais impossível – poderia terminar despovoando esta nossa terra. ●

**Mario Vargas Llosa**

## As guerras do fim do mundo

**Mario Vargas Llosa**

**6 de setembro de 2014**



*Vinte e cinco anos depois que Fukuyama proclamou o fim da história, civilização e barbárie seguem combatendo no palco global. O inimigo é agora o radicalismo islâmico*

Francis Fukuyama publicou em 1989 seu famoso artigo sobre o fim da história e, em 1992, o livro no qual ampliou e argumentou sua teoria, explicando que, com o desaparecimento da União Soviética e do comunismo, a democracia não teria

alternativas de peso no futuro e iria pouco a pouco se integrando ao mundo em uma civilização global de paz e liberdade.

Quem se atreveria um quarto de século depois a sustentar uma tese tão otimista? Para onde quer que olhemos, a história está mais viva do que nunca, as contradições e negações violentas da cultura democrática são o sinal da época e ganham terreno em toda parte. A URSS e o comunismo desaparecem para todos os efeitos práticos, e os dois últimos Estados comunistas – Cuba e a Coreia do Norte – são duas velharias destinadas a serem extintas em pouco tempo. Mas a Rússia, sob a liderança de Vladimir Putin e sua malta de antigos agentes da KGB, ressuscita como uma potência despótica que desafia o Ocidente com sucesso e vai reconstituindo seu império diante dos Estados Unidos e de uma Europa que, com o respaldo de sua respectiva opinião pública, protestam e ameaçam com sanções, mas não entram hoje em guerra pela Ucrânia, já meio devorada pelo gigante russo, nem amanhã pelos Estados bálticos, que provavelmente serão o próximo objetivo do novo imperialismo russo.

A primavera árabe, que despertou tantas esperanças em todo o mundo democrático, está morta e enterrada. Sobrevive milagrosamente na Tunísia, mas desapareceu no Egito, onde as

## REFLEXÕES X

---

eleições livres levaram ao poder a Irmandade Muçulmana, que começou a instalar uma teocracia excludente e agressiva e foi tirada do governo por uma ditadura militar demente. Na Líbia, a ditadura paranoica de Kadafi acabou em pedaços e seu caudilho foi liquidado, mas o país vive agora uma anarquia sangrenta onde facções religiosas e militares se matam sistematicamente e na qual, sem dúvida, os fundamentalistas islâmicos terminarão prevalecendo.

O caso mais trágico, sem dúvida, é o do Iraque. A intervenção militar destruiu a tirania sanguinária de Saddam Hussein, mas, depois de um breve parêntese no qual parecia que um regime de legalidade e liberdade poderia criar raízes, foi declarada uma guerra sectária entre xiitas e sunitas, e os terroristas da Al Qaeda e outras organizações extremistas islâmicas se fizeram presentes e perpetraram verdadeiras orgias de atrocidades, condição para que um movimento ainda mais cruel e fanático do que a Al Qaeda, o Estado Islâmico, se apoderasse de parte do país da mesma forma que na Síria e instalasse ali um novo Califado, no qual imperam a sharia e demais formas extremas de barbárie, como decapitar, crucificar e enterrar vivos aqueles que se negam a se converter ao ramo fundamentalista do Islã, em que as mulheres são escravizadas e, ainda crianças, entregues como concubinas aos militares e futuros “mártires”.

O grande movimento de libertação que pegou em armas contra a ditadura de Bashar al Assad na Síria, que em um primeiro momento era dominado pelas forças democráticas e modernizadoras, foi traído pelos países ocidentais, que se ajoelharam para Putin, fornecedor de armas da ditadura, permitindo desse modo que os principais protagonistas da luta contra Assad fossem os fanáticos do Estado Islâmico. Agora, a situação na Síria se tornou uma pantomima grotesca, na qual, como a última alternativa é a pior, os Estados Unidos e a União Europeia consideram bombardear os inimigos do tirano, já que este, mesmo sendo um assassino genocida de seu próprio povo, é um mal menor comparado ao Califado.

Não menos trágica é a situação do Afeganistão, onde o Talibã parece invencível. Durante sua campanha eleitoral, Obama criticou o

## REFLEXÕES X

---

Presidente Bush, afirmando que este havia se equivocado priorizando o Iraque, quando o verdadeiro perigo para o mundo livre eram os fanáticos talibãs. E, ao subir ao poder, aumentou o número de soldados e de armas para combatê-los. Anos depois, diante do fracasso desse esforço, retirou as tropas, da mesma forma que o resto dos países da OTAN, de modo que ali resta somente uma pequena e simbólica missão militar, e não é improvável que o regime que proibiu as mulheres de estudarem, de exercerem qualquer profissão, que as encarcerou em casa como escravas, restaurou a sharia, destruiu o patrimônio cultural do país e instalou uma ditadura obscurantista medieval, volte ao poder em pouco tempo.

Diante de semelhante barbárie, quem diria, a América Latina parece um exemplo de civilização. Não existem guerras, a maior parte dos países tem eleições mais ou menos livres, e na maioria deles se pratica a convivência na diversidade. Mas seria imprudente celebrar. A mais longa ditadura da história do continente, Cuba, ainda está nas mãos de duas múmias que parecem imortais, e, com a exceção do punhado heroico, mas pouco eficiente de resistentes, na ilha se tem a impressão de que nem uma mosca se move sem autorização. E na Venezuela, onde há alguns meses a mobilização dos estudantes parecia ter dado à oposição uma dinâmica ganhadora, Maduro e companhia parecem ter agora consolidado seu poder mediante uma repressão feroz atrasando mais uma vez a hora da libertação. O país está em ruínas, apesar da riqueza de seu subsolo, mas a pobreza, o racionamento, a inflação e a corrupção não são suficientes, como a história já se cansou de demonstrar, para derrubar uma ditadura. Pelo contrário, um povo submetido à carestia, à escassez, ao medo e à mera sobrevivência costuma ficar mais propenso à resignação e à passividade, o que talvez explique a longevidade de tantas ditaduras latino-americanas e africanas.

Essa visão geral do estado da democracia no mundo se turva ainda mais se analisarmos a profunda crise que atravessa a União Europeia, o mais ambicioso projeto contemporâneo da cultura da liberdade. A unidade europeia trouxe enormes benefícios aos países do velho continente, entre outros fazê-los viver o mais longo período

de paz e convivência de sua história. Mas nos últimos anos, sobretudo em decorrência da crise econômica e financeira, o questionamento da Europa em seu próprio seio cresceu com o retorno dos nacionalismos e de forças de extrema esquerda e de extrema direita que rechaçam a União, querem acabar com o euro e voltar às velhas nacionalidades. De fato, a primeira força política é hoje, na França, a Frente Nacional, um partido neofascista que quer liquidar a moeda única e a integração da Europa. Todas as pesquisas dizem que no Reino Unido a maioria dos cidadãos quer sair da União e que o referendo sobre o assunto, que o Governo prometeu convocar, teria a derrota dos europeístas. Sem a Grã-Bretanha, a Europa nasceria mutilada.

O que concluir dessa deprimente visão panorâmica da eterna luta entre a civilização e a barbárie? Que esta última avança incontida e terminará por derrotar aquela? Isso seria tão falso como sustentar, agora, a tese lançada há um quarto de século por Francis Fukuyama sobre a irreversível vitória da democracia. A batalha segue de pé, com alternativas flutuantes, e somente em um sentido – ainda que importantíssimo – se pode dizer que a democracia ganha pontos.

Diferentemente do comunismo, um mito capaz de seduzir muita gente com seu sonho igualitarista, o fundamentalismo religioso islâmico, hoje o principal adversário da civilização, só pode convencer os já convencidos, pois suas ideias e paradigmas são tão primitivos e pré-históricos que condena a si mesmo a ser derrotado cedo ou tarde por agentes exteriores ou por decomposição interna. Essa guerra nunca será ganha por ninguém de forma definitiva; batalhas serão ganhas e perdidas, e, isso sim, o realista seria reconhecer que, nos últimos tempos, a causa da liberdade vem perdendo muito mais vezes do que ganhando. ●

**Mario Vargas Llosa**

## Três vivas aos escoceses

Mario Vargas Llosa

21 de setembro de 2014



Passei quase toda a madrugada de sexta-feira diante da TV. Por volta das 6 horas, quando a BBC prognosticou que o "não" à independência ganharia o plebiscito por mais de dez pontos porcentuais, fiquei de pé e, na solidão do meu escritório, gritei três vivas para a Escócia. Vivi muitos anos na Grã-Bretanha, que continua me parecendo o país mais civilizado e democrático do mundo, e estava convencido de que o desaparecimento do país de quatro nações teria sido uma catástrofe,

não apenas para a Inglaterra e para a Escócia, mas também para a Europa, onde a secessão teria incentivado os movimentos separatistas que pululam por toda a geografia do continente – Espanha, Itália, Bélgica, França, Polônia, Letônia e vários outros.

Além disso, se eles prevalecessem, infligiriam um golpe mortal à União Europeia e fariam com que o continente, que inventou os direitos humanos, a democracia e a liberdade retrocedesse para a pré-história das tribos, das fronteiras e do isolamento cultural. A sensatez com a qual os escoceses votaram no plebiscito deveria servir para suprimir essa mobilização irracional que, no século da globalização e do lento desaparecimento das fronteiras, procura desfazer a história e enjaular os cidadãos em prisões artificialmente fabricadas pelo vitimismo, pela falsificação histórica, pela demagogia e pelo fanatismo ideológico.

Acreditava-se que, como na consulta votariam pela primeira vez os jovens de 16 anos, e como os adolescentes costumam ser propensos à novidade e à aventura, o independentismo atrairia muitos votos juvenis. Não foi o que ocorreu. As pesquisas de opinião são bastante explícitas: em quase todas as idades, a inclinação por uma e outra opção foi muito semelhante, o que significa que o realismo e seu

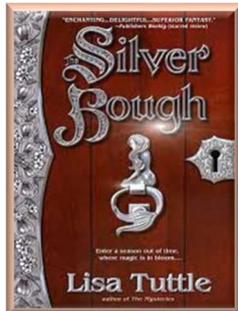
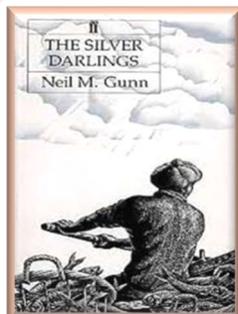
## REFLEXÕES X

contrário – a sensatez e a insensatez – estão equitativamente divididos no mundo dos filósofos que levaram o iluminismo à terra de Shakespeare.

A integração voluntária da Escócia com a Grã-Bretanha, há mais de três séculos, não a privou de fogo criativo próprio – intelectual e artístico – e, neste campo, sua contribuição para a cultura de língua inglesa foi enorme. Indubitavelmente, o será ainda mais agora que, como resultado deste confronto eleitoral, ganhará maior autonomia e a possibilidade de utilizar seus próprios recursos (embora, diga-se de passagem, distantes ainda daqueles de que as regiões e culturas locais dispõem na Espanha).

Estive várias vezes na Escócia, mas a visita que lembro com maior gratidão e saudade foi a de 1985, quando me foi feito o convite mais original que um escritor pode receber. O Scottish Arts Council me propôs uma fellowship criada em homenagem a Neil M. Gunn, que me obrigava a dar duas palestras, uma em Glasgow e outra em Edimburgo, e algumas entrevistas. No entanto, no mês seguinte, foi deixado à minha disposição um automóvel que me permitiu ficar, por quatro semanas, vagabundeando por Highland, pelas ilhas e aldeias de pescadores, bosques, castelos, pousadas que pareciam fora do tempo e da história, encaixados na literatura e na fantasia mais febril.

Passei o mês lendo os romances do simpático Neil M. Gunn, como *The Silver Darlings* e *The Silver Bough*, que me lembravam muito a literatura regionalista latino-americana, na qual a paisagem era, às vezes, mais viva do que os seres humanos e cujas páginas transpiravam uma paixão ardente pelos costumes e pelos ritos ancestrais.



Conservo muito fresca na memória essa maravilhosa experiência,

principalmente as pousadas familiares nas margens dos lagos, no fundo dos bosques e seus opíparos<sup>71</sup> desjejuns com peixe fresco, pães recém-saídos do forno e geleias de frutas feitas pela dona da casa.

Era outubro, o outono dourava as árvores e a grama das planícies despovoadas. Como ao anoitecer começava a esfriar, a dona de uma dessas pousadas me entregou com a chave do quarto uma garrafa de água fervente para esquentar a cama. Nunca fui muito de frequentar os *pubs* londrinos, mas, nesta excursão pelo interior da Escócia, visitei muitos, pela fantástica atmosfera que reinava neles e por seus fregueses que pareciam fugidos de romances góticos, sentados ao lado de lareiras crepitantes, fumando seu cachimbo e se embebedando com cerveja ácida ou uísque morno, cantando canções em um inglês que parecia (ou era) gaélico.

Nessa viagem pude visitar, em Edimburgo, a casa onde nasceu Robert Louis Stevenson. Era uma casa particular, não um museu, mas a dona, uma senhora dotada de pendores literários e muito amável, fez questão de mostrá-la para mim contando mil histórias e me convidou para uma xícara de chá com biscoitos. Na hora da despedida, ela me entregou um presente: nada menos que uma antiga edição das poesias completas de Stevenson.

Tive menos sorte com Adam Smith. Meu objetivo era levar algumas flores ao seu túmulo e o escritório de turismo, em Edimburgo, me garantiu que estava enterrado em Greyfriars Kirkyard, cemitério no qual repousa todo tipo de personalidade eminente, além de Bobby, um cachorro muito famoso porque, dizem, não se afastou um só dia, durante 14 anos, do túmulo do dono.

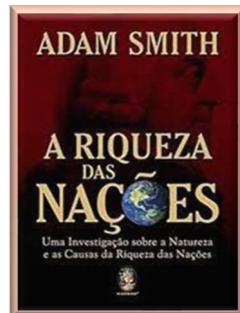
Passei uma manhã procurando a lápide de Adam Smith e, claro, não a encontrei, porque os ossos do ilustre pensador (que ficaria horrorizado ao imaginar que seria chamado de "economista" pela posteridade) repousam na realidade no cemitério de Canongate, ao

---

<sup>71</sup> **Opíparo:** que é feito ou apresentado de forma abundante; farto, abundante, lauto.

lado da igrejinha da entrada.

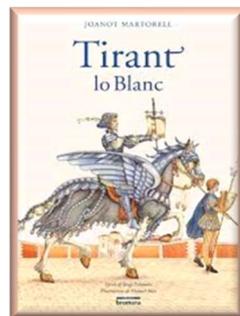
Fui também a Kirkcaldy, onde Adam Smith nasceu e onde, ao longo de sete anos, ao lado da mãe, escreveu *Uma investigação sobre a natureza e as causas da riqueza das nações* (1776), um período que ele recordaria como o mais feliz de sua vida. O trenzinho que me levou de Edimburgo a Kirkcaldy serpenteava à beira de um mar bravio, mas fazia sol e, quando cheguei a sua cidade natal, não parecia outono, mas um alegre e luminoso dia de verão.



Smith era um solteirão muito distraído, propenso à introspecção; algumas vezes, uma diligência teve de apanhá-lo no meio do caminho porque, absorto em suas especulações intelectuais, se afastara sem perceber por várias milhas da cidade. Essa visita foi mais decepcionante, porque a casa de Adam Smith havia desaparecido fazia tempo e dela só restava um pedaço de parede com uma inscrição alusiva.

No museu de Kirkcaldy – pelo que me lembro – de Adam Smith encontrei apenas um cachimbo, uma pena de ganso, um par de óculos e um tinteiro. Várias vezes voltei à Escócia depois disso, para o Festival de Edimburgo, por exemplo, para ver peças teatrais ou dar conferências, e para a sua bela universidade, onde conheci um grande hispanista, escocês e ruivo, com quem conversei sobre o romance épico *Tirant lo Blanc*, que, no decorrer de um jantar, me fez essa confissão extraordinária: "Cada vez que explico Gôngora, fico excitado".

Na longa noite do plebiscito, essas e outras recordações voltaram à minha memória, acompanhadas por um sentimento de regozijo. Se, seduzidos pela simpatia inegável e os argumentos aparentemente inofensivos de Alex Salmond, o primeiro-ministro da Escócia



## REFLEXÕES X

---

e paladino da independência, os escoceses tivessem votado pelo "sim", teriam precipitado uma crise de tremendas consequências. Teriam infligido um golpe de morte na Grã-Bretanha, reduzindo o poderio e a influência internacional de um dos países mais firmemente comprometidos com a causa da liberdade em todo o mundo e atizado de maneira decisiva as expectativas soberanistas de galeses e norte-irlandeses, além, evidentemente, de impulsionar e fortalecer os que, na Catalunha, no País Basco, em Flandres, na fantasiosa Padania e na Córsega aspiram ser os primeiros entre os pequenos a ser os últimos entre os grandes e, querendo ou não, acabariam com a construção da União Europeia, fazendo-a retroceder ao seu passado fragmentário de ódios, desavenças e guerras sangrentas.

Nada disso aconteceu. Por este motivo, naquela manhã, um grande suspiro de alívio levantou o ânimo dos amantes da liberdade em toda a Europa e em boa parte do mundo. ●

**Mario Vargas Llosa**

## A viagem no balão

Mario Vargas Llosa

5 de outubro de 2014



*Borges demorou para desfrutar de um amor correspondido e isso se refletiu em sua literatura. Nunca poderia ter escrito 'Atlas' sem viver as maravilhosas experiências que conta neste livro*

Eu acreditava ter lido todos os livros de Jorge Luis Borges – alguns, várias vezes –, mas há pouco tempo encontrei em um sebo um que desconhecia: Atlas, escrito em colaboração com María Kodama e publicado pela Sudamericana em 1984. É um livro de fotos e notas de viagem, e na capa vemos o casal dando um

passeio de balão sobre os vinhedos do Napa Valley, na Califórnia.

As notas, acompanhadas por fotografias, foram escritas, em sua grande maioria pelo menos, nos dois ou três anos anteriores à publicação. São muito breves, primeiro memorizadas e depois ditadas, como os poemas escritos por Borges no final da sua vida. Sempre precisas e inteligentes, estão recheadas de citações e referências literárias, e nelas existe sabedoria, ironia e uma cultura tão vasta como a geografia de três ou quatros continentes que o autor e a fotógrafa visitam nesse período (descem e sobem sem cessar em aviões, trens e barcos). Mas também existe nelas – e isso não é nem um pouco frequente em Borges – alegria, exaltação, desfrute da vida. São as notas de um homem apaixonado. Borges as escreveu entre os 83 e os 85 anos, depois de ter perdido a visão décadas antes e, portanto, quando era incapaz de ver com os olhos os lugares que visitou: somente podia fazê-lo com a imaginação.

Ninguém diria que quem as escreve é um octogenário cego, porque elas transpiram um entusiasmo febril e juvenil por tudo aquilo que toca e pisa, e seu autor se permite às vezes os dengos e gracejos de um juvenzinho a quem a garota do bairro, por quem estava apaixonado, acaba de dizer sim. A explicação é que María Kodama,

a frágil, discreta e misteriosa jovem argentino-japonesa, sua ex-aluna de anglo-saxão e das sagas nórdicas, por fim o aceitou, e o ancião escritor goza, sem dúvida pela primeira vez na vida, de um amor correspondido.

Isso pode parecer uma fofoca doentia, mas não é; a vida sentimental de Borges, a julgar pelas quatro biografias dele que eu li – as de Rodríguez Monegal, María Esther Vázquez, Horacio Salas e, sobretudo, a de Edwin Williamson, a mais completa – foi um puro desastre, uma frustração atrás da outra. Ele se apaixonava geralmente por mulheres cultas e inteligentes, como Norah Lange e sua irmã Haydée, Estela Canto, Cecilia Ingenieros, Margarita Guerrero e algumas outras, que o aceitavam como amigo, mas, assim que descobriam seu amor, o mantinham à distância e, cedo ou tarde, o largavam. Somente Estela Canto esteve disposta a levar as coisas a uma intimidade maior, mas, nesse caso, foi Borges quem tirou o corpo fora. Podemos dizer que era o jogo de sombras que o atraía no amor: ameaçá-lo, não concretizá-lo. Somente nos seus últimos anos, graças a María Kodama, teve uma relação sentimental que parece ter sido estável, intensa, formal, de compenetração intelectual recíproca, algo que fez Borges descobrir um aspecto da vida que até então, segundo sua terminologia, havia sido privado.

Uma vez escreveu: “Muitas coisas eu li e poucas coisas vivi”. Ainda que não tivesse dito, teríamos sabido disso lendo seus contos e ensaios, de prosa encantadora, sutil inteligência e soberba cultura. Mas de uma estremeceadora falta de vitalidade, um mundo riquíssimo em ideias e fantasias no qual os seres humanos parecem abstrações, símbolos, alegorias, e no qual os sentidos, apetites e toda forma de sensualidade foram pouco menos do que abolidos; se o amor aparece, é intelectual e literário, quase sempre assexuado.

As razões dessa privação podem ter sido muitas. Williamson frisa como um fato traumático em sua vida uma experiência sexual que o pai de Borges lhe impôs, em Genebra, mandando-o a uma prostituta para conhecer o amor físico. Ele já tinha dezenove anos, e aquela tentativa foi um fiasco, algo que, segundo seu biógrafo, repercutiu gravemente sobre sua vida futura. Desde então, tudo relacionado com o sexo teria sido para ele algo inquietante, perigoso e

incompreensível, um território que manteve à distância do que escrevia. E é verdade que em seus contos e poemas o sexo é uma ausência mais do que uma presença e que, quando aparece, costuma ser acompanhado de certa angústia e até horror (“Os espelhos e a cópula são abomináveis porque multiplicam o número dos homens”). Somente a partir de *Atlas* (1984) e *Os Conjurados* (1985), uma coleção de poemas (“Este livro é seu, María Kodama”, “Neste livro estão as coisas que sempre foram suas”), o amor físico aparece como uma experiência prazerosa, enriquecedora da vida.

Os psicanalistas têm um bom material – já abusaram bastante dele – para analisar as relações de Borges com sua mãe, a temível dona Leonor Acevedo, descendente de próceres, que – como conta Estela Canto, uma das namoradas frustradas de Borges, em um livro autobiográfico – exercia uma vigilância estrita sobre as relações sentimentais de seu filho, acabando com elas de modo implacável se a dama em questão não se ajustasse às suas severíssimas exigências. Essa mãe castradora teria anulado, ou, pelo menos, freado a vida sexual do filho adorado. Dona Leonor foi fator decisivo no casamento de Borges com dona Elsa Astete Millán em 1967, que durou somente três anos e foi um martírio do princípio ao fim para Borges, ao extremo de induzi-lo a terminar fugindo, como nas letras truculentas de um tango, de sua cônjuge.

Tudo isso mudou no final de sua vida, graças a María Kodama. Muitos amigos e parentes de Borges a atacaram, acusando-a de calculista e interesseira. Que injustiça! Eu acredito que graças a ela – para saber basta ler o precioso testemunho que é *Atlas* – Borges, octogenário, viveu anos esplêndidos, desfrutando não somente dos livros, da poesia e das ideias, mas também da proximidade de uma mulher jovem, bela e culta, com quem podia falar de tudo aquilo que o apaixonava e que, além disso, o fez descobrir que a vida e os sentidos podiam ser tão ou mais excitantes que os aforismos de Zenão, a filosofia de Schopenhauer, a máquina de pensar de Raimundo Lúlio ou a poesia de William Blake. Nunca poderia ter escrito as notas desse livro sem ter vivido as maravilhosas experiências que *Atlas* nos mostra.

Maravilhosas e disparatadas, aliás, como levantar-se às quatro da

madrugada para subir em um balão e passear uma hora e meia entre as nuvens, a intempérie, fustigado pelas correntes de ar californianas, sem ver nada, ou percorrer meio mundo para chegar ao Egito, pegar um punhado de areia, jogá-lo longe e poder escrever: “Estou modificando o Saara”. O casal vai da Irlanda para Veneza, de Atenas para Genebra, do Chile para a Alemanha, de Istambul para Nara, de Reykjavík para Deità, e chega ao labirinto de Creta, onde, além de lembrar o Minotauro, tem a sorte de se perder, o que permite a Borges citar uma vez mais para sua dama: “Em cuja rede de pedra se perderam tantas gerações como María Kodama e eu nos perdemos naquela manhã e continuamos perdidos no tempo, esse outro labirinto”. Quando estão percorrendo as ilhas do Tigre, em uma das quais Leopoldo Lugones se suicidou, Borges recorda “com um sentimento de agridoce melancolia que todas as coisas do mundo me levam para uma citação ou a um livro”. Isso era certo, antes. Nos últimos anos de sua vida, tudo o que faz, toca e imagina nessa caudalosa e frenética andança o aproxima não da literatura, mas da sua jovem companheira. O rico mundo inventado pelos grandes mestres da palavra escrita se encheu, para ele, no limiar da morte, de animação, ternura, bom humor e até paixão.

Pouco tempo depois, em 1986, em Genebra, quando Borges, já muito doente, sentiu que estava morrendo, disse para María Kodama que, depois de tudo, não era impossível que existisse algo, além do final físico de uma pessoa. Ela, muito prática, lhe perguntou se queria que chamasse um sacerdote. Ele assentiu, com uma condição: que fossem dois, um católico, como lembrança de sua mãe, e um pastor protestante, em homenagem a sua avó inglesa e anglicana. Literatura e humor, até o último instante. ●

**Mario Vargas Llosa**